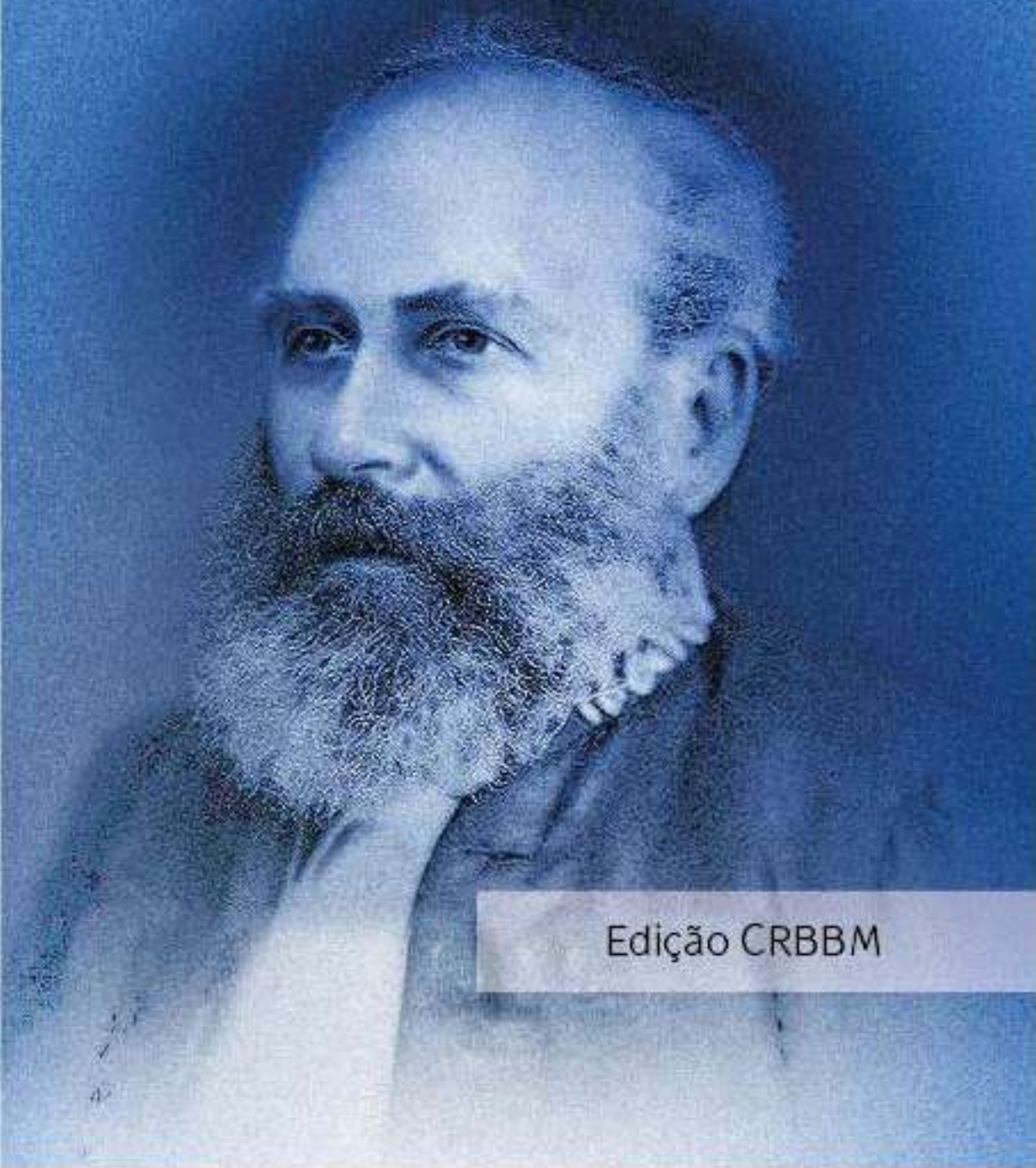


Estudos Filosóficos de
Bezerra de Menezes



Edição CRBBM

Volume III

BEZERRA DE MENEZES

ESTUDOS FILOSÓFICOS
VOLUME III

CRBBM
2021

© 2021 Casa de Recuperação e Benefícios
Bezerra de Menezes
Edição Digital

ORGANIZAÇÃO E NOTAS:
Julio Couto Damasceno

REVISÃO:
Júlio Couto Damasceno
Jorge Damas Martins

CAPA:
Azamôr Serrão Neto

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
PROIBIDA A VENDA
Proibida a reprodução fotomecânica
sem autorização da
Casa de Recuperação e Benefícios
Bezerra de Menezes

Direitos reservados à
CASA DE RECUPERAÇÃO E BENEFÍCIOS
BEZERRA DE MENEZES
Rua Bambina 128
Botafogo - Rio de Janeiro - RJ
CEP: 22.251-050
www.crbbm.org
Tels.: (21) 2266-2901 / 2266-6567

SUMÁRIO

<u>60 ANOS DE NOSSA CASA!</u>	<u>13</u>
<u>Artigo CCXXII - O PAIZ, 31.01.1892.....</u>	<u>17</u>
<u>Artigo CCXXIII - O PAIZ, 07.02.1892.....</u>	<u>21</u>
<u>Artigo CCXXIV - O PAIZ, 14.02.1892.....</u>	<u>25</u>
<u>Artigo CCXXV - O PAIZ, 21.02.1892</u>	<u>30</u>
<u>Artigo CCXXVI - O PAIZ, 28.02.1892.....</u>	<u>34</u>
<u>Artigo CCXXVII - O PAIZ, 06.03.1892.....</u>	<u>38</u>
<u>Artigo CCXXVIII - O PAIZ, 14.03.1892.....</u>	<u>42</u>
<u>Artigo CCXXIX - O PAIZ, 20.03.1892.....</u>	<u>46</u>
<u>Artigo CCXXX - O PAIZ, 27.03.1892.....</u>	<u>50</u>
<u>Artigo CCXXXI - O PAIZ, 03.04.1892.....</u>	<u>55</u>
<u>Artigo CCXXXII - O PAIZ, 10.04.1892.....</u>	<u>59</u>
<u>Artigo CCXXXIII - O PAIZ, 17.04.1892</u>	<u>63</u>
<u>Artigo CCXXXIV - O PAIZ, 24.04.1892</u>	<u>66</u>
<u>Artigo CCXXXV - O PAIZ, 01.05.1892</u>	<u>70</u>
<u>Artigo CCXXXVI - O PAIZ, 09.05.1892</u>	<u>74</u>
<u>Artigo CCXXXVII - O PAIZ, 15.05.1892</u>	<u>78</u>
<u>Artigo CCXXXVIII - O PAIZ, 23.05.1892</u>	<u>82</u>
<u>Artigo CCXXXIX - O PAIZ, 30.05.1892</u>	<u>85</u>
<u>Artigo CCXL - O PAIZ, 05.06.1892</u>	<u>89</u>
<u>Artigo CCXLI - O PAIZ, 13.06.1892</u>	<u>93</u>
<u>Artigo CCXLII - O PAIZ, 19.06.1892</u>	<u>97</u>
<u>Artigo CCXLIII - O PAIZ, 26.06.1892</u>	<u>100</u>
<u>Artigo CCXLIV - O PAIZ, 03.07.1892</u>	<u>104</u>
<u>Artigo CCXLV - O PAIZ, 10.07.1892</u>	<u>108</u>
<u>Artigo CCXLVI - O PAIZ, 17.07.1892</u>	<u>112</u>
<u>Artigo CCXLVII - O PAIZ, 25.07.1892.....</u>	<u>116</u>
<u>Artigo CCXLVIII - O PAIZ, 31.07.1892.....</u>	<u>120</u>

SUMÁRIO (Cont.)

<u>Artigo CCXLIX - O PAIZ, 07.08.1892.....</u>	<u>124</u>
<u>Artigo CCL - O PAIZ, 14.08.1892.....</u>	<u>128</u>
<u>Artigo CCLI - O PAIZ, 21.08.1892.....</u>	<u>132</u>
<u>Artigo CCLII - O PAIZ, 28.08.1892</u>	<u>136</u>
<u>Artigo CCLIII - O PAIZ, 04.09.1892</u>	<u>140</u>
<u>Artigo CCLIV - O PAIZ, 11.09.1892</u>	<u>144</u>
<u>Artigo CCLV - O PAIZ, 19.09.1892</u>	<u>148</u>
<u>Artigo CCLVI - O PAIZ, 25.09.1892</u>	<u>152</u>
<u>Artigo CCLVII - O PAIZ, 03.10.1892</u>	<u>156</u>
<u>Artigo CCLVIII - O PAIZ, 10.10.1892</u>	<u>160</u>
<u>Artigo CCLIX - O PAIZ,17.10.1892</u>	<u>164</u>
<u>Artigo CCLX - O PAIZ, 24.10.1892</u>	<u>168</u>
<u>Artigo CCLXI - O PAIZ, 31.10.1892</u>	<u>172</u>
<u>Artigo CCLXII - O PAIZ, 07.11.1892</u>	<u>176</u>
<u>Artigo CCLXIII - O PAIZ, 13.11.1892</u>	<u>180</u>
<u>Artigo CCLXIV - O PAIZ, 20.11.1892</u>	<u>185</u>
<u>Artigo CCLXV - O PAIZ, 27.11.1892</u>	<u>189</u>
<u>Artigo CCLXVI - O PAIZ, 05.12.1892.....</u>	<u>193</u>
<u>Artigo CCLXVII - O PAIZ, 11.12.1892.....</u>	<u>197</u>
<u>Artigo CCLXVIII - O PAIZ, 20.12.1892.....</u>	<u>201</u>
<u>Artigo CCLXIX - O PAIZ, 25.12.1892.....</u>	<u>205</u>
<u>Artigo CCLXX - O PAIZ, 02.01.1893.....</u>	<u>209</u>
<u>Artigo CCLXXI - O PAIZ, 08.01.1893.....</u>	<u>214</u>
<u>Artigo CCLXXII - O PAIZ, 16.01.1893.....</u>	<u>218</u>
<u>Artigo CCLXXIII - O PAIZ, 22.01.1893.....</u>	<u>223</u>
<u>Artigo CCLXXIV - O PAIZ, 29.01.1893.....</u>	<u>228</u>
<u>Artigo CCLXXV - O PAIZ, 05.02.1893.....</u>	<u>232</u>
<u>Artigo CCLXXVI - O PAIZ, 13.02.1893.....</u>	<u>236</u>
<u>Artigo CCLXXVII - O PAIZ, 20.02.1893.....</u>	<u>240</u>
<u>Artigo CCLXXVIII - O PAIZ, 27.02.1893.....</u>	<u>244</u>

SUMÁRIO (Cont.)

<u>Artigo CCLXXIX - O PAIZ, 06.03.1893.....</u>	<u>249</u>
<u>Artigo CCLXXX - O PAIZ, 12.03.1893.....</u>	<u>254</u>
<u>Artigo CCLXXXI - O PAIZ, 19.03.1893.....</u>	<u>259</u>
<u>Artigo CCLXXXII - O PAIZ, 26.03.1893.....</u>	<u>263</u>
<u>Artigo CCLXXXIII - O PAIZ, 02.04.1893.....</u>	<u>267</u>
<u>Artigo CCLXXXIV - O PAIZ, 10.04.1893</u>	<u>271</u>
<u>Artigo CCLXXXV - O PAIZ, 17.04.1893.....</u>	<u>275</u>
<u>Artigo CCLXXXVI - O PAIZ, 23.04.1893.....</u>	<u>279</u>
<u>Artigo CCLXXXVII - O PAIZ, 30.04.1893</u>	<u>283</u>
<u>Artigo CCLXXXVIII - O PAIZ, 07.05.1893</u>	<u>287</u>
<u>Artigo CCLXXXIX - O PAIZ, 15.05.1893</u>	<u>291</u>
<u>Artigo CCXC - O PAIZ, 22.05.1893</u>	<u>295</u>
<u>Artigo CCXCI - O PAIZ, 29.05.1893.....</u>	<u>299</u>
<u>Artigo CCXCII - O PAIZ,05.06.1893</u>	<u>303</u>
<u>Artigo CCXCIII - O PAIZ, 13.06.1893.....</u>	<u>308</u>
<u>Artigo CCXCIV - O PAIZ, 19.06.1893.....</u>	<u>312</u>
<u>Artigo CCXCV - O PAIZ, 26.06.1893.....</u>	<u>316</u>
<u>Artigo CCXCVI - O PAIZ, 03.07.1893.....</u>	<u>320</u>
<u>Artigo CCXCVII - O PAIZ, 10.07.1893.....</u>	<u>324</u>
<u>Artigo CCXCVIII - O PAIZ, 17.07.1893</u>	<u>328</u>
<u>Artigo CCXCIX - O PAIZ, 24.07.1893.....</u>	<u>332</u>
<u>Artigo CCC - O PAIZ - 31.07.1893.....</u>	<u>336</u>
<u>Artigo CCCI - O PAIZ, 07.08.1893</u>	<u>340</u>
<u>Artigo CCCII - O PAIZ, 14.08.1893</u>	<u>344</u>
<u>Artigo CCCIII - O PAIZ, 21.08.1893</u>	<u>349</u>
<u>Artigo CCCIV - O PAIZ, 28.08.1893.....</u>	<u>353</u>
<u>Artigo CCCV - O PAIZ, 04.09.1893</u>	<u>357</u>
<u>Artigo CCCVI - O PAIZ, 11.09.1893.....</u>	<u>361</u>
<u>Artigo CCCVII - O PAIZ, 18.09.1893.....</u>	<u>365</u>
<u>Artigo CCCVIII - O PAIZ, 25.09.1893.....</u>	<u>369</u>

SUMÁRIO (Cont.)

<u>Artigo CCCIX - O PAIZ, 02.10.1893.....</u>	<u>374</u>
<u>Artigo CCCX - O PAIZ, 09.10.1893.....</u>	<u>379</u>
<u>Artigo CCCXI - O PAIZ, 16.10.1893.....</u>	<u>384</u>
<u>Artigo CCCXII - O PAIZ, 23.10.1893.....</u>	<u>388</u>
<u>Artigo CCCXIII - O PAIZ, 30.10.1893.....</u>	<u>392</u>
<u>Artigo CCCXIV - O PAIZ, 06.11.1893.....</u>	<u>397</u>
<u>Artigo CCCXV - O PAIZ, 13.11.1893.....</u>	<u>401</u>
<u>Artigo CCCXVI - O PAIZ, 20.11.1893.....</u>	<u>405</u>
<u>Artigo CCCXVII - O PAIZ, 27.11.1893.....</u>	<u>409</u>
<u>Artigo CCCXVIII - O PAIZ, 04.12.1893</u>	<u>413</u>
<u>Artigo CCCXIX - O PAIZ, 11.12.1893.....</u>	<u>417</u>
<u>Artigo CCCXX - O PAIZ, 18.12.1893.....</u>	<u>421</u>
<u>Artigo CCCXXI - O PAIZ, 25.12.1893.....</u>	<u>425</u>
<u>Artigo CCCXXII - O PAIZ, 01.01.1894</u>	<u>429</u>
<u>Artigo CCCXXIII - O PAIZ, 08.01.1894</u>	<u>433</u>
<u>Artigo CCCXXIV - O PAIZ, 15.01.1894</u>	<u>438</u>
<u>Artigo CCCXXV - O PAIZ, 22.01.1894</u>	<u>442</u>
<u>Artigo CCCXXVI - O PAIZ, 29.01.1894</u>	<u>446</u>
<u>Artigo CCCXXVII - O PAIZ, 05.02.1894</u>	<u>450</u>
<u>Índice Remissivo.....</u>	<u>454</u>

“A nosso ver, e desafiamos contestação, nunca esses artigos foram superados por outros, antes ou depois, chamamos a atenção não só dos velhos, como principalmente dos novos, que usam da palavra e da pena em prol do Espiritismo. Não possuímos em língua brasileira maior repertório doutrinário do Kardecismo. Ninguém falou com maior eloquência, maior sinceridade, maior lógica. Seus formosos pensamentos deviam ser repetidos e propalados amiúde, pois somente relendo e divulgando Max poderão os seus discípulos compreender quanto de errado, quanto de confuso e quanto de ignorância se tem propalado depois dele em nome da mesma doutrina que ele elevou às culminâncias. A leitura de Max devia ser obrigatória, como a leitura de Kardec, para todos que entram.” (ABREU, CANUTO. “Bezerra de Menezes – Subsídios para a História

60 ANOS DE NOSSA CASA!

“Zaqueu, desce depressa, porque hoje
me convém pousar em tua casa”.
(Lucas 19:5)

Uma casa é feita de tijolos... paredes... argamassa.

Há Casas e casas, porém. Algumas - as melhores - se transformam em LAR.

Um lar é feito de pessoas. São elas que lhe dão as feições. O jeito.

Os melhores são aqueles que quando abrem-se as portas abrem-se também os braços, acolhedores.

É comum dizer-se que esta ou aquela pessoa “sabe receber”, mas geralmente esse saber traduz-se em regras de etiqueta e detalhes de refinamento.

Há outras tantas que muitas vezes desconhecem as tais regras e os tais detalhes mas sabem receber a quem quer que seja maravilhosamente - com um abraço, com um sorriso sincero, com uma palavra gentil.

Depois da entrada há o “clima” do ambiente.

Há lugares frios - qualquer que seja a temperatura do momento - mas há outros tantos que são verdadeiramente aconchegantes. Mais que confortáveis - são confortantes. Você entra cansado e daqui a pouco sente-se bem. Chegou acabrunhado e sai sorrindo. Não há fórmula, nem segredo - parece que a atmosfera daquele lugar está impregnada de alegria, de paz, de amizade - e a tal ponto que aqueles que ali chegam se “contagiam” com essa energia positiva ali impregnada.

Quem dá o tom é o dono da casa, claro. Ou, o chefe do lar. É de seu coração que abrem-se as portas e os braços, é da sua fi-

gura que se irradia esse calor acolhedor, essa alegria espontânea, essa gentileza natural, tão agradável, tão alentadora, ao ponto de modificar o semblante dos que lhe procuram.

Essas casas têm cheiro de café quente - sempre pronto para ser oferecido aos que a visitam. Têm gosto de bolo da vovó - daqueles inesquecíveis, que anos mais tarde ainda se sente água na boca à mais simples lembrança.

Até a água desses lares iluminados é diferente. Nada daquela história de insípida, inodora e incolor, que aprendemos nos bancos escolares. Tem água que tem sabor de carinho! Já experimentou alguma assim? Não me peçam para explicar melhor, porque também não saberia bem o que dizer - mas é diferente, é gostosa, é fresca na medida certa - e revigorante! Com a palavra os cientistas, que ainda não descobriram a química... do Amor.

Lar é também família! Sim, eu sei, cada família é diferente, cada qual tem sua história, seu jeito de ser e viver, suas alegrias e dificuldades, seus desafios... mas também há famílias e famílias. Não é mesmo tudo igual. Mas há situações em que você entra naquele lar para visitar um de seus membros e, quando descobre, encantou-se pela família inteira! Será que entrei em um mundo diferente? Porque ali parece que as pessoas se completam. Suprem-se mutuamente em suas deficiências. Somam-se em suas habilidades. Cantam juntas. Falam ao mesmo tempo e terminam sorrindo as conversas. Abraçam-se, beijam-se, incentivam-se! Compreendem-se!

Meu Deus, pensamos frequentemente nesses casos - como eu gostaria que meu lar fosse assim, que minha família fosse como essa.

Melhor é quando eles lhe acolhem, e de tão amigos e tão fraternos nos fazem acreditar que aquele lar tão afetuoso é também um pouco seu, e que faz parte igualmente daquela família benfazeja.

E quando seus antifriões falecem?

Pensam logo os de fora que agora tudo vai mudar, que a “mágica” vai acabar, mas a verdade é outra...

Esses lares viram templos.

Sacralizam-se.

Cada objeto torna-se então uma pequena relíquia. Os cantinhos, os desvãos, tão ricos de histórias, de sorrisos e lágrimas, têm então uma espécie de “botão invisível” de despertar lembranças.

Os membros da família assumem entre si uma espécie de pacto silencioso - de tudo fazerem para que a “mágica” não acabe, para que a tal “luz acolhedora” se mantenha no ar. Tentam tudo fazer “conforme era antes” ... “do jeito que mamãe ou papai faziam” ... ajudando-se mutuamente para que o deleite não se vá, para que o amor permaneça.

*

Um dia encontrei uma Casa assim...

Tão encantando fiquei, quando a conheci, que logo perguntei por seu anfitrião.

Responderam-me logo, sorridentes - é Azamôr Serrão!

Procurei-o, então, para saber depressa de onde vinha aquela luz acolhedora, mas me explicaram que já tinha desencarnado há muitos anos. Me emocionei, muitas vezes, só de ver as lágrimas que corriam nos rostos daqueles que simplesmente lembravam de Azamôr. De suas falas. Gestos. Atitudes. Conselhos. Cada lembrança era uma relíquia daquela família, guardada cuidadosamente no relicário de seus corações.

Finalmente tive a chance de falar com Azamôr. Que honra, que contentamento. Me explicou, porém, que a Casa não era sua, que era de Bezerra de Menezes, e que dele - da sua figura de extremado amor - é que vinha de fato aquela “tal luz” cuja fonte eu tão afanosamente buscava. Que ele mesmo, Azamôr, também havia aprendido com Bezerra o jeito de tratar aos companheiros de ideal e aos “filhos do calvário” que todos os dias batiam às portas da nossa “Casa Azul”. Que era aprendiz, como os demais, e que se eu desejava encontrar a verdadeira fonte, de tudo o que via, devia procurar por Dr. Bezerra.

Assim o fiz.

Finalmente tive a chance de falar com Bezerra de Menezes. Que honra, que contentamento!!! Me explicou, porém, que a Casa não era sua, que era de Jesus, e que Dele - da sua figura de extremado amor - é que vinha de fato aquela “tal luz” cuja fonte eu tão afanosamente buscava. Que ele mesmo, Bezerra, também havia aprendido com Jesus - e com Maria - o jeito de tratar aos companheiros de ideal e aos “filhos do calvário” que todos os dias batiam às portas da nossa “Casa do Caminho”. Que era aprendiz, como os demais, e que se eu desejava encontrar a verdadeira fonte, de tudo o que via, devia procurar por Jesus.

Ao final da visita, falou-me ternamente o Médico dos Pobres.

Contou-me que sonhava em ver os médiuns da Casa Azul tratarem-se uns aos outros com o mesmo amor com que vira Pedro dedicar a João; e que ao mesmo tempo se unissem em feixe inseparável, para receber a todos os que a visitassem com a mesma brandura acolhedora com que Maria recebia os pequeninos e os tristes do mundo na Casa do Caminho. Que orava todos os dias para que aquela doce luz que Jesus havia plantado em seu coração e que contagiara também a Azamôr se fizesse presente igualmente no coração de todos os que vestem o nosso avental, que esse era o seu desejo, a sua alegria, o convite que fazia de alma para alma, no silêncio da mais pura vibração!

Saí da visita em lágrimas. De alegria. De gratidão por enfim ter tido a chance de poder entender o que se passava naquela Casa tão especial.

Parabéns à Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes pelos seus 60 anos!

Viva Azamôr! Viva Bezerra! Viva Jesus!

Júlio Damasceno
03/06/2021

Artigo CCXXII - O PAIZ, 31.01.1892

A Terra teve um anel vaporoso, tal qual o que circunda Saturno ainda hoje.

Este anel, 2348 anos antes da era cristã, condensou-se por obra do progressivo resfriamento do planeta - e desfez-se em catadupas de água, precisamente como acontece com os vapores aquosos espalhados na atmosfera, que, encontrando temperatura mais baixa do que aquela em que se formaram, condensam-se em nuvens; e se desfazem em chuva¹.

É esta a explicação dada, ainda ultimamente, pelos Espíritos ao fenômeno, até agora inexplicado pela ciência, do dilúvio universal.

Efetivamente, os sábios da Terra têm procurado debalde, nas leis conhecidas, a explicação do fenomenal acontecimento - e como o que não podem compreender, suprimem, os sábios da Terra contestaram a realidade do dilúvio, dando-o como uma simples inundação, parcial como o chamado de Deucalião, que se explica pela superabundância de chuvas torren-

1 (Nota do Organizador) A ciência discute até hoje a origem da água da Terra. A teoria prevalente na atualidade é a de que veio de asteróides, mas há controvérsias. Pesquisas mais recentes levantam a hipótese de que nossa água proveio de uma “nuvem” de hidrogênio remanescente da própria nebulosa solar de onde o planeta se origina. Seria essa “nuvem” o mencionado “anel”, envolvendo o planeta ainda em sua formação primária? Mesmo levando em conta a relativa imprecisão da data, referida acima - os cálculos geológicos evoluíram tremendamente ao longo do século XX - talvez haja mais verdade na revelação dada a Dr. Bezerra do que supõe a nossa vã filosofia, feita a devida atualização de termos e conceitos... Vide a respeito o artigo “<https://astronomy.com/magazine/2019/04/where-did-earths-water-come-from>”, de Maio de 2019, no site Astronomy.com (é possível acionar a tradução para o português).

ciais em ponto dado do globo - e que, naquele caso, deu-se, precisamente no ponto povoado pelos descendentes de Adão e Eva².

Infelizmente, para a ciência, esta escapatória, que lhe salva os foros, não passa de uma ideia como qualquer outra ideia que é rebatida pelos fatos, que demonstram a passagem da tal inundação, não por um ou outro, mas por todos os pontos do nosso globo.

E, além disto, peca ainda ela por admitir que só havia habitados os pontos onde se achavam os descendentes de Adão e Eva, quando hoje está evidente, como o movimento da Terra, que, antes do chamado primeiro par humano, já era a Terra coberta de habitantes.

Não pode, pois, a ciência fugir à confissão de que ignora as leis determinativas do dilúvio universal, cuja existência real é impossível contestar.

E não pode deixar de confessar que a explicação dada pelos Espíritos é tão simples e natural, quanto satisfatória: é, em grande, porque desfez-se a atmosfera do anel que envolvia a Terra, o que todos os dias vemos, e qualquer estudante de Física explica - é o fenômeno da chuva, devido a mesma causa e obedecendo à mesma lei.

O que não sabíamos, e, por isto, a ciência não podia dar explicação satisfatória, é que a Terra teve aquele anel, cuja existência e composição dão completa explicação do fato.

Admitido, pois, este elemento até agora desconhecido, a questão entra em seus termos naturais, sem que a ciência precise recorrer à negação - e a Igreja a milagre.

E por que recusar-se a fé a tal revelação?

Em primeiro lugar, o fato não é sem exemplo, pois que aí está Saturno, onde, ainda, hoje se o observa.

E, em segundo lugar, ele foi revelado, e não imaginado.

2 (Nota do Organizador) Deucalião, segundo a mitologia grega, foi um filho de Prometeu e Clímene (ou de Prometeu e Pronoea. Era casado com Pirra. Quando a fúria de Zeus foi lançada contra a húbris dos pelasgos, Zeus decidiu pôr um fim à idade do bronze com o dilúvio. Avisado por Prometeu, o casal construiu um barco de madeira que equipou com provisões, para se salvar do dilúvio. (Fonte: Wikipedia)

Há poucos dias, reunidos em casa de uma amigo nosso, espírita como nós, três ou quatro loucos, entre os quais um médium, para tratarem da criação de um grupo de estudos, aconteceu que começaram a leitura da Bíblia; donde receberam aquela explicação, como prova de boa vontade com que era acolhido pelos Espíritos adiantados aquele seu tentame.

Nem os membros do grupo, nem o médium são homens de letras - e é por isto que dissemos: aquilo foi revelado e não foi imaginado; porquanto ninguém ali podia elevar-se a tão alta concepção - tão alta que ainda não ocorreu aos mais distintos sábios de todos os tempos.

É que ninguém imagina senão o que está dentro do círculo do conhecido - e, portanto, não podiam os sábios imaginar: que a Terra, no princípio de sua evolução, tivesse um anel, para chegarem por aí à clara explicação do fenômeno do dilúvio.

Mas, se aos sábios não podia ocorrer, e de fato não ocorreu, semelhante ideia, é de rigor: que menos ainda fosse ela possível aos pobres ignorantes, em cujo seio ela apareceu.

Isto para os incrédulos; porque os que conhecem como se fazem os trabalhos espíritas, não põem em dúvida que venha de um Espírito aquilo que é dado pelo médium - e que, por sua maior ou menor elevação, denuncia a maior ou menor elevação do comunicante, assim como as pilhérias revelam os fúteis - as arrogâncias revelam os orgulhosos - etc., - etc.

Pela natureza desta revelação, vê-se, pois, que o Espírito que a fez é sumamente elevado na escala do progresso humano; e é por isto que pode remontar aos séculos primitivos da Terra, de que talvez fosse coevo³, para apreciar o fenômeno desaparecido no espaço, e desconhecido na Terra: o anel vaporoso, de que não há tradição.

A revelação foi mais ampla: o Espírito explicou a ciência que teve Noé da proximidade do dilúvio, pelo fato de ser médium, recebendo, por isto, o ensino do próximo sucesso, como nós, por um médium, recebemos a comunicação de Tiradentes: de que em pouco dias cairia a Monarquia - e firmar-se-ia a República no Brasil, tal qual aconteceu.

3 (Nota do Organizador) Que ou quem é do mesmo tempo ou da mesma época, coetâneo, contemporâneo. (Fonte: Dicionário Priberam Online)

Noé, recebendo aquela comunicação, não fez mistério dela, antes empregou todos os meios de divulgá-la, mas sem resultado, porque ninguém lhe deu fé; donde o fato de perecerem todos - salvando-se, unicamente, o médium e sua família.

Vem esta explicação mostrar: que tomamos por miraculosos os fatos que são puros efeitos de leis naturais - que não há milagre⁴.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 31.01.1892: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/4662

4 (Nota do Organizador) Quase 130 anos decorridos da revelação a que se refere Dr. Bezerra, relativa ao dilúvio bíblico, Noé continua vivo. Reportagem da BBC News de 27 de outubro de 2019 ainda traz como título: “Os naufrágios milenares que dão pistas sobre o mistério do dilúvio da Arca de Noé”. Na literatura espírita, Kardec passou pelo tema muitas vezes. Em “O Livro dos Espíritos” (Q.59) questiona mais a data do que o evento em si, lembrando que a Geologia de seu tempo o assinalava como anterior à existência do homem. Mais tarde, quando da criação de seu “Catálogo Racional das obras para se fundar uma Biblioteca Espírita”, o Codificador insere em sua seleção a obra “A Terra antes do Dilúvio”, de L. Figuier. Evocado na Sociedade de Estudos Espíritas de Paris, em 1859, Alexandre de Humboldt fala em “dilúvios” (Revista Espírita 1859, Pág. 232, Ed. FEB) - apontando na mesma direção da indicada pelos Espíritos autores de “Os Quatro Evangelhos”, quando dizem que “houve apenas renovamentos parciais” (Tomo II, item 165) e que a “Gênese” mosaica “universalizou fatos de natureza toda parcial” (Tomo III, item 226). Perguntado a respeito, no volume “A Terra e o Semeador” (1975), item 148, Emmanuel parece represar para o futuro revelações mais detalhadas: “Não dispomos de autoridade para entrar em conceitos bíblicos”... Em respeito à revelação trazida por Dr. Bezerra, portanto, e levando em conta o exemplo de Emmanuel, deixemos ao futuro a explicação do que ainda hoje não temos informação suficiente para compreender, nem autoridade para opinar...

Artigo CCXXIII - O PAIZ, 07.02.1892

Bem sabemos quanto é custa ao Espírito humano aceitar aquilo que, desde o berço, acostumou-se a ter por impossível, abrindo mão de crenças que sempre considerou verdades incontroversas.

Bem sabemos que nossa educação repele, por impossível, a convivência dos vivos com os mortos, que vão a seu eterno destino, quando se separam da matéria corporal.

Compreendemos, pois, a oposição instintiva que os homens da velha crença fazem às ideias, verdadeiramente revolucionárias, ensinadas pelo Espiritismo.

Compreendemos - e não nos incomodamos com essa oposição, primo⁵, porque é natural, secundo⁶ porque temos certeza absoluta de que a luz da verdade espancará as trevas do erro - e mais cedo ou mais tarde os refratários serão adeptos.

Também a humanidade foi criada com a ideia de ser o Sol que gira em torno da Terra, ideia que se firmava no fato material da visão; e, entretanto, não há hoje um homem de inteligência mais ou menos cultivada que não renegue aquela crença universal, de todos os séculos passados, pela oposta, demonstrada cientificamente: de ser a Terra que gira em torno do Sol!

Este fato é a maior lição que pode receber a humanidade, no sentido de não aceitar nem repelir ideias novas, só porque vão de encontro às que são tidas por verdade, na fé do que ensina o passado.

5 (Nota do Organizador) Primeiro. (Fonte: Google tradutor)

6 (Nota do Organizador) Segundo. (Fonte: Google tradutor)

O passado ensina muita verdade, é certo, porque Deus no-la dispensa, desde o princípio do mundo - e no-la dispensará por toda a sua duração; mas, por si mesmo que o passado representa a infância da humanidade, é curial⁷ acreditar-se que o Senhor nem lhe pode revelar todas as verdades, nem as de mais difícil compreensão.

O homem de bom senso, estudando a marcha progressiva dos conhecimentos humanos, que não são senão revelações da Onisciência, facilmente compreende: que o todo do saber, que é dado à inteligência humana, tem sido desbastado, a pouco e pouco, e do modo simples para o mais complexo - e, portanto, que, não tendo a humanidade alcançado o último grau da sua perfectibilidade, o desbastamento tem de continuar indefinidamente, seguindo naturalmente a norma do passado, isto é, gradativamente e do mais simples modo ao mais complexo.

Isto é devido à necessidade de acomodar a revelação à capacidade do ser inteligente - e tanto assim é que Jesus, tendo ensinado estas grandezas, que fazem do Evangelho o livro da sabedoria, disse: que muitas verdades deixava de ensinar, porque a humanidade de seu tempo não era apta para compreendê-las⁸.

Se, pois, o estudo do passado nos leva a admitir a revelação progressiva - e se esta expectativa lógica é ainda corroborada pelas palavras do Redentor, que, se não é Deus, é o Espírito mais elevado que tem vindo à Terra; em que se basearam os que pretendem eternizar os marcos assentados pelas gerações passadas - os que repelem as ideias espíritas, porque aluem⁹ alguns daqueles marcos?

As novas revelações, científicas ou religiosas, produzem necessariamente dois efeitos: a sagração de ideias, de princípios, de leis mais elevadas - e a derrogação de ideias, de princípios, e de leis, tidos por verdadeiros, em razão do atraso humano, e que, embora falsos, concorreram para o progresso da humanidade, porque cada tempo tem a sua luz.

7 (Nota do Organizador) Próprio, conveniente. (Fonte: Dicionário Priberam Online)

8 (Nota do Organizador) Vide Jo. 16: 12.

9 (Nota do Organizador) Tirar a solidez ou firmeza à base de algo. Fazer cair ou ir abaixo; abater, derrocar, desabar, desmoronar, ruir. No sentido figurado - abalar. (Fonte: Dicionário Priberam Online)

O mundo, pois, isto é: os homens inteligentes devem estar sempre dispostos - e bem dispostos, para a aparição de novos astros no firmamento das eternas verdades.

Quando um daqueles aparecer no horizonte, em vez de fechar os olhos à sua luz, tomando-o por fogo-fátuo, o que cumpre é verificar, experimentalmente, pelos processos científicos, se ele é realmente um astro, e se a luz que emite é ou não pura.

O Espiritismo, trazendo à Terra a revelação de princípios, firmados em leis naturais, que têm sido até hoje desconhecidos, não pede fé cega - pede livre exame.

Só o fanatismo ferrenho, incompatível com o século atual - só o espírito de sistema, que fanatismo é, podem repelir o Espiritismo, sem examinar conscienciosamente suas teses fundamentais.

E nós garantimos: que todo aquele que descer àquele exame, será convencido da verdade, porque o Espiritismo é filosofia essencialmente experimental.

A convivência dos vivos com os mortos é tão fácil de passar pela prova experimental, como verificar o peso específico de um corpo.

Os trabalhos experimentais, que fazemos há anos, e que franqueamos a quem quer, e quiser, têm-nos dado todos os dias provas irrecusáveis: de que o mundo invisível é constituído pelos elementos do mundo visível - e vice-versa; de que o Espírito, que se desprende do corpo, leva para a vida do espaço os [sentimentos]¹⁰ e conhecimentos da Terra; de que ali, naquela estação espiritual, sofrem os que delinquiram a pena de seus delitos, e gozam os que fizeram do bem o galardão de suas boas obras, tudo na proporção dos méritos e deméritos; de que os condenados, desde que confessam a Deus suas culpas, arrependidos e dispostos a corrigir-se, são perdoados - e, para se lavarem das máculas, que lhes deixaram os passados crimes, voltam à vida corpórea, no firme intuito, em que às vezes falecem, de reparar seu negro passado pelo sofrimento, que é o filtro divino para a purificação do Espírito; de que, finalmente, há um constante movimento emigratório e imigratório da Terra para o Espaço e do Espaço para a Terra, cujos habitantes são os mesmos.

10 (Nota do Organizador) Acréscimo nosso, em sintonia com o sentido geral do parágrafo, e para corrigir a redundância da palavra conhecimento no texto original.

Os trabalhos, pois, a que aludimos, nos dão os conhecimentos da vida do Espaço, na generalidade de suas peripécias - e nos confirma no pensamento do progresso universal indefinido, donde a abolição do velho dogma blasfemo: do Inferno com as penas eternas.

Toda a culpa é punida; mas a pena é corretiva e temporária; donde o novo dogma da salvação universal, pertencendo a cada um o seu destino, segundo fizer bom ou mau uso de sua liberdade.

Porque os que repelem o Espiritismo não querendo examinar o que ele ensina, não deixará ele de ser, como Deus não deixa de ser, porque uns tantos desgraçados o negam.

Infelizes! De propósito evitam a luz!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
"Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 07.02.1892:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/4702

Artigo CCXXIV - O PAIZ, 14.02.1892

Como é doce, suave e consolador ter-se, nos momentos angustiosos, em que se representa o drama do passamento de uma filha, que foi na vida, os encantos da família, a ciência certa de que Deus, em sua misericórdia, já lhe tem destinado um lugar entre os que gozam as delícias do mundo dos felizes!

E não é só para hosanas essa glorificação da alma decaída, que veio à nova vida corpórea, por lavar as máculas das culpas passadas.

Hosanas deve clamar, do meio de suas misérias, aquele que recebeu a graça de lhe ser revelado o futuro do ente querido, não só antes como depois de seu desprendimento.

Max recebeu do Senhor, em depósito, uma alma, a quem deu corpo, que foi, durante 22 anos, o anjo visível da família - o bálsamo da consolação para as dores do pobre velho - um verdadeiro seio de Abraão para todos os que se lhe aproximavam¹¹.

11 (Nota do Organizador) Já nos referimos ao fato de que Dr. Bezerra teve muitos filhos (Vide o 2º volume desta coleção, pág. 372, nota 391) - mais de 15, até onde sabemos - e também a prova, dolorosa, de ver muitos deles desencarnarem precocemente. Consultando a propósito do caso aqui em destaque a um dos seus principais biógrafos - o escritor e conferencista Jorge Damas Martins - identificamos que alude à desencarnação da jovem Carolina Bezerra de Menezes, nascida a 16 de março de 1870 e falecida a 14 de fevereiro de 1892, em decorrência de complicações pulmonares. Seu desenlace foi cercado de comunicações mediúnicas, antes e depois de sua ocorrência, conforme nos relata o nosso querido Médico dos Pobres, em ato generoso, tornando pública uma de suas dores mais agudas, apenas para salientar um dos aspectos mais belos do Espiritismo - o Consolador! Mais informações podem ser encontradas nos volumes "Os Bezerra de Menezes e o Espiritismo", Ed. Novo Ser, 2011, Cap.19, e "Bezerra de Menezes na Intimidade", Ed. Novo Ser, 2012, Cap. 11, ambos de autoria do nosso prezado Jorge Damas.

Chegou o tempo de lhe exigir o Pai de justiça e de misericórdia o sagrado depósito que lhe confiara, por ser, como disse um Espírito amigo, fruto maduro, que só esperava ser colhido pela mão bendita do celeste jardineiro; quer dizer, por já ter aquele Espírito ditoso satisfeito à justiça e provocado a misericórdia do Altíssimo.

Max, a quem um fraco raio da luz divina, já permite divisar, por entre névoas embora, a suprema lei da evolução dos Espíritos, não se revoltou, felizmente, contra a ordem de entregar o caro - o adorado depósito, mas tão ligado se achava a ele, pelos laços de um amor, que não pode ser definido em língua humana, que sentiu, à iminência da separação, romperem-se-lhe de dor as fibras do coração.

Ia entregar o seu tesouro; mas o que seria dele? Era sua maior preocupação.

Nesta dolorosa conjuntura, foi Deus servido permitir que sua santa mãe lhe viesse dizer:

“Se pensas que é ela a que mais sofre, estás enganado. De momento a momento, seu Espírito ala-se às regiões sempiternas - e de lá volta, cheio de celestes alegrias, a sorver mais uma gota do travoso cálice que pediu para lição e expiação tua.”

Já era muito para o coração paterno saber que aquelas agônias mortais da filha amada eram o que ela mesmo pedira quando veio encarnar - e era com sublime alegria que ela as recebia; mas isto não lhe dava descanso a suas preocupações sobre o futuro - sobre a sorte que a esperava além desta vida.

Ainda aqui manifestou-se mais misericordioso o Deus de infinito amor, permitindo que um dos mais excelsos Espíritos - um Espírito que nunca falta onde há uma dor - Romualdo, o ex-arcebispo da Bahia, tão conhecido de todos os grupos espíritas, lhe viesse dizer estas animadoras palavras:

“Está prestes a realizar-se a parábola do filho pródigo.

“Este, porém, não é o filho que volta simplesmente arrependido, e para festejar a vinda do qual o pai mandou matar o carneiro.

“Este vem regenerado - e o carneiro já está morto - e o banquete aparelhado - e os amigos convidados.

“Felizes os que entram, limpos, pela porta franca da regeneração, pela qual lhes era vedado entrar com os trajes de transfugas.

Vesti-vos, pois, de galas, oh! homens que credes na regeneração do Espírito, pois que não é justo que se chore na Terra, quando se folga no céu.”

Foi a sentença de morte, que dissipou as fagueiras esperanças de um restabelecimento ainda julgado possível, mas foi ao mesmo tempo o arco-íris prenúncio de bonança - aurora graciosa de um dia sem noite para o amado Espírito que se debatia com as agonias de cruel moléstia, ao qual aquele amigo, que disse ser ele “fruto maduro”, aplicou-se este conceito:

“A transfiguração do Cristo foi precedida de suas agonias.”

Como chorar por ver partir o ente mais amado, quando se sabe que ele vai para um festim no céu?

Max bem sabe que não tem merecimento para tamanha graça: a da revelação do futuro, mas também sabe: que amor, amor espiritual, é o elo para todas as almas - e explica o fato pela intervenção dos bons Espíritos, que se condoeram de suas mágoas, efeito de puro e santo amor.

Como quer que seja, o pai, a família - todos os que amavam a enferma e acreditavam no Espiritismo, ficaram acima das fraquezas da carne - e assistiram, dando louvores a Deus, à transformação da larva em borboleta de asas iriadas ao Sol da liberdade - do amor - e do progresso realizado.

E a enferma espírita convencida, ciente e consciente de que o Espírito, se não galga de uma vez as cumeadas, que são o alvo de seus esforços, lá chegará, mediante novas tentativas; a enferma encarava, tranquila em sua fé e animada pela esperança, a aproximação do momento, que é pavoroso para os que têm diante de si: o nada, ou a perspectiva do Inferno.

Com o riso nos lábios, disse: que era chegada a sua hora - pediu a bênção ao pai - e descansou com Deus.

Ai tendes, leitor, uma lição que vos oferece Max, vosso companheiro de peregrinação.

Estudai-a, e reconhecereis: que nenhuma Doutrina dá conforto na dor - dá alento nos desfalecimentos da alma - dá mesmo a ciência do que há de ser, como a Espírita.

Dei-vos o quadro real - da morte do espírita - que não tem comparação com o do sectário de qualquer outra Doutrina, inclusive a católica.

Aqui, agita a alma do moribundo e a dos que o cercam de amor, o receio das penas eternas - ali, o único receio que os pode

abalar, é o de não ir o Espírito logo ao mundo dos felizes, e ter de esperar, ainda, por algum tempo.

E se Deus faz a graça, que dispensou ao seu indigno servo, que escreve estas linhas, de permitir que se saiba o glorioso destino do que está a finir-se?

Onde o Catolicismo ou outra qualquer religião poderão exibir grandezas semelhantes?!

Depois da morte - e mal tinha o corpo saído de casa, veio a confirmação de todas as comunicações transcritas, pelo Anjo da Guarda da menina - e por ela mesma.

Em longa fala, toda ungida do puro amor do Céu, o primeiro disse, depois de declarar que acabara sua missão:

“Jamais - jamais as lágrimas de seu rosto, compungirão a alma;

“Jamais - jamais as máculas de seu Espírito me forçarão a oferecer a Deus os meus fracos esforços para alcançar seu perdão;

“Jamais - jamais terei de vê-la sujeita às desventuras da Terra, marchando sobre flores, por entre as quais se ocultam serpentes venenosas; porque Deus, em sua misericórdia, permitiu que ela entrasse numa senda mais suave - mais larga - mais segura.

“Aí a tendes - ouvi-a - recebei-a entre vossos braços por alguns momentos apenas, para vossa suprema consolação - e depois deixai que ela vá aonde lhe está preparada a sua morada permanente, que em coisa alguma se compara à vossa.”

Ela, depois de ter estranhado que os seus derramem lágrimas, quando deveriam, os que lhe prepararam o Espírito para o gozo de uma felicidade, que ainda não tem tempo de fruir, mas de que sente a alma inundada, deveriam, digo, convertê-las em ações de graças ao Eterno; depois de ter assinalado os benefícios que Deus lhe fez em vida e naqueles poucos momentos, depois da morte, diz:

“Não é para vós, consolação, saberdes: que não sofro - que sou feliz - que aqui me acho entre os que me foram caros - a mim e a vós - que a nossa separação é temporária e curta - e que tere-mos de nos ver todos aqui?”

Quem, no mundo, pode ter a felicidade indescritível de conversar com o ente amado de seu coração, que acabou de cerrar os olhos à luz da vida?!

São loucuras? Bendita seja a loucura, se ela for isto!

Pobres desgraçados, diremos nós, são os que assim classificam as sublimes manifestações das grandezas do Eterno, de que estas não são ainda senão pálidos espécimes.

Sede racionais, homens, que só credes no que credes!

Deus dá a luz para todos; voltai-vos de coração para Ele e recebei a parte que vos toca - que vos está reservada!

Deixai o espírito de sistema - deixai o fanatismo - deixai o ceticismo - e vinde beber na fonte da verdade a água pura que vos purificará a alma, para o gozo destas delícias, na vida - e das maiores felicidades na Eternidade.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 14.02.1892:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/4744

Artigo CCXXV - O PAIZ, 21.02.1892

Quem aceita um princípio aceita-lhe as consequências e deduções lógicas.

É irrisório, com efeito, proclamar, como verdade absoluta, a lei em que se assenta um sistema - e aproveitar, ou querer aproveitar, as vantagens de outro sistema, baseado em lei oposta.

O materialista proclama o princípio da — pura animalidade — do ser humano; isto é, de ser o homem exclusivamente — matéria —, matéria animada, que se decompõe e entra no turbilhão universal desde que se dá o fato da morte.

O homem, pois, como o burro, vem à vida sem destino, ou com um destino efêmero e insignificante como os animais - e sai da vida como o burro, perdendo completamente sua individualidade.

César e qualquer de seus escravos - Lafaiete e seu cavalo branco - o leitor e o seu cachorro são, em essência, a mesma coisa, tão bom como tão bom.

Desde que saíamos do nada - e volvemos ao nada, após um minuto da Eternidade, não somos seres morais, mesmo porque não temos a quem prestar conta de nossos atos - principalmente porque quer os façamos bons, quer os façamos maus - bons de serem santificados, maus de serem repulsivos, o resultado é o mesmo: vamos, bons e maus, sepultarmo-nos no nada.

Portanto, isto que chamamos - responsabilidade moral - é pura criação humana, em perfeita oposição à lei natural, que não exige nem impõe deveres aos seres que acabam no nada.

Se o homem é essencialmente matéria, como o animal, tem essencialmente as condições morais deste; isto é, não tem como este condição moral alguma.

Exigir-se-lhe, pois, o que seria parvoíce e loucura exigir-se da besta, é invalidar a lei fundamental do materialismo.

O que é moral sem sanção? E que sanção pode haver para seres que fulguram um instante como meteoros e desaparecem no nada?

O materialista, pois, ou há de negar a sua lei: de ser o homem exclusivamente matéria, que se desmancha e desfaz sua individualidade - ou há de confessar: que não é ele um ser moral, sujeito a direitos e obrigações.

Se a lógica a que o materialista recorre para conchavar seu sistema, é coisa de valor, valor têm todas estas deduções por ela ditadas.

O materialismo e a responsabilidade humana são ideias que se repelem como se repelem as ideias das trevas e da luz.

São convencionais, sim, estes princípios de direitos e de deveres, dir-nos-ão os obcecados pelo espírito de sistema. O homem vive em sociedade — e, portanto, está sujeito às leis sociais.

Aceitamos a declinatória, porque é a confissão: de que naturalmente, o homem não é um ser moral - não tem, nem pode ter responsabilidade.

Se, pois, é a sociedade que lhe empresta, pelo tempo de sua vida, aquela qualidade, é óbvio que a ela cumpre fazer efetiva sua lei - e que o indivíduo social só a ela tem que prestar contas de seus atos.

Se a sociedade não puder e se o indivíduo não quiser, qual o meio de fazer respeitar aquela lei?

A sociedade só aprecia o que é patente - e o indivíduo, muitas vezes não patenteia o que faz; como chegar ao conhecimento da infração?

Com uma mão, de modo que todos vejam, eu distribuo benefícios, no intuito de ganhar fama e popularidade para ascender aos mais elevados postos sociais. Com outra mão, e de modo que ninguém veja, eu pratico todas as devassidões - todos os crimes, seguro da impunidade, visto que a sociedade só pode punir o que é patente - e o que faço não o é.

Confessemos: que a moralidade, a que se agarra o materialismo, para envernizar seu repulsivo sistema, é lógica e racionalmente o mais bem construído sistema de imoralidades.

A honra tanto como a infâmia são palavras vazias de sentido, para quem vai ser reduzido a nada; e, se, por prazer para com a sociedade, os homens ostentam a primeira e ocultam a segunda, durante o tempo de sua vida, nem lucra com isto o indivíduo, nem lucra a sociedade.

A moralidade do materialista pode ser comparada ao ensino que alguns sujeitos dão a certos animais, que essencialmente não são aptos para eles.

Os bichos, diante do mestre, fazem como este lhes prescreve; mas, desde que vejam o mestre pelas costas, voltam aos seus hábitos naturais.

O natural para o homem, se é verdade o materialismo, é a satisfação de todos os seus desejos - de todos os seus gostos, - de todas as suas paixões.

Se, pois, ele se constrange perante a lei social, que lhe exige a repressão de certos desejos - de certos gostos - e de certas paixões, não o fazem senão em público e - particularmente, voltam ao natural.

A mulher, desde que guarde todas as aparências de fidelidade ao marido, tem satisfeito às exigências sociais!

O filho, desde que em público mostre respeito aos pais, tem satisfeito às exigências sociais!

O cidadão, desde que ostensivamente se mostre sério, honesto, bem-intencionado, tem satisfeito às exigências sociais!

Não se quer a moral em ação, único meio de aperfeiçoamento individual e social; quer-se apenas a moral de simulação; exige-se do indivíduo que represente o papel de herói, seja embora um vil poltrão!

Um sistema, que dá de si estas e outras deduções rigorosamente lógicas, é um sistema condenado pela razão - pela consciência - pelo simples bom senso universal.

Admira ver os homens de real merecimento enveredados por tão nojentas sendas!

É que eles abstraem as ideias - formam com elas o sistema - e regulam-se com sua obra, sem descerem às consequências que delas resultam.

E seja dito aqui: o Positivismo, não aceitando senão o que é materialmente provado, cai de olhos fechados no mais ferrenho materialismo.

Em nossos trabalhos espíritas, temos encontrado menos dificuldades em convencer do erro os puros materialistas!

Max

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 21.02.1892: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/4786

Artigo CCXXVI - O PAIZ, 28.02.1892

No passado artigo dissecamos, tão superficialmente quanto permitem os estreitos limites desta publicação, o sistema materialista, sob o ponto de vista de sua moral - e demonstramos: que o desgraçado nenhuma tem, e até solta as rédeas a todas as paixões humanas.

Se fosse possível haver uma sociedade composta exclusivamente de materialistas, o mundo teria o espetáculo de todas as cruzes e obscenidades de todas as espécies animais!

O que são os grandes cínicos e os grandes malvados? Homens que não têm fé - que não acreditam na responsabilidade moral - que só acreditam na vida material: legítimos materialistas.

Um destes, se a vida lhes presa por qualquer circunstância, tem recurso natural e lógico no suicídio, pelo princípio de que “o que não presta custa pouco a dar”.

Ou, então, se é preso à Terra por uma vida de gozos e de felicidades, ou por laços do mais sentido amor por mulher, mãe e filhos, que horror ver aproximar-se a hora fatal!

Sentir o coração cheio de aspirações à duração infinita, para satisfação daqueles gozos e daquele amor; e saber que em pouco será reduzido a nada!

Oh! como deve ser horrível ao materialista sentimentalista a ideia de morrer, de acabar para sempre!

Ao quadro hediondo e tétrico, que nos oferece, em sua verdadeira expressão, o sistema materialista, oponhamos aqui a do espiritualismo, apreciado sob os mesmos pontos de vista.

Em vez da — pura animalidade — do ser humano, isto é: de ser o homem exclusivamente matéria, o espiritualista proclama o princípio da — dualidade — do homem: Espírito e matéria - alma e corpo.

A alma é a essência, o corpo é o acidente; e por isto a alma é eterna, e o corpo temporário; e por isto o homem, que é essencialmente alma, é um ser moral - tem liberdade, e, consequentemente, responsabilidade.

Esta responsabilidade não é uma zombaria, como a do materialista, que acaba com a morte e que, mesmo durante a vida, só é efetiva, quando o ato, que a acarreta, é extremo - é público - pode ser apreciado pela sociedade.

A responsabilidade do homem, segundo o espiritualista, é permanente e eterna, porque acompanha a alma - e é efetivo, quer se trate de atos externos - públicos - e apreciados pela sociedade, quer se trate de atos internos que escapam aos olhos do mundo, e até quando não passam da intenção à execução.

Porque se a sociedade só conhece do que é externo, Deus penetra os arcanos do nosso ser - conhece todos os nossos pensamentos - e toma-nos conta do que fazemos no maior sigilo - e até de nossas intenções as mais íntimas e reservadas.

Daí não poder o homem evitar o olho do juiz, nem a pena que lhe vem de pensamentos, palavras e obras delituosas.

Daí, uma diferença radical entre o ser humano e o puro animal.

Ora, tendo o homem responsabilidade que se faz efetiva na vida depois da morte, é obvio que o que sofre na Terra, em vez de recorrer ao suicídio, o grande recurso do materialista, recuará diante de tal pensamento, não só porque o suicídio não o extingue como porque, se o livra das dores da vida, maiores lhe acarreta na Eternidade.

O que goza - o que ama, não sente horror à ideia de morrer, porque sabe que só acaba com a morte, o gozo - o amor material; mas o do Espírito perdura a despeito dela - é um romance começado na Terra, que vai ter um epílogo glorioso na vida de além-túmulo.

O espiritualista, pois, cômico de sua responsabilidade moral, sabe muito bem que por mais que oculte seus desvios não

conseguirá iludir senão ao mundo; mas que ao juiz, que pune e galardoa, jamais iludirá.

Ele sabe que toda a falta acarreta fatalmente a sua punição, assim como toda a boa ação provoca infalivelmente sua recompensa, nesta ou na futura vida.

Ora, uma sociedade constituída exclusivamente por espiritualistas deve necessariamente oferecer um cunho diametralmente oposto ao da que for constituída por materialistas.

Aqui, a esposa guarda fidelidade ao marido, não por salvar aparências, como ali; mas porque tem a consciência de seu dever - de sua responsabilidade: porque sabe: que pode faltar àquele dever, mas não pode fugir à indefectível responsabilidade - à tremenda sanção da lei moral.

Ela tem, como a esposa materialista, o mesmo interesse em parecer fiel, mas, além disto, e principalmente ela tem a consciência do dever sagrado de ser efetivamente fiel.

Enquanto aquela só respeita as aparências, esta atende principalmente à realidade.

E, assim, em todas as mais relações sociais!

Pode-se negar a verdade deste ligeiramente esboçado paralelo?

Portanto, enquanto a doutrina materialista reduz o homem às condições da besta, quer na vida quer na morte, a doutrina espiritualista eleva-o às alturas do ser moral - enquanto o materialismo funda a sociedade humana sobre uma moral convencional, aparente, iludível, o espiritualismo funda-a sobre uma moral que se lhe impõe, que não está em seu poder iludir, nem fugir à sua indefectível sanção.

A mulher materialista é uma besta ou uma fera, que só obedece à repressão material, como os puros animais - a mulher espiritualista tem em si mesma a única repressão eficaz: a contrição moral, que sufoca, no germe, os impulsos condenáveis da carne e os desvios da alma.

Mas a mulher é a célula geradora da humanidade, quer se a considere sob o ponto de vista material, quer sob o ponto de vista moral.

Imagine-se pois uma sociedade, onde a mulher seja legítima materialista - e outra, onde seja espiritualista; e diga-se, com a mão na consciência, em qual das duas está o tipo humano?

Também a espiritualista pode cometer faltas - pode até descer à infâmia; dir-nos-ão.

Sim, porque todos podemos usar bem ou mal da nossa liberdade; mas ela, praticando o mal, não se rejubila como a outra, por crer que não há lei divina que lh'o impeça; ela sabe que é responsável pelo mal que praticar.

Tem as fraquezas, mas não é viciosa por princípio!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 28.02.1892:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/4828

Artigo CCXXVII - O PAIZ, 06.03, 1892

Em nossos últimos artigos analisamos, perfunctoriamente¹² embora, as duas doutrinas: materialista e espiritualista, que comparamos sob o ponto de vista moral, com relação à vida social.

Mostramos: que o verdadeiro materialista, considerando a morte como a extinção de seu ser, está nas condições do puro animal, para quem a única moral é ignorar a existência de uma - e, portanto, vivendo à lei da natureza, sem pensar, sem cuidar senão do que lhe é útil.

Mostramos que a moral engendrada por tal doutrina, para regular a vida social, é ineficaz, porque sua sanção é puramente humana - e o homem só pode conhecer dos atos exteriores e patentes, não podendo, portanto, a sociedade levar sua correção senão a tais atos, que são uma gota em relação ao oceano dos atos que se ocultam.

Pelo materialismo, dissemos, a esposa que oculte sua infidelidade, tem satisfeito rigorosamente a lei social e a de sua natureza, de conformidade com os princípios de sua doutrina.

Mostramos: que o espiritualismo, considerando a morte como um acidente na vida eterna do Espírito destaca o homem do reino animal - coloca-o num plano muitíssimo elevado - e, desde que é imortal e livre, é necessariamente responsável por todos os seus atos.

Mostramos, finalmente: que a responsabilidade do ser eterno e livre não é uma convenção social, mas, sim, uma lei imprescritível - não compreende somente os atos exteriores, mas,

12 (Nota do Organizador) De relance, superficialmente. (Fonte: Dicionário Priberam Online)

igualmente os ocultos, até às próprias intenções; e, portanto, que a sociedade assenta sobre uma moral, que tem sua sanção na própria consciência do ser humano.

Entre os espiritualistas, há hoje uma profunda divisão, representada pelas duas doutrinas: a Católica romana e a Espírita.

A primeira considera o homem criado para esta vida, depois da qual vai a um dos dois eternos absolutos: Céu e Inferno, onde seu destino é imutável.

A segunda considera-o viajor de longas eras, que tem passando por vidas sucessivas - e que passará ainda por tantas quantas forem precisas para fazer seu progresso nas vias da perfeição, pelo saber e pela virtude: as duas asas em que ascenderá até as condições angélicas - até a glória de ver a Deus.

Em cada existência, ele dá um ou mais passos para diante e para cima, expiando as faltas passadas - e provendo sua sacola de boas obras.

Ora, se ambas admitem a vida eterna da alma - as suas boas e más obras como méritos e deméritos para galardão e para castigos, é intuitivo que o fundo de sua moral é o mesmo - e, portanto, que tudo o que foi dito sobre o espiritualismo, em geral, se aplica a ambas.

Daí a superioridade de ambas, na constituição da família e da sociedade, sobre o materialismo e sobre o Positivismo, que, não aceitando senão o que é materialmente provado, não aceita a alma - e, conseqüentemente, estabelece uma moral de convenção, com os mesmos caracteres da moral materialista, que já analisamos.

Se Espiritismo e Catolicismo têm, no fundo, a mesma moral, embora em sua cosmogonia sejam tão diferentes, importa saber: qual dos dois mais se conforma com o tipo da lei eterna - e mais concorre para o adiantamento da humanidade, por seu aperfeiçoamento intelectual e moral.

Se a vida é somente esta - e depois dela se define, por toda a Eternidade, o destino dos Espíritos - se o plano da criação humana é tão estreito, limitado e raquítico, que não pode dar honra a seu autor, mesmo que este fosse um simples mortal, a teogonia católica acusa a Deus de ter criado Espíritos com disposições inatas para o bem e para o saber, e de ter criado outros sem tais disposições, colocando uns em centros de luz e outros em meios tenebrosos.

Este não pode ser o tipo da lei eterna!

Se é verdade o que Roma ensina, sua moral planta o desespero na alma dos que caem e arrasta-os por isso mesmo a desprezarem os meios de regeneração, por entenderem que já estão perdidos.

Quem naufraga no meio do oceano, por noite borrascosa, não tenta meios de salvação, que julga impossível!

A doutrina romana prega a solidariedade humana; mas desfaz sua própria obra, ensinando que os justos, no Céu, sentem supremo júbilo à vista das torturas dos condenados, no Inferno!

Finalmente, o católico, no momento extremo, em que sente as agonias da morte, em vez de marchar tranquilo para a porta da vida eterna, recua trêmulo e perturbado, com o receio de que seja ela a porta da morte eterna!

Quer tudo isto dizer: que a moral católica efetivamente reprime, porque ensina a imortalidade a responsabilidade do ser humano; mas leva além do limite a repressão, incutindo o terror das penas eternas - e não admitindo a eficácia do arrependimento senão antes da morte.

Ai do que se desviou do caminho reto - e não se arrependeu durante a vida!

O Espiritismo tem uma moral mais doce, porque assenta-a numa cosmogonia mais glorificadora do Criador.

O Espírito tem à sua disposição mil vidas, se tantas forem precisas, para fazer seu progresso.

No fim de cada uma recebe o prêmio ou o castigo das obras que fez: mas nem prêmio nem castigo são definitivos, e sim relativos aos méritos e deméritos na existência que se ultimou. O arrependimento em qualquer tempo, antes ou depois da morte, provoca o perdão - e arrasta o Espírito à reparação de suas faltas, em nova existência corpórea.

Subindo sempre, lenta ou aceleradamente, o Espírito chega a sair, limpo, dos mundos de expiação e a passar aos de regeneração, onde, fruindo delícias, continua eternamente seu progresso indefinido.

Este plano dá honra a seu autor, mesmo que este seja Deus - pelo menos aproxima-se do tipo da lei eterna!

Não planta o desespero na alma dos que caem, porque estes sabem: que hão de pagar caro a queda, mas que podem-se levantar, o que incita-os a procurar os meios de regeneração, para gozarem, depois de paga sua dívida.

A solidariedade humana pelo Espiritismo é uma realidade, desde que sabemos: que no corpo do mendigo - do lazarento - do mais vil dos homens, pode estar agasalhado um Espírito que já nos foi ligado pelos mais doces laços do amor.

Finalmente, no momento extremo, em que se sentem as agônias da morte, o espírita marcha, tranquilo, para a porta da vida eterna, porque bem sabe: que não é ela a porta da morte eterna.

Portanto, a moral espírita reprime; mas não aterra - pune o que cai, mas dá-lhe a esperança do reerguimento.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 06.03, 1892: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/4867

Artigo CCXXVIII - O PAIZ, 14.03.1892

Todos os dias chovem as provas de que ciência e religião são revelações do Céu - de que tais revelações são progressivas - de que esta progressividade acompanha o progresso realizado pela humanidade.

É um fenômeno moral, digno do estudo dos pensadores.

A luz é dada como 1, porque o homem não a pode suportar mais forte; porém esta luz dada em grau tão limitado provoca, no seio da humanidade, uma tal ou qual efervescência, de que resulta para ela um tal ou qual adiantamento, que reclama luz - mais luz - luz como 2.

E assim a que se dá ao homem, em satisfação de suas necessidades, faz-se instrumento para ele necessitar de mais, que sempre, sempre ser-lhe-á dada.

Outro dia, demos nestas colunas a revelação de alto Espírito, aclarando a que se lê na Bíblia sobre o dilúvio universal, que nem a Igreja, nem a ciência têm podido explicar.

Dissemos: que a Terra teve um anel vaporoso, como Saturno - e que foi pela fusão desse anel, que se deu a tremenda inundação; fato que ninguém na Terra pôde sequer presumir - e consequentemente que está fora de toda a investigação humana.

O fenômeno, pois, do dilúvio universal ficaria eternamente inexplicado, se não fora a revelação feita por um Espírito coevo, por qualquer modo, das circunstâncias que o revestiram.¹³

13 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se ao primeiro artigo deste volume. Vide a respeito a nota 04, à página 20.

Pelo mesmo meio somos hoje habilitados a explicar o fato bíblico da destruição de Sodoma e Gomorra e mais cidades por uma chuva de enxofre incendiado.

Ainda aqui desaparece o milagre, para dar lugar à função de leis naturais.

Ainda aqui se verifica: que Deus não suspende o curso das leis eternas que pôs no Universo - e que é filha de nossa ignorância a crença em milagres, aliás autorizada por quem se fez aclamar - infalível.

Como a propósito do dilúvio, aquele alto Espírito veio revelar: que isto que se tem atribuído a um decreto especial de Deus, para castigo das cidades malditas, não foi senão obra de um vulcão, cujas lavas ardentes sepultaram em sua ignomínia as cidades corrompidas, do mesmo modo como o Vesúvio sepultou sob a massa das lavas as cidades de Herculano e Pompeia.

A Bíblia, cujo principal fim era encaminhar a humanidade para seu alto destino, pelo progresso, conhecendo que o atraso humano era de não valer ainda a repressão moral, para chamá-la à lei do bem, aproveitou o fato ou fenômeno natural, para intimidá-la, dando-lhe cores e caráter de um milagre, isto é: de um fato fora das leis estabelecidas, para castigo dos réprobos e exemplo a seus imitadores.

Nem é isto coisa singular, pois que a mesma razão de ser tiveram: a invenção dos demônios, Espíritos criados perfeitos, mas que iludiram as vistas do Criador e se fizeram mais que imperfeitos - e a invenção do Inferno, estação impossível, onde os seres imperfeitos, vencidos por inimigo milhões de vezes mais forte, a quem o próprio Criador os entregou, vão sofrer por isto os mais horrorosos castigos, por todos os séculos dos séculos sem fim.

Os milagres, porém, já fizeram seu tempo, como o Deus de tremenda majestade - como esses seres, que, se fossem reais, provariam que Deus não é o Onipotente como essas penas eternas, que seriam provas, não da justiça, mas da mais tirânica crueldade do Senhor; e já fizeram seu tempo, porque a humanidade já não está no caso das crianças, que se levam pelas intimidações com tutus e papões.

Hoje, graças às revelações que têm sido feitas à Terra - graças, principalmente, ao sublime ensino de Jesus, o homem terreno já indaga da razão das coisas - já merece conhecer a verdade,

embora relativamente, porque ainda não tem luz bastante para conhecê-la em absoluto.

É por isto que foi Deus servido mandar à Terra, por seus mensageiros espirituais, a Revelação espírita, científica e religiosa, e complementar do ensinamento do Divino Mestre.

É por isto que nos é dado conhecer a verdade desses fatos, atribuídos a milagres, para nossa instrução e ciência de que a obra de Deus é tão perfeita, que não pode ser tocada, nem alterada, nem suspensa em seu modo de ação.

O que há de mais natural do que a erupção de um vulcão produzindo a destruição de algumas cidades?

O fato bíblico é verdadeiro, como tudo o que se encontra naquele livro sagrado, escrito por um Espírito elevadíssimo, que já conhecia as leis da criação.

O modo de explicá-lo, é que, devido à circunstância de tempo, adulterou-lhe o caráter, que devia, como foi agora, ser trazido à sua pureza.

Caiu, com efeito sobre as cinco cidades uma chuva de matéria ardente; mas essa matéria, que, por alta conveniência, se disse ter caído do céu, como as águas do dilúvio, foi simplesmente vomitada por um vulcão, que rompeu naquele lugar.

Espíritos amigos, com a permissão do Senhor, atentos aos merecimentos de Lot, vieram avisá-lo da catástrofe iminente, porque lá das alturas se conhece previamente o que se há de dar, por obra das leis estabelecidas - e estes Espíritos, já elevados à categoria de anjos, desceram na ocasião oportuna, e mandaram ao preclaro varão, que fugisse ao perigo que não quiseram evitar os povos malditos, fazendo penitência.

E, com efeito, quando Lot se afastou da cidade, irrompeu o vulcão, cujas lavas apanharam a mulher daquele varão, não por ter olhado para trás, mas por ter sido retardatária¹⁴.

O preceito de fugir sem olhar para trás, só tinha um fim, era fazer que se colocassem o mais depressa possível fora do alcance das lavas do vulcão.

Que outro alcance poderia ter? O que importava, sob o ponto de vista de qualquer outra relação, que olhassem, que se voltassem para ver o desastroso fenômeno?

14 (Nota do Organizador |) Vide Gn. 19: 1-29.

Assim, pois, esse fato de ter a mulher de Lot sido apanhada pelas lavas, que a cobriram e lhe deram a forma de uma estátua, que se disse de sal, por não sei que razão, não foi um castigo à desobediência - foi a consequência de ter parado dentro do círculo de ação do vulcão.

A lava deste, a julgar pelo fundo do Mar Morto, foi betuminosa; de onde a versão da chuva de enxofre!¹⁵

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 14.03.1892: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/4916

15 (Nota do Organizador) As explicações recebidas por Dr Bezerra da parte da espiritualidade sobre essa passagem bíblica concordam com as registradas pela grande médium Émilie Collignon quando da captação de “Os Quatro Evangelhos”, conforme se apresenta no tomo terceiro dessa obra, item 226: “Quanto à destruição de Sodoma, a ciência a explicou. Não temos que entrar em minúcias a esse respeito. Naquela época, havia na Terra um foco mais incandescente do que agora; amiudados terremotos abriam na crosta terrena fendas por onde se escapavam gases inflamados, matérias sulfurosas e betuminosas. Essas matérias, arremessadas aos ares como projetis, pela força de expansão dos gases, iam cair sobre os homens tomados de espanto. A destruição de Sodoma resultou de uma dessas erupções. Houve incêndio e afundamento do solo”.

Artigo CCXXIX - O PAIZ, 20.03.1892

Houve um homem que veio à Terra em tempo da barbárie universal, quando a força sobrepujava o Direito, palavra vazia de sentido, uma vez que os reis eram senhores da vida e da fortuna de seus súditos - o marido tinha a mulher como uma escrava - o pai dispunha da liberdade do filho - toda a autoridade tinha direito discricionário.

Aquele homem ensinou uma doutrina, por obra da qual passou o mundo pela mais completa revolução, tal que os reis tornaram-se mandatários de seus súditos - o marido igual à sua mulher - o pai protetor amigo de seus filhos - toda a autoridade, enfim, subordinada a leis, que tolhem os abusos.

Daquela Doutrina procedeu, pois, a verdade do Direito na Terra - sua supremacia sobre a força, que passou a ser mero instrumento de execução das leis reguladoras do Direito público - do Direito da família - do Direito individual; e procedeu igualmente: a moral, que domina o mundo civilizado - a civilização, que é o lustre do nosso século - e a liberdade, que é hoje o sublime apogeu do cidadão e dos povos.

E aquele homem, a quem o mundo deve todo o bem que goza hoje - que arquitetou essa obra gigantesca, surpreendente, impossível, que os sábios admiram - que o século das luzes, por voto unânime das nações, confessa divina, nem era um sábio, nem encontrou em seu tempo os elementos para fazê-la.

Daí, a fundada convicção universal de que foi Ele um enviado - um ser providencial - convicção ainda mais firmada em suas qualidades pessoais, superiores à de todos os homens, desde os tempos pré-históricos até hoje.

Jesus, o fundador daquela Doutrina, que reformou o mundo, firmando os altos princípios da moral - do Direito - e da liberdade, era manso como a pomba - doce como o mel - casto como a vestal - caridoso como só Ele - devotado por amor a seus semelhantes, até sofrer por eles, sem um queixume, o mais ignominioso suplício.

Jesus, que foi o anjo tutelar da mísera humanidade oprimida, é o único homem, que, depois de morto, não deixou de ser alvo das invectivas¹⁶ de seus inimigos.

São decorridos 19 séculos, depois que Ele desapareceu da Terra - e ainda hoje ferve, viva e incandescente, como se vivo fora, a luta entre os que o atacam e os que o defendem; solene prova de que nunca houve na Terra quem se lhe aproximasse em valor moral.

E sua Doutrina, deturpada embora, até pelos que se dizem seus representantes na Terra, mantém-se sobranceira a todos os golpes; prova ainda mais solene de que não a reveste o caráter humano, pois que não há obra humana que resista ao tempo - ao progresso constante da humanidade - que seja imperecível.

Apareceu em nosso século outro homem, grande sábio, que, aproveitando os elementos que lhe ministrou o progresso realizado por obra da Doutrina de Jesus, construiu, por orgulho - por ambição de seu chefe de seita, uma doutrina oposta à deste, que poderá seduzir pelo brilho, mas que, em sua essência, não tem por onde resistir a uma análise racional e conscienciosa; uma doutrina, que só tem valor pela moral, que não é especial - que é toda copiada, com retoques sem importância, da moral de Jesus - uma doutrina cuja parte filosófica, para prova de sua debilidade, se firma sobre este princípio: "só aceitar o que é materialmente provado!"

Vê-se por aí: que muito propositadamente essa doutrina repeliu de seu campo de estudos a ideia de Deus - da alma - de todos os fenômenos em suma do mundo espiritual, que de nenhum modo podem ser apreciados, na opinião corrente do chefe e dos

16 (Nota do Organizador) Expressão injuriosa e violenta; discurso vibrante contra alguém. (Fonte: Dicionário Priberam Online)

sectários do - Positivismo - pelos seus processos e aparelhos, apenas sensíveis, aos fenômenos materiais.

Que qualidades pessoais, conferentes com sua própria, moral, exibiu A. Comte¹⁷, comparáveis com as de Jesus?

Que benefícios tem produzido à humanidade a doutrina positivista em absoluto - e, principalmente, com relação à de Jesus?

Comte diante de Jesus é o orgulho humano diante da humildade angélica - é ambição pessoal diante da abnegação até o sacrifício da vida!

O Positivismo diante da pura Doutrina de Jesus é a pretensão filaiuciosa¹⁸ diante da Verdade atestada por 19 séculos de provas espalhadas por todo o mundo.

Tudo o que aí fica exposto está tão gravado na consciência universal que só um cego fanatismo ou o espírito de sistema poderão contestar.

Se Deus existe, apesar de não ter a honra de ser reconhecido pelos positivistas - e se a Doutrina de Jesus é emanada de seu infinito amor pela humanidade, como o crê a universalidade das gentes - e o revela seu caráter de indestrutibilidade, o que será de uma nação, que preferir pela doutrina de Comte, a se-lo pela de Jesus?

Tomando o chefe do Positivismo por patrono, ela tem a certeza de que toma um homem como qualquer outro, com todas as fraquezas e falibilidades humanas.

Tomando por guia e protetor a Jesus, ela não pode deixar de ficar, pelo menos, na dúvida de ter por si um homem ou um ministro do Senhor, e em todo o caso um homem muito superior a Comte - um homem a quem o mundo deve todos os benefícios que hoje frui.

Naquela dúvida, pois, que vai de encontro à opinião dos povos, quem, com juízo reto, preferirá ao superior o inferior?

17 (Nota do Organizador) Auguste Comte - filósofo francês, nasceu em 1798, em Montpellier, em França, e morreu em 1857, em Paris. Foi o fundador da Sociologia e do Positivismo. (Fonte: Infopedia)

18 (Nota do Organizador) Excessiva confiança ou orgulho exagerado em si próprio; jactância, presunção. (Fonte: Dicionário Priberam Online)

Elevar sobre o símbolo do maior progresso humano realizado o símbolo de um homem que nenhum bem fez à humanidade, além de ser uma temeridade, uma provocação perigosa, é uma humilhação do caráter nacional no juízo das nações civilizadas.

Seria misticismo inadmissível tomar uma nação por estandarte a bandeira branca com a verônica do Cristo¹⁹; mas entre o misticismo e a ímpia e humilhante lembrança de tomar para símbolo de uma nacionalidade o de uma seita repelida por todo o mundo, mil vezes a legenda dos povos antes que o trapo de uma grei²⁰.

E atribuem os desastres de toda a ordem que afligem a nação, cujos diretores preferiram um homem a Deus - atribuem todos os males que caem, como chuva, desde tal renúncia à proteção celeste, a mera casualidades, sem se lembrarem de que a ruína e a desolação sem fim do povo hebreu teve seu princípio no dia em que preferiu Barrabás a Jesus.

Deus existe, meus senhores, ainda que não queiram - e a sua justiça se faz na Terra, mesmo sem vossa licença.

O que não é humano, é levardes uma nação inteira a provocá-la, não por compartilhar vossas desgraçadas ideias, mas por ter a fraqueza de não repeli-las, sustentando sua fé.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 20.03.1892: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/4952

19 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra faz menção aqui ao episódio do sudário de Cristo, conhecido como "Véu de Verônica". Segundo a tradição católica Santa Verônica ou Berenice foi uma mulher piedosa de Jerusalém que, comovida com o sofrimento de Jesus ao carregar a cruz até o Gólgota, deu-lhe seu véu para que ele pudesse limpar seu rosto. Jesus aceitou a oferta e, após utilizá-lo, devolveu-o à Verônica, quando então percebeu-se a imagem de seu rosto impresso nele. A relíquia tem 17 x 24 cm e encontra-se hoje no Santuário do Santo Rosto de Manoppello, sito no pequeno povoado dos Abruzos, nos montes Apeninos, a uns 200 quilômetros de Roma. (Fontes: Wikipedia e <https://cleofas.com.br/>).

19 (Nota do Organizador) Sociedade; partido. (Fonte: Dicionário Priberam Online)

Artigo CCXXX - O PAIZ, 27.03.1892

Se fosse verdade, como ensina a Igreja romana, que as almas, depois desta única vida, qualquer que seja seu atraso ou seu adiantamento, são definitivamente julgadas - e vão para o Céu ou para o Inferno; teríamos:

Que massas imensas da nossa pobre humanidade, desde aqui estão marcadas com o selo da condenação;

Que, portanto, estes milhões de selvagens, que não receberam a lei da Igreja, estão condenados, irremissivelmente;

Que a raça negra, com exceção de alguns escravos, que viveram em contato com a civilização, é toda irremissivelmente condenada;

Que as centenas de milhões de sectários do Bramanismo e do Budismo vão sem remissão para o Inferno;

Que toda a população hebraica, contumaz na repulsa ao Evangelho de Jesus Cristo, não tem que esperar a salvação;

Que o maometano, sectário dos grosseiros preceitos do Alcorão²¹, em vez do prometido paraíso das huris²², vai encontrar-se com as caldeiras de Pêro Botelho²³;

21 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se naturalmente aos aspectos mais materiais do Alcorão - à sua parte humana, como por exemplo a validação da poligamia - e não poucas vezes salientou que todos os credos têm misturados, em suas tradições, conteúdos humanos e divinos, sendo os primeiros sempre provisórios e relacionados a seu contexto histórico-geográfico; enquanto os segundos são universais, sagrados e eternos.

22 (Nota do Organizador) Mulheres belas e virgens que, segundo o Alcorão, desposam no Céu os muçulmanos. (Fonte: Dicionário Priberam Online)

23 (Nota do Organizador) Vide no 2º. vol. desta coleção a nota 278, à pág. 255. .

Que os protestantes, luteranos, calvinistas, anglicanos, cismáticos, gregos e hoje os possesores espíritas, que já se contam por milhões, podem-se considerar, desde a Terra, nas trevas exteriores;

Que, finalmente, materialistas, positivistas, céticos, e até os que dedicam ao estudo da filosofia, fora das normas de São Tomás, e ao estudo das ciências profanas, nem por pensamento podem lembrar-se de escapar ao juízo de Satanás.

Mesmo entre os católicos, os soberbos - os avarentos - os luxuriosos - os irascíveis - os gulosos - os invejosos - os preguiçosos, isto é, os contaminados de pecado mortal, que são quase todos os que fazem o sinal da cruz, se até à hora da morte não se arrependeram muito da alma e do coração, já se lhes pode prognosticar: condenação eterna.

Ora, à vista deste quadro, cujas cores não carregamos, que desenhamos com as tintas que nos dá a Igreja romana, perguntamos a qualquer fiel, ao clero, ao Papa:

Quantos são os membros da humanidade que se salvam da perdição eterna?

Que Deus é este, dizia-nos outro dia Silva Jardim, em sua primeira aparição entre os vivos²⁴ - que Deus é este, que faz o homem fraco e ignorante - e condena-o porque ele não produz obra de gigante e de luminar?

Pode-se crer: que a maior parte - a quase totalidade das raças humanas, estejam, por sua própria natureza, condenadas, de geração em geração, desde o princípio até o fim do mundo?

O Papa infalível não vê que semelhante doutrina depõe contra o amor - contra a bondade - contra a misericórdia - e até contra a justiça do Altíssimo?

Silva Jardim, este Espírito alevantado, que não foi devidamente apreciado pelos seus, tendo recebido uma educação católica, que o obrigava a crer em tudo ou a não crer em nada do que

24 (Nota do Organizador) Antônio da Silva Jardim (1860 - 1891) - advogado, jornalista e ativista político brasileiro. Aos 30 anos de idade, visitou Pompeia, na Itália e, curioso por conhecer o vulcão Vesúvio, foi tragado por uma fenda que se abriu na cratera da montanha. Em homenagem ao jornalista morto, foi determinado que o município fluminense de Capivari, onde nasceu, recebesse o seu nome, passando a denominar-se Silva Jardim. Deve ter-se manifestado, mediunicamente, no grupo de Dr. Bezerra. (Fonte: Wikipedia)

ensina a Igreja romana, estudou os dogmas católicos - e por eles descreu da verdade da religião - e até do próprio Deus, que o infalível apresenta como um tirano, antes que como um Pai.

Em sua argumentação, o denodado émulo de Plínio²⁵ demonstrou com aquela eloquência veemente, que lhe conhecemos em vida: que Deus não podia ser senão um mito; pois que em todas as religiões que dividem a humanidade a ideia que Dele se dá é inadmissível, quando não é ridícula ou repugnante.

Quando, porém, rebatendo no ponto de ser ou não uma realidade a existência de Deus, nós lhe expusemos o ensinamento espírita, que dá o homem criado em identidade de condições, para a salvação que é universal, tendo para isto todos os meios, que dependem de sua livre vontade aproveitar ou não, dando uma infinita variedade nos graus do progresso, que notamos na humanidade terrestre;

Quando lhe descrevemos a lei da evolução dos Espíritos, mediante as vidas sucessivas e reparadoras pelas quais o selvagem - a raça negra - todas as raças humanas²⁶, ora distanciadas da luz da verdade, volverão a centros onde a receberão;

Quando lhe descrevemos: como o Pai, que não quer a morte do próprio ímpio²⁷, dá a mão aos que caem, confiando-os a um Espírito superior, que chamamos — Anjo da Guarda, para esclarecê-los e encaminhá-los - e, principalmente, concedendo-lhes nova existência, para repararem, nos sofrimentos da Terra, que é um dos purgatórios, o mal que fizeram e pelo qual macularam

25 (Nota do Organizador) Caio Plínio Segundo (23 - 79 dC.), conhecido também como Plínio, o Velho, foi um naturalista romano, como também escritor, historiador, gramático, administrador e oficial do exército. Era tio de Plínio, o Jovem. Segundo a tradição, faleceu como Almirante da frota de Miseno, próximo a Nápoles. ao tentar observar a erupção do vulcão Vesúvio em 79, ao mesmo tempo em que também tentava salvar os habitantes da costa que fugiam. (Fonte: Wikipedia)

26 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra expressa-se neste ponto segundo os conhecimentos científicos de seu tempo; hoje já é sabido que há apenas uma raça humana, e que apesar das variações físicas das diferentes etnias nosso código genético é 99,99% igual. Vale ler a respeito interessante artigo publicado sobre o tema pelo site da BBC News Brasil, de 12 de junho de 2020, como o título ["Racismo: como a ciência dismantelou a teoria de que existem diferentes raças humanas"](#).

27 (Nota do Organizador) Ex. 33:11. já referido nos volumes anteriores desta coleção.

sua alma, que em tal estado não pode sentar-se à mesa farta da divina caridade;

Quando, finalmente, lhe mostramos: que o amor do Pai chegava a fornecer lances ao filho em expiação, para que este os aproveitasse, usando de sua liberdade, no intuito de lavar-se das passadas impurezas e de subir na escala do progresso, que é o caminho da casa do Pai;

Então, num de seus costumados arroubos, exclamou: que, assim, sim, reconhecia a Deus e adorava-O.

E o mais notável, depois daquela confissão, arrancada à mais profunda incredulidade, como já acontecera a Benjamim Constant, foi que, como se fora subitamente iluminado, desenvolveu magistralmente, e com indizível entusiasmo, os princípios fundamentais do Espiritismo!²⁸

Roma, pois, querendo dominar pelo terror, tem afastado do aprisco do Senhor todos quantos não abdicam o direito de pensar, que lhes vem de Deus, sujeitando-se a dogmas repulsivos, em si, e deprimentes do Ser infinitamente perfeito.

Roma não vê, que, por sua lei, de um milhão não se salva, talvez, nem uma alma?

Roma não conclui daí: que sua lei não pode ser a do Pai de amor - e, portanto, que lhe cumpre procurar a verdade, que certíssimamente não está consigo?

Longe disto, insiste em sua obcecação!

Aparece o Espiritismo, que não é invenção humana - que é Revelação feita pelos Espíritos do Senhor - aparece esta sublime Doutrina, que ensina ao homem: quem é - donde veio - para onde vai; que o enobrece, como o mais elevado grau da criação, cuja marcha é sempre ascendente para a perfeição - para Deus; que apresenta o Criador à luz puríssima de suas eternas perfeições; e

28 (Nota do Organizador) Benjamin Constant Botelho de Magalhães (Niterói, 18 de outubro de 1833 — Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1891) foi um militar, engenheiro, professor e estadista brasileiro. Adepto do Positivismo, foi um dos principais articuladores do levante republicano de 1889. Sobre sua conversão póstuma ao Espiritismo, vale a pena ver mensagem de sua autoria, recebida por Frederico Pereira da Silva Jr. - grande médium do grupo Ismael, em sua formação original - constante do volume “As Virtudes do Céu”, de Marco Aurélio L. de Assis, ed. CRBBM 2012, págs. 313 e 314 (download gratuito no site da Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes, no endereço <https://www.crbbm.org/media/AS%20VIRTUDES%20DO%20C%3%89U%20.pdf>).

ela, por isto mesmo - por ver que lhe escapa o cetro do mando, se quiser converter-se à verdade, excomunga o Espiritismo!!

Roma, Roma, convertere ad Dominum, Deum tuum²⁹.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
“Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 27.03.1892:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/4992

29 (Nota do Organizador) Localizamos a expressão em Oséas, 14:2, traduzida na versão católica como “Muni-vos de palavras {de súplicas} e voltai ao Senhor”.

Artigo CCXXXI - O PAIZ, 03.04.1892

Começam a aparecer os resultados da ousada pretensão de avassalar-se um povo de 14 milhões de almas ao sistema artificial e insubsistente do Positivismo, obra de um homem, que não tem senão o esmalte, que lhe emprestou a vasta e bem cultivada inteligência de seu autor.

Que uma dúzia de moços se deixem seduzir pelo brilho exterior daquela filosofia, se este nome merece a obra de Comte, arquitetada sobre areia ou sobre nuvens, que não resistem ao sopro da razão refletida - e da experiência bem dirigida;

Que se deixem arrastar ao seu nada pelo atrativo da irresponsabilidade, pela não existência de quem lhes possa tomar contas, sem considerarem que é mais difícil admitir uma força cega, em vez de um ser onisciente e onipotente, como causa criadora e mantenedora das maravilhas incompreensíveis e pasmosas do Universo;

Que estas inteligências fogosas se deslumbrem com a ideia de uma falsa liberdade, que as nivela com os irracionais, não discutiremos aqui, mesmo porque já o temos feito mais de uma vez, demonstrando a temeridade de querer-se opor a obra de um homem comum à de Jesus, a quem o mundo deve a civilização e o progresso de que se orgulha a humanidade de nosso tempo.

Que, porém, os obcecados pretendam impor a uma nação cristã suas ideias repelidas por todos os povos - inconciliáveis com a razão, despreocupada de preconceitos - e jamais patrocinadas pela experiência científica, é o que pareceria impossível ao maior fantasista - ao próprio A. Comte, que morreu convencido de não ter organizado o sistema positivista senão para satisfazer

seu orgulho e para fazer os gostos de alguns espíritos irrefletidos e inexperientes.

Entretanto, vimo-lo: o governo provisório, aproveitando-se da ideia altamente liberal da separação da Igreja do Estado, procreveu os símbolos cristãos - e tomou para símbolo da nação brasileira os do Positivismo!

Isto fará que se aponte o Brasil como a única nação do século XIX, que, descendo abaixo do nível da Sibéria, calçou a lei que transformou o mundo de bárbaro em civilizado, para abraçar-se com uma causa que a humanidade não tomou - não toma - não tomará a sério - porque é tão insubsistente como o sistema de Dupuy³⁰!

Assim que vimos aquela injúria cuspidada às faces do povo brasileiro por seus diretores políticos, julgamos de nós para nós, que, se a massa social não se levantasse a protestar contra semelhante ignomínia, Deus - esse Deus que todos dizem adorar, que 14 milhões deixam vilipendiar, deixaria entregue o Brasil a si mesmo - aos próprios recursos - a seu livre-arbítrio.

E parece que não nos enganamos, pois que este povo, que assistiu impassível ao deicídio moral, ainda não teve, desde o incrível fato, uma gota do orvalho do céu a mitigar-lhe as dores em que se tem estortegado³¹, ano por ano - e, pode-se dizer minuto por minuto.

Os políticos, diante do dismantelo geral, dizem: obra da República; mas bem se compreende que nada tem a forma do governo com os desastres devidos à ação de leis naturais.

A verdade é: que os povos têm a sua providência e os que lhes dispensam a proteção, são como o náufrago, que se debate contra as ondas, e que despreza a tábua de salvação, que se lhe atira.

Não há fanatismo nestas palavras. A História demonstra: que os povos que se abraçaram com a cruz, salvaram-se da ruína e da destruição; a que foram condenados os que a repeliram.

O que é feito da nação judaica, cujos filhos, único povo da Antiguidade, que não descansa no leito dos túmulos, arrastam

30 (Nota do Organizador) Infelizmente não conseguimos localizar a quem aqui exatamente Dr. Bezerra se refere.

31 (Nota do Organizador) Contorcer-se de dor física, moral ou emocional. (Fonte: Dicionário Michaelis online)

uma existência oprobriosa³², disseminados por toda a superfície da Terra?

É para sério estudo o que se dá com esta desgraçada raça.

Sírios - medas - caldeus - todos os povos que constituíram os poderosos impérios da Antiguidade, com exceção única dos persas, não têm hoje nome senão na História.

Os judeus, porém, aí estão, sem se confundirem com os povos, em cujo meio subsistem, constituindo uma raça, mas sem poderem formar uma nação, como ainda formam os persas³³.

Evidentemente Deus serve-se deles para exemplo de que as nações que tiveram a luz e a repeliram, viverão nas trevas - e não terão a quem recorrer, senão à sua própria fraqueza.

Nós fazemos como os judeus: preferimos Barrabás a Jesus; só a nós devemos as calamidades, que não temos o poder de remover de sobre as nossas cabeças.

Auguste Comte, cujo lema tomamos para nossa bandeira - para símbolo da nação, que nos venha acudir!

Senhores, que tendes a direção deste país digno de melhor sorte, sede seguros de que um povo sem Deus é como um campo lavrado onde não cai gota d'água do céu.

E ainda não temos tudo o que há de provir do ato considerado e condenável do governo provisório!

A guerra às imagens, obra de fanáticos, animados pelo golpe dado na religião de nossos pais, é o início de calamidades maiores do que as que nos acabrunham.

Enquanto o governo da nação não reconciliar a nação com as crenças baseadas na verdade eterna - enquanto tremular no mastro dos nossos navios o símbolo da doutrina do nada, em lugar de Deus - enquanto a intendência, dominada dos princípios vãos dessa doutrina, ensinar o desrespeito aos símbolos, com os quais, não diremos pelos quais, prosperou a nação, e trancar as portas à ciência por um incompreensivo culto dos mortos - enquanto o Estado não invocar a proteção do Deus de misericórdia, permanecendo contumaz em seu culto pecaminoso das ideias de um homem; a onda, que nos assoberba, elevar-se-á mais e mais, até reduzir-nos às condições de Babilônia, a maldita.

32 (Nota do Organizador) Que encerra ou causa opróbrio; vergonhosa; abjecta; infamante. (Fonte: Dicionário Priberam online)

33 (Nota do Organizador) O Estado de Israel só declarou a sua independência em 1948; Dr. Bezerra desencarnou em 1900, como sabemos.

Qualifiquem os chamados espíritos fortes as nossas frases, como bem lhes parecer, que nem, por isso, a verdade deixará de ser a verdade - e as ruínas que nos ameaçam, deixarão de envolver-nos.

Marchem para o seu nada, com o seu Comte, que nós marchamos para Deus com o nosso Jesus.

No final, veremos quem tem razão!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
“Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 03.04.1892:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/5030

Artigo CCXXXII - O PAIZ, 10.04.1892

É um fato de observação universal, que não tem uma exceção: não haver uma criatura humana que passe a vida sem sofrer, que seja completamente feliz, mesmo na acepção mundana.

Desse fato decorre: que a humanidade, em todas as suas individualidades, traz à vida culpas que pedem sua punição.

Não se compreende, com efeito, que um inocente seja passível de sofrimentos, porque isto clamaria contra a justiça absoluta e indefectível.

Sofre o que tem culpas - o que não as tem, jamais - jamais sofrerá.

Mas a criança, antes de exercer sua liberdade - e, portanto, antes de ter responsabilidade, sofre, às vezes, horrorosamente; logo; logo a criança tem culpas, ou é falso que só quem as tem pode sofrer; ou justiça indefectível é uma palavra vã, ou Deus é um tirano.

Eis aonde nos conduz, lógica e fatalmente, o fato universal do sofrimento de todos os seres humanos!

Haverá quem possa negar a bondade de Deus? Haverá quem lhe possa recusar a justiça indefectível? Haverá quem possa conciliar com aqueles atributos do Ser infinitamente perfeito o sofrimento do inocente?

Então, é evidente que a criança, por seus sofrimentos, revela culpas de sua alma.

Mas, como ter culpas quem ainda não exercitou seu livre-arbítrio?

A Igreja romana corta a questão, no sentido de sua crença numa única vida, dizendo: a justiça soberana não permite que sofra o inocente - inocente é a criança, com efeito, tanto que, se

morrer nesse estado, vai ser anjo no céu - mas a criança, inocente em si, traz consigo a culpa original, que explica perfeitamente, seus sofrimentos e os conforma com a justiça de Deus.

Perdoe-nos a Igreja romana recusarmos aceitar explicações como esta, que repugnam o simples bom senso, quando temos por dogma: que Deus nos deu a razão, não para trazermos-la como um adorno, mas para aproveitarmos-lhe a luz em nossos juízos e resoluções.

Repugna ao bom senso admitir que a Suma Perfeição, que é a suma justiça, castigue a culpa de alguém em todos os seus descendentes, de geração, sem fim!

Quando é certo que consideramos mais nobre - mais perfeito, o homem que, recebendo ofensa do pai, não procura vingar-se no filho; é lamentável representar o Senhor menos nobre e menos perfeito, levantando vindita e o castigo, por toda a Eternidade, aos descendentes de um porque delinuiu!

A criança de hoje ainda sofre, apesar de inocente em si, pela culpa de Adão e de Eva, a seis mil anos de hoje!

É o caso de repetir o que disse dos Deuses do Olimpo o sublime mantuano: *tantae ne mentis celestibus irae*³⁴.

Não; Deus seria um tirano colérico e vingativo, em vez de um Pai clemente e misericordioso, se fosse verdade esta história do pecado original - do seu castigo (verdadeira vingança divina) aplicado a todos, que não têm culpa de descenderem de pais criminosos!

E, como conciliar a Igreja romana a tal culpa original, que leva a punição da falta de um homem até sua mais remota geração, com este texto sagrado:

“O pai não é responsável pelas faltas do filho, nem o filho pelas faltas do pai, mas cada um pelas próprias faltas³⁵.” Como conciliar isto com aquilo?

Deus diz, categoricamente: o filho não é responsável pelas faltas do pai - a Igreja diz em nome de Deus - todos os filhos de

34 (Nota do Organizador) Refere-se aqui Dr. Bezerra à frase do grande poeta Virgílio, nascido em Mântua, na região da Lombardia, Itália: “Tanto rancor na alma dos deuses” - diz ele, em sua “Eneida” (I,11), espantado diante do rancor de Juno contra os Troianos, mas no Dicionário Priberam online, de que nos servimos, a grafia em latim difere ligeiramente da transcrita acima: “*tantae ne animis caelestibus irae*”. Com a palavra, os especialistas em latim...

35 (Nota do Organizador) Ez. 18:20, já referido.

Adão e Eva respondem pela falta do primeiro pai, que é o tronco da humanidade!!

Que horripilante contradição! Que monstruosa blasfêmia!

Entre as duas versões sagradas, em flagrante oposição uma com a outra, qual é, qual não é conforme com o infalível critério da verdade: os predicados do Ser infinitamente perfeito?

Inquestionavelmente, castigar no filho a culpa do pai, é tão repugnante, que não precisa ser mais do que um homem reto e de bom coração, para ser ofensa atribuir-lhe tão asqueroso sentimento.

Não pode, pois, ser hoje aceita, senão como lenda propalada no tempo da infância da humanidade, esta história de serem Adão e Eva o tronco da humanidade, que, como se sabe, povoa um infinito número de mundos.

E, não sendo aquele pai o tronco da humanidade, nem mesmo terrestre; pois que da própria Bíblia se colige que a Terra já era habitada quando nasceram Adão e Eva, segue-se que o pecado original é pura imaginação, além de ser uma indigna invectiva contra Deus.

Não procede, portanto, a explicação da Igreja romana, quanto ao sofrimento das crianças inocentes.

Ainda mesmo que se pudesse admitir a transmissão da culpa de pai a filhos, como é a chamada - original, falharia a explicação católica; porquanto, em tal caso, todos os seres humanos teriam o mesmo grau de culpa - e, conseqüentemente, nenhum teria razão para sofrer mais do que os outros.

Vemos, porém, falando sempre das crianças, nas quais não pode influir falta própria, que umas sofrem mais - horrorosamente mais que outras; logo, não pode ser a mesma culpa que determina essa variedade de sofrimentos.

Para efeitos diversos, causas diversas, tão bem como efeitos opostos revelam causas opostas.

Se, pois, variadíssimos são os graus de sofrimentos da humanidade - e se tais sofrimentos acusam culpas daqueles a quem são infligidos; segue-se que cada indivíduo sofre por culpa sua, que não sendo a mesma em todas, explica a indicada variedade.

Culpa, porém, como ter o inocente que ainda não fez uso de seu livre-arbítrio? Eis o problema.

Nenhuma doutrina filosófica ou religiosa pôde ainda explicar este fato - resolver o problema; o que prova que lhes escapa a lei que os rege.

O Espiritismo dá esta lei, cujo conhecimento desfaz todas as asperezas - aclara todas as obscuridades - e harmoniza o fato com a justiça e com a misericórdia de Deus; e, apesar disto, ainda a Igreja romana excomunga o Espiritismo!

Admiti a preexistência - e tereis que cada pessoa traz a esta vida seu passivo das vidas anteriores; donde a variedade de culpas, revelada pela variedade de sofrimentos.

A criança, que ainda não cometeu faltas nesta vida, é velho peregrino que vem à vida carregado de passadas culpas, o que explica a justiça com que sofre, apesar de a julgarmos inocente.

E é porque não vêm inocentes à vida, que todos na vida sofrem!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 10.04.1892:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/5070

Artigo CCXXXIII - O PAIZ, 17.04.1892

É preciso ser um ente degradado até o último grau da miséria humana, para envolver em torpes invenções para provar falsamente a verdade das ideias que apregoa, a memória de quem lhe foi caro na vida - e cujas saudades ainda lhe fazem sangrar o coração.

Só a convicção a mais arraigada e o puro dever de repartir com seus semelhantes a luz que lhe é dada, não por seus merecimentos, mas por misericórdia de Deus, poderão induzir alguém a trazer, a expor ao escárnio dos que têm por hábito rir do que não compreendem, o nome adorado, que se acha guardado no sacrário do coração.

Max, a quem os que o conhecem farão a justiça de reconhecer-lo incapaz de uma falsidade - de um embuste, para fundamentar a Doutrina que abraça, sente o dever de dar às almas sequiosas de conhecer a verdade do destino humano a que lhe comunicou espontaneamente a filha querida de seu coração, que tão cedo foi arrebatada de seu acrisolado amor.

Fa-lo por bem de seus semelhantes e porque sabe que as levianas apreciações de infelizes, a quem não impressionam as verdades eternas, senão os gozos e prazeres desta vida transitória, não poderão profanar aquela alma ditosa, que já goza as inefáveis delícias da vida dos anjos³⁶.

Estávamos conversando, entre amigos, dos quais fazia parte um médium psicográfico.

36 (Nota do Organizador) Vide mais detalhes sobre o episódio neste mesmo volume, à página 25, Artigo CCXXIV, de 14.02.1892.

Tratava-se dos sofrimentos da morte - e Max referiu o que se deu no passamento de sua filha, por fundamentar sua opinião: de que os que acabam crentes da vida eterna pouco ou nada sofrem.

Cortou aquela ligeira discussão caro Espírito, atuando sobre o médium - e ditando-lhe estas palavras:

“A passagem da vida para a morte ou antes: da morte para a vida, é apenas uma síncope, de que se leva mais tempo a despertar.

“Agora compreendo que a agonia dos moribundos é apenas sofrimento do Espírito que não do corpo.

“É o Espírito que receia cair no bátrato³⁷ incompreensível do nada, se em coisa alguma acredita;

“É o Espírito que não vê nem reconhece senão o que vê e o que apalpa: a matéria e que, julgando-se perdida, julga-se perdido com ela.

“Eu, graças a Deus e a ti (conhecia a Doutrina Espírita) não sofri senão o ligeiro abalo que me levou à outra vida, e parece-me que um escuro véu rasgou-se imediatamente por sobre meus olhos e vi tudo e senti-me como uma nova criatura, e conheci todos e quem eu era.

“Achei-me nos braços daqueles a quem jamais julguei sequer, poder ver, tão afastada estava deles, por sua elevada hierarquia!

“Achei-me entre os que amaste e que também por mim foram amados de remotas eras.

“Achei uma nova família ou, antes, a continuação sucessiva e interrompida da que me ficou na Terra.

“Bendita e santa verdade, tão tarde revelada e por tantos escarnecida!

“Loucos divinos são os que a ensinam.

“Bendito seja o Senhor.”

Como se vê, ressaltam, desta simples e natural exposição altos ensinamentos para os que anseiam por luz sobre as causas desconhecidas dos mundanos.

O primeiro é que a criatura homem não acaba com a morte como pensam infelizes envolvidos nos meandros desta vida, sem afeiçoarem seus sentimentos e obras às exigências superiores do mais elevado viver.

37 (Nota do Organizador) Lugar em que há uma grande profundidade ou uma grande depressão abrupta; abismo, despenhadeiro, precipício, voragem. (Fonte: Dicionário Priberam Online)

“Do outro mundo, dizem os próprios que acreditam na vida futura, ninguém veio ainda dizer nada.”

Como se iludem, e como será cruel o desengano dos que só acreditam no nada depois da morte!

Vivem como quem não tem responsabilidade, além da social, que podem facilmente iludir, e um dia encontram-se com a realidade, que repeliram como ideias de visionários, e um dia serão obrigados, pela luz vivíssima da verdade, que lhes transpassará o Espírito como se fosse ferro em brasa, a ter dó de si mesmos por terem acumulado a maior responsabilidade: a negação Daquele a quem devem o ser!

Horroroso despertar de um sono deleitável!

Nem lhes vale a atenuante da ignorância, porque por mil bocas Deus tem feito chegar a seus olhos as maravilhas de sua criação, e as vozes que as convidam a virem ver e apalpar!

Esta prova que tivemos, acima transcrita, todos poderão ter. E por que não a procuram?

Pensam, talvez, que negando o poder de Deus e a sua responsabilidade, Deus deixa de ser - e eles deixam de ter a quem prestar contas!

O segundo ensino que nos dá aquela comunicação é: a morte é tanto mais dolorosa quanto mais aferrado às coisas materiais é o Espírito - e tanto mais suave quanto é este crente da sua vida futura (scilicet³⁸ da sua imortalidade) e da existência de Deus, Pai de justiça e de misericórdia.

A razão foi ali dada - e tal que só os obcecados não aceitarão.

Quem só acreditou na matéria, vendo sua matéria vivificada próximo a extinguir-se, vê também próxima sua própria extinção.

E como, a despeito de todas as teorias, o Espírito, imortal, tem horror à extinção, o desgraçado esforça-se por apegar-se aos últimos liames que ainda o prendem à vida.

Daí, a horrorosa agonia dos incrédulos - daí a serena tranquilidade dos que têm fé - dos que sabem que a morte é apenas uma porta que separa o mundo material do espiritual: “Uma síncope de que se leva mais tempo para despertar.”

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 17.04.1892: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/5107

38 (Nota do Organizador) Isto é. (Fonte: www.dicionariodelatim.com.br)

Artigo CCXXXIV - O PAIZ, 24.04.1892

Disse Allan Kardec:

“A qualidade de espírita, aplicada a todos os graus da crença compreende um número infinito de variedades: desde a simples crença nos fatos de manifestações, até as mais altas deduções morais e filosóficas - desde o que, não passando da superfície, não vê no Espiritismo senão passatempo de curiosidade - até o que procura a concordância dos princípios com as leis universais, e sua aplicação aos interesses gerais da humanidade - desde, enfim, o que não vê senão um meio de exploração, em próprio proveito, até o que vai beber nele os elementos de seu melhoramento moral.

“Dizer-se espírita, mesmo espírita convencido, não indica, pois, de modo algum a medida da sua crença.

“Esta palavra diz muito para uns - e nada para outros.

“Uma assembleia, para a qual se convidassem todos os que se dizem espíritas, apresentaria um amálgama de opiniões divergentes, impossíveis de se ligarem - e nada produziriam de sério - e abriria suas portas aos que se empenham em levantar discussões nocivas.

“Esta falta de precisão, inevitável no princípio e durante o período de elaboração, tem, muitas vezes causado lastimáveis enganos, fazendo atribuir à Doutrina o que é abuso e desvio dela.

“É pela falsa aplicação que diariamente se faz da qualidade de espírita, que a crítica, que pouco se importa de descer ao fundo das coisas, e menos ainda de estudar o lado sério do Espiritismo, acha matéria para suas afinações.

“A seus olhos é representante da Doutrina quem se diz espírita, embora faça do Espiritismo o que da Física fazem os prestidigitadores, seja embora um saltimbanco.³⁹”

Há, pois, diz o fundador da Doutrina - e o diz o simples bom senso fundado na observação; há espíritas e espíritas.

Aqueles que procuram afeiçoar seus pensamentos e seus sentimentos - suas palavras e suas obras, aos princípios essenciais da Nova Revelação científico-religiosa - que procuram a concordância dos princípios com as leis universais, e sua aplicação aos interesses gerais da humanidade, esses são verdadeiros espíritas.

Os outros, porém, que tomam os fatos espíritas por objetos de curiosidade, ou por meios de exploração em próprio proveito, esses de espírita só têm o nome.

Entre nós, onde nada se estuda a fundo, o que se vê, com honrosas exceções?

Veem-se homens ignorantes dos princípios universais da Doutrina, que não procuram aprofundar para melhorarem moralmente, tomarem a direção de trabalhos de manifestações, não colhendo senão o que merecem: mistificações grosseiras, que eles tomam por sublimes - não produzindo senão perturbações mentais dos adeptos, donde a opinião de que o Espiritismo faz loucos, porque a crítica, “que pouco se importa de descer ao fundo das coisas, e menos ainda de estudar o lado sério do Espiritismo, atribui à Doutrina o que é abuso e desvio dela.”

Veem-se outros, sempre ignorantes dos verdadeiros princípios, fazerem-nos valer em proveito de suas ideias particulares e até de suas paixões políticas, sem se lembrarem de que a excelsa Doutrina tem por fim a elevação do caráter humano pelo verdadeiro progresso moral e intelectual do homem.

Ainda há pouco tempo vimos publicadas neste jornal, comunicações tão eivadas de paixão política, que chegavam a ser ofensivas ao caráter dos homens, que dirigem os destinos da nação.

Sabemos que há Espíritos atrasados que, mesmo do Espaço, provocam os ódios cá na Terra; mas os verdadeiros espíritas,

39 (Nota do Organizador) Kardec, Allan. “Obras Póstumas”, Cap. “A Constituição do Espiritismo”, parágrafo 8 - “Do Programa das Crenças”.

empenhados na cruzada regeneradora da humanidade pela divulgação dos sacrossantos ensinamentos do divino Jesus, nunca devem ser instrumentos e arautos daqueles infelizes, por quem devemos, antes, orar por eles a Deus.

Uma daquelas comunicações, falsamente assinada por - Silva Jardim - é um brado de guerra quase selvagem, que faria julgar o distinto moço, tão cedo roubado à pátria, um energúmeno preso ainda totalmente às paixões mais violentas, que se podem aninhar no coração de um atrasado.

Falsamente assinada por Silva Jardim, dizemos, porque este procurou-nos para dizer: que sua não era tal comunicação - que continua a amar sua pátria, a desejar-lhe todo o progresso; mas que, já divisando horizontes, que lhe eram incógnitos na vida terrena - já abraçando princípios, que lhe foram indiferentes, jamais poderia ter aquela linguagem violenta - jamais poderia aconselhar meios subversivos da ordem, sem a qual nenhum progresso é possível.

Ora aí esta como os que mandaram publicar aquela comunicação, sem terem o cuidado de verificar escrupulosamente a identidade do Espírito, que expuseram à animadversão⁴⁰ de uns e ao mau juízo de outros, fizeram injustiça àquele cujo nome um infeliz do Espaço tomou por bandeira de suas ideias atrasadas - e lesou gravemente a Doutrina, tudo no interesse político que não no das grandes ideias do melhoramento da humanidade.

Nosso fim, trazendo a lume estes fatos, não é censurar a ninguém - é prevenir novas inconveniências destas, que dão motivo aos inimigos para atacarem a Doutrina.

Mesmo que fosse de Silva Jardim a comunicação, que tanto pesar lhe causou, o que ganharia a Doutrina com sua publicação? Nada - e pelo contrário perdia, por fazer-se tomar como instrumento de propagação de meios violentos e reprovados, quais os que ali são aconselhados contra o poder estabelecido.

Podem-se publicar comunicações dos Espíritos; mas só quando elas conjuram os homens a abraçarem ideias verdadeiramente espíritas, isto é: ideias que sirvam de faróis à humanidade, na marcha para seu alto destino, tanto intelectual como moral.

40 (Nota do Organizador) Censura, repreensão, ódio, embirração. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Tudo o que não for isto - tudo o que, em vez de apurar os sentimentos, deturpados pelas paixões terrestres, só fizer encandecerem estas lamentáveis paixões, nunca jamais será obra de verdadeiros espíritas - nunca jamais será conducente com os princípios do Espiritismo.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 24.04.1892:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/5146

Artigo CCXXXV - O PAIZ, 01.05.1892

Dentre todos os mistérios indecifráveis à razão humana, o que se simboliza n'um berço é talvez o mais impenetrável, tanto quanto rico de poesia.

Ali, naquele ninho, tosco ou artístico - moldado em pobres palhas ou em ricos veludos, - bafejado pelas auras comuns ou pelos filtros das fadas, há sempre uma esfinge.

O que pensa aquela miniatura de homem ou de mulher, que nada conhece da vida - e que, entretanto, sente-lhe o aguilhão?

A mimosa flor dos prados parece não ter mais consciência de suas graças e perfumes, do que ela tem de sua pureza, de sua inocência, de seus angélicos encantos.

É um ser racional - e não dá sinal de encerrar em si vislumbre desse poder mágico, que lhe dá supremo domínio na Terra!

Se tem alma, como não exerce a principal faculdade da alma - aquele que lhe é inseparável apanágio?

Compreende-se mais facilmente a não-existência do princípio espiritual, do que a existência desse princípio sem a inteligência - sem a razão - sem a consciência.

É possível existir claridade sem luz ou luz sem claridade?

Entretanto, o que não pode a razão humana compreender, ali está bem patente n'um berço - em qualquer - em todos os berços!

Que maior enigma?!

Ali está o nó da verdadeira ciência humana - e os sábios passam por ali - e vão além procurar os segredos da natureza!

Qual a fonte de maior saber - do verdadeiro saber que deve começar pelo nasci te ipsum?⁴¹

41 (Nota do Organizador) O texto original traz a citação como “nasci te ipsum”,

Aquele que, sem cogitar do que é, procurar aplicar aos espaços infinitos as faculdades que possui, mas que não sabe porque, nem para o que possui, reproduz em todo o tempo o empreendimento de Ícaro⁴².

Num berço - nesse mistério indecifrável, aos que pensam, está a verdadeira ciência humana - aquela donde jorram torrentes de luz sobre todas as ciências da natureza em geral.

Quando a humanidade chegar à decifração daquele mistério, todas as ciências terão cimentadas suas funções e claros seus horizontes.

Que não se veja, pois, num berço um simples punhado de matéria orgânica animada.

O que é, porém, o recém-nascido?

Corpo é; mas será somente corpo?

A alma ainda não está com ele, visto que se não manifesta nele a inteligência?

Os que pensam que o homem é simples organização material, explicam facilmente o fato, respondendo: sim; ainda não está, nem estará jamais com ele.

Como explicarão, porém, esses tais a lenta ou rápida transformação daquela completa ignorância - daquela invencível incapacidade; na capacidade e no saber de um Sócrates - de um Platão - de um Biot⁴³, e de mil outros?

É que o cérebro da criança ainda não possui as energias que vai adquirindo com a idade.

Se fosse possível aceitar-se a doutrina materialista, força é confessar: que o segredo do berço estaria quase revelado.

Mas, em tal caso, o tumulto da humanidade ficaria vazio - deserto - pavoroso como o nada!

O espiritualismo tem esta vantagem: cerca o berço de esperanças - e o tumulto de saudades; ou antes: dá ao ser humano

mas só a encontramos começando com “nosce”. Talvez tenha havido algum equívoco tipográfico. Locução latina que significa “conhece-te a ti mesmo”, tradução da inscrição grega atribuída a Quílon, que se lia à entrada do templo de Delfos. (Fonte: Dicionário Priberam online)

42 (Nota do Organizador) Na mitologia grega, Ícaro era o filho de Dédalo e é comumente conhecido pela sua tentativa de deixar Creta voando - tentativa frustrada em uma queda que culminou na sua morte nas águas do mar Egeu, mais propriamente na parte conhecida como mar Icário. (Fonte: Wikipédia)

43 (Nota do Organizador) Jean-Baptiste Biot (1774-1862) - físico, astrônomo e matemático francês.

uma sublime e gloriosa missão que nem começa no berço nem acaba no túmulo.

Que a alma existe - que a explicação do materialista não passa de uma hipótese, humilhante para a natureza hominal, diz a razão - di-lo a consciência - e provam-no os fatos.

O homem é perfectível - e isso basta para racionalmente repelir-se seu termo fatal no - nada.

O homem é um ser moral - tem a responsabilidade de seus atos - isso protesta conscienciosamente contra sua redução ao - nada.

Ninguém pode mais hoje pôr em dúvida a comunicação, em Espírito, dos que deixaram o corpo pela morte, com os que ainda estão presos ao seu órgão material.

Voltamos, então, ao mesmo ponto - à dificuldade de explicar o mistério do berço: um ser humano em quem não se manifesta a alma.

A Igreja romana, que é a mais autorizada para dizer sobre tal caso, diz-nos, sem vacilação: o berço encerra um ser moral perfeito, tanto que o recém-nascido que morrer batizado terá a eterna glória.

A Igreja romana afirma, pois, o fato incompreensível à razão: da alma sem suas faculdades, o que é equivalente a existir fogo sem calor.

Nada, pois, adianta quanto à questão filosófica - e envolve o mistério do berço com mais graves complicações.

Como ter o grande prêmio da eterna glória, quem não fez mérito algum para merecê-lo?

Se é por ter acabado na inocência, Deus, por cujos decretos tudo se regula, é parcial, não dando senão a alguns a morte no tempo dessa inocência!

Como perder o grande prêmio aquele que morreu em inocência, mas não foi batizado?

Se a falta fosse sua, muito bem; mas a criança não tem culpa de não a terem batizado!

É de fé? Mas a fé que o Senhor exige do homem não é a passiva, que nenhum mérito tem, é a racional, que tem o grande mérito da espontaneidade, pelo exercício da faculdade que Deus pôs em nós para distinguirmos a verdade do erro.

A esfinge fica, pois, intata, quer a encaremos como materialista, quer como católico-romano.

Dissemos que nem o berço é o princípio da vida, nem o túmulo é sua terminação.

O Espírito vem de muito longe - e vai em busca do infinito.

Em cada pouso, prepara sua morada — e, enquanto esta não adquire toda a consistência, não se põe em ação.

No berço, ele está como numa crisálida: em perturbação, até que os órgãos, que delineou com a capacidade para a missão que trouxe, lhe permitam agir.

A ação, porém, não irrompe de um jato; mas começa, desde que os órgãos têm certa disposição - e se desenvolve na medida do desenvolvimento destes.

É assim que o Espiritismo compreende o berço.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
“Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 01.05.1892:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/5188

Artigo CCXXXVI - O PAIZ, 09.05.1892

Assim como há homens que não escolhem meios para chegarem a seus fins - que intrigam, caluniam e matam por ódio, por vingança ou por desembaraçarem seu caminho - e que fazem tudo isto só pelo gosto de fazer mal; assim, também, há Espíritos que se ocupam em danificar aos viventes, ou por ódio que votam àqueles sobre quem agem fluidicamente, ou porque estes lhes frustram os planos, ou por gosto de fazer mal.

Nem pode estranhar que os Espíritos façam o que fazem os homens quem sabe que eles não são senão homens que perderam o corpo.

A única diferença que vai de um Espírito encarnado para o mesmo Espírito desencarnado, consiste em que este não tem mais as propriedades do corpo, que deixou na Terra.

No mais, é o mesmo, quer intelectual, quer moralmente: bom Espírito, se foi bom homem - Espírito inteligente, se foi homem inteligente - e mau e ignorante (atrasado) se foi homem mau e ignorante.

O mundo espiritual, pois, é o fiel retrato do mundo corpóreo, pela simples razão de que são os mesmos os habitantes de um e de outro; de lá vêm os que nascem cá - de cá vão para lá os que morrem na Terra.

Sendo assim - e tendo os Espíritos desencarnados meios de influírem sobre o ânimo dos encarnados, é óbvio que estamos tão sujeitos a sermos mistificados pelos vivos, como pelos mortos; e, por estes mais facilmente do que por aqueles, visto serem quase imperceptíveis suas tramas e até sua identidade.

Um mal Espírito, Espírito atrasado, sopra a cizânia, incute falsas ideias, desencaminha para seus fins, captando a confiança

por longas práticas de moral sublime - e reveste tudo isto com a autoridade de um nome venerando, com que se adornou.

Conquistada a confiança pela mistificação, mais ou menos habilmente manejada, segundo o maior ou menor grau de adiantamento intelectual do mistificador, começa este o trabalho do arrastamento para seus fins, daquele ou daqueles que lhe é embaraço por sua crenças e por suas práticas.

E este trabalho os velhacos o fazem com engenho e arte, de modo a não causarem suspeita, tomando o agente da mistificação vários nomes respeitabilíssimos: São Luís - Santo Agostinho - Espírito de Verdade - Maria de Nazaré, etc., com os quais confirma os falsos princípios que insinua.

Esta campanha é ativa e constante contra os espíritas, porque estes, com suas sessões de moralização, estão constantemente fazendo claros em suas fileiras, pela redução à verdade e ao bem de grande número de seus soldados e chefes.

A sanha, pois, é contra estes; mas, nem por conhecê-la, se premunem contra seus ardis, de modo que não é raro vê-los ingenuamente aceitarem perniciosas insinuações de um mistificador, não só porque ele toma um nome são, como porque corrobora o que diz com o apoio de outros nomes igualmente são.

Não se advertem os que se deixam, em boa-fé, iludir, que todos esses nomes são falsos - e que todos eles são tomados arteiramente pelo mesmo Espírito mistificador.

Perguntam: como desmascarar o embuste?

A esta pergunta responde o mistificador, que toma um outro nome - o nome de um dos guias do grupo; responde: o único meio é recorrer a um médium vidente.

Ainda mistificação, porque o médium vidente nada adianta, visto que os Espíritos podem dar a seu perispírito a figura e feições de um outro.

Já vimos o caso, que podemos autenticar, de tomar um Espírito a forma de um nosso confrade, tão perfeita que o filho que era vidente o tomou pelo pai, vivo e presente em outro cômodo da casa.

O fim deste ardil foi afastar o moço de ir às sessões, impondo-lhe a autoridade paternal, a pretexto de prejudicar ele a saúde com os trabalhos medianímicos.

Aconselhando, pois, o recurso ao médium vidente, como único e infalível meio de verificar a impostura de um mistificador, que toma nome suposto, os velhacos ainda abusam da creduli-

dade dos que os consultam, dando-lhes como infalível o que bem sabem que é falibilíssimo.

O meio infalível, ensinado pela Doutrina e que tem sempre dado seguros resultados, é a confrontação do que ensina o Espírito, ainda que assine Jesus Cristo, com os princípios fundamentais da Doutrina.

Uma comunicação que ensina princípios de caridade, de amor, de humildade, de resignação - que concorre evidentemente para o melhoramento moral do homem, seja assinado por Espírito conhecido ou desconhecido, não pode ser suspeita de mistificação.

Uma comunicação, porém, que, a pretexto do amor à pátria, concita os homens a lutas fratricidas, seja assinada por quem for - seja autorizada por quem for, não passa de um presente grego, porque tais princípios não são compatíveis com os do amor fraterno, que são a norma invariável de nossas relações com todos os homens, segundo o ensino do Divino Mestre, consagrado na Doutrina Espírita.

E todos os Espíritos, que autorizarem semelhante comunicação, são Espíritos refratários à lei de Deus, ao ensino de Jesus, aos princípios da Doutrina Espírita.

E se eles se dão por altos Espíritos, para imporem com a autoridade destes, são mistificadores - mistificadores pelas perniciosas ideias que insinuam - mistificadores pelo falso nome que tomam.

Devemos, pois, estar sempre alerta para nada aceitarmos do que nos vem dos Espíritos, sem exame, que evidencie sua perfeita conformidade com a lei do Senhor - sua incontestável conveniência ao brilho e à propaganda da Doutrina.

Temos à vista uma publicação feita em “O Paiz” de 29 do mês passado⁴⁴, pelo nosso confrade, presidente do Grupo Lealdade.

44 (Nota do Organizador) É possível localizar o artigo a que se refere Dr. Bezerra, nos arquivos da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, acessando o endereço http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/5176. A controvérsia se deu a partir do artigo de Max de 24 de abril (vide acima, à página 66 deste volume), em que pôs em causa a autenticidade de comunicação atribuída a Silva Jardim, com base no teor violento de seu conteúdo e manifestação do próprio através de médium de confiança de Dr. Bezerra - provavelmente do Grupo Ismael. Ocorre que a referida mensagem - entre outras, atribuídas ao mesmo autor espiritual -

Demoramos a resposta, porque só a lemos depois de termos mandado para a imprensa o artigo passado.

Apressamo-nos, porém, em dizer ao nosso confrade: não tivemos desígnio de molestá-lo - e damos-lhe daqui todas as satisfações, se porventura alguma expressão nossa ofendeu-lhe o melindre.

Discutimos princípios acatando às pessoas.

Sobre sermos nós ou ele o mistificado, respondemos: quem se pode gabar de não poder sê-lo?

Ambicionamos muito d'alma a estima do confrade e dos outros membros do Grupo Lealdade.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 09.05.1892: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/5235

foi recebida no Grupo Lealdade, e o presidente daquela instituição, julgando-se equivocadamente criticado, mandou publicar também em "O Paiz" alguns artigos de "defesa" e confrontação. O episódio é exemplar para toda a comunidade espírita, de qualquer época. Primeiro, pela precipitada publicação de mensagem polêmica sem exame mais acurado. Segundo, pelo melindre e o amor-próprio feridos diante da justa advertência recebida. Finalmente, pela reação debochada e desrespeitosa, também pública, levando para as páginas dos jornais uma controvérsia que poderia ser de âmbito interno da seara espírita. Claramente foram usados pelos adversários da luz para expor mal o movimento espírita nascente, que tão belo esforço de divulgação fazia através dos artigos de Max e da União Espírita do Brasil.

Artigo CCXXXVII - O PAIZ, 15.05.1892

Já mostramos e demonstramos: que a humanidade terrestre não procede de um par humano, como ensina a Bíblia, no intuito de encaminhá-los para a verdade, por ficções acomodadas às fraquezas de sua compreensão ainda rudimentar.

Pelo progresso realizado desde a publicação daquele famoso livro, ou, antes, desde o ensino que ele concreta, luz mais intensa tem sido dada à Terra - e hoje já se sabe que o nosso planeta já era habitado quando desceu a ele a raça adamita - que esta procedeu de um mundo superior à Terra, donde foi atirada por sua contumácia no mal - e, portanto, que a Bíblia começa sua narração relativamente ao homem, de um ponto já bem distanciado da época de seu aparecimento neste planeta.

De que a humanidade terrestre já existia quando apareceu Adão, e de que o legislador hebreu não ignorava, dá irrefutável prova a própria Bíblia, quando diz que Caim, receoso de que lhe fizessem o que ele fizera a seu irmão, obteve do Senhor a graça de um sinal, impresso na fronte, que valia por infalível salvo-conduto⁴⁵.

Quem pode-lo-ia assassinar nessas paragens para onde ia, desterrado da família, que, no dizer da lenda, era a única gente deste mundo?

E como pôde Caim, lá nas partes do Oriente, para onde foi desterrado, fundar, em sua vida, uma cidade - a cidade de Enóquia, do nome de seu primeiro filho?

A lenda bíblica da expulsão do paraíso exprime a suma verdade dos fatos, como a de ter sido o primeiro homem tirado do barro.

45 (Nota do Organizador) Vide Gn. 4:10-17.

A falange adamita delinuiu efetivamente contra as leis do Senhor - e por isto foi condenada: expulsa do mundo em que vivia, para a Terra, mundo muito inferior àquele.

Nas reencarnações é fato essencial o esquecimento do passado - e, pois, aqueles Espíritos esqueceram sua condenação ao exílio para um mundo inferior.

Fica, porém, muita vez, fraca reminiscência do que se foi e do que se fez em anterior existência - e foi por aí que os adamitas, nome tirado do mais notável deles, que por isto absorveu todas as suas individualidades, tiveram a ideia de um paraíso, em que viveram e donde foram enxotados, parecendo contudo ter ele existido na Terra.

É esta a explicação que dão os Espíritos sobre a lenda bíblica, para provarem que havia nela um fundo de verdade, para ser esclarecida no futuro, visto não poder ser a pura verdade compreendida naquele tempo⁴⁶.

Sobre ter sido o primeiro homem tirado do barro, pareceria uma pura invenção; visto que o fato se deu com Adão, que está provado não ter sido o primeiro Espírito criado por Deus, sendo verdade que Deus criou de toda a Eternidade e criará por toda a Eternidade.

Aí, porém, como a respeito do paraíso perdido, há sempre a verdade, no fundo, embora não nas circunstâncias, por necessidade de adaptar o ensino à curtíssima compreensão da humanidade daqueles tempos. Vejamos:

A Bíblia diz: que Deus fez o homem do barro - e que lhe infundiu o sopro de vida⁴⁷.

Temos aí: corpo tirado da matéria da Terra - e a alma tirada do sopro divino.

O corpo, pois, forma-se dos elementos materiais existentes no planeta, mas o Espírito é criação direta de Deus.

Eis o fundo da lenda, que a Bíblia fundou sobre Adão, que abrange a humanidade.

Sendo assim, e preexistindo o Espírito ao corpo, que não lhe é senão um revestimento provisório, é líquido que, hoje os corpos humanos se formam, como a ciência o demonstra, pela união dos

46 (Nota do Organizador) Vide a propósito o volume "A Caminho da Luz", de Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, Cap. III - "As Raças Adâmicas".

47 (Nota do Organizador) Gn. 2:7.

sexos, que só existem no homem - que não existem no Espírito; como, porém, formavam-se os corpos dos primeiros Espíritos, que vieram povoar a Terra?

Como Espíritos, eles não tinham corpo - não tinham sexo - e, portanto, donde lhes veio o corpo?

Eis aí vem a lenda da criação de Adão dar a explicação deste fato, que os materialistas suprimem, porém que os espiritualistas jamais poderão explicar, sem as luzes dadas hoje pelo Espiritismo.

O barro, de que foi o primeiro homem - o primeiro corpo humano, é símbolo; representa o elemento fluídico desenvolvido na atmosfera da Terra, quando esta, em sua evolução, ficou apta para receber o ser humano.

E a ciência demonstra: que a cada período da evolução terrestre corresponde o aparecimento, em sua atmosfera, de elementos naturais compatíveis com espécies animais de organização mais perfeita.

Assim, pois, no período em que apareceu o elemento (fluido) compatível com a vida humana - e próprio para a formação do corpo do homem, sem o qual não pode haver vida humana na Terra, Deus mandou os primeiros Espíritos para o novo mundo, os quais, com seu perispírito, constituiu-lhe a casca ou corpo, cuja feição e forma lhe foram dadas, por obra da lei que submete estas coisas à força da vontade⁴⁸.

48 (Nota do Organizador) Assim como o próprio Codificador, Dr. Bezerra mostrou-se cauteloso quanto à adesão à teoria do continuum do princípio inteligente em sua evolução, passando sucessivamente pelos três grandes reinos da natureza - mineral, vegetal e animal, até atingir à condição de humanidade ou de infância espiritual descritas nas questões 115 e 190 de "O Livro dos Espíritos", entre outras. Vide a respeito o Artigo CXXXII, de 04.05.1890, e a nota 139, à página 101 do 2º volume desta coleção. Por outro lado, é inspirador constatar o seu avanço, dentro do tema, conforme o passar do tempo, e aí o veremos um pouco mais à frente, no artigo CCLXI, de 31.10.1892, à página 172 deste volume, já trazer a questão como positivamente resolvida. Temos nesse caso um belo exemplo de progressividade da Doutrina! A semente desta ideia já estava plantada na própria Codificação, designadamente nas questões 540 ("Do átomo ao arcanjo") e "607-a, ("Nesses seres [...] é que o princípio inteligente se elabora"), para não nos alongarmos muito nesta breve nota; mas foi preciso aguardar o tempo certo para sua floração - e ei-la regada e adubada pelas mãos dos quatro grandes coadjuvantes do trabalho do Codificador - Delanne, Denis, Flammarion e Roustaing, para alcançar então seus frutos sazoados nas obras dos grandes gênios do século XX - Chico Xavier e Pietro Ubaldi. Abençoada seja a progressividade da revelação!

Eis, portanto, como os primeiros Espíritos que surgiram na Terra (primeiro homem — Adão da lenda) tiveram seu corpo feito do elemento material (barro), que tinha também surgido na Terra.

Nova evolução do planeta fez desaparecer de todo ou quase todo aquele fluido, como desapareceram os que regeram a aparição das várias espécies de animais inferiores ao homem; mas nenhum dano causou isto à humanidade, porque os Espíritos encarnados tinham sexo - e por esse modo ficou garantida a reprodução da espécie⁴⁹.

É o que ensinam os Espíritos, autores da excelsa ciência espírita, e é o que entra pela razão livre de preconceitos.

E este ensino fortifica-se pela resolução de vários problemas, sem ele irresolúveis, como é, por exemplo o das cores branca e preta do homem.

Sendo todos descendentes do mesmo par, jamais se conseguirá explicar senão por hipóteses controversas, a coexistência das duas cores opostas.

Procedendo a humanidade de uma multidão de troncos, a questão da variedade das cores humanas não tem mais importância do que a da variedade de cores dos indivíduos de todas as espécies animais: variedade de origem, que se fixam na espécie⁵⁰.

Parece que uma ciência que perscruta tão elevados assuntos só pode atrair sobre si o ridículo dos... sábios!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 15.05.1892: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/5272

49 (Nota do Organizador) Vide “O Livro dos Espíritos”, questão 49.

50 (Nota do Organizador) Vide “O Livro dos Espíritos”, questões 52, 53 e 53-a.

Artigo CCXXXVIII - O PAIZ, 23.05.1892

Ninguém contesta que a mistificação é o que se pode chamar - meio de provocar o estudo e de provar o grau de adiantamento dos Espíritos encarnados.

É um fato natural, como qualquer espécie de tentação.

Ninguém, porém, pode igualmente contestar que, se ela pode produzir bens, mais comum é produzir males.

A intenção do mistificador é sempre arrastar para a perdição - e tanto é nocivo, em seu fundo, este gênero de tentação, que o Mestre recomenda: antes recusar cem comunicações verdadeiras do que aceitar uma apócrifa⁵¹.

É, pois, da Doutrina a repulsão de toda a mistificação.

Qualquer tentação pode servir ao progresso dos Espíritos; mas por isto devemos aceitá-la como coisa inocente, que não se deve evitar?

Quantos têm a felicidade de vencer a tentação?

Se ela serve de prova do adiantamento espiritual de um, que já o tinha independente dela; um milhar de infelizes são por ela arrastados à perdição!

Nem se diga que é uma necessidade para demonstrar aquele adiantamento, porquanto Deus o reconhece independente de tal prova - e esta não é a que o produz.

A tentação, pois, pelo bem que produz de provocar o estudo, que pode e deve ser feito independente dela, produz o grande mal de perturbar a alma, que procura encaminhar-se para o bem - e

51 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra se inspirou aqui no trecho da famosa mensagem de Erasto, registrada em "O Livro dos Médiuns", na sua segunda parte, Cap. XX, item 230, ditado originalmente em termos análogos: "Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea".

produz o mal ainda maior de afastá-la do bom caminho, que levamos, e arrastá-la para o da perdição.

Se o tentado já é forte, a tentação é inútil; se ainda é fraco, é perniciososa!

Todos nós temos o nosso anjo de guarda, cujo maior empenho é encaminhar-nos para o bem, para a salvação; mas esse alto Espírito deixa ao nosso livre-arbítrio repelir ou abraçar a tentação.

Não pode, pois, ser ele o que a procura para seu guardado, uma vez que lhe reconhece a ação perniciososa - e que de si não depende arrancar de suas garras o querido amigo.

A tentação é o inimigo claro ou encoberto - e seria incompreensível que um protetor de boa vontade lhe permitisse o ingresso até à alma do protegido.

Ela chega, como chega ao corpo a moléstia; mas não por vontade do Anjo da Guarda, que verte lágrimas de compensação, diante do perigo de seu guardado, em cuja liberdade não pode interferir, senão indiretamente, e na maioria dos casos, ineficazmente,

Se considerarmos a espécie de tentação, chamada mistificação, reconhecemos que lhe são aplicáveis todas estas considerações.

Não é ortodoxo - e é contra os princípios básicos da Doutrina, como acima dissemos, ensinar: que os protetores dos grupos empregam ou permitem as mistificações, como meio de estudos, que podem ser sem elas - como meio de provar adiantamento, que sem elas os Espíritos Superiores sabem se há ou não há.

Além de que a Doutrina prescreve semelhante meio, acresce que ela mesma ensina: que só dão acesso aos mistificadores os que não se acham em boas condições.

Como, então, pode o Espírito Superior, que guia os trabalhos de um grupo, empregar ou permitir os mistificadores?

Se ele, melhor que ninguém, conhece as disposições de tal grupo, é óbvio: que, se essas disposições são boas, não lhes é dado fazer entrar o mistificador, porque seria violar a lei - e se elas são más, menos ainda pode ele concorrer para seu acesso, porque fora o mesmo que atirar no meio de amigos uma bomba, cujos efeitos perniciosos não é dado evitar.

Pode o Espírito protetor forçar a liberdade dos seus protegidos, fazendo-os repelir os perigosos ensinamentos do mistificador?

Dá-se ou não o caso de mistificadores, aproveitando a ignorância ou a fraqueza moral de uns tantos espíritas - fazê-los descrer - fazê-los abraçar falsas ideias - arrastá-los à loucura, até ao crime?

Pois, se é assim, como atribuir-se a um protetor, que conhece perfeitamente o perigo das mistificações - e sua impotência para livrar dele aqueles seus protegidos que se deixam levar?

Não! A mistificação é um grande mal - e capitulado pela Doutrina, e capitulado pelo Divino Mestre, quando disse: O escândalo dar-se-á; mas ai de quem o der⁵².

A quem se referia, senão aos que arrastam para o mal a seus irmãos, ou fazem-nos sofrer observações, embora estes precisem remir suas culpas por tais sofrimentos.

Os Espíritos mistificadores não têm outras vistas; e, portanto, são os que de que fala Jesus e, portanto, nenhum Espírito de Deus autorizará seu acesso onde quer que seja, a título de provocarem estudos e de porem à prova o adiantamento dos mistificados.

Nós, nos grupos em que trabalhamos, sentimos o maior pesar quando damos acesso a algum mistificador, porque ensina a Doutrina: que eles não penetram senão onde a fraqueza da alma lhes abre a porta.

Nós, que sabemos pela Doutrina que podemos aprender tudo do mundo espiritual, sem necessidade das mistificações - pelo menos pelo ensino dos bons Espíritos, não lhes pedimos senão que afastem os falsos profetas - não pedimos a Deus senão que nos dê as qualidades que cerram as portas aos maus e enganadores.

É assim que entendemos o ensino espírita; é assim que entendemos o ensino messiânico.

Não temos autoridade para impor a quem quer que seja nossa opinião; mas, convencidos de que ela está com a verdade, segundo as Escrituras, cumprimos o dever de manifestá-la, pedindo a Deus que livre a todos dos mistificadores.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 23.05.1892: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/5318

52 (Nota do Organizador) Mt. 18:7.

Artigo CCXXXIX - O PAIZ, 30.05.1892

“O corpo, invólucro da alma, que faz aí sua habitação, é uma coisa finita, mas a alma, que aí habita, é invisível, imponderável e eterna” (Bhagavad-Gita)⁵³.

Se o materialista, em vez de aplicar suas potências intelectuais às coisas que o cercam, aplicasse-as às que lhe são subjetivas, jamais poderia duvidar da existência do princípio eterno, invisível e imponderável, de que falou Krishna⁵⁴, o messias do Bramanismo, naquele trecho que aí deixamos transcrito.

O homem manifesta clara e indubitavelmente duas ordens de fenômenos inteiramente diferentes, até serem opostos: os da ordem moral e os da ordem material.

Ele pensa - reflete - compreende - imagina - raciocina - recorda - e quer. Ele sente dores - tem apetite - tem olfato - digere - respira - aprecia a dureza, a aspereza, a temperatura dos corpos.

Se é verdade que todo ele é matéria, todas estas funções são materiais.

Já aqui surge uma invencível dificuldade: saber como o mesmo organismo material produz o pensamento e a bÍlis ou o suor ou a urina, coisas de caráter diversÍssimo.

Admita-se porém, que o pensamento é uma secreção da matéria, como é a bÍlis - e continuemos a raciocinar.

⁵³ (Nota do Organizador) Cap. II, item 18.

⁵⁴ (Nota do Organizador) É o aspecto de Deus mais cultuado em toda a Índia, por ser compreendido como o Ser Supremo, o Guru de Arjuna no Bhagavad-Gita, que é parte da Escritura Mahabharata. (Fonte: Wikipedia). É o representante do Verbo Divino ou Logos (Cristo em nós). O nome original do Ser Realizado. A Suprema Individualidade de Brahman; orador do Bhagavad Gita. (Fonte: Prof. Huberto Rohden, no Glossário da tradução que fez desse grande clássico da tradição védica, O Bhagavad Gita)

Se todos esses fenômenos tão dissimilares são produtos da matéria, que constitui o homem, morto este, todos cessarão.

Parece, com efeito, que ninguém se lembrou ainda de levantar dúvida sobre a continuação deles no estado cadavérico do ser humano.

Parece que todo o mundo está acorde sobre este ponto: morto o homem, cessam todos os fenômenos que ele manifestou em vida.

E os materialistas explicam o fato pela extinção do fluido vital.

A matéria vivificada é que os produz; logo a matéria morta não pode mais produzi-los, como a árvore viva dá flor e fruto, que a árvore seca ou morta não dá mais.

Independente, pois, da dupla e oposta ordem de fenômenos que manifesta o ser humano, durante a vida corpórea - independente do princípio ultra-racional: de que efeitos de naturezas opostas revelam causas também opostas, a afirmação materialista fica de pé, até à morte, visto que a oposta não pode ser submetida à prova experimental.

Não apreciamos no homem senão seu corpo - e vemos acabarem com o corpo todas as suas funções; logo todas as funções humanas estão filiadas ao corpo.

Se há no homem um elemento estranho ao corpo - se parte daqueles fenômenos são devidos a funções desse elemento, temos, em primeiro lugar, que tal elemento não é visível e palpável como o corpo - e, portanto, que não passa de uma hipótese; temos, em segundo lugar, que tanto essa hipótese é falsa, que, morto o corpo, cessam todas as funções humanas, deixam de manifestar-se todos os fenômenos resultantes daquelas funções.

São insubsistentes estes argumentos, como é o de ser o pensamento, imaterial, uma secreção do cérebro material, que o próprio Buckner⁵⁵ repele.

Em primeiro lugar, por não ser visível e palpável o elemento espiritual do homem, não é razão para não se aceitá-lo, visto como o calórico é invisível e impalpável, e nem por isso pode ser negado.

Em segundo lugar, não prova a falsidade da hipótese: de existir no homem um elemento incorpóreo, o fato de cessarem as funções e desaparecerem os fenômenos humanos pela morte do

55 (Nota do Organizador) Vide nota 56, à página 191 do 1º volume desta coleção.

corpo, porquanto, sendo a morte a separação dos dois elementos, tanto é explicável aquela cessação pela perda da vitalidade do corpo como pela retirada do Espírito.

O homem, composto do corpo e alma, desaparece com a separação dos dois elementos - e, pois, desaparecem com ele as funções e fenômenos, que dependiam da união, que dava a vida.

Sempre hipóteses, bradam os materialistas - sempre hipóteses que provam a possibilidade, mas nem uma prova da realidade do vosso Espírito, como nós damos da realidade da nossa matéria.

Seja feita a vontade dos nossos adversários. Vamos dar-lhes a prova que tanto pedem. E é o Espiritismo quem no-la fornece inconcussa⁵⁶.

Sois português, francês ou inglês - e evocais o Espírito de vosso pai, que nunca veio ao Brasil - e o evocais por um médium que nunca saiu do Brasil.

Fala o médium - e diz-se o Espírito de vosso pai - e, para provar-vos sua identidade, refere fatos de sua vida, de que não vos lembrareis - e refere factos, que se deram depois de vossa partida, de que não tivestes ciência, mas que verificais serem verdadeiros.

Pergunta-se: pode haver dúvida de que vosso pai sobrevive à morte de seu corpo?

Ainda mais: apresentando-se-lhe com a inteligência - com a razão - com a consciência de si - com a memória - com todos os fenômenos da ordem moral, que se revelam no homem, mas sem nenhum dos fenômenos da ordem material, pode haver dúvida de que estes eram ligados ao corpo e desapareceram com ele - e de que aqueles eram ligados ao Espírito e acompanham-no na vida espiritual?

Hoje não é mais permitido atribuir os fenômenos morais e materiais do homem ao mesmo elemento humano, porque têm-se a prova material: de ser o homem um Espírito, que vem temporariamente habitar n'um corpo material.

E perguntamos: não fica assim tão racionalmente explicada a manifestação de fenômenos opostos no homem - a produção do pensamento, imaterial e da bilis, material?

Hoje, não é mais lícito, senão aos que não querem ver a luz, duvidar da essência espiritual do homem.

56 (Nota do Organizador) Indubitável. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Hoje temos provada, pela prova experimental dos positivistas, a existência do Espírito.

Hoje o Espírito é tão visível como a matéria.

Max.

(Da União Espírita)

Houve um salto na reunião de artigos
feita pela FAE, e este ficou faltando.

Foi recuperado da edição de

“O Paiz”, de 30.05.1892, no endereço:

http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/5360

Artigo CCXL - O PAIZ, 05.06.1892

Todo o renascimento, feliz ou desgraçado, é a consequência das obras praticadas nas vidas anteriores.

“É a esta causa que se devem atribuir as distinções que se observam entre os homens: uns são ricos, outros pobres - uns são doentes, outros saudáveis - uns de baixa condição, outros de posição elevada - uns felizes, outros desgraçados.

“Nada disto é efeito do acaso, mas sim o resultado das virtudes e dos vícios que precederam ao renascimento.”⁵⁷

Eis o que ensinou Krishna, o Messias do Bramanismo.

O renascimento - a preexistência - as vidas múltiplas, sucessivas, reparadoras e progressivas, eis a grande lei - a sublime lei da evolução humana.

Por ela explicam-se, à satisfação da razão, todos os fenômenos da vida dos homens: as diferenças morais e intelectuais - as simpatias e antipatias instintivas - os defeitos orgânicos, as disposições boas ou más, de nascença - tudo, enfim, que se relaciona com o estado moral e intelectual dos seres racionais.

Sem ela, tudo o que vemos na vida humana é mistério - mistério inexplicável - mistério que resiste a todas as hipóteses imaginadas e imaginárias.

Krishna, alto Espírito que teve a missão de ensinar a grande lei aos povos orientais, encontrando-os mais adiantados do que Jesus encontrou os judeus e todos os outros, em cujo meio veio fazer a luz, pôde, apesar de não ter a elevação de Jesus, ensinar o que este foi tolhido de fazer.

57 (Nota do Organizador) Infelizmente não conseguimos localizar com exatidão essa passagem, provavelmente devido às diferenças de tradução.

É que a revelação das verdades eternas é feita na medida da capacidade compreensiva da humanidade, donde sua progressividade.

Os povos orientais, muito mais adiantados que os outros, tiveram o que só agora é dado a estes: a revelação da lei da reencarnação dos Espíritos.

E é razoável esta sublime lei, pela qual o Espírito humano evolui da ignorância nativa ao maior saber: ao conhecimento perfeito das leis da criação - e da inocência, em que é criado, à mais acrisolada virtude: à pureza angélica.

Sem ela o que fica? Fica a vida única do romanismo, um instante da Eternidade em que o Espírito há de fazer ou deixar de fazer o completo desenvolvimento, até a perfeição, até a condição moral e intelectual de conviver com Deus: a infinita perfeição.

O que é mais racional: desenvolver-se toda a perfectibilidade humana em uma única existência - ou em quantas forem precisas ao Espírito?

Consideremos a questão praticamente.

É inquestionável que nem todos têm a mesma aptidão para o saber e a mesma disposição para a virtude.

Pois bem; tomemos dois indivíduos, dos quais um nasce com inteligência lúcida e com as melhores disposições para o bem - e o outro em condições opostas.

É razoável que se dê a ambos o mesmo tempo, o tempo de uma vida, para fazerem seu progresso - o progresso necessário à conquista da bem-aventurança?

Fôra o mesmo que exigir de uma criança e de um homem feito idêntico trabalho de esforço físico!

Aceite-se, porém, a lei do progresso em variadas existências corpóreas - e todas estas incongruências desaparecerão.

O Espírito vai subindo gradativamente, de modo que o atrasado de hoje será o adiantado de amanhã - o que veio a esta existência revelando incapacidade intelectual e disposições inatas para o mal, virá na seguinte existência já dotado da capacidade para o saber e de disposições para o bem.

Os grandes sábios e os chamados santos não se fizeram nesta existência, em que os reconhecemos por tais.

Seria um fato deponente⁵⁸ do amor do Pai e da justiça do Juiz Eterno, serem uns dotados destas qualidades superiores - e outros deserdados completamente delas.

Os sábios e os santos foram criados, como todos, em ignorância e inocência - foram dotados, como todos, dos meios necessários para ascenderem à perfeição, que podem alcançar os Espíritos, pelo saber e pela virtude - foram destinados, enfim, como todos, à suma perfeição humana.

Se fizeram o progresso, que ora patenteiam e que os coloca acima de tantos e tantos outros, é porque fizeram bom uso de sua liberdade no aperfeiçoamento de seus instrumentos naturais do progresso, enquanto esses tantos e tantos e tantos não empregaram o mesmo esforço - usaram mal de sua liberdade.

Deus, pois, criou o homem - e entregou-lhe seu destino, dando-lhe a liberdade de avançar para ele rápida ou lentamente.

Portanto, é verdade o que ensinou Krishna: “todo o renascimento, feliz ou desgraçado, é a consequência das obras praticadas nas vidas anteriores”.

É claro: que nascerá feliz o que nas vidas anteriores aplicou-se à prática do bem, fazendo por isto merecimento maior ou menor - e que nascerá talentoso até às alturas do gênio, o que nas anteriores vidas cultivou mais ou menos sua inteligência.

Vice-versa, nascerá desgraçado o que aplicou-se à prática do mal - e pouco apto a compreender, até as disposições do boçal, o que pouco ou nenhum cultivo deu à sua inteligência.

“Nada disto é efeito do acaso, mas, sim, o resultado das virtudes e dos vícios que precederam ao renascimento.”

Cada um segundo suas obras - e, como há uma infinita variedade de obras, infinita é a variedade de disposições morais e intelectuais, que se nota na humanidade.

58 (Nota do Organizador) Ficamos na dúvida quanto ao uso da palavra deponente, conforme acima, se Dr. Bezerra de fato se serviu deste termo ou se houve algum equívoco tipográfico. Se de fato foi proposital a sua utilização, parece-nos que Dr. Bezerra dele se serviu no sentido de deprimente, aviltante, degradante, que difere bastante do sentido atual do termo, que refere-se a todo aquele que presta depoimento ou dá declarações frente a um juiz. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Em resumo, não se pode comparar a doutrina que dá ao homem um minuto, para fazer seu progresso, com a que lhe dá a Eternidade.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
“Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 05.06.1892:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/5390

Artigo CCXLI - O PAIZ, 13.06.1892

Temo-lo dito à saciedade; mas nunca se perde em repetir verdades que são ar e luz para a humanidade.

Deus criou e criará de toda a Eternidade e por toda a Eternidade, sem descansar, porque só o imperfeito é sujeito a cansar.

O homem, portanto (Espírito) é tão antigo como o mundo - e o mundo como Deus, porque não se pode compreender o Criador sem a criatura.

Um Deus que descansa - um Deus que suspende a ação de sua prótese infinita, não é o Onipotente - o Onisciente - o Perfeito absoluta e infinitamente.

Descrevendo a criação do nosso planeta e do gênero humano, que o habita, Moisés, Espírito alevantado⁵⁹, que possuía a ciência da gênese universal, foi obrigado, em atenção ao atraso de seu tempo, a fazer o que faz um pai solícito pela boa educação de seus filhos, em tenra idade: dar-lhes símiles, perceptíveis à sua fraca inteligência, dos princípios superiores, que jamais alcançariam, por mais claramente explicados que fossem.

De como é este o modo de revelação de toda a verdade eterna, é prova incontestável a passagem do Evangelho, onde Jesus diz: “Muito mais verdades tenho a ensinar, mas não o farei, porque não é oportuno”, scilicet: porque a humanidade ainda não tem inteligência de compreendê-las⁶⁰.

Vem desse modo, que revela o amor do Pai pelos filhos, graduando seu ensino pelo progresso que têm estes realizado - vem daí os seguintes símiles ou símbolos da Escritura Sagrada: o sé-

59 (Nota do Organizador) Elevado. (Fonte: Dicionário Michaelis online)

60 (Nota do Organizador) Jo. 16:12.

timo dia, que o Senhor reservou para descansar do trabalho dos seis - a criação do primeiro homem - a lenda da culpa original - a dos anjos criados perfeitos, mas de que uns tantos se fizeram imperfeitos - a imaginação do Inferno - e as penas eternas.

Por que teve Moisés o pensamento de incutir no ânimo dos homens a crença de ter Deus consagrado um dia para seu descanso?

Moisés sabia que Deus não seria Deus, se cansasse de trabalhar, caráter essencial da fraqueza dos seus filhos materiais.

Moisés, porém, na pura intenção de obstar que os homens, dominados pela ambição do ouro, levassem o trabalho até o prejuízo de suas forças vitais, impôs o preceito do descanso, reparador daquelas forças, com o exemplo do próprio Deus, ciente de que por outro modo o preceito não prevaleceria no ânimo de um povo rude e de dura cerviz⁶¹.

A criação do primeiro homem, tirado do limo da terra (barro), é símbolo do alto princípio, que ninguém naquele tempo poderia compreender - e que ainda hoje os sábios não compreendem.

Com efeito, sabemos que a reunião dos sexos fornece elementos ao corpo que reveste o Espírito, para a vida da Terra; mas os primeiros Espíritos que vieram habitar a Terra - e que, por serem Espíritos não tinham sexo, onde foram buscar os elementos de seus corpos?

Só o Espiritismo, pela Revelação dos Espíritos, resolve o magno problema, que escapa à ciência.

Pela evolução do novo planeta, é sabido, foram-se dando, na sua atmosfera, modificações, que determinaram o aparecimento dos vegetais e dos animais, a começar pelos de mais simples organizações e a terminar pelos de organização mais complexa.

Depois das condições para os vegetais, vieram as condições para o animais, e chegou-se às que permitiam a vida humana.

Desceram os Espíritos desencarnados - e, como na atmosfera da Terra tinha-se desenvolvido o elemento material (fluido) próprio para a composição do corpo humano, assenhorearam-se dele, como já haviam feito os irracionais, em relação ao que lhes

61 (Nota do Organizador) Cerviz é sinônimo de nuca, a parte posterior do pescoço. "Dura cerviz" refere-se ao orgulho, cabeça altiva, que não se dobra facilmente, algo equivalente ao que chamamos popularmente de "nariz empinado".

era próprio - e, atraindo-o por seu perispírito, condensaram-no e deram-lhe a constituição orgânica que conhecemos⁶².

Daí para cá - e tendo passado a quadra do desenvolvimento daquele princípio, os Espíritos revestem-se de corpos gerados pela reunião dos sexos.

Ora, Moisés conhecia isto; mas Moisés podia explicar isto com bom êxito?

Procurou, pois, um símbolo - e explicou: que o Espírito (sopro de Deus) tirou do limo da terra a substância de seu corpo; deixando aos séculos futuros a explicação do grosseiro símbolo.

Também sabia o legislador hebreu: que não há culpa que passe de pais a filhos, mas que cada um responde por suas faltas; mas para explicar a culpabilidade de todos os que vêm à Terra, criou a lenda do primeiro par humano - de sua queda - e da transmissão desta falta a todos os homens.

Quem compreende-lo-ia, se ele fosse explicar o fato pelo que hoje o Espiritismo designa com o nome de expiação, não efeito da culpa original, porque então todos sofriam por igual - não nasceriam cegos - surdos - mudos, com os sinais de culpa anterior ao nascimento, mas, sim, por faltas cometidas em passadas existências, que vimos reparar?

E, porque aos pobres desencaminhados, que vêm aqui trabalhar por descobrir o perdido caminho, era preciso intimidar, no santo empenho de não deixá-los acumular, em vez de alijar responsabilidades; Moisés, conhecedor da ingrata natureza da gente de seu tempo, imaginou penas eternas de fogo - pez⁶³ fervendo - e quejandas⁶⁴, quando sabia que não há senão provas corretivas, embora tremendas - de caráter puramente moral - e suspensíveis desde que o culpado se arrepende e invoca o perdão do Pai de amor.

A invenção das penas eternas pedia um lugar especial, onde se fizessem efetivas - e agentes especialmente encarregados de fazê-las efetivas.

62 (Nota do Organizador) Sobre essa teoria, já referida, vide a nota 48, acima, à página 80.

63 (Nota do Organizador) 1. Seiva viscosa produzida pelo pinheiro e por outras árvores coníferas, resina; ou 2. Substância viscosa obtida a partir da destilação de alcatrão, breu. (Fonte: Dicionário Priberam online)

64 (Nota do Organizador) Coisas do mesmo gênero, parecidas. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Eis a origem da criação do Inferno ou lugar de torturas, que realmente existe, mas que, ao invés do Inferno católico, que só tem porta de entrada, é um Inferno que tem tantas portas de entrada quantas de saída.

Para agentes destas torturas eternas, Moisés imaginou a lenda da criação dos anjos, de que muitos se fizeram demônios - e foi isto ainda um símbolo, porque o Espírito humano, enquanto atrasado, tem a perversidade do demônio - e subindo ao mais elevado grau de progresso, tem a pureza angélica⁶⁵.

Eis o que nos revela o Senhor pelo Espiritismo!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 13.06.1892: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/5444

65 (Nota do Organizador) Sobre o mito da Queda dos Anjos, sugerimos a leitura da nota 223, à página 190 do 2º volume desta coleção.

Artigo CCXLII - O PAIZ, 19.06.1892

É fato de observação universal, que está à mercê de quem quiser observar, nascerem hoje as crianças muito mais inteligentes do que outrora.

Tudo tem sua razão de ser, portanto, esta tão importante alteração deve necessariamente ter uma lógica.

Efeito do grande progresso que tem feito a humanidade, ora tão superior ao que foi outrora, não pode ser, porque as crianças trazem aquele sinal de superioridade do ventre materno, onde não pode influir sobre elas o progresso realizado pelos homens.

A influência do meio não pode chegar até a vida uterina, e até à constituição natural do ser humano.

E a criança de hoje é mais inteligente por sua natureza e sua constituição.

A influência do meio o que pode é fazer que as crianças de hoje desenvolvam mais rapidamente suas faculdades nativas, mas não que as atenham em grau mais elevado.

Nem a ciência, nem a religião, as duas chaves dos segredos da natureza, se prestarão a sagrar aquela explicação.

A ciência, no materialismo, considerando cada indivíduo produto de uma evolução especial de seu criador universal, força e matéria, consigna como obra da natureza as disposições nativas de cada pessoa.

Não perderemos nosso tempo, combatendo semelhante princípio, de procederem da matéria disposições morais e intelectuais, que não se encerram, nem podem encerrar-se nela - que vale pela irrisória lembrança, de ser o pensamento uma secreção do cérebro, como a urina o é dos rins, como a biliar é do fígado.

Se, pois, a ciência materialista vê em cada ser humano um produto da matéria em evolução, como o é uma pedra, uma árvore, um animal qualquer, sem a mínima relação, senão de origens, é incontestável que ela não nos pode dar a razão de nascerem hoje as crianças mais adiantadas do que anteriormente.

A não ser o tal Deus Matéria inteligente, a ponto de ir sempre aperfeiçoando seus processos, é de rigor que a evolução ou modulação que produziu o primeiro homem deve ser a mesma que produzirá o último.

A ciência, porém, não pode admitir inteligência perfeita ou mesmo perfectível, na matéria, sem tirar-lhe o caráter essencial; logo, dissemos que ela não pode explicar a nossa tese, resolver o problema de observação, que pusemos, para o estudo de hoje.

A religião, por sua vez, nem pode explicar o fato, nem ao menos dar-lhe mais luz do que a ciência, uma vez que sabe e ensina ser o homem Espírito, criação de Deus.

Se é Deus que o cria, falha completamente sua justiça, desde que dá a uns mais do que a outros, e este fato de terem os que nascem hoje mais do que tiveram os que nasceram ontem, é prova de que Deus dá mais a uns do que a outros.

A religião, pois, para explicá-lo precisa confessar que Deus tem preferências e exclusões na obra da criação humana, coisa tão inaceitável como poder a matéria aperfeiçoar seus moldes.

E, pois, nem religião, nem ciência podem dar a palavra da esfinge.

Falta-lhes alguma coisa; conhecimento de algum princípio, de alguma lei, a que se prende o fato em questão; falta-lhes, pois, o essencial.

Quem nos tiver acompanhado nestas indagações que fazemos, há anos, já terá apontado o princípio - a lei, que prova a deficiência da religião e da ciência, neste, como em mil outros casos.

Não fazemos injúria, nem a uma, nem a outra: provamos, apenas, com este novo exemplo, que uma e outra têm, essencialmente, o caráter de progressividade, que, portanto, dia por dia, anos por ano, século por século, uma e outra vão revistando os celeiros, a fim de removerem deles o que apodrece com o tempo, e a ele recolherem os efeitos da nossa colheita.

Quem nos tiver acompanhado neste estudo, já sabe, pois, que o Espiritismo: ciência e religião, ou religião científica, ensina a lei que explica o fato, com plena satisfação da razão, isenta dos preconceitos do espírito de sistema e do fanatismo.

Deus cria o Espírito perfectível, e isto não é uma concepção imaginativa, porque vimos como todo homem progride durante a vida, e como toda a humanidade progride, tem progredido, no correr dos séculos.

O homem, pois, é indubitavelmente perfectível mas, como no curto período de uma existência, às vezes, de meses, de dias e de horas, não pode realizar o que é destino de todos. Deus põe à sua disposição o tempo, na Eternidade, permitindo-lhe ou impondo-lhe, como meio de progresso, maior ou menor número de existências corporais, segundo o bom ou mau uso que fizer de sua liberdade, no cultivo de suas faculdades intelectuais e morais.

Assim, pois, à medida que passarem os séculos, e os Espíritos, encarnados na Terra, tiverem mais e mais desenvolvido sua inteligência, é óbvio que, de século em século, a humanidade apresentará o espetáculo de maior elevação, e os Espíritos que a vêm constituir, pela reencarnação, apresentarão o das crianças nascerem mais inteligentes.

Está, pois, resolvido o problema pela lei das reencarnações, que nem a ciência, nem a religião conhecem, e, por isto, param nessa dificuldade.

Demonstrar a verdade desta lei, é reproduzir mil provas substanciais, que temos dado; repetiremos, pois, simplesmente, a prova fundamental, a prova experimental que estão à disposição de quem as quiser. Os cegos podem vê-las.

Esse artigo não saiu no domingo, 19/06, como de praxe, e há um salto na coleção da Hemeroteca da BN, que não traz a edição da segunda-feira, dia 20/06, primeira hipótese para a publicação dos artigos quando não ocorrem no dia esperado. Ficamos nesse caso, portanto, com a versão constante do 31º capítulo da edição FAE.

Artigo CCXLIII - O PAIZ, 26.06.1892

Previsão! Como conciliar-se este fenômeno, que não é efeito de imaginação, com a lei, que é expressa nesta frase latina: de futuris solus Deus - só Deus conhece o futuro!

O fenômeno é inquestionável - e baseia-se em fatos que não podem ser postos em dúvida.

Como duvidar por exemplo, da profecia de Daniel, chamada as sete semanas⁶⁶, em que o sublime vidente designa, por seus nomes, as pessoas e os lugares que interferiram e onde se deram as cenas da vida terrestre do Messias?

Tudo o que ali está designado, com a minuciosidade de quem está vendo, realizou-se quatrocentos e noventa anos mais tarde⁶⁷, sem aumento ou diminuição de uma circunstância mínima!

Houve, portanto, uma previsão ampla, confirmada pelos fatos mais notórios do mundo!

Poder-se-ia dizer: que tal profecia não existiu - que foi aranjada post factum⁶⁸ mas; em primeiro lugar, para vingar tal alegação - simples alegação, sem prova alguma, fora preciso repelir

66 (Nota do Organizador) Aqui houve um pequeno lapso, o original traz nesse ponto o nome "Davi", mas a chamada "Profecia das Sete / Setenta semanas" consta na verdade do livro de Daniel, e já foi comentada inclusive pelo próprio Dr. Bezerra, no 2º volume desta coleção, às páginas 391 e 392. As profecias se dividem entre os capítulos 07 e 12 daquele livro, e pela complexidade de seus simbolismos e referências históricas, exigem de quem desejar conhecê-las um estudo bastante aprofundado.

67 (Nota do Organizador) Talvez até um pouco mais, há estudiosos que situam hoje a vida de Daniel em torno de 600 a.C. (Champlin, R.N. -. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia , 2º. Vol., Pág. 12)

68 (Nota do Organizador) Depois do fato. (Fonte: Dicionário Priberam online)

in limine⁶⁹ todas as profecias - e, o que mais é: o princípio geral da previsão!

Em segundo lugar, à contestação, simplesmente alegada, opõe a afirmação, prova irrecusável.

O historiador hebreu, Joseph⁷⁰, inimigo encarniçado da lei - espírito forte, como se chamam hoje os infelizes que cavam o seu abismo, recusando as verdades salvadoras - Josefo, que viveu antes do Cristo⁷¹ e, portanto, antes que os fatos confirmassem as verdades preditas, transcreve a profecia de Daniel, para combater-la pelo ridículo.

Assim, Deus fez com que o inimigo da verdade desse prova irrecusável da verdade!

Assim, Josefo deu testemunho da existência da profecia, antes do fato de sua realização - e, pois, cai a invectiva⁷²: de ser ela arranjada post factum!

69 (Nota do Organizador) No limiar, no princípio, desde logo. (Fonte: Dicionário Priberam online)

70 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra deve estar aqui a referir-se ao historiador Flávio Josefo, ou apenas Josefo - simples diferença de transliteração. Nascido a 37 ou 38 d.C. e falecido a 100 d.C., foi historiador e apologista judaico-romano. Registrou in loco a destruição de Jerusalém, em 70 d.C., pelas tropas do imperador romano Vespasiano, comandadas por seu filho Tito, futuro imperador. As obras de Josefo fornecem um importante panorama do judaísmo no século I. Na coleção de seus trabalhos, organizada pelo Projeto Gutenberg (<http://www.gutenberg.org/files/29434/29434-h/29434-h.htm>), é possível localizar duas obras sobre Daniel e suas profecias - Capítulos 10 e 11 do Livro 10 - respectivamente "A respeito de Daniel e o que aconteceu com ele na Babilônia" e "A respeito de Nabucodonosor e seus sucessores e como seu governo foi dissolvido pelos persas; que coisas aconteceram com Daniel [...] e que profecias ele entregou lá". (Tradução nossa, livre).

71 (Nota do Organizador) Aqui houve um pequeno engano, conforme visto acima - Josefo já nasceu na era Cristã. Por outro lado, há estudos bastante consistentes em defesa da autenticidade das profecias de Daniel, que fazem coro ao nosso Kardec Brasileiro, nesse sentido. Norman Champlin, uma das maiores autoridades em estudos bíblicos, na sua "Enciclopédia", já citada, elenca uma série de itens para a defesa da autenticidade do Livro de Daniel e suas profecias. O Professor Pietro Ubaldi as cita com muito respeito em seus volumes "As Noures" e "Profecias". Esse último tem por tema principal exatamente a pauta deste artigo, e para os estudiosos será um ótimo desenvolvimento das questões aqui propostas pelo Kardec Brasileiro...

72 (Nota do Organizador) Ataque verbal injurioso ou violento; afronta, infâmia, insulto. (Fonte: Dicionário Michaelis online)

Inútil é, pois, invocar o argumento: de ser viva a tradição daquela profecia, entre os judeus - e, principalmente, entre os sacerdotes, que foram os primeiros a repelirem o Cristo.

É, portanto, irrecusável o fato da previsão, efeito de uma causa desconhecida da ciência e da religião - resultante de uma lei, que a matéria e a força não podem dar e a Igreja romana não pôde lobrigar⁷³.

Mas, então, é dado ao Espírito humano ler no livro do futuro, como se fosse em livro contemporâneo?

Mas, então, não é verdade: que só Deus conhece o futuro?

A Igreja diz: que a profecia é uma realidade; mas é Deus quem inspira os profetas.

A Igreja tem razão, neste ponto, porque é realmente por vontade de Deus que os profetas recebem o conhecimento do futuro, não diretamente do Senhor, mas dos Altos Espíritos, seus enviados ou mensageiros.

Estes, porém, como sabem o que tem de acontecer? São Espíritos humanos como nós.

O Espiritismo explica perfeitamente, o fato, dando-nos a lei, de que ele decorre.

Dois exemplos tornarão claro o que nos é tão obscuro.

A irradiação dos supremos atributos do Criador estende-se ao espaço infinito, o que faz dizer, com verdade: Deus está em toda parte.

Os Espíritos criados, por seu dom da perfectibilidade, à medida que vão subindo em perfeição - que vão se aproximando de Deus, vão estendendo gradualmente sua irradiação, a ponto de se poder dizer: estão em toda parte, dentro do círculo que compreende sua irradiação.

Esta, assim como se estende pelo espaço, estende-se pelo tempo.

A Deus, tudo é presente - aos Espíritos Superiores é presente maior ou menor extensão do futuro.

Assim, pois, eles têm presentes os sucessos de dez - de cem - de mil - de muitos mil anos em fora, conforme seus graus de perfeição.

73 (Nota do Organizador) Entrever, enxergar. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Daí, conhecerem ou virem o que tem de vir, dentro de quatrocentos e noventa anos, para comunicarem, por vontade de Deus, a Daniel⁷⁴.

Daí, a lei geral da previsão.

Desçamos agora aos exemplos materiais.

Dá-se hoje um eclipse solar, que não foi previsto pela matéria humana, cuja irradiação intelectual não abrange o futuro.

O astrônomo, porém, que já tem mais ampla irradiação, pelo progresso intelectual que tem realizado, viu o fato algum tempo antes - e profetizou-o.

Aplicai este exemplo, sucintamente exposto e sem análise - e passemos ao segundo.

Suponde um Espírito colocado no Sol.

Ele vê o raio de luz, que tem de vir à Terra; de modo que, quando ele for presente aos habitantes deste planeta, já há muito o foi ao observador do Sol.

O que é presente para nós, já é passado para ele!

O que ainda é futuro para nós, já é presente e até passado para ele!

E, pois, pela lei: de que os Espíritos superiores, por sua irradiação, maior ou menor, abrangem a vista de uma maior ou menor parte de extensão do espaço e do tempo, explica-se o fato de observação - da previsão.

Aqueles Espíritos conhecedores dos sucessos que têm de vir, se é do agrado de Deus, comunicam-os a um encarnado, que tem o dom da mediunidade de comunicação com os desencarnados - e aí temos um profeta - e temos uma previsão, que o futuro vem confirmar.

Se os homens de ciência, pobres cegos, que não conhecem senão o que lhes fere os sentidos - se os homens da religião, outros cegos, que mandam apagar a luz da razão, soubessem o que ignoram, conheceriam quanto Deus reserva para os que trabalham por conhecer a verdade, pela verdade.

Mas eles, coitados! creem em sua sabedoria e em sua infalibilidade - e preparam-se cruel decepção!

Max. (Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 26.06.1892:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/5518

74 (Nota do Organizador) O original traz novamente Davi, neste ponto. Decidimos corrigir, em sintonia com o conjunto do artigo.

Artigo CCXLIV - O PAIZ, 03.07.1892

É lei, já hoje divulgada, serem os homens Espíritos reencarnados, com o fim de repararem passadas culpas pelos sofrimentos da vida, que por isto devem ser levados com a satisfação com que tomamos amargo remédio, que nos vem salvar de perigosa e mortal moléstia.

Também é sabido que o Espírito, quando vem a encarnar, faz pacto de resgatar tais ou tais faltas, suportando todos os sofrimentos.

É assim que toma o compromisso de sofrer morte violenta aquele que precisa lavar-se de haver dado morte violenta a um seu irmão.

A lei, porém, não é satisfeita pelo simples fato de sofrer aquele Espírito a morte que pediu; mas sim em sofrê-la de boa mente e com submissão.

Caim, segundo a lei, não podia furtar-se à obrigação de resgatar o crime que praticou contra seu irmão Abel - e de resgatá-lo sofrendo o mesmo gênero de morte que fez sofrer⁷⁵.

E, segundo Amós, ele pediu a Deus - e Deus lhe concedeu que voltasse à vida corpórea para aquele fim - para dar satisfação à justiça eterna e poder subir na escala do progresso, que é predicado inalienável dos Espíritos.

Veio - e acabou como desejara e como era de rigor; mas, insciente do compromisso que tomara em seu próprio bem, recuou diante da pena e revoltou-se contra ela.

⁷⁵ (Nota do Organizador) Gn. 4: 1 a 15.

Sofreu a pena, mas nada colheu, no empenho de lavar a culpa, porque sofreu por não poder evitar - porque sua vontade não tomou parte no sucesso - e ao homem só dá mérito ou demérito o que procede de sua vontade, do livre-exercício de sua liberdade.

Caim, pois, não fez a expiação, tendo aliás sofrido a pena que pedira!

Daí resultou a necessidade de volver novamente à vida corpórea, para afastar de seu caminho aquele entrave, que lhe embaraçava a passagem para o mundo dos felizes.

Veio pois pela segunda vez fazer o que não fizera na primeira - e nesta segunda encarnação chamou-se José e foi filho de Jacó⁷⁶.

Sua carga - seu passivo, nessa tão notável existência, já era muito mais leve e diminuída; porque, na anterior, só não completou seu resgate e seu progresso na Terra, por haver recuado à última hora.

Como José, pois, não podia ter mais uma vida tão angustiosa como a passada; pois, o bem ou mal-estar desta vida depende essencialmente da fraca ou forte pressão das faltas que se vem resgatar.

A não ser portanto a relutância diante da morte violenta, nada mais tinha o primeiro homicida, segundo a Bíblia, que expiar na nova existência.

Mas José morreu em paz, em seu leito, abençoando seus filhos - e agradecendo a Deus os benefícios e as graças que lhe fizera!

Logo Deus releva da pena reclamada por sua indefectível justiça.

É ainda ao Alto Espírito de Amós que pediremos a explicação de semelhante ordem de fatos, que se prendem a uma nova lei; pois que tudo, quer no mundo físico, quer no mundo moral, é regulado por leis eternas e imutáveis.

E Amós nos ensina: que o homem pode resgatar, na vida, a expiação que trouxe, como pela expiação resgata a falta que cometeu.

76 (Nota do Organizador) Sobre a história de José, vale a pena relê-la no "Gênesis" mosaico, capítulos 37 a 50. Sobre as revelações de Dr. Bezerra sobre as reencarnações de Caim, infelizmente não conseguimos localizar a fonte.

Se um Espírito, que encarnou para expiar faltas sofrendo morte violenta, atirar-se a um incêndio, que ninguém ousa afrontar, para salvar uma criatura humana que, na casa em chamas, clama por socorro, este Espírito - este homem, fez mais do que suportar morte violenta, teve a intenção de recebê-la por amor ao próximo, por amor de Deus - e por sentimento de pura caridade.

E, então, o Senhor recebe aquele ato da mais dedicada submissão a suas santas leis, como a mais valiosa moeda para o pagamento da dívida de quem o praticou.

E, desde que este pagou sua dívida, não na moeda ajustada, porém em outra de maior valor, compreende-se que a justiça indefectível, sempre aliada ao amor infinito, não pode recusar a quitação.

Foi o que aconteceu a José, que veio à Terra completar sua expiação - e ao mesmo tempo revestido de alta missão do Senhor: qual a de salvar os povos e a própria família das garras da fome.

Seus irmãos deram-lhe a morte, que lhe era a expiação, necessária para exercer a sublime missão - e ele aceitou-a resignado sem o mínimo sentimento de revolta.

Lançado em profunda cisterna, José não podia nutrir esperança de salvar-se da morte horrível pela sede e pela fome, visto que se achava no deserto e completamente à mercê de seus irmãos que foram seus algozes.

Não é o caso que figuramos: de atirar-se à morte por amor de Deus - por amor do próximo e por sentimento de caridade; mas é um caso, certamente providencial, de receber o Espírito a sentença de morte - e de morte horrível, sem revoltar-se, antes louvando o Senhor.

E por isto José ficou isento da pena de sofrer efetivamente morte violenta, pois que em Espírito sofreu-a.

Podia, ainda, esta vez, falir - revoltar-se: e neste caso, outro seria incumbido da alta missão, que ele desempenhou no Egito.

Podia, porque Deus não impõe à liberdade humana, mas como usou José da sua, de modo que resgatou sua falta e sua pena, veio daí: poder desempenhar a missão salvadora, que lhe foi dada com a expiatória.

É um caso que reclama sério estudo, este de vir um Espírito expiar faltas - e exercer mercês divinas.

Para nós, a explicação é esta:

José já tinha conquistado altos merecimentos, que, para elevar-se à categoria de Espírito superior, só era preciso que se expurgasse da mancha, já quase apagada do homicídio. Eis porque veio também em missão - missão que não exerceria, se não fizesse a expiação.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 03.07.1892:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/5567

Artigo CCXLV - O PAIZ, 10.07.1892

Dando ao público as experiências científicas sobre Espiritismo, feitas por um sábio italiano, o jornal “O Figaro” diz:

“As experiências de Lombroso, como a do Dr. Belfiore⁷⁷ não apresentam fato nenhum que não tivesse sido alegado por outros escritores da matéria e nomeadamente Crookes, Alfredo Russel Wallace, o célebre naturalista inglês co-descobridor do darwinismo, Charles Darwin. O que, porém, lhes deu mais curiosidade, foi valerem a conversão do sábio italiano, que sempre recusara, não só verificar os fatos, como acreditar que eles fossem mais do que hábeis mistificações, ou para os observadores de boa-fé simples alucinações”.⁷⁸

77 (Nota do Organizador) O texto provavelmente refere-se ao Dr. Giulio Belfiore, autor do volume “L’ipnotismo e gli stati affini” (“Hipnotismo e Estados Relacionados”). Dr. Belfiore foi médico do Hospital Municipal de Nápoles para doenças infecciosas. O livro, republicado em 1898 com o título “Magnetismo e hipnotismo”, teve várias reimpressões e por algumas décadas foi a principal referência de texto italiano para qualquer pessoa interessada em hipnotismo. Lombroso cita-o positivamente em seus trabalhos. (Fonte: <http://www.vitaumana.it/pag/xe01-ipno1.htm>).

78 (Nota do Organizador) Este artigo dá sequência a outro, publicado no 2º volume desta coleção - Artigo CCXI, de 15.11.1891, à pag. 402, quando Dr. Bezerra dá início ao relato dos progressos do grande criminologista italiano Dr. César Lombroso em seus estudos em torno dos fenômenos espíritos. Partindo de um ceticismo total e público, concorda em examiná-los, e termina por declarar também publicamente a comprovação da realidade dos mesmos. Célebre internacionalmente, a “conversão” de Lombroso correu mundo, e chamou a atenção para a de outros grandes nomes da ciência que passaram pelo mesmo processo, como Crookes e Wallace, dentre outros, acima citados. Os dois próximos artigos darão continuidade a este, vale acompanhar a sequência.

Ora, graças a Deus, que o mais valioso inimigo do Espiritismo - o sábio professor de psiquiatria da Universidade de Turim - o Dr. César Lombroso, já teve provas, a que foi forçado ceder, de que os fenômenos, que nem se dignava observar, não são o resultado, nem da mistificação, nem da alucinação!

À vista disto, que corrobora as experiências de Crookes - de Wallace - de Gibier - de Zöllner - e de tantos outros sábios de primeira ordem, quiséramos ouvir um dos nossos ilustrados amigos daqui repetir o seu conceito: “O Espiritismo leva ao hospício, passando pelo ridículo” - quiséramos saber o que pensa o ilustrado autor do nosso código criminal⁷⁹ - quiséramos entrar na consciência do erudito Sena Freitas⁸⁰, que disse: “Não poder tomar a sério coisas do Espiritismo.”

Um por um, todos os homens de inteligência hão de ir tendo os olhos abertos à verdade - e o ridículo, que cuspiram sobre os que, antes deles, conheceram, cairá, sobre eles, como perdigotos.

Não é um adversário comum o que hoje se rende à evidência dos fatos, que observou com todas as precauções e o maior escrúpulo; é um sábio de reputação firmada no mundo científico - que se bateu denodadamente, contra o Dr. Chiaia, sustentando que os fenômenos espíritas não passavam de obras de mistificadores ou de alucinados.

É, pois, insuspeito e competente, como quem mais, para julgar na matéria.

Lombroso confessa, como Crookes - como Zöllner - como Wallace, todos, pelas murmurações, insuspeitos e competentes, que os fenômenos espíritas são uma realidade!!

Ora, graças a Deus, que os espíritas já temos um título assinado pelos maiores vultos do mundo científico, que nos resguarda das pechas de mentecaptos ou mistificadores!

Entretanto, ainda não estamos resguardados, aqui no Brasil, de irmos para a cadeia, pois, o nosso código criminal nos confunde com os prestidigitadores e com os ledores da “buena-dicha”.

79 (Nota do Organizador) Vide o artigo CLVII, de 26.10.1890, à página 198. e os seguintes, no 2º. volume desta coleção.

80 (Nota do Organizador) Vide o artigo Artigo CXIV, de 20.07.1891, à página 334 do 2º. volume desta coleção.

Prisão celular para os que procuram descobrir os mistérios de uma ciência nova, que preocupa todos os sábios - e que tem feito dos principais seus propagandistas!!

Somos, com efeito, uma nação digna de figurar, com seu código em punho, no convívio dos povos civilizados!

Voltemos porém ao assunto, que nos ofereceu “O Figaro” - as experiências científicas sobre Espiritismo:

“É bom, todavia, notar, diz aquele jornal, que, assinando e dando testemunho dos fatos, Lombroso não se julgou obrigado a aceitar a inverossímil teoria espírita de Allan Kardec, embebida de um estranho misticismo religioso - e que nada tem de científico.”

O autor destas linhas perfilha evidentemente a opinião de Lombroso sobre a teoria de Allan Kardec, explicativa dos fenômenos que ambos aceitam; e, pois, daremos aos dois a mesma resposta.

Que teoria é esta, que se diz inverossímil?

Simplesmente: que os fenômenos espíritas (já confessados) são devidos à ação dos Espíritos que já deixaram esta vida.

Passemos em revista os fatos observados por Lombroso e consignados no processo verbal, por ele assinado - e vejamos o que se pode colher deles.

“Uma mesa elevou-se de 30 a 50 centímetros - e Chiaia pediu à força operante, que se dava o nome de John, que fizesse plena luz - e que esta saísse de sob as vestes do médium.

“A mesa, pela sistema alfabético, respondeu que sim, e acrescentou, por meio de pancadas, a sini...; o que fez todos perguntarem: somos asini, asnos?

“A mesa respondeu: não — e continuou a formar as palavras (que foram interrompidas) à sinistra, fazendo entender que ia produzir o fenômeno à esquerda do médium.”

Em primeiro lugar, é evidente: que a força produtora dos fenômenos espíritas é inteligente, pois que responde às perguntas - e diz antecipadamente o que vai fazer. Isto não tem discussão.

Em segundo lugar, como explicar - onde descobrir uma força inteligente e livre, que nos fala - que discute conosco - que nos ajuda a descobrir estes fenômenos espíritas?

Opõe-se à teoria de Allan Kardec a chamada força psíquica: reflexo do pensamento e da vontade dos próprios observadores; mas isto é certamente muito mais inverossímil, porque vale por fazerem, sem consciência do que fazem, homens acordados - e

principalmente porque muitas vezes a força operante produz coisas em que nenhum dos presentes cogita, como no caso citado, preveniu que a luz surgiria do lado esquerdo do médium.

Há casos, em que a tal força se manifesta em uma língua desconhecida de todos os presentes, como aconteceu na Sociedade Espírita de Paris, onde se deu uma comunicação em sânscrito - e, como já observamos aqui, recebendo uma em espanhol.

É bom notar: que as comunicações em línguas desconhecidas dos observadores são sempre assinaladas por pessoas que as falaram: a francesa, por um francês - a inglesa, por um inglês etc. etc.

Demais, como explicar-se o fato de anunciar-se, ao mesmo tempo, em diferentes países, o mesmo acontecimento?

Finalmente - e para não ir ao infinito, no fato observado por Lombroso, que aqui transcrevemos, está a prova da impossibilidade da força física.

O médium referiu que John havia apertado o dinamômetro - e Lombroso verificou que o de Cullin⁸¹ marcava 30 graus e o de Charrin⁸² 42.

Nenhum dos presentes tocou naqueles instrumentos, nem teve o pensamento de levar um a 30 e outro a 42 graus. Logo, para aquele efeito, não entrou a sua força psíquica - logo foi o Espírito de John, como anunciou o médium, quem produziu o efeito.

Voltaremos a esta questão.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 10.07.1892: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/5618

81 (Nota do Organizador) Não conseguimos identificar Cullin. Provavelmente foi um dos companheiros de Lombroso em suas pesquisas.

82 (Nota do Organizador) Provavelmente Dr. Albert Charrin (1856-1907), patologista francês, membro do Instituto Pasteur.

Artigo CCXLVI - O PAIZ, 17.07.1892

Prometemos voltar ao exame das experiências científicas feitas por Lombroso e Belfiore sobre o Espiritismo - e vimos cumprir nossa palavra.

As experiências feitas pelos dois sábios italianos, corroborando as que outros vultos científicos têm feito aos milhares, adiantaram muito o progresso das novas ideias.

A questão de serem ou não reais os fenômenos espíritas foi tirada a limpo - só algum parvo ousará, depois do juízo insuspeito e competente de tantos sábios, que os confessam, quando antes não os tomavam a sério, contradizê-los.

Resta, porém, um ponto, porventura mais difícil de resolver: o da força que os produz.

A este respeito, não os adeptos, mas os adversários das teorias de Allan Kardec, já têm igualmente avançado no sentido daquelas ideias, verificando experimentalmente, que a força em questão é inteligente e livre.

Temos, pois, que dos três princípios sustentados por Allan Kardec, dois já estão aceitos pelos sábios: os fenômenos espíritas são reais - a força que os produz é inteligente e livre.

No princípio, a ciência escarnecia de tudo o que dizia respeito ao Espiritismo, qualificando-o de mistificação ou alucinação.

Hoje já confessa dois princípios em três; mas ainda recusa o terceiro.

Parece de razão senão de lógica, que, tendo alguém descoberto uma nova ordem de fenômenos, que diz serem devidos à ação dos Espíritos desencarnados, os que não admitiram, in totum⁸³, aquela descoberta, aceitam-na, também in totum, desde

83 (Nota do Organizador) Em totalidade. (Fonte: www.dicionariodelatim.com.br)

que verificarem a verdade dos novos fenômenos - e a verdade de serem produzidos por uma força inteligente e livre, precisamente com os caracteres dos Espíritos desencarnados, que o descobridor dá como causas.

Efetivamente, a questão já está reduzida a estes termos: a força inteligente e livre, que está, experimentalmente demonstrada ser a causa dos fenômenos espíritas; é ou não os Espíritos desencarnados, que são inteligentes e livres?

Os que já vão a mais de meio caminho de Allan Kardec, mas ainda recusam continuar por ele, apegam-se a uma teoria, única de tantas que já caíram no geral descrédito, que ainda pode enfrentar com a do fundador do Espiritismo.

A força inteligente e livre, que produz os fenômenos espíritas, não é o Espírito desencarnado, mas sim o Espírito encarnado; dizem e está dito.

O pensamento e a vontade do observador, irradiando-se do seu Espírito, são os que produzem fenômenos espíritas - e, portanto, manifesta os caracteres de inteligência e liberdade; explicam e está explicado.

Esta explicação requer explicações.

O observador não sabe latim, mas recebe uma comunicação em latim - não sabe história e vem-lhe uma comunicação sobre episódios das cruzadas - não conhece cosmogonia e dão-lhe uma explicação do dilúvio; ou, então, tem sobre certos pontos de ciência ideias assentadas, e vem-lhe uma comunicação em sentido inteiramente oposto, que derrui todo o castelo de seus conhecimentos.

Como explicar estes fatos, que temos inúmeras vezes observado - e que podem ser observados, a todo o tempo - e por quem a quiser?

Como explicá-los pela irradiação de nosso pensamento e de nossa vontade?

Evidentemente, a força psíquica só pode manter-se no ânimo daqueles que se recusarem a verificar a verdade que aí deixamos exposta.

E o que fica, retirada na arena essa força?

Fica a asseveração, baseada na experimentação, de que a causa dos fenômenos espíritas é uma força inteligente e livre - e fica a teoria inverossímil de Allan Kardec, que ensina ser esta força os Espíritos desencarnados.

Será também esta uma explicação que cabe, como aquela, diante dos processos científicos da prova experimental? Vejamos.

Num trabalho de estudos experimentais, dá-se o fenômeno espírita da manifestação de um pretendido Espírito que confessa perseguir uma pessoa conhecida, no intuito de arrastá-la à loucura, por ter recebido dela grave ofensa em uma existência passada, às vezes, há séculos.

Conta a história de tal ofensa, relatando fatos daquelas épocas, que a história registrou.

Discute-se com este pretendido Espírito - e consegue-se demonstrar-lhe o propósito de vingar-se - e consegue-se dele que perdoe ao que foi seu algoz.

Desde que se consegue tal resultado, a pessoa perseguida, que era louca ou semilouca, fica boa - nunca mais acusa os velhos problemas.

Fatos desta ordem obtêm-se dez - vinte vezes, sempre com o mesmo resultado.

Perguntamos: diante destas provas acumuladas, que inutilizam todo o recurso à coincidência ou acaso, pode o observador ter dúvida sobre ser o pretendido Espírito um Espírito real?

E desde que verificamos o fato da existência dos Espíritos, depois da morte do corpo - e o da sua manifestação aos vivos, podemos mais ter dúvida sobre a verdade das teorias inverossímeis de Allan Kardec?

Ao redator de "O Figaro", que assim capitulou à verdadeira doutrina, que explica os fenômenos espíritas, oferecemos ensejo de verificar, experimentalmente - e por seus próprios olhos: se são ou não inverossímeis aquelas teorias, convidando-o a vir experimentar conosco.

Max é bem conhecido - e terá sumo prazer em trabalhar, em sua oficina científica, a par do distinto cavalheiro, que também lhe é conhecido.

Venha - e reconhecerá se é inverossímil a Doutrina de Allan Kardec - e se esta Doutrina peca por excesso de misticismo religioso.

Assim, como se demonstra experimentalmente que a causa dos fenômenos espíritas são os Espíritos desencarnados, assim - e com a mesma evidência - prova-se a verdade de cada um dos princípios, que constituem os fundamentos da Doutrina Kardequiana, tanto no que diz respeito à ciência, como no que entende com a religião.

Quer num, quer noutro sentido, aquela Doutrina exhibe ideias tão adiantadas, que por isto mesmo não podem ser aceitas pelos que são dominados pelo espírito de sistema - e pelo fanatismo.

A razão, porém, e a consciência, livres daquela coação, abraçam-nas com entusiasmo.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 17.07.1892: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/5666

Artigo CCXLVII - O PAIZ, 25.07.1892

Ainda algumas considerações sobre as experiências científicas, tendo por objeto os fenômenos espíritas.

Nº “O Figaro” de 8 do corrente mês, sob a epígrafe - “Uma excursão no reino dos Espíritos” - lê-se uma correspondência do Dr. Hans Barth⁸⁴ para o “Zeilgeist”, suplemento do “Berliner Tageblatt”.

Nessa correspondência o sábio doutor, coparticipante do empenho com que todos os círculos científicos investigam os fenômenos espíritas, depois que Lombroso confessou a realidade de sua existência, traz ao público tudo quanto por si mesmo colheu a tal respeito.

O ilustre observador obteve, à plena luz, a ascensão da mesa por várias vezes, e até coisa de dois metros acima do chão - obteve à luz diminuída, pequenas chamas sobre a mesa, aumentando de tal modo, a terminar por se produzir uma verdadeira chuva de chamas ascendentes e descendentes, turbilhonando em todos os sentidos, a ponto de encher toda a sala - obteve a aparição de mãos, grandes e pequenas, que tocavam as pessoas presentes, pelas costas e pelas espáduas e insinuando-se pelo cabelos e pelas barbas - obteve grande número de manifestações físicas, de que a principal foi a seguinte:

“Uma mão sacou-lhe o relógio do bolso e colocou-o sobre a mesa, com o mostrador bem iluminado e depois suspendeu-o

84 (Nota do Organizador) Localizamos na internet um Sr. Hans Barth que talvez corresponda ao citado em “O Figaro”. Hans Barth (1862 - 1928) foi um jornalista e escritor alemão. A partir de 1886, ele foi correspondente do “Berliner Tageblatt” em Roma, e continuou neste trabalho até 1927, quando foi forçado a renunciar por motivos de saúde. (Fonte: Wikipedia)

até o teto, onde deu-lhe corda, ouvindo-se perfeitamente o ruído e mais tarde fê-lo passear pela sala, tocando, com ele na boca, fronte e nos olhos dos presentes, como lhe foi pedido”.

“Apesar de tudo isto, diz o narrador, ainda não estava esgotada a série de misteriosas surpresas que nos reservava John King, o nome que se dá a força de que dispõe Eusápia⁸⁵, a médium”.

E refere: que, a seu pedido, aquela força tirou-lhe o dinheiro do bolso para derramá-lo sobre a mesa, depois do que depô-lo, novamente, no bolso, sem faltar um real.

“Um dos assistentes que, com seus escárnios continuados, tinha molestado o bom John King, foi por ele cruelmente punido: a mão misteriosa tirou da carteira de um dos nossos companheiros dois cigarros parisienses e os meteu na boca do trocista.”

Por último - e depois de narrar muitos fatos extraordinários, o Dr. Hart refere o seguinte:

“Quando a inteligência operante foi por nós convidada a satisfazer um pedido mental, creio que, o realizando, demonstrou possuir foros de uma existência individual: o Sr. banqueiro Hirsch, em língua italiana, expôs-nos o desejo de evocar um certo morto sepultado no cemitério de Nápoles, e acrescentou: se isto é possível, que o Espírito toque a campainha e bata na mesa, afirmando, assim, sua aquiescência.

“Imediatamente, da mesa que estava junto à parede, ergue-se a campainha, vibrando nos ares como um passarinho que modula um nítido tilintar, enquanto uma pancada ressoava no centro da mesa; depois, durante alguns minutos, tudo emudeceu, até que, repentinamente, o Sr. Hirsch sentiu-se apalpado pelas costas, que estavam, entretanto, abrigadas pela proximidade da parede (Hirsch e seu vizinho seguravam energeticamente a médium pelas mãos).

“À pergunta feita em francês, por Hirsch: si c’est toi, don-nemoin un signe (se és tu, dá-me um sinal) - todos os presentes viram, durante longo tempo, uma graciosa mão passar delicada-

85 (Nota do Organizador) O texto original de Dr. Bezerra traz o nome da médium como “Eusapira”, mas trata-se de erro material. A edição FAE o substitui por Eusápia Paladino, com razão. posto que é amplamente sabido que John King era o nome de um dos Espíritos que se manifestaram por Eusápia. Para saber um pouco mais sobre essa grande médium, vale consultar seu resumo biográfico no endereço <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Eusapia-Paladino.pdf>.

mente pelas espáduas e rosto de Hirsch, enquanto a médium, que estava em sono sonambúlico, gritou: é uma senhora, uma jovem senhora!

“Com dois beijos, ouvidos por todos, e dados em Hirsch, a aparição (que se supõe ter sido a falecida mulher de Hirsch) desvaneceu-se.

“Enquanto tudo isto sucedia, seu corpo era iluminado pela mão luminosa - e a parede e o espaço em torno da médium pareciam fosforescentes.”

Eis, em resumo o resultado das experiências do Dr. Hans Barth, feitas sem ideias preconcebidas, porque o doutor não é espírita - e executadas com todas as cautelas e precauções que reclama a ciência.

Fatos da ordem dos que aí ficam expostos não são mais raridades em nosso tempo, nem são mais objeto de dúvida para os maiores vultos científicos.

A dúvida deste é, como dissemos outro dia, simplesmente sobre a natureza da causa de tais fenômenos.

Parece-nos impossível que haja quem resista à evidência, imaginando uma teoria mil vezes mais incompreensível do que é, para o materialista, a de Allan Kardec.

Lombroso diz ao Dr. Barth:

“Não acho inexplicável nenhum dos fatos por vós observados, nem mesmo as aparições dos falecidos. Para quem tem estudado a transmissão do pensamento, acha tudo isto explicável. O pensamento (imagem dos mortos) passa das pessoas presentes para o médium - e deste se reflete sobre os que estão presentes, em forma de alucinação.”

Nós diremos a Lombroso:

Se assim fosse, não se observaria nos trabalhos experimentais sobre Espiritismo, senão o que estivesse no pensamento das pessoas presentes ou de alguma delas. Isto é do maior rigor lógico.

Há, porém, fatos inúmeros de manifestações, com que ninguém podia contar - e, portanto, em que nenhum dos presentes podia pensar; logo não há - não pode haver, em tais casos, a transmissão do pensamento.

Quem faz constantes experiências, e não uma ou duas, como acontece a Lombroso, tem mil ocasiões de verificar o fato por nós alegado: de haver manifestações que não estão no pensamento de nenhum dos presentes.

Quantas vezes se manifesta um Espírito completamente desconhecido!

Pode alguém pensar num ente de cuja existência não tem, sequer, notícias?

A teoria da força psíquica ou transmissão do pensamento, bem como a do magnetismo e da eletricidade e todas as mais imaginadas, só podem seduzir a quem não tem a experiência dos fatos, que falam categoricamente em favor da teoria de Allan Kardec.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 25.07.1892:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/5715

Artigo CCXLVIII - O PAIZ, 31.07.1892

Todos trazem o seu dia marcado, pensam os que ainda não compreendem: que à liberdade humana Deus não pôs limites dentro do possível.

Todos têm seu dia marcado, é fórmula do fatalismo - e se o homem lhe fosse sujeito, que responsabilidade poderia ter — que mérito ou demérito poderia fazer - de que lhe serviria a liberdade?

O fatalismo assenta perfeitamente ao materialismo, para o qual a lei das leis é: a irresponsabilidade real do homem; não, porém, ao que aceita, como dogma, esta responsabilidade.

Como conciliar-se responsabilidade com fatalismo? Uma coisa exclui a outra.

Há, com efeito, um fatalismo, que dá, talvez, origem àquela crença impossível por absurda: é o das leis eternas e imutáveis.

Tudo, desde o mais notável sucesso até o mais insignificante fenômeno, tem a sua lei - não para fugir-lhe, assim como esta lei não pode deixar de ser o que foi - o que é - e o que será.

Um corpo, rolando por um plano inclinado, faz um movimento uniformemente acelerado, por lei eterna e estável⁸⁶.

Uma semente lançada à terra passa por várias modificações, até transformar-se numa planta - modificações que são sempre reguladas e determinadas pela mesma lei eterna e imutável.

A formação do corpo humano se opera de conformidade com leis eternas e imutáveis.

86 (Nota do Organizador) O original traz “eterno e instável” nesse ponto, mas deve ter havido algum erro tipográfico, posto que seria o oposto daquilo que Dr. Bezerra se propõe a demonstrar... Decidimos ajustar.

A morte, pois, não há de ser o único fenômeno que escape à sujeição de leis eternas e imutáveis.

Daí, porém, a ter cada um seu dia marcado - daí ao fatalismo, vai um abismo - vai o que existe entre a necessidade de nos alimentarmos e a liberdade de deixá-lo de fazer.

Se a hora fosse marcada, o suicídio ou destruiria tal princípio, ou seria uma maravilhosa coincidência - e, em todo o caso, não seria um crime.

A morte, pois, embora não tenha hora previamente marcada, é, como dissemos, sujeita a leis, que, por serem eternas e imutáveis, podem ser ditas — fatais.

Quais são estas leis, que não ensinam, nem a ciência, nem a religião?

O leitor já sabe que vamos dar-lhe o que nos dão os Espíritos, que tiveram a alta missão de revelarem aos homens aquelas verdades, que Jesus declarou não poder ensinar, por causa do atraso da humanidade de sem tempo; mas que prometeu mandá-las quando a mesma humanidade, por seu progresso, já pudesse compreendê-las⁸⁷.

É, pois, com a autoridade dos mais respeitáveis nomes, que vamos atacar a questão.

Os Espíritos, quando reencarnam, tomam, segundo presumem de suas forças, compromisso de fazerem obras, na vida, pelas quais resgatem todas ou parte de suas faltas passadas, que lhes são o embargo à sublime ascensão, que é o destino de todos. Isto é lei indefectível.

Tomemos um, que já tem, em passadas existências, resgatado as suas maiores faltas - e que, para subir aos mundos superiores, bem pouco lhe falta.

A lei que regula as expiações, marca aos que se acharem em tais condições a simples pena de encarnar - e porque a mesma lei prescreve a desencarnação ou morte, para todo o que tiver acabado sua missão expiatória, eis que aquele Espírito, satisfeita a sua missão pela encarnação, que é mais pavorosa do que a desencarnação, porque é a verdadeira morte para o Espírito, nenhuma razão tem mais para continuar a viver.

87 (Nota do Organizador) Jo. 16: 12-15, já referido.

São os casos de abortos e das mortes na primeira infância, que aliás também podem ser devidos: ora à lei das moléstias orgânicas, que tornam o corpo impossível para a vida; ora à lei de ter o Espírito reconhecido que tomou um compromisso superior às suas forças - e suplicado adiantamento de suas provas para quando possuir maior energia.

Tomemos outro Espírito carregado de culpas, que vai, por suas obras resgatando, no que leva até a maior longevidade.

Este, se na extrema velhice, a que chegou por não ter concluído sua missão, concluí-la por alguma obra meritória, nada mais tem que fazer na vida - e despede-se dela, tendo satisfeito a lei da reparação - e a de deixar a Terra, desde que nada mais tem que fazer nela.

Se, porém, apesar da longa vida, não logrou concluir sua missão - e sobrevém moléstia que lhe torna impossível a continuação, fica o resto do que lhe resta fazer, para outra existência - e cede à lei geral, que faz da saúde do corpo condição de vida.

Digamos já que, dado o fato de moléstia em qualquer idade e grau de expiação, predomina a lei da desencarnação por tal motivo, sem prejuízo da lei da expiação, porque o Espírito virá completar a missão interrompida.

Assim, pois, a morte pode ser devida ou à moléstia que interrompe as provas, ou a estarem estas satisfeitas.

Tomemos ainda um Espírito, que vem fazer suas provas, mas que, longe de avançar na escala do progresso, tende a praticar crimes, que o fariam retroceder.

Neste caso, a misericórdia do Pai, firmada na lei: de não ser dado a ninguém retrogradar, faz que se rompam os laços que prendem ao corpo àquele infeliz, para que volte a reatá-los quando estiver em melhores condições, para sua regeneração. Ainda é a lei.

Finalmente, temos os casos, em que o Espírito, sobrecarregado de culpas, pede uma existência e nenhum reencarna senão quando pede, o que, por lei, acontece a todos, desde que têm o toque do arrependimento - e sabe que só por aquele meio pode conquistar a felicidade; pede uma existência, mas somente para resgatar uma parte delas, por não sentir-se com forças para resgatar todas.

Se este Espírito concluir sua missão - e pedir a Deus a continuação da vida para resgatar as outras fora de seu compromisso; em vez de se cumprir a lei da desencarnação, para os casos de se ter completado a missão, que se trouxe, prevalecerá a de nada ser negado aos Espíritos para seu progresso - e a existência prolongar-se-á.

Confessemos que isto não se compara com o fatalismo⁸⁸!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 31.07.1892: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/5756

88 (Nota do Organizador) Aos que desejarem se aprofundar no estudo desta questão dos diferentes limites para a vida corpórea, vale a pena consultar os comentários sobre o 5º. mandamento - “Honrai Pai e Mãe” - ao final do 4º. volume de “Os Quatro Evangelhos”, psicografado por Émilie Collignon e organizado e publicado por Jean Baptiste Routaing - Ed. FEB.

Artigo CCXLIX - O PAIZ, 07.08.1892

O eminente Camille Flammarion descreveu, sob a forma romântica de seus escritos, a grande lei: do que designaremos com a denominação de - fotografia divina.

Tudo o que praticamos na vida, seja em público ou no mais recôndito esconderijo - seja à claridade da luz ou sob o véu da mais tenebrosa escuridão, se estampa no éter que enche os espaços infinitos, como sobre uma lâmina se grava a imagem de uma pessoa, com a simples diferença: de se apagar esta com o tempo, porque eternas só são as obras de Deus.

E, porque tudo progride no Universo, onde nada se finda, mudando apenas a matéria de formas resultantes de novas combinações, as imagens terrestres vão eternamente subindo da Terra à mais e mais, precisamente como a evolução do Espírito em sua marcha progressiva para a perfeição, que por mais que avance, jamais chegará ao infinito grau, porque, se assim não fora, cada Espírito viria a ser um Deus.

O fato se dá por modos que, em qualquer tempo, um Espírito superior em progresso pode elevar-se ao ponto onde estejam chegando os quadros de seu nascimento - e descendo daí, pode vir encontrando todos os de sua vida - e subindo mais alto, os de todas as suas passadas existências.

Flammarion imaginou ter encontrado no espaço o quadro do nascimento de Jesus - e os de sua vida até o de sua morte.

Quem lê no interessante livro do astrônomo francês⁸⁹ aquelas ideias, coloridas pelos raios de sua ardente imaginação, acre-

89 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se ao volume "Narrações do Infinito", Ed. FEB, Cap. III.

dita que tem à vista descrições humorísticas de coisas impossíveis.

É um poeta que sonha!

O fato, porém, é: nos trabalhos experimentais sobre os fenômenos espíritas, vê-se frequentemente serem apresentados aos Espíritos, que se manifestam, quadros de suas existências anteriores, em que eles se reconhecem - em que veem o que praticaram - e tiram daí ensinamentos, quase sempre vantajosos no seu progresso.

É, suponhamos, um Espírito, que persegue, até obsedar, um vivente, muito conhecido - e às vezes amigo do experimentador; fazendo-o, suponhamos ainda, por vingar-se de ter ele desonrado a mulher, que, ainda do mundo espiritual, ama estremeidamente.

Nada o demove da atroz perseguição; mais eis que lhe é apresentado um quadro horripilante!

Aquela mulher, que ele ama ainda do Espaço, que o exaspera, esquecendo-o, e dando-se a outro, foi, em tempos idos, esposa de alto cavalheiro, que também adorava-a loucamente - e foi arrastada à desonra por ele Espírito, que se valeu, para isto, de seu poder, lançando em um cárcere o marido.

O infeliz se reconhece - e reconhece a lei de alta justiça pela qual lhe fazem hoje o que a outrem ele fez, sendo o instrumento de seu flagelo o mesmo que o foi do outro.

São fatos experimentais, que se reproduzem frequentemente - e de que não é lícito olvidar, senão aqueles que fecham os olhos, para poderem ter o direito de dizerem: que não veem.

Assim, pois, a experiência demonstra: que a ficção de Flammarion é a revelação de uma lei, que pode ser expressa nestes termos: nada se faz, ainda mesmo no meio das mais espessas trevas, que não se grave no fluido universal, que enche os espaços infinitos - e tais gravuras ou quadros jamais se apagarão, embora se afastem continuamente da superfície da Terra⁹⁰.

90 (Nota do Organizador) O fenômeno a que Dr. Bezerra se refere chama-se Psicometria. Hoje sabemos que não depende de distância física do planeta, mas de sensibilidade psíquica apropriada à sua realização. Quem desejar se aprofundar no tema pode consultar, entre outras, a obra de Ernesto Bozzano exatamente com esse título - "Psicometria" (Ed. FEB), como também o capítulo homônimo da obra de André Luiz, "Nos Domínios da Mediunidade", recebido pelas mãos abençoadas do nosso prezado Chico Xavier; ou ainda o volume "O Drama da Bretanha", do Espírito Charles, captado pela grande médium Yvone A. Pereira.

Os Espíritos, que mais se têm elevado por seus méritos, podem ver, nas maiores alturas, às que já têm subido a elas, em sua eterna marcha centrífuga - e os podem vir revelar aos homens, se Deus o permite.

É assim que podem, por exemplo, subir até a quase infinita altura, em que já se deve achar o quadro do primeiro homicídio, segundo a Bíblia - e por aí, descendo, acompanhar as diferentes mutações, por que tem passado Caim, até o ponto em que se acha hoje, na escala do infinito progresso.

Vice-versa, os Espíritos mais atrasados - os que ainda se acham de todo em todo presos à matéria e às coisas da Terra, não podendo por seu grande peso, como já o dissemos n'outra ocasião, elevar-se à grande altura, não têm a faculdade de ver os quadros que se elevam além da superfície da Terra, onde eles pairam.

Procede daí o fato, também da experiência, de se manifestarem Espíritos que não veem senão os objetos materiais, que os cercam e, às vezes, não verem senão os que tinham em torno de si quando se finaram, para o que concorre também a perturbação, que se segue à morte, a qual é tanto mais profunda e duradoura, quanto mais preso se foi na vida preso às coisas materiais.

Esta espécie de cegueira espiritual chega ao ponto de ver o Espírito, na sala onde se manifesta, a sala da casa onde morreu - e de não reconhecer, como coisa estranha, o corpo do médium por quem se manifesta, afirmando que é o seu, - e portanto que ainda está vivo.

Se o médium traz objetos, um relógio, por exemplo, que o Espírito nunca possuiu, é inútil fazê-lo apreciar esta prova de que seu não é aquele corpo, porque ele vê tanto aquele objeto, como nós vemos o oxigênio e o hidrogênio, que constituem a água.

A estes pobres Espíritos, no entanto, são, muitas vezes presentes os quadros de suas passadas existências, que já estão muito acima da atmosfera da Terra.

É que em proveito de tais desgraçados e para abrir-lhe os olhos - encaminhá-los pelas vias do progresso, que é a lei universal, dá-se um de dois fatos:

Em casos especiais, e quando a materialização do Espírito não é absoluta, Deus permite que, a favor de um Espírito adiantado, o atrasado perca temporariamente seu peso, quanto é preciso para subir onde se acha o quadro que deve esclarecê-lo.

Em casos especiais, principalmente nos dos Espíritos mais materializados, é a imagem do quadro que, por obra dos Espíritos adiantados lhe é apresentado; tal qual, por processos artísticos, tira-se de uma fotografia uma nova, que lhe é perfeitamente igual, vindo a ser: imagem da imagem de um indivíduo.

Muito tem que andar, ainda, a ciência humana.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
“Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 07.08.1892:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/5800

Artigo CCL - O PAIZ, 14.08.1892

A aurora do novo dia começa a raiar para esta Terra, onde não há muito, em meio da geral indiferença, promulgou-se um código que condena o Espiritismo como feitiçaria e charlatanismo!

A imprensa fluminense, a princípio refratária a tudo o que tinha relação com o Espiritismo, já abre suas colunas a publicação dos trabalhos e estudos feitos sobre o Espiritismo!

O decano do nosso jornalismo, o “Jornal do Comércio”, instituiu, no dia 7 do corrente, uma seção que denominou: “O Espiritismo e a Ciência”⁹¹, rompendo assim o cordão sanitário que defendia a sociedade da infecção maléfica produzida pelas teorias vesânicas⁹² ou diabólicas do profeta do pé pequeno⁹³!

91 (Nota do Organizador) Mais uma vez, graças aos bons serviços prestados pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, nos é possível acessar a referida edição, no endereço http://memoria.bn.br/DocReader/364568_08/8229. A sessão mencionada por Dr. Bezerra veio estampada logo à primeira página, com destaque, e foi assinada por Henry de Parville (1838-1909), jornalista científico e escritor francês, correspondente do Jornal do Comércio. (Fonte: <https://www.historicalautographs.co.uk/autographs/parville-henri-de-19379/>)

92 (Nota do Organizador) Loucas, insensatas, dementes. (Fonte: Dicionário Priberam online)

93 (Nota do Organizador) Allan Kardec. Era assim que lideranças da Igreja católica do Rio de Janeiro se referiam ao Codificador da Doutrina Espírita, ao tempo de Dr. Bezerra. Vide a respeito o artigo CXCV, de 20.07.1891, à página 336 do 2º. volume desta coleção. Não conseguimos identificar com exatidão o sentido da expressão, mas claramente era pejorativa, no sentido de diminuir o trabalho do nosso querido mestre lionês.

Devem ter arreventado de raiva o autor do código e os que lhe partilhavam as ideias retrógradas e obscurantistas, vendo o grande órgão dar título de cidade ao que do alto de sua grande suficiência condenaram à celular e ao desprezo da sociedade.

Ainda não é tudo. A luz virá mais intensa - e os pobres morcegos, que escarneciam do Espiritismo, hão de ficar reduzidos a aguardar as horas das trevas, para saírem de seus tristes redu-tos!

O ridículo que pretenderam jogar sobre os espíritas rever-terá para eles; mas, os sectários da ciência do futuro não procurarão tirar a desforra, porque o Evangelho do Espiritismo lhes impõe o esquecimento das ofensas - o amor aos próprios inimigos - e o auxílio fraternal aos que, mal usando de sua liberdade, se desviam das vias do progresso indefinido, para o qual foram - são - e serão criados todos os Espíritos.

Contentar-se-ão com a satisfação moral de verem os que os apedrejaram confessar, em público ou no segredo de sua consci-ência: eles tinham razão.

Galileu - Colombo - e Fulton, os loucos de seu tempo, são glorificados pela nova geração.

Os Espíritas, mais felizes, não precisam apelar para o fu-turo. Suas ideias, a menos de meio século semeadas no seio das sociedades civilizadas, já dominam a massa dessas sociedades - e já chegam a suas grimpas⁹⁴, forçando os maiores sábios a porem de lado suas altas cogitações e virem render-lhes o culto a que só têm direito as verdades que arrastam, como a luz esclarece.

E nós, os espíritas do Brasil, ainda ontem objurgados como mentecaptos - nigromantes - e charlatães, contra os quais um sábio, encarregado pelo governo da nação a confeccionar o código criminal da nação, julgou necessário mandá-los à celular; já temos hoje a satisfação de ver o grande órgão de publicidade da ca-pital da República dignificar-nos, instituindo uma seção editorial, para a publicação dos trabalhos dos mentecaptos - nigromantes - e charlatães.

Honra aos diretores da opinião, que não se deixam levar pela corrente obscurantista, que só aceitam o que está dentro do círculo dos conhecimentos adquiridos!

94 (Nota do Organizador) Ponto mais elevado de um objecto ou edifício; cocoru-to, píncaro, topo. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Honra aos que, se não aceitam tudo o que surge fora daquele círculo, também não repelem, sem estudo e sem exame, só porque é novo - só porque derroga o que se tem considerado como verdade!

Se não houvesse destes Espíritos lúcidos - se, por eles não se difundisse mais rapidamente a luz das novas ideias, a humanidade seria estacionária - giraria eternamente no mesmo círculo dos conhecimentos adquiridos.

O “Jornal do Comércio” não proclamou a verdade do Espiritismo; mas prestou relevante serviço à causa do progresso humano, abrindo suas colunas ao estudo e ao exame da nova Doutrina, cujas teorias são confirmadas por fatos, que estão ao alcance de todas as inteligências.

A seção abriu-se com o trabalho de um ilustre estrangeiro, sobre fatos observados por sábios estrangeiros.

Mas os fenômenos espíritas têm sido estudados cientificamente por filhos do nosso país, e ao “Jornal” deve ser grato fazer conhecidos os fatos de observação nossa.

Temo-los tão importantes como os de Crookes - de Wallace - de Zoellner - de Lombroso, somente com a diferença de não possuírem seus observadores nome que se imponha à consideração dos homens da ciência.

Temo-los de ordem diferente daquela a que se prendem os de que fala Parville, que o “Jornal” publicou em sua parte editorial - e, seguramente, próprios para esclarecerem as obscuridades que os sábios ainda encontram naquelas.

Porque, parece-nos, que a Nova Revelação, que constitui o Espiritismo, não é dada ao mundo, sob o ponto de vista das provas de sua verdade, completa por toda a parte; mas, por partes, em cada país, de modo que cada um concorre com uma peça bem limada, para a confecção do maquinismo.

É de observação: que nos Estados Unidos, por exemplo, dão-se, como em nenhum outro país, os fenômenos chamados - de efeitos físicos - que na Europa estes fenômenos já são mais raros, predominando, principalmente na França, os da psicografia e do sonambulismo hipnótico - e que, entre nós, raríssimos são os médiuns produtores de efeitos físicos - sendo mais frequentes os de sonambulismo hipnótico e principalmente os psicográficos e de efeitos morais.

Seja ou não verdadeiro esse nosso modo de considerar as manifestações, como meio de prova dos princípios espíritas; a

verdade é: que temos colhido aqui fatos que confrontados com os observados por Lombroso completam a prova de que estes, longe de serem efeito da transmissão do pensamento, são clara e evidentemente produzidos pela ação direta, experimentalmente demonstrada, dos Espíritos desencarnados, vulgarmente chamados - dos mortos.

Max tem feito o mais aturado estudo destes fenômenos, sujeitando-se ao método experimental científico - e pode assegurar: que tem alcançado resultados de convencerem a quanto Lombroso houver por este mundo; salvo, contudo, aos que, por espírito de sistema ou por fanatismo, que são a cegueira incurável, ou a incredulidade invencível, recusarem a própria evidência, recorrendo a expedientes absurdos, para não acreditar em princípios racionais e provados.

Concluindo estas considerações, que nos sugeriu o fato auspicioso praticado pelo “Jornal do Comércio”, pedimos ao grande órgão: que não se afaste da senda luminosa, por onde, em tão boa hora, enveredou - e franqueie a seção que abriu os trabalhos feitos no país, sem preterição do direito de recusar a publicação dos que lhe parecerem menos dignos de figurarem em suas colunas.

Fique certo de que o Brasil pode, neste terreno, ombrear com as mais adiantadas nações do mundo.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 14.08.1892: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/5845

Artigo CCLI - O PAIZ, 21.08.1892

“Descansa, agora, em paz quem desespera da vida com seus terríveis acidentes.”

Foi com estas palavras que concluiu “O Paiz” de 21 de julho próximo passado um belo artigo sobre a triste cerimônia da inumação de um suicida.

Releve a ilustrada redação do considerado órgão que o mínimo de seus leitores e um dos maiores de seus admiradores façam algumas considerações sobre o conceito que se encerra naquelas palavras.

Qualquer que seja o ponto de vista donde se o considere, é força confessar que ele não corresponde à voz da consciência, esclarecida pela razão.

O materialista, compreendido nesta qualificação o positivista - o ateu - o cético - todo, em suma, que não acredita na sobrevivência da pessoa, depois da morte corporal, jamais poderão dizer dos que morrem: descansa em paz.

Descansar em paz é o oposto de lutas - do viver em perturbação; e para aqueles senhores não há, depois da morte, senão o - nada - e, portanto, a impossibilidade de descansar ou de lutar - de viver em paz ou em perturbação.

Deixar de ser não é descansar.

Descansar é deixar de viver em luta para viver em paz.

Para o materialista, pois, o que morre não descansa, porque extingue-se, e o que se extingue nem goza paz, nem sofre perturbação.

Dir-nos-á o autor do conceito: que o empregou, precisamente por não ser materialista, por acreditar que a pessoa humana sobrevive à morte corporal - e, portanto, pode gozar paz.

É certo que, por aí, escapa à crítica, considerada a questão pelo lado materialista; mas, por esta outra face, seu conceito ainda mais impossível se apresenta.

Não há, nem pode haver escola espiritualista, isto é: que admita a sobrevivência do ser humano à morte do corpo, que negue a responsabilidade daquele ser, desde que não lhe possa negar a liberdade absoluta em todos os atos de sua vida corporal.

O homem é um ser moral, porque é livre - e, desde que é um ser moral, é responsável por tudo o que faz; isto é: incorre necessariamente em penas e recompensas.

Moral sem sanção é como vida sem movimento - é coisa que só pode medrar em espírito, cuja razão obcecada por sistema ou por fanatismo, está no caso do olho que, por doente, dá os objetos, às vezes divididos em frações, às vezes multiplicados ou em maior ou menor número.

O ser moral responde pelo que faz de bem ou de mal - e, como sua existência se prolonga além da vida corpórea, ele responde em toda a sua duração: tanto na vida corpórea, como na espiritual, até que tenha cumprido a pena de suas faltas, se suas obras foram más - até que tenha pago sua dívida.

Sendo assim, como é de simples intuição, não podemos, nós, cujo critério para apreciar as obras dos homens em relação à sua responsabilidade, é falível, dizer de quem quer que seja: vai receber prêmios ou vai receber penas.

Só o que tem a balança da justiça indefectível é que pode apreciar as obras, muitas vezes aparentemente boas ou más, porém em seu fundo, na intenção que as ditou, muito contrárias daquela que parecem.

E é por isto que o sentimento religioso manda orar tanto pelos que pareceram maus, como pelos que gozaram a fama de bons.

Há, porém, casos em que o espiritualista pode firmar juízo seguro sobre a responsabilidade do indivíduo que morre.

Quem poderia ter dúvida sobre a glória, que conquistou, deixando a vida terrena, um Vicente de Paulo - ou um Antônio de Pádua - ou um Bartolomeu dos Mártires, em cujas obras já

se viam os claros sinais da sua superioridade sobre o geral da humanidade?

Quem pode ter dúvida sobre as penas que vai sofrer aquele que viveu e morreu na prática do mal, sem o mínimo respeito pelas santas leis, em que assenta a moral divina?

Ora, o que acaba por suas mãos a existência que lhe foi dada para um fim, de que desertou por aquele atentado, é incontestavelmente, seja embora um cidadão estimabilíssimo, ofensor das leis do Senhor.

E assim como na Terra é delituoso - requer punição todo o ato ofensivo de leis sociais; com sobrada razão é delituoso - pede punição todo ato ofensivo das leis do Rei dos reis.

E, pois, o simples espiritualismo reconhece no suicida um infeliz, que por seu livre-arbítrio incorreu na sanção penal da eterna e indefectível justiça.

E, pois, o simples espiritualismo, longe de poder dizer do suicida: descansa em paz, tem a certeza absoluta, firmada em princípios incontroversos, de que o suicida não pode descansar em paz.

Postergou a primeira lei posta à criatura humana; não pode, por isto gozar a paz, que só pode ter partilha dos que vivem e acabam no espírito dos puros preceitos da moral divina.

Para o Espiritismo, o fato ainda é mais grave, porque não se limita à violação da suprema lei.

O Espírito vem se encarnar, para lavar-se de suas passadas faltas, praticando obras, que lhe são a moeda do resgate.

Toma um compromisso com Deus de desempenhar tal missão, que lhe é dada em seu próprio proveito.

Se, pois, corta o fio da existência, em vez de esperar que ela por si mesma se extinga, ele viola a lei suprema - e viola o compromisso que tomou com o Senhor.

O suicida assume de um golpe duas enormes responsabilidades - e efetivamente, longe de descansar em paz, ele estortega em cruéis sofrimentos.

Não se iludam os que procuram livrar-se, pelo suicídio, das penas da Terra; porque não há aqui uma, que se compare à milésima parte das que o esperam lá.

Cumpre, entretanto, dizer: que as que os esperam lá não são eternas, como ensina a Igreja romana.

Não há penas eternas - todas curam, desde que o Espírito se arrepende e recorre à misericórdia do Pai - a suprema lei é a da - salvação universal⁹⁵.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 21.08.1892: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/5889

95 (Nota do Organizador) Sobre as condições lamentáveis e dolorosas em que chegam os suicidas à vida espiritual vale sempre lembrar e recomendar a leitura do clássico “Memórias de um Suicida”, recebida pela grande e querida médium Yvone do Amaral Pereira. Nos tempos atuais o suicídio virou uma verdadeira epidemia global - mais de 800 mil pessoas sofrem este tipo de morte ao ano, no mundo inteiro, chamando a atenção das sociedades e governos para a crise moral que se insinua, silenciosa e sorrateira, por trás de uma “civilização” exteriormente fulgurante de luzes mas por dentro fria - terrivelmente fria...

Artigo CCLII - O PAIZ, 28.08.1892

Não há ciência nem religião que não tenha uma bagagem - uma cauda de charlatães.

E não há quem proscruva a ciência e a religião, pelo fato de se valerem delas os especuladores.

Referindo-nos ao que dá mais nas vistas, lembraremos: que a Medicina, em que todo o mundo mete a colher, não deixa por isso de ser uma ciência - uma verdade reconhecida em todo o tempo e em toda a parte; e a religião cristã, explorada por inúmeros especuladores, não deixa por isto de ser a religião verdadeira.

Ainda agora, no Ceará, três mulheres, mancomunadas simularam milagres que lhes dessem autoridade de adivinhas - e valeram-se dessa autoridade para profetizarem a ruína de uma cidade, pondo toda a população em horrorosa consternação.

O bispo mandou ao vigário que pregasse do púlpito contra aquele embuste, que desacreditava a religião; mas nenhum homem de senso comum, verificada a falsidade da profecia, poderia acusar, por semelhante fato, a religião cristã.

Ainda mais: o clero o mais ignorante e desmoralizado não afeta a religião, senão no conceito dos insensatos.

A luz pode-se cercar de sombras, mas ninguém confunde a luz com as sombras.

Tudo isto é claro e evidente; mas, a clareza evidência destes princípios de nada valem quando se trata do Espiritismo.

Um charlatão faz sessões espíritas, nas quais se dão as cenas mais ridículas - e às vezes lamentáveis, como as das beatas do Ceará - e não os insensatos, porém sim os sábios da Terra, bradam aos quatro ventos: aí está o que é o Espiritismo!

Um outro, sem possuir mediunidade receitista, mas querendo explorar o Espiritismo por este lado, vai de seu bestunto⁹⁶, receitando, em nome deste ou daquele médico do Espaço e produzindo o que pode produzir um curandeiro, sem a menor tintura da ciência - e não os insensatos, porém sim os sábios da Terra, bradam aos quatro ventos: aí está o que é o Espiritismo!

Um terceiro dotado de mediunidade, sem o mínimo conhecimento da Doutrina e, particularmente, do que ela prescreve, em “O Livro dos Médiuns”, para o cultivo e desenvolvimento das mediunidades, marcha cegamente pelo caminho perigoso, trabalhando sozinho, expondo-se a ser tomado por um obsessivo, até que chega a ser vítima de um deles, a ser arrastado à loucura - e não os insensatos, porém sim os sábios da Terra, bradam aos quatro ventos: aí está o que é o Espiritismo!

A ciência não se confunde com a obra de seus exploradores; o Espiritismo, sim.

A religião não se confunde com as obras dos que a exploraram, nem mesmo com seus ministros; o Espiritismo, sim.

Por que há de haver tão descomunal diferença - tão flagrante injustiça, no modo de apreciar esta ordem dos fatos?

Já temo-lo dito, mas nada se perde em repeti-lo.

A ignorância leviana e pretensiosa de uns leva-os a tomarem a cópia pelo original - e a julgarem esta por aquela.

A relutância, natural ao Espírito humano, em aceitar o que derroca crenças enraizadas na alma, é outra razão explicativa da oposição ao Espiritismo, levado a ponto de negá-lo ou de responsabilizá-lo por fatos, que em relação à ciência e à religião ninguém toma a sério.

Derivam desta causa o espírito de sistema e o fanatismo, que não veem senão o que está dentro do círculo de suas ideias.

O materialista e o positivista, por exemplo, não se dão ao trabalho de estudar uma Doutrina, que assenta sobre a existência do Espírito - e, se não se abalam a estudar a Doutrina, em seus princípios, quanto mais a observar os fatos comprobatórios daqueles princípios?

Esses homens, dominados pelo espírito de sistema, que é a pior das obsessões, como hoje o confessa o sábio Lombroso, apanham as obras dos charlatões do Espiritismo - e, baseando-se na

96 (Nota do Organizador) Cabeça, capacidade para pensar ou raciocinar. (Fonte: Dicionário Priberam online)

inconsistência de tais obras, aproveitam-se delas se apresentarem sob a bandeira do Espiritismo, para bradarem: aí está o que é o Espiritismo!

Lombroso, verdadeiramente sábio, cedeu de seu fervor sistemático - e foi estudar - observar os fenômenos espíritas, cuja realidade já confessa; mas os sábios cá da terra terão igual abnegação?

Não é lamentável ver um homem de ciência dar a honra de sua presença, onde uns vesânicos ou charlatães observam o que não cabe dentro do círculo traçado por Mollescott⁹⁷ - Buckner⁹⁸ - A. Comte⁹⁹ - Littré¹⁰⁰ e outros vultos, que tiveram o privilégio da verdade absoluta?

Só procura quem não tem - e, graças àqueles sábios, seus discípulos têm, para si e para darem, a verdade absoluta, que não pode mais ser retocada no percurso dos séculos.

Para que, então, observar o estudo de causas que não estão dentro de seu círculo?

O fanático, apesar de crer precisamente no contrário, argumenta, como se fossem matalotes¹⁰¹, precisamente como eles!

Jesus disse a última palavra sobre as eternas verdades - a Igreja, infalível, interpretou os Evangelhos - logo, fora dos ensinamentos da Igreja, só há o erro - o diabolismo.

E a tudo o que os charlatães fazem, em nome do Espiritismo, ela aponta como prova de diabolismo do Espiritismo.

Vão lá dizer: que é o próprio Jesus que declarou: que muitas verdades não podiam ser reveladas por não ser oportuno¹⁰², isto é, por não possuir a humanidade de seu tempo o grau de progresso necessário para compreendê-las!

Vão lá dizer: que o Espírito de Verdade, prometido por Jesus, para em tempo oportuno ensinar ao mundo aquelas verdades, não é o Espírito Santo, que baixou sobre o colégio apostólico!

97 (Nota do Organizador) Vide nota 78 do 1º vol. desta coleção, à página 220.

98 (Nota do Organizador) Vide nota 56, à página 191 do 1º vol. desta coleção.

99 (Nota do Organizador) Vide nota 15, à pág. 43 deste volume.

100 (Nota do Organizador) Vide nota 261, à pág. 234 do 2º vol. desta coleção.

101 (Nota do Organizador) Companheiros, camaradas. (Fonte: Dicionário Priberam online)

102 (Nota do Organizador) Jo. 16:12-15, já citado.

Vão lá dizer: que a pluralidade de existências é a suprema lei da evolução dos Espíritos - que a salvação universal é o complemento forçado dessa lei, com prejuízo flagrante das penas eternas - do Inferno - e do diabo!

Anticristo! Anticristo!

Nem leem, nem observam o que afirma e prova o Espiritismo!

E como, se o Espiritismo derroca certos princípios que a Igreja infalível recomenda como verdades?

Fechem os olhos à luz - e só de si terão de queixar-se, quando se virem nas trevas que procuraram!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 28.08.1892:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/5932

Artigo CCLIII - O PAIZ, 04.09.1892

A questão, oriunda das escolas sensualistas, mas só bem acentuada por Locke¹⁰³ e Condillac¹⁰⁴ - a questão do materialismo, consiste n'uma simples divergência de apreciação, com relação ao Espiritismo.

O que sustenta os modernos materialistas, sob a direção de Mollescott e de Buckner?

Sustentam que tudo no Universo reduz-se à matéria e força¹⁰⁵, que a força, inseparável¹⁰⁶ da matéria, é quem dá todas as formas, modos e condições, com que tudo se apresenta.

Força e matéria; notai bem.

Força não é, portanto, matéria - assim como matéria não é força.

É, pois, na própria fórmula materialista que está consignada a dualidade dos elementos constitutivos do Universo.

103 (Nota do Organizador) John Locke (1632-1704) - filósofo inglês cujas obras estão na base do empirismo filosófico moderno e do liberalismo político. Ele foi um inspirador tanto do Iluminismo Europeu como da Constituição dos Estados Unidos. Seu pensamento filosófico era próximo ao dos fundadores da ciência moderna, especialmente ao de Robert Boyle, Sir Isaac Newton e outros membros da Royal Society. (Fonte: Enciclopédia Britânica)

104 (Nota do Organizador) Étienne Bonnot, abade de Condillac foi um filósofo francês, e o maior expoente de uma teoria radicalmente empirista do funcionamento da mente a que se costuma referir desde então como sensualismo. (Fonte: Wikipedia)

105 (Nota do Organizador) "Força" era como a ciência do século XIX chamava à energia.

106 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui "insuperável", mas pareceu-nos um erro material, pelo que decidimos corrigir.

O que importa que sejam inseparáveis, como ensina aquela escola? É precisamente de ensinar ela: que a força e a matéria são inseparáveis, que resulta a sua distinção.

Ninguém diria: que uma causa é inseparável de si mesma.

A inseparabilidade requer, para poder ter razão de ser, a coexistência de duas causas, de dois princípios ou de dois elementos.

E estas duas causas, estes dois princípios, estes dois elementos, no nosso caso, são a força e a matéria: o elemento ativo e inerte - o que produz as variadíssimas transformações e o que sofre estas transformações.

O que sustentam os espiritualistas?

Sustentam: que o Universo se divide em duas ordens de seres: os materiais - e os espirituais - que tudo o que existe, quer no mundo material, quer no espiritual, é efeito de uma força, onisciente e onipotente.

Ora, ajustai as duas Doutrinas - e vede se não existe entre elas as mais estreitas relações - quase se pode dizer: uniformidade.

Admiti que o princípio causal, que chamamos - Deus, estabeleceu, ab aeterno¹⁰⁷, as leis reguladoras de todas as transformações da matéria, de modo que a decomposição dos corpos - a morte de uns e o nascimento de outros seres sejam feitos de conformidade com aquelas leis - e resultam daquela força.

Admiti este princípio dos espiritualistas - e tereis a força e matéria dos Srs. materialistas e positivistas - e tereis todos os fenômenos, que afetam nossos sentidos e os que não podem ser apreciadas pela ciência materialista, explicados satisfatoriamente, ao sabor das duas escolas, que se combatem.

Os espiritualistas admitem, como os materialistas, força e matéria.

Os espiritualistas vão mais longe: admitem que a força é inseparável da matéria, porque nada se opera no seio da matéria, que não seja resultado da ação das leis eternas, verdadeiras forças, que coexistem com os elementos materiais - e que emanam da fonte de toda a força.

A diferença única, entre o modo de entender de uma e de outra escola, consiste: em considerarem os materialistas a sua

107 (Nota do Organizador) De toda a Eternidade, sempre. (Fonte: Dicionário Priberam online)

força individualizada, ao passo que o espiritualista considera-se universalizado.

Mais claro:

O materialista considera a força, que produz todas as modificações da matéria, como oriunda desta - e circunscrevendo sua ação à esta; entretanto que o espiritualista considera-a oriunda de Deus, embora ligada a esta pela lei de Deus - e ampliando sua ação ao mundo da matéria e ao mundo do Espírito, que constituem o todo do Universo.

Diante de um fenômeno qualquer do mundo material - da germinação, por exemplo, é que se pode apreciar bem como a divergência é mais nominal do que real.

Um diz: esta evolução faz-se em virtude da força inseparável da matéria.

Outro diz: esta evolução faz-se em virtude de leis eternas, que são forças postas pelo Criador à matéria.

Onde a diferença real? Sempre a matéria evoluindo por obra de forças! Sempre as forças inseparáveis da matéria.

Há, com efeito, profunda distinção na apreciação do caráter - da natureza destas forças; mas isto ver-se-á que é devido à má apreciação dos fatos.

O materialismo vê a semente passar por várias modificações, até fazer-se uma planta - e diz: é evidente - é incontestável, que estas modificações são efeito de uma força que existe na semente e, observando o mesmo fato em todas as ordens da evolução material, amplifica sua conclusão, dizendo: é evidente - é incontestável que todas as modificações, que se dão no Universo, são efeito da força inseparável da matéria, que sofre tais modificações.

E a ciência do materialista nem dá mais, nem precisa dar, para que ele fique satisfeito e crente de que está na posse da verdade.

A força é, pois, uma faculdade da própria matéria, que, por um processo, ainda desconhecido, adquire os atributos de criador incriado, e de criatura inextinguível.

O espiritualista não pára diante do fato da germinação, em que se revelam a força e a matéria em ação - não considera esse fato causa e efeito de si mesmo; mas, considerando: que, não só este milhões de vezes repetido, como todos os de todas as ordens, dão-se sempre de um modo invariável, inalterável, dizem: é evidente - é incontestável que tudo, no Universo, se opera por meio

de forças, sim; porém, de forças que obedecem cegamente - fatalmente, a leis eternas e imutáveis.

O materialista só vê, no fato, a força que o produz - o Espiritualista, vai além: descobre a existência de leis, a que aquela força é sujeita.

O materialista, pois, não toma o fato, que serve de base à sua doutrina, em toda a sua extensão e compreensão, donde sagrar os dois elementos produtores do fato, como causa genérica do Universo.

O espiritualista, porém, vendo que ali não está tudo - que as leis eternas e imutáveis revelam uma força dotada de saber e de poder em grau infinito, como um livro revela uma inteligência mais ou menos cultivada, segundo seu merecimento, induz daí para a existência de um Criador, que sujeitou todas as causas do Universo, por ele criado, àquelas leis, verificadas no caso da germinação.

E ninguém negará: que tudo se opera no Universo de conformidade com leis eternas e imutáveis - ninguém ousará atribuir essas leis, que revelam uma sabedoria infinita, à força e matéria ininteligentes, até porque, em tal caso, o Criador ficaria sujeito à sua criatura - e ninguém pode recusar fé à que a força, que faz evoluir a matéria, é, como esta, criação daquele poder, que lhes deu as leis de sua evolução: Criador sempre senhor de sua criatura.

Não é, portanto, aparente a divergência¹⁰⁸?

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 04.09.1892: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/5977

108 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra nos convida nesse artigo à profunda reflexão, trazendo-nos a questão da relação entre matéria e energia e, por tabela, levantando as do dualismo e da substância universal. Em nosso entendimento, obra alguma até hoje produzida pela humanidade definiu e resolveu tão bem a questão proposta como "A Grande Síntese", do Prof. Pietro Ubaldi, cuja leitura muito especialmente recomendamos. Segundo essa obra, que Emmanuel define como "O Evangelho da ciência", matéria, energia e espírito são três estados da substância universal, e sobre os três atua a Lei - o pensamento de Deus - impregnada - intrínseca - implicada - inerente ou implícita em todo fenômeno e em tudo o que é. A ciência a denomina hoje de in-formação, na tentativa de traduzir em palavras esse quid de pensamento estruturante e onipresente. Daí para chegar a ideia de Deus... falta pouco!

Artigo CCLIV - O PAIZ, 11.09.1892

Uma jornada fora da via traçada nem é sem exemplo neste trabalho, nem é coisa desagradável: *omnis variatio delectat*¹⁰⁹.

Em “O Paiz” de terça-feira lemos:

“O célebre poeta e político sueco Bjørnstjerne Bjørnson¹¹⁰ anda fazendo pela Dinamarca uma série de conferências em favor da paz universal!...”

Será o princípio da santa cruzada contra o maior flagelo, que possa o homem, no desejo de destruir, elevar à categoria de uma instituição social?

A guerra já foi um elemento de progresso, quando a humanidade estava no seu maior atraso, fazendo que os povos se encontrassem - se comunicassem - e trocassem, entre si, suas ideias e conhecimentos.

O sangue que ela derramava - as misérias que produzia - as vítimas que deixava após si - até mesmo a devastação dos campos e a ruína do comércio e das indústrias que causava, eram compensados largamente pelo progresso intelectual e moral que produzia.

109 (Nota do Organizador) A variedade agrada. (Fonte: www.dicionariodelatim.com.br)

110 (Nota do Organizador) Bjørnstjerne Martinus Bjørnson (1832 - 1910) foi um escritor norueguês. Recebeu o Nobel de Literatura de 1903. É considerado como um dos quatro grandes escritores da Noruega. Bjørnson é lembrado sobretudo como uma personagem de grande dimensão e de uma vitalidade irreprimível, um crente não somente na cultura nacional norueguesa, mas também na paz e na justiça internacionais, que fez a sua voz ser ouvida por toda a Europa, a favor das minorias oprimidas, trabalhando ardentemente para a compreensão internacional. (Fonte: Wikipedia)

Era um grande mal que produzia um maior bem - mal de efeitos transitórios, que produzia bens de duração interminável!

Sem a guerra, a humanidade não gozaria a civilização e o progresso, que enobrecem em nosso século.

Tudo, porém, tem seu tempo - e as instituições, como os mundos, chegam a seu termo - têm o seu dia fatal.

O progresso, que foi obra da guerra, clama hoje contra ela - e a razão, o coração e consciência universais não podem ser surdos àquele clamor.

N'um século, em que os continentes se têm aproximado, por terra e mar, de modo que o pensamento voa de um pólo a outro com a rapidez do raio - em que os povos vivem quase que em comum, colhendo uns dos outros o que de melhor produzem; ao que vem mais a guerra, como meio de progresso?

O tempo de precisar este dos terríveis sacrifícios já é passado. Hoje tudo o que só por aquele meio podia-se colher, colhe-se por meios suaves, que são eles mesmos, outros tantos motores do progresso universal.

Perdeu, portanto, a guerra seu caráter utilitário, podemos dizer: providencial - e não conserva senão o caráter odioso - repulsivo - condenável.

O que já foi o grande instrumento do progresso humano, é atualmente uma nódoa nesse progresso - é um estigma para quem dele lança mão!

As nações recorrem às armas, atualmente, ou para sustentar direitos ou para vingar ofensas.

Entretanto todas elas não suportam que o cidadão recorra à força para tais fins - e, para tirar-lhe todo o pretexto ao recurso de tal meio, promulgam leis e criam tribunais, que resolvem, pelos princípios da mais imparcial justiça, todas as contendas que se derem no seio da sociedade.

São elas, pois, que condenam, em princípio, o recurso à força - e que estabelecem os meios de bani-la dentre seus membros.

Como, então, aquilo que condenam no indivíduo, admitem na coletividade?

Dois homens brigam - ferem-se - e um deles mata o outro. O fato é qualificado delituoso, embora o atraso humano ainda lhe admita justificativa. O assassino é preso - levado aos tribunais - e julgado como um membro espúrio da sociedade.

Duas nações brigam - devastam-se - derramam rios de sangue de seus filhos - e depois? O simples julgamento da opinião, dividida entre os que aplaudem e os que condenam!

Temos, pois, que a guerra é o recurso à força - e que são os próprios que condenam esse recurso, que dão o exemplo de empregá-lo!

Já é tempo de firmar-se na Terra, a suprema lei do equilíbrio, que é o termômetro do verdadeiro progresso.

O que é crime no indivíduo, não pode ser virtude na coletividade.

Ao contrário, se ela é que pretende moralizar o indivíduo, ela é que deve dar o exemplo de respeito ao princípio que proclama como condição social - e que é mais do que isto, porque é condição humana.

Enquanto houver guerras, haverá homicídios - enquanto os Estados derramarem o sangue humano, pelo ferro, o cidadão derramará, pelo ferro o sangue humano.

Se todas as nações civilizadas capricham em fazer códigos, que cerquem o direito de garantias contra a força; por que não se hão de ligar na resolução de fazer um código, que cerque de garantias o direito delas mesmas - um código internacional - o código da paz?

Só assim teremos o verdadeiro equilíbrio social e humano - só assim seremos verdadeiramente povos civilizados - só assim lançaremos, com segurança, a semente da confraternização universal, que é o grande fim, para que providencialmente têm os povos caminhado - e de cuja obtenção depende o coroamento do progresso humano, na Terra.

A pena de morte, lei que nos veio do tempo da barbárie, e que não passa de um poderoso incentivo ao crime que procura extirpar - a pena de morte, homônimo da guerra, já vai sendo banida do seio das nações. O progresso a tem tornado odiosa.

Por que não dar-se o mesmo com a guerra, tão inútil hoje e tão perniciosa, como uma execução na praça pública?

Será impossível? Será, mesmo, difícil? Nada mais simples e mais fácil.

Fazem-se congressos para estatuir leis internacionais, como, por exemplo, a do Bimetalismo¹¹¹ - por que não se congregarem,

111 (Nota do Organizador) Padrão monetário ou sistema baseado no uso de dois metais, tradicionalmente ouro e prata, ao invés de um (monometalismo).

do mesmo modo, as nações, para fazerem o código da paz - para estabelecerem um tribunal, que resolva as contendas internacionais - para decretarem penas aos que não se sujeitarem às decisões desse tribunal?

Todos contra o que acender o facho, rebelando-se contra o Estatuto - e qual será o que tanto ouse, por mais poderoso que seja, tendo por certo que será esmagado?

Demais: constituído o tribunal, deve-se estatuir o desarmamento de todas as nações - e as nações desarmadas não têm prurido belicoso.

Com esta reforma, que fará a glória do século das luzes, que de esplêndidos resultados?

O equilíbrio universal - a extinção das carnificinas - o aproveitamento de milhões de braços - a redução extraordinária nas despesas das nações, donde a redução nos impostos - o maior passo na via da confraternização.

O Espiritismo tem inscrito em sua bandeira este altíssimo princípio - e, pois, não pode deixar de acolher com assomo de íntima satisfação a propaganda do humanitário poeta sueco.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 11.09.1892: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/6021

O sistema bimetalico típico do século 19 definia a unidade monetária de uma nação por lei em termos de quantidades fixas de ouro e prata (estabelecendo assim automaticamente uma taxa de câmbio entre os dois metais). (Fonte: Enciclopédia Britânica)

Artigo CCLV - O PAIZ, 19.09.1892

O artigo de hoje é destinado exclusivamente aos espíritas.

Vamos dizer sobre conveniências da família, que nada interessam aos que lhe são estranhos.

“O mundo caminha, disse o Mestre, os povos de todas as raças desenvolvem-se nos ramos de nossa Doutrina, caminhando para o progresso.

“O Espírito de Verdade, presidindo a todos os centros - dando a cada um segundo suas aptidões e seu desenvolvimento moral, trabalha incessantemente pelo maior resplendor da luz espírita - pelo aperfeiçoamento do homem, completando desta sorte a promessa de há 19 séculos.

“Nesse trabalho santo - nesse labor constante, não ficastes esquecidos.

“Também a vós foi distribuída vossa tarefa, de tanto maior alcance, quando decorre das maravilhas que podem arrebatrar o entendimento do homem, tendo por base a moral do Evangelho”¹¹².

112 (Nota do Organizador) Essa mensagem já foi publicada diversas vezes, mas até hoje não conseguimos localizar a sua fonte exata. A primeira hipótese que nos ocorreu foi a de que os parágrafos acima fizessem parte das célebres instruções dadas pelo Codificador aos espíritas brasileiros, recebidas pelo grande médium Frederico Pereira Jr. na “Sociedade Espírita Fraternidade”, no Rio de Janeiro/RJ, em fevereiro de 1889, reproduzidas mais à frente, inclusive, neste volume, a partir da página 218. Feita a verificação, os textos não coincidem. Há, portanto, outra mensagem, do Codificador, além das “Instruções” bem conhecidas, cujo texto original ainda não conhecemos em sua totalidade. Esse mesmo artigo de Dr. Bezerra foi também reproduzido em “O Reformador”, em sua edição de agosto de 1920, com o título de “Fracos, porque desunidos”, como também em julho de 1942, sob a epígrafe de “Bezerra de Menezes e a União dos Espíritas” e ainda mais recentemente no volume “Bezerra de Menezes, Ontem e Hoje”,

Os espíritas do Brasil tiveram sua tarefa sublime, porque têm por base a moral do Evangelho; vê-se do que aí fica transcrito.

O que têm eles feito para desempenhá-la?

Quando os povos de todas as raças desempenham a sua, de modo a ver-se, por exemplo, na Europa, que parece ter tido a da ciência, ocupar a atenção do mundo sábio com os resultados de seus estudos e de suas experimentações; o que se tem feito, no Brasil, no ramo que lhe foi distribuído?

A ideia lavra por toda a parte - é até surpreendente ver como ela penetra pelos remotos pontos de todos os estados de nosso país; mas qual o resultado que se tem colhido, quanto ao desenvolvimento da tarefa que nos foi distribuída?

Pesa-nos dizê-lo, mas é preciso dizê-lo, em bem de todos: não temos feito mais do que tornar conhecido no Brasil, que são chegados os tempos da realização da promessa do Cristo de mandar o Espírito de Verdade ensinar as verdades que em seu tempo não podiam ser compreendidas - e que o Espiritismo é a consolidação de todas aquelas verdades, segundo o Evangelho.

Mas isto não tem sido nossa obra - tem sido a obra do próprio Cristo, por seus mensageiros - e é assim - e somente assim que se explicam as manifestações simultâneas em variadíssimos pontos - e essa mesma existência de espíritas pelos quase desertos do nosso país.

São fatos espontâneos, cujo nó de união não se encontra no esforço dos homens - cujo nó de união somos obrigados a reconhecer que existe na vontade soberana que regula a marcha de todas as coisas.

edição . FEB, em seu capítulo 3, com o mesmo título - mas em nenhuma dessas três oportunidades se indica, com exatidão, a data e o médium da mensagem original, por exemplo, ou onde se deu a sua primeira publicação. Consultamos, também, a primeira obra publicada por Antônio Luiz Sayão - outro dos nossos "gigantes" - "Trabalhos Espíritas de um Pequeno Grupo de Crentes Humildes", de 1893. Ai se encontram dezenove mensagens mediúnicas de Kardec, mas não localizamos essa entre elas, nem posteriormente, nas célebres "Elucidações Evangélicas", também de Sayão (a edição que temos é a de 1920). Agradecemos a quem possa ajudar a "decifrar esse mistério", posto tratar-se de valiosíssima comunicação, porque, juntamente com as referidas "Instruções" antecipa, em mais de 40 anos, o anúncio da vocação do nosso Brasil como a "Pátria do Evangelho", feito por Humberto de Campos no clássico da literatura espírita recebida por Chico - sempre ele - Xavier.

Nossa tarefa, portanto, ainda está intata - e tanto é isto verdade, que, mesmo aqui na capital, onde o nível intelectual é o mais elevado, contam-se por milhares os indivíduos que acreditam no Espiritismo - que são espíritas convictos, mas não têm coragem de confessá-lo, por não incorrerem no ridículo dos que só tem por sério aquilo em que acreditam - e dos que não se preocupam senão de parvoíces¹¹³.

Se a nossa tarefa - essa gloriosa tarefa, para a qual fomos inscritos no número dos trabalhadores da vinha do Senhor, já estivesse, sequer, iniciada, nenhum espírita recuaria diante da animadversão de uns e do ridículo de outros, convencidos de que “o maior título que o homem pode ambicionar é ser cristão em Cristo - de que o sentimento de que ele pode fazer alarde, em sua consciência, é o amor de Deus e do próximo”.

E dessa sobrançeria, que, quando não procede do orgulho, revela uma convicção enraizada na alma, que vantagens não resultariam para a propaganda da verdade espírita?

O mundo julga das coisas [pelo modo]¹¹⁴ que as apresentam.

O fato de os primeiros cristãos atestarem sua fé, dando por ela seu sangue, produziu conversões em massa.

Quem querará perder seu tempo no estudo de uma Doutrina, cujos prosélitos têm vexame de confessá-la em público?

O juízo do público - e confessemos que é justo, não pode ser senão este: se estivessem convencidos de possuírem a verdade, apresentar-se-iam de cabeça alta - eles, que se esgueiram pela penumbra, é que não têm convicção fundada.

Se um - se alguns, apesar daquele juízo, querem levar o estudo até ao âmago - descem à observação dos trabalhos dos espíritas professores - vão aos grupos; o que veem?

Veem: “cada qual, fazendo Doutrina a seu modo” - sem ordem - sem disciplina - sem união, produzindo sem proveito, esterilizando a melhor vontade.

Veem, portanto, em vez de um trabalho uniforme, sujeito a regras invariáveis, tendendo ao mesmo fim: o alto fim posto pela Doutrina, um trabalho disforme - disparatado - sem nexos - e, às vezes, felizmente raras, em diametral oposição às regras da Doutrina.

113 (Nota do Organizador) Tolice. (Fonte: Dicionário Priberam online)

114 (Nota do Organizador) Acréscimo nosso, para melhor compreensão do sentido da frase.

Compreende-se que isto é um mal para os que o fazem - e um mal para os que vêm observá-lo para se orientarem.

Compreende-se que já é tempo de se ligarem todos os esforços dos espíritas para que se cumpra nesta parte do planeta, a tarefa que lhe foi distribuída.

Compreende-se, finalmente, que é pela união dos espíritas que se pode dar a ligação - a harmonia de seus esforços, sem a qual, diz o Mestre, cada um “cavará o sulco, por onde hão de correr as lágrimas do seu arrependimento”.

A união faz a força, precisamente porque nasce dela o emprego harmônico dos esforços de cada um.

Conquanto mais pela razão, pois, devem os espíritas se unirem, quando precisam de forças para resistirem aos inimigos da Terra e aos inimigos do Espaço?

Da união resultará a uniformidade no trabalho distribuído regularmente pelos grupos e pelos indivíduos, segundo suas aptidões e disposições morais.

Da união resultará o apoio mútuo, quer no sentido do socorro caridoso, quer no dos recursos para a obra da propaganda.

Da união, em suma, nascerá o método, sem o qual - todo o esforço humano é perdido - toda a boa vontade é estéril.

Nas “Obras Póstumas” de Allan Kardec vem explanada esta importante questão¹¹⁵, que é o nó vital da propaganda espírita; e nesse volume precioso obterá o leitor a luz precisa para resolvê-la.

Os espíritas brasileiros têm uma missão, disse o Mestre, e para desempenhá-la é essencial que comecemos por nos organizarmos - organização baseada na união - união na essência e na forma.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 19.09.1892: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/6070

115 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra aqui se refere provavelmente ao parágrafo 8 do Capítulo “Constituição do Espiritismo”, das “Obras Póstumas” de Kardec, já referido no Artigo CCXXXIV, de 24.04.1892 - vide nota 39, à página 67 deste volume.

Artigo CCLVI - O PAIZ, 25.09.1892

Continuaremos ainda por hoje o nosso trabalho doméstico, que interessa exclusivamente aos membros da família espírita.

Concluimos o nosso artigo passado demonstrando a necessidade - de organização - de união, de método, para podermos dar conta da tarefa que nos foi confiada, na obra da propagação do Espiritismo - e pelo Espiritismo da regeneração da humanidade - do progresso universal.

Começaremos hoje por onde acabamos ontem.

Organização - união - e método são condições fundamentais de toda a associação humana.

Desde que dois ou três homens se reúnem para conseguir um fim, eles organizam um plano para chegarem àquele fim - unem seus esforços para levarem por diante o plano combinado - e estabelecem um método para aplicação de grandes esforços de modo a nem empregá-los fora de tempo, nem perderem as ocasiões de empregá-los.

Sem isto - sem o emprego daquela tríplice força moral, perdido será geralmente todo o trabalho do homem - estéril será sua boa vontade.

Acreditamos que não haja, no seio da humanidade, quem deixe de considerar aforísticos estes conceitos, desde que esteja no uso de sua razão; e, pois, não insistiremos neles.

Os espíritas temos um fim, que para todos se antolha¹¹⁶, superior a qualquer outro fim humano, porque é a expressão mais

116 (Nota do Organizador) Põe-se diante dos olhos. (Fonte: Dicionário Priberam online)

simples de todos os pensamentos - de todos os sentimentos - de toda a vida do ser racional: seu progresso até à glorificação.

Quem quer colher o fruto, que se acha ao alcance da mão, não precisa empregar esforço comparável ao do que quer apanhar o fruto em elevado galho de alta árvore.

Assim, pois, sendo o mais elevado de todos os intuitos humanos o intuito espírita, ninguém como os que o querem alcançar, precisa de tanto esforço como estes: esforço para progredirem intelectual e moralmente - esforço para fazerem progredir, sob a dupla relação, toda a humanidade.

Isto é a obrigação de cada um - obrigação que acarreta tanto maior responsabilidade quanto lhes é revelado o segredo do destino humano.

Isto, porém, por isto mesmo que só afeta ao indivíduo, é insuficiente à satisfação da lei do progresso humano.

A lei é: bons elementos, para ter boa constituição.

De conformidade com ela, deve o Espírito trabalhar por ser bom elemento da constituição - organização ou congregação espírita.

Por sua vez, uma congregação espírita, ou, na linguagem vulgar um grupo espírita, deve trabalhar por ser bom elemento da grande família, que, espalhando luz e amor, conseguirá alargar seu círculo, até abranger toda a humanidade, conseguindo que seja feita a vontade de Deus, assim na Terra como no Céu; isto é, que toda a humanidade terrestre seja de boa vontade submissa à santa lei do amor, que é a lei de Deus.

Ora, se o grande fim requer o maior esforço, individual e coletivo, interpelamos a consciência de nossos irmãos em crença, como o fazemos a nós mesmo: temos empregado os recursos que supram a fraqueza humana: a organização - a união - e o método, na direção dos nossos esforços em prol da consecução do alto fim espírita, ou, sequer, do desempenho da parte que nos foi distribuída?

Já o dissemos: basta percorrer os nossos grupos - assistir a seus trabalhos, para adquirir a certeza de que falta absolutamente ao Espiritismo no Brasil aqueles essenciais requisitos.

E pode a santa causa vingar aqui - e podemos nós dar conta de nossa tarefa, procedendo de tal modo? Não - não - de modo algum!

Urge, pois, procurar o remédio para tão grande mal, que ameaça o indivíduo - ameaça a família - ameaça a humanidade.

E como o remédio é bem conhecido, não depende senão de um impulso de boa vontade sua aplicação.

Unamo-nos - organizemo-nos - fixemos um método para nossos trabalhos; e desempenharemos nossa tarefa, salvando nossa tremenda responsabilidade, não sem grande lutas com os inimigos visíveis e invisíveis - e, principalmente, com estes; mas com muito maior glória - com a glória de quem combate e vence pelo amor de Deus e do próximo.

A união dos espíritas brasileiros, queremos dizer: espíritas do Brasil, nacionais e estrangeiros, não é mais difícil - do que a dos outros países, onde assenta em bases sólidas.

Não se exige por lá, nem se exigirá por aqui: o sacrifício de opiniões individuais sobre pontos secundários da Doutrina, que ainda são controvertíveis; mas sim perfeita conformidade a respeito dos pontos fundamentais, que chamaremos - dogmas do Espiritismo.

Não se exigirá que os grupos existentes percam sua autonomia, senão que se regulem todos pela mesma norma, traçada por um centro constituído por eles mesmos.

Organizado o trabalho, na capital, e estabelecido o método, para todos os grupos, teremos constituído o núcleo espírita do Brasil, que procurará incorporar a si os grupos e espíritas dos estados - criar, onde houver elementos, novos grupos - e estabelecer relações com os representantes do Espiritismo: sociedades e jornais das diversas nações da América e da Europa.

Fica subentendido que, no pleno exercício de seu livre-arbítrio, podem grupos e pessoas viver separados da grande união que desejamos ver realizada, como condição essencial à realização da missão dos espíritas no Brasil.

Como, porém, está na consciência de todos: que tal procedimento embaraça a consecução do alto fim - e, portanto, que acarreta a maior responsabilidade para os que o tiverem, estamos certos de que ninguém recusará seu concurso à união, levado por sentimentos condenáveis perante a Doutrina - e que, pelo contrário, até os abstidos e os que têm o sentimento espírita abafado, virão cooperar na obra da organização do Espiritismo, no Brasil.

Para isto, uma vez que é preciso que alguém dê movimento à máquina, seremos este alguém - e, desde já, prevenimos a todos os nossos irmãos em crenças: que pelos jornais anunciaremos a reunião de todos para, em assembleia geral, discutir-se e resolvermos o que parecer melhor¹¹⁷.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 25.09.1892: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/6106

117 (Nota do Organizador) Esse artigo de Dr. Bezerra está ligado a um projeto a que se dedicou fortemente a partir de 1889, e que lhe causou um tanto de dissabores - o Centro Espírita do Brasil, cuja 1ª reunião está registrada na edição de "O Reformador" de 15 de novembro de 1889. Inspirado nas famosas "Instruções de Allan Kardec", recebidas pelo grande médium Frederico Pereira da Silva Jr., em fevereiro daquele ano, na "Sociedade Espírita Fraternidade" - foi criado com o propósito de promover a união dos espíritas do Brasil e a organização de seu trabalho na missão recebida do alto - estudar e propagar o estudo do Evangelho à luz da Doutrina Espírita. (Fonte: Canuto de Abreu. "Bezerra de Menezes - Subsídios para a História do Espiritismo no Brasil até o ano de 1895", Ed. Feesp, 1985 - págs.41 a 49 e 86 a 96).

Artigo CCLVII - O PAIZ, 03.10.1892

Não têm conta os que repelem toda a ideia de religião, porque não admitem a existência de Deus, e não admitem-nO, porque não podem compreender o Criador incriado.

Já o temos dito, mas não se perde em repetir: se a medida do crer fosse dependente da medida do saber - e só crêssemos no que compreendemos, o saber humano seria unicamente representado por um zero, porque, em última análise, nós não compreendemos coisa alguma.

Temos certeza de que, riscando um fósforo, produzimos luz; mas sabemos - por quê?

Temos certeza de que um vela acesa manterá chama, enquanto houver a matéria combustível; mas, podemos dizer - por quê?

Temos certeza de que a chama ou corpo incandescente queima; mas sabemos a razão - por quê?

Imaginem-se os fenômenos os mais simples e mais comuns - e sempre a respeito de todos eles prevalecerá a ignorância do - por quê?

Já compreendemos muitas leis naturais, que nos permitem conhecer a produção e sucessão dos fenômenos, que elas regem; mas a lei das leis - o porquê de tais produções e de tais sucessões, ignoramos absolutamente.

O axioma de Bayle¹¹⁸ é, portanto, no rigor da palavra, uma falaz pretensão.

118 (Nota do Organizador) Sobre Pierre Bayle, vide nota 117 à página 263 do 1º volume desta coleção. Quanto ao axioma, Dr. Bezerra explica um pouco mais à frente (Pág. 173 deste volume) a que princípio de Bayle exatamente se refere: “a compreensão como condição da convicção ou da aceitação de qualquer princípio

E nunca passaremos daqui - dessa ignorância da razão das causas?

Considerando que a humanidade de hoje já possui o conhecimento de leis (leis secundárias embora), que lhe permitem narrar o que era mistério para a humanidade dos séculos idos, que nada conhecia destas leis;

Considerando que, hoje mesmo, enquanto uns tantos homens conhecem as leis que regem estes fenômenos, como, por exemplo, os eclipses, inúmeros olham para tais fenômenos como bois para o palácio;

Considerando, pois, que a perfectibilidade humana vai sempre devassando o ignoto - e que, em todo o tempo, uns a têm desenvolvida e outros ainda embrionária;

Diz o simples bom senso: que o homem desenvolve sua perfectibilidade sem curar, infinitamente, mas não uniformemente - que há, na espécie humana, variadíssimos graus de saber - que, enquanto uns podem ser chamados - adiantados - outros podem ser ditos - atrasados.

Pois bem; se o homem é essencialmente progressista - se todos os dias ele conquista um grau de saber, é de rigor: que seu progresso só terminará, quando ele tiver conquistado todos os graus - quando tiver o - porquê - de todos os fenômenos da criação - e, porventura, do próprio Criador.

Ora, se vemos, na Terra, que uns já sabem o que outros ignoram - é de rigor: que todos ignorem o que só mais tarde virão a saber.

Assim como o campônio não sabe o que é um eclipse, assim o sábio não sabe de outros fenômenos, que os Espíritos mais adiantados, habitantes de mundos superiores, já compreendem.

Nós, da Terra, somos atrasados, embora nos ajuizemos com o pomposo título de sábios.

O nosso maior sábio, em um mundo superior, é, para seus habitantes, o que é, na Terra, um analfabeto.

De tudo isto resulta: que nós, aqui, ainda não possuímos a faculdade de conhecer as mais altas leis da criação, quanto mais o - porquê - das causas, que é a causa primária ou causa das causas - ou lei das leis - ou Deus¹¹⁹.

ou lei". Demonstrando que nossa compreensão das coisas é limitada, o Kardec brasileiro salienta a relatividade desse princípio.

119 (Nota do Organizador) Em "Os Quatro Evangelhos", de Roustaing, define-se

Contentemo-nos, em nosso atraso, com podermos ver as obras maravilhosas, que são o atestado vivo da existência do seu Autor de infinito poder e de infinito saber - e esperemos que nos chegue, por nosso progresso, a faculdade de conhecermos as leis da criação e o Criador.

Assim como o campônio de hoje há de amanhã compreender a causa do eclipse, assim o sábio, que ignora o - porquê - das causas, há de chegar a conhecê-lo.

Porque hoje, em seu atraso, não pode compreendê-lo, não é razão para negá-lo, salvo se se dá ao campônio o direito de negar o eclipse que vê, mas não compreende.

Também estes que, por tal motivo, negam a existência de Deus, não compreendem - não podem explicar a existência da criação, sem Deus.

Tão incompreensível é o Criador incriado, como a tal matéria incriada, dos materialistas, que são a congregação de todos os ateus, qualquer que seja sua procedência.

Tão incompreensível dizemos por mera condescendência, porque, em verdade, os fatos atestam a existência de um Criador onipotente e onisciente, que não a de um criador e criatura, ao mesmo tempo, como resulta da doutrina materialista.

Quem vê um livro, não vacila em afirmar e menos ainda em crer com todas as veras: que tem diante dos olhos uma obra de ser inteligente - e não uma evolução material.

Pela mesma razão, quem vê as maravilhas da criação - sua ordem admirável - sua admirável harmonia - as leis eternas e imutáveis, que as mantêm, não pode deixar de crer com todas as veras - e de afirmar com a mais profunda convicção: que tudo isto é obra de um ser inteligente, como o que produziu o livro - na mesma relação em que está o livro para a criação universal, está o autor de uma para a de outra obra.

Inteligentes ambos; mas um em grau limitadíssimo - e o outro em grau infinito.

Para quem procura a verdade, sem a obcecação do espírito de sistema, que é a cegueira invencível do homem, Deus - o Criador onipotente e onisciente, é patente, como o pintor em um retrato a óleo - como o músico em uma composição musical, como o escultor em uma estátua.

Deus como "a Causa de todas as causas". (Tomo IV, item 11) Al-Kindi, considerado o Pai da filosofia árabe, refere-se ao Criador nos mesmos termos.

Quem vê qualquer destas produções artísticas jamais dirá que são uma obra de si mesmas.

Entretanto, há homens que veem o Universo, manifestação sublime de uma inteligência e de um poder sem limites - e dizem: eis aí uma grandeza infinita, que não tem autor, ou antes, que é ela mesma o seu Autor - criatura e seu criador ao mesmo tempo!

E chama-se a isto - esta triste aberração da razão - do bom senso - e até do senso comum, um teoria - uma doutrina científica!

A ciência, que é a expressão do progresso intelectual do homem, cobrindo com uma bandeira a mais aviltante expressão da loucura humana!

Nós, os espíritas, somos loucos, porque vemos na obra de infinita perfeição um Autor infinitamente perfeito - porque esperamos chegar até este Ser infinito por nosso progresso, que é dom dele - porque, sobre esta base racional e experimental, assentamos o templo das nossas crenças!

O futuro dirá quem é o louco.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 03.10.1892:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/6164

Artigo CCLVIII - O PAIZ, 10.10.1892

Ainda bem que a ciência já procura perscrutar a causa e a natureza dos fenômenos espíritas.

Depois que o sábio Crookes, materialista convicto, deixou sair de sua pena esta frase surpreendente: “os fenômenos espíritas são uma realidade”, cessaram a zombaria e o escárnio contra aqueles que estudavam tais fenômenos - contra os pobres espíritas loucos que andavam adiante dos sábios.

E depois que Lombroso, esquecido dos epítetos com que brindava os que se ocupavam com aquelas ninharias, desceu também ele a se ocupar com elas, e, estudando-as, chegou às mesmas conclusões de Crookes; subiu extraordinariamente o termômetro do Espiritismo.

Os fenômenos, que só podiam ocupar a atenção dos loucos ou de patetas, já são assunto obrigatório do estudo dos sábios de todo o mundo civilizado.

Ainda bem.

Em menos de meio século, conquistar uma doutrina nova, que abala por seus fundamentos crenças de todos os tempos, o reconhecimento, não do populacho ignorante, mas da nata ou, como é da moda dizer-se, da elite de todas as nações civilizadas; é fato extraordinário, que deve dar que pensar.

Uma vesânia, que invade todos os povos ao mesmo tempo, e que acomete de preferência os cérebros mais bem constituídos - mais esclarecidos, é, certamente um novo gênero de epidemia - epidemia moral, de que não rezam as crônicas, nem a ciência psiquiátrica!

É verdade que se diz:

“Os fenômenos espíritos não podem ser contestados; mas a explicação que lhes dá o Espiritismo ainda é uma hipótese.”

Pois seja; mas o que é certo é que o que era ridículo já é sério - e que os fenômenos (fatos) são o alicerce - os fundamentos da verdadeira ciência.

O Espiritismo, pois, já assenta em fatos reconhecidos reais por seus mais intransigentes inimigos!

Desafiamos a quem quer que seja, que nos apresente uma ciência ou uma doutrina filosófica que tenha, em tão pouco tempo, conseguido o reconhecimento universal de seus fundamentos.

Só a verdade pode arrastar a universalidade das crenças e das adesões!

Mas, se os fenômenos espíritos são uma verdade reconhecida, onde a falha da explicação espírita desses fenômenos?

Sabem todos: que esta explicação consiste: em serem os fenômenos produzidos pelos Espíritos desencarnados, que vivem em constante relação com os encarnados.

É uma hipótese? Mas hipótese é também toda a explicação que, por sua conta, dá cada um dos sábios, que não quer ver a realidade das coisas.

Analisemos esta hipótese - e vejamos se ela tem ou não, em seu favor, as condições que elevam as hipóteses ao grau de certeza.

Examinemos cientificamente, isto é: com os dados científicos que nos oferecem os próprios experimentadores, sábios tão respeitáveis por seu saber, como por seu caráter - e insuspeitos, porque não aceitam a Doutrina Espírita, cujo estudo, aliás, dar-lhes-ia a maior luz para a apreciação dos fenômenos.

Crookes, o venerando sábio inglês, especificando suas experiências sobre os fenômenos, que reconheceu verdades irrecusáveis, mas que atribuiu à força psíquica, refere o fato notabilíssimo: da manifestação, bem autenticada, do Espírito de uma indiana, desencarnado havia três séculos, o qual produziu, à sua vista e à vista de muitas pessoas, todos os fenômenos, que ele atribuiu à força psíquica.

Até aonde pode o espírito de sistema arrastar os mais esplêndidos e sinceros observadores!

Eu vejo a minha vinha afetada por um mal, que muitos dizem ser um verme, mas que eu atribuo a um princípio espalhado na atmosfera.

Estudo o caso, e um dia descubro um dos tais vermes, que, posto em uma videira sã, produz-lhe a mesma moléstia.

Pergunto a todos os homens dotados de simples bom senso: posso recusar a fé aos que atribuem o mal a um verme, e continuar na crença de ser um princípio espalhado na atmosfera?

Pois este é o caso de Crookes.

Viu os fenômenos, que os espíritas explicam pelos Espíritos desencarnados - desprezou esta explicação - e procurou outra: a da força psíquica.

Mais tarde, porém, evidencia a manifestação de um Espírito desencarnado - e ele mesmo confessa: que esse Espírito produziu o que ele atribuiu à força psíquica.

O que era de esperar de tão eminente sábio? Que desistisse de sua concepção - e abraçasse o que lhe foi patente aos sentidos.

Entretanto, Crookes não se demove de sua concepção!

Lombroso confessa também a verdade dos fenômenos espíritas, mas também recusa a explicação espírita, para se encastelar na transmissão do pensamento.

Vê uma campanha girar por cima de sua cabeça, sem ninguém impeli-la - pede a repetição do fato, que lhe é dado imediatamente - e continua em sua crença!

A quem se comunicou o pensamento? À campanha?

Sem dúvida; pois, ninguém a tocou.

Julga, então, o sábio italiano mais aceitável a hipótese de ter a campanha ouvido seu pedido, compreendido o que ele pedia e deliberado fazer-lhe a vontade, do que a hipótese espírita, aliás, já firmada na prova experimental de Crookes!

E é assim que os inimigos do Espiritismo, obrigados a reconhecerem-lhe a verdade de seus fundamentos, contentam-se, apesar das provas materiais, em qualificarem de hipótese a explicação espírita.

Nós aceitamos a qualificação; mas como a hipótese é para a verdade o que a dúvida é para a certeza, pedimos aos sábios - aos que procuram, de boa-fé, a verdade da natureza e origem dos fenômenos espíritas, que estudem esta hipótese, pela Doutrina que a esclarece - e pela experiência que a justifica.

O fato de observação de Crookes é categórica prova da existência da alma - de suas relações conosco - e de que ela é a causa dos fenômenos espíritos.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
“Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 10.10.1892:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/6212

Artigo CCLIX - O PAIZ, 17.10.1892

Na “Carta Parisiense” de 12 de setembro, publicada neste jornal de 11 do corrente¹²⁰, lê-se a notícia da reunião do Congresso Internacional de Psicologia, em Londres, a que assistiu o célebre professor italiano Lombroso, que expôs ali as curiosas experiências que fez, na Itália, com o médium Eusápia.

Conquanto nos tivéssemos exatamente ocupado com os trabalhos deste sábio em nosso passado artigo, encontramos na carta do ilustrado correspondente de “O Paiz” alguma coisa, que nos parece digna de considerações, relativamente ao Espiritismo.

Refere o Sr. Xavier de Carvalho¹²¹ que o Dr. Berillon¹²² teve com um jornalista francês larga explicação sobre as experiências de que se trata, emitindo a seguinte opinião:

“Lombroso ligou, com cordéis bastante fortes, as mãos do médium para impossibilitar qualquer tentativa de impostura; mas isto não obistou a que se passassem na sala coisas pitorescas, como o caso de uma sineta que soou no ar sem que ninguém

120 (Nota do Organizador) Graças aos bons préstimos da Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro foi-nos possível localizar também o referido artigo, disponível no endereço http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/6219.

121 (Nota do Organizador) José Francisco Xavier de Carvalho (1861-1919), jornalista português. Entre 1885/1886 e 1919 atuou como intermediário cultural entre Portugal e França, trabalhando também como correspondente de “A Província” e de vários jornais brasileiros, entre os quais, “O Paiz”. (Fonte: www.modernismo.pt e <http://revues.univ-tlse2.fr/>)

122 (Nota do Organizador) Edgar Bérillon (1859 - 1948) foi um psiquiatra francês conhecido por suas pesquisas sobre hipnose. (Fonte: Wikipedia)

lha tivesse tocado - as cortinas da janela arrancadas - as cadeiras a dançarem em roda no quarto, etc. Na obscuridade da sala, Lombroso sentiu que o beliscavam e que tentavam puxar-lhe a cadeira em que estava sentado.”

É preciso, antes de prosseguirmos, fazer notar: que Lombroso não é um observador novel¹²³ - que é velho experimentalista - e que, portanto, sabe muito bem premunir-se contra tudo o que possa inquinar de falsidade qualquer experiência.

No caso vertente, o próprio Dr. Berillon declara: que ele estava prevenido contra as tentativas de impostura.

É preciso, pois, confundi-lo com os experimentadores d'água doce - com a platéia de um teatrinho de mágica, para admitir a hipótese de ter sido vítima de uma impostura.

E como sê-lo, quando médium e experimentadores, trancados n'uma sala, se achavam presos pelas mãos, em uma corrente ou cadeia, assentados em torno de uma mesa - e a campainha, que soou no ar, por cima de suas cabeças, destacou-se de uma peça, a muitos passos de distância?

E como sê-lo, quando Lombroso, suspeitando impostura, pediu que se repetisse a cena - e no meio do giro da campainha, pelo ar, acendeu um fósforo e reconheceu que ela não era suspensa por mão de ninguém?

Admitir mágica ou impostura de prestidigitação em caso como este, é plantar um princípio, que arrazará o acervo dos conhecimentos humanos; porque, se uma experiência feita com todos os requisitos não firma convicção, em que se há de, então, firmar a convicção dos homens da ciência?

Até hoje, em nosso século, tem progredido espantosamente a ciência, auxiliada e firmada na experimentação bem feita, escoimada do que possa viciá-la.

A de Lombroso é posta em dúvida, apesar de estar cercada de todas as provas de não ter sido, nem por ser viciada.

Logo nenhuma está fora do alcance da dúvida e, consequentemente, nenhuma certeza pode haver sobre qualquer ramo de conhecimentos humanos.

Seja banida, por inútil, a experiência!

“Como explicar esses fenômenos?” - continua Berillon.

123 (Nota do Organizador) Inexperiente, novato, principiante. (Fonte: Dicionário Priberam online)

“Os espíritas dizem que são os Espíritos que produzem esses movimentos. Outros atribuem todos estes fenômenos à psiquê dos médiuns. Lombroso julga que os movimentos do sistema nervoso central podem-se transmitir aos objetos exteriores”.

Façamos aqui uma parada para apreciarmos a teoria psíquica a que se filia Lombroso.

Esta teoria é filha da resolução firmada de não aceitar a espírita - é um recurso de imaginação.

Suponhamos que o sistema nervoso central pode transmitir movimentos aos objetos exteriores.

É óbvio que estes movimentos devem ser regulados pela intenção do centro - que uma cadeira mover-se-á, se o centro o desejar - que uma mesa elevar-se-á, se o centro assim o exigir em seu pensamento.

É, portanto, inquestionável que o movimento de um corpo deve ser precedido da volição do centro.

Lombroso e seus companheiros, que com Eusápia formavam o centro, pensavam em fazer a campanha vir pelo ar badalando até onde se achavam?

Não - não - não; porque se assim fôra, não deixariam de alegar esta circunstância corroborativa de sua teoria.

Então, a campanha moveu-se, sem a volição, sem o pensamento do centro. Logo este movimento foi independente do sistema nervoso central.

Os espíritas, com suas provas, ainda mais autorizam esta conclusão, desfazendo, como bolha de sabão a famosa teoria psíquica.

Tomam uma mesa - pedem a um Espírito que se manifeste por ela - cada um dos do centro pensa naturalmente em um de sua amizade - e a mesa dá o nome de um, que é desconhecido de todos.

Pergunta-se-lhe quem é - e o que quer. Responde que foi um dos membros do tribunal que condenou a família Távora - dá então seu nome por extenso e diz que vem pedir preces.

Recorre-se às crônicas do tempo de D. José e de Pombal - e verifica-se que aquele nome, desconhecido dos membros do centro, foi realmente membro do tribunal que julgou a nobre família.

Conciliem, se são capazes, este e inúmeros fatos experimentais desta ordem, a teoria psíquica - à transmissão do pensamento.

E se é uma verdade, que pode ser observada a toda hora, a comunicação dos Espíritos, perguntamos: por que não admitir-se que estes produzam os movimentos observados por Lombroso, para lhe provarem sua existência e sua presença?

Choca, bem sabemos, a convicção arraigada dos que não admitem a existência da alma humana - e esta é a razão das teorias extravagantes para explicarem os fenômenos que a denunciavam palpavelmente; mas façam tudo com gravidade, ao menos, e não venham dizer:

“A estas duas teorias - é Berillon que fala - opõe-se a opinião de muitos, que não veem nos fenômenos produzidos pelos médiuns senão puro charlatanismo. As coisas extraordinárias a que assistimos não serão fruto da ilusão dos nossos sentidos, preparada pelo médium?”

A quem vem o charlatanismo de alguns médiuns em relação a fatos bem observados, como os de Lombroso?

E a ilusão dos observadores? Oh! esta é uma grande man-gação¹²⁴!

Max.

(Da União Espírita)

Houve um salto na reunião de artigos feita pela FAE, e este ficou faltando.

Foi recuperado da edição de

“O Paiz”, de 17.10.1892, no endereço:

http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/6266

124 (Nota do Organizador) Escárnio, mofa, troça, zombaria. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Artigo CCLX - O PAIZ, 24.10.1892

Parece que - o clama, ne cesses¹²⁵ - vai-se traduzindo em fatos - que o nosso constante desafio aos materialistas vai-lhes abalando o propósito de evitar o Espiritismo.

Ultimamente têm alguns procurado ver nossos trabalhos experimentais.

Não têm, é verdade, aparecido às claras, provocando a explicação dos fatos que se dão, senão disfarçadamente, insinuando-se por entre os crentes; mas, enfim, sempre vão.

Pouco proveito podem tirar, porque os fenômenos de mediunidade, psicográfica ou sonambúlica, para quem não tem razão de crer na sinceridade do trabalho, podem parecer uma cena preparada.

O que se vê, é o médium escrever ou falar por um Espírito - e nada mais fácil do que simular o médium, que é simples instrumento, quando tudo aquilo é obra sua.

Compreende-se, pois, que a primeira necessidade do observador, em casos tais, é verificar se há ou não impostura da parte do médium.

Isto não pode fazer quem se apresenta encapotado - e, conseqüentemente inibido de submeter o médium a um exame rigoroso, de que possa sair a luz; retira-se na dúvida.

Se, pois, estes que se têm assim apresentado, nada têm visto que lhes abale as crenças materialistas - que lhes prove a exis-

125 (Nota do Organizador) Algo como "Chore alto, não poupe". (Fonte: Google Tradutor)

tência do Espírito e sua comunicação conosco, a culpa é somente sua.

Mesmo porque não é por uma única experiência, que se descobre um princípio ou uma lei, sendo fato corrente que os sábios gastam toda a existência em pesquisas para arrancarem ao ignoto a mínima parcela da luz, que hoje nos esclarece.

Como, então, querem estes, que vão de visita a um centro de observação experimental, descobrir, sem mais trabalho que olhar ou escutar, por alguns momentos, os altos segredos da ciência ou da natureza?

Se, em vez de se darem por satisfeitos com o que veem e nada lhes adianta - se, em vez de tirarem desse fato, que classificam de mistificação, razão para a negação, voltassem a observar outros fatos, em múltiplas experiências, teriam ocasião de verificar: que o médium não mistifica, mas que é realmente instrumento passivo de uma força estranha, inteligente e livre.

Poderiam colher, logo na sua primeira visita, alguma coisa neste sentido, se se apresentassem de face descoberta, pedindo para sujeitar o médium a um inquérito científico, de que resultaria: ou ser desmascarado ou ser plenamente justificado em sua sinceridade.

Mesmo, porém, que não queiram se descobrir, se realmente desejam conhecer a verdade ou falsidade do Espiritismo - e continuar a frequentar os trabalhos experimentais, mais cedo ou mais tarde chegarão àquele resultado.

Hoje não viram senão um homem escrever ou falar coisas que podem muito bem ser produção da própria inteligência - amanhã, porém, verão este mesmo homem escrever ou falar coisas que estão muito acima da sua instrução.

Se n'um desses trabalhos vissem, por exemplo, aquele homem, que não sabe inglês, italiano ou espanhol, escrever ou falar em longa dissertação n'uma daquelas línguas?

Se vissem-no discorrer proficientemente sobre uma ciência, que ele não conhece: a Botânica - a Física - a Química - a Antropologia, por exemplo?

Se vissem fatos desta ordem, poderiam continuar a crer n'uma mistificação?

Recorreriam, talvez, à escápula¹²⁶ dos que estudam com ânimo resolutivo de não admitirem o que só estudam, para ver por

126 (Nota do Organizador) Escapatória. (Fonte: Dicionário Priberam online)

onde e de que modo combater - recorreriam à famosa transmissão do pensamento.

Mas, no caso de o médium e de todos os presentes não conhecerem a língua em que falam ou a ciência sobre que discorrem?

Donde, em casos tais, que temos observado - e que os incredúlos podem observar, se quiserem frequentar os trabalhos experimentais; donde o pensamento transmitido ao médium, se ninguém ali o tem?

Será transmissão; mas não de nenhum dos presentes, mas sim de algum de fora, que não é visivelmente presente, como ensina e demonstra o Espiritismo.

Já se vê, pois, que nada se pode colher de uma ciência nova, como o Espiritismo, quem se limita a assistir a um único trabalho experimental dos que a cultivam.

Estes, nada colhendo de sua visita, porque nada pode se colher, em ciência, de uma simples visita, saem rindo dos loucos, que mais razão têm de rir dos cegos.

Assim mesmo, a verdade tem tanta força, que não raras vezes acontece receberem os que assim procedem um raio de luz, que os acompanha em suas cogitações sobre as tolices que viram - e que vai pouco a pouco esclarecendo-lhes o Espírito, até que da repulsão passam à dúvida - e da dúvida ao desejo sério de aprofundar o estudo do que repeliram.

Eles todos hão de receber a luz¹²⁷, que não é destinada a privilegiados, mas a todos os filhos, sem exceção.

Quando menos pensarem, no meio da própria família surgirá um médium, de cuja sinceridade não lhes é dado duvidar - e do que isto produzir, sem suspeição, resultará para eles a convicção de que não foi farsa o que viram em sua visita ao grupo espírita.

E, por este - e por outros muitos modos, dar-se-á o milagre do Evangelho: dos cegos verem - dos surdos ouvirem - dos mudos falarem - e os aleijados andarem.

Em um de nossos trabalhos, apresentou-se um ilustrado médico, completo materialista, que nos pediu licença para observar conosco.

127 (Nota do Organizador) O texto original ficou aqui um pouco truncado, devido à repetição da palavra "hão" fora de contexto, mas fizemos o ajuste necessário.

Sua sinceridade de manifestar-se tal qual era, foi-lhe recompensada.

Apresentou-se o Espírito do Dr. Davigne, por ninguém chamado - e por todos desconhecido.

Seguira a escola positivista - e achava-se em perturbação, supondo-se ainda vivo, o que lhe fazia incompreensíveis certos fatos, como da mulher e dos filhos não lhe dedicarem, sequer, um simples olhar.

Com um pouco de discussão, convenceu-se de que havia morrido - e, portanto, de que era um Espírito, coisa que nunca admitira.

Pedimos-lhe que conferenciasse com o nosso hóspede, materialista como ele tinha sido - e travou-se entre os dois uma conversa interessantíssima sobre ciência, fazendo ele a crítica da doutrina de Charcot¹²⁸, na aplicação da eletricidade às moléstias nervosas - e justificando a de Vulpian¹²⁹, em que seu interpelante absolutamente não pensava.

O resultado foi: que este, verificado que o médium não possuía conhecimentos científicos, saiu certo de que efetivamente, o médium não poderia produzir aquilo - de que efetivamente havia alguma razão da parte dos espíritos.

E levado por estas ideias, fez novas experiências - e chegou à verificação da verdade espírita.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 24.10.1892: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/6316

128 (Nota do Organizador) Jean-Martin Charcot (1825 - 1893) - médico e cientista francês; já referido na nota 74 do 1º volume desta coleção, à página 213.

129 (Nota do Organizador) Edme Félix Alfred Vulpian (1826-1887) - neurologista e patologista francês.

Artigo CCLXI - O PAIZ, 31.10.1892

Pode haver criatura sem criador?

Pode haver criador sem criatura?

A resposta não pode ser dúbia, nem precisa ser justificada, porque a pergunta refere-se a verdadeiros axiomas: não; não há criatura sem criador, nem criador sem criatura.

Se é assim, o mundo - o Universo - todo o ser criado, não em sua individualidade, mas em seu complexo, existiu de toda a Eternidade e existirá eternamente como seu Criador.

Pode-se chamar - eterno - o Universo, no sentido em que chamamos a Deus - Eterno, porque nem pode ter tido princípio antes, nem tê-lo tido depois de seu Criador.

Se tivesse tido antes, não seria obra d'Ele - se tivesse tido depois, teria Ele levado tempo sem criar - e não há criador sem criatura.

Resulta, daí: que o Universo não teve princípio, nem terá fim, precisamente como seu Criador.

O raciocínio, baseado na lógica, baseado em princípios absolutos, leva-nos a estas conclusões; mas a razão, que é a *summa ratio*¹³⁰ da percepção humana, recua diante de tais conclusões.

Como acreditar: que não tenham tido princípio, nem tenham fim, todos estes seres que formam o turbilhão universal, quando vemo-los aparecerem e desaparecerem?

Como acreditar: que tudo no Universo seja eterno, como Deus?

¹³⁰ (Nota do Organizador) "Suprema razão". (Fonte: www.encyclopedia-juridica.com)

Antes de trazermos a estudo meditado estas questões, digamos duas palavras sobre o valor do fato de não compreendê-las a nossa razão.

É este o argumento hercúleo dos materialistas, aproveitados discípulos de Bayle, que faz da compreensão a condição da convicção ou da aceitação de qualquer princípio ou lei.

A razão humana é realmente o mais elevado instrumento de percepção; mas somente até o grau de progresso do ser pensante.

Quer isto dizer: que a razão não é critério absoluto da verdade - e tanto que não compreendemos por ela o espaço infinito; mas, por ela também, não compreendemos o espaço finito - com limites.

O que existe antes do princípio do espaço? O que existe além do seu fim?

Mas ele existe - nós o calcamos aos pés; logo ou é infinito ou é finito - e entretanto nossa razão não o pode compreender nem n'uma, nem n'outra condição.

Por que não compreendemos nem o pró nem o contra, de um fato que está sob nossos sentidos?

Porque nossa razão, que é o foco mais luminoso que possuímos, para devassarmos os mistérios da criação, ainda não nos fornece luz, quanta é precisa, para compreendermo-los todos, mas somente para compreendermos uns tantos, que estão na esfera de nossa perfectibilidade.

O que concluir daí? Que a razão avulta na proporção do progresso da perfectibilidade humana, isto é: que o Espírito se habilita para mais altas compreensões, na razão do progresso intelectual que faz, através dos séculos.

Em seu início - logo que recebe o ser pensante, ao desprender-se da cadeia animal, ele é completamente ignorante - e neste estado sua razão tem os fogos apagados - e ele mal compreende o que há de mais grosseiro na natureza¹³¹.

Pela constante evolução, vai desenvolvendo suas forças intelectuais: perfectibilidade - e sua razão vai alcançando, na mesma medida, penetrar o que lhe era impenetrável mistério até então.

E, como a perfectibilidade humana é indefinida, indefinido é também o acréscimo da luz da razão humana.

131 (Nota do Organizador) Vide nota 48, à página 80 deste volume.

Na Terra, já temos luz - já compreendemos o que, em Vênus, não compreendíamos por não possuímos, lá, a luz da razão que já possuímos, aqui.

Concludentemente, quando subirmos a mundos superiores à Terra, o que requer alentado progresso de nossa perfectibilidade, já teremos luz - já compreenderemos muitas destas questões, que a razão a mais alevantada da nossa atrasada humanidade recusa aceitar, por incompreensíveis.

Por fim, o Espírito desenvolverá sua perfectibilidade até o ponto de sua razão compreender todas as leis - todos os mistérios da criação - e porventura os do próprio Criador.

Então, os nossos mistérios de hoje serão para ele: o ovo de Colombo¹³²!

E nem é isto coisa ou teoria de espantar quando o nosso mundo nos oferece, em miniatura, aquele sublime quadro da evolução humana.

O que vemos na sociedade?

O campônio sem cultivo intelectual não tem razão para compreender o que o sábio, que já fez maior progresso do que ele, compreende facilmente.

O que vemos no indivíduo?

Analfabeto, tudo ignora, mas, à medida que vai desenvolvendo sua inteligência, pelo estudo, vai alargando o círculo de sua compreensão.

Não é, pois, a razão condição sine qua de toda a crença, porque ela não pode compreender fenômenos ou princípios, que vemos ou alcançamos pelo raciocínio, mas que ainda estão fora do círculo da compreensão humana.

Um dia, compreenderemos a Eternidade do Universo, por ser eterno seu Criador.

132 (Nota do Organizador) O Ovo de Colombo é uma famosa metáfora proverbial do folclore italiano contada em toda a Espanha para referir-se a soluções muito difíceis de se chegar, mas que quando reveladas mostram-se, paradoxalmente, óbvias e simples. Conta-se que Cristóvão Colombo, em um banquete comemorativo pela descoberta da América foi perguntado se acreditava que outra pessoa seria capaz de fazer o mesmo, se ele não tivesse feito. Para explicar, Colombo desafiou os presentes a colocar um ovo de galinha fresco de pé sobre uma das suas extremidades. Quase todos que estavam presentes aceitaram o desafio, mas como ninguém conseguia descobrir, Colombo decidiu mostrar a solução: bateu o ovo contra a mesa de leve, quebrando um pouco a casca de uma das pontas, de forma que assim ele se achatasse e pudesse ficar de pé. (Fonte: Wikipedia)

Por ora, contentemo-nos com saber: que esta glória nos será dada, como tantas que já temos conquistado, que em nosso maior grau de atraso julgávamos impossível.

Sobre - não ter tido princípio, nem poder ter fim - o que foi objeto da criação, entretanto que vemos constantemente aparecerem e desaparecerem os seres, diremos apenas: A criação é invariável na essência e variadíssima na forma.

Deus só criou uma substância: o fluido universal ou matéria cósmica dos nossos sábios - e é dela que tirou - tira - e tirará, eternamente os mundos, gigantes do espaço - e os mais imperceptíveis animálculos.

A criação, pois, é, em sua essência eterna e invariável - é, em suas formas, devidas à grande lei da gravidade, eternamente variável.

Estes princípios e deduções, que nos parecerem corretos, em relação à Doutrina Espírita, que os esclarece, tornando-os, por assim dizer, palpáveis, nos foram expendidos mediunicamente, n'uma sessão de estudos científicos, a propósito das duas questões, que formam este artigo¹³³.

Max. (Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 31.10.1892: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/6370

133 (Nota do Organizador) Outro artigo antológico de Dr. Bezerra, pela profundidade e relevância das questões propostas, e pela antevisão de alguns de seus desdobramentos. O conceito de criação que temos alimentado ao longo dos séculos é totalmente antropomórfico e anacrônico. Expliquemo-nos. Para os estudiosos da Doutrina a ideia da contemporaneidade entre criação e Criador já aparece no Capítulo VI da "Gênese" de Kardec - "Uranografia Geral" - itens 13 e 14. A comparação ali trazida pelos Espíritos é de puro didatismo: Deus é o Sol, a criação a luz por Ele irradiada. Não é possível imaginar o Sol sem que sua luz se irradie. A ciência do século XX, por sua vez, já associou há muito a Eternidade à ausência de tempo, o que invalida também por completo a estrutura de antes/depois tão sedimentada no conceito clássico de criação. Na Antiguidade, Orígenes, defendeu a mesma visão, e recentemente o Prof. Pietro Ubaldi, nos volumes "Deus e Universo" e "O Sistema", a desenvolveu brilhantemente. A única ressalva que cabe, aqui, no caso, e aí vale tanto para a "Gênese" kardequiana quanto para este artigo de Dr. Bezerra, é quanto ao uso da palavra Universo para a criação primeira, divina. Conforme "O Livro dos Espíritos" nos ensina, em suas questões 85 e 86, a criação primeira foi toda espiritual, e a material - o Universo em que vivemos - poderia nunca ter existido ou mesmo deixar de existir. Segundo a ciência, existe há 13,5 bilhões de anos, mas não havia antes, e um dia terá seu fim. A criação eterna, portanto, "preexistente e sobrevivente a tudo", é a espiritual, designada pelo Prof Ubaldi de "Sistema".

Artigo CCLXII - O PAIZ, 07.11.1892

A Igreja romana dedicou o dia 2 de novembro à comemoração dos mortos.

Teve os mais elevados intuitos esta decretação, a que a humanidade obedece mais pelo coração do que pela razão.

A Igreja consagrou um dia do ano à festa de toda a família humana, dividida em dois campos pela sublime lei do progresso.

Foi a consagração da fraternidade universal! Os mortos, que são os vivos, não deixam, pela morte, de serem ligados, por laços de amor, aos vivos, que são os verdadeiros mortos.

No dia de finados, pois, levados pela lei da Igreja, todos os que acreditam na imortalidade da alma chamam a si, pelo pensamento amoroso, os entes caros, que já se livraram das prisões da carne - e de um modo invisível, porém real, se reconstitui, nesse dia, a família dividida pela Terra e pelo Espaço.

Ê, porventura, o único dia em que os da Terra consagram, em suas almas, o sentimento sagrado da fraternidade.

Até os ímpios, por intuição de seus pobres Espíritos, sentem, no dia augusto, singular repercussão da saudade, que é o amor - do amor, que é o infinito.

Por que hão de as folhas presas à árvore ter saudade das irmãs que o vento levou?

Se elas são nascidas do nada, para volverem ao nada; por que sentirem as que não foram ainda a seu destino, a sorte - a ausência - a perda das que já foram a ele?

Se o ímpio meditasse profundamente no que lhe dizem seus próprios sentimentos, o mundo não contaria nem um em seu seio.

No dia de finados, quando a humanidade eleva seu pensamento aos entes queridos que já deixaram a vida - e, em sua saudade, bebe a grata consolação que lhe dá a certeza de que amanhã terão de viver reunidos, em melhor vida, os que se amaram nesta vida de sofrimentos; como deve ser árido e desolador o sentimento do que não crê na vida eterna - e que acredita que já caíram no nada, que os espera os entes mais caros ao coração!

Mil vezes o fetichismo desses pobres de espírito, que vão ao cemitério derramar flores e lágrimas sobre a campa onde se afundou o querido de sua alma; porque estes, ao menos creem - tem fé - não se julgam condenados à eterna separação.

Meu Deus! como ter coragem de viver quem perde a filha do coração - a mimosa flor de sua alma; e não espera mais nunca vê-la - e tem por certo que está ela reduzida a nada - que mais nunca ser-lhe-á dado vê-la - reatar o fio quebrado desse amor casto e puro, que foi a felicidade de um momento?

Louvido sejais, que destes a todos a luz para verem; que nem um raio de vosso amor, que fecunda nosso coração, se extingue ou se apaga, antes se avigora e se abrilhanta, até o ponto de irradiar-se, de abranger em amplexo fraternal toda a humanidade, como se fosse uma só família - até o ponto de confundir-se, em sublime união, com o amor do Pai!

Felizmente, nesse dia - dia de glória que não passará, os pobres que não creem, que não têm fé, que julgam-se destinados ao nada, que lhes apraz mais do que as grandezas que destinais a todos os vossos filhos; felizmente os pobres, cegos do orgulho e da ignorância, já terão recebido a luz e serão os novos santos da eterna família humana.

A Igreja, porém, não plantou somente o gérmen da fraternidade universal, instituindo a grande festa da comunicação, em Espírito, de todos os membros da família humana: mortos e vivos ou vivos e mortos.

Ela sagrou esta santa solenidade com o bálsamo mais grato a Deus do que o alvo perfumado com que a de Magdala ungiu os pés do Senhor: o amor do próximo sem o qual não se pode sentir o do mesmo Deus.

A Igreja eleva por todos os seus órgãos preces ao Altíssimo pelos que, mal guiados na vida, tomaram pelas brenhas¹³⁴, em vez de procurarem o caminho que leva ao divino Pastor.

134 (Nota do Organizador) Matagal em terreno quebrado. Mata virgem. (Fonte:

E, à imitação da Igreja todos os crentes elevam seu pensamento ao Pai do amor, pedindo-lhe suas misericórdias para os seus, a fim de que tomem, no Espaço, o caminho que desprezaram na Terra - procurem emendar-se dos erros que lhes tolhem a ascensão - e, cheios de fé, de amor e de humildade, apressem o dia de sua entrada na posse da sublime herança que o Senhor talhou para os seus filhos.

Pode-se dizer que no dia de finados sobem de todos os corações fiéis à lei de Deus o puro incenso de suas humildes preces, formando a mais subilime harmonia, que pode chegar ao sólio do Pai do amor.

E são estas as únicas manifestações da saudade, filha do amor, que podem ser gratas aos que prezamos e que nos deixaram na vida.

Fomos ao cemitério - e impressionou-nos o que ali vimos.

Aqui, um rico jazigo coberto de manto de veludo a ouro, cercado de castiçais de prata, onde ardem velas que pagens de ricas librés substituem - o fausto e a grandeza, em suma.

Ali, uma sepultura rasa, a beira da qual uma pobre mulher ora por entre lágrimas, espargindo sobre a terra sagrada flores que não têm o perfume das que derramam-se de seu coração.

Quem são estes, que até na morte mantêm a desigualdade da vida?

O primeiro foi um grande do império, cujos descendentes quitam-se do nome e da fortuna que lhes deixou, expondo seu jazigo à curiosidade do público!

Nem uma lágrima! nem uma prece! E, talvez, em casa se aparelha uma festa de alegrias mundanas!

O segundo foi o filho querido, metade da alma daquela mulher, que não tendo senão umas pobres flores e as mais ricas flores do coração, veio derramá-las sobre sua sepultura.

Voltando a essa encontramos a família espírita reunida - concentrada - fazendo suas preces pelos seus já desprendidos da Terra - pelos amigos - pelos inimigos e enfim por toda a humanidade.

E os jazigos dos seus nem tiveram mantos de veludo nem tiveram lágrimas e flores - mas tiveram preces - preces que foram unidas com os fluidos do coração amoroso.

Qual dos três melhor desempenhou o seu dever de cristão e produziu o bem?

O Espiritismo acompanha a Igreja na comemoração pelas preces; mas não nas romarias aos cemitérios, onde uma parte vai ostentar sentimentos que não têm - outra vai procurar o que lá não está: o ente querido - e todos esquecem, pelo passeio, a única lembrança eficaz aos seus defuntos: a prece, que mais vale quando é feita no isolamento.

Max.

(Da União Espírita)

Houve um salto na reunião de artigos feita pela FAE, e este ficou faltando.

Foi recuperado da edição de

“O Paiz”, de 07.11.1892, no endereço:

http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/6414

Artigo CCLXIII - O PAIZ, 13.11.1892

No dia 16 de outubro - na festa de São José, o templo dedicado a este preclaro Espírito ficou cheio pelo verbo potente do ilustrado e fecundo orador sagrado, o simpático monsenhor Brito¹³⁵.

S. Exa. Revma., fiel às crenças católicas, de que é muito digno sacerdote, gastou uma boa hora a verberar o Espiritismo, que diz ser - diabolismo.

Há, confessa S. Exa. Revma., uma verdadeira inundação dessa seita maldita, tal que ameaça dominar o mundo.

O ilustre pregador tem de perdoar-nos a dizer-lhe: que são inconciliáveis aquelas duas proposições: obra do demônio - e sua propagação rápida por toda a superfície da Terra.

Se é obra do demônio e ameaça destruir a obra de Jesus, como disse S. Exa. em um de seus arroubos, a consequência é: que Satanás pode tanto ou mais que Jesus!

Se fosse verdade a lenda, necessária no tempo da infância da humanidade, da criação de Espíritos perfeitos, dos quais uns tantos frustraram o plano do Criador, descaindo da perfeição até o ponto de se encherem de orgulho e se revoltarem contra o Onipotente;

135 (Nota do Organizador) Luís Raimundo da Silva Brito (1840 - 1915) - Nasceu na vila maranhense de São Bento, e transferiu-se para a capital do Império, onde foi primeiro vigário em Niterói, depois vigário geral do bispado do Rio de Janeiro. Professor de Religião da Escola Normal, orador sagrado dos mais solicitados e ouvidos, foi um dos reitores do Colégio Pedro II do RJ e terminou sua vida como Bispo de Olinda. Conhecido por Mosenhor Brito, tem seu nome em diversos logradouros do Rio de Janeiro. (Fontes: Wikipedia e "Memória Histórica do Colégio Pedro II - 1837-1937", de Escragnole Dória, Brasília-DF, 1997. Ed. MEC, Pág. 158.)

Se fosse verdade que Deus viu-se na necessidade de dar batalha campal à sua criatura, sem dúvida correndo o risco de ser vencido;

Se fosse verdade que teve a felicidade de vencer - e que, usando do direito do vencedor, encarcerou o vencido no Inferno, em trevas eternas;

Se tudo isto, que tem o cunho de uma invenção humana, tão invisível que não pode escapar à iluminada inteligência do monsenhor Brito, fosse verdade; a consequência seria: que o rebelde, lançado por ordem de Deus em tenebroso cárcere, jamais teria o poder de evadir-se; salvo se as divinas volições podem ser calcadas por uma criatura de Deus.

Entretanto, a crença católica dá esse demônio encarcerado por Deus, não somente evadido do cárcere, que lhe devia ser prisão eterna, como ainda continuando a luta contra o seu Criador!

Deus criou o homem para sua sociedade - e o demônio, que Ele não pôde manter em prisão, nem pôde fazer voltar a ela, sai a contrariar sua nova volição, roubando-lhe a criatura para si!

E Deus ainda neste ponto não pôde repelir o inimigo!

Se isto fosse verdade - se o demônio existisse, monsenhor Brito não pode deixar de reconhecer, Deus não seria o Onipotente.

A invenção, pois, do demônio - do Inferno - e das penas eternas, necessárias quando a humanidade atrasada e ainda embrutecida só podia ser contida pelo terror levado ao fantástico, hoje é coisa que já fez seu tempo - que a razão e a consciência repelem por blasfêma - que tem sido, como outras queijandas antigualhas¹³⁶, sustentadas pela Igreja, a causa real do materialismo moderno.

O demônio, portanto, não passa de uma criação humana, porventura firmada no fato inquestionável das tentações e perseguições invisíveis; mas isto é hoje perfeitamente explicável (e verificado experimentalmente) pela ação dos Espíritos, sim, porém, Espíritos da nossa espécie, que, sendo ainda muito atrasados - e, por isto, ainda se regozijando no mal que fazem, atuam sobre nós exatamente como a Igreja diz que atuam os demônios.

136 (Nota do Organizador) Quejanda é sinônimo de parecida; antiqualha refere-se a objeto ou costume antigo. "Outras quejandas antiqualias" remete-nos, pois, a algo como "outras velharias parecidas". (Fonte: Dicionário Priberam online)

O Espiritismo, portanto, não pode ser diabolismo, pela simples razão de que não existe o diabo, em que pese ao ilustre pregador, vítima de lamentável fanatismo.

Suponhamos, porém, que exista este ser tão poderoso como Deus, que se fez o deus do mal - e cujo império será eterno, porque, no fim do mundo (ensina a Igreja) tudo se reduzirá aos dois absolutos: Céu e Inferno.

Ainda, assim, o Espiritismo será obra dele, como pensa monsenhor Brito?

S. Exa. Revma. não é um padre da mão furada, que tem liberdade de falar - falar - falar, sem pensar o que fala, porque não tem real imputação.

S. Exa. Revma. é um luminar da Igreja brasileira, que tem por dever de sua própria elevação a restrita obrigação de submeter à pedra de toque da razão - da consciência - e do supremo critério da verdade tudo o que de novo aparecer, em matéria de religião, porque S. Exa. sabe: que Jesus prometeu mandar o Espírito da Verdade explicar ao mundo muitas coisas, que em seu tempo o mundo ainda não podia compreender¹³⁷.

É verdade que o clero católico pensa (*bona ou mala fide*¹³⁸), que o prometido consolador é o Espírito Santo, que baixou dias depois da ascensão do Senhor; mas monsenhor Brito é dotado de superior critério para compreender: primo¹³⁹, que, poucos dias depois de Cristo, a humanidade não estava apta para receber o que não pôde receber de Cristo; secundo¹⁴⁰, que o Espírito Santo baixou sobre o Colégio Apostólico - teve a missão especial de infundir nos Apóstolos o saber e a força precisa para pregarem o Evangelho de Jesus - e não a missão de explicar a toda a humanidade novas verdades: as prometidas.

Nos "Atos dos Apóstolos" isto está tão claro, que parece de má-fé a controvérsia!

Diz-se: o Espírito Santo assiste à Igreja - e, portanto, chegados os tempos, ele ensinará as verdades prometidas, embora tenha descido poucos dias depois do Cristo.

137 (Nota do Organizador) Jo. 16: 12-15, já referido.

138 (Nota do Organizador) "de boa ou má-fé". (Fonte: www.dicionariodelatim.com.br)

139 (Nota do Organizador) Primeiro.

132 (Nota do Organizador) Segundo.

Além de que Jesus não disse: eu mando para explicar em tempo, mas, sim: eu mandarei quando for tempo, acresce que Causette¹⁴¹, cuja autoridade não pode ser contestada pela Igreja, diz formalmente: a Igreja não tem ensinado novas verdades, porque não é inspirada - tem, sim, explicado as verdades reveladas, porque é assistida.

E, pois, o clero católico deve estar à espera de novas verdades, complementares das que Jesus ensinou - e ainda não foram reveladas.

De não vir pela Igreja a Revelação espírita, não é motivo de rejeição, porque também a revelação messiânica não veio pelo sacerdócio.

Ora, nestas condições, ousamos perguntar a monsenhor Brito: já estudou o Espiritismo? Já aferiu seus princípios fundamentais pelo supremo critério da verdade: as infinitas perfeições de Deus, para ver se aqueles princípios são conformes ou refratários a elas?

Basta uma consideração para demonstrar: que ele pode ser tudo menos diabolismo.

O materialista e ateu já é presa do demônio, segundo a Igreja; e entretanto o Espiritismo combate, com a razão e com a prova experimental, suas ideias - e faz todo o esforço por chamá-lo ao aprisco de Jesus!

É singular este demônio, que trabalha por destruir sua própria obra!

É laço¹⁴², dizem aqueles a quem não é lícito monsenhor Brito acompanhar.

O Espiritismo ensina ao mundo inteiro a moral do amor e da caridade por laço!

Ensina o bem a todos, para chamar ao mal a quem?

Se a cosmogonia espírita fosse sedutora - e a favor dela o Espiritismo tentasse passar uma moral de perdição, compreender-se-ia o laço.

Sendo, porém, tão brilhante a cosmogonia quanto impertérrita¹⁴³ e de salvação a moral, como haver laço?

141 (Nota do Organizador) Jean-Baptiste Causette - vide nota 19 à pág. 29 do 2º volume desta coleção.

142 (Nota do Organizador) Algo como uma armadilha de "Satanás"...

143 (Nota do Organizador) Destemida, intrépida. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Ensinar o bem à humanidade como meio de perdê-la, só lembra a louco - ou fanático, que louco é.

Pesa-nos ver tão brilhante inteligência, como a de monsenhor Brito, encadeada a prejuízos, que arrastaram Anás e Caifás.

Estude S. Exa. Revma., com a isenção de quem procura a verdade, esta Doutrina, que qualificou de diabólica - e reconhecerá: que seus dogmas (com licença da palavra) exaltam em vez de abaixarem o Senhor - e, portanto, têm por si o critério da verdade.

Não faça como o sacerdócio hebreu - não cerre os olhos à luz, porque, em verdade a verdade lhe dizemos: a revelação é progressiva - e ai do que tem olhos de ver e não quer ver!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 13.11.1892:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/6454

Artigo CCLXIV - O PAIZ, 20.11.1892

A origem dos seres é sem dúvida a questão mais intrincada da cosmogonia.

Criou o Senhor um casal de cada espécie animal e vegetal - ou procedem tais espécies da geração espontânea?

Esta última hipótese tem ocupado séria e profundamente os sábios e as corporações científicas, principalmente a Academia de Ciências da França, em meados do nosso século.

Apesar, porém, de todo o saber da primeira associação científica do mundo e do concurso de todos os sábios, a ela estranhos, que procuravam ganhar lustre trazendo luz àquela ordem de fenômenos, tudo ficou envolto em trevas, como antes da longa e profunda discussão da Academia.

É que o homem, por mais sabedor que seja, somente joga com um pequeno número de leis, que não lhe dão para devassar a superfície do turbilhão universal.

O Espiritismo, ensinamento dado à Terra pelos Espíritos, uns muito mais adiantados do que os nossos maiores sábios e outros tendo a vantagem de verem com os olhos d'alma o que não alcançamos com os do corpo, ainda mesmo auxiliados pelos mais bem combinados instrumentos;

O Espiritismo nos dá hoje a chave do mistério, que não puderam penetrar, quanto à criação dos seres, nem a Academia Francesa, nem todos os sábios do mundo.

Deus encheu o espaço infinito com o fluido universal, matéria cósmica, que, por lei de sua onisciência, tem a propriedade de produzir segundo a infinita variedade de condições, por que pôde passar, a infinita variedade de seres, que povoam o Universo, de

que não podemos fazer uma ideia, nem mesmo aproximada, pelo que vemos em nosso planeta.

É coisa assim pelo molde do que observamos com o ar e com a água, que, mediante as modificações caloríficas, elétricas, etc., dão de si, por combinações que se operam em seus elementos, seres de forma e propriedades variadas.

Pode-se, pois, dizer: que o fluido universal contém em si os germens de tudo o que existe no Universo - é propriamente o que se pode chamar - *mater omnium*¹⁴⁴.

Em certas condições aquele fluido se condensa ao ponto de dar origem à rocha - à argila - ao mármore, ou antes aos elementos constitutivos desses compostos.

N'outras condições, produz por condensação ou deslocamentos de suas moléculas, a infinita variedade dos germens das plantas, que, por outras leis tão prudentes como as da sua geração, adquirem, cada espécie, suas propriedade gerais e características.

Pelo mesmo processo organiza-se o reino animal, cujas leis reguladoras são mais complexas.

E, finalmente, não nos ocupando, aqui, senão dos seres terrestres, produz de si a grande mãe o ser mais perfeito da criação: o homem ou o Espírito.

Este, já o sabemos, atravessa todos os reinos da natureza - e só se destaca do animal, para constituir o quarto reino, de Quatreffages¹⁴⁵: o hominal, quando tem chegado ao grau de poder receber - o ser pensante - isto é: a consciência de si e a ciência de seu destino.

Quando, pela condensação da matéria cósmica e constantes agregações dos elementos de todos os globos, que ocupam o espaço, um planeta se constitui, para ocupar lugar em qualquer sistema, também já o sabemos, pelo movimento e o atrito, desenvolve tal grau de calor, que toda a substância fica incandescente e sua atmosfera por matéria cósmica no mesmo grau, de modo que aí estão em suspensão, no estado gasoso, os germens de todos os seres que o devem povoar - ou antes: mantém-se aquela matéria em condições de produzir, pelas várias modificações por que tem

144 (Nota do Organizador) Mãe de todos. (Fonte: Google tradutor)

145 (Nota do Organizador) Jean Louis Quatreffages, já referido à nota 18 do 2º volume desta coleção.

de passar, os gérmenes de todos os seres que têm de povoar o planeta: minerais - vegetais - animais - Espíritos.

À medida que o próprio calor produz a água - e que esta corre para o abaixamento da temperatura da superfície do globo e de sua atmosfera, vão-se dando as condições para a criação de gérmenes, de que o fluido universal é fecundado, desde sua criação - e isto com tão elevada sabedoria, que nunca os gérmenes de uma espécie são produzidos senão quando o globo está em condições em recebê-los.

É assim que, enquanto o novo mundo não tem condições de vitalidade senão para seres que possam suportar uma atmosfera tão quente quanto impura, o fluido universal não sofre a impressão de condições para produzir senão gérmenes naquelas condições.

Há, para este pasmoso resultado, um sapientíssimo concerto de leis, tanto mais para admirar quanto a mão onipotente não as põe para o caso, mas pô-las desde o princípio dos tempos!

Tudo se rege - tudo se modela por leis eternas e imutáveis!

E tudo sai, na eterna duração dos tempos, como foi talhado desde o princípio!

Quando o novo mundo chega ao ponto de poder receber o homem, compreende-se que os seres novamente criados ainda não podem dar de si Espíritos em condições de receberem o ser pensante - e, portanto, o novo mundo teria de esperar uma Eternidade, se só tivesse de receber o homem constituído por sua evolução natural, desenvolvida nele.

Para obviar esta falta - e enquanto se preparam no planeta os Espíritos seus oriundos, Deus manda - a povoar por Espíritos já humanizados, oriundos de outros planetas.

Como estes, que não vêm pela via de geração, impossível onde não há progenitores, se incorporam ali, já o dissemos em passado artigo e é fato corrente na Doutrina Espírita¹⁴⁶.

E, pois, de tudo o que aí fica exposto, resulta: é e não é por geração espontânea, conforme a significação que dermos à palavra.

Se a tomarmos no sentido de criação por obra exclusiva da natureza, sem nenhuma dependência de um poder superior e regulador de todo o Universo, categoricamente diremos: não - não há geração espontânea.

146 (Nota do Organizador) Vide nota 48 à página 80 deste volume, acima.

Se, porém, chamarmos geração espontânea o que não procede de progenitores, pelas vias da geração; mas tendo origem em modificação da natureza, obedientes às leis postas pelo Supremo Regente do Universo; então, diremos: sim - há geração espontânea.

É preciso, porém, convir - que, sendo a criação dos seres, tanto por geração como por gérmenes emanados diretamente do fluido universal, obra das leis postas pelo Criador, nem n'um, nem n'outro caso, pode-se fugir ao reconhecimento da Causa das causas - da força criadora de tudo o que existe - de Deus.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 20.11.1892:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/6502

Artigo CCLXV - O PAIZ, 27.11.1892

Parecerá um romance de Flammarion, mas foi presenciado por cavalheiros da nossa melhor sociedade e de incontestável competência científica.

Há coisa de dois meses, o médium que serve em nossos trabalhos experimentais, médium sonambúlico e psicográfico, traçou, em duas ou três linhas, caracteres simbólicos, que de modo algum pudemos decifrar.

Era a saudação que nos dirigia um Espírito, habitante do planeta Vênus, há pouco desencarnado lá e que por sua elevação moral, em relação aos Espíritos do seu mundo, obteve a graça de subir ao nosso, muito mais adiantado.

Foi isto, pelo menos, o que o médium recebeu, pelo lápis, de um Espírito, que assinou-se - Newton - ilustre representante do filho da bela estrela, que fulgura ao crepúsculo da manhã e da tarde do nosso mundo.

Newton traduziu-nos os hieróglifos, permitindo-nos assim trocar cumprimentos com o nosso extraordinário visitante, que retirou-se, prometendo voltar a nós.

Até ontem, nem suspeita de haver mais que a Terra habitada.

Flammarion, médium de potente força, devassa os mistérios vedados, nem sequer suspeitados, pregando a - pluralidade dos mundos habitados¹⁴⁷!

Hoje, este fato incrível passa do terreno especulativo ao da experimentação científica!

147 (Nota do Organizador) Aos que ainda não tiveram a oportunidade de lê-lo, vale sempre recomendar a obra prima de Flammarion - "A Pluralidade dos Mundos Habitados" Ed. Ícone, admirável sobre os mais variados aspectos.

Como vai rápido o progresso humano neste final do nosso século!

Parece que a humanidade terrestre teve missão de preparar a aurora deslumbrante do novo século - de uma nova era!

Atendam os sábios do passado e do status quo¹⁴⁸ para a rápida sucessão de fenômenos imaginados e sobrenaturais, no pensar dos que acreditam ainda em milagres - atendam para o que tem sido dado à observação dos Crookes - Wallaces - Zöllners - Lombrosos, e de todos os que se dedicam ao estudo das ciências, e confessem: que a Terra atravessa uma fase, que não pode deixar de ser o prenúncio de uma nova e sublime ordem de coisas.

Do que pasmar, então, à vista de um pacto reputado sobrenatural, quanto tantos sobrenaturais estão aí requerendo o direito de cidade na ciência da Terra?

O Espiritismo, ciência especulativa e experimental, ensina a lei da evolução espiritual - e os fatos, a que nos referimos - este, de que ora tratamos, não são senão a prova material daquela lei.

Que à escrita direta - que à materialização dos Espíritos, atestados por Zöellner e Crookes - que ao movimento e transporte dos objetos materiais, reconhecidos por Lombroso, se una a aparição de habitantes de outro planeta.

É fato tão natural - tão perfeitamente explicado pela ciência espírita, que só pode ser repellido pelos que estão, relativamente, no caso do selvagem, que repele a naturalidade do fenômeno, para ele sobrenatural, de um eclipse.

O nosso visitante deixou-nos tempo bastante, para fazermos, conosco mesmo, estas considerações, quando no dia 21 do corrente surpreendeu-nos com sua reaparição, com que não mais contávamos.

Desta vez, manifestou-se sonambulicamente, fato que explicou por já ter adquirido, em sua excursão pela Terra, o conhecimento da linguagem dos Espíritos.

Fez-nos uma exposição de suas impressões de viagem, que procuraremos reproduzir o mais fielmente que, de memória, nos seja possível.

Genericamente falando, está maravilhado do progresso intelectual da humanidade terrestre; reconhece, porém, que há um espantoso desequilíbrio entre este e a moral.

148 (Nota do Organizador) Estado atual de algo ou estado anterior a uma alteração. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Onde mais viu brilhar a ciência - a literatura - e as artes, aí notou a mais completa descrença e falta de fé religiosa.

Parecia-lhe: que os que mais sabem, mais luz têm, deviam, por isto mesmo, conhecer a lei das leis - as relações da criatura com seu Criador. Causou-lhe, pois, grande espanto ver o contrário.

Foi com Giordano Bruno à Itália, onde, pelo que já sabia da História da Terra, contava encontrar um imenso foco de luz moral. Completa decepção!

Viajou pela Ásia, e teve tristeza de ver o berço da humanidade e das religiões terrestres, coberto por uma espécie de sudário, que lhe tem tolhido o desenvolvimento.

Notou, aí, que os homens se acham divididos em classes distintas e tão distintas, que os filhos de uma não ousam nem tocar com a ponta do dedo os da classe superior, sendo por estes considerados iguais, senão inferiores aos animais.

Correu a Europa, de que antes só tinha visitado a Itália; por toda a parte, ciências - literatura - artes, em grau de deslumbrá-lo; moralmente, foi precisamente onde encontrou doutrinas repugnantes à natureza humana: negação de Deus.

Transladou-se para a África - e viu aí um atraso, que parece impossível diante do grande progresso das outras partes do nosso mundo.

Não disse da América; mas parece que foi aí que descobriu o que mais o prendeu, em moral, porque foi logo após a descrição de suas impressões na África, cujos habitantes julga mais felizes do que os da Ásia, porque vivem mais livres e fraternalmente, que falou do Espiritismo.

Leu, com os olhos d'alma, a Bíblia e o Evangelho, que lhe emocionavam a alma, dando-lhe, gradualmente de Deus uma ideia a mais e mais superior a que se faz em seu planeta; muita coisa, porém, não entendeu - e outras lhe pareceram inaceitáveis.

Estudou a nova Doutrina (esta que seguimos, disse-nos) e sentiu claridade e satisfação, que não pôde definir.

Tudo o que não compreendeu ou pareceu-lhe inaceitável, como viu explicar, tomou formas arrebatadoras, explicado, em espírito e verdade, por esta divina Doutrina.

Só com esta conquista, sua passagem pela Terra ser-lhe-ia o maior prêmio a que poderia aspirar.

Não sabe o que Deus tem disposto a seu respeito, se voltará a seu mundo ou se ficará na Terra, tendo adquirido, aqui, o conhecimento da lei das reencarnações.

Se, pois, tiver de encarnar entre os seus, o que nunca acreditou ser possível, crente de que nunca mais volveria à via corpórea de seu mundo, só pede a Deus que lhe permita transmitir aos seus todas as luzes que bebeu aqui, embora saiba que isto acarretar-lhe-ia perseguições e martírio, porque não é somente a Terra que tem o seu Cristo.

Em seu planeta, um Espírito alevantado¹⁴⁹, que se propôs a reformar sua moral atrasada, foi vitimado.

Ele conta com isto, se Deus lhe permitir que vá lá espalhar o que colheu na Terra; mas tem fé na misericórdia divina, de que será superior aos arrastamentos da carne.

Aqui, passou a segunda parte de sua manifestação, que reservamos, por muito interessante, para o seguinte artigo.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 27.11.1892: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/6546

149 (Nota do Organizador). Elevado.

Artigo CCLXVI - O PAIZ, 05.12.1892

Vamos cumprir a promessa que fizemos de relatar hoje a segunda parte da comunicação do Espírito, que se nos apresentou como habitante de Vênus.

Dizemos: que se nos apresentou como habitante de Vênus - e não afirmamos que o seja; porque, na posição de observador científico, temos por dever guardar o mais severo escrúpulo sobre o que deduzirmos de nossas experiências.

Um Espírito apresentou-se-nos, dizendo que era habitante de Vênus; mas é isto bastante para afirmarmo-lo por nossa conta, quando sabemos que não falta, no espaço, quem se dê pelo que não é?

A identidade de um Espírito é a questão mais difícil de quantas se oferecem ao experimentador espírita.

Nem a mediunidade vidente é capaz de desfazer o embuste; pois que os Espíritos facilmente dão a seu perispírito a configuração e fisionomia daquele por quem querem passar.

É preciso muita perspicácia - e, às vezes o aproveitamento de certas circunstâncias de ocasião, para se descobrir a falsidade do malévolo, que quer enganar por qualquer motivo - e muita vez sem motivo algum.

Se o manifestante se dá por um Espírito de ordem superior, suponhamos, por Platão, o observador confunde-o, arguindo-o sobre as ideias do divino filósofo.

Se ele dá-se pela mulher da pessoa que faz a evocação, arguindo sobre fatos da vida doméstica do casal separado pela morte, cai necessariamente em falta.

A simulação tem sempre por onde ser descoberta; a demais é saber descobrir-lhe a falha.

Vejamos, pois, se, no nosso caso, temos ou não razão para crermos na manifestação de um habitante de Vênus.

Para os que não creem na existência dos Espíritos - e para os que creem, mas não admitem que eles se comuniquem com os vivos, a dúvida não é sobre a identidade - a dúvida é sobre o próprio fato.

A estes, porém, diremos: o fato foi autenticado pela presença de distintos cavalheiros, alguns dos quais não espíritas e pode ser observado pelos que não o admitem, quantas dezenas de vezes quiserem.

Na casa, de que se trata, não cabe a fútil alegação de farsa representada pelo médium; não só porque vinha este para trabalho muito outro, como principalmente porque o manifestante deu o resultado de seus estudos sobre os vários ramos do progresso humano, na Terra, para o que está muito longe de ter habilitações o médium.

Se virmos um analfabeto ler, poderemos suspeitar que é farsa por ele representada?

O mesmo é falar sobre o estado intelectual e moral dos povos de todos os continentes, quem não tem absolutamente conhecimento de tais coisas.

O médium, pois, não pode ser suspeito, mesmo que seu caráter não repelisse toda a suspeita.

Resta, pois, discernir: se o Espírito, que se manifestou, foi ou não aquilo que disse ser: a questão de identidade.

Por uma circunstância que se deu, pode-se ajuizar do caso.

O médium não estava com boa disposição para o trabalho, por motivo de interesse mundano. Parece que não desejava demorar-se ali.

Nestas condições, manifestou-se alto Espírito, que dirige nossos trabalhos, para dizer-nos: primo, que admoestássemos o médium para que fosse passivo e não se preocupasse com negócio estranho ao trabalho, quando viesse para ele - e secundo, que estava ali nosso irmão de Vênus, que desejava tratar conosco.

Seria mesmo o Espírito que dirige nossos trabalhos, ou foi o próprio enganador ou seu parceiro?

Se foi o nosso guia, como nos disse, não pode pairar dúvida sobre a identidade do apresentado por ele.

Se não foi ele - se foi um enganador, que se inculcou por ele; é fora de questão que não havia de levantar suspeita sobre a manifestação falsa, que nos vinha impor.

Quem quer enganar não previne contra o que vai dizer à pessoa que quer fazer sua vítima.

Sendo assim, o Espírito que se apresentou como nosso guia - e que nos apresentou a outro como habitante de Vênus, não podia dizer-nos o que disse do médium, que devia levantar suspeitas sobre o trabalho que ele ia fazer.

Só quem contasse com a nossa confiança podia proceder daquele modo - e só podia proceder daquele modo quem tivesse interesse em corrigir as faltas do nosso instrumento de estudos.

Um mistificador só trataria de passar o seu gato por lebre - e não se importaria com a má disposição do médium - e se tivesse de referir-se a este, seria para dizer que ele estava nas melhores disposições, a fim de provocar nossa confiança absoluta no trabalho.

Assim, pois, o fato de ter o apresentante do habitante de Vênus, começado por increpar o médium é boa prova de que não foi um mistificador quem nos fez a apresentação, mas sim o alto Espírito, cujo nome é reverenciado por todos os espíritas brasileiros.

Para nós, pois, aquela increpação foi proposital, para que reconheçêssemos que não era mistificação o fato extraordinário, que nos era dado para estudo.

Feitas estas ligeiras considerações, que entregamos à apreciação dos competentes, passemos ao que nos revelou o Espírito sobre a condição da humanidade em Vênus:

Acreditam lá que não há outro mundo habitado - que seu mundo é imóvel e preso ao Sol por correntes de ferro - que o Sol é fixo e constituído por uma massa ígnea, em cujo centro habita o Ser Supremo, que tudo criou e regula - que o firmamento é uma abóbada de aço, onde se acham encravadas as estrelas - que estas são luzernas que se acendem e apagam, conforme é noite ou é dia - que o movimento que se observa nos astros é precisamente o da descida e de elevação para se acenderem e se apagarem.

O homem é de corpo semelhante ao nosso, porém muito mais grosseiro, muito mais material, que reclama muito mais alimento, cuja obtenção obriga a trabalhos horrorosos, origem de grandes sofrimentos. Ele não tem senão quatro dedos na mão, razão pela qual, antes de ter notado que temos cinco, desenhou, em sua manifestação hieroglífica, uma mão com quatro dedos.

O homem contém uma alma imortal, a qual, pela morte, vai para um lugar escuro, onde purga suas faltas, depois do que,

Deus manda seu ajudante tirá-la dali para o Sol, que é lugar de felicidades. A salvação é geral.

Em ciências, letras e artes estão nas condições das tribos africanas - e em moral, suas ideias correspondem, pouco mais ou menos, às da Terra no período mosaico. Reconhecem um Deus, mas dotado de paixões.

Apareceu um reformador, mas foi sacrificado, sendo ridicularizados e desprezados todos os que têm querido fazer inovações nas crenças hereditárias que possuem.

A origem da raça humana começa pela larva, que se transforma em borboleta, e se desenvolve até tomar a forma humana; depois do que a reprodução é pela mesma lei da Terra.

Depois desta exposição, deixou-nos prometendo vir trazer-nos suas despedidas, se isto lhe fosse permitido.

Eis um trabalho que entregamos à crítica dos competentes¹⁵⁰.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 05.12.1892:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/6600

150 (Nota do Organizador) Inspirado nesses possíveis contatos com o habitante de Vênus Dr. Bezerra produziu um belíssimo romance, denominado "História de um Sonho", Ed. FEB, cuja leitura muito especialmente recomendamos.

Artigo CCLXVII - O PAIZ, 11.12.1892

Entre os cavalheiros, homens de ciência, que têm vindo assistir aos trabalhos experimentais que, para esclarecimento de nossa própria inteligência, fazemos há longo tempo, acha-se atualmente um moço, engenheiro, que, no estudo das ciências positivas, não podendo encontrar vestígios da substância espiritual, como o médico não os encontra nos cadáveres que dissectiona, foi, naturalmente arrastado para a escola dos que não creem senão no que lhes dão os sentidos - e filiou-se à seita positivista.

O fato de vir ele observar as experiências feitas no sentido de demonstrar a verdade ou falsidade dos princípios espiritualistas, que é o fim dos trabalhos que fazemos, prova: que este distinto moço não é um desses fanáticos, que acreditam cegamente no que disse o mestre - e, principalmente, que fora do que ele ensinou, não existe mais nada que se possa aproveitar.

Prova sua presença ali: que ele, apesar de adepto do Positivismo, reconhece a deficiência dos sistemas humanos - e admite a possibilidade de ser um deles, ainda mesmo o que lhe parece absurdo, mais aproximado da verdade do que o que abraça.

Procede como verdadeiro homem de ciência, que nem aceita nem repele ideia alguma sem profundo estudo - e que reconhece com Sócrates e com Laplace: que tudo o que sabemos na Terra mal chega para conhecermos: que nada sabemos.

Só os ignorantes, embora se acreditem ilustrados, repelem, sem o mais aturado estudo, um sistema ou uma ideia, pela simples razão de não ser conforme com suas ideias.

O homem racional faz como o cavalheiro de quem temos falado - crê na superioridade do sistema que abraça; mas não se recusa a ver fatos que destruam os princípios fundamentais da-

quele sistema, porque seu alvo é o descobrimento da verdade - e não a estulta glória de uma coerência obscurantista.

Ouviu o jovem engenheiro: que nós fazíamos trabalho experimental sobre os princípios fundamentais do Espiritismo - e como positivista - e como homem de ciência, principalmente, propôs a assistir, para apreciar estes trabalhos.

O Positivismo só aceita o que prova experimentalmente, deixando tudo o mais no mundo das hipóteses.

A este mundo pertencem, para ele, tudo o que constitui a fé espírita, porque nem pela Química, nem pela Física, nem por processo nenhum científico, têm jamais logrado os discípulos de Augusto Comte surpreender, quanto mais provar, a existência de seres imateriais.

O nosso visitante, porém, parece que, por não sofrer da cegueira de sistema, compreendeu: que a Química - a Física - e os processos científicos, não sendo aplicáveis senão aos seres materiais, não se descobriu por eles o imaterial, não é razão para negá-lo.

Porque o cego não vê a luz, ela não deixa de existir.

Porque o surdo não ouve os sons, não existem sons?¹⁵¹

Assim, também, porque os meios empregados pelos positivistas e materialistas não dão o Espírito, não é razão para negar-se a existência do Espírito.

Para a apreciação de cada ordem de fenômenos, um aparelho ou instrumento especial.

O pescador, porque tendo ido armado com os instrumentos do caçador, não apanhou peixe, terá razão para negar a existência de peixe no mar?

Vice-versa, pode negar a existência de aves nas matas o caçador que não pode colher nem uma, em razão de ter-se aparelhado com os instrumentos do pescador?

E, pois, como negar o médico a existência da alma, porque, dissecando todo o corpo, não a encontrou na ponta do seu bisturi?

Em primeiro lugar, o bisturi não é instrumento de apanhar o Espírito - e além disto sabe-se que, no cadáver, já não existe a alma.

151 (Nota do Organizador) Pareceu-nos que no texto original ficou faltando esse ponto de interrogação, que acrescentamos.

Assim, são todas as experiências dos positivistas e materialistas, cujos instrumentos são inaptos para a descoberta do Espírito.

Que, à vista disso, o atirem para a classe das hipóteses, vá; mas que, embebidos no seu pequeno mundo dos fatos provados, nem se queiram abalar para ver outros provarem aquela hipótese; é o que não é lícito ao verdadeiro homem da ciência - e até ao de boa-fé.

Porque os meus instrumentos só me dão conhecimentos do mundo material, não se segue que outros instrumentos, de caráter inteiramente diferente, não possam dar conhecimentos do mundo imaterial.

Cada roca com seu fuso!¹⁵²

Compreendendo a verdade destes princípios de simples intuição, o engenheiro positivista, que deu assunto para estas linhas; procurou-nos - e tem acompanhado nossos estudos com a mais escrupulosa atenção.

Nada lhe escapa do que possa ser atribuído à esperteza do aparelho; mas também nota, com a mais completa isenção, os fatos surpreendentes, que estão fora do alcance material e moral do mesmo aparelho.

Do conjunto de suas observações, percebe-se: que seu Espírito já não pode recusar fê aos princípios da existência e da comunicação dos Espíritos, princípios fundamentais da doutrina espiritualista.

E é preciso notar: que não tem assistido senão a três ou quatro sessões experimentais; sendo certo que não é em tão pequeno número de sessões que se pode colher prova plena, quando se tem o espírito desprevenido, quanto mais quando se o traz cheio de prevenções e disposto à negação.

O que ele tem observado, porém, já o abala seriamente - e prende-o para obrigá-lo a dissipar, por mais longa e profunda observação, as dúvidas que se levantam em seu Espírito.

Reservado, como deve ser quem está em suas condições - e n'um meio das condições do nosso, ele gastará muito mais tem-

152 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra cita aqui parcialmente um ditado popular português: "Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso". Roca é o aparelho de fiar, sendo o fuso uma de suas peças, na forma de bastão ou vara, que tem na extremidade um bojo, em que se enrola o fio que se há de fiar. Presumimos que deva haver um tipo certo de fuso para cada modelo de roca, talvez daí o dito popular... (Fonte: www.dicio.com.br)

po, porque não pede explicação de certos fatos dos mais simples, que duas palavras esclareceriam; que ele prefere esclarecê-los por si mesmo.

Marcha, porém, com tanta segurança, que mais sólida será sua convicção, quando firmá-la.

Na última experiência que fizemos, a provada comunicação de um Espírito, discorrendo cientificamente e profundamente sobre a criação dos seres vivos, prova feita por um médium completamente ignorante da matéria - causou-lhe tão profunda impressão, que obrigou-o a levantar a ponta do manto de sua sábia reserva.

Persevere em seu estudo - e espere que todos os dias ser-lhe-ão dadas provas mais convincentes e palpáveis!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
"Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 11.12.1892:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/6646

Artigo CCLXVIII - O PAIZ, 20.12.1892

Lemos, com a atenção devida a trabalhos que primam pela forma e pelo fundo, os quatro artigos publicados neste jornal, sob a epígrafe - “Lombroso e o Espiritismo” - assinado por - Spirita¹⁵³.

Nestas poucas linhas está definido o juízo que faremos do referido trabalho, que pena é ter acabado tão depressa.

Cumpre-nos, porém, responder aos graciosos conceitos com que nos brindou o ilustre articulista, ao terminar a série de seus bem lançados artigos.

Não colheu o país vantagem alguma dos estudos que fizemos sobre a pública administração, como nenhum colhe o Espiritismo do que temos feito sobre as sublimes verdades que em si encerra; mas uma coisa podemos afirmar com desvanecimento - e é que, tanto n'um como n'outro caso, demos tudo o que, em energias, nos concedeu o Senhor.

Disse muito bem - Spirita - os fatos - o reconhecimento da verdade dos fatos, é o essencial para o descobrimento das leis que os regem.

A humanidade tem sempre partido do conhecido para o desconhecido: da queda de uma pêra para a descoberta da lei da gravitação - do fato de um banho para o conhecimento da lei do peso específico.

153 (Nota do Organizador) Graças novamente aos bons préstimos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro nos foi possível localizar as edições dos quatro artigos referidos por Dr. Bezerra acima. O primeiro foi publicado a 05.12.1892, e está disponível no endereço http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/6601; o segundo a 07.12.1892 - http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/6616; o terceiro a 08.12.1892 - http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/6624; e, finalmente, o quarto e último a 09.12.1892 - http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/6632.

Há de ser, pois, pelo reconhecimento da verdade dos fenômenos espíritas que os homens hão de reconhecer a verdade das leis que o Espiritismo veio revelar ao mundo.

Os preconceitos - o espírito de sistema - o fanatismo podem negar-lhe o verdadeiro princípio causal ou lei que os rege, explicando-o por teorias inverossímeis e até irracionais; mas tal princípio ou lei não deixará, por isto, de ser o que é, assim como Deus não deixa de ser Deus, porque alguns homens negam sua existência, e mesmo quando a neguem todos os homens - assim como a Terra seguia sua marcha pela elíptica, que lhe foi traçada, enquanto seus infalíveis proclamavam, como artigo de fé, sua imobilidade.

Os fatos ficam, enquanto as teorias se sucedem e passam, até que cheguem os tempos de brilhar a verdadeira em todo o seu esplendor.

Não se há mister de alta concepção para reconhecer-se quanto é caprichosa a negação da explicação espírita aos fenômenos que confessam os próprios que a negam.

É maravilhoso, dizem, referindo-se à explicação pela ação dos Espíritos; mas não refletem: que muito mais maravilhoso é a que eles oferecem para explicar os fenômenos, que já não podem negar.

Força psíquica - transmissão do pensamento - memória orgânica, parecem-lhes coisas naturais; a existência do Espírito admitida por noventa e nove centésimos da humanidade - a comunicação dos Espíritos, atestada pelos maiores vultos da humanidade, desde os tempos primitivos, isto não é natural!

É mais natural: ser efeito da força psíquica ou a irradiação dos fluidos dos assistentes a manifestação de Katie King, personagem que tinha todas as qualidades de uma criatura humana, mas que desprendia-se das mãos que a seguravam e dissipava-se como o fumo, de que ser o que ela própria dizia ser - um Espírito!

É mais natural ser transmissão do pensamento dizer o médium: qual a palavra que Crookes cobriu com o dedo posto a esmo sobre o "Times", colocado por detrás de suas costas, do que dizê-lo por influência de um Espírito, para quem a matéria é transparente - e, portanto, não lhe vedava o dedo do sábio de ler o que ele encobria!

É mais natural ser devido à memória orgânica dizer um médium casos que se deram com seu pai, e de que este já não se

lembrava, do que ser isto devido a um Espírito - ao próprio Espírito com que se deram tais casos!

Em consciência. O que é mais aceitável à razão desprovida de preconceitos - de espírito de sistema e de fanatismo: criar-se uma prova, visível e palpável, por fluidos emanados dos assistentes - ou materialização, isto é, condensação do perispírito de um Espírito, fato de que não há quase uma família que não dê testemunho?

Foi efeito da força psíquica, diz um sábio; mas por que, nas mesmas condições, não reproduziu o fato, desde que o Espírito declarou que não mais voltaria?

Uma teoria, meus senhores, uma teoria depressa, para explicar esta deficiência da tal força psíquica!

Uma teoria natural, como por exemplo: que uma criada de Crookes tirou de seu lugar um vaso de flores, o que desmantelou toda a combinação que facilitava o funcionamento da força psíquica!

A transmissão do pensamento, em consciência, pode ser aceita para explicar os fenômenos espíritas?

De quem foi o médium roubar o pensamento para dizer a palavra que Crookes cobriu com o dedo, quando ele mesmo não sabia qual era?

Ainda uma teoria - teoria científica, que salva a humanidade da tremenda abusão da existência dos Espíritos e da sua comunicação!

Uma teoria, por exemplo: de que os dedos das mãos, e talvez também os dos pés, comunicam pelo sistema nervoso com o cérebro - e que, portanto, o de Crookes transmitiu ao censório do sábio a palavra que cobria, donde, por transmissão, a ciência do médium!

Por último, e em consciência, é sério dizer-se: que, pela fecundação, o pai transmite ao filho a memória dos fatos de sua vida, de modo a este filho poder um dia referir tais fatos, de que nunca teve ciência, senão a que lhe deu originariamente o - espermatozóide¹⁵⁴ - paterno?

É realmente digno de um estudo profundo este fenômeno psíquico-fisiológico: de verdadeiros sábios darem valor a coisas

154 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra serviu-se aqui do termo espermatozoário, hoje pouco utilizado. Preferimos, então, substituí-lo por espermatozóide, mais conhecido e portanto de mais pronto entendimento.

completamente impossíveis, senão ridículas, só por se oporem a princípios, que não casam como seu modo de pensar!

A brilhante refutação da doutrina de Lombroso, feita pelo ilustrado redator do “Reformador”¹⁵⁵, refutação máscula, que pulveriza todas estas futilidades, a que se têm agarrado sábios de nosso tempo, para não darem seu placet¹⁵⁶ à Doutrina Espírita, desagrava a razão humana, conculcada pelos que cerram os olhos à luz.

Recomendando a leitura desse trabalho notável, que corre paralelo com o do - Spirita - acreditamos que servimos à ciência e à humanidade.

Max.

(Da União Espírita)

Houve um salto na reunião de artigos
feita pela FAE, e este ficou faltando.

Foi recuperado da edição de
“O Paiz”, de 20.12.1892, no endereço:

http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/6688

155 (Nota do Organizador) Infelizmente não conseguimos identificar o nome por trás do pseudônimo “Spirita”. A ver...

156 (Nota do Organizador) Voto de anuência usado nas assembléias do clero.
(Fonte: www.dicionariodelatim.com.br)

Artigo CCLXIX - O PAIZ, 25.12.1892

A ciência hodierna consigna-o, e a experiência confirma o fato de manifestar-se fora do corpo vivo o Espírito que o anima.

Já não pode haver dúvida sobre tais desprendimentos, que se dão por diversos modos, mas sempre sob a condição da achar-se dormindo a pessoa cujo Espírito se manifestar além - às vezes, a grandes distâncias.

Nestas manifestações de Espíritos encarnados, dá-se o mesmo que nas dos desencarnados - eles se apresentam invisíveis a quem não possui a mediunidade vidente - e com as suas formas corpóreas e fisionômicas aos que têm a faculdade vidente.

Já é para concluir este fato: que o Espírito não muda nada em sua essência, pela mudança de sua condição, de estar livre ou preso a um corpo.

De fato: se houvesse modificação, a de um morto e a de um vivo, como chamamos, apresentar-se-iam diversamente, mas disto não há um único exemplo, ao passo que há inúmeros da identidade do modo por que um e outro se apresentam.

É que o ser humano é essencialmente Espírito - e sua ligação com o corpo é fase transitória de sua evolução infinita.

O Espírito hoje ligado a um corpo, pelo nascimento, amanhã será livre pela morte - e o que hoje é livre será ligado a um corpo amanhã.

Assim, pois, o Espírito é o mesmo, que esteja desprendido do corpo definitivamente, pela morte, quer o esteja, momentaneamente, pelo que se chama desprendimento transitório, sem perturbação, da vida corpórea.

Este fenômeno é mais comum do que o da morte, embora não seja apreciado pelos homens.

Toda a vez que dormimos, nosso Espírito desprende-se do corpo, ficando-lhe preso, para animá-lo, por um cordão perispiritual, que é de natureza fluídica - e, desprendido nestas condições, goza de todas as vantagens dos Espíritos livres - da vida espiritual.

O sonho atesta o desprendimento do Espírito, assim como o fato de deitarmo-nos decididos a praticar um ato - e acordarmos decididos em sentido contrário.

Nós não prestamos atenção a tais fenômenos, mas têm sumo valor para os que procuram descobrir a causa de tudo, certos de que tudo tem sua razão de ser.

Para estes, o sonho é a recordação apagada, a reminiscência das cenas presentes ao Espírito, durante as horas de seu desprendimento, e de que perde a consciência desde que se recolhe ao cárcere material.

Quantas vezes conversamos com os entes amados, que já se foram da vida - e acordando, mal temos reminiscência do fato, que às vezes, ainda nos emociona, mas que atribuímos a devaneios imaginativos de nossa alma!

Quantas confirmamos este modo de pensar por sonhos extravagantes - impossíveis; ignorando que nosso Espírito pode descer a um mundo muito mais atrasado que este, onde tem ainda seres a quem ama - e onde estas cenas extravagantes e impossíveis são pura realidade!

E a mudança de resolução, operada durante o sono?

Se é, como julgamos, completo descanso de todas as funções da vida de relação este estado a que chamamos sono, como explicar o fato de mudarmos completamente de resolução durante esse tempo em que cessa completamente toda a cogitação?

Admiti, porém, que só o corpo dorme - descansa, e que a esse tempo o Espírito, livre da matéria, vai ao Espaço - e aí trata com os amigos, e deles recebe instruções e conselhos; admiti este fato, que se demonstra experimentalmente, e tereis explicado o de mudar-se, completamente, durante o sono, uma resolução tomada no estado de vigília.

Nosso fim, porém, levantando aqui esta questão, não é descer a estes pormenores, mas sim unicamente dizer sobre o fato da manifestação dos vivos.

Quando os grandes sábios procuram a verdade, fugindo dela e imaginando teorias extravagantes, para não aceitarem o

que é naturalíssimo, não pode deixar de ser oportuno trazer a lume alguma coisa que possa dar luz aos que estão de boa-fé.

As manifestações dos vivos não podem ser negadas como as dos mortos, porque sua identidade é de fácil reconhecimento.

Ora, provado que o homem que dorme aqui manifesta-se além, dando perfeita cópia de si, está igualmente provado que este homem contém em si duas partes: uma que dorme, outra que vela - uma se fixa no leito, enquanto dorme, outra que voa, a esse tempo, pelo Espaço levando consigo todas as faculdades da vida de relação - e deixando com o corpo todas as da vida vegetativa.

Provado, pois, pelo desprendimento durante o sono, o desdobramento do ser humano, provada está a existência da alma - e mais: que ela possui e manifesta todas as qualidades com que se manifestam os Espíritos dos chamados mortos, ou mais claramente: que o desprendimento é a morte temporária - e que, portanto, se ele destaca do corpo o Espírito, a morte, que é o desprendimento definitivo, não produz outro resultado, donde a prova de existirem no Espaço, pela morte, Espíritos como os que existem ligados aos corpos e se revelam pelo desprendimento.

A questão, pois, resume-se a verificar, experimentalmente, se há ou não manifestação dos vivos.

Os sábios já procuraram verificar este fato, tão à mão e que lhes esclarecerá todas as dúvidas? Não; porque eles o que querem é aumentar as dúvidas.

Nós já tivemos ocasião de obtê-lo espontaneamente, em um dos nossos trabalhos experimentais e podemos assegurar que, entre nós, há outros que têm tido iguais manifestações.

Em nosso caso, o Espírito que se manifestou era muito conhecido - e pudemos verificar tudo quanto nos disse sobre seu estado corpóreo, de modo a não podermos nutrir dúvida sobre a realidade da aparição e sobre a identidade do manifestante.

Compreende-se que não é fácil obter tais manifestações, atenta a necessidade de estar em sono a pessoa, cujo Espírito se deseja chamar; mas quem quer colher tão importante resultado deve revestir-se de paciência e de persistência.

Queiram os sábios deveras colhê-lo; e garantimo-lo, com tanta certeza, como a que temos de que o Sol há de surgir em nosso horizonte todos os dias¹⁵⁷.

157 (Nota do Organizador) Um dos grandes nomes da ciência espírita, de todos

E não vale a pena, enfim, de andar-se a imaginar hipóteses, procurar a prova experimental de um fato, que resolve todas as questões, a começar pela do secular materialismo?

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
“Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 25.12.1892:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/6724

os tempos, Ernesto Bozzano (1862-1943), professor de filosofia da ciência na Universidade de Turim, produziu um volume inteiro apenas sobre este tipo de comunicações, “Comunicações mediúnicas entre vivos” Ed.EDICEL, que muito especialmente recomendamos.

Artigo CCLXX - O PAIZ, 02.01.1893

Completaram-se quatro anos, durante os quais, sem interrupção alguma, temos escrito aos domingos uma longa série de artigos¹⁵⁸, sobre princípios da Doutrina Espírita, que é para nós a mais apurada filosofia que tem sido dada à humanidade - e, ao mesmo tempo, a revelação da revelação¹⁵⁹ ou interpretação do Evangelho em espírito e verdade.

Como é notório, esta sublime Doutrina não foi elaborada por cérebro humano - não conhece autor - é obra dos Espíritos, que a têm revelado ao mundo, ao mesmo tempo, por toda a superfície da Terra.

Allan Kardec, que os inimigos da verdade e da luz querem, por força dar por autor do Espiritismo, para tirarem deste o caráter de revelação espiritual, e confundi-lo com todas as demais escolas filosóficas de todos os tempos - Allan Kardec, o chamado profeta do Espiritismo, declarou, categoricamente: que colecionou as comunicações dadas nos diversos pontos da Terra e fundiu os

158 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra foi bastante modesto nessa conta. Seu primeiro artigo data de 23 de outubro de 1887. Como estamos aqui em janeiro de 1893, a rigor já lá se vão cinco anos e dois meses de produção ininterrupta, sendo este o seu 270º artigo.

159 (Nota do Organizador) É a segunda vez que Dr. Bezerra define a Doutrina Espírita como a revelação da revelação. A primeira, de nosso conhecimento, foi no artigo 81 do 1º volume desta coleção, de 05.05.1889, à página 322: "O Espiritismo é a revelação da revelação, isto é, a interpretação do Evangelho em espírito e verdade".

ensinamentos, que elas continham, nas obras fundamentais, que publicou em seu nome¹⁶⁰.

Declara, categoricamente: que não são suas as ideias que se encontram em tais obras, mas sim dos altos Espíritos, que as difundiram pela Terra.

Como Moisés, que não se deu por autor das Tábuas da Luz, que hoje sabemos terem-lhe sido inspiradas ou reveladas, no Sinai, por alto Espírito, mensageiro do Senhor - como Jesus, que mil vezes declarou não ser sua, mas do Pai, a Doutrina que veio trazer aos homens, Allan Kardec retira de si a glória de ser autor de uma Doutrina, que já no seu tempo conquistava as cumiadas¹⁶¹ da humanidade.

Quem descobre nos fatos da História universal casos ou somente um caso semelhante?

Darwin e Wallace brigam pela primazia da descoberta da doutrina da seleção - a do balão aerostático é disputada pelos irmãos Gusmão e pelos sábios franceses Montgolpin - Newton não declina da glória de ter descoberto a lei da atração universal - Torricelli enche-se de orgulho com a descoberta da ascensão dos líquidos até à altura de sua procedência - e, finalmente, nunca houve uma doutrina filosófica que não procedesse de um homem conhecido: Sócrates, Platão, Simon, Tales, Zenon, Epiceno, Locke, Condillac, Thomaz Reid, Bacon, Buckner, Comte e inúmeros.

Só os reveladores de ensinamentos religiosos confessam que não são suas as que difundem, sendo-lhes, entretanto, fácil conquistar para si as glórias, procedendo como todos.

160 (Nota do Organizador) Vide a propósito o item II da Introdução de "O Evangelho Segundo o Espiritismo" - "Autoridade da Doutrina Espírita", ou ainda o Cap. 1 de "A Gênese", de Kardec, itens 46 a 53, como também "O que é Espiritismo", no item "O Cético", onde a esse respeito o Codificador é taxativo e definitivo: "dais-me subida honra atribuindo-me esse sistema quando ele não me pertence. Ele foi totalmente deduzido do ensino dos Espíritos. Eu vi, observei, coordenei e procuro fazer compreender aos outros aquilo que compreendo; esta é a parte que me cabe. Há entre o Espiritismo e outros sistemas filosóficos esta diferença capital; que estes são todos obra de homens, mais ou menos esclarecidos, ao passo que, naquele que me atribuí, eu não tenho o mérito da invenção de um só princípio. Diz-se: a filosofia de Platão, de Descartes, de Leibnitz; nunca se poderá dizer: a doutrina de Allan Kardec".

161 (Nota do Organizador) Sua elite intelectual, sua parte mais esclarecida.

Esta exceção, que compreende o Mosaísmo, o Cristianismo, o Espiritismo, deve impressionar os pensadores - mostrar-lhes que têm a mesma origem as três caudais, de que se destacam todas as seitas, arvoradas em escolas religiosas, pelo método geral de todas as escolas filosóficas com autores bem conhecidos: a cismática grega, o luteranismo, o calvinismo, a anglicana, e grande número de variedades destas: a evangélica, a presbiteriana, etc.

O Espiritismo, pois, não tem o caráter de seita, mas sim o tipo bem-acentuado de uma revelação.

E, porque a revelação é progressiva, como se evidencia pela comparação da de Moisés com a de Jesus, o Espiritismo não tem, nem mesmo como estas duas, um homem, um revelador - um messias encarnado, que o mundo veja e aponte.

Moisés foi órgão visível da Revelação escrita - Jesus foi o da Revelação feita por palavras e exemplos - O Espiritismo que órgão teve? A comunicação direta dos Espíritos com os homens.

É, pois, Revelação, porque não tem autor terrestre - é a Revelação mais ampla que as anteriores, porque seus instrumentos são diretamente celestes: são os Espíritos, mensageiros invisíveis do Senhor.

O Espiritismo, firmado na sublime lei do amor e da caridade, tem por fim, como tiveram o Cristianismo e o Mosaísmo, fazer progredir, intelectual e moralmente, a humanidade, até podermos, amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos, a que se reduzem a lei e os profetas.

Noutros termos mais claros e mais precisos: tem por fim ligar todos os homens pelos laços do amor espiritual, em uma única família, tendo por chefe o Pai do infinito amor.

Sendo assim, como só não compreendem os infelizes que ainda têm a razão turbada pelas paixões carnis, é óbvio que nosso principal dever é unirmo-nos em amor os filhos; porque sem nos amarmos uns aos outros, não poderemos amar o Pai.

Os espíritas, pois, que melhor devem compreender este dever, são por isso mesmo os que mais responsabilidade têm por não o praticarem.

Além, portanto, de precisarem, em próprio proveito, de se unirem n'uma só família, precisam, talvez mais, em proveito de seus irmãos descrentes, fazê-lo, porque mais do que a palavra, fala ao coração humano o exemplo.

Como chamarmos os incrédulos à santa verdade, para constituírem, conosco uma família, se nós mesmos não a temos constituída com os nossos elementos?

Onde o Centro, a que se resolvam agrupar os que forem recebendo a luz, se os espíritas, espalhados pelo meio da sociedade, se contentam com a prática dos princípios de sua lei?

Progridem, é certo; mas não fazem progredir onde há falta de amor e de caridade para com o próximo - onde há impossibilidade de amarem a Deus sobre todas as coisas¹⁶².

Compreendendo-o melhor do que nós, o Mestre tem vindo duas vezes, nestes últimos dias, aconselhar-nos a constituição de um Centro Espírita no Brasil, que, como todas as nações, tem uma parte de alta missão de fazer progredir a humanidade.

Aceitando-lhe os conselhos, constituiu-se, em Assembleia Geral dos Espíritas desta Capital, um Centro de 5 membros, cercado de um Conselho de 20 - e tendo por complemento a Assembleia Geral anual de todos os Espíritas.

Seu fim é agremiar todos os grupos, uniformizando seu modo de trabalhar - e propagar a Doutrina por todo o país, fundando nas capitais dos estados núcleos ligados ao Centro, sendo eles mesmos Centros dos que se fundarem nos estados; de modo que todos se rejam pelas mesmas leis.

A perfeição humana compreende o saber e a virtude - o desenvolvimento intelectual e o moral: as duas asas em que se firma o Espírito para fazer sua elevação.

O Centro Espírita, ora fundado, com sede na velha sociedade - Fraternidade - tendo por bandeira - Deus, Cristo e Caridade, auxiliará o desenvolvimento intelectual, criando um estabelecimento de humanidade (preparatórios) onde se dê ensino gratuito à mocidade - mantendo o jornal "O Reformador" e dando à luz uma Revista de estudos práticos da Doutrina, sob o ponto de vista científico - fazendo conferências públicas e ao alcance de todas as classes.

Auxiliará o desenvolvimento moral, pedindo o concurso de todos para obras de beneficência; organizando regularmente, de conformidade com as leis da Doutrina, os grupos existentes e os

162 (Nota do Organizador) O texto original pareceu-nos um pouco truncado, nesse parágrafo, fizemos pequenos ajustes.

novos, que forem precisos, para acudir-se aos Espíritos sofredores; adquirir-se o conhecimento, em espírito e verdade, do Evangelho - e fazerem-se experimentações científicas sobre os princípios e fatos espíritas.

Podem, pois, todos os espíritas do Brasil, que quiserem dar força a esta organização, recomendada pelo Mestre, dirigir-se ao Centro Espírita - Fraternidade - provisoriamente na rua São José, 44, 2º andar¹⁶³.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 02.01.1893: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/6783

163 (Nota do Organizador) Sobre esse projeto - o Centro Espírita do Brasil - tão caro a Dr. Bezerra, vide a nota 117, à página 155 deste mesmo volume. O Grupo Espírita Regeneração, à Rua S. Francisco Xavier, 609 - Maracanã - RJ, fundado por Dr. Bezerra em 1891, é de certa forma precursor desta iniciativa, porque foi criado para servir de referência ou modelo para as demais casas espíritas. Funciona até hoje - completou 130 anos em 18 de fevereiro desse ano - e tem logo em sua entrada uma pequena placa, muita sugestiva, onde se diz; "Aqui se aprende a amar a Deus". Bendita seja!

Artigo CCLXXI - O PAIZ, 08.01.1893

De São Paulo, um espírita questionou-nos a respeito do que escrevemos sobre a aparição¹⁶⁴ de um habitante de Vênus em nosso seio¹⁶⁵.

A principal dúvida que lhe sugere o caso, consiste em não poder um Espírito do mundo inferior subir a mundo superior, qual é a Terra em relação a Vênus.

Com o maior prazer nos prestamos a dar a pedida explicação do que parece a um espírita um caso novo e fora das leis, embora não tenhamos a pretensão de ser mestre em matéria de tanta transcendência.

Convém lembrar: que referindo àquela aparição, no percurso de nossos trabalhos experimentais, não afirmamos coisa alguma a respeito, antes declaramos: que nos limitávamo-nos a expor o que aqui se deu, deixando aos competentes a apreciação.

Considerando-se, porém, a questão sob o ponto de vista da Doutrina, nenhuma dúvida temos em dizer: se foi, verdadeiramente, um habitante de Vênus o Espírito que se manifestou, não podemos garantir; mas podia muito bem ser, fato é que só pode julgar impossível quem desconhece os princípios fundamentais do Espiritismo.

É certamente um caso novo, para nós, mas nem é sem exemplo, nem é fora das leis, como vamos demonstrar.

164 (Nota do Organizador) O texto original oposição, mas deve ter sido um erro material, que decidimos ajustar.

165 (Nota do Organizador) Vide acima os artigos CCLXV, de 27.11.1892 e CCLXVI, de 05.12.1892, respectivamente às páginas 189 e 193 deste volume.

A lei é, quanto à evolução dos Espíritos: passam estes a mundo superior, logo que tenham feito o maior progresso possível no mundo inferior.

De conformidade, pois, com a lei, nada mais natural, e até necessário, do que subir de Vênus à Terra um Espírito que tenha feito todo o progresso possível naquele planeta.

Quantos habitantes do nosso mundo não foram antes habitantes de Vênus?

Não seja objeção termos nós dito deste, de quem tratamos, que nos veio visitar, porquanto foi isto um simples modo de considerar aquela aparição, sendo porém verdade que ele declarou: não saber se teria de encarnar aqui ou reencarnar no seu mundo.

O Espírito que no-lo apresentou: Newton, disse-nos: que, devido a seu grande progresso moral, Deus lhe fez a graça de permitir-lhe a ascensão à Terra.

Foi por isso que o consideramos visitante, mas compreende-se que também se pode considerá-lo definitivamente elevado a melhor mundo, como é de lei.

Nós consideramos visita, por dizer-se: Deus fez-lhe a graça de permitir que ascendesse à Terra, por causa de seu progresso moral; mas a falta do progresso intelectual, se há no caso, não inibe a ascensão definitiva, pois que este pode ser realizado no mundo superior, como se dá com as pessoas na vida corpórea, que são dispensadas aos bons Espíritos, permitindo-se-lhes fazê-lo no Espaço.

Nada, pois, mais natural do que vir à Terra um Espírito de Vênus, pelo que chamaremos - promoção - e, portanto, nada se opõe a que seja realmente habitante de Vênus o Espírito que se nos manifestou - e que, no dizer de Newton, tinha desencarnado lá.

Não discutiremos a coligação de um Espírito: de terem Espíritos declarado em um grupo ter sido tal manifestação obra de Espíritos zombeteiros, primo, porque zombeteiros podem ser os que isto dizem, e secundo, porque não afirmamos ser habitante de Vênus o que nos visitou.

Discutimos a questão de princípio e não a de fato; e sob o ponto de vista dos princípios, o fato é rigorosamente possível, mesmo que a ascensão fosse uma simples visita.

Com efeito, nas “Obras Póstumas”, de Allan Kardec, lê-se o seguinte, que prova não ser o nosso fato sem exemplo:

“Um dia, em reunião familiar, o pai leu uma passagem de “O Livro dos Espíritos” sobre a música celeste.

“Uma das filhas que era musicista, pensava consigo: no mundo invisível não há música.

“À noite, recebeu ela a seguinte comunicação:

“Hoje, de manhã, minha filha, teu pai lia uma passagem de “O Livro dos Espíritos”. Tratava-se da música, e tu ficaste sabendo que a do céu é uma sublimidade em relação à da Terra.

“Tudo isto é verdade; e entretanto tu pensaste: como poderá Bellini vir dar-me conselhos a ouvir minha música? É obra de algum Espírito leviano e enganador, (alusão aos conselhos que o Espírito de Bellini lhe dava às vezes sobre a música).

“Tu te enganas, minha filha, porque, quando os Espíritos tomam sob sua proteção algum encarnado, seu fim é fazê-lo adiantar-se.

“Bellini não acha hoje bela a sua música, comparada com a do Espaço, mas vê tua aplicação e teu amor por esta arte - e tem sincero prazer em te dar conselhos. Ele deseja que teu mestre seja recompensado de seu trabalho, porque, embora tenhas por infantil sua ciência, em relação às sublimes harmonias do mundo invisível, aprecia teu talento, que se pode dizer grande na Terra.

“Acredita, minha filha, os sons dos vossos instrumentos, as vossas mais belas vozes nenhuma ideia vos podem dar da música celeste e das suas doces harmonias.

“Momentos depois desta comunicação, a moça exclamou: papai, papai, vou adormecer - segure-me; e, imediatamente reclinada numa poltrona, exclama de novo: papai, papai, que música deliciosa! ... desperta-me, senão eu voo daqui...”

Eis o que disse São Luís sobre o caso ao pai da moça:

“Quando lias para tua filha a passagem de “O Livro dos Espíritos” sobre a música, ela teve dúvida - não podia compreender a existência da música no mundo espiritual - e eis porque eu lhe disse ser verdade o que lhe foi dito; mas não se tendo ela convencido, permitiu o Senhor, para que se convencesse, que lhe fosse dado um sono sonambúlico.

“Então, seu Espírito, desprendendo-se do corpo adormecido, voou no espaço e foi admitido às regiões etéreas, donde o êxtase produzido pela impressão das celestes harmonias,,, sentindo-se,

porém, cada vez mais atraído para as mais elevadas regiões do mundo espiritual, pediu que a despertassem.”¹⁶⁶

Eis aí um caso, para nós autêntico, de fazer Deus a um Espírito a graça de deixar seu mundo, provisoriamente, para ir a regiões superiores.

A diferença para o nosso mundo é simplesmente: que este é Espírito desencarnado, ao passo que aquele foi desprendido da matéria, a que teve logo de voltar.

Esta diferença porém é toda em favor do nosso caso, pois que, se a um Espírito encarnado é permitido subir às regiões superiores, com muito mais forte razão deve sê-lo a um desencarnado.

Eis as razões que podemos oferecer ao nosso irmão de São Paulo, que nos questionou.

Concluindo, porém, reiteramos o que dissemos desde o princípio: não afirmamos a verdade do fato, mas afirmamos a sua possibilidade, por ser conforme com a Doutrina e já ter precedente.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 08.01.1893: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/6818

¹⁶⁶ (Nota do Organizador) Kardec, Allan. “Obras Póstumas”, Cap. “A Música Celeste, Ed. FEB 2005, pág. 211.

Artigo CCLXXII - O PAIZ, 16.01.1893

Hoje é só com espíritas.

Tendo daqui anunciado a organização de um centro diretor da família espírita no Brasil, recebemos solicitações para publicarmos a comunicação de Allan Kardec, que iluminou aquele passo¹⁶⁷.

Vamos, pois, satisfazer tão justos pedidos, transcrevendo aquela comunicação.

“Paz e amor sejam convosco.

“Que possamos ainda uma vez, unidos pelos laços da fraternidade, estudar essa Doutrina de paz e de amor - de justiça e de esperança, pela qual encontraremos a estreita porta da salvação futura - o gozo indefinido e imorredouro de nossas almas humildes.

“Antes de ferir os pontos que fazem o objetivo da minha manifestação, eu devo pedir a todos vós que me ouvis - a todos vós espíritas, a quem falo neste momento, que me perdoeis se porventura, na elaboração de meus pensamentos, encontrardes alguma coisa que vos magoe - alguns espinhos que possam ferir a sensibilidade de vossos corações.

“O cumprimento do dever impõe-nos uma linguagem franca e mesmo rude, por isso que cada um de nós tem uma responsabilidade individual e coletiva - e, para salvá-la, lançamos mão de todos os meios que se nos oferecem, sem contarmos, muitas vezes, com a pobreza de nossa inteligência, que não nos permite

167 (Nota do Organizador) Vide os artigos CCLVI, de 25.09.1892; e CCLXX, 02.01.1893, respectivamente às páginas 148 e 209, acima.

dizer aquilo que sentimos, sem magoar corações amigos, para os quais só desejamos a paz, o amor e as doçuras da caridade.

“Certo de que minha súplica será ouvida por vós, certo de que, falando aos espíritas, falo a uma agremiação de homens cheios de benevolências, encetarei o meu pequeno trabalho, que tem por único fim desobrigar-me de graves compromissos que tomei perante nosso Criador e Pai.

“Sempre compassivo e bom, volvendo os piedosos olhos para a humanidade escrava de erros e das paixões do mundo, Deus torna uma verdade as palavras do seu amantíssimo filho, Nosso Senhor Jesus Cristo - e manda o Consolador, esse Espírito Santo da Verdade, que vem abertamente falar da revelação messiânica a essa mesma humanidade esquecida do seu imaculado Filho, aquele que foi levado pelas ruas da amargura, com o peso das iniquidades e das ingratidões dos homens!

“Correndo os séculos - desenvolvendo-se intelectualmente o Espírito humano, Deus em sua sabedoria achou que era chegado o momento de convidar os homens à meditação do Evangelho, esse precioso livro de verdades divinas, até então ensombrado pela letra, devido à deficiência da inteligência humana para compreendê-lo em espírito.

“Por toda a parte fez-se então a luz: revelou-se à humanidade o Consolador prometido, recebendo os povos, de acordo com seus preparos morais e intelectuais, missões importantes, tendentes a acelerar a marcha triunfante da Boa Nova.

“Todos foram chamados - a nenhum recesso da Terra deixou de apresentar-se o Consolador, em nome desse Deus de Misericórdia, que não quer a morte do pecador, que não quer o extermínio dos ingratos, mas, sim, reconsiderados dos desvios de sua carne - da obcecação de seus instintos!

“Sendo assim, a este pedaço da Terra, que chamais Brasil, foi dado, também, a revelação da revelação, firmando vós compromissos anteriormente tomados - compromissos de que ainda não vos desobrigastes - e, perdoai que eu diga, antes tendes retardado vosso cumprimento e o de graves deveres, levados por sentimentos que não convém agora perscrutar.

“Ismael, o vosso guia, tomando a responsabilidade de levar-vos ao grande Templo do amor e da fraternidade, levantou sua bandeira, em que está escrito: Deus - Cristo - Caridade. Forte por

dedicação - animado pela misericórdia de Deus, que nunca falta aos seus trabalhadores, ele levantou sua voz, santa e evangélica, em todos os corações, procurando atraí-los para um único agrupamento, onde, unidos, tivessem a força dos leões e a mansidão das pombas - onde, unidos, pudessem afrontar todo apuro das iniquidades humanas - onde, enlaçados em um único sentimento de amor, pudessem adorar o Pai em espírito e em verdade - onde se levantasse a grande muralha da fé, contra a qual se viessem quebrar todas as armas dos inimigos da luz - onde, finalmente, se pudesse formar um grande dique à onda tempestuosa das paixões, dos crimes e dos vícios que avassalam a humanidade!

“Levantou-se este agrupamento - sua voz fez-se sentir aos corações; mas, ah! misérias humanas, à semelhança das sementes lançadas no pedregulho, onde não encontraram terra para suas raízes, quando o Bom Anjo - quando aquele Enviado do Eterno julgava ter em seu seio amigos e irmãos capazes de ajudá-lo em sua grande tarefa, santa e boa, foram-se minando as sementes ao fogo das paixões - foram-se encravando na rocha, apesar da chuva de orvalho da misericórdia divina banhá-las constantemente para sua vivificação!

“Ali, onde a humildade devia erigir sua tenda, levantou o orgulho seu reduto - ali, onde o amor devia erguer-se, sublime e esplêndido, até os pés de Nosso Senhor Jesus Cristo, a indiferença cavou sulcos; a justiça chamou-se injustiça, a fraternidade dissensão!

“Mas, pela ingratidão de uns, devia-se sacrificar a gratidão e a boa vontade dos outros? Pelo orgulho dos que se levantavam mestres em sua ignorância, havia-se de sacrificar a humildade do discípulo perfeitamente compenetrado dos seus deveres? Não!

“E por isto, quando os inimigos da luz - quando o espírito das trevas julgava esfacelada aquela bandeira representando essa divina trindade - quando a voz iníqua já reboava no Espaço glorificando o reino das trevas e amaldiçoando o nome do mártir do Calvário, Ismael recolheu a seu seio sua bandeira - e fez levantar uma pequena tenda de combate, com o nome — Fraternidade.

“Era este, certamente, o ponto para onde deviam convergir todas as forças dispersas - todos aqueles que não recebiam a semente no pedregulho.

“Certos de que acaso é uma palavra sem sentido - e testemunhas dos fatos que determinaram o levantamento daquela tenda, era dever sagrado de todos os espíritas vir aí agrupar-se - ouvir a palavra sagrada de seu guia Ismael, único que dirige a marcha da Doutrina nesta parte do planeta - único que tem toda a responsabilidade de sua marcha e do seu desenvolvimento.

“Infelizmente, porém, meus amigos, não pudestes compreender, ainda, a grande significação desta palavra — fraternidade.

“Não é um termo, é um fato - não é uma palavra vã, é um sentimento, sem o qual achar-vos-eis sempre fracos para essa luta, que não podeis medir, tal sua extraordinária grandeza!

“Ismael tem seu templo e sobre ele sua bandeira: Deus - Cristo - e Caridade. Ismael tem sua pequena tenda, onde procura reunir todos os seus irmãos - todos os que ouviram sua palavra e a aceitaram como uma verdade: chama-se - Fraternidade.

“Eu vos pergunto: pertenceis à Fraternidade? Trabalhai para o alevantamento desse templo intitulado Deus - Cristo - e Caridade?

“Como - quando - e de que modo?

“Meus amigos - É possível que eu seja injusto convosco no que vou dizer-vos: o vosso trabalho feito exclusivamente de acordo, não com a Doutrina, mas com o que interessa os vossos sentimentos, não pode dar bom fruto. Sem método - sem ordem - sem disciplina, como requer a Doutrina que esposastes, só pode trazer espinhos para dilacerar vossas almas - dores pungentes para vossos Espíritos, por isso, que, desvirtuando os princípios que são nela determinados, dá entrada constante àqueles que, encontrando-vos desunidos pelo egoísmo - pelo orgulho - pela vaidade, facilmente, acabrunha-vos com todos o peso de sua iniquidade.

“No entanto, seria o mesmo se estivésseis unidos? Porventura podeis acreditar na possibilidade de manejar-se um grande exército com diversos generais, cada qual com seu sistema - com seu método de apurar - e com pontos de mira divergentes? Jamais! Nessas condições só encontrareis a derrota, por isso que, vêde bem, o que não podeis fazer, com o Evangelho - unir-vos por amor do bem, fazem vossos inimigos: unindo-se por amor do mal!

“Eles não têm diversas orientações, nem vários objetivos; tudo aplicam contra a Doutrina Espírita, revelação da revela-

ção¹⁶⁸, que não lhes convém e que é preciso destruir - e, por consequência, empregam toda a sua inteligência - toda a sua vontade - todo o seu amor do mal, submetendo-se a uma única direção.”

Paramos aqui, para continuarmos no seguinte artigo; perguntamos, porém: o Mestre fala da fraternidade sentimento - ou da Fraternidade grupo?

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 16.01.1893:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/6872

168 (Nota do Organizador) Aqui é o próprio Codificador, em belíssima manifestação, classificando a Doutrina Espírita como - revelação da revelação!

Artigo CCLXXIII - O PAIZ, 22.01.1893

“Crescendo a luta dia a dia, por isto que a vontade de Deus, iniciando suas criaturas nos mistérios da vida de além-túmulo, cada vez mais patente se torna - e encontrando vossos Espíritos, com relação à Doutrina, no estado precário de que acabo de falar, pergunto-vos: com que elementos contaís na temerosa ação em que vão empenhar-se vossos Espíritos cheios de responsabilidades?

“Onde, em que canto da Terra, está levantando o grande tabernáculo para a elevação dos vossos pensamentos - onde, em que canto da Terra, traçastes a grande muralha, em que se devem quebrar as armas dos vossos adversários?

“Será possível que, à semelhança das cinco virgens pouco zelosas, tenhais perdido todo o cuidado de vossa paz, e descanséis como as outras que não dormem, e aguardam, ansiosamente, a vinda de seu Senhor¹⁶⁹?

“Se é assim, em que consiste o aproveitamento das lições que constantemente vos são dadas, com o fim de tornar uma verdade a vossa vigilância - e uma santidade a vossa oração?

“Se é assim, onde os frutos desse labor fecundo de todos os dias, de vossos amigos de além-túmulo, se não foram por vós dirigidos? Acaso apodreceram, roídos pela traça - tocados pela ferrugem dos vossos repletos arquivos de comunicações?

“Mas, se é assim, e agora não há voltar atrás, porque já tendes a mão sobre o arado, onde a segurança de vossa fé, a estabilidade de vossa crença, se, entregues a vós mesmos, julgando-vos senhores de grandes conhecimentos doutrinários, afastais, pela prática das vossas obras, aqueles que até hoje têm procurado

169 (Nota do Organizador) Mt. 25: 1-13 - Parábola das Dez Virgens.

incessantemente colocar-vos debaixo do grande lábaro: Deus - Cristo - e Caridade?

“Onde, torno a perguntar-vos, a segurança de vossa fé - a estabilidade de vossa crença, se tendo uma única Doutrina para vosso apoio, forte e inabalável, a subdividis - a multiplicaís, ao capricho de vossa individualidade, sem contar com a coletividade, que poder-vos-ia dar a força, sendo um elemento homogêneo, perfeitamente preparado por aqueles que se encarregaram da revelação?

“Mas, onde a vantagem das subdivisões? Onde o interesse real para a Doutrina e seu desenvolvimento na dispersão que fazeis do vosso grande todo, dando, por esse modo um péssimo exemplo aos profanos; por isto que pregais a fraternidade e vos dividis, cheios de dissensões? Onde, portanto, a vantagem?

“Será dos nomes que dais aos grupos? Será porque este ou aquele tenha recebido maior doação do patrimônio divino? Ou será pelas vantagens da propaganda que fazeis?

“Mas, para a propaganda, precisamos dos elementos constitutivos da mesma propaganda - e eu vos pergunto: onde a escola dos médiuns? Existe?

“Realmente, os que têm boa vontade de estudar convosco os mistérios do Criador, preparando seu Espírito para o ressurgir na outra vida, encontram em vós os instrumentos disciplinados - os médiuns perfeitamente compenetrados do importante papel que representam na família humana e cheios dessa seriedade que dá uma exata ideia da grandeza da nossa Doutrina?

“Ou a vossa propaganda limita-se a falar do Espiritismo? Ou os nossos deveres e responsabilidades, individuais e coletivos, limitam-se a dar a nota do ridículo àqueles que nos observam, julgando-nos loucos e visionários?

“Meus amigos! Eu sei quanto é doloroso tudo o que vos digo, por isso que cada um dos meus pensamentos é uma dor que repassa profundamente meu Espírito - eu sei que nas vossas consciências está perfeitamente gravado todo o peso destas verdades que vos digo; mas eu vos disse, ao começar: nós temos responsabilidades e compromissos, dos quais procuramos desobrigar-nos, pelos meios ao nosso alcance.

“Se completa não está nossa missão na Terra - se mereço, ainda a graça do Senhor, de esclarecer a Doutrina que me foi revelada na Terra, dando-vos novos conhecimentos permitidos ao desenvolvimento de vossas inteligências - e, se vejo que, cada dia

que se passa em vossa existência, iluminada pela sublime luz da revelação, sem haverdes produzido um trabalho na altura da graça que vos foi concedida, é um motivo de escândalo às vossas próprias consciências, eu devo usar desta linguagem rude do amigo, a fim de que possais, compenetrados dos vossos deveres de cristãos e de espíritas, unir-vos n'um grande agrupamento fraterno, onde, avigorados pelo mútuo apoio e pela proteção dos bons, possais enfrentar com esse trabalho extraordinário que vos oferecem, para a emancipação dos vossos Espíritos - trabalho que inegavelmente, que vem produzir uma grande revolução na humanidade, não só quanto à parte da ciência e da religião, como também dos costumes!

“Uma vez por todas vos digo, meus amigos: o vosso trabalho, os vossos labores, não podem ter o estrito limite da boa vontade e da propaganda, sem os meios elementares, indicados pela mais simples razão.

“Não vem absolutamente ao caso reportar-vos às palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo: a luz não foi feita para se colocar debaixo do alqueire¹⁷⁰ - e não vem ao caso - e não tem aplicação, porque vós não tendes luz própria.

“Fazei a luz pelo esforço do vosso trabalho - iluminai todo o vosso ser com a doce claridade das virtudes - disciplinai-vos pelos bons costumes, no Templo de Ismael, Templo onde se adora a Deus - venera-se ao Cristo - e tem-se caridade; e, agora, sim, distribuí a luz - ela vos pertence! E vos pertence, porque é um produto sagrado do vosso esforço - uma brilhante conquista do vosso Espírito, empenhado nas lutas sublimes da verdade.

“Fora destes termos, podeis produzir trabalhos que determinem a embriaguez da vista, nunca, porém, que falem sinceramente ao coração - podeis produzir emoções fortes, por isto que são muitos os que gostosamente se entregam ao desempenho do maravilhoso; nunca, porém, deixar as impressões suaves da verdade, vibrando as cordas do amor divino, no grande coração humano.

“Fora desta convenção ortodoxa, é possível que as plantas cresçam nos vossos grupos; mas é bem possível, também, que seus frutos sejam bastante amargos, bastante venenosos, determinando, ao contrário do que devia ser, a morte moral do vosso Espírito - a destruição, pela base, do vosso templo de trabalho.

170 (Nota do Organizador) Mt. 5:15 e Lc. 11:33.

“Se o Evangelho realmente não tornar-se, em vosso Espírito, um broquel¹⁷¹, quem poderá socorrer-vos, se a revelação tende a absorver todas as consciências, emancipando vosso século? Se o Evangelho em vossas mãos apenas tem a serventia dos livros profanos, que deleitam a alma - embriagam o pensamento, quem vos poderá socorrer, no momento dado dessa revolução planetária, que já se faz sentir, dando o domínio da Terra aos bons, preparados para seu desenvolvimento; bem como transmigrando os obcecados e endurecidos para o mundo que lhes for próprio?

“O que será de vós - quem vos poderá socorrer, se a lâmpada de vosso Espírito faltar o elemento da luz¹⁷², com que possais ver a chegada de Nosso Senhor Jesus Cristo, para testemunhar o valor dos bons e a fraqueza dos maus e dos ingratos?

“Se fostes chamados às bodas do filho do vosso Rei¹⁷³, por que não tomais, em vossos Espíritos, as roupagens dignas do banquete, trocando conosco o brinde do amor e da caridade, pelo feliz consórcio do Cristo com seu povo?

“Se tudo está preparado e só faltam os convivas, por que cedeis vosso lugar aos coxos estropiados, que virão, como os últimos, a serem os primeiros na mesa farta da caridade divina?

“Estes pontos do Evangelho ainda não provocaram vossa meditação, apesar da revelação? Este eco, que reboa por toda a atmosfera do vosso planeta, dizendo: os tempos são chegados, será um gracejo dos enviados de Deus, com o fim de apavorar vossos Espíritos?

“Mas é possível que nos preparemos para esses tempos que chegam, vivendo cheios de dissensões e de lutas, como se não constituíssemos uma única família, tendo como regência dos nossos atos e dos nossos sentimentos uma única Doutrina?

“É possível que nos preparemos para os tempos que chegam, dando a todo o momento a nota do escândalo - apresentando-nos aos homens como homens cheios de ambições, que não

171 (Nota do Organizador) Escudo redondo e pequeno. No sentido figurado, protecção, defesa, amparo. (Fonte: Dicionário Priberam online)

172 (Nota do Organizador) Mt. 6:23 - “Se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso. Se, portanto, a luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas!” e Lc.11:35 - Vê, pois, que a luz que em ti há não sejam trevas”. (Fonte: www.bibliaonline.com.br)

173 (Nota do Organizador) Mt. 22: 1-14 - Parábola das Bodas do Filho do Rei.

trepidam lançar mão até das coisas divinas, para gozo da carne e satisfação das paixões do mundo?

“Mas isto seria simplesmente uma obcecação do Espírito - pretender desobrigar-se de seus compromissos e penetrar no reino de Deus, cobertos dessas paixões e dessas misérias humanas!

“Isto seria não acreditardeis naquilo que credes - seria zombar do vosso Criador, que, não exigindo de vós sacrifício, vos pede, no entanto, que não transformeis sua casa de oração em covil de ladrões¹⁷⁴.

“Meus amigos - Sem caridade não há salvação - sem fraternidade não pode haver união! Uni-vos, pois, pela fraternidade, debaixo das vistas do bom Ismael, vosso guia e protetor. Salvai-vos pela caridade distribuindo o bem por toda a parte, indistintamente, sem pensamento oculto, àqueles que vos pedem que lhes deis, ao menos, um testemunho moral da vossa crença, que lhes possa obrigar a respeitar em vós o indivíduo bem intencionado e verdadeiramente cristão.

“Sobre a propaganda que desejais fazer para chamar ao vosso seio exclusivamente o maior número de adeptos, eu direi: se o meio mais fácil que tendes encontrado, é a cura de vossos irmãos obsedados - são as visitas domiciliárias - e a expansão dos fluidos; aí tendes um modesto trabalho para vossa meditação e estudo.”

Seguem-se mais algumas palavras de recomendação - e um magnífico trabalho sobre a cura de obsessões.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 22.01.1893: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/6916

174 (Nota do Organizador) Mt. 21:13; Mc.11:17; Lc. 19:46.

Artigo CCLXXIV - O PAIZ, 29.01.1893

Já que abrimos um parêntese para confabularmos exclusivamente com os espíritas, oferecendo-lhes a comunicação do Mestre sobre a união de todos eles em uma única família, com uma única direção, não fechemo-lo, sem fazer-lhes mais precioso mimo: a síntese da continuação daquela comunicação, na parte que entende com a cura das obsessões.

Hoje, pois, dirigimo-nos aos que quiserem dedicar-se a este tão precioso quanto arriscado trabalho de caridade.

Antes de tudo é conveniente saber: que, do mesmo modo como a Medicina oficial toma por loucos inúmeros obsedados, assim também os espíritas podem tomar por obsedados muitos doentes de moléstias orgânicas, principalmente as nevropatias - histerismo - dispepsia e outras, que afetam o sistema nervoso.

É portanto de primeira necessidade distinguir:

Primo, se há efetivamente, no caso suposto de obsessão, ação bem-caracterizada de influências estranhas;

Secundo, se as lesões orgânicas ou perturbações funcionais são causa ou efeito da ação de tais influências; porque não há obsessão sem lesão orgânica, que lhe sirva de porta de entrada, assim também resultam das obsessões lesões orgânicas, que se tornam, com o tempo, incuráveis, mesmo que se remova a causa moral.

No primeiro caso: de não haver ação de influências estranhas, apesar dos mais veementes indícios, é óbvio que nada tem o espírita, e sim, o médico, que ver com o doente.

No segundo: de ser a lesão orgânica que dá entrada à ação maléfica de Espíritos atrasados - caso que não é verdadeiramen-

te, de obsessão, mas sim de uma moléstia orgânica complicada de obsessão, a cura do mal físico remove a ação moral.

No terceiro: de serem as perturbações orgânicas, não causa, mas efeito da obsessão, cuja lesão causal muitas vezes tem desaparecido, compreende-se: que a cura da obsessão, isto é, a remoção da causa, é condição sine qua non¹⁷⁵ do restabelecimento do doente.

Reconhecida pois a verdadeira obsessão, reconhecimento a que se chega pela ciência: Fisiologia, Patologia etc., e pelos meios mediúnicos, é o caso de agir o espírita.

Diante de um caso destes, dois são os pontos capitais, para onde deve dirigir sua atenção o que se propõe a curar obsessões: o agente e o paciente; o obsessor e o obsedado.

O obsessor, por mais adiantado que possa ser intelectualmente, é sempre, moralmente, um Espírito atrasado - e como é lei divina auxiliarmo-nos, mutuamente a progredir, não faremos senão cumprir-la, praticando a caridade, sempre que empregarmos todos os meios a nosso alcance no intuito de chamarmos um obsessor à lei das leis: o amor de Deus e o amor do próximo.

Sem exceção, pois, é nosso dever - dever de cristão, procurar, em todo o caso de obsessão, convencer o obsessor de que faz mal - e chamá-lo para o bem.

Só o Espiritismo, determinando as relações dos vivos com os mortos, pode facultar este trabalho santo que é sempre auxiliado pelos bons espíritos, cuja influência benéfica, às vezes, torna-se visível.

Reduzido ao bem - à lei do progresso - à do amor, o Espírito obsessor, parece lógico que se tem resolvido, ipso facto¹⁷⁶, o segundo ponto: a cura do obsedado.

Se este sofria em consequência da perseguição daquele - e se essa perseguição cessou, o que mais pode ele sofrer? Sublata causa, tollitur effectus¹⁷⁷.

Não é assim como parece.

175 (Nota do Organizador) "Sem o qual não" - indispensável, essencial. (Fonte: Dicionário Priberam online)

176 (Nota do Organizador) "Pelo próprio fato, por isso mesmo". (Fonte: Dicionário Priberam online)

177 (Nota do Organizador) "Eliminada a causa, desaparece o efeito. Não existe efeito sem causa". (Fonte: www.dicionariodelatim.com.br)

A obsessão, como todo o sofrimento na Terra, não é casual, nem dependente da vontade do que a produzia com seus fluidos maléficos; é obra da Justiça Eterna, que se cumpre, para que possa brilhar, em todo o seu esplendor, o amor infinito do Pai.

Ninguém sofre sem dever, nem mais do que deve; mas todos sofrerão quanto for preciso, para se lavarem da mácula de suas culpas e poderem tomar seu lugar na mesa farta da caridade divina.

É pois o sofrimento o remédio para a cura das moléstias da alma, que a Misericórdia de Deus aplica a cada uma na dose proporcional à gravidade de seu mal - e que não deixa de ser aplicado enquanto o mal não está debelado.

Em tudo e sempre; justiça com misericórdia e misericórdia com justiça. A pena é imposta para o bem do punido - e o galardão a ninguém é dado senão na razão de seu merecimento. Nem exclusões, nem preferências.

Sendo assim, é óbvio: que a moralização do obsessor nada tem com o sofrimento, que a Suprema Caridade oferece, na taça do puro amor, ao obsedado.

A obsessão continuará, pois, a despeito da remoção do obsessor.

Mas, dir-se-á: se a obsessão é a moeda com que o obsedado deve pagar a sua dívida, para poder fazer seu progresso, tentar curá-la não é uma descaridade¹⁷⁸?

Generalizemos, para melhor respondermos.

Todo sofrimento, já o dissemos, é moeda que o amor do Pai nos dá para o resgate de nossas dívidas; assim, pois, a questão posta a respeito da obsessão estende-se a todas as penas que sofre a humanidade, na Terra.

Será lícito, será mesmo caridoso, cruzarmos os braços diante do sofrimento de um nosso irmão e portanto diante de um obsedado? O Mestre responde: não, em absoluto - e aquele iluminado Espírito nunca avança uma proposição sem a certeza de que ela exprime a verdade.

Como conciliar-se, pois, a lei do sofrimento, lei da Misericórdia, com a da cura desse sofrimento, lei de caridade? Como conciliar-se a lei da Justiça Eterna com a do amor ao próximo?

178 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra serve-se algumas vezes da palavra “incaridade”, que não localizamos nos dicionários atuais, pelo que decidimos substituí-la por aquela que mais parecida nos ocorreu - descaridade.

Quanto mais se aprofunda o estudo das coisas sagradas, mais se descobre, sob o véu que as envolve - e que se vai levantando na medida de nossos merecimentos, pelo progresso que realizamos, que Deus é puro amor, que todos os seus atributos se modulam por este que chamaremos — o supremo atributo do Senhor.

É pelo amor, que consubstanciam todas as virtudes cristãs, que a criatura se aproxima, até chegar à presença do Criador.

E, pois, a Justiça inspira-se no amor, e nada é mais grato ao Senhor da criação do que uma nota de amor desferida nas cordas do coração de sua criatura, ainda a mais distanciada do sôlio divinal.

Assim, pois, tudo cede diante da prece ao Deus de Amor, uma vez que seja ungida pelo sublime sentimento, cujo germe foi depositado em nossas almas, para desenvolvermo-lo e cujo desenvolvimento é a lei suprema do nosso progresso para a perfeição.

Em vista deste rápido esboço, perguntamos: pode ferir a Justiça de Deus, manifestada no sofrimento de um irmão nosso, o cumprimento do preceito de Deus: ama a teu próximo como a ti mesmo — preceito que cumprimos quando tentamos livrar um irmão de seus sofrimentos?

Não; porque a Justiça se exerce por amor, e portanto não se anula cedendo ao amor.

Se assim não fora, como recomendaria Deus o amor ao próximo, ofendendo-se, entretanto, com sua prática - como seria praticável a caridade para com os que sofrem - como seria condenável o exercício da Medicina, aliás consagrado nas Escrituras?

Não: disse Allan Kardec, e aí está como fica justificado o seu dizer.

No seguinte artigo, continuaremos esta ligeira síntese da comunicação do Mestre.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 29.01.1893: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/6962

Artigo CCLXXV - O PAIZ, 05.02.1893

Terminamos no ponto em que demonstramos a verdade da afirmação de Allan Kardec: de que se deve tentar a cura dos obse-dados, embora antepondo-nos à execução da justiça do Eterno.

Antepondo-nos, diremos: não no sentido de lutar, o que se-ria estulto e blasfemo, mas no de modificá-la pelos eflúvios do amor.

E empregamos o termo - modificar - porque a suprema jus-tiça não se anula.

O Espírito que volta a esta vida, para remir pelo sofrimento as faltas do passado, caso em que estão todos os habitantes da Terra, se, por seu livre-arbítrio, não deserta do compromisso que tomou para reencarnar, não pode ser dispensado da prova e da expiação, que lhe foram dadas.

Se tal fato se desse, mesmo pela intervenção das almas com-passivas, por obra de seu amor, haveria injustiça relativa, porque outros, nas mesmas condições, só por não terem igual favor da parte de seus irmãos, teriam de seguir até o fim a sua dolorosa via.

Dependeria, pois, a justiça mais dos homens do que de Deus!

A lei eterna não dispensa ninguém da sua expiação¹⁷⁹, e, se o obsedado, por exemplo, é livre da obsessão, por obra do amor de seus irmãos, não fica livre de pagar sua dívida em outra moeda.

179 (Nota do Organizador) Mt. 5:25-26: "Concilia-te depressa com o teu adver-sário, enquanto estás no caminho com ele; para que não aconteça que o adver-sário te entregue ao guarda, e sejas lançado na prisão. Em verdade te digo que de maneira nenhuma sairás dali enquanto não pagares o último ceitil".

A justiça se cumpre a respeito de todos, embora mude de meios relativamente àqueles cujos advogados pediram comutação da pena.

E aqui surge a questão de saber: se é sempre possível obter-se esta graça.

Assim como Deus não exerce sua justiça sem misericórdia, assim também não usa de misericórdia sem justiça.

Daí, como conclusão lógica, nem sempre se poderá alcançar a graça da comutação de uma pena - e, portanto, da cura de uma obsessão.

Não nos referimos aos que tentam a empresa, intercedendo pelo paciente, que nem sempre - nem todos podem fazê-lo com igual merecimento, isto é: ungindo suas preces com o amor espiritual em grau de tocar a clemência do Pai.

Excluímos a hipótese da variedade de condições em que se acham os que tentam curar obsessões, admitindo, por ora, a de tentar uma cura nas mesmas condições em que se tem alcançado outras.

Ainda neste caso, muitas vezes ser-nos-á negada a graça, embora seja grato ao Pai o nosso empenho, pela razão superior de que melhor sabe Deus o que convém a seus filhos - e entender, em seu amor e em sua justiça, que fará mal, em vez de bem, ao paciente, atendendo às negativas de seus irmãos.

Suponhamos que se trata de um Espírito, cujas faltas gravíssimas seriam resgatadas, nesta existência, pelos duros sofrimentos da obsessão, mas que, comutada a pena para mais leves sofrimentos, precisaria de muito longo tempo, de muitas outras existências, para completar o seu resgate.

Neste caso, que só Deus conhece, não seria antes agravar do que atenuar a expiação do Espírito?

E não pode o próprio Espírito recusar a graça que, inscientes de suas condições, pedimos para ele?

Neste caso, Deus acolhe nossas preces, mas não difere como pedimos, porque sabe que causaria dano àquele por quem pedimos - e que pede o contrário.

Suponhamos outro caso: o de ser recalcitrante no mal, esquecido de seu compromisso, o Espírito obsedado, que, sem que o saibamos, repele toda a graça.

Pode o Senhor fazê-la a quem a repele, sem acoroçoar¹⁸⁰ a sua danação, como Pai, que diz: “eu não quero a morte do ímpio, mas, sim, que ele se converta e me procure”¹⁸¹?

Agora, podemos entrar no estudo do segundo ponto, designado em nosso anterior artigo: a cura dos obsedados, que já sabemos em que condições nos será concedido obtê-la ou não.

Eis-nos, pois, diante da justiça do Senhor, que vamos tentar, não anular, mas modificar, no sentido que demos a esta palavra.

O empenho é santo: livrar um irmão de horrorosos sofrimentos: mas por isto mesmo não devemos empregar senão meios condignos.

Bastará que nos apresentemos armados da boa vontade de fazer o bem?

Não; responde o Mestre, porque bem é o que Deus faz - e o irmão que sofre a obsessão, sofre para seu bem.

O que pedimos, o que nos propomos alcançar, não é livrá-lo de um mal, mas sim alcançar para ele uma graça, que esteja dentro dos limites da justiça soberana.

Para se alcançar uma graça, ainda mesmo de um rei, quanto mais do Senhor dos mundos, não é, pois, bastante querer - ter boa vontade.

São precisos títulos de benemerência tais que comovam o ânimo da potestade a quem se a requer.

Ora, para Deus, que é a infinita perfeição, que títulos podem oferecer os míseros pecadores da Terra, tão carregados de faltas como aquele por quem pedem? Parece infantil a pretensão.

Entretanto, Deus é Pai - e o pai mata seu melhor vitelo, para festejar a volta do filho pródigo.

Se o amor do pai terrestre cobre as faltas de seu filho, o que não será em indulgências o amor do Pai celestial?

Jesus nos deu sublime lição, quando se negou a curar a mulher que não era da grei¹⁸² israelita; mas dobrou-se à sua fé, à sua humildade, expressas nestas palavras: “Ê assim, Senhor; mas os cachorrinhos roem os ossos que da mesa lhes atiram seus senhores.”

180 (Nota do Organizador) Incitar, animar. (Fonte: Dicionário Priberam online)

181 (Nota do Organizador) Ez.33:11, já referido.

182 (Nota do Organizador) Sociedade, povo. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Nós não somos estranhos à grei, e, pois, desde que tenhamos aquela fé e aquela humildade, seremos ouvidos pelo Cristo, e, pelo Cristo do Pai do Céu.

Vistamos a toga roçagante¹⁸³ da fé, cinjamos os rins com a faixa da humildade, e, tendo a alma ungida do amor de Deus, pelo amor ao próximo, marchemos.

É difícil, em nossas condições de atrasados, reunir aqueles predicados? Lembremo-nos de que Jesus disse: que não veio curar os sãos e impetremos sua misericórdia para nos curar de nossas fraquezas.

Marchemos, pois, marchemos confiados na santidade da causa que esposamos, marchemos com a fé, com a humildade, com o amor que tivermos, que Deus suprirá nossa deficiência, fecundando aqueles sentimentos.

A luta será maior, mas, se não desfalecermos, o triunfo será certo.

Se tivéssemos, disse o Mestre, a fé e a humildade dos Apóstolos, bastaria que entrássemos na casa do obsedado, e disséssemos: a paz de Jesus esteja nesta casa, para livrarmos nosso irmão de seu sofrimento.

Não temos aqueles predicados, mas Deus leva em conta o nosso esforço, nascido do coração contrito e humilhado - e animará, com um raio de sua divina luz, os pobres filhos que procuram o caminho.

Concluindo, diremos: não é lícito a nenhum espírita deixar de ler a comunicação dada por Allan Kardec sobre a cura das obsessões.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 05.02.1893: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/7010

183 (Nota do Organizador) Que se vai arrastando pelo chão. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Artigo CCLXXVI - O PAIZ, 13.02.1893

Uma última palavra sobre obsessão, matéria que pede livros, tão vasta é sua compreensão, sob o ponto de vista científico.

Influências estranhas não determinam somente casos de loucura, que os médicos mandam para os hospícios, na convicção de que se trata de uma moléstia do corpo - e que nos hospícios nunca conseguiram nem conseguirão curar, por mais abalizados que sejam na especialidade.

São estes casos que constituem o grande passivo da ciência psiquiátrica, com o título de - incuráveis -, o que serve de descarga à responsabilidade do professor, sem que lhe afete a fama e os foros do saber.

E como não serem averbados sob aquele título, se o professor procura a razão - a causa do fato patológico, para firmar seu diagnóstico - e orientar-se no tratamento, precisamente onde elas não estão?

Já Esquirol¹⁸⁴, cujo nome faz fé na matéria, assinalava o fato de sua experiência: de encontrar em cadáveres de loucos o cérebro em perfeito estado fisiológico, sendo princípio corrente: que a perturbação funcional procede sempre de um estado patológico do órgão.

Como, pois, explicar-se a loucura ou perturbação da função intelectual, achando-se o cérebro, órgão dessa função, em perfeito estado de saúde?

184 (Nota do Organizador) Jean-Étienne Dominique Esquirol (1772 - 1840) foi um psiquiatra francês. Entre vários outros notáveis trabalhos cunhou o termo "alucinação". Foi discípulo de Philippe Pinel, sucedendo seu mestre em 1811 como chefe do Hospital de Salpêtrière em Paris. (Fonte: Wikipedia)

O alienista, pois, diante da observação de Esquirol, confirmada por outros sábios de igual jaez, é obrigado a reconhecer: que há causas de loucura, mesmo não falando das depressões morais, que, afinal, produzem a loucura pelo abalo físico que produzem, fora do círculo das lesões cerebrais.

Que causas são estas? Como agem de modo a produzir o mesmo efeito que as lesões do órgão do pensamento?

A ciência recua diante destas interrogações, que qualifica de... infantis, ou que iludem com as conhecidas palavrões: memória orgânica - memória inconsciente, transmissão do pensamento, pensamento transformado em força motora e mil outros, que, espremidos, não são suco, mas, porque recua, porque procura iludir, não deixa a questão de estar aí como uma esfinge.

As observações de Esquirol não encontraram na ciência, falamos da ciência oficial, elementos para uma solução séria!

E daí resulta: que os hospícios guardam uma prodigiosa quantidade de loucos incuráveis, que bem poderiam ser curados. Incuráveis, porque se tratam pelos processos da ciência, que não podem ter influência sobre eles; mas curáveis, se se lhes aplicar o processo que em nosso passado artigo já indicamos.

Cure-se de uma obsessão, em vez de curar-se de uma loucura - e veremos como os hospícios terão reduzido a proporções mínimas o seu passivo dos - incuráveis.

Um dia, publicaremos um tratado, que escrevemos, há dois anos, sobre este importante assunto¹⁸⁵: importante por entender com a ciência - importante por levar o bálsamo da consolação aos corações que sangram pela perda, pior que a da morte, dos entes que lhe são caros.

Escusamo-nos, pois, de descer a provas da diferença essencial da loucura e da obsessão.

Dissemos, porém, acima que: influências estranhas não determinam somente casos de loucura, desses que os médicos mandam para os hospícios, e precisamos justificar esta afirmação.

Não tendes visto homens, de um modo de pensar e um procedimento correto, de um dia para outro, entregarem-se a vícios condenáveis e às vezes degradantes: o jogo - a embriaguez - a devassidão, - e outros e outros e outros.

185 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra de fato escreveu o referido tratado, que resultou no volume "A Loucura Sob Novo Prisma", editado desde 1921. Hoje faz parte do catálogo de publicações da Federação Espírita Brasileira.

O que é isto senão obra das influências estranhas, senão in totum¹⁸⁶, ao menos em grande parte?

Duvidais? Sujeitai um, dois, muitos destes fatos à prova experimental e reconheceréis a verdade do que afirmamos, baseado em inúmeras observações.

Não tendes visto mulheres de uma educação irrepreensível e de um caráter venerando, esquecerem o que se devem e devem à sua família e ao público - e se atirarem à perdição?

A mesma coisa, verificada pela experiência - e sempre à mão de quem quiser experimentar.

Estes tipos de infelizes, que se dão habitualmente ao ridículo pelas ruas e praças, o que são senão obsedados?

As influências estranhas desculpam, então, todas as fraquezas - todas as vilanias - todos os crimes? Não, porque todos têm, em sua vontade, a força de resistir às sugestões do obsessor - e, se não o fazem, a responsabilidade é sua.

As obsessões, diz Hahnemann¹⁸⁷, abrirão os olhos aos médicos e aos sábios, provando-lhes: que há moléstias, cujas causas não estão na matéria - e que não devem ser tratadas pela matéria.

Suponha-se um caso de loucura que os médicos dão por incurável - e que um médium, mediante a aplicação de fluidos - e a moralização do Espírito obsessor e do obsedado, cura-o.

Aqui temos uma causa imaterial removida por meios imateriais. O que dirão os médicos - e os sábios?

Estas curas já se dão em larga escala - e entre nós muitas pessoas podem dar delas testemunho.

Convém, porém, advertir aos que as tentam, que se devem preparar moralmente, não só para poderem exercer autoridade sobre o obsessor, como para produzirem fluidos que destruam a ação maléfica dos do mesmo obsessor.

Se um médium, presumindo possuir fluidos capazes de neutralizar os do obsessor, tentar a cura, fará mal em vez de bem, porque essa sua orgulhosa pretensão não lhe permitirá produzir fluidos, que o próprio obsessor inutiliza com os seus, zombando, assim, de sua jactanciosa pretensão.

186 (Nota do Organizador) No todo, na totalidade. (Fonte: www.dicionariodelatim.com.br)

187 (Nota do Organizador) Christian Friedrich Samuel Hahnemann (1755 - 1843) - médico alemão, fundador da homeopatia em 1779.

O médium, se tentar a cura isoladamente, deverá armar-se da fé e da humildade cristã - invocar o auxílio dos Espíritos superiores - e a misericórdia de Deus, porque só assim preparado colherá o saboroso fruto de seu trabalho.

A seguinte comunicação de Erasto, extraída da “Revista Espírita” de Paris, sob a direção de Allan Kardec, dispensa toda e qualquer consideração nossa sobre o assunto:

“[...] Ao Espírito encarnado, que se acha obsedado, é preciso um magnetizador experimentado e perfeitamente convencido da verdade espírita. É preciso, além disto, que este seja de uma moralidade irrepreensível e sem presunção. Ainda mais: para agir sobre o obsessor, é preciso a ação não menos enérgica de um bom Espírito desencarnado.

“Portanto, dupla ação: terrestre e extraterrestre; encarnado sobre encarnado e desencarnado sobre desencarnado; esta é a lei...

“Assim, pois, nos casos de obsessão manifesta é indispensável chamar em vosso auxílio o concurso de um Espírito elevado, de grande força moral e fluídica...

“Em resumo: quando se magnetizar um obsedado, será preciso antes de mais, evocar os bons Espíritos que se manifestam habitualmente entre vós, pedindo-lhes que se influam com os maus que perseguem o obsedado, porque estes fugirão diante das falanges luminosas.

“É preciso não esquecer: que a prece coletiva tem muito maior poder, quando feita em unidade de intenção, com a fé viva e o ardente desejo do bem — Erasto.¹⁸⁸”

Allan Kardec assinala ainda a influência do meio.

Se o obsedado está cercado de pessoas boas, cujos pensamentos são homogêneos, a cura é fácil - em caso contrário os fluidos do meio valem por exalações pantanosas.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 13.02.1893: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/7065

188 (Nota do Organizador) “Revista Espírita”, Janeiro de 1864 - Médium: Sr. d'Ambel - págs. 32 e 33 da Ed. FEBJ

Artigo CCLXXVII - O PAIZ, 20.02.1893

Fechemos o parêntese que abrimos para confabular com os espíritas, exclusivamente e entremos em matéria que interessa a todos geralmente.

A Medicina é ciência - e como tal sujeita à lei do progresso, que consiste em acumular verdades novas e em depurar o acervo dos erros que se lhe incrustaram.

Cada grau de progresso que esta ciência, como qualquer outra, conquista, é obra de uma luta, às vezes secular; porque a humanidade, sempre presumida, acredita que tudo o que sabe é verdade - e que sabe tudo o que se pode saber sobre os vários ramos de conhecimentos.

Não vimos a Faculdade de Medicina de Paris - a Academia de Ciências - e a Sociedade Real de Medicina, por seus representantes, os sábios Bailly - B. Franklin - Lavoisier - e L. de Juwieu, repelirem o magnetismo, em 1784, de envolta com as teorias de Mesmer¹⁸⁹?

Não vimos a guerra que se levantou contra o imortal Hahne-mann, Espírito missionário, cuja missão foi simplificar - essencializar a ciência do amor?

189 (Nota do Organizador) Em 1784 o rei Luís XVI nomeou quatro membros da Faculdade de Medicina como comissários para investigar o magnetismo animal praticado por Charles d'Eslon, discípulo de Mesmer. A pedido desses comissários, o rei nomeou também cinco comissários adicionais da Royal Academy of Sciences. Entre eles estavam o o astrônomo Jean Sylvain Bailly, o embaixador americano Benjamin Franklin e o químico Antoine Lavoisier, entre outros. Não conseguimos levantar dados sobre L. de Juwieu. É possível ainda hoje acessar o texto do relatório que resultou do trabalho desta comissão no endereço <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00207140208410109>.

E não estamos vendo como o magnetismo e a homeopatia, esconjurados pela ciência, baniram as trevas que envolviam esta - e conquistaram os foros de cidade?

Pois é o que se deu com aquelas duas revoluções científicas - com toda a revolução, que se está dando com a Medicina fluídica, um dos mais brilhantes presentes feito pelo Espiritismo à humanidade.

Os cegos riem - os tolos escarnecem - os sábios desprezam soberanamente, como obras de magia - e até os nossos poderes públicos cominaram, no código criminal, penas de multa e prisão celular aos mágicos e feiticeiros, que curarem pelos fluidos!

Quando chegar o dia de a ciência abraçar, como já abraçam o magnetismo e a homeopatia, este novo e superior meio de curar; que desgraçado juízo far-se-á do nosso atraso, em vista do nosso ridículo código!

A Medicina fluídica, de que tanto se arreceiam os nossos sábios¹⁹⁰, pode dividir-se em direta e indireta - curadora ou receitista - segundo o médium cura com seus fluidos ou por indicação de remédios, que lhe dão os Espíritos.

A cura por médiuns receitistas não repugna, antes parece racional a todos os que admitem a comunicação dos Espíritos. Se eles nos dão ensinamentos sobre ciência e sobre religião, porque não dá-los sobre a Medicina?

Quem não admite a comunicação está no seu direito - e é lógico não admitir receitas de almas do outro mundo.

Se, porém, assiste-lhe este direito: corre-lhe a obrigação rigorosa de estudar o fato assinalado, não por meia dúzia, mas por milhares de pessoas - não por ignorantes, mas por sábios de todas as partes do mundo.

Em todo o caso, a questão dos médiuns receitistas depende pura e simplesmente da questão de comunicarem ou não os vivos com os mortos.

Resolvida afirmativamente, compreende-se quanto é vantajosa a Medicina fluídica ou mediúnica.

O médico encarnado deduz, ao passo que o desencarnado vê. Um forma o seu juízo, apreciando a significação dos sintomas, ao passo que o outro firma o seu no que tem diante dos olhos.

190 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui a expressão “pró-homens”. Não conseguimos identificar o seu significado, e decidimos então substituí-la.

É como dois indivíduos, dos quais um ouve o som, sem saber donde procede - e o outro é presente no ponto donde procede.

Inquestionavelmente, o tratamento mediúnico é para o científico, o que este é para as mesinhas; ou, mais claramente, o médico desencarnado está para o encarnado, como este para o curandeiro.

Há - pode haver falhas devidas ao médium; mas o que não está sujeito a elas, na Terra? Também o médico encarnado, além daquelas a que o arrastam falsos juízos, está sujeito às do farmacêutico.

O médium curador não recebe a indicação de remédios, nem aplica remédios terapêuticos; aplica ao doente seus fluidos - e com eles cura, diretamente, pondo as mãos, ou indiretamente magnetizando, por exemplo, a água, que dá a beber.

Ora, os fluidos emitidos, para a cura das moléstias, são os perispirituais - e estes participam sempre, mais ou menos, das qualidades materiais do corpo, ao mesmo tempo que sofrem a influência moral do Espírito.

Deduz-se daí, que nem todos os médiuns curadores têm a mesma força, visto que uns são, mais que outros, influenciados pelas qualidades da matéria do corpo.

E porque nenhum deixa de sofrer esta influência, embora em grau mínimo, segue-se que não há médium curador que produza fluido de uma pureza absoluta; dando, como resultado, curas lentas - algumas vezes nulas - e até nociva ação do médium, cujos fluidos podem ser mórbidos.

Só os Espíritos superiores produzem fluidos completamente isentos de toda a impureza material; e portanto, só eles podem produzir efeitos salutareos e prontos, na cura das moléstias.

E, pois, uma vez que o médium não pode dar destes fluidos, é imprescindível que os peça a quem os tem para dar e nunca os nega a quem lh'os pede.

Neste caso, o médium emite pouco de seu fluido, sentindo a corrente do que lhe é ministrado e de que se torna simples condutor.

A seguinte comunicação de Paulo, o Apóstolo, extraída da "Revista Espírita de Paris", de 1864, encaminha os médiuns curadores, ensinando-lhes os meios de aplicarem à cura das moléstias o fluido espiritual, que não o animal:

"Uma palavra sobre os médiuns curadores de que tratais. Devem estar nas mais louváveis disposições - devem ter a fé, que

remove os montes, o desinteresse que purifica os atos da vida, a humildade, que os santifica.

“Devem ser perseverantes na obra de beneficência que iniciaram - devem sempre lembrar-se de que se aproxima do Criador todo o que pratica as sagradas leis ensinadas pelo Espiritismo.

“Que toda a vez que empregarem sua faculdade seja seu guia e seu ponto de apoio a prece, que é a vontade mais forte.

“Cristo deu em toda a sua existência a prova mais completa da vontade a mais firme: vontade do bem - não do orgulho.

“Quando dizia: eu quero, estas palavras eram cheias de unção - seus Apóstolos, que o cercavam, sentiam o coração abrir-se às santas palavras.

“A doçura constante do Cristo - sua submissão à vontade do Pai - sua perfeita abnegação, são os mais belos modelos de vontade, que se possa oferecer como exemplo.”

Inspirem-se os médiuns curadores nestes ensinamentos e deixem que o mundo os qualifique como lhe parecer.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 20.02.1893: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/7114

Artigo CCLXXVIII - O PAIZ, 27.02.1893

O Espiritismo veio ensinar à humanidade terrestre: que tudo, no Universo, obedece a leis eternas e imutáveis; donde o banimento absoluto dos fatos sobrenaturais e miraculosos.

Se tais fatos se dessem as leis postas por Deus não seriam imutáveis, embora sua derrogação fosse obra da vontade soberana.

Porque a Infinita perfeição, abrangendo o tempo e o espaço sem fim, dispôs, ab aeterno¹⁹¹ sobre tudo, em toda a duração dos séculos - e se lhe fosse mister alterar a ordem estabelecida daria testemunho contra sua onisciência.

O milagre, pois, ou o que chamamos sobrenatural, o poder supremo, depõe atentando contra a suprema sabedoria.

Mas o Ser perfeito o é em todos os seus atributos ou deixará de sê-lo, se um só deles partilhar as contingências da imperfeição; logo, ou Deus não é a perfeição absoluta ou tudo o que foi por Ele criado obedece a leis eternas e imutáveis; e, conseguintemente, são impossíveis o milagre e o sobrenatural.

A fraqueza de nossos instrumentos de percepção, não nos permitindo penetrar a causa ou lei de certos fatos, que saem fora da órbita estreitíssima dos conhecimentos humanos, é que faz atribuir tais fatos à suspensão ou derrogação das leis naturais.

E tanto é assim que mesmo dentro do círculo dos conhecimentos humanos vemos uns tomarem por sobrenatural o que outros sabem que é perfeitamente natural.

191 (Nota do Organizador) De toda a Eternidade; sempre. (Fonte: www.dicionariodelatim.com.br)

O eclipse é para o homem ignorante das leis siderais um fato sobrenatural; entretanto, para o astrônomo ou mesmo para os espíritos cultos, não passará de um fenômeno naturalíssimo, devido a leis eternas e imutáveis.

Logo: a ignorância é a causa geradora do sobrenatural e, portanto, o que, nesse estado, considera tal um fato, se estudá-lo, convenientemente, reconhecerá sua naturalidade.

Se a estas ligeiras considerações, aplicarmos a generalização, firmada na lógica mais rigorosa, teremos que: assim como o sábio conhece a lei natural que rege um fenômeno, que para a ignorância é sobrenatural, assim muita coisa que, para o sábio, é sobrenatural, deixará de sê-lo, quer para o próprio sábio, se alargar a esfera de seus conhecimentos, quer para outros que se ocupem de tais matérias, em épocas ulteriores, de mais amplo progresso humano.

Exemplo: a Igreja, baseada na ciência literal das Escrituras, considerou milagre a manifestação de Samuel a Saul¹⁹², e seu modo de considerar este fato é conforme com o saber, com as ideias, com a ciência de seu tempo.

Hoje, porém, devido ao progresso da humanidade, a mesma Igreja é obrigada a reconhecer a naturalidade daquela manifestação, que se prende a uma lei eterna e inimitável, desconhecida da sabedoria dos séculos passados, mas conhecida da do nosso século.

Falando da ignorância dos séculos passados sobre a comunicação dos vivos com os mortos, referimo-nos somente à Igreja; porquanto, em nossos primeiros artigos, provamos: que toda a Antiguidade, quer profana, quer sagrada, conheceu aquela lei e consagrou-a em seus dogmas.

Resumindo, pois, diremos: que o sobrenatural implica falha na Perfeição Infinita - e que portanto, não pode ser senão uma ilusão, obra da nossa imperfeição.

Explicando o fato do aparecimento de Deus a Moisés na sarça ardente¹⁹³, que entretanto não era consumida pela chama, Oséias nos demonstra como isso que foi sempre considerado um

192 (Nota do Organizador) 1 Samuel, 28: 1-24.

193 (Nota do Organizador) Ex. 3: 1-6.

milagre ou fato sobrenatural, não teve semelhante caráter - foi um fenômeno perfeitamente natural¹⁹⁴.

Não, o Senhor, cuja infinita grandeza não se compadece com a fraqueza humana terrestre, foi quem se apresentou a Moisés, quer na sarça ardente, quer no Sinai, como foi preciso o próprio Moisés dizer, no segundo livro, para impor o maior respeito e a mais segura obediência ao povo rude e atrasado que lhe foi dado dirigir à Terra da Promissão, no sentido figurado. Deus tem os divinos mensageiros, fiéis executores de suas volições.

Esse que se apresentou a Moisés, era de tão excelsa elevação, que podia falar, como falou, dizendo: “Eu sou o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó”¹⁹⁵ - era aquele a quem o Senhor investiu da altíssima missão de presidir à evolução do nosso planeta, desde sua origem até seu fim - era o que falou a Abraão, a Isaac e a Jacó em nome de Deus, de quem recebera todos os poderes sobre a Terra; era finalmente Nosso Senhor Jesus Cristo¹⁹⁶.

Pois bem, os Espíritos puros e purificados irradiam de si luz, tanto mais intensa quanto são mais elevados; e, pois, aquele que era o primeiro, abaixo de Deus, sobre os mais eminentes que trataram com a humanidade terrestre desferia luz como nenhum outro - luz, que aos olhos de Moisés, que era vidente, tomava a forma de verdadeira chama.

Esta irradiação, sendo luz espiritual, não tinha certamente o calor da chama material e portanto não podia queimar, razão porque, diz a Bíblia, assombrou a Moisés o fato de a sarça arder em chamas sem ser consumida.

194 (Nota do Organizador) Infelizmente não conseguimos localizar exatamente a que ponto do livro de Oseas Dr. Bezerra se refere.

195 (Nota do Organizador) Ex. 3:6.

196 (Nota do Organizador) Acreditamos ser essa a primeira página espírita a revelar o fato de ser Jesus a manifestação visível de Javé/YAHWEH, o Senhor dos hebreus. Certamente foi recebida no Grupo Ismael. Bittencourt Sampaio a confirma, já na espiritualidade, através da precisa mediunidade de Frederico Pereira da Silva Jr., no seu clássico “Jesus perante a Cristandade”, à pág. 44 da 5a. Ed. FEB, nos seguintes termos: “Moisés subiu ao monte Sinai para entrar em comunicação com Melquisedec, o Rei de Salém, isto é, com N.S. Jesus Cristo, pois Melquisedec é apenas um nome de que se serviu o nosso Divino Mestre na aparição tangível que fez a Abraão, como a Moisés.” Confirma-se assim a profecia de Isaías, 60:2: “Em ti nascerá Jeová”. (Trad. Prof. Carlos Torres Pastorino”, em “Sabedoria do Evangelho”, Vol. 1, Pág.13).

Então, Moisés não tinha ainda conhecimento daquela lei; mas temos plena convicção de que, mais tarde, seu Espírito foi esclarecido nas verdades eternas, de modo que compreendeu, em espírito, a verdade, aquilo que, segundo a letra do livro de ouro, é com razão considerado um fato sobrenatural.

Oseias, que participou, sem dúvida, da opinião¹⁹⁷ geral sobre ser aquele fenômeno um grande milagre de Deus, já hoje conhece a pura verdade e é ele o próprio que no-la vem ensinar.

Certamente nós não poderíamos imaginá-la, como aí fica ligeiramente exposta, e o que dizemos aqui é dito sob a autoridade do Espírito superior, que nos veio dar ensinamentos sobre o que foi a crença de seu tempo.

E é para notar: que, tratando-se de explicação da nossa Revelação, como complemento da Messiânica, nos vem instruir Espíritos que fulguraram no período da Era Cristã; ao passo que, tratando-se do estudo da Bíblia, quem nos aparece é sempre um dos vultos proeminentes do tempo do Mosaísmo.

E o que é mais admirável é ver Espíritos como Zorobabel, Malaquias, Oseias, Jeremias e outros dessa grei explicarem a Bíblia, não conforme a crença geral do sacerdócio hebreu e a dos padres da Igreja, mas de pleno acordo com os princípios da Doutrina Espírita¹⁹⁸.

Explicam os fatos considerados miraculosos pelas leis naturais reveladas pelo Espiritismo - e os mais notáveis da vida dos patriarcas, pela lei das vidas múltiplas.

As próprias evoluções por que passou o povo hebreu são consequências das faltas e crimes cometidos em épocas anteriores.

197 (Nota do Organizador) O original traz aqui a palavra “ameaça”, mas deve ter sido algum erro material, porque não coaduna com o sentido do parágrafo. Decidimos ajustar.

198 (Nota do Organizador) Muitos dos integrantes da primeira e da segunda Revelações - a Moisaica a Cristã - participaram também da Revelação Espírita com o contributo de suas mensagens. A título de exemplo, apenas nos volumes do nosso grande Sayão - “Trabalhos Espíritos de um Pequeno Grupo de Cren-tes Humildes” e “Elucidações Evangélicas”, encontram-se mensagens de Ismael, Urias, Moisés, Elias, entre outros, do Antigo Testamento, como também Gabriel, Maria, os evangelistas, José e Paulo de Tarso, entre outros tantos do Novo. O Espírito de Deus... sopra onde quer!

Exalta e edifica: ver um desses vultos venerandos da Antiguidade romper, com sua palavra ungida e com a luz que dela emana, o véu espesso que encobriu por tantos séculos aos olhos humanos a verdadeira interpretação dos fatos da História Sagrada.

Loucura! Diabolismo!

Ah! Foi isto o que disseram dos discípulos de Jesus!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
"Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 27.02.1893:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/7162

Artigo CCLXXIX - O PAIZ, 06.03.1893

É um mar sem fundo e sem costas o campo que oferece ao estudo da humanidade a ciência espírita.

Os nossos sábios a estudam sob o ponto de vista material, deixando completamente de parte sua face ou caráter moral, sem dúvida porque os fenômenos físicos impressionam os sentidos, ao passo que os morais falam à razão, que não tem o cetro deste fim de século.

Entretanto, os espíritos pensadores, que preferem a luz de um princípio ao barulho que faz um fenômeno material, por mais extraordinário que seja, descubrem na nova doutrina belezas morais, que obscurecem tudo o que extasia os sibaritas¹⁹⁹ da ciência.

Tomemos um dos princípios fundamentais do Espiritismo e estudemo-lo simplesmente por uma de suas relações com as leis que regem o mundo moral.

Tomemos a pluralidade das existências, que resolve todos os problemas da vida humana, e que é suscetível de ser demonstrada pelo método positivista, levado a seu maior rigor: a experiência material, apreciada pelos sentidos.

Desde os primeiros tempos da humanidade foi sempre ensinado ao homem, como lei das leis, que regem seu progresso moral, o amor ao próximo.

199 (Nota do Organizador) Relativo a ou natural ou habitante da antiga Síbaris, cidade grega situada no que é hoje o Golfo de Tarento, em Itália. No sentido figurado, refere-se a quem gosta da voluptuosidade, da indolência e dos prazeres físicos. O mesmo que sibarista. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Ele foi preceituado no Decálogo, que o Regedor do nosso planeta, em nome de Deus, confiou a Moisés, no Sinai²⁰⁰.

Ensinando-o, porém, o Senhor apenas constituiu o homem no dever de observá-lo, como lei emanada de sua santíssima vontade.

Foi um dever imposto à humanidade pelo poder supremo, sem causa que pudesse falar à natureza humana, ao coração, de modo a ser-lhe grato cumpri-lo, em razão de acenar-lhe com algum interesse mundano.

E Deus, que podia dar àquele preceito o incentivo material, se assim nos pudessemos exprimir, não o fez, limitando-se a cercá-lo de penas e galardões na outra vida; porque o homem daquele tempo ainda não tinha desenvolvido sua perfectibilidade de modo que pudesse suportar luz mais intensa do que aquela que lhe foi dada - e Ele gradua a intensidade da luz que dá ao mundo, sempre de acordo e na razão da capacidade do ser perfectível.

Cerca de 20 séculos depois daquele preceito, que envolve o alto ensino: de que o amor é o laço místico que liga a criatura ao Criador, em eterno gozo de suprema felicidade, veio o próprio Regente do nosso mundo, o Altíssimo Espírito, que se chamou Jesus, confirmar em pessoa, e ampliar o ensinamento que dera a Moisés, em nome de Deus.

E ampliar! Porque preceituou que o amor do próximo compreendia o inimigo e o que nos faz mal!²⁰¹

200 (Nota do Organizador) O amor ao próximo aparece no Antigo Testamento em algumas passagens, a princípio com luz suave, como no decálogo - vide Ex. 20: 17: "Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo" - depois como foco mais intenso e nítido, como nessas duas passagens do Levítico: Lv.19:18 - "Amarás o teu próximo como a ti mesmo, eu sou Jeová"; e Lv. 19:34 - "Como um natural entre vós será o estrangeiro que peregrina convosco; amá-lo-ás como a ti mesmo, pois estrangeiros fostes na terra do Egito. Eu sou o Senhor vosso Deus" - essa última de impressionante atualidade, no momento em que temos milhões de refugiados espalhados pelo globo em busca de auxílio e fraternidade.

201 (Nota do Organizador) Também o amor aos inimigos já estava "semeado" no Antigo Testamento - Vide Provérbios 25: 21-22: "Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe pão para comer; e se tiver sede, dá-lhe água para beber; porque assim lhe amontoarás brasas sobre a cabeça; e o Senhor te retribuirá"; mas só com Jesus florescerá e frutificará em abundância: vide Mt.5: 43 a 47 e Lc. 6: 32 a 36, entre outras.

Esta ampliação revela: que a humanidade do tempo de Jesus já era mais adiantada do que a do tempo de Moisés - já seus olhos (olhos d'alma) podiam suportar luz mais intensa.

Entretanto, apesar desse incontestável progresso, Jesus, ainda não pôde dar ao divino preceito o atrativo do interesse mundano; porque era preciso fazer luz superior à capacidade humana.

O Mestre ensina, gradualmente, não faz ler ao que não conhece senão as letras do alfabeto.

E Jesus tanto reconheceu que a humanidade ainda não estava em condições de ler, que disse a seus discípulos: muitas outras verdades tenho que ensinar-vos, mas não é oportuno. (Evangelho de São João²⁰².)

Dezenove séculos são decorridos, a humanidade tem feito extraordinário progresso por obra dos ensinamentos do Redentor, é tempo de baixar à Terra luz mais intensa; aproxima-se a vinda do Espírito de Verdade, prometido por Jesus (o mesmo Evangelho), para ensinar aquelas verdades, que Ele não pôde explicar, e surge o ensino espírita, assim chamado por ser dado pelos Espíritos, mensageiros do Senhor e precursores do prometido²⁰³.

O amor, esse fluido que possui a virtude de transformar o homem em anjo, tem de revestir nova forma, mais perfeita, mais doce, mais atraente.

Não falará somente à consciência, como um culto aos decretos do Onipotente; ferirá a razão e tocará o coração, como uma lei sublime que se compreende, como um terno sentimento que nos prende a todos: conhecidos ou desconhecidos, amigos ou inimigos.

Reveste esta forma mais elevada do que as anteriores, tanto que fala à consciência, porque é um preceito divino; fala à razão, porque é lei natural e fala ao coração, porque revela desconhecidos afetos; reveste-a, porque a humanidade já está no grau de progresso que dá para compreender a nossa cosmogonia, assente na origem, na evolução e no destino dos Espíritos.

202 (Nota do Organizador) Jo. 16: 12-15, já referido.

203 (Nota do Organizador) O Espiritismo confirma e desenvolve os ensinamentos de Jesus, ampliando igualmente os limites do amor: "amais os vossos irmãos mais do que a vós mesmos" ("Os Quatro Evangelhos", de Jean Baptiste Roustaing, Tomo III, item 240)

A lei da pluralidade das vidas corpóreas do Espírito, base da nova cosmogonia, incompreensível nos tempos passados, dá ao fluido amor o atrativo, diremos melhor, o enlevo que lhe faltava.

Ela cimenta os largos alicerces do único edifício indestrutível, erguido pelo esforço humano: a solidariedade de todos os membros da grande família, pelo puro sentimento da fraternidade espiritual e carnal.

Enquanto acreditamos que somos criados para esta vida, e, por conseguinte, que todos estando no nosso caso; são simples conhecidos deste momento; enquanto julgarmos assim, o que é para nós o próximo? Um nosso semelhante, que segue seu caminho como nós seguimos o nosso - e só se nos prende pelo fato de ter o mesmo Criador que nós.

A consciência, em obediência ao preceito divino, diz-nos: ama-o, porque é teu irmão em Deus, mas o coração jamais sentirá por esse irmão em Deus o que sente pelo irmão carnal - pelos pais terrenos - pelos filhos e pela mulher²⁰⁴.

Só um justo, um Espírito eleito, não fará esta distinção.

Estabelecida, porém, a lei espírita, como tudo se inverte!

Sabemos que temos tido pais, mães, filhos, irmãos, mulheres, entes amados, em múltiplas existências passadas; e sabemos que esse entes podem estar, como nós, peregrinando nesta nova vida sem nos conhecerem, como nós não os conhecemos, enquanto nos envolver o véu da carne.

E, daí? Daí, admitirmos a possibilidade de ser um daqueles amados seres quaisquer pessoas que encontramos.

Este escravo que nos serve, este mendigo que nos estende a mão, este desgraçado que geme numa enxerga, este mais desgraçado que é arrastado à prisão, este criminoso que vamos julgar, este poderoso contra quem nos indignamos, todos os que nos provocam condolência ou repulsão; quem nos afirma que não são entes queridos por quem daríamos a vida, e, em tal caso, dores cruciantes sofreremos, quando romper-se o véu da carne, se tivémos sido duros para eles?!

E porque estes encontros se podem dar, e porque não podemos reconhecer o amado de outras eras; eis como o espírita,

204 (Nota do Organizador) Esse parágrafo e os seguintes estão com o original bastante comprometido, seguimos pela versão FAE (Volume 3, Cap. 65).

pela lei da pluralidade das existências, procura amar a todos por obediência, ao preceito divino, e porque lh'o pede o coração.

Os homens pensadores que aprofundem este agradável estudo e deixem aos sábios a dos efeitos físicos do Espiritismo.

O espaço não nos permite levar além a nossa análise.

Max.

(da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 06.03.1893:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/7213

Artigo CCLXXX - O PAIZ, 12.03.1893

Um dos mais distintos pensadores da nova geração brasileira, que nos honra com sua estima e é nosso irmão em crenças, acusou-nos de misticismo; de não encarmos o Espiritismo senão pelo lado religioso; de perdermos, por essa concentração de nossas forças intelectuais, tudo quanto pudéramos colher, aplicando-as à filosofia e à ciência, que o Espiritismo esclarece tanto como a religião.

Entende aquele ilustrado amigo que a propaganda espírita deve ser feita em absoluto, desenvolvendo os princípios espíritas, sem cogitar de suas relações com a ciência, com a filosofia e com a religião, ou aplicando-os a todas essas relações, que não somente a uma, como tem feito Max.

Quiséramos poder executar tão elevado plano: colocar o Espiritismo alto como o Sol, de quem a ciência, a filosofia e a religião procurassem receber luz, a luz que efetivamente, ele possui e lhes oferece a mancheias.

A tarefa é, porém, superior às forças de um só homem, máxime de quem as tem débeis, como nós - e pois precisa, sem dividida, incumbindo-se cada um da parte que mais se coaduna com sua vocação e aptidões.

Uns cuidam do Espiritismo sob seu caráter científico, outros, cuidam do Espiritismo em suas relações com a filosofia e terceiros cuidam do Espiritismo por sua face religiosa.

Esses grupos, creia o amigo a quem nos temos referido, encontrar-se-ão, fatalmente no mesmo ponto: o religioso, por mais distanciados que pareçam seus alvos; pois, di-lo com todo o peso de sua autoridade o sábio Valdegammass²⁰⁵, não há questão, de

205 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra provavelmente refere-se aqui a Juan

qualquer ordem que seja, que não contenha, em seu fundo, uma questão de caráter religioso.

Os que estudarem a cosmogonia espírita em suas relações com a ciência ou com a filosofia, ver-se-ão envolvidos, sem o pensarem, nos altos princípios morais, que são a base da religião.

E, assim, creia-o ainda, todos cairão no misticismo de que nos acusa.

Em todo o caso a nossa tendência é para o estudo da parte moral do Espiritismo; que outros estudem a científica e a filosófica.

Só chamamos ao seio do Espiritismo os espiritualistas; pois que chamem outros os materialistas, os ateus, os céticos, os cegos, enfim.

A luz da verdade é para todos, e pois não é perdido o esforço para dá-la aos espiritualistas, embora estes já estejam em caminho para ela.

Jesus repartiu a que trouxe ao mundo pelos gentios tanto como pelos crentes nas verdades reveladas por Moisés.

Max, pois, já se considera muito feliz por inocular na alma dos crentes as verdades reveladas, os princípios espíritas, que lhes serve de farol em seu êxodo para a verdadeira terra da promessa — para seu alto destino.

O crente já está muito mais no caminho desse destino, do que o materialista, o ateu, o cético; porém, esse caminho desenvolve-se por meio de precipícios, em que facilmente cairá a luz escassa de suas crenças.

O Espiritismo, animando-lhe²⁰⁶ as falsidades dessas crenças, que ele tem por verdades eternas, e explicando-lhe quem é, donde vem, para onde vai e qual o caminho reto, e quais os desvios perigosos, dar-lhe-á luz clara para evitar os precipícios, para marchar com passo firme, para abranger de um golpe de vista os perigos e a sublimidade de sua missão na vida corpórea.

Donoso Cortés, Marquês de Valdegamas, (1809 - 1853), filósofo, parlamentar, político e diplomata. espanhol, autor da obra "Ensaio sobre o Catolicismo, o liberalismo e o socialismo" (1851). Morreu como embaixador em Paris. (Fonte: Wikipedia)

206 (Nota do Organizador) Parece-nos que neste ponto o verbo animar foi utilizado em um de seus sentidos menos conhecidos - o de atacar, investir contra ou, em sentido figurado, apontar defeitos. (Fonte: Dicionário Michaelis online)

É isto o que temos procurado fazer - e perguntamos: se Deus permitir que consigamos isto, nosso trabalho é somenos aos dos que procurarem plantar o estandarte do Espiritismo nas ameias²⁰⁷ da negação?

Demais; se o crer é uma necessidade da natureza humana, como, proficientemente, diz Causette²⁰⁸, e tanto que Quattrefage²⁰⁹, baseando-se nesse sentimento universal, criou o quarto reino da natureza: o hominal, caracterizado pela faculdade de crer;

Se o homem é o animal que tem a faculdade de crer, e se o materialista, o ateu, o cético repelem toda a ideia de religião, porque não creem na alma, nem em Deus; é óbvio: ou que seres infelizes são voluntariamente refratários a toda a luz, e em tal caso é tempo perdido querer convencer a quem não quer convencer-se; ou que caíram na negação de boa-fé, por não poder sua razão aceitar certos dogmas da religião de seus pais; e neste caso provar-lhes que estes dogmas são falsos, estender a seus olhos a sublimidade dos que o Espiritismo coloca em seu lugar, interpretar a religião em espírito e verdade, que não segundo a letra; não é atraí-los, não é dar-lhes o que os arrastou para a negação?

O misticismo de Max pode, pois, conseguir mais do que convencer os crentes - pode chamar à verdade os descrentes de boa-fé.

Não elucida, é certo, as questões científicas, que são o alimento intelectual dos espíritos; mas dá o alimento moral - e entre o intelectual e o moral, ninguém negará a superioridade deste sobre aquele, como meios de progresso humano para o destino da humanidade.

O destino da humanidade é a perfeição - e a perfeição se conquista pelo saber e pela virtude: as duas asas de subir; mas, experimentalmente sabemos que o sábio sem fé, sem crenças, sem moral, sofre duras penas; ao passo que o ignorante dotado

207 (Nota do Organizador) Cada um dos pequenos parapeitos, intervalados, da parte superior das muralhas de castelos ou fortalezas. Por extensão, a parte de cima de alguma coisa, ou qualquer lugar elevado. Dr. Bezerra se serviu do termo em seu sentido figurado, referindo-se às elites intelectuais dentre os materialistas, ateus e céticos, eventualmente mais interessados em ciência e filosofia que em religião. (Fonte: Dicionário Michaelis online)

208 (Nota do Organizador) Jean-Baptiste Causette - vide nota 19 à página 29 do 2º. volume desta coleção.

209 (Nota do Organizador) Jean Louis Quatrefages de Breau- vide nota 18 à página 29 do 2º. volume desta coleção.

de distintas qualidades morais não sabe, porque falta-lhe uma das asas para subir, mas não sofre penas - não é infeliz.

Qual é, pois, mais importante ao homem: saber muito, sofrendo; ou saber pouco, gozando?

Eis porque a religião, irmã da ciência, porque ambas emanam de Deus e ambas são essenciais ao progresso humano, é entretanto mais preciosa.

Não dispensa sua irmã, que também não a pode dispensar, no desenvolvimento da perfeição humana; mas sua falta, além de produzir atraso, como a da ciência, implica penas, que a da ciência não implica.

Ainda uma consideração importante: O ensino espírita, ou revelação das verdades espíritas, não é uniformemente dado por todos os pontos do nosso globo; mas varia de nação a nação, cabendo a cada uma missão especial, segundo o caráter de seus habitantes.

Povos há onde se dão especialmente manifestações científicas, como há outros, onde se dão as de caráter essencialmente moral, e a observação demonstra que à Europa cabe a primeira e a nós a segunda missão.

Sendo assim, nada mais natural do que repartir-se a missão de cada povo por seus filhos que se dedicam à sua execução.

Sendo assim, nada mais natural do que, entre um povo cuja missão é moral, ocuparem-se seus filhos especialmente dos princípios espíritas que entendem com a moral.

Não é somente por esta razão que temos enveredado pelo caminho que nosso amigo condena; é, principalmente porque arrastam-nos para ele disposições inatas do nosso Espírito.

Não podemos saber, mas acreditamos piamente que agimos naquele sentido por força de compromisso que tomamos, quando para aqui viemos²¹⁰.

210 (Nota do Organizador) Como hoje bem sabemos, Dr. Bezerra estava certíssimo ao destacar ao seu interlocutor - cujo nome teve a caridade e a lhaneza de não revelar publicamente - a importância e a seriedade do compromisso que assumira na espiritualidade, antes desta sua encarnação. Basta lembrar as citações que a seu respeito encontram-se em dois grandes clássicos de nossa Doutrina - "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", de autoria de Humberto de Campos e psicografia de Francisco Cândido Xavier, e "Memórias de um Suicida", de Camilo Cândido Botelho e psicografia de Yvone do Amaral Pereira. No primeiro, tem-se claramente a definição de sua missão, como enviado de Ismael, no capítulo que traz o seu nome e no seguinte - "A Obra de Ismael". Lá se vê claramente que Bezerra e Bittencourt Sampaio tiveram ambos "a sua tarefa

Que nosso bom amigo não perturbe o cumprimento de uma obrigação que contraímos com o Senhor!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
“Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 12.03.1893:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/7254

previamente determinada pelo alto”. Em “Memórias de um Suicida”, no capítulo “Os Primeiros Passos”, tem-se a confirmação da revelação de Humberto de Campos nesse sentido, referindo-se a ambos como “representantes da direção espiritual das terras de Santa Cruz”. São eles alguns dos “gigantes” sobre cujos ombros nos apoiamos todos, até hoje, os que trabalhamos pelo desenvolvimento do Espiritismo Cristão e pela revivescência do Cristianismo do Cristo na Pátria do Evangelho. Só o despeito, a perfídia, a baixeza moral, a limitação intelectual e a falta de argumentos podem explicar que alguém autodenominado “espírita” tente diminuir homens dessa grandeza, da seriedade moral e do quilate intelectual de Bezerra de Menezes e Bittencourt Sampaio com o epíteto de “místicos”. A questão é que o tempo passa, e as biografias e as obras que um homem deixa em seu caminho falam por si... Quanto mais se estuda e conhece a vida e a obra de Bezerra e Bittencourt, maiores parecem, derrubando, dia a dia, página a página, as adjetivações vazias... Qual de seus adversários produziu páginas com a racionalidade, a lucidez e a elevação moral dessas que agora mesmo temos em mãos? Para os que tentaram diminuí-los, no passado, só podemos pedir o perdão de Deus, e para os desavisados do presente que repetem muitas vezes essa adjetivação sem se dar conta da temeridade que reproduzem, sem refletir, fica valendo ainda hoje o alerta de Gamaliel a seus companheiros do Sinédrio: “não vos metais com estes homens. Deixai-os! Se o seu projeto ou a sua obra provém de homens, por si mesma se destruirá; mas se provier de Deus, não podereis desfazê-la. Vós vos arriscaríeis a entrar em luta contra o próprio Deus” (Atos 5:38,39).

Artigo CCLXXXI - O PAIZ, 19.03.1893

Já o temos dito: a Igreja romana, com sua interpretação literal das sagradas letras, é a principal causa do materialismo, que, sob várias formas, arrasta uma grande parte da humanidade para as novas lagoas pontinas²¹¹ da incredulidade.

A Igreja romana, melhor que ninguém, devia saber: que, assim como os doentes dos olhos precisam de óculos que quebrem a força da luz natural sobre o órgão da visão, assim, pela mesma razão, a humanidade que sofre de atraso precisa de alguma coisa que quebre a força da luz divina sobre os órgãos da percepção: inteligência e razão.

Os óculos, neste caso, são as letras, que velam o espírito dos sagrados ensinamentos, de modo que este se vai revelando à proporção que a percepção humana se vai fortificando, da mesma maneira como se vão tomando óculos de mais fraca refração à medida que a moléstia dos olhos se vai dissipando.

Sabe, pois, a Igreja que os ensinamentos divinos, além de serem progressivos, em relação com a progressividade do desenvolvimento da perfectibilidade humana, atendem, em cada revelação, ao estado presente e ao futuro do progresso humano; atendem ao presente, pela letra, que se acomoda ao atraso - e atendem ao futuro, pelo espírito, velado por aquela e que será descoberto pelo progresso da inteligência do homem.

211 (Nota do Organizador) Pontino é um termo relativo a uma antiga região do Lácio - região central da Itália - cheia de pântanos. Dr. Bezerra serviu-se do termo em seu sentido figurado: as lagoas "pantanosas" do materialismo.

Tomem-se a Bíblia e os Evangelhos, e descobrir-se-ão aí, sob a letra, sob a figura, sob a parábola; coisas impossíveis para o nosso tempo, mas necessárias para aqueles tempos.

A Bíblia consigna os milagres operados por Moisés, e dados mesmo por milagres; o Evangelho consigna os milagres operados por Jesus, e dados mesmo por tais.

Se naqueles tempos se dissesse: que tudo aquilo era obra de uma ciência superior, conhecida pelos dois taumaturgos; era efeito de leis naturais, com que eles jogaram, como hoje jogamos com as leis que nos permitem produzir os prodígios da eletricidade, ninguém acreditaria e, se acreditassem, não se daria o abalo necessário sobre o espírito público, para o alto fim de que se havia mister.

Ao povo ignorante era preciso, pois, apresentar o fenômeno como miraculoso - e eis por que o livro sagrado assim o dá em sua letra.

Hoje, porém, que o homem já compreendeu que Deus não seria Deus se suspendesse ou alterasse as leis que pôs ao Universo, descobre-se sob a letra dos livros sagrados o espírito aí encerrado que patenteia a grandeza do saber dos dois taumaturgos, mas a naturalidade de seus prodígios.

A Igreja, porém, em vez de acompanhar o progresso humano, que requer luz, mais luz, progressivamente mais intensa, fez-se marco de pedra, e julgando-se com o poder de anular a lei de Deus, a lei do progresso, bradou aos povos: daqui não passareis!

Com o Evangelho na mão, mas o Evangelho entendido segundo a letra, ela prendeu o espírito humano à interpretação, que só tinha razão de ser para o passado; donde o choque inevitável da razão que progride por lei divina, que aspira o infinito, que braceja para o futuro, com a religião, transformada pela Igreja romana em estátua de sal, a que foi condenada a que olhou para trás.

A Igreja pretende eternizar o passado; a razão sonha com as claridades do futuro.

A Igreja, firmada na letra das Escrituras, consagra as penas eternas; a razão, firmada no espírito das mesmas Escrituras, saúda a sublime lei da salvação universal!

Será possível vestir o adulto com as roupas da criança? Pois seria assim se a razão humana fosse obrigada a aceitar os moldes impostos pela Igreja.

O racionalismo, pois, ergueu o brado da revolta contra o obscurantismo, e em nome do progresso, que é a lei de Deus.

A luta começou sob a bandeira da Cruz, diferindo apenas nas cores; porque uns sustentavam a interpretação literal e outros a espiritual das Escrituras. Surgiram as seitas, desde o Luteranismo até o Jacobismo.

Quebrada, porém, que foi a autoridade da Igreja, que não quebrou o seu estacionalismo, que não fez a mínima concessão ao espírito do século, que proclamou a incompatibilidade da razão com a fé, resultou daí o que devia resultar: a razão proscrita pela fé, abjurou a fé. Surgiu o materialismo intransigente que, em nome da razão, repele todas as verdades da fé, que arquiteta o seu Universo, que suprime o Espírito e suprime o Criador.

Eis aonde nos levou o obscurantismo intransigente da Igreja romana!

E eis onde nos levou a intransigente repulsão dos que, por não aceitarem as falsas consequências, julgaram racional não aceitarem, por igual, as suas premissas!

O racionalismo foi talvez um meio providencial de combater a fé cega, que afoga a humanidade n'uma espécie de mar morto - excedeu-se, porém, atirou-se ao extremo oposto, e em vez de combater certos dogmas impossíveis da Igreja, estabelecendo o domínio da fé pela razão, negou todos os dogmas da Igreja, negou a religião, negou a alma e negou a Deus!

Fez como o homem de caráter apaixonado que, tendo rompido com um velho amigo, por lhe haver notado algumas faltas, deixou-se arrastar pelo ódio até não ver naquele de quem se separou senão faltas repulsivas.

O materialismo, pois, escravizou a razão a um sistema absoluto, como a Igreja escravizou a fé ao absolutismo de seu sistema.

A luz, porém, dia a dia se acende mais clara no seio da humanidade e são chegados os tempos de obterem sua liberdade os dois ilustres prisioneiros - são chegados os tempos de, libertados das garras de seus tiranos, constituírem, unidos como a alma com o corpo, uma entidade moral, espécie de farol, que guie a humanidade, como a coluna de luz e de sombra guiou os hebreus à Terra da Promissão.

Nem razão sem fé, porque está é a lei da natureza humana e a natureza é critério infalível - nem fé sem razão, porque o homem é perfectível moral e intelectualmente.

O Espiritismo, pela clareza de seus princípios e pela evidência de suas provas é o sacramento que liga os dois, não perpétua, mas eternamente.

Sem partilhar os ódios dos dois combatentes, o Espiritismo possui a calma e lucidez necessárias à discriminação do que cada um contém de verdades e de erros - e do seu posto de juiz imparcial, lavra, com a mão na consciência, a sentença que exalta a ambos, ao mesmo tempo que a ambos condena.

Porque não compreendeis a ordem moral, negais tudo dela, diz a sentença; mas, além de que o compreender não pode ser a medida do crer, acresce que o que colocam em lugar do que negais é tão incompreensível como o que recusais.

O que, porém, é incompreensível à vossa razão de hoje, será claro à vossa razão amanhã, como já nos é claro hoje o que ontem nos foi incompreensível.

Isto para o materialista — agora para a Igreja.

Podeis crer: que no que mais interessa ao homem: a fé, Deus tenha posto interdito à razão, que Ele mesmo nos deu?

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
"Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 19.03.1893:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/7301

Artigo CCLXXXII - O PAIZ, 26.03.1893

Não foram somente as restrições impossíveis da Igreja romana, pelas quais julgou-se com autoridade para impor a fé cega e passiva em seus mandamentos e interpretações, que serviram de arado no campo do racionalismo, degenerado em materialismo - em negação absoluta da fé.

A própria natureza da religião, por seus preceitos morais, deu causa à lamentável queda de tantas almas pelos sacrifícios que lhes exige de suas paixões - veneno que se destila do nosso atraso.

Os que se separaram em nome da razão têm, na defesa desse dom precioso de Deus, a justificação de suas crenças, enquanto dentro dos limites da própria razão - enquanto não a transformaram em sistema absoluto de negação da fé.

Os que se separaram, porém, em nome da oposição à lei moral, que são os materialistas radicais, nenhuma justificação têm perante a própria razão.

Os primeiros hastearam a bandeira - da religião progressiva - que é um fato provado pela história da própria religião - e - da fé racional - que é um outro fato provado pela natureza do homem, que é o seu critério infalível.

Estes, corrigida a falta que os sublevou, volverão à grande caudal dos verdadeiros crentes - abraçarão o Espiritismo, que traz em uma das mãos a bandeira da fé - e na outra a da razão: sublime consórcio da religião e da ciência, constituindo - a ciência religiosa ou a religião científica.

Os segundos - os que rejeitaram a fé, pelas restrições morais que impõem ao livre curso das paixões carnis - e pela sanção penal de tais restrições, jamais - jamais aceitarão uma lei,

que lhes imponha regras - e muito menos uma autoridade que lhes tome contas.

Em sua cegueira, acreditam: que a moral deixa de ser lei obrigatória, porque eles a repelem - e que Deus deixa de ser Deus, porque eles o negam.

É sempre obra de caridade procurar salvar os próprios que se atiram ao mar, para morrerem.

E, quando nada se consiga em bem desses infelizes, conseguir-se-á abrir os olhos a muitos que de boa-fé os acompanham - e a outros que se lhes reuniriam, se não fossem advertidos.

Discutamos, pois, o materialismo puro, dissecando os princípios que, com mais erudição do que lógica, ligaram n'um corpo de doutrina, a que deram rica encadernação para chamarem a atenção, pela curiosidade, dos que vão mais pelos sentidos do que pela razão.

O princípio básico da ciência materialista é: que só se pode admitir como verdade o que se pode explicar ou compreender.

Seria descaridoso exigir desses senhores, que se adornam com o título de homens da ciência, a lista das verdades científicas que eles explicam, a par das que eles não sabem explicar.

Bastaria isto para confundi-los, porque acreditam na ciência, apesar de não conhecerem senão uma mínima parte de suas leis; entretanto, repelem a religião porque não se podem explicar todas as leis morais!

Contentam-se, em ciência, com o círculo estreito de seus conhecimentos, à laia de crianças que tomam por limites do mundo os do seu horizonte visual - exigem em religião conhecimento completo de tudo - tudo, desde o princípio da criação até o fim do mundo; quando não, não!

Do que serve dizer-lhes como o sábio Dr. Chalmers²¹², que no domínio da fé mais que em qualquer outro, não se pode saber tudo?

De que serve dizer-lhes, como Causette, que uma religião positiva é um comércio entre o infinito e o finito, ou uma manifestação de Deus à inteligência humana; pelo que Deus, que é o objeto dessa visão, é imenso, e a inteligência, que é seu objeto,

212 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra talvez se refira aqui a Thomas Chalmers, (1780 - 1847), ministro escocês, professor de teologia, economista político e líder da Igreja da Escócia, apontado como "o maior clérigo da Escócia do século XIX". Infelizmente não conseguimos localizar a fonte da sentença citada.

é limitada, donde não poder a imagem de Deus ser contida na inteligência?²¹³

É uma simples regra de proporção, para mostrar que o infinito não cabe no finito - e que negá-lo por isto, é o mesmo que negar a existência do Sol, porque toda a sua luz não penetrou em uma casa, pela janela que se lhe abriu.

Dizer-se: que em matéria de fé nem tudo se pode conhecer, é uma verdade, mas não absoluta, porque efetivamente na Terra o homem não pode completar seu saber - e, portanto, será aí sempre ignorante de muita coisa da fé, assim como da ciência.

Ele, porém, continua a progredir, depois da Terra, e lá nesses mundos superiores, a que ascenderá, terá a investidura de novas faculdades, mediante as quais completará o saber, religioso e científico, que lhe foi deficiente neste nosso mundo.

Em todo caso, ninguém no mundo já conheceu, não diremos todas, porém simplesmente a maior parte das verdades científicas - e entretanto ninguém no mundo repele a ciência.

Como, pois, e por que lógica se há de repelir a religião, pelo mesmo fato, que não dá para repelir-se a ciência?

É que esta não constrange a desenvoltura das paixões - e aquela o faz!

Malebranche²¹⁴ diz: que as matemáticas gozam de uma evidência incontestável, porque nenhuma fraqueza humana tem interesse em contestá-la; mas que, se o quadrado da hipotenusa ou o binômio de Newton impusessem obrigações morais, a Geometria tornar-se-ia um tema de sofística.

Aos que nos dizem, repudiamos vossas verdades compreendidas, porque tendes ainda em vosso seio muitas incompreensíveis, nós responderemos: mostrai-nos vossa ciência sem sombras - e nós nos conformaremos com o vosso veredito.

213 (Nota do Organizador) Jean-Baptiste Causette - vide nota 19 à página 29 do 2o. volume desta coleção. Infelizmente não conseguimos identificar a fonte da citação.

214 (Nota do Organizador) Nicolas Malebranche (1638-1715) foi um filósofo racionalista e padre francês. Em suas obras, procurou sintetizar o pensamento de Agostinho de Hipona e René Descartes, a fim de demonstrar o papel ativo de Deus em todos os aspectos do mundo. Infelizmente não conseguimos localizar a fonte exata da citação.

Enquanto, porém, tiverdes em vosso meio as mesmas deficiências que temos no nosso, confessai: é estólido²¹⁵ e ridículo repelir nossa fé, porque não explica, em seus menores detalhes, a obra infinita do Criador.

É singular esta anomalia dos adoradores intransigentes da evidência; enquanto se mostram tão arrogantes para com os mistérios de Deus, são mansos e supersticiosos para com os da natureza!

Não aceitam, porque não analisaram, o princípio da sobrevivência da alma; mas aceitam como verdade inconcussa, a despeito de não terem analisado, o peso tal e tal de Vênus e de Marte!

Ora, diante da razão e do bom senso, poderá merecer consideração um sistema, cujos fundadores e sustentadores revelam tanta falta de lógica e de boa-fé?

O materialismo radical é uma congregação de cegos voluntários, que se fazem a ilusão de se subtraírem à lei da fé, por isto que a negam - e de ser a ordem universal tal qual eles apregoam, por isto que o afirmam!

Tenhamos compaixão dos que sinceramente duvidam; dos que negam por sistema, fazendo calar a própria razão, não - não temos compaixão.

As torturas que os esperam, dar-lhes-ão a luz!

Max

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 26.03.1893: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/7348

215 (Nota do Organizador) Que mostra falta de bom senso ou de sensatez; absurdo, descabido, disparatado, insensato. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Artigo CCLXXXIII - O PAIZ, 02.04.1893

Já sabe o leitor que uma vida única, depois da qual se define eternamente o destino humano, nem se compadece com a justiça e com a misericórdia de Deus, nem explica os fenômenos humanos nesta vida.

Jesus, cujas palavras encerram os mais sublimes conceitos, muitos dos quais eram imperceptíveis à humanidade do seu tempo, disse a seus discípulos que o Espírito é como o vento, que sopra sem que se saiba donde vem e para aonde vai²¹⁶.

O sentido destas palavras do Divino Mestre incontestavelmente opõe-se diretamente à crença vigorante sobre o princípio e o fim - sobre a origem e o destino dos Espíritos.

E, como a crença vigorante era que o Espírito é criado para esta vida - e que depois dela vai a seu destino eterno e imutável, aquelas divinas palavras condenam semelhante crença.

“Não se sabe - só Deus sabe, donde vêm e para aonde vão os Espíritos.”

A simples reflexão descobre, na comparação do Espírito ao vento, uma evolução ilimitada, infinita, cujo princípio e cujo fim só Deus conhece.

216 (Nota do Organizador) Jo: 3:8 “o espírito age onde quer, e ouves sua voz, mas não sabes donde vem nem para onde vai” (Tradução do professor Carlos Torres em “Sabedoria” (Vol. 2, Pág. 2). As traduções correntes apresentam a palavra original “pneuma” como “vento”, e não como “Espírito”, mas chama a atenção a concordância entre as traduções do Padre Antônio Pereira de Figueiredo - “o espírito assopra onde quer: e tu ouves a sua voz, mas não sabes donde ele vem, nem para onde vai” - com a do Dr. Bezerra e a do Prof. Pastorino (transcrita acima) e, por estarmos em tão boa companhia, seguimos com eles...

“Ninguém sabe de onde vem o Espírito”; logo ele não é criado para esta vida - logo ele vem de muito longe, donde ninguém pode saber.

“Ninguém sabe para onde vai.”; logo ele não termina nesta vida - logo ele vai para muito longe, para onde ninguém pode saber.

Se ele começasse aqui - e acabasse aqui; isto é: se não tivesse senão uma existência, depois da qual seu destino [fosse]²¹⁷ imutável e eterno, estólicas seriam aquelas palavras do Divino Jesus.

É, pois, de razão e de fé: que antes desta vida, já o Espírito era - e que, depois dela, ele continuará a ser - continuará a ser, como era antes: perfectível, portanto, em condições de desenvolver sua perfectibilidade até à perfeição, cujo último grau só Deus sabe qual é.

E, sendo assim, como ensinam a razão e a fé, não é conforme com este alto conceito, contido nas citadas palavras, a Doutrina Espírita das vidas múltiplas, que faculta o desenvolvimento da perfectibilidade humana, desde um princípio infinitamente distante da vida atual, que só Deus conhece - até um fim, infinitamente distante desta mesma vida, que também só Deus pode conhecer?

Indutivamente, só assim têm significação aquelas palavras do Cristo - dedutivamente, aquelas palavras não podem dar senão isto.

Veem que nós discutimos a questão em princípio, sem desermos ao terreno dos fatos, que aliás provam à saciedade a verdade de nossas deduções.

Temos, pois, que a razão e a observação dão ao princípio das vidas múltiplas, pedra fundamental do Espiritismo, as seguranças de uma verdade incontestável ou somente contestável pela ignorância ou pela má-fé.

As vidas múltiplas, também já o conhece o leitor, não são um simples adorno ao plano da evolução do Espírito - são a mola real dessa máquina soberanamente perfeita, onde se manipula, pela força da justiça e da misericórdia do Senhor, o progresso dos Espíritos.

217 (Nota do Organizador) O texto original nos pareceu truncado, acrescentamos o verbo para melhor compreensão do parágrafo.

Em cada uma, lavamo-nos de faltas passadas e fazemos obras meritórias, para mais leves moral e intelectualmente podermos remontar às regiões superiores - até onde nosso peso se equilibre com o peso dessas regiões, em maior ou menor altura.

Das faltas nos lavamos, pelo sofrimento, amargo porém infalível remédio para as moléstias da alma, cujo médico, que é ao mesmo tempo pai, sabe adoçar-lhe as agruras, já aplicando-o em dose compatível com as nossa forças, já multiplicando estas, quando lh'a imploramos com o coração contrito e humilhado.

O essencial para a sublime operação - para que o sofrimento não seja perdido - para que a depuração se faça, para que a existência não seja perdida, é a resignação - é que enfrentemos²¹⁸ o sofrimento com a consciência de que fomos nós mesmos que o provocamos; é que o recebamos com reconhecimento, como moeda que nos dá nosso credor, para lhe pagarmos o que devemos.

Deus deu-nos a liberdade, para podermos ter a satisfação moral dos triunfos que conquistamos sobre nós mesmos, na luta pelo progresso, entre o Espírito e a matéria, até que o primeiro subjuga a segunda.

A expiação, pois, como todos os atos da evolução dos Espíritos, é dependente da vontade de cada um - do nosso livre-arbítrio.

Os que a receberem, como o doente recebe de boamente a substância amarga, porém necessária, terão usado de sua liberdade em proveito seu; conquistarão por isto a palma do triunfo²¹⁹.

Os que se revoltarem contra a dor, fruto da árvore bendita, que o Pai plantou na Terra, terão usado de sua liberdade em mal seu - e carregarão a responsabilidade desse mal que fizeram a eles mesmos.

Em todo o caso, o Espírito é senhor de dispor dos meios que lhe foram dados para ascender a seu alto destino, em bem ou em mal, isto é: em bem apurar sua marcha ou retardá-la, porque, em suma, ninguém se perde - a salvação é universal - todos, todos, mais cedo ou mais tarde, com maiores ou menores sofrimentos, vencerão os espaços [...] ²²⁰ pelos espinhos do mal, e transporão

218 (Nota do Organizador) O original traz aqui evitemos, mas nos pareceu um erro material, que decidimos corrigir.

219 (Nota do Organizador) A edição original deste artigo está nesse ponto muito prejudicada, fizemos aqui um complemento, de nossa parte, tentando ao máximo respeitar o sentido geral do parágrafo.

220 (Nota do Organizador) Palavra ilegível.

a linha que os separa das verdejantes e floridas campinas, por onde se avança, sem mais dores e por entre cânticos alegres até à casa do Pai.

A vida na Terra, pois, é um meio de expiação e de provas, que somos livres de aproveitar ou não; mas que, desaproveitado, não arrasta à condenação eterna, senão a penas, depois da morte - penas corretivas, que impelem o Espírito ao arrependimento e ao propósito de abjurar ao mal.

Aqueles que têm a felicidade de aceitar as dores da vida como remédio para os males de sua alma, como esmola da caridade divina, sentem menos o que chamamos desgraças da vida, porque a resignação diminui a intensidade da dor, mesmo física, e, principalmente, porque a cada golpe que recebem, se opõem, como lenitivo, a fé e a esperança: de que a dor sofrida de boa vontade é mal temporário, a que deve suceder o bem eterno²²¹.

Quem não sofre a dor da amputação de um membro, para salvar a vida?

A expiação feita de boa vontade é a amputação mais ou menos dolorosa, que garante para a vida eterna - eternas felicidades.

Em geral, as provas que constituem a expiação vão crescendo de intensidade, à medida que o Espírito vai crescendo em forças para sofrê-las.

No fim, elas se multiplicam em número e forças. É que as provas estão terminando - e terminando bem.

“Quando os sofrimentos, na vida, chegam a ponto de parecerem insuportáveis, disse Malaquias, é que: a expiação está a terminar”. E acrescentou que:

“Eles são dados assim, para que fique na alma uma impressão mais duradoura, e não se perca a memória deles no tempo da prosperidade.”²²²

Max (

Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 02.04.1893: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/7392

221 (Nota do Organizador) Outro trecho com o original comprometido. Fizemos pequenos ajustes / complementos, e assim seguimos até o final deste artigo.

222 (Nota do Organizador) Infelizmente não conseguimos localizar a fonte exata dessa citação. Esse ensino não se encontra em nenhum dos quatro capítulos do livro bíblico de Malaquias; deve provir, portanto, de alguma mensagem mediúnica do célebre profeta hebreu.

Artigo CCLXXXIV - O PAIZ, 10.04.1893

“Meu caro Max! - V., que tanto tem batalhado por demonstrar: que todos os fenômenos humanos têm uma razão de ser e que o Espiritismo é a única doutrina que descobre essa razão, sempre glorificadora da justiça de Deus, explique-me como glorifica essa justiça o fato que acaba de dar-se com o Sr. Ramiz Galvão²²³.

“É este meu amigo um homem de sentimentos nobres - de severa moral - de alto espírito religioso - e temente a Deus; no entanto, recebe, em menos de um mês três golpes mortais: a perda de três filhos muito amados, que eram as delícias de sua alma.

“Se ele fosse um homem mau ou mesmo um materialista e ateu, eu consideraria o fato como uma prova ou castigo; em nosso caso, porém, eu não o posso compreender, principalmente vendo muitos maus passarem a vida sem receberem tais golpes...”

Esta carta está assinada por quem obriga-nos a uma resposta, confessando aliás nossa incompetência e habilitação para satisfazer à ilustrada inteligência de seu autor.

O Espírito que, em sua evolução, deixa o caminho reto que conduz ao alto destino posto a toda a humanidade, que é o sumo saber até à compreensão de todas as leis da criação - e a suma virtude até a completa desmaterialização, ao estado da pureza angélica, não perde, porque nenhum perde sua parte na subli-

223 (Nota do Organizador) Parece-nos que a pergunta enviada a Dr. Bezerra refere-se ao Sr. Benjamim Franklin de Ramiz Galvão, primeiro e único barão de Ramiz (1846-1938), médico, professor, reitor, filólogo, biógrafo e orador brasileiro. Foi o primeiro reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e tutor do D. Pedro de Alcântara de Orléans e Bragança, durante sua infância. Dirigiu a Biblioteca Nacional por 12 anos.(Fonte: Wikipedia)

me herança do Pai celestial; mas retarda por obra de sua própria vontade, de seu livre-arbítrio, a parte do imaginável bem que obterá quando, segundo a parábola do filho pródigo, procurar o caminho que livremente deixou e, com sincero arrependimento, solicitar o perdão do Pai, que sempre matará o melhor vitelo para festejar a volta do filho regenerado.

Enquanto, porém, ele anda desviado, seu próprio mal lhe é, por lei eterna, o fogo que o abrasa e ao mesmo tempo o adverte de que vai mal encaminhado: justiça e misericórdia.

Quem deixa a estrada real e mete-se por caminhos ínvios rasga as carnes nas urzes, dilacera as vestes nos espinhos, cobre o corpo de lama nos atoleiros; quer dizer: a alma desgarrada da verdade e do bem fica maculada - depois, embora arrependida, precisa lavar-se.

O arrependimento expurga a alma do mal, e desde que ela não tem mal, não pode sentir-lhe o fogo abrasador; o arrependimento suspende o castigo.

A ovelha desgarrada voltou ao redil, onde o pastor, cheio de alegria, nem mais se lembra de que ela lhe fugiu um dia; mas está suja, tem a lã denegrida, e precisa lavar-se, para poder equiparar-se às outras bem pensadas.

Assim, o Espírito arrependido não sofre mais os castigos do mal, que abjurou; mas guarda as máculas que ele lhe imprimiu - e precisa, para poder sentar-se com seus irmãos à mesa da caridade divina, lavar-se de tais impurezas, que ali só os Espíritos purificados têm assento.

Passou o período cruciante das penas, começa o mais ou menos doloroso, porém regenerador, da expiação.

A expiação reclama livros e livros para ser tratada convenientemente, em todas as suas formas e variedades; mas aqui diremos apenas: o Espírito que se desquita do mal, e que anseia por gozar as delícias do bem, pede como o doente pede a operação ou a teriaga²²⁴ que são a condição de sua cura, de sua salvação.

Deus, em seu amor igual para todos os filhos, concede-lh'a; mas, em sua justiça, exige: que seja feita a reparação nas mesmas condições em que foi cometida a culpa: em uma vida corpórea.

224 (Nota do Organizador) Na Medicina antiga, tratava-se de mistura complexa, de muitos ingredientes, que se supunha eficaz contra muitas doenças e contra mordeduras de animais venenosos. Por extensão, refere-se igualmente a remédio caseiro, como também a substância muito amarga. (Fonte: Dicionário Priberam online)

A expiação, pois, é uma operação dolorosa, um remédio agro, de que precisa a alma para curar-se da lepra que lhe ficou do mal que se propinou²²⁵.

Para fazê-la, o Espírito tem de reencarnar - e reencarnar em um mundo, onde a vida seja dolorosa, onde o Senhor tenha plantado a árvore bendita da dor, cujos frutos são a moeda com que se resgata a dívida do passado.

A Terra é um destes mundos, e por isto todos os que vêm a ela são pobres carregados de dívidas, mais ou menos pesadas, que tomaram o compromisso de resgatá-las pelo sofrimento desse momento que passam nela.

Aqui, porém, como em todos os atos do Espírito, sobreleva a tudo sua liberdade - podem uns abraçar-se com os sofrimentos e resgatar seu passado, e levantar o pedestal de seu futuro - podem outros repeli-los, falhando a sua missão, por preferirem o presente ao futuro; o gozo de um momento ao da Eternidade.

Resulta, pois, deste simples exposto: que a dor, os sofrimentos, o que se chama - desgraça - nesta vida, longe de ser um mal, é o remédio do mal, é a moeda do resgate de nossa alma, desde que sejam levados com paciência e resignação.

Resulta mais: que podem os Espíritos que vêm à expiação na Terra, trazer maior ou menor passivo de culpas a remir; mas que todos - todos sem exceção, são pobres condenados, que vêm expiar culpas passadas.

Resulta, finalmente, que muitos que são bons, nesta vida, foram mais perversos em existências passadas, do que os infelizes que ainda aqui fazem o mal.

Bem-aventurado o Espírito de Ramiz Galvão, que tinha o caminho do bem, fiel ao compromisso que tomou com o Senhor: de abjurar todo o mal.

Bem-aventurado, porque recebe os golpes que pediu para a sua purificação - é que o Senhor lh'as dá, segundo sua misericórdia; recebe-os com resignação evangélica.

Bem-aventurado, porque todos estes sofrimentos, assim cristãmente suportados, se transformarão em louros, que engrinaldarão, no termo do instante de vida dolorosa, a fronte resplandecente do triunfador.

225 (Nota do Organizador) No sentido de acalantar, alimentar. (Fonte: Dicionário Priberam online)

E estes frutos de seu amor, cuja perda lhe é instrumento de purificação, lhe foram dados já para isto - foram escolhidos entre os que depressa amadurecem e assim poder colhê-los a mão do Celeste Jardineiro, a tempo de concorrerem para a verdadeira felicidade do que lhes foi pai na vida corpórea.

Eles já cantam hosanas ao que já lhes deu a quitação da sua dívida - e, imersos em ondas de luz, pedem ao amor infinito um raio de sua misericórdia para os que ainda lutam com as ondas revoltas do oceano das paixões mundanas.

Agora, dissei-nos: ainda nos perguntais, onde a justiça de Deus? Dissei-nos: o que há de mais sublime do que ver da crisálida da dor romper a borboleta de asas iriadas à luz límpida e serena do sol da redenção - da redenção universal?

Eis o que só o Espiritismo ensina - eis a verdade.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 10.04.1893: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/7440

Artigo CCLXXXV - O PAIZ, 17.04.1893

Parece incrível que homens de ciência repudiem as explicações que dá o Espiritismo aos fenômenos mediúnicos, procurando socorrer-se de teorias mais sobrenaturais do que as espíritas, que por tais são rejeitadas!

Vejamos, à luz do simples bom senso, o que resulta da comparação de umas com outras.

O Espiritismo explica os fenômenos mediúnicos pela ação dos Espíritos desencarnados, donde: 1º a sobrevivência do ser humano e 2º a comunicação dos chamados mortos com os vivos.

Por que se há de chamar isto - sobrenatural?

Quem já provou a não sobrevivência - e a não comunicação dos vivos com os mortos?

Recusam muitos, é certo, aceitar semelhantes fatos; mas recusá-los não é provar que eles não são verdades - que eles não são efeito de leis naturais, ainda não conhecidas de todos.

Desde, pois, que não foi provada a sua falsidade - a impossibilidade de tais leis, ninguém tem o direito de qualificá-los de - sobrenaturais - muito embora tenha o de não aceitá-los, como outros têm o de aceitá-los.

Admitimos a controvérsia; nunca, porém, a formal recusa, porque esta não se baseia em prova provada, mas sim unicamente em simples opinião.

E, se vamos a depurar o argumento baseado na opinião, temos: que a sobrevivência - e mesmo a comunicação vêm da noite dos tempos - têm atravessado os séculos - e dominado em quase todos os povos, mesmo profanos.

A Ásia, berço de todas as religiões, atestou sempre aquelas verdades, como ainda hoje atesta, por Menés²²⁶, por Buda, por Zoroastro, por Moisés; quer dizer: por todos os povos orientais, que são e que foram.

A África foi dominada por estas ideias, por Menés, no Egito - e por Maomé, cujas leis dominam sua parte setentrional, tanto como a parte ocidental da Ásia.

O império romano, que pode ser chamado - o mundo antigo - tinha-as em seu politeísmo.

Os mistérios - os druidas - todas as escolas filosóficas da Grécia antiga, até a da escola da Alexandria, sustentaram a sobrevivência da alma - e quase todos a própria reencarnação, sem ser pela metempsicose de Pitágoras.

Os próprios selvagens - os nossos selvagens, reconhecem a existência de Tupã²²⁷ - e contam com sua elevação à montanha azul, depois da morte.

Se, pois, formos pela opinião do mundo, a opinião dos nossos impugnadores vale por uma gota em relação ao oceano.

É o mesmo, se recorrermos ao argumento de autoridade. Por um homem ilustre que nega, levantam-se milhares que sustentam.

E, pois, mesmo no terreno da controvérsia, a nossa posição é superior: vamos com a opinião universal, passada e presente.

Sob o ponto de vista mais profundo, por mais científico, sob o da prova experimental, a questão, em seus legítimos termos, reduz-se a isto: vós negais a existência da alma; provai que ela não existe - nós afirmando-a, provaremos a sua existência.

Que prova nos dais de que somos reduzidos a nada pela morte, o que equivale a provar que não existe, em nós, o Espírito

226 (Nota do Organizador) Já referido. Vide nota 78, à página 67 do 2º volume desta coleção.

227 (Nota do Organizador) - A figura primária na maioria das lendas guaranis da criação é Iamandu ou Nhamandú (Ñamandu), também conhecido como Nhanderuvuçu, realizador de toda a criação. Em outras versões, essa figura é Tupã, o senhor do trovão. (Fonte: Wikipedia) Sobre a 'montanha azul', identificamos referências de que o Monte Roraima é assim denominado por alguns povos indígenas da região, e que, entre esses, os Macuxis acreditam que toda vez que um pajé morre, seu espírito entra na montanha e brota dela como um cristal; mas não localizamos nenhuma fonte segura sobre o assunto, nem sabemos se a referência acima, feita por Dr. Bezerra, coincide com esta que localizamos... Com a palavra, os estudiosos de folclore e mitologias indígenas...

ou alma? Opinião - opinião - unicamente opinião deste sábio - daquele outro - de uma dúzia deles!

Onde a prova experimental de que o homem é só matéria - de que, portanto, é reduzido a nada pela morte? Onde? Apontai-nos uma.

Mesmo para explicardes os fenômenos naturais do ser humano, como por exemplo o pensamento, recorreis a teorias de vossa invenção, mas não dais prova alguma.

E que teoria inventais? A de ser o pensamento secreção do cérebro, como a bÍlis o é do fÍgado!

Mas não vÊdes que os dois termos da comparação são impossÍveis, visto que a bÍlis é matéria, mas não o é o pensamento?

A matéria não pode produzir senão matéria - e, portanto, nada mais natural do que o fÍgado produzir a bÍlis; o pensamento, porém, não sendo matéria, como ser produto de um Órgão material - do cérebro?

Vossas teorias todas são como vossas opiniões, levam ao absurdo e porque não se conformam com os fatos.

Forças psÍquicas - transmissão do pensamento - transformação do pensamento em força-motriz - autossugestão - e a famosa memória orgânica: são os vossos mais preciosos recursos; se parecem explicar alguns fatos, são impotentes para explicar outros.

E bem sabeis: que não se pode aceitar como lei a que não abrange a totalidade dos fatos de uma classe ou de uma ordem.

Em todo o caso, e é o essencial: não ofereceis uma prova experimental da não-existência da alma!

Agora nós - agora a prova experimental da existência do Espírito e de sua sobrevivência.

Zöellner, o sábio alemão, obtém sob a guarda de todas as precauções científicas a escrita direta.

Lombroso afirma a realidade do fenômeno de transporte.

Quem escreveu? Quem transportou objetos?

Crookes responde com o testemunho que dá da materialização de um Espírito.

Como vedes, procuramos propositadamente as experiências de três sábios insuspeitos, porque foram levados a experimentar, para desmascararem os embusteiros espíritas. E suas experiências confrontadas dão a prova irrefutável da existência dos Espíritos e de sua sobrevivência.

Quereis mais?

Um médium chamado para trabalhar em substituição do efetivo, que faltou um dia, em que se apresentaram inesperadamente distintos cavalheiros não-espíritas, recebe um Espírito, que dá o nome que teve - o dia de sua morte - a causa dela e o lugar onde ela se deu.

Um daqueles cavalheiros que é testemunha de que não houve preparo de cena, julgou inestimabilíssima a prova daquele fato - e foi verificar, por si, a verdade do que ouviu pelo médium - e verificou: que no dia e lugar designados faleceu da moléstia indicada um indivíduo com o nome que o Espírito disse ter trazido na vida terrestre.

Isto é prova experimental da nossa afirmação, como não são capazes de dar da sua nossos adversários!

E entre as duas opiniões, das quais uma é baseada em milhares de provas experimentais - e a outra em simples teorias, qual merece mais conceito?

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 17.04.1893:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/7484

Artigo CCLXXXVI - O PAIZ, 23.04.1893

Tivemos ocasião de falarmos daqui nos vários expedientes que inventam os que não querem crer no Espiritismo, para explicarem os fenômenos chamados espíritas - e, dentre eles, destacamos o da memória orgânica, por ser o mais significativo do quanto pode o espírito de sistema.

Dissemos: que um homem ilustrado explicou pela memória orgânica o fato de ter um filho recebido mediunicamente o nome e o gênero de morte de uma pessoa de seu conhecimento, em quem não cogitava e de quem o médium não tinha a menor noção.

Conversando com um cavalheiro, também muito ilustrado, sobre esta aberração do senso comum, fomos surpreendidos por vermos este sustentar tão disparatado modo de ver, seja dito, salvo o respeito devido aos dois distintos cavalheiros.

Está hoje fora de questão, disse-nos o último, que é pelos elementos da fecundação que se forma o tipo das famílias e das raças e que se o mantém de geração em geração, através dos séculos.

Ora, se o espermatozoide transmite estes característicos paternos e as moléstias e achaques paternos, por que não transmitir também, a ciência dos fatos da vida paterna?

Realmente, não podia deixar de nos surpreender tal argumento da parte de um homem sumamente esclarecido!

É a prova de que o espírito de sistema obscurece a razão e perturba a mais esclarecida inteligência!

A base de nossa discordância é a existência ou a não-existência do Espírito, no ser humano - é sua sobrevivência ao que

chamamos — morte - é a possibilidade de sua comunicação com os vivos.

Diante de um fato que favoreça a crença espiritualista, como aquele que citamos, é lícito pôr em dúvida a explicação espírita, mas não suprimi-la, dando como certa uma explicação mais inaceitável.

Efetivamente, os pais transmitem aos filhos o tipo da família e das raças, as moléstias e achaques, mas isto não resolve a questão de haver ou não Espírito, de sobreviver este à morte e de comunicar-se ou não conosco, depois de deixar o corpo.

Se o homem é Espírito que toma um corpo para viver esta vida que temos na Terra, se este corpo lhe é dado pela união dos sexos - pela fecundação, segue-se: que ele pode receber dos pais tudo o que pertence ao corpo, que destes procede e, por conseguinte, o tipo da família e da raça, que é caráter corpóreo e as moléstias e os achaques, que também são inerentes ao corpo.

Mas os pais não geram o Espírito, como geram o corpo; logo, não podem transmitir ao Espírito do filho, pelo canal material da fecundação, do espermatozoide, as faculdades do seu Espírito, em cujo número está a memória, segundo o consenso universal dos filósofos de todos os tempos.

E tanto isto é verdade que, se os pais transmitissem as faculdades da alma, como transmitem as propriedades do corpo, de estúpidos não sairiam inteligentes - e de inteligentes não sairiam estúpidos, como a cada passo estamos vendo.

É que só dando o corpo e não a alma (Espírito) os pais só podem transmitir aos filhos as qualidades do que dão (do corpo), mas não as do que não dão (do Espírito).

Sendo, assim, tão claro que entra pelo simples bom senso, o que vem a ser a tal memória orgânica, isto é, a transmissão do pai ao filho da memória dos fatos de sua vida? Vem a ser um expediente, como qualquer outro, para recusar-se a evidência de um princípio que caprichosamente não se quer admitir.

Isto da parte de um ignorante não pode causar estranheza; da parte, porém, de um homem de ciência e muito ilustrado, é para fazer pasmar!

Melhor é ser franco em dizer: eu não quero aceitar vossa teoria seja ou não verdadeira, do que combatê-la com argumentos

desta ordem: o pai passa ao filho, pela fecundação, a ciência de todos os fatos de sua vida!

É recurso de mau pagador, como a tal autossugestão, que outros invocam em casos análogos - e para encobrirem a mesma disposição e não cederem de suas opiniões, por mais que se demonstre por fatos a sua falsidade.

Um médium, atuado por um Espírito, diz: Sou Fulano, morri a tantos de tal mês, de tal ano, no hospital da ordem tal, em consequência de uma amputação da perna.

Nem o médium, nem alguns dos circunstantes conhecem semelhante indivíduo, do tempo de sua existência, portanto, nada podem saber sobre o dia, o lugar e o gênero de sua morte.

Procede-se à verificação do fato e reconhece-se que no dia designado e no hospital indicado e em consequência de uma amputação, faleceu, com efeito, um indivíduo daquele nome; isto há oito anos.

Dizemos: aí, tem-se uma prova experimental da sobrevivência do Espírito e de sua comunicabilidade conosco, visto que o médium não podia adivinhar todas aquelas circunstâncias, nem podia ter preparado uma cena, tendo sido tomado à falta de outro, sem o esperar.

Dizem, porém, os que não querem reconhecer senão a verdade do que pensam: autossugestão!

Foi o Espírito do próprio médium, ou antes, foi o cérebro do médium, pois que somos pura matéria, quem, por um processo que a ciência ainda não descobriu, mas há de descobrir, tomou conhecimento do fato e declarou-o aos circunstantes.

Confessemos que é sobrenaturalmente engenhoso explicar fatos por leis, que ainda não são conhecidas, mas que hão de vir a sê-lo!

Há, com efeito, a que se chamam autossugestão, mas esta consiste em dizer o médium sua opinião sobre fatos ou princípios de seu conhecimento, inculcando, e mesmo acreditando, que fala por um Espírito.

Dizer, porém, sucessos, com todas as suas circunstâncias de que nunca teve ciência, nem é autossugestão, nem é coisa que o bom senso possa aceitar.

O médium pode, no caso da evocação de um Espírito, dizer, sobre a questão proposta, sua opinião individual, em vez da opi-

nião do Espírito invocado, uma vez que a questão esteja ao alcance de sua inteligência — e isto é autossugestão.

O médium não pode, por autossugestão, nem por coisa nenhuma do mundo, dizer um fato, de que não tem ciência, e dizê-lo com todas as circunstâncias.

Max

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
“Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 23.04.1893:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/7524

Artigo CCLXXXVII - O PAIZ, 30.04.1893

Amamos as crenças de todos, desde que sejam firmadas em convicções sinceras e até apreciamos a divergência de opiniões, como principal fator do progresso humano. É do choque das ideias que resulta o conhecimento da verdade.

Temos o Espiritismo como filosofia superior a todas as que o mundo há conhecido; e porque seus princípios fundamentais se entendem com a religião, temo-lo como filosofia religiosa e porque o método empregado em suas investigações é o científico em todo o seu rigor, e ele aplica-o ao estudo de todas as leis da natureza, temo-lo ainda como ciência.

A Doutrina, pois, compreende a filosofia, a ciência e a religião, como se vê de suas obras fundamentais.

Filosoficamente o Espiritismo ocupa-se da natureza do homem, sua origem, sua evolução e seu destino.

Cientificamente, ocupa-se das leis da criação em geral, procurando neste espelho a imagem do Criador.

Religiosamente, ocupa-se das relações do homem consigo mesmo, com a humanidade e com Deus.

No desenvolvimento desta última parte, o Espiritismo firma uma moral individual e social vazada no puro molde da moral cristã — moral com sanção.

Moral com sanção, porque de todas as obras da vida prestam-se contas depois da morte.

O Positivismo não cura²²⁸ das causas primárias; não cura da existência de Deus; não cura da sobrevivência do ser humano - somente se ocupa com a verificação dos fatos.

228 (Nota do Organizador) Aqui no sentido de ocupar-se de, ou de tratar de determinado assunto. (Fonte: Dicionário Michaelis online)

Não é uma ciência, visto que se dispensa do estudo das causas primárias, donde decorrem as leis que regem os fatos de sua observação. É um método de um registro dos fatos colhidos por aquele método, rigorosamente científico.

O Positivismo abre os braços aos fenômenos do mundo físico - e para os do mundo espiritual não tem senão uma interminável interrogação, que quer dizer: disto não cogitamos e que leva seu sectários a só admitirem a matéria, tal qual os materialistas.

O positivista, pois, não admite a existência do Espírito e, consequentemente, a sobrevivência do homem ou vida de além-túmulo.

Desde que o homem acabe com a morte, perguntamos aos Srs. positivistas: qual a base de sua moral?

A base de sua moral reduz-se a meras convenções sociais: só não é lícito fazer o que a sociedade considera mal e o que fere os princípios do interesse de todos ou de cada um de seus membros.

E qual a sanção desta moral? O mau conceito em que incorrem os que praticam o que a sociedade reprova - e os castigos aos que são convencidos de crime ou ofensa das leis sociais.

Como se vê, a sanção da moral positivista consiste na apreciação externa dos atos dos homens.

Desde que eu possa praticar uma infâmia ou mesmo um crime, em condições de não poder ser convencido de tê-los praticado, o que poder-me-á coagir a evitar tais práticas?

Sou uma mulher casada? Nada perco em faltar à fidelidade devida a meu marido, uma vez que nem meu marido nem a sociedade o saibam.

Sou uma moça solteira? Nada perco em satisfazer meus instintos carnaais, uma vez que o mundo me considere virgem do pecado sensual.

Sou um cidadão qualificado? Por que me hei de constranger diante da honra e da fortuna de meu semelhante, com o ver que posso roubá-las, sem que alguém o saiba?

Em tudo e por tudo, só terei a contrariar meus mais depravados instintos a simples consideração social.

Mas, como a sociedade só me pode julgar mal, só me pode castigar pelas faltas ou crimes de que tenha conhecimento, segue-se que posso ser cínico e perverso, se isto for de minha índole, e, portanto, me der gosto, contanto que traga sempre afivelada a máscara de enganar a sociedade.

O homem que não acredita na sobrevivência de seu ser, com a responsabilidade de seus pensamentos, palavras e obras durante a vida corpórea, no rigor da lógica, é livre de praticar tudo o que lhe der satisfação, sem a mínima contenção,

Como, então, amar-se dizer: que o Positivismo, ao contrário do Espiritismo, assenta a moral social sobre bases solidas e garantidas?

Moral convencional e sem verdadeira sanção!

É verdade que o Positivismo prega uns princípios morais dignos de todo o respeito; mas de que serve isto, se ele prega o princípio de acabar o homem pela morte?

Este anula aqueles, pois que a natureza humana, pelos arrastamentos da carne, que pede a satisfação das paixões, é mais propensa ao mal do que ao bem.

Moral convencional e sem sanção não se contém!

O Positivismo, pois, não pode firmar, embora apregoe, princípios morais que resistam ao embate das paixões, desde que só lhes dá a sanção iludível das penas sociais.

Uma sociedade positivista, considerada o mais benevolente possível, seria como um lago de águas límpidas na superfície, mas de lama podre no fundo.

A honra da mulher seria um disfarce - e o cidadão um mascarado!

Com a moral espírita, que não é senão a de Jesus Cristo, sem uma vírgula de mais nem uma vírgula de menos; porque a lei do Espiritismo é o Evangelho - com a moral espírita tudo é pelo contrário do que se dá com a positivista.

O homem é essencialmente Espírito, e o Espírito sobrevive à morte do corpo e tem plena responsabilidade de seus pensamentos, palavras e obras durante a vida corpórea, e não lhe valem os disfarces e máscaras, porque Deus lê no íntimo.

Nestas condições não há nem intenção má que fique impune; nestas condições a esposa luta por vencer a tentação e os arrastamentos da sua carne: garantia para a moral doméstica; o cidadão luta por vencer o que o incita ao mal: garantia da moral social.

Há, é certo, muitos que afrontam a sanção moral; mas não há tantos que se suicidam?

E quem são estes que afrontam a sanção moral e que se suicidam? São os que não creem na sobrevivência do ser humano: os materialistas, os positivistas e os que só de boca são espiritualistas.

Quem crê que, pelo bem que fizer, progredirá até a conquista da maior grandeza humana e que, pelo mal que fizer, será punido, retardando, por si mesmo, sua entrada no mundo dos felizes, da verdadeira felicidade, pode cometer faltas, porque a humanidade é fraca; mas envidará todos os esforços por vencer-se, combatendo suas próprias paixões.

Compare-se uma sociedade de homens imbuídos nestes princípios com outra de homens, que não têm por freio senão a moral positivista; e diga-se, com a mão na consciência: qual das duas garante mais?

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 30.04.1893:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/7568

Artigo CCLXXXVIII - O PAIZ, 07.05.1893

Pareceu-nos sempre repugnante a fórmula sacramentária de estar Jesus, corpo, sangue e alma, consubstanciado na hóstia consagrada.

Se fosse um símbolo, nada opor-lhe-ia a nossa razão; mas a Igreja impõe aos fiéis a crença de que recebem na hóstia e pela hóstia o corpo e a alma do Cristo, tão real e perfeitamente como está no céu.

A fé passiva o que pode opor a tal formal imposição de quem tem o dom da infalibilidade em matéria dogmática?

O crente fanatizado o que pode divisar em semelhante fórmula, senão a manifestação de uma verdade absoluta?

A razão, porém, clama e clamará sempre contra todo o dogma que envolva monstruosidade ou absurdo.

O pensador, embora crente, não admite que a Suma Perfeição se manifeste sob forma impura.

Aquele dirá dirá: *credo quia absurdum*²²⁹, enquanto este protestará, clamando: *nihil absurdum à Deo*²³⁰.

Ora, será racional que um Espírito tão elevado, tão puro, tão perfeito, em que a Igreja crê e manda crer que é um Deus - a segunda pessoa da Trindade Divina, se imiscua, se consubstancie com a matéria, de modo que se ache todo nesta?

229 (Nota do Organizador) “Creio porque é absurdo”, já citada. Locução latina apócrifa usada para indicar que a fé, para crer, não necessita de se compreender, erroneamente atribuída a Tertuliano (*De Carne Christi*) e também a Santo Agostinho. (Fonte: Dicionário Priberam online)

230 (Nota do Organizador) “Nada é absurdo para Deus”. (Fonte: Google Tradutor).

Jesus é esse Espírito puro e santo - e, no entanto, ei-lo aí todos os dias recebido sob a forma material!

Argumenta-se com as suas próprias palavras, que foram o fundamento do sacramento da eucaristia, pronunciadas na ceia, em que denunciou a traição e o traidor - argumenta-se com estas palavras que foram: eis o meu corpo, apresentando o pão que havia benzido - eis o meu sangue, apresentando o vinho, também depois de havê-lo benzido²³¹.

Com efeito, conclui-se daí que Jesus corporizou-se no pão e no vinho, donde a naturalidade de sua corporificação na hóstia consagrada.

É, porém, sabido que o Divino Mestre usou sempre da parábola - da linguagem figurada, principalmente quando se referia ao que podemos chamar a parte dogmática de seus ensinamentos.

E isto é devido a não ter a humanidade de seu tempo a precisa clareza intelectual para compreender leis e fenômenos de esfera superior.

Ele dava o ensino sob a figura, para que, mais tarde, quando a humanidade já possuísse mais clara compreensão das coisas, entendesse esse em espírito e verdade.

Um exemplo: nós ensinamos a nossos filhos, em criança, o Credo ou símbolo dos Apóstolos; mas não lhes explicamos, porque seria inútil, o sentido ou valor daquelas palavras.

Eles, porém, as guardam de memória, e quando sua faculdade de compreender já tem adquirido o necessário vigor, esse é o tempo em que eles apreciam, em espírito e verdade, aquelas palavras que lhes ensinamos.

As que Jesus proferiu, quando consagrou o pão e o vinho, foram simbólicas - não podiam ser tomadas, naquele tempo, senão literalmente; mas elas encobriam o alto ensinamento para quando a humanidade pudesse compreender as coisas em espírito e verdade - e não mais segundo a letra.

A Igreja, recebendo a tradição literal, guardou-a até nosso tempo; mas a Igreja de nosso tempo já devera ter compreendido que a corporificação de um Espírito como o do Cristo é absurdo - e pois devia ter posto de parte a letra e procurado o espírito daquele símbolo.

Se tivesse feito, como lhe cumpria, mais que a qualquer outro, teria reconhecido que o corpo e o sangue de Jesus, dados a

231 (Nota do Organizador) Vide Mt 26:26-27; Mc 14:22.24 e Lc 22,19-20.

comer e a beber aos Apóstolos, são o símbolo de sua doutrina, cujo ensino foi, por aquela cerimônia, confiado àqueles homens.

Se tivesse feito isto, como lhe cumpria, teria reconhecido que um Deus não precisava materializar-se, para influir sobre o homem.

Deus, Espírito, influi sobre o homem, Espírito imaterialmente, por sua vontade - por um raio de sua luz.

Para que nos deixar Jesus o seu corpo e o seu sangue, quando a virtude de seu Espírito está sempre conosco?

Ele, o espiritualista por excelência, consagrar fórmulas materialistas, sem necessidade e até contra seus próprios ensinamentos?

Como fica claro - racional - e sublime considerar o pão e o vinho dados pelo Mestre como o símbolo de sua Doutrina, que confiou a seus discípulos como a expressão de sua última vontade?

Receber²³² a Jesus sob a forma de pão, quando Jesus pode nos dar sob a forma imaterial, por seu perdão - por sua misericórdia - por seu amor!

Estamos ouvindo redarguir: por que não pode Jesus corporificar-se na hóstia, uma vez que tomou um corpo como o nosso?

Idem por idem! - o mesmo impossível! História do Verbo encarnado para a infância da humanidade!

Jesus teve com efeito um corpo como o nosso pela forma; mas não pela natureza; teve um corpo fluídico, como tomam os anjos (Espíritos Puros) quando descem a nosso mundo²³³.

E é assim que a Virgem não deixou de sê-lo depois do parto, sem necessidade de um milagre, coisa que Deus não pode fazer; porque, se o fizesse, transgrediria suas próprias leis, que são eternas e imutáveis.

Só o imperfeito pode retocar sua máquina!

Ouvimos, ainda, replicarem-nos: então, Jesus não tomou sobre seus ombros os pecados do mundo - não sofreu pela humanidade!

Dizei-nos: qual é maior, o sofrimento físico ou o moral?

232 (Nota do Organizador) O original traz aqui "Recebeu-a", mas pareceu-nos um erro material, que preferimos corrigir.

233 (Nota do Organizador) Para saber mais sobre essa natureza especial do corpo de Jesus vide a obra "Os Quatro Evangelhos", de Jean Baptiste Roustaing, recebida pela abençoada médium da Codificação Kardequiana, Émilie Collignon, em 1866, especialmente no seu Tomo I, item 14.

Se Jesus não teve o corpo material para sofrer, teve os sofrimentos mais cruciantes do Espírito.

E quem nos diz que seu corpo fluídico não se prestava tanto, e por ventura mais do que o corpo carnal, à transmissão das sensações materiais²³⁴?

O que é fora de questão é que repugna à razão o fato de um Espírito divino tomar a carne dos pecadores - e que a concepção espírita de ser fluídico o corpo de Jesus, não somente fala à razão e remove aquela repugnância invencível, como ainda explica, de acordo com as leis naturais, todos os fenômenos da vida do Redentor - e principalmente sua concepção no ventre puríssimo de Maria Santíssima e seu nascimento, sem que a Mãe deixasse de ser virgem.

O que é fora de questão é que São Paulo consagra a Doutrina Espírita neste ponto, quando diz: que há corpos celestes e corpos terrestres²³⁵.

O que serão os corpos celestes senão os fluídicos?

Max

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 07.05.1893: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/7612

234 (Nota do Organizador) Vide a respeito o volume "Pão Vivo", ed. CRBBM, 2014, produzido em parceria com os prezados Gilberto Perez Cardoso, Jorge Damas Martins, Maurício Crispin, Pedro Silveira Martins e Sérgio Thiesen e, nesse, especialmente os capítulos "Vão Simulacro" e "Jesus nem Deus, nem homem", de nossa autoria.

235 (Nota do Organizador) 1 Coríntios, 15, especialmente os versículos 40, 41, 47 e 48: "Há corpos celestes e há também corpos terrestres; mas o esplendor dos corpos celestes é um e o dos corpos terrestres é outro. Um é o esplendor do sol, outro o da lua, e outro o das estrelas; e as estrelas diferem em esplendor umas das outras. [...] O primeiro homem era do pó da terra; o segundo homem, dos céus. Os que são da terra são semelhantes ao homem terreno; os que são dos céus, ao homem celestial".

Artigo CCLXXXIX - O PAIZ, 15.05.1893

São Paulo fala de corpos celestes e de corpos terrestres, que revestem os Espíritos.

Não se pode atribuir-lhe o pensamento de qualificar como corpo celeste o perispírito, certamente distinto do corpo carnal ou terrestre, pois que perispírito tem o Espírito encarnado, como o tem o desencarnado.

Corpo celeste, em oposição a corpo terrestre ou carnal, não pode ser senão de natureza que o torna impossível de co-existir com este, fato que não se dá com o perispírito, indispensável até às relações entre a alma e o corpo do homem.

Além disto, o perispírito acompanha a evolução espiritual, sendo material, pesado e grosseiro, enquanto o Espírito o é - e desmaterializando-se pari-passu²³⁶ com este, até tornar-se quase Espírito, até sumir-se, quando o Espírito chega ao estado de completa desmaterialização, que se chama - de puro Espírito.

Ora, falando São Paulo do corpo que envolve os Espíritos mais elevados: puros Espíritos, é óbvio que não referiu-se ao perispírito: vestimenta de que só usa enquanto não chega àquele grau de elevação, no qual despe-a de todo, reduzindo a essência espiritual às três entidades que a constituíram na Terra: corpo, perispírito e Espírito.

Se não é, pois, ao perispírito que se refere o Apóstolo da Caridade, quando fala dos corpos celestes que revestem os Espíritos puros, a que se referirá ele?

236 (Nota do Organizador) Ao mesmo tempo; simultaneamente. (Fonte: Dicionário Priberam online)

O “Gênesis”, iluminado pela Nova Revelação, esparge a mais clara luz sobre este ponto da ciência, até agora envolto em brumas.

Deus criou um único elemento: matéria cósmica - fluido universal, a qual, evoluindo segundo as leis sábias, eternas e imutáveis, que foram postas, desde o princípio, à criação, dá de si tudo o que constitui o Universo, em todas as suas infinitas espécies e variedades.

É porque só apreciam esta evolução da natureza sem possuírem os instrumentos de penetrarem a causa primária criadora dessa natureza e das leis que a regem, que certos sábios acreditam que a natureza é a mãe universal, como de fato - e que é incriada, falso juízo que só tem por si as aparências.

Afirmam o que veem, e têm razão - negam, porém, o que não veem, e não têm razão; porque todos os dias descobrimos leis que não conhecíamos, e portanto não deviam existir, pois que antes não as víamos ou percebíamos.

O princípio de proceder tudo da natureza ou da matéria cósmica universal é verdadeiro, e nisto vamos com os materialistas; aquele, porém, de ser a natureza ou matéria cósmica universal existente, independente de um Criador é um erro, cujo fundamento é palpavelmente insubsistente e até ridículo: e que só é verdade, só existe o que vemos, apreciamos e compreendemos.

Não foi, porém, para discutirmos esta questão que tomamos a pena e, pois, entremos no nosso assunto.

O fluido universal, origem essencial de todos os seres do Universo, elemento integrante de toda a organização, substância componente de tudo o que existe, por sua condensação ou rarefação, que, se der sob a ação das leis a que obedece, forma o reino mineral, o vegetal, o animal; forma os seres do mundo material e os do espiritual²³⁷.

237 (Nota do Organizador) Essa unidade substancial da criação é ensinada em a Doutrina Espírita desde as suas obras básicas. Basta ver “O Livro do Espíritos”, q. 30 a 33 (“Tudo está em tudo”); “O Livro dos Médiuns”, Cap. IV, item 74, III (“O fluido universal [...] é o princípio elementar de todas as coisas”), como também “Os Quatro Evangelhos” de Roustaing, Tomo I, item 56: “O fluido universal, que toca de perto a Deus e dele parte, constitui [...] o instrumento e o meio de que se serve a inteligência suprema para, pela onipotência da sua vontade, operar, no infinito e na Eternidade, todas as criações espirituais, materiais e fluidicas destinadas à vida e à harmonia universais, para operar a criação de todos os mundos, de todos os seres em todos os reinos da natureza, de tudo que se move, vive, é”. A respeito vide também “A Grande Síntese”, do Prof. Pietro Ubaldi.

Compreende-se, pois, que por aquele mecanismo de condensação ele pode dar origem a seres como o Espírito e a seres menos essencializados que o Espírito, porém infinitamente mais que os corpos materiais.

Entre a rocha e a alma ou Espírito, os dois extremos da escala, há uma variedade infinita das composições fluídicas²³⁸.

Os Espíritos grosseiros e atrasados tiram do fluido universal seu revestimento, grosseiro como eles, a que chamamos corpo carnal.

Muito naturalmente, os Espíritos mais desmaterializados, por seu progresso, tirarão um revestimento mais leve, mais desmaterializado como eles.

E os puros Espíritos tirarão um fluido tão puro, tão vaporoso, tão essencializado como eles.

Isto é lógico, é racional, e a experiência o comprova.

A tradição corrente em todos os povos, desde a mais remota Antiguidade, consigna o fato de aparecimento dos mortos aos vivos, fato que nunca poderia dar-se, se o Espírito não vestisse um corpo visível.

A História sagrada refere inúmeros casos de anjos (puros espíritos) baixarem à Terra, para transmitirem a certos homens justos, o pensamento do Senhor²³⁹.

Poderão estes anjos revestir-se, para se fazerem visíveis, da mesma matéria que reveste as almas em suas aparições.

O meio de onde tiram seus corpos instantâneos é o mesmo - é o fluido universal; mas a qualidade do fluido que escolhem é muito diferente.

238 (Nota do Organizador) “É assim que tudo serve, que tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo. Admirável lei de harmonia, que o vosso acanhado espírito ainda não pode apreender em seu conjunto!” (“O Livro dos Espíritos”, Q.540). “A Grande Síntese”, uma das magistrais obras do Prof. Pietro Ubaldi, também descreve em minúcias toda essa épica trajetória evolutiva, que os nossos acanhados Espíritos ainda hoje não podem apreender em seu conjunto...

239 (Nota do Organizador) A lista é realmente extensa, aqui lembramos apenas alguns do Antigo Testamento, a título de exemplo: Gên. 16: 7-14; Gen. 18: 1-33; Gên. 19: 1-22; Gên. 21:17-19; Gen.22:9-19; Gen.32:1-2; Gen: 32:22-32; Num. 22:21-35; Josué 5:13-15; Juízes 2: 01-05; Juízes 6:11-24; Juízes 13:01-20; etc; etc...

As almas servem-se de seus perispíritos, mais ou menos grosseiros, substância colhida no meio comum, que elas condensam e tornam visível.

Os anjos, porém, que já não têm perispírito, porque são puros Espíritos, precisam tomar, na ocasião, no infinito meio do fluido universal, o que os reveste e os torne visíveis.

E como os Espíritos roubam àquele meio substância mais ou menos grosseira, mais ou menos essencializada, segundo seu grau de elevação nas vias do progresso, é óbvio que um Espírito angélico tira do fluido universal a sua mais pura essência; bem se pode dizer: a sua essência espiritual.

É a isto que São Paulo chamou - corpo celeste - por oposição ao corpo que nos reveste, composto da mesma substância, mas essencializado, espiritualizado.

De que é verdade o que aí fica exposto, temos a prova nas experiências de William Crookes, que obteve a materialização de um Espírito, a ponto de tornar-se visível e tangível, tal qual uma pessoa vivente.

Estas agregações do fluido, para constituir um corpo visível, opera-se pela lei dos fluidos, que a ciência de nossos dias ainda ignora; mas que os fatos experimentais já recomendam aos estudos dos sábios, do mesmo modo como tem acontecido em todas as conquistas do saber humano.

Aqui, a ciência já é encaminhada pelas luzes que lhe dão as revelações espíritas.

Assim como o Espírito agrupa os elementos tirados do fluido universal e constitui com eles um corpo - assim, e sempre pelas mesmas leis fluídicas, ele desagrega aqueles elementos e dissolve instantaneamente o corpo fluídico; donde uma gravidez e um parto, sem²⁴⁰ perda da virgindade - verdadeiramente aparente.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 15.05.1893:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/7662

240 (Nota do Organizador) O original traz aqui "com perda", mas por saber que trata-se de erro material, claramente em oposição ao raciocínio desenvolvido ao longo do artigo, decidimos corrigir.

Artigo CCXC - O PAIZ, 22.05.1893

Há coisas que revelam a fraqueza humana a ponto de se receiar também rolar pelo mesmo declive!

Ver uma congregação numerosíssima de homens superiores, como é o clero católico, desde o simples sacerdote até o Papa, apagar as luzes da razão - e impor à crença universal dogmas ofensivos dos atributos de Deus; não é para meter medo de se cair na mesma insânia?

Para que nos deu o Senhor a razão? Para tudo, menos para apreciarmos as verdades eternas; respondem-nos, com uma segurança de horrorizar!

Será possível que a mais clara luz, que foi dada ao homem - aquela pela qual nos elevamos ao conhecimento da existência do Ser dos seres, apague-se, quando se trata das relações do Ser com os seres?

A fé passiva exclui a razão! Donde resulta: que a razão é boa para o reconhecimento da Divindade, mas não para apreciar os ensinamentos que dela emanam!

É precioso instrumento para o mais elevado - é sem préstimo, e até condenável, para o menos elevado!

Realmente, só uma fé passiva pode aceitar tão monstruoso absurdo!

Mas o que é a fé passiva - e o que é a razão?

A primeira é pura instituição humana, envernizada pela infalibilidade de homens, que se dizem assistidos pelo Espírito Santo.

A segunda, ninguém a contesta, é o mais sublime meio de percepção, que Deus nos deu -que Deus nos deu.

Em primeiro lugar, o preceito da fé passiva, se vem de Deus, vem-nos indiretamente; ao passo que o de guiarmo-nos pela razão, vem-nos diretamente.

Em segundo lugar, se ambos os preceitos nos vêm de Deus, uma vez que eles não se harmonizam, e que são até opostos; segue-se que Deus não é a Perfeição Infinita - prescreve a seus filhos que se dirijam pela razão, que lhes deu para as mais altas concepções, e ao mesmo tempo lhes veda o uso da razão, prescrevendo-lhes que aceitem o que não compreendem, e até lhes repugna, com direito a usarem do sublime dom, que os caracteriza.

Há, pois, falha n'um dos dois - e, como é mais consentâneo com a nossa natureza perfectível o dever de procurarmos compreender os ensinamentos divinos, é intuitivo que a imposição em contrário é que está fora das normas divinas - e abala, por seus fundamentos, a natureza que de Deus recebemos.

Mas eles, estes que prescrevem a fé passiva, que implica a prescrição da razão, em matéria de dogma, são assistidos por Deus - são inspirados pelo Espírito Santo.

É verdade que o Divino Jesus afirmou com promessa solene: que toda a vez que se reunirem dois ou três em seu nome, aí será Ele; mas, dissei-nos, instituidores da fé passiva, a fórmula cristã do crê ou morre do profeta do Alcorão - dissei-nos, inquisidores da razão humana: tendes consciência de que Jesus, por si ou pelo Espírito Santo, foi convosco — inspirou-vos, quando lavrastes o auto-de-fé contra a razão, ou antes: contra Deus?

Reunir-se em nome de Jesus não é dizê-lo com os lábios - é fazê-lo com o coração contrito, humilhado e limpo de impurezas da carne - é achar-se em condições, senão de santidade, ao menos de pureza, que formem em torno uma atmosfera, em que possa respirar, já não diremos o próprio Deus, mas, ao menos os seus mensageiros, angélicos executores de suas volições.

Podem ter o coração em condições tais os concupiscentes - os soberbos - os vaidosos - os que mais curam das grandezas terrenas do que das coisas de Deus?

O que importa, pois, que estes tais se reúnam, em nome de Jesus Cristo, se eles, em sua maioria, não sentem o que é preciso para atraírem, nem sequer, seus anjos da guarda?

Um Papa corrompido até o incesto²⁴¹ pode servir de tabernáculo ao Espírito do Senhor? Como, então, ser por ele inspirado? Como ser infalível?

Se o fato se dá, mediante essas explicações especiosas que formula o fanatismo irracional, confessemos que não há entre o Céu e a Terra grande diferença - que as flores dos jardins celinos vicejam nos canteiros lodosos que as mãos dos homens preparam!

Fé passiva - proscrição da razão em matéria de dogma são criações humanas - obra do orgulho de pastores, que mais se ocupam em contar as ovelhas do que em guiá-las ao bom pasto.

Reunidos, aparatosamente, em nome de Jesus, os pobres não têm consigo senão suas paixões, incompatíveis com a presença do puríssimo Jesus - e cheios do orgulho de terem a divina inspiração, decretam como infalíveis- e exigem obediência a seus decretos, com fé cega!

Deus quer a fé, fonte divina da humildade - do amor - e da caridade; mas quer a fé sentida pela consciência e esclarecida pela Razão.

Se assim não fôra, para o que fazer revelações progressivas, como a de Abraão - a de Moisés - e a de Jesus? Se assim não fôra, se Ele quisesse que sua lei, na qual se enfeixam todas as verdades eternas, fosse vedada à razão, para que ampliou sua revelação na medida do progresso da razão humana? Se não fôra assim, para que Jesus, tendo feito uma Revelação mais ampla, em extensão e compreensão, que a de Moisés, por ter já a humanidade mais clara compreensão, ainda acrescenta: que muitas outras verdades tinha que ensinar, mas não o fazia, porque a humanidade não estava, ainda, em condições de compreendê-las²⁴²?

Se Deus quer fé passiva e não aceita pela razão, como espera que esta se desenvolva para mandar à Terra os mais altos ensinamentos?

Isto é irrespondível, muito embora a tudo possa responder o fanatismo cego, para o qual a fórmula sagrada é o credo quia

241 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se aqui especialmente a Alexandre VI, mais conhecido por Rodrigo Borgia (1431- 1503) 214º Papa da Igreja Católica, de 11 de agosto de 1492 até à data da sua morte. (Fonte: Wikipedia)

242 (Nota do Organizador) Referência a Jo.16: 12-15, já citado.

absurdum²⁴³ a que nós outros, os que somos possessos do diabo, opomos esta outra: nihil absurdum à Deo²⁴⁴.

É como a lei da graça, sobre a qual não tem conta os volumes que se têm escrito, num dos quais lemos o fato de ter um bandido, salteador e assassino, ganhado o Céu por ter sido morto aos pés do altar de Nossa Senhora.

Emprestam a Deus os sentimentos humanos: de preferências e exclusões, por graça, e não por merecimento!

E porque se arrogam a qualidade ou atributo divino da infalibilidade, impõem a fé passiva nestes desregramentos da divindade!

Deus faz graça, mas sem preferências nem exclusões.

As graças divinas são reguladas por lei eterna, no sentido de que as provoca, não este ou aquele, mas tudo o que tem um determinado toque de merecimento.

Não, pois, a simples vontade de Deus, que lesaria sua indefectível justiça, mas a justiça indefectível, que é harmônica com a vontade soberana; eis a lei das graças.

Ninguém as tem sem as merecer - e te-las-á todo o que merecer!

O Espiritismo, combatendo todas estas obras dos homens ligadas às obras de Deus - procurando separar o erro da verdade, não quer destruir a Igreja - quer sim varrer a Igreja de Jesus Cristo.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 22.05.1893: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/7704

243 (Nota do Organizador) Vide nota 215, acima, à página 281.

244 (Nota do Organizador) Vide nota 216, acima, à página. 281.

Artigo CCXCI - O PAIZ, 29.05.1893

Na “Cidade do Rio”²⁴⁵ de 16 do corrente, lê-se uma local humorística relativamente ao padre da Glória, que reconhece a existência dos fenômenos espíritas, atestados pelos sábios, mas explica-os, melhor que estes — por artes do diabo.

Ainda bem que já temos meio caminho andado: os fatos dão-se naturalmente; não são mais bruxarias - mágica - feitiçaria.

Mais um empurrão, meu reverendo, e a barca vai ao porão²⁴⁶.

O que admira não se poder ainda geralmente explicar aqueles fenômenos por leis tão sabidas como as do vapor e da eletricidade, que por tantos séculos foram ignoradas?

O magnetismo também foi arte do diabo até que a ciência tomou-lhe as rédeas e o encaminhou segundo as leis que descobriu - e de que faz uso quando quer.

Obra do diabo é obra da ignorância.

O trovão fazia os selvagens tremer e porque não sabiam ao que era devido, atribuíam-no a Tupã e mais geralmente a Arimã: deus e diabo, ou antes um ser todo-poderoso, que fazia o bem e o mal²⁴⁷.

245 (Nota do Organizador) “Cidade do Rio” era um jornal de propriedade de ninguém menos que o admirável José do Patrocínio, com o luxo de ter como redator-chefe Olavo Bilac. Infelizmente não localizamos a edição referida na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Por um lapso, em seu lugar consta a edição de 16 de abril do mesmo ano, o que impossibilitou-nos de ter acesso ao conteúdo indicado por Dr. Bezerra.

246 (Nota do Organizador) “Com mais um empurrão vai a barca ao porão” - ditado português.

247 (Nota do Organizador) Para melhor compreensão do valioso folclore indígena

Hoje, nem um padre se atreve mais a dizer: que o trovão é obra de Arimã ou do diabo.

Pois, meu reverendo, os fenômenos espíritas são tão naturais como o trovão - e se os padres, por não conhecê-los e menos ainda as leis que os produzem atribuem-nos ao diabo, como os selvagens atribuíam-lhes o trovão, não é isto razão para receiarem uma explicação já tão safada²⁴⁸ e desprezada dos homens que observam a marcha progressiva das coisas?

Tivemos ainda há pouco um bispo, cujas virtudes eram atestadas por todo o clero fluminense e homem de rija têmpera, para se dobrar a credences.

É voz geral: que o ilustre prelado, desde que morreu um alto funcionário de sua Igreja, nunca mais dormiu só, em seu quarto, como sempre fizera, porque aparecia-lhe constantemente seu defunto amigo.

Se o reverendo não conhece este fato, informe-se que lh'o atestarão, na Conceição, este foi ele muito sabido, mesmo em vida do bispo.

Este fato, só serve de fio condutor para a explicação dos fenômenos espíritas, sem a intervenção do diabo.

Se um morto pode comunicar com os vivos, é porque há uma lei que o permite.

Qual é esta lei? Não conhece-a, não é verdade, meu reverendo?

Pois, se não a conhece, como é que se mete a falar?

Dirá: que os mortos não aparecem - que é o tal diabo que vem por eles; mas quem lhe disse isto? Onde está isto escrito?

Sua explicação é puramente gratuita. O senhor e os seus pensam assim; logo, é assim!

Se, ao menos por caridade, vossa reverendíssima nos citas-se um texto sagrado que impusesse a crença de que não as almas, mas os demônios, é que aparecem, quanto ser-lhe-íamos agradecidos!

Porque, olhe: nós lemos, nos livros sagrados: que o moço Tobias foi acompanhado por um anjo, o qual, ao despedir-se, depois de deixá-lo em casa, com o remédio para a cegueira do velho,

na, não há nada melhor que a obra-prima do grande brasileiro Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) - "Dicionário do Folclore Brasileiro".

248 (Nota do Organizador) No sentido de gasta com o uso. (Fonte: Dicionário Priberam online)

disse que era Fulano, filho de Sicrano, bem-conhecido em Israel - e súbito desapareceu no ar²⁴⁹!

Se temos textos sagrados que estabelecem a lei da aparição dos mortos, deixe para nós, os possessos, meu reverendo, explicar tais obras, por artes do diabo!

Aí - neste fato bíblico, já o mais santo sacerdote de Deus tem a prova: de que uma alma pode vir a nós - e mais ainda, de que pode, para estar conosco, revestir um corpo fluídico, que passa, perfeitamente por um corpo como este nosso mortal e pecador.

Se V. Revma. se espanta com o fato das aparições, porque tem por verdade absoluta que as almas vão para o Céu - para o Inferno - ou para o Purgatório, tão depressa se desprendem da vida carnal, quanto mais com o fato da corporização ou materialização, atestado pelos sábios?

E, no entanto, qualquer profano, perdido de corpo e alma, pode rir das asseverações dos sábios; V. Revma., porém, não, nunca, porque as asseverações dos sábios são autorizados pelas do Livro Sagrado!

Leia-o - e responda-nos, não do púlpito, para não mais obscurantizar suas pobres ovelhas; embora o faça, apraz-nos reconhecer, de boa-fé e santa ignorância do mal que faz; mas do fundo de sua consciência, aí onde o homem tem luz, sempre que a procura de boa vontade.

Ora, admitida, a comunicação dos vivos com os mortos, de conformidade com a Bíblia, como recusar-se o que demais possam fazer os que se manifestam: benefícios, se os manifestantes forem bons - malefícios, se forem maus - tolíces ou coisa semelhante, se forem vãos - fúteis - ou coisa igual?

Que necessidade há de imaginarem-se hipóteses para a explicação do que nenhuma delas explica?

A ação do diabo valeria para o padre, se não houvesse aí este maldito texto da Bíblia - e muitos - muitos e - muitos outros no mesmo sentido.

249 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se ao “Livro de Tobias”, da versão católica da Bíblia. Conta-nos a história de Tobit e Sara, que tinham por filho o jovem Tobias. Para empreender uma viagem perigosa, a pedido de seu pai, Tobias teve a companhia do “anjo” Rafael. No versículo 18 do capítulo 5 o “anjo” apresenta-se a Tobit e família como “Azarias, filho do grande Hananias”. Por aí identifica-se que o “anjo” era na verdade um Espírito desencarnado, de parentela conhecida a Tobit...

O que deve, pois, o padre concluir destes ensinamentos sagrados? Que os fatos são verdadeiros - que não são obra do Espírito do Mal - e que, se não os sabe ainda explicar, não é isto razão para repeli-los ou atribuí-los àquele Espírito, pobre bode expiatório de todas as ignorâncias católicas.

Vamos, meu caro reverendo, vamos procurar as leis que Deus pôs a esta ordem de fenômenos - e um dia lograremos a seu respeito, o que se tem logrado a respeito... de tudo.

Vê-se um fato, que nos surpreende em meio de nossa presunção de muito saber - e o que primeiro fazemos, é repeli-lo. Ele volta a aparecer, uma e muitas vezes, até que nos convençamos do que ele é.

Começa a faina de explicá-lo com os conhecimentos e crenças que temos, figurando mil hipóteses, qual mais insensata. Só não figuramos, porque fere-nos o orgulho, a de não termos ainda saber para explicar o que está fora da esfera do nosso saber.

O fato, porém, não deixa de ser, porque nós o negamos ou o explicamos de través.

Chega o dia, em que o estudo e a observação rompem o círculo de ferro de nossos acanhados cabedais intelectuais e eis que ficamos envergonhados de não termos reconhecido coisas tão claras - de havermos atribuído a influências imaginárias o que se operava muito naturalmente e segundo leis tão naturais como as mais naturais que conhecemos.

Meu reverendo. Tudo marcha assim - e é assim que há de marchar o Espiritismo, com ou sem o vosso diabo, figura mitológica, que já foi em tempo.

Os fenômenos espíritas são os fenômenos que atestam os sábios - são todos naturais - e pendem de leis naturais.

Amém.

Max

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 29.05.1893:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/7747

Artigo CCXCII - O PAIZ, 05.06.1893

Não há quem ponha em dúvida a verdade do conceito do ilustre Bossuet²⁵⁰: o materialismo moderno provém da liberdade que se atribui a cada um em matéria de fé.

Sem dúvida, se todos se submetessem à fé imposta pela Igreja romana, não haveria cisma - não haveria incredulidade - o rebanho de Jesus seria unido - o materialismo não teria razão de ser.

Isto é intuitivo, como é não poder deixar de ser universal a submissão dos cristãos à fé imposta pela Igreja, se esta seguisse as linhas traçadas por seu Divino Instituidor.

Quando, porém, o mundo assiste, escandalizado, a cenas piores do que as dos filhos do santo Samuel²⁵¹, no regime da lei mosaica - quando vê a Igreja fazer da fé bandeira para conquistar o império, esquecida de que Jesus disse: “O meu reino não é deste mundo”²⁵² - quando presencia o fato assombroso e ao mesmo tempo blasfemo, de atribuir-se a um homem qualidade divina, como a infalibilidade - quando tem diante dos olhos a oposta: de atribuírem-se a Deus qualidades humanas, como a vingança - quando, finalmente, tem o tristíssimo espetáculo de condenar-se o progresso sob a forma científica, declarando-se: que Jesus trouxe toda a luz que havia no céu para a Terra, apesar de ter Ele

250 (Nota do Organizador) Jacques-Bénigne Bossuet (1627 - 1704) - bispo e teólogo francês, já referido.

251 (Nota do Organizador) Vide 1 Samuel 8: 2 e 3: “E o nome do seu filho primogênito era Joel, e o nome do seu segundo, Abia; e foram juizes em Berseba. Porém seus filhos não andaram pelos caminhos dele, antes se inclinaram à avareza, e aceitaram suborno, e perverteram o direito”.

252 (Nota do Organizador) Jo. 18:36.

prometido a revelação de novas verdades²⁵³; como ser universal a submissão da cristandade?

E desde que a fé imposta é por tais modos, e mil outros, destoante do sublime ensino do Nazareno; como queria o imortal Bossuet que todos lhe curvassem a cabeça, como um rebanho de carneiros segue o pastor, sem saber para onde.

A consciência das ovelhas de Jesus sobressaltou-se com as repulsivas doutrinas que lhes dava o pastor de suas almas - e a razão adormecida ao som da flauta dos que as tosqueavam em proveito de suas ambições puramente mundanas, despertou, em toda a linha, desde quando um Espírito mais temerário levantou a voz contra a especulação que se fazia com a credulidade dos ignorantes.

Foi daí que nasceu o livre-pensador - e, pelo livre-pensador, o materialista e o ateu.

O fato teve curso natural: a reação vai sempre ao extremo oposto da ação.

Vendo-se o que se dava com o vigário de Cristo e seu representante na Terra, adulterar a lei de Deus, fazendo-a instrumento de suas paixões; os mais refletidos limitaram-se a protestar pela verdade e santidade da Doutrina de Jesus, distinguindo-a de seus ministros; mas os exaltados não fizeram distinção - confundiram a Doutrina com os ministros - e, por estes e com eles, repeliram aquela..

Apareceram daí, sob o ponto de vista teológico, os Martinhos Luteranos e os Henrique VIII da Inglaterra - e, sob o ponto de vista filosófico, os Strauss e Hegels, os Hobbes e Condillacs.

Nem por isto os sucessores daquele invicto Espírito a quem Jesus confiou seus cordeirinhos recuaram uma linha na execução de seu plano, cujo lema era: *omnis pro dominatione*²⁵⁴, antítese esmagadora do que lhes deixara o Divino Pastor: *regnum meum non est ex hoc mundo*²⁵⁵.

Roma, ainda agora, em pleno século XIX, condena a razão, para firmar a fé passiva, para firmar nesta o seu domínio universal!

253 (Nota do Organizador) Jo.16:12-15.

254 (Nota do Organizador) Tudo pelo poder, ou pela dominação. (Fonte: Infope-dia)

255 (Nota do Organizador) "Meu reino ainda não é deste mundo".

Roma, ainda agora, em pleno século 19, põe o remate à sua obra, urdida com a paciência da aranha e com a sagacidade da serpente, erigindo em dogma, que impõe a fé passiva dos crentes, à infalibilidade do Papa!

Fé passiva é a condenação da razão - e a razão é a suprema faculdade perceptiva, dada por Deus ao homem, para se dirigir nos complicados meandros de sua vida terrena.

A razão é o facho de luz, sem o qual o homem seria tão irresponsável como os animais irracionais.

A justiça humana não condena o insensato, que é o que está privado da razão.

Entretanto, a Justiça Divina dá prêmio e castigo ao que agiu na vida sem a condição, *sine qua non*²⁵⁶, da responsabilidade; que tanto vale guiar-se, sem direito de refletir, pelas imposições, boas ou más, de uma razão estranha e superior!

O homem racional pode e deve aplicar suas faculdades perceptivas a todas as relações, que concorrem para seu progresso - e até para seu bem-estar na vida terrestre; o homem racional, porém, não tem o direito que lhe é vedado como um crime contra Deus, de aplicar aquelas faculdades às relações com seu Criador, embora tenha o dever de elevar-se por elas ao conhecimento desse Criador.

E quem lhe impõe aquela repugnante restrição?

Nem no Velho, nem no Novo Testamento, por mais que os folheemos, encontramos-la consignada, ainda que por modo indireto. Quem a impõe são a Igreja romana - e o poder infalível.

Poder infalível! Não há senão um: Deus.

Mas Deus cedeu um dos seus atributos ao Papa, embora o Papa seja um incestuoso, um envenenador, um carniceiro, um odre de orgulho e de todas as paixões que, segundo a Igreja, prendem a alma, desde a Terra, à Satanás!

Em compensação, o Papa infalível galardoa a Deus com as mais repugnantes paixões humanas: as preferências e exclusões, na distribuição de sua justiça e de sua misericórdia - a crueldade em entregar as almas fracas ao poder do anjo decaído, tão grande que nem Ele mesmo tem podido impedi-lo de guerreá-lo - a vin-

256 (Nota do Organizador) "Sem o qual, não" - diz-se da condição ou fator sem o qual determinado ato ou circunstância não se realizará; indispensável; essencial. (Fonte: Infopedia)

gança, nessa condenação eterna, que por modo algum pode ser levada à conta de justiça!

E quer Bossuet que, diante de tais horrores, as almas que têm o toque da verdade divina se enfileirem com os pobres cegos, que se prestam a derramar o sangue de seus irmãos, em catadupas, *ad majorem Deis gloriam*²⁵⁷?

Quer que não se tome a liberdade de julgar os nefandos crimes praticados em nome da religião, só porque são infalíveis os que os praticam?

Quer que todos, de cabeça baixa, digam — Amém — às práticas diabólicas da Inquisição e dos massacres dos Huguenotes e dos Albigeneses?

A Águia de Meaux²⁵⁸, se hoje voltasse à vida terrena, tendo recebido a luz clara do mundo dos Espíritos, não escreveria, certamente, aquelas palavras; e, muito pelo contrário, seria o primeiro a pedir ao mundo cristão que reconstruísse a Cruz, quebrada pela Igreja - refizesse o Evangelho, por ela rasgado.

Bossuet, entre a Igreja que impõe a fé passiva e cega em seus mandamentos, e o Espiritismo, que proclama os direitos da razão na apreciação do Evangelho de Jesus Cristo, para poder interpretá-lo em espírito e verdade, que não pela letra, e esta mesma adulterada, não vacilaria em ensinar que a nova Doutrina é a Revelação prometida por Jesus, como está escrito no Evangelho de S. João²⁵⁹.

Fizesse-o ou não, o que é patente é: que os tempos são chegados, em que o papado tem de passar pelas provas do sacerdócio hebreu.

Quem não olha para os sucessos que abalam todas as sociedades com a indiferença de um Emir, não pode duvidar de que estamos em vésperas de uma transformação moral, igual à que se operou no século de Augusto.

Roma, porém, como Baltazar, não se preocupa com o exército de Ciro, e deleita-se em seus festins²⁶⁰.

257 (Nota do Organizador) "Para maior glória de Deus" - lema da Companhia de Jesus. (Fonte: Infopedia)

258 (Nota do Organizador) Bossuet nasceu na cidade de Meaux, na França, e tornou-se assim conhecido / consagrado.

259 (Nota do Organizador) Jo. 14:15 a 17 e 26.

260 (Nota do Organizador) Belsazar era filho de Nabonido e Nitócris, filha de Nabucodonosor. Quando jovem, deu uma festa para mil de seus lordes, e, ani-

O que importa que apareçam escritas nas paredes do Vaticano as palavras fatídicas - mane, thecel, phares?

Ela está firmada e confiada nas palavras do Cristo: adversus eam non prevalebunt portoe inferi²⁶¹.

Sim, nada prevalecerá contra as leis de Deus, enfeixadas no sublime ensinamento de Jesus; mas as leis da Igreja romana estão muito longe de ser a imagem apagada das leis de Deus!

Não acabamos de ver destituído pela cúria romana o bispo desta diocese, o venerando conde de Santo Agostinho, sem a culpa ou falta, que não fosse a de não se prestar aos planos puramente mundanos da cúria?

Poucas quedas conhece o mundo tão gloriosas como a de D. José, ex-bispo do Rio de Janeiro - e, pesa-nos dizer: será mais um testemunho da prevaricação de Roma!

O destino da Igreja está escrito. A religião de Jesus Cristo brilhará e dominará o mundo, sem ela - e contra ela, como aconteceu com o sacerdócio hebreu.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 05.06.1893: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/7790

mado pelo vinho, mandou trazerem os vasos sagrados que o seu "pai" (ou, mais precisamente, avô) Nabucodonosor havia pilhado do templo de Jerusalém, e, com seus príncipes, bebeu neles. De repente, apareceu uma mão, que escreveu na parede o julgamento de Deus. As palavras eram Mane, Thecel e Phares. Como ninguém descobriu o significado das palavras, chamaram um ex-sábio do rei Nabucodonosor, Daniel, para interpretá-las. [...] Daniel interpretou a frase da seguinte maneira: Mane: "Deus contou os dias do teu reino e o fez chegar ao fim." Thecel: "O rei foi pesado na balança e achado em falta" (ou deficiente). Phares: "Teu reino foi dividido e entregue aos Medos e aos Persas." Segundo a Bíblia, a profecia se cumpriu naquela mesma noite. Babilônia caiu diante de Ciro, o Grande, e Belsazar foi morto. (Fontes: Wikipedia e Dicionário Priberam online)

261 (Nota do Organizador) "E as portas do Inferno não prevalecerão contra ela". - Mt. 16:18.

Artigo CCXCIII - O PAIZ, 13.06.1893

Toda ideia que, embora sob forma vaga e incorreta, se firma na crença da humanidade, tem necessariamente, um fundo de verdade.

Todas surgem envoltas em névoas, dando lugar a serem tomadas em variadíssimos sentidos e até no de serem produtos da imaginação - verdadeiros entes da razão.

Com o tempo as névoas se adelgaçam, se dissipam e os que têm olhos de ver as veem e os que têm por norma só admitir o que está dentro do círculo dos conhecimentos adquiridos, as repelem.

Nascem daí as duas escolas dos que, fundados na experiência de todos os tempos, têm por absoluto o princípio de que o homem alarga progressivamente o acervo de seus conhecimentos, pela revelação de novas, e, às vezes, bem surpreendentes verdades - e dos que, seguindo os ditames de Bayle²⁶², não creem senão no que compreendem, esquecidos de que a inteligência humana é perfectível e, portanto, que, por seu desenvolvimento, pode vir a compreender o que ora não compreende.

A crença de uns e a descrença de outros geram a luta em torno de toda a ideia nova, que surge e que necessariamente abala e desloca as antigas, que têm gozado os foros de verdades.

Esta luta, porém, longe de prejudicar, facilita o triunfo da nossa verdade; porque, assim como não há meio de embaraçar a difusão da luz, assim também não há o de tolher a da verdade, ambas filhas do céu e, como tais, independentes da boa ou má vontade dos homens.

262 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se aqui ao filósofo e escritor francês Pierre Bayle. A seu respeito, vide nota 117, à página 263 do 1º volume desta coleção, como também a 118, à página 156 deste 3º volume.

Na ciência não foi assim que sucedeu com a nova ideia de ser a Terra que gira em torno do Sol e com a do magnetismo, contra as quais se levanta inutilmente o mundo em peso?

Na religião não sucedeu o mesmo com os altos princípios, que constituem a Revelação do Cristo?

A verdade triunfou da oposição do mundo em peso; e a Terra gira em torno do Sol e o magnetismo aí está reconhecido e proclamado e a Doutrina do Cristo transformou a humanidade, moral e socialmente!

Aparecem, é certo, ideias sem fundamento real, verdadeiras criações do engenho humano, partes da imaginação de certos homens; mas estas trazem o cunho de sua inanidade²⁶³.

Conhece-se a origem pessoal e a razão de sua criação: por via de regra a ambição de figurarem como autores de doutrinas, de sistemas, como Charles Dupuis²⁶⁴, com sua doutrina sobre a origem das religiões, e Auguste Comte, com a do Positivismo.

Mas, acima de tudo, o tempo apaga-lhes as cores e atira-as à geena, salvo quando têm algum lado útil, porque do fumo se tira a luz, e o erro serve muitas vezes de origem à verdade, assim como o mal pode servir de esmalte ao bem.

Em tese, toda a ideia sem fundamento não vinga na crença geral, desaparece com o tempo; e toda a que assenta na verdade, espalha-se pela crença geral e avigora-se à medida que passa o tempo.

A que serve de base ao Espiritismo: a comunicação dos mortos com os vivos, está neste último caso.

Não há povo que não a tenha e vem da mais remota Antiguidade, vigorando-se, cada vez, mais, até dominar a crença de todos os povos civilizados e a dos maiores vultos científicos.

Qual o povo, pode-se dizer, qual a família, que não tenha fatos significativos da comunicação dos mortos com os vivos?

São crendices, dizem os espíritos fortes, mas são crendices que dominam as massas populares e já passaram aos sábios do nosso tempo, e são crendices que vêm dos tempos pré-históricos, tomando sempre mais corpo e corpo mais sólido.

263 (Nota do Organizador) O mesmo que vacuidade, futilidade. (Fonte: Dicionário Priberam online)

264 (Nota do Organizador) O original traz aqui Giovanni Duppuoy, mas parece ter havido algum lapso com relação ao seu primeiro nome, visto que identificamos esse autor no 1º volume desta coleção - vide nota 29 à página 37.

Já no tempo de Moisés, esta ideia era corrente, tanto que o grande patriarca proibiu a evocação dos mortos.

Tácito, o exímio historiador romano, dedicou algumas páginas dos “Annaes” à descrição dos trabalhos, que se faziam em Roma no século de Augusto, por chamar-se à fala os Espíritos dos mortos²⁶⁵.

Na Bíblia, lê-se o fato de ter Saul, pouco antes da batalha em que perdeu a vida, procurado a profetisa de Endor e por meio dela conversado com o Espírito de Samuel, que lhe revelou o seu desastroso fim²⁶⁶.

Em nosso tempo próximo, em toda a Europa e em toda a América, têm-se aos milhares, nos livros e nos jornais, fatos de manifestação de Espíritos.

Os padres dizem, é certo, que tais manifestações são diabólicas; mas aí temos o caso de não se crer no que não se pode compreender - de se repelir a ideia nova, porque desloca as velhas.

Quando mesmo o diabo fosse coisa real, o que é impossível, porque isto atestaria imperfeição em Deus, casos há de comunicação, que não lhe podem de modo nenhum ser atribuídos.

A própria Doutrina Espírita, organizada pela revelação dos Espíritos, protesta contra sua origem diabólica.

Pode o diabo ensinar a moral de Jesus Cristo, moral firmada no amor e na caridade?

Pode o diabo ensinar os meios de livrar as pessoas perseguidas por Espíritos, que na opinião dos padres são demônios? Seria diabo contra diabo!

Acolhem-se à escapatória de fazer isto tudo o diabo para lançar as almas, ensinando-lhe o bem, para atrair-lhes a confiança;

265 (Nota do Organizador) Ao longo de seus “Anais” o grande historiador romano Caio Cornélio Tácito (56-97 d.C.) faz diversas menções a Oráculos. Só localizamos o texto completo dessa obra no endereço <https://www.thelatinlibrary.com/tacitus/tac.ann2.shtml>. Essa página traz o texto original de Tácito em latim, mas acionando-se o recurso de tradução para o português é possível acessar o seu conteúdo (apesar do resultado precário). No Tomo II, item 54, Tácito fala-nos por exemplo de Apolo Clário, que bebia antes de suas consultas a água de uma caverna de “natureza secreta”. Embora em seu estado normal Clário ignorasse as letras e poesia, estando em transe respondia aos seus consulentes geralmente em versos; antecipando-se também às suas questões antes que as verbalizassem, pela faculdade de leitura de pensamentos. No mesmo volume, pouco acima, no item 28, surge também a figura de Junius, que “evocava Espíritos”.

266 (Nota do Organizador) 1 Samuel, 28: 1-25.

não refletem que o Espiritismo combate o materialismo e o ateísmo; isto é, que o diabo, seu autor, já tendo seguros, segundo a Igreja, os materialistas e os ateus, ensina-lhes o caminho da salvação, o que seria imbecilidade, que, sem grave injustiça, a Igreja não pode atribuir ao anjo decaído, cujo saber e poder entestam com o do próprio Deus.

Atrair a si os que já são seus, ensinando-lhes a lei de Deus, é coisa que só lembra a quem se acha em desespero de causa - é edifício construído com paus podres.

Mas para que perder tempo com raras tentativas de esclarecer a quem não quer ver?

Deixemos os padres com suas crenças, obscurantistas e falemos aos que não fazem parte da grei, que já em outros tempos, e pelas mesmas razões da Igreja, chamou de diabolismo às práticas do Cristo.

O sacerdócio hebreu e o clero católico se valem, neste ponto; pertencem à mesma falange; fazem uso das mesmas armas, apesar desses e outros terem na história da marcha da religião a prova irrecusável de que esta é progressiva, na razão do progresso da humanidade.

Para os que não armam ao domínio das almas pela fé passiva, que impõem aos fiéis domínio das almas como meio de conquistar poder e grandezas terrestres; para os que procuram a verdade pela verdade, acreditamos que nestas poucas linhas temos dado matéria para refletirem sobre a luz, que ora se manifesta com mais evidência, da comunicação dos mortos com os vivos.

E, ainda uma vez diremos: o que duvidar faça experiências.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 13.06.1893: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/7840

Artigo CCXCIV - O PAIZ, 19.06.1893

A “Gênesis”, interpretada segundo a letra, está em muitos pontos em formal oposição com os fatos provados pela ciência.

Daí resulta: que os sábios, não podendo negar a evidência dos fatos que observamos, dão por falsa a versão genésica - e acabam por considerar que tais todos os princípios fundamentais da religião.

É esta a principal razão por que o sábio é geralmente incrédulo; porque existe uma certa antinomia²⁶⁷ entre ciência e religião, que aliás não são senão duas forças irmãs, que se convergem para o mesmo ponto.

A religião apura o moral do Espírito, a ciência apura o intelectual e é por este duplo meio que o ser racional desenvolve sua perfectibilidade até o mais elevado grau de perfeição, que é dado ao homem.

Fraquezas humanas, que não permitem os mais claros espíritos penetrarem até onde está oculta a verdade, tomando por tal verdadeiras miragens!

Um dos pontos da “Gênesis”, que tem levantado dúvidas científicas, é ter sido a Terra criada antes da luz, quando está demonstrado que esta preexistiu e o Espiritismo hoje confirma, dando a Terra como um dos planetas ultimamente criados do nosso Sistema, o qual só tem dois mais modernos que ela.

Existindo, pois, mundos e sistemas planetários de toda a Eternidade, compreende-se também que a luz existe desde toda a Eternidade - e circunscrevendo-se a questão ao nosso Sistema Solar, temos ainda que, existindo o Sol e outros planetas solares

267 (Nota do Organizador) Contradição entre proposições, princípios ou ideias. (Fonte: Dicionário Priberam online)

antes da Terra, necessariamente já existia, a luz, quando este foi criado.

E de fato sabe-se hoje pela revelação dos Espíritos que o Sol não é um globo ígneo, inabitável; mas um globo envolto numa atmosfera luminosa, cujos habitantes, os mais adiantados do nosso Sistema, recebem a luz daquela atmosfera, atenuada por uma cortina de matéria fluídica - e mediante disposições especiais de seus órgãos visuais, como as têm os habitantes dos planetas mais afastados, para verem perfeitamente, apesar da luz chegar-lhes extremamente fraca²⁶⁸.

Sendo assim, como conciliar a ciência com a religião, quando se acham tão discordantes?

São ainda as revelações espíritas que vêm esclarecer este ponto.

Os mundos formam-se pela condensação da matéria cósmica ou fluido universal, de que saem todos os seres da criação, o Espírito inclusive.

Formado o núcleo, percorre o espaço infinito, atraindo elementos da atmosfera de todos os astros por cujas órbitas passa; de modo que cada um contém em si substâncias tiradas de todos, como para que haja fraternidade entre os mundos, como deve haver entre seus habitantes.

O movimento pelas várias atmosferas produz o calor e exalações ígneas, de forma que a substância desses mundos em formação é incandescente, e eles são envoltos em uma atmosfera espessa e ígnea.

O calor desloca os elementos e faz que se deem entre eles reações químicas, uma das quais dá em resultado a formação da água, que se precipita sobre o globo, produzindo abaixamento da temperatura de sua crosta.

A depressão termométrica, porém, não é instantânea, de modo que, por muitos séculos a água não se pode fixar na superfície do globo, dando-se, por este tempo, um constante movimento de vai-vém: os vapores aquosos, formados na atmosfera, condensam-se e precipitam-se sobre o globo e a água, caindo sobre este, evapora-se e volta toda para a atmosfera.

268 (Nota do Organizador) Infelizmente não conseguimos identificar a fonte dessa informação sobre o Sol, trazida por Dr. Bezerra. Em "O Livro dos Espíritos", na nota de Kardec à questão de 188, tem-se que "o Sol não seria mundo habitado por seres corpóreos, mas simplesmente um lugar de reunião dos Espíritos superiores, os quais de lá irradiam seus pensamentos para os outros mundos".

À força, porém, deste fluxo e refluxo, a crosta do planeta vai esfriando até conter a água, que se evapora, mas não completamente, como vemos hoje, em grau infinitamente inferior, em nosso planeta.

Em seu giro infinito pelos espaço, o planeta, já formado, nas condições descritas, cessa de ser astro errante e é preso pelas leis de atração e repulsão de um sistema, ao qual fica pertencendo, tomando posição entre os antigos componentes deste sistema, com os quais se harmoniza de modo a não perturbar a sua, nem perturbar a manobra dos outros.

Foi por este modo que se constituiu a Terra em mundo do nosso Sistema Solar.

Fixada neste Sistema, era ela ainda incandescente, trazendo em sua atmosfera (em suspensão) infinito número de corpos, que pelo correr dos séculos e abaixamento gradual da sua temperatura e da sua atmosfera, foram-se precipitando sobre a superfície daquela.

Antes disto, porém, era espessíssima aquela atmosfera e os raios de luz do Sol não podiam penetrá-la.

Também não permitia ela a existência de nenhum ser vivente sobre a Terra, e portanto era desnecessária ali a luz.

Milhares de séculos levou a depuração daquele meio, até que pudessem os germens dos seres espalhados pelos espaços, como vemo-los aos milhões em uma gota d'água, fixarem-se e desenvolverem-se na superfície da Terra.

Como começou a vida aí, di-lo a Bíblia, e confirma-o a ciência: vieram primeiro os seres que podiam suportar uma atmosfera mais impura e até que, por obra do tempo e ação desses mesmos seres, ficou ela em condições de permitir a existência do mais elevado dos seres: o homem.

Neste ponto, devido à depuração da atmosfera, ficou esta em condições de deixar passar os raios da luz do Sol - e isto coincidiu com a incorporação dos primeiros Espíritos, na Terra, pelo modo já descrito em um dos nossos primeiros artigos.²⁶⁹

O "Gênesis" refere-se a este período - e como a luz chegou à Terra, quando esta já estava criada, eis a razão do seu dizer.

269 (Nota do Organizador) Vide o Artigo XVII, de 12.02.1888, à página 78 do 1º volume desta coleção.

Segundo a letra, o Livro Sagrado está em contradição com a ciência - segundo o Espírito, ele referiu-se, não à emanção da luz em absoluto, mas à sua passagem através da atmosfera da Terra.

Ela existia antes da Terra; mas esta só a recebeu depois de formada e em condições de receber os seres viventes.

E pois a gênese Espírita concilia perfeitamente a ciência com a Bíblia, trazendo a campo fatos que a ciência hodierna não pode mais apreciar, porque já se foram com os séculos e são no entanto integrantes do problema, porque formam funções da evolução do nosso planeta.

E é porque o Espiritismo científico se eleva sobre a cúria romana, falando à razão, quando ela encastela-se na fé passiva sem procurar a verdade das coisas, que o Espiritismo é para ela diabolismo!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
“Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 19.06.1893:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/7880

Artigo CCXCV - O PAIZ, 26.06.1893

“Como crer em Deus, se não o podemos ver, nem compreender?”

Duas ordens dos fenômenos precisam ser estudadas para se poder responder àquela interrogação, que serve de bandeira aos que só admitem o que compreendem: materialistas, que só admitem a matéria, porque é só o que lhes afeta os sentidos - positivistas, que estão no mesmo caso, porque só a matéria é suscetível (dizem) de ser apreciada por um método de observação experimental - céticos, que em nada creem, porque só apanham o relativo, que é variável; espíritos fúteis, que não se preocupam de coisas sérias, que procuram desculpas para sua lamentável indiferença.

As duas ordens dos fenômenos, a que nos referimos, são precisamente as condições em que se coloca nossa percepção em relação ao Universo cognoscível.

A primeira é a que se entende com o aparecimento dos diversos instrumentos da percepção do Espírito.

A segunda é a que se refere ao aperfeiçoamento daqueles instrumentos.

Num caso trata-se do número - no outro, do aperfeiçoamento dos instrumentos, pelos quais o Espírito amplia o círculo de seus conhecimentos.

Estudemos a primeira ordem.

O Espírito não foi sempre, nem será sempre, o que é. Dia a dia ele vai realizando, lenta ou aceleradamente, por obra de seu livre-arbítrio, sua elevação nas vias do progresso moral e intelectual.

Não foi sempre o que é; quer dizer, que já houve tempo em que não teve a serviço de sua perfeição os instrumentos de que hoje dispõe.

Em mundos mais atrasados, ele não dispôs, por exemplo, dos sentidos que hoje o põem em relação com o mundo material, nem da inteligência - da razão - da intuição, que o põem em relação com o mundo moral.

Suponhamos uma fase de sua evolução, em que ele ainda não possuía o sentido da vista - ou o da audição - ou o do olfato - ou o do paladar - ou o do tato.

Qualquer deles que lhes faltasse, que de enorme massa de conhecimentos ou percepções o privava!

Se lhe faltasse o sentido da visão, não existiria para ele o mundo visível - e assim relativamente aos outros sentidos.

Sendo assim, quando por seu progresso desabrochou em si aquele sentido que lhe faltava, um mundo novo e desconhecido lhe abriu as portas - e ele é obrigado a exclamar: eu não tinha o instrumento para conhecê-lo, mas ele existia!

Ele existia, tanto que lhe foi patente desde que lhe foi dado o sentido especial para apreciá-lo. Somente existia sem que pudesse ser conhecido, porque o Espírito não possuía o instrumento para conhecê-lo.

Assim, pois, o Espírito criado para as perfeições, pelo saber e pela virtude, encerra em si, no estado latente, todos os instrumentos para a grande evolução - e é pelo progresso que realiza, que vai pondo em ação, ora um - ora outro desses instrumentos, cuja aparição lhe abre novos horizontes.

Assim, partindo do zero dos elementos de percepção, nós que hoje nos ufanamos dos elementos que possuímos, podemos ter a certeza de que os temos conquistado um a um - e de que tempo houve, em nossa evolução, até aqui, em que fomos privados da maior parte deles e, portanto, do conhecimento dos objetos que só eles nos podem dar.

Não fomos sempre o que somos!

Sujeito, como tudo o que existe, à indefectível lei do progresso, o Espírito não será sempre o que é, intelectual e moralmente.

Do mesmo modo como do zero da percepção e da moralidade ele tirou do estado latente os sentidos e faculdades, que hoje possui, adquirindo por eles o que constitui sua ciência e sua moral: saber e virtudes limitados; assim, partindo do já avantajado grau de progresso em que se acha, ele arrancará ao mesmo esta-

do latente sentidos e faculdades que ainda hoje não possui e que lhe darão o conhecimento de muita coisa que excede atualmente sua percepção, e de muitas outras cuja existência nem suspeitar pode.

Se assim tem sido até aqui, por que não será daqui por diante, sendo o progresso infinito?

Já veem os que não creem em Deus, porque não o veem nem o podem compreender, que não colhe²⁷⁰ seu arrazoado, porque em cada grau da nossa evolução não vemos nem podemos compreender o que esteja fora do alcance dos instrumentos que possuímos.

Quando éramos privados da visão, tínhamos a mesma razão para não crermos nas cores e na luz; e entretanto elas existem!

O cego tem a mesma razão para não crer na existência do Sol; e entretanto o Sol existe!

Não compreendemos, pois, o ser que chamamos Deus, porque ainda não chegamos ao grau do desenvolvimento intelectual e moral, em que surge a faculdade de compreender o infinito.

Também não compreendemos o espaço e o tempo, sem princípio nem fim; mas entretanto ninguém duvida de que eles sejam!

Passemos à segunda ordem de fenômenos: o aperfeiçoamento dos instrumentos, que desabrocham em nós por obra do nosso progresso.

É intuitivo que os sentidos e faculdades, que surgem em nosso Espírito, não vêm já afiados para as altas operações a que são destinados.

Se assim fosse, todos os homens gozariam o mesmo grau de inteligência - e aí está a espécie humana, para protestar contra tal princípio, manifestando em todos os tempos uma variedade infinita de compreensão.

As faculdades perceptivas surgem em todos os Espíritos no mesmo estado: embotadas - em folha, como se diz dos instrumentos físicos quando saem da fábrica.

A liberdade que Deus deixou a cada um de fazer seu progresso como melhor lhe parecer, contando que não frustre a lei universal, explica aquela variedade, porque, enquanto um se esforça para cultivar as faculdades que lhe vêm embotadas, outro

270 (Nota do Organizador) “Não colhe” traz aqui o sentido de “não procede”, “não faz sentido”. (Fonte: Dicionário Priberam online)

despreza completamente seu cultivo e um terceiro nem despreza nem é diligente.

Vem daí o gênio e o boçal e a infinita escala intermediária.

Ora, estudando-se a humanidade terrestre, o que se colhe quanto aos fenômenos da segunda ordem?

Colhe-se: que o gênio devassa, até compreender e fazer compreender, os mistérios do ignoto, que o boçal é incapaz de pensar que existem.

Logo, o aperfeiçoamento de nossas faculdades perceptivas nos dá saber, que não podem ter os que desprezam seu cultivo.

E resulta desta ordem de fenômenos: que maior desenvolvimento de nossas faculdades, pelo seu apurado cultivo, dar-nos-á, mesmo antes que obtenhamos novas, alto saber, que a humanidade atual ainda não possui.

Ainda sob este ponto de vista, o homem (Espírito) não foi sempre o que é, nem será sempre.

Do exposto, que é o que ensina a Doutrina Espírita e nos confirma a observação e a experiência científica de seus enunciados, resulta: que cada ordem de fenômenos da criação requer faculdades especiais para ser compreendida - e que cada uma dessas faculdades dá mais ou menos luz, para compreendê-las, segundo é mais ou menos cultivada.

O homem atual já tem mais faculdades do que teve - e terá mais do que tem.

O homem atual, mesmo com as que tem, pode, por seu cultivo, tomar conhecimento de uma infinidade de fenômenos e de leis, até agora ignorados.

Se o que está dentro do círculo de nossa capacidade, apenas é conhecido em mínima e insignificante proporção; quanto mais o que está fora deste círculo - dependente do mais elevado grau de aperfeiçoamento do Espírito, como é Deus?!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 26.06.1893:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/7926

Artigo CCXCVI - O PAIZ, 03.07.1893

Dentro de nós, se assim podemos dizer, Deus pôs a luz que dá para conhecermos o que somos, de onde viemos e para onde vamos: outros pontos cardeais para a orientação que precisamos no percurso desta vida temporária.

Deu-nos a razão para compreendermos e deu-nos fenômenos luminosos para nos esclarecermos.

O da memória revela-nos, de um modo irrecusável, a existência da alma: um princípio inteiramente diferente do corpo, até o ponto de lhe ser oposto.

Basta estudá-lo à luz de nossa razão.

Se o homem fosse somente o que fere nossos sentidos, o corpo material, a memória seria impossível.

Com efeito; é princípio corrente, axiomático, para a ciência: o constante movimento de decomposição e recomposição dos nossos órgãos, com exceção de um, isto é, a eliminação das moléculas que já fizeram sua função, e a sua substituição por moléculas novas, que vêm dar ao organismo a força necessária à sua vitalidade.

Assim, pois, de tempos em tempos, o corpo humano é completamente constituído por matéria nova, o que quer dizer: de tempos em tempos o corpo humano é completamente outro do que era antes.

Sobre este ponto, está o concurso unânime dos sábios quer da escola naturalista, quer da espiritualista e principalmente da positivista.

É fato de observação e de experiência!

Mas se o homem é puro corpo (matéria) - e se a matéria de seu corpo não é a mesma durante a vida mudando toda, e por

consequente o ser que ela constitui de tempos em tempos, como guardar a memória de fatos que o impressionaram ontem, se ele hoje é um ser completamente diferente, se ele hoje é, materialmente, outro homem?

O centro - o órgão que secreta o pensamento e guarda a lembrança dos fatos de nossa vida não faz exceção à regra, não está fora da lei da substituição orgânica; portanto, particularizando a questão, temos: que o cérebro - o órgão da memória - o reservatório dos fatos passados, que guarda as suas impressões para reproduzi-las espontânea ou voluntariamente, deixa de ser hoje o que foi ontem - deixará de ser amanhã o que hoje era²⁷¹.

À vista do exposto, perguntamos: se substituirmos uma folha de papel em que lançamos os nossos apontamentos por outra em branco, podemos encontrar nesta os assentamentos lançados naquela?

A hipótese de ser o homem exclusivamente corpo material cai, pois, chatamente²⁷² diante da observação e da experiência científica, das quais resulta que o fenômeno da memória só se pode explicar pela existência no homem de um princípio imutável, que o acompanha do berço ao túmulo; porque só nesta hipótese pode dar-se o fato de lembrar-se o velho dos fatos de sua infância.

Este princípio imutável, no turbilhão de mudanças do princípio material, é o que se chama - alma - Espírito.

O homem, pois, atesta-o o fenômeno da memória, é um ser composto de dois princípios distintos, um que é variável no correr da vida, outro que é invariável pelo menos na duração desta.

O homem, pois, é um conjunto de corpo e alma.

Eis como a memória demonstra a existência da alma!

271 (Nota do Organizador) Ao longo do século XX a renovação das células cerebrais ainda foi objeto de controvérsia - especialmente as do Córtex cerebral - mas estudos bem recentes tendem a finalmente confirmar a assertiva de Dr. Bezerra, acima - vide <https://www.scientificamerican.com/article/the-adult-brain-does-grow-new-neurons-after-all-study-says/>, o que talvez seja um passo definitivo para a descoberta do Espírito, por parte da ciência oficial. (É possível acionar a tradução para o português).

272 (Nota do Organizador) Nos dicionários só encontramos a palavra “chatamente” relacionada a algo como “de modo entendiente” e expressões semelhantes. Entendemos, porém, o seu sentido aqui de forma um pouco distinta, no sentido de “por completo”, “por inteiro”, como uma superfície plana que cai por inteiro e simultaneamente no solo, sem que uma de suas partes toque o chão antes que outra.

A alma sustenta constantemente renhida luta, a propósito de tudo que a afasta, de tudo a que resolve.

É óbvio que não há luta sem combatentes, ainda que sejam somente dois; mas a alma é uma, e portanto com quem luta? Quando, por aquele princípio, Xavier de Maistre²⁷³ imaginou a existência no homem da alma e da besta, atribui à primeira nossa disposição para o bem, e à segunda a disposição para o mal.

Assim, teríamos as condições para a luta que não cessa dentro de nós mesmos; mas a opinião do grande pensador não fez prosélitos.

São os motivos, disse Malebranche²⁷⁴, que arrastam a alma em sentido contrário; de onde a luta do princípio único com esses motivos.

Compreende-se que a explicação de Malebranche é mais racional que a de Maistre, porém ainda assim não compreende todos os fatos, o que prova que não tem o caráter da lei.

Suponhamos um homem que tem a disposição nativa para o egoísmo e que reconhece ser aquela disposição um grave defeito, que resolve arrancar de sua alma.

Aqui, a alma já resolveu, já está fora da influência dos motivos; e entretanto, que luta para extirpar o feio vício!

Evidentemente este caso não está compreendido na teoria de Malebranche e evidentemente é mais explicável pela de Maistre, pela luta da alma com a besta.

Como tudo o que engendra o Espírito humano, por mais absurdo que seja, sempre tem uns laivos de verdade, encontram-se estes nas doutrinas que temos em substância exposto.

Imagine-se que é real o princípio espírita das reencarnações; de onde já ter vivido, na Terra, o homem que é hoje.

Neste caso, como largamente explana a Doutrina Espírita, o homem de hoje veio à vida com o compromisso de lavar-se de suas faltas passadas - e tem, pode-se dizer, duas naturezas: a antiga, que foi viciosa, e a nova que é reparadora.

273 (Nota do Organizador) Xavier de Maistre (1763 - 1852) - escritor francês, conhecido por suas obras "Viagem ao redor do meu quarto" e sua continuação, "Expedição noturna ao redor do meu quarto". De Maistre teve carreira militar e, em 1792, passou a lutar ao lado dos russos, tendo alcançado a patente de general no exército russo. (Fonte: Wikipédia)

274 (Nota do Organizador) Nicolas Malebranche, já citado, vide nota 214, à página 265, acima.

A alma, para ser completamente livre e ter merecimento, perde completamente a memória do que foi e a consciência do que veio fazer; age como um ser completamente novo.

Sua natureza velha foi egoística. Sua missão ou natureza nova é lavar-se da velha mácula.

Quer cumprir - resolve cumprir - a missão que trouxe, mas a natureza velha, o hábito do egoísmo lhe põem embargos, e arrasta-a para o caminho conhecido e trilhado por longo tempo.

Chame-se à natureza velha a besta - chamem-se as duas motivos opostos; e aí teremos a doutrina de Maistre e a de Malebranche.

A Doutrina Espírita, porém, explica o fato de modo que esta explicação pode estender-se à universalidade dos fatos da mesma ordem, e por conseguinte, explica-o por uma lei²⁷⁵.

Mas esta lei tem por base a reencarnação ou vidas múltiplas; logo, só os preconceitos ao espírito de sistema podem recusar tão completa e satisfatória explicação.

E aí temos como as constantes lutas íntimas de nossas almas dão a prova cabal da lei das reencarnações, pelo mesmo modo como o fenômeno psíquico da memória dá a prova cabal da existência da alma.

É, pois, verdade que dentro de nós, Deus pôs a luz para conhecermos o que somos, donde viemos e para onde vamos; os três pontos cardeais para a orientação que precisamos, no percurso desta vida temporária.

Confessem os descrentes intransigentes que, se o Espiritismo faz loucos, os seus loucos raciocinam!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 03.07.1893: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/7969

275 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra antecipa aqui, de certa forma, toda a discussão sobre consciente e inconsciente, que florescerá amplamente ao longo do século XX, a partir dos estudos de Freud. A propósito, vale lembrar o Cap. 3 do volume "No Mundo Maior", de André Luiz, psicografia de Chico - sempre ele - Xavier, intitulado "A Casa Mental", profundamente esclarecedor sobre o tema.

Artigo CCXCVII - O PAIZ, 10.07.1893

Não conhecemos nada mais inane²⁷⁶ e mais estólido do que a crença na extinção do ser humano pela morte.

De que serve o saber, que eleva o homem acima de todos os seres da criação universal?

A ciência é, pois, um simples divertimento para o curto lapso de tempo da vida - não produz bem algum imperecível!

De que serve a virtude, que faz respeitados dos próprios homens que a renegam, aquele que a possui?

A moral é, pois, um simples constrangimento - não dá valor real ao que a cultiva!

Empenha-se o homem em fatigante luta pelo saber e pela virtude; para quê? para resplandecer, por um momento, como um meteoro ígneo - e, depois, cair no nada, como a chispa elétrica cai no meio da natureza.

Queremos falar à razão e à consciência dos homens livres da obsessão - da loucura do espírito de sistema, para lhes perguntar: pode ser assim, pode a grandeza, pode a luz, pode tudo aqui arrebatado o ser humano, ser apenas uma miragem, um castelo de nuvens, que se desfazem mal fechamos os olhos?

Se assim é, se assim fosse nada mais falso, nada mais mentiroso do que a natureza; porque nossa natureza repele, com toda a sua razão, com toda a sua consciência, com todos os seus instintos e suas forças naturais, semelhante monstro!

Monstro, sim; porque é monstro tudo o que constitui uma aberração da natureza, e só a dos que se aprazem em acompa-

276 (Nota do Organizador) Sem conteúdo, oco, vazio, sem efeito, sem validade, inútil. (Fonte: Dicionário Priberam online)

nhar os voos de sua imaginação doentia pode aceitar aquela insensata crença!

E pois a razão, a consciência, o simples senso comum e a natureza humana clamam e clamarão sempre contra o materialismo, que reduz o homem às condições de um meteoro, sem lembrar-se de que há nele uma luz, e que a luz é eterna e imutável, e contra o Positivismo, que tem por lema a dúvida; mas uma dúvida caprichosa, que o arrasta fatalmente para o materialismo, e o afasta radicalmente do espiritualismo.

Se estas escolas assentassem, em cheio, numa base verdadeira, seu proselitismo seria espantoso, dominaria o mundo, porque nada mais cômodo, e precioso mesmo, do que ser livre de satisfazer gostos e paixões, sem responsabilidade.

Entretanto, apesar de lhes serem favoráveis as disposições morais de nosso século, deste século da plutocracia²⁷⁷, o que tem elas conquistado sobre a crença da humanidade?

Contam-se pelos dedos das mãos os seus sectários! E no entanto, suas ideias já não são impúberes²⁷⁸ - têm sua primitiva origem nos velhos sensualistas - e mais bem encaminhadas foram, no século passado, pelos dois ilustres filósofos, que se chamaram Locke²⁷⁹ e Condillac²⁸⁰!

É que só domina o mundo, só conquista a crença geral da humanidade a ideia representativa da pura verdade.

Vêde a carreira que fez a ideia de imortalidade da alma, ensinada por Sócrates.

Vêde a que fez a Doutrina do Filho do carpinteiro da Galileia.

Vêde a do sábio astrônomo Galileu.

Vêde, para não fazer deste escrito uma enciclopédia, a que tem feito o Espiritismo, que não tem mais de meio século de propaganda - e já atingiu as altas cumiadas de todas as sociedades da Europa e da América.

277 (Nota do Organizador) Poder da riqueza e do dinheiro; dominação dos homens ricos no governo ou na sociedade. (Fonte: Dicionário Priberam online)

278 (Nota do Organizador) Que ou quem ainda não chegou à puberdade. Dr. Bezerra se serve da expressão em sentido figurado, lembrando a antiguidade histórica das ideias materialistas. (Fonte: Dicionário Priberam online)

279 (Nota do Organizador) John Locke (1632-1704), já citado - vide nota 103 à página 140, acima.

280 (Nota do Organizador) Étienne Bonnot, abade de Condillac (1714 - 1780), também já citado - vide nota 104 à página 140, acima.

Se o materialismo e o Positivismo tivessem a força e o poder da verdade, teriam feito igual carreira. Logo...

É que o homem, por ser racional e consciente, por encerrar em si o gérmen da verdade e da luz, embora se deixe deslumbrar pelo brilho de uma ideia falsa como a da liberdade, sem responsabilidade, que resulta do nada depois da morte; desde que reflete um pouco, reconhece-lhe o absurdo - e prefere o que não tem poder de destruir: a lei da liberdade com responsabilidade, que implica a continuação do ser humano depois da morte.

Dir-se-á: se o mundo só se deixa dominar pela verdade, as falsas religiões deveriam ter desaparecido, e, pela mesma razão, o materialismo e o Positivismo.

Não há religião totalmente falsa; basta elas estarem assentes na crença da existência de Deus, e sobre a da imortalidade do ser humano.

Estas supremas verdades, que todas encerram, são o sal que as preserva da corrupção, embora, na concorrência com a verdadeira, não as prive de decaírem, como diante da luz do Sol desaparece a da Lua e das estrelas.

Elas servem ao grande plano do progresso humano, e por isto se mantêm; mas não avançam, não fazem proselitismo, porque aos homens já foi dada luz mais intensa, que, esta sim, dominará toda a Terra.

Pela mesma razão o materialismo, compreendendo-se nesta dominação o Positivismo, não desaparece, porque também serve ao alto plano, assentando suas pesquisas sobre a parte material da criação.

As religiões falsas concorrem para o progresso moral da humanidade; o materialismo concorre para o científico.

Tudo no Universo tem razão de ser. O materialismo e o Positivismo conservam-se, porque afirmam uma verdade, a existência do mundo material, cujas leis perscrutam; mas não fazem carreira, porque sua afirmação é absoluta - implica a negação da existência e das leis do mundo espiritual.

Também o espiritualismo limitar-se-ia a pequeno ou pequenos grupos, se afirmasse a existência do mundo espiritual e negasse a do material.

Sua força expansiva está na sua compreensão vasta, de abranger tanto o material como o imaterial, segundo a linguagem em uso.

Desta força dispõe o Espiritismo, em maior extensão do que nenhuma outra filosofia; porque sob sua bandeira podem congregar-se e agir livremente materialistas e espiritualistas - e todas as seitas deste último ramo.

O Espiritismo proclama o progresso indefinido do ser humano, pelo saber e pela virtude.

Acolhe, pois, os trabalhos e respeita as opiniões dos que dão impulso à ciência, embora tenham ideias falsas sobre a moral - e dos que dão impulso à moral, embora tenham falsas opiniões sobre a ciência.

O Espiritismo ensina a uns e a outros o que é conforme com a razão - com a consciência - e com a natureza dos instintos humanos; mas sujeita seus postulados ao estudo e à observação, pedindo a cada um que os julgue por si - e resolva como entender melhor.

Nem o — crê ou morres — nem a fé passiva!

Seus instrumentos são: a razão, a observação e a experiência. Afirmo o que lhe é dado por estes instrumentos!

Combate aos que, sem estudo ou com superficial estudo, se arriscam a usar suas afirmações. Reconhece, porém, o direito de fazê-lo, àqueles que, de boa-fé, lh'as contestam, depois do necessário estudo e da conveniente observação experimental!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 10.07.1893: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/8014

Artigo CCXCVIII - O PAIZ, 17.07.1893

Era pobre, cego, coxo e só no mundo!

Vivia da caridade pública - dos restos da mesa dos ricos - de parceria com os cães, seus companheiros de dormir ao relento.

Não tinha de seu senão o corpo e a alma e uns desejos tão vagos como a esperança de realizá-los.

De longes terras - lá da extrema oriental do mundo, chegou-lhe um dia surpreendente nova.

Um desconhecido, talvez um parente, com certeza um anjo, deixou-lhe em herança colossal fortuna!

Seus vagos desejos, sua mal definida esperança revestem formas risonhas em sua alma, a cujos olhos se oferecem quadros arrebatadores de delicioso viver.

Não era somente a riqueza com todos os gozos e grandezas que dá, o que lhe enchia o peito de inexprimíveis alegrias; ele sabia que naquelas terras havia uns homens que davam vista aos cegos e consertavam os aleijões.

De repente, uma completa transformação!

Lá vai, pois, caminho do novo paraíso, do verdadeiro paraíso terrestre, o pobre, cego, coxo e só no mundo.

Grande, quase infinita, era a distância a percorrer para entrar no gozo da fabulosa herança!

E ele, sem recursos para vencê-la, sem olhos para ver onde pisava, sem pernas para transpor o espaço!

Tinha, porém, um guia e um bordão: era a vontade firme, inabalável, indefectível, de sair do estado miserável em que se achava e de conquistar aquele viver auspicioso, que olhava lá ao longe.

Guiado por esta força e só nela firmado, não recuou diante da quase infinita distância, que precisava vencer, nem diante do arrojado cometimento de empreender vencê-la sem recursos para tal.

Partiu, e, coxeando, foi-se aproximando, dia-a-dia, do ponto que lhe absorveria todas as potências da alma.

Muitos que encontrava, desanimavam-no; quase desfalecia; encontrava, porém, outros que o animavam; prosseguia.

Às vezes errava o caminho; enveredava-se por desvios, perdia precioso tempo; mas, reconhecido o erro, voltava ao ponto, onde se desencaminhara, e tomava a estrada.

Que luta! Que torturas! Que impossível!

A alma, porém, bebia forças na perspectiva dos deslumbrantes quadros do novo viver!

E sempre para diante - e sempre para diante, até que as areias do Saara, revolvidas em ondas pelo Simum²⁸¹, lhe ficaram pelas costas, até que as risonhas campinas do Hindustão²⁸² se estenderam a seus pés, como tapetes de flores, até que as auras perfumadas do berço da humanidade lhe trouxeram os sons encantadores das aves do paraíso.

Era ali, era ali que estava o termo da longa e dolorosa peregrinação!

Era ali, era ali que se achava o velocino²⁸³, pelo qual, novo argonauta²⁸⁴, afrontara mil perigos e vencera os mais formidáveis obstáculos!

Quem hoje o vê, moço, belo e elegante, cercado de grandezas e respeitado pelos homens, por nada no mundo acreditará que ali está o pobre, cego, coxo e só no mundo!

281 (Nota do Organizador) Vento abrasador que em África sopra do sul para o norte. (Fonte: Dicionário Priberam online)

282 (Nota do Organizador) O subcontinente indiano, ou Hindustão, como é historicamente conhecida, é a região peninsular do Sul da Ásia onde se situam os países da Índia, Paquistão, Bangladesh, Nepal e Butão. Por razões culturais e tectônicas, a ilha do Sri Lanka e as Maldivas podem também considerar-se como pertencentes a esse Subcontinente. (Fonte: Wikipedia)

283 (Nota do Organizador) Mitologia grega. Carneiro mitológico, de pelo (velo) ou lã de ouro. (Fontes: Wikipedia e Dicionário Priberam online)

284 (Nota do Organizador) Tripulante lendário da nau Argo, que, segundo a lenda, foi para Cólquida em busca do Velo de Ouro. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Ele, porém, não se esquece do que foi pelo que é, porque, na longa peregrinação, que foi o meio de sua transformação, encontrou o crisol em que sua alma depurou-se dos vícios e prejuízos que a inquinavam.

No palácio do opulento foram conservados os andrajos do mendigo, para que lhe falassem sempre do passado, nestas sábias palavras do ritual: *memento homo...*²⁸⁵

Ele, pois, que podia fazer o bem a mancheias, tomava aqueles andrajos, quando saía a fazê-lo, repetindo em seu coração o alevantado conceito da fundadora de Cartago, quando recebeu aquele que deu origem à Roma: *Non ignara malis, miseris succurrere disco*; só quem tem sofrido pode bem avaliar as dores dos que sofrem.

E fez de suas riquezas o bálsamo para todas as dores, o pão para todas as fomes, a água para todas as sedes.

E usou de sua vista para descobrir a pobreza envergonhada, de quem fez-se a providência.

E das pernas que lhe deram os faquires, serviu-se para andar em procura dos que se perdiam no caminho.

E quanto mais trabalhava na obra da caridade mais ardente desejo sentia de trabalhar, e mais se lhe multiplicava a fortuna, se lhe aumentava a vista e se lhe aligeiravam as pernas.

Vivia n'um constante trabalhar, e quanto mais se lhe dedicava mais se lhe aumentavam as forças, e mais inefáveis lhe pareciam as doçuras do trabalho.

Semeava o bem e colhia-lhe os frutos!

Este apólogo exprime a evolução dos Espíritos.

O que deixa a estrada real do progresso, que é o aperfeiçoamento intelectual e moral, é o pobre, cego, coxo e só mundo.

A herança que o arranca à ignomínia pela sedução, é a que o pai tem talhada para todos os filhos e que vai entregando aos que, em luta com as próprias paixões, transformam-se, regeneram-se com o auxílio dos faquires: espíritos superiores, que já conquistaram a palma do triunfo, e que, de motu próprio²⁸⁶ e por missão celeste, dão a mão aos que lhes procuram seguir os passos, com boa vontade.

285 (Nota do Organizador) Referência à célebre passagem bíblica: "lembra-te, homem, de que és pó e em pó te hás de tornar". (Gn 3, 19).

286 (Nota do Organizador) Por seu próprio impulso. (Fonte: Dicionário Priberam online)

A caminhada, quase infinita, em que o peregrino encontra todos os obstáculos e perigos e aflições, é a que temos de fazer, por vidas sucessivas, desde o Saara, que representa o nosso estado de atraso, até o Hindustão moral, representando a regeneração do Espírito e sua investidura de bem-aventurado.

Chegado aí, a este alto grau na escala do progresso humano, o pobre, o cego e coxo continua a trabalhar em seu aperfeiçoamento, que é infinito; mas seu trabalho, d'ora em diante, não é mais por entre espinhos e lágrimas, e sim, por entre flores e risos de alegria.

Ele se ocupa, gostoso, em pagar o bem que recebeu, fazendo a seus irmãos, que ainda se debatem contra as misérias humanas, o mesmo que lhe fizeram seus irmãos, que se achavam na posição que hoje ocupa.

Os andrajos que o peregrino guarda é a lembrança que os altos Espíritos guardam de sua peregrinação, por onde avaliam as dores de seus irmãos.

Conclusão: a humanidade constitui uma cadeia, cujos elos se ligam e se auxiliam mutuamente.

Deus permite que seus filhos desgarrados descubram o caminho, mediante o trabalho e o sofrimento, que dão vigor e limpeza ao Espírito.

Max,
(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
"Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 17.07.1893:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/8058

Artigo CCXCIX - O PAIZ, 24.07.1893

Expição!

O mundo olha para tantos e tantos fatos, com a indiferença com que olha para os campos, cobertos de relva - para as montanhas, ensombradas de árvores - para os rios, em seu eteno rolar de águas - para o mar, com seus misteriosos abismos.

O hábito mata a sensação e - tira-lhe a curiosidade de penetrar o escrínio, que guarda, para ele, as mais sublimes leis, cujo conhecimento será a ciência da criação.

O mundo vê: criaturas humanas nascerem cegas - mudas - surdas - aleijadas - idiotas; e, porque muitos se veem destes fatos, não procura conhecer-lhe a lei determinativa.

Vê uma criança, antes mesmo de ter consciência do seu livre-arbítrio, manifestar fulgores intelectuais e morais, que se podem dizer: congênitos; ao passo que outras manifestam opostas disposições - e, ainda pela mesma razão, deixará de inquirir qual a causa de tão profunda antítese, no seio da natureza humana.

Vê, finalmente, para não irmos ao infinito, o justo sofrer torturas físicas e morais, como um excomungado das alegrias e das felicidades da Terra, ao passo que o mau, o perverso, desfruta, em meio das grandezas e das honras mundanas, o que se chama: a felicidade da vida - e, sempre, por aquela razão, deixa passar, como coisa sem valor, esse fato, que encerra em si a chave de ouro daquele escrínio.

Os sábios - os pretendidos sábios, que se julgam grandes, porque conhecem meia dúzia de verdades, que só lhes servem para afastá-los da verdade absoluta;

Os sábios, que deviam saber: que nada se apura no Universo sem razão de ser - sem causa suficiente - sem obedecer a leis

eternas e imutáveis; ou participam do mal geral, nenhuma atenção prestando àqueles fatos - ou aplicam-lhes atenção, e porque eles nada dizem a seus sentidos e aparelhos de apreciar a matéria, atiram-nos fora, como o cego atira o cascalho que encobre um brilhante, ou, dominados por ideias obsoletas, geradas no seio da humanidade, em sua infância, satisfazem-se com explicações, que chamam ortodoxas e que no fundo são aríetes com que a razão humana, já em sua idade adulta, destrói os fundamentos da justiça e da misericórdia de um Deus, que tornam impossível.

Não cruzaremos o ferro com o ferro dos que se atiraram à negação, por obra destes que se dizem depositários da verdade eterna, que tão pouco conhecem.

Não discutiremos, hoje, com aqueles infelizes que, por não verem o Sol no Oriente, foram procurá-lo no Ocidente, desertores da religião da Igreja para a religião do nada.

Se com alguns nos batemos aqui, será com os que se atravessarem em nosso caminho - será com os que ensinam a vida eterna da alma, mas negam a expiação, que, em última expressão, significa: preexistência corpórea - vidas múltiplas da alma.

Explicam estes aquelas três ordens de fatos como méritos e deméritos que fazemos, nesta vida única, para subirmos ao Céu diretamente ou com escala pelo Purgatório - e para descermos ao Inferno de penas eternas, mais depressa do que se chega ao céu.

Não nos embrenhamos em discussão por mostrar: que, mesmo em tese, isto é um monstro - é uma blasfêmia. Digamos somente o que encerram, contra tal modo de ver, os fatos que escolhemos e apontamos.

Como explicar, pela vida única, o nascimento de criaturas cegas - surdas - mudas - aleijadas - idiotas, com o estigma, enfim, de uma condenação?

São os privilegiados que não gozam os prazeres do mundo, para terem os do Céu? Então Deus tem preferências - não distribui seu amor igualmente por seus filhos, dando a uns a chave do Céu - e deixando que os outros a descubram por entre as trevas que os envolvem na Terra!

Nós, os espíritas, os possesores do demônio, diremos - expiação! E temos explicado o fato a bel-prazer da razão e da consciência - em perfeita harmonia com a justiça indefectível e com a misericórdia e o amor do Pai, que não tem preferência nem exclusões - que dá a cada filho, segundo suas obras.

Este cego, ou mudo, ou surdo, cometeu em passadas existências grandes faltas, dessas que segundo a Igreja levam diretamente ao Inferno; mas o Pai, que não quer a perda de nenhum de seus filhos, nem mesmo do ímpio, como disse por Ezequiel²⁸⁷, em vez de condená-lo sem remissão, como seria o gosto da Igreja, dá-lhe nova - e novas existências - dá-lhe o tempo na Eternidade, para remir aquelas culpas - e dá-lhe, em cada vida a moeda com que resgata sua dívida: o sofrimento.

O sofrimento, pois, nesta vida terrena, é o meio de expiação - é a moeda que o Pai nos oferece para resgatarmos nossa dívida - é a escada de subirmos aos mundos da felicidade, se o recebermos com resignação.

É claro que, sendo a pena proporcional ao crime, uns sofrerão mais do que outros, por terem feito maior mal; daí, sofrerem estes mais do que aqueles - e sofrendo menos, de certo tempo em diante se se têm levado com resignação as dores que se têm tido, pela simples razão de já ter-se aliado de uma parte da carga que se trouxe.

E a expiação de cada um tem sempre uma relação, mais ou menos apreciável à nossa razão, com as faltas dos que as sofrem.

Assim, o mudo fez o mal pela palavra (é hipótese) - foi um homem de grande eloquência, que arrastou muitas pessoas à perdição, pregando ideias perniciosas ao alto fim da humanidade, que é: chegar até a casa do Pai pelo saber e pela virtude.

Assim, o juiz venal, que condenou o inocente a ser rodado na praça pública, virá pagar esta dívida, para com Deus e para com seu semelhante, na mesma espécie: sendo também, inocente, rodado na praça pública²⁸⁸.

E este justo que sofre os horrores de uma sorte adversa?

É um Espírito, que foi perverso - e que felizmente aceitou a expiação de suas culpas, até fazer-se justo; ao contrário do mau, que frui as grandezas da Terra, que, usando do seu livre-arbítrio, repeliu a expiação, que veio fazer, sobrecarregando-se de mais

287 (Nota do Organizador) Ez. 33:11, já referido.

288 (Nota do Organizador) A roda de despedaçamento, conhecida também como a roda de Santa Catarina ou apenas a roda, era um instrumento de tortura utilizado para executar penas capitais desde a Antiguidade Clássica até o início da modernidade, principalmente em execuções públicas nas quais o condenado era preso à roda e tinha os seus ossos quebrados com maças e martelos até a morte. (Fonte: Wikipedia)

culpas, que lhe exigirão maiores sofrimentos em posteriores encarnações.

Esta matéria pede um livro - e nós dispomos apenas de quatro tiras de papel!

A expiação ou antes a preexistência explica satisfatoriamente a índole boa ou má - as disposições vantajosas ou desvantajosas, pelo lado intelectual, com que nascem as crianças; como explica a morte destas - dos recém-nascidos - e dos fetos.

As expiações são individuais ou coletivas, segundo o mal que foi praticado isoladamente ou em concomitância.

Neste caso, os co-réus se reúnem, na nova existência, para fazerem, juntos, a expiação, como fizeram o mal.

É a razão de vermos uma família perseguida da sorte em todos os seus membros - e é a razão por que vemos um povo inteiro sofrer os rigores da adversidade, como o judeu - como o polaco - como tantos outros.

Ouvimos de Oseias²⁸⁹: que o povo hebreu sofreu as torturas do cativo do Egito, sendo levado a azorrague, a trabalhar na elevação dos famosos monumentos dos Faraós, por expiação; porque era composto dos mesmos Espíritos que voluntariamente - por orgulho - e para afrontar o poder de Deus, empreenderam levantar a grande torre, que chamou-se de Babel - e que deveria subir até o céu. Foi a expiação coletiva de um povo.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 24.07.1893: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/8104

289 (Nota do Organizador) Outra referência a alguma mensagem mediúnica, desta vez de Oseas, outro dos profetas bíblicos, provavelmente recebida no grupo Ismael. Infelizmente não conseguimos localizar a sua fonte exata.

Artigo CCC - O PAIZ - 31.07.1893

De Ouro Preto nos escreve um ilustrado cidadão:

“... Assim, pois, tomo a liberdade de vos enviar a inclusa notícia que encontrei em “O Paiz”, de 7 do corrente (junho)²⁹⁰, que talvez vos tenha passado despercebida - e que, a meu ver, é de muito alcance, por vós mais uma vez, demonstrar: como vão caindo no ridículo as criações da Igreja - e bem assim demonstrar o alto alcance das vossas previsões sobre a próxima ruína do sacerdócio romano, como aconteceu com o hebreu.”

A notícia a que se refere o autor da carta é a seguinte:

“Isto parece-se com uma deposição de santos. Durante a seca dos meses de março e abril últimos, algumas populações italianas fizeram numerosas procissões em honra de todos os santos do calendário, mas nenhum deles as atendeu.

“Em Berra, entre outras cidades, os habitantes fizeram oito procissões em honra de oito santos diferentes, que foram religiosamente, mas inutilmente passeados por todas as ruas da cidade...

“Vendo a ineficácia de todas estas demonstrações religiosas, um grupo de cidadãos teve a ideia de organizar uma procissão com a evocação de um personagem popular. Com este fim, foram buscar uma estátua de Garibaldi, com que percorreram todas as ruas.

290 (Nota do Organizador) Mais uma vez temos de agradecer aos bons préstimos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, que nos permitiu localizar em seus arquivos o notícia referida - vide no endereço http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/7801, sob o título de “O CAAMA”, do R. Xavier de Brito (rodapé da terceira coluna, da direita para a esquerda).

“À noite, a chuva caía em abundância, com espanto e alegria dos habitantes.

“Este fato causou uma verdadeira revolução no país. Fizeram-se manifestações - e a população criticou o cura e os seus santos.”

Há a considerar neste fato: o fenômeno natural e os meios empregados para provocá-lo, e o efeito moral produzido por sua realização.

A seca é sempre consequência de causas naturais, como é tudo no Universo, sem lugar para milagres, que só existem na mente dos ignorantes.

Deus não seria o Onisciente se precisasse retocar sua obra, suspendendo as leis eternas e imutáveis, que ob eterno pois, para todo o sempre, não seria Deus.

Milagre, pois, é um fenômeno perfeitamente natural, cuja lei não é conhecida.

É por isto que vemos o selvagem considerar milagre o tiro de canhão ou de espingarda - e o campônio julgar muita coisa, que o homem de ciência tem por cediça²⁹¹.

Os povos que recorreram aos santos fizeram-no na fé do ensino da Igreja, que lhes atribui o poder de fazerem milagres - e porque não alcançaram o que pediram, passaram da fé à incredulidade, recorrendo a um simples mortal e apupando a Igreja na pessoa do cura e dos santos; visto ter aquele simples mortal feito o milagre.

Tinha de chover naquele dia, por se darem nele, muito naturalmente, as condições que haviam faltado, por causas também naturais, para a produção do fenômeno.

Se os povos continuassem a pedir aos santos, caberia a estes a glória do milagre. Desde que recorreram a Garibaldi, foi este que colheu os louros, com tanto merecimento como qualquer Espírito que não foi invocado.

O povo, porém, não sabe filosofar e, pois, concluiu com o mais perfeito rigor lógico, para ele: se pedi aos santos e eles não me deram o que me deu Garibaldi, é que este vale mais do que eles.

É assim que a Igreja tem plantado a descrença - e, pela descrença, o materialismo.

291 (Nota do Organizador) Muito velho; sabido de todos (ex.: história cediça). (Fonte: Dicionário Priberam online)

Impõe à fé preceitos irracionais, que só podem calar no ânimo de fanáticos e não colhe senão isto mesmo: fanatismo ou descrença!

Se o povo filosofasse, não havia perigo para a religião, porque não confundiria a obra de Deus com a dos homens - a verdade com a impostura.

Desde, porém, que ele recebe e recolhe tudo pelo que lhe dão, descrê e deserta da verdade e da fé, uma vez que verifica a inexatidão do que lhe deram.

A Igreja santificou homens - e fê-los passar por infalíveis e por quase onipotentes.

O povo italiano recorreu a uns tantos destes - e nada conseguiu; logo, concluiu, ou é falsa a cotação que lhes dá a Igreja - ou não se importam com os pobres pecadores da Terra, o que equivale a não prestarem.

Em sua lógica natural, baseada no ensino de Roma, confessemos que o povo italiano tem razão.

Roma é que fez mal em criar divindades, sem ter para isto autoridade, que lhe fosse expressamente dada ou pelo Velho ou pelo Novo Testamento.

Por indução ou dedução não se criam pequenos deuses, e quem o faz, expõe-se a vê-los escarnecidos, como no caso de que tratamos - e expõe, com eles as verdades santas da religião de Jesus Cristo.

Santos feitos pelos homens! Esquecemo-nos de que os Papas são infalíveis! Também não sabemos porque eles, sendo infalíveis como Deus, não são nem ao menos santos de jure!²⁹²

Os fatos noticiados pelo “O Paiz” são mais uma prova da razão com que sustentamos sempre: que o materialismo é filho legítimo da Igreja romana - e que esta, por seus erros, e principalmente por sua intransigência para com a Nova Revelação, será deposta, como foi o sacerdócio hebreu.

O que são os santos?

No exercício de nossa perfectibilidade, que é sem limites, nós subimos, lenta ou ligeiramente, os degraus da longa, infinita, escada do progresso. Todos começamos no zero da escala, e todos nos elevamos às maiores alturas.

292 (Nota do Organizador) “De direito ou por direito”, por oposição a de facto. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Enquanto por mau uso de nossa liberdade, andamos descarrilhados - somos escravos da nossa matéria, das nossas paixões - vivemos em mundos de sofrimento, onde impera o mal, que nossas faltas criam, somos Espíritos atrasados - sofrendores - em expiação.

Desde, porém, que tocamos, por boas obras, a misericórdia do Pai - e entramos nos trilhos - e dominamos nossa matéria, nossas paixões, passamos a mundos de gozo, onde não produzimos o mal e fazemos o progresso por entre risos e flores.

Então poderão ser chamados santos; mas os santos vão sempre progredindo - e gozam das grandezas conquistadas, não por decreto da Igreja, mas por lei posta por Deus, para todos, porque todos passarão pela mesma feira.

Garibaldi, pois, pode valer tanto como um santo - e valerá mais do que muitos dos canonizados.

Se a Igreja ensinasse esta verdade, o povo de Berra não assobiaria o cura e seus santos - e a Igreja seria sempre respeitada.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 31.07.1893: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/8148

Artigo CCCI - O PAIZ, 07.08.1893

É do Dr. Pelletier²⁹³, bem-conhecido no mundo científico.

“Uma filha de Miss Rutherford, neta do Walter Scott²⁹⁴, achando-se em Éderson²⁹⁵, sonhou por diversas vezes que sua mãe ia ser assassinada por um negro.

“Assustada por este sonho persistente, voltou para casa de sua mãe e com grande admiração viu entrar o mesmo negro de seus sonhos, que sua mãe havia tomado a seu serviço, durante a sua ausência.

“A filha de Miss Rutherford pediu a uma pessoa que velasse no quarto contíguo ao da mãe, durante a noite, e às 3 horas da manhã viu chegar o negro, que trazia carvão.

293 (Nota do Organizador) Horácio ou Horace Pelletier (1827 - 1897) - Advogado, entomologista, escritor e pesquisador francês na área do magnetismo, autor do volume “Expériences relatives à la force psychique” (1890) e colaborador com artigos para diversas publicações, entre as quais a própria “Revista Espírita”, de Paris, e para a “Revista da Paz”, da Federação Espírita Lyonesa, entre muitas outras. (Fonte: Worldcat.org / Gallica) É citado em algumas obras espíritas do final do século XIX e início do século XX, como “Análise das Coisas”, de Paul Gibier(Cap.IV) sempre muito respeitosamente. O jornal “A Doutrina”, da Federação Espírita do Paraná, de janeiro de 1906, o apresenta como “conselheiro e membro da Academia em Candé (França)”, “um desses cientistas de alto valor moral e intelectual, mui conhecido no mundo literário pelas suas produções de primoroso valor”.

294 (Nota do Organizador) Sir Walter Scott (1771 - 1832) - romancista, poeta, dramaturgo e historiador escocês, criador do verdadeiro romance histórico. (Fonte: Wikipedia)

295 (Nota do Organizador) Infelizmente não conseguimos identificar o local.

“Perguntado sobre o que vinha fazer, disse com visível embaraço, que ia preparar o fogo para a senhora, o que era impossível no verão e às 3 horas da manhã.

“O carvão foi revistado, encontrando-se uma faca afiada. O negro confessou que tinha a intenção de degolar a senhora.

“Miss Rutherford escapou, milagrosamente, de uma morte certa.

“O negro foi enforcado.

“Nenhum comentário há a fazer sobre este sonho.

“Reproduza-o em toda a sua simplicidade — Horácio Pelletier.”²⁹⁶

A verdade não pode ser contestada, por ser referida por Pelletier - e por declinar este os nomes das pessoas com que ele se deu, pessoas que são bem conhecidas. Se, pois, deu-se aquele fato, apliquemo-lhe as três principais teorias inventadas pelos que não se sujeitam à explicação espírita.

Força psíquica:

Desafiamos todos os sábios da Terra a descobrirem o princípio causal daquele sonho, ou antes daquela previsão de um fato, que se verificou estar resolvido na mente do preto, tomando-se em consideração que a filha de Miss Rutherford²⁹⁷ não sabia ter a mãe chamado a seu serviço um preto - e, principalmente, que, encontrando-o, reconheceu o que tinha visto em sonho.

De quem foi tirar a filha de Miss Rutherford o conhecimento do que se passava no ânimo do preto, que nem sabia que existia?

Se quiser-se tomar por força psíquica o próprio Espírito, (mas Espírito) da pessoa que, desprendendo-se, vai ao longe tomar conhecimento de fatos, que lhe dão o sonho ou a previsão, estamos de acordo - de perfeito acordo: a força psíquica, neste sentido, explica muitos fenômenos espíritos.

Mas, neste sentido, a força agente é o Espírito - e os que recorrem ao chavão da força psíquica, não têm por fim senão ex-

296 (Nota do Organizador) Esse caso foi publicado na “Revista Espírita”, de Paris, em sua edição de Maio de 1892, às págs. 211/212. (Fonte: Gallica - <https://www.retronews.fr/journal/la-revue-spirite/1-mai-1892/1829/3286013/19>)

297 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra confundiu-se, em seus comentários, entre a Miss Rutherford e sua filha. A edição FAE corrigiu este pequeno equívoco, fazendo menção expressa à filha, nas referências que lhe cabiam, e nós as mantivemos, por entender o ajuste como necessário para a boa compreensão do artigo.

plicarem aqueles fenômenos, afastando precisamente a ação do Espírito.

Força psíquica, como eles querem, é uma irradiação do pensamento (sem Espírito) ou da vista (também sem Espírito), que faz tomarmos conhecimento de fatos desconhecidos - e produzirmos, fora de nós, esses fenômenos que o Espiritismo explica pela ação dos Espíritos.

Ora, no caso vertente, a irradiação do pensamento e da faculdade de ver da filha de Miss Rutherfor o mais que poderia dar, era o conhecimento da existência de um negro em casa da mãe; nunca, porém, o pensamento do negro de matar a mãe, porque a vista não penetra o pensamento de ninguém - e ninguém o pode alcançar pelo próprio pensamento.

É evidente, pois, que a filha de Miss Rutherfor, ou teve um desprendimento de seu Espírito, pelo qual este viu o preto - tomou-lhe as feições - e penetrou-lhe o pensamento, o que é permitido aos Espíritos, do que se pode ter provas experimentais, que nós já obtivemos - ou, então, foi um Espírito que lhe deu tudo o que, em sonho, obteve,

O que é contra a razão e o próprio bom senso é: recorrer-se à força psíquica, no sentido que seus inventores lhe dão, para explicar-se o fato de Pelletier.

Transmissão do pensamento:

É outro recurso dos que procuram desesperadamente explicar fatos incontestáveis, que atestam a existência dos Espíritos - e sua comunicação conosco.

Os fenômenos espíritas, dizem, não demonstram a existência de Espíritos, pois que são explicáveis pela transmissão ao médium do pensamento de alguns dos circunstantes.

Ele, pelo magnetismo, toma conhecimento do nosso pensamento - e o expõe.

Quem toma, pelo magnetismo, conhecimento do nosso pensamento, não havendo em nós Espírito - ser imaterial? Certamente nosso cérebro, que dizem ser o secretor do pensamento, como o fígado o é da biliar.

Mas, por Deus, além de que o pensamento não é material, como a biliar, para ser secreção de um órgão material, como explicar-se o fato em questão pela transmissão do pensamento?

A filha de Miss Rutherfor não sabia da existência do negro; como, pois, transmitir-se-lhe o pensamento deste?

Demais; como explicar-se por força psíquica e por transmissão do pensamento o fato material da escrita direta, que não pode mais ser posto em dúvida - e a aparição de Espíritos materializados, como o atesta o respeitável Crookes, com o testemunho de muitas respeitabilíssimas pessoas?

Autossugestão.

Quer dizer que o próprio médium emite sua opinião, inculcando-a como recebida de um Espírito.

É coisa possível e uma causa de erro, contra a qual deve estar sempre prevenido o experimentador espírita; mas de modo nenhum pode ser tomado como regra, pois que inúmeras vezes o médium produz o que está fora do círculo de seus conhecimentos - outras dá opinião contrária à sua - e quando se trata de fatos - e de fatos futuros, que ele denuncia, é óbvio que não pode vir de si o que anuncia.

No caso de Pelletier, a autossugestão é impossível, visto como ela supõe o conhecimento do médium sobre o assunto ou matéria de que fala - e a filha de Miss Rutherford nada conhecia da matéria de seu sonho.

Em conclusão: qualquer dos três expedientes apontados e mais outros inventos dos que tudo aceitam, menos o Espiritismo, pode aparentar uma explicação aceitável de um ou de outro fenômeno espírita; nenhum deles, porém, nem todos eles juntos poderão explicar a totalidade daqueles fenômenos - e, portanto, não podem pretender os foros de lei natural, porque lei natural só pode ser a que explica todos os fenômenos de uma classe, sem exceção de um que seja.

Estes foros só cabem ao Espiritismo, em que pese a seus inimigos, os obcecados.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 07.08.1893:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/8192

Artigo CCCII - O PAIZ, 14.08.1893

Diante do fato de que resolve todos os problemas da vida - a morte, consideremos o materialista e o espírita: o que acredita que, ao apagar do facho, sucedem as trevas do nada - e o que espera, convencido e com fé, que vai entrar na verdadeira vida, na vida eterna, de luz progressivamente mais brilhante, de gozo sempre crescente - de incessante aperfeiçoamento pelo saber e pela virtude.

São lamentavelmente horrorosos os últimos momentos do incrédulo!

Uma alma feliz, que bem cedo partiu de nosso seio, descreve-os nestas concisas frases:

“Agora sei que as agonias dos moribundos são apenas sofrimentos do Espírito, que não do corpo.

“É o Espírito que receia cair no bátrio²⁹⁸ incompreensível do nada, se em coisa alguma acredita.

É o Espírito, que não vê nem reconhece senão o que vê e apalpa: a matéria - e que, julgando-a perdida, julga-se perdido com ela.”

Imagine o leitor um poderoso, que fez um povo curvar a cabeça a seu aceno, cuja vontade foi lei, cujos desejos nunca encontraram óbices - imagine um sábio, orgulhoso de seu saber, julgando-se superior a todos os homens, que se curvam, respeitosos, à sua passagem - imagine um destes ou um daqueles, qualquer deles incrédulo - imagine-os nessa hora suprema, em que eles próprios estão convencidos de que tudo - tudo: poder, gran-

298 (Nota do Organizador) Lugar em que há uma grande profundidade ou uma grande depressão abrupta; abismo, despenhadeiro, precipício, voragem. (Fonte: Dicionário Priberam online)

dezas, glórias, gozos, vão, como o fumo dissipar-se, fundir-se no nada, deixando ele mesmo de ser. Como deve parecer medonho ao desgraçado conhecer que é chegada a sua última hora!

Última! Última!

Nunca mais um raio desse amor, que lhe dourou a existência; nunca mais uma nota das harmonias da natureza, que só ela não acaba; nunca mais um pensamento, um sentimento, pelos quais reconhecia-se uma força, uma grandeza no seio da universal criação, que lhe rendia vassalagem!

Vai ser reduzido a menos que o pó - vai ser reduzido à nada; palavra tétrica, esmagadora, fulminante, que o gênio do mal soprou para torturar o ser humano!

Nem mais uma esperança! E, quando na alma se apaga esta bendita luz, o desgraçado que a perde se debate nas trevas medonhas de indescritível desespero!

É pois, natural, razoável, intuitivo, que a última hora seja a sombra de Banquo²⁹⁹, o fantasma pavoroso para aquele que em coisa alguma acredita, para o desgraçado que viveu convencido de que, ao apagar-se o facho da vida, sucedem as trevas do nada.

Suas crenças são os seus algozes, para que se cumpra a lei da Justiça Eterna de ser o mal o instrumento do castigo - de receber cada um segundo suas obras!

Eis o que é o materialista diante do fato, que resolve todos os problemas da vida - diante da morte.

“O Espírito recua diante do bátrito incompreensível do nada - e, tendo-se julgado exclusivamente matéria, vendo-a perdida, julga-se perdido com ela.”

O Espírita encara a hora extrema por modo muito oposto.

Para ele, há um Deus: força soberana, que o gerou de sua onipotente vontade - e que o cerca com seu amor paternal em todas as fases da sua evolução, como o pai terrestre não deixa de amar o filho, ainda o mais perdido.

Para ele a vida é eterna e suas fases de mais em mais risosas, na medida do progresso que realizar - na razão das con-

299 (Nota do Organizador) Banquo é um personagem da tragédia “Macbeth”, de William Shakespeare. Logo após assiná-lo, Macbeth vê o fantasma de Banquo sentado à mesa de seu castelo, durante um banquete que oferecia a seus nobres. Mais tarde, frente a bruxas, Macbeth novamente tem uma visão de Banquo, desta vez acompanhado por sua longa descendência real. (Fonte: Wikipédia)

quistas que seu Espírito fizer sobre as forças da matéria, que o inquinam do vírus de suas paixões.

Vida eterna - progresso infinito!

O espírita sabe mais, que sua pátria é o Espaço sem fim, porque sua essência, digamos: sua natureza - seu ser, é espiritual - e que a vida terrena ou corpórea é um pouso na infinita via, onde a justiça soberana lhe exige a paga de direitos que lhe são devidos, para bem do próprio contribuinte.

Sabe, enfim: que a humanidade constitui uma cadeia indissolúvel, cujos elos são ligados pelo amor fraternal - e que o mundo espiritual, invisível, está estreitamente ligado ao mundo material: os mortos (que são os vivos) em ampla e constante comunicação com os vivos (que são os mortos).

Com estas crenças - com esta fé - com esta certeza de que tem a prova experimental, quando lhe apraz, o espírita vê chegar a hora extrema, como vê chegar a hora de partir para longa viagem quem deixa atrás de si entes queridos, mas vai ter com outros não menos amados.

Na Terra, a natural saudade pelo que se parte, mas saudade suavizada pela certeza de que não se parte para sempre - de que, mais cedo ou mais tarde, porém, em breve tempo, reunir-se-lhe-ão os que choram.

No espaço, alegrias e ansiedade, porque se livrou da prisão do corpo o amado que aí esteve em provas - porque se lhes vinha reunir em melhor vida, no mundo da liberdade, da luz e do puro amor.

É por isto que dois grupos cercam o leito do moribundo - o dos vivos, que o choram e o dos mortos que lhe estendem os braços, em assomos de alegria.

Quanto a ele, confiante na misericórdia do Pai, espera, sem sobressaltos e desesperos, o momento de dizer adeus ao exílio e voltar à sua verdadeira pátria.

Prendem-no, ainda àquele os laços do amor para com os que lhe foram companheiros de peregrinação: mulher e filhos, que continuam sua dolorosa missão na Terra, porém, este sentimento não abala a serenidade de seu Espírito, ante o fato da separação.

O desterrado, recebendo o decreto que o chama à Terra de seu berço, sente separar-se dos amigos, que ainda não tiveram a mesma graça; mas nem por isto deixa de agradecer a magnanimidade de quem lhe restitui a liberdade - ainda mais quando sabe que os entes caros, de quem se separa, também terão o seu dia - e

vir-lhe-ão fazer companhia nas alegres plagas, como lh'a fizeram nas tristes e dolorosas.

O Espírito considera a morte como a chave do cárcere, que se abre para a luz, para a liberdade, para a felicidade.

E a morte é, para ele, simplesmente isto:

“Eu, graças a Deus, não sofri senão um ligeiro abalo, que me atirou à outra vida - e, súbito, senti rasgar-se o escuro véu que me tolhia a vista, e vi tudo e senti-me como que uma nova criatura, e conheci quem fui e quem era.

“Achei-me nos braços daqueles a quem jamais pensei, sequer, ver, tão afastado estava deles, por uma alta hierarquia.

“Achei-me entre os que me amavam³⁰⁰ e que também por mim foram amados, de remotas eras.

“Achei uma nova família ou, antes, a continuação sucessiva e ininterrupta da que me ficara, ainda, aqui.

“Bendita e santa verdade, tão tarde revelada³⁰¹ e por tantos escarnecida!

Loucos divinos os que a ensinam!”

É do mesmo Espírito que descreveu os horrores que sofre o incrédulo, quando avista a tesoura que lhe deve cortar o fio da vida - quando julga que vai cair no bátrato do nada.

Vêde, ali, vós que também tendes de passar pela estreita porta, como é suave para uns e como é horripilante para outros a passagem que ninguém pode evitar!

A fé, sobretudo, a que nos inspira a Revelação espírita, que não admite provas eternas - que nos ensina a lei da salvação universal, pela regeneração dos maus; a fé é a coluna de luz e de nuvens, que nos guia pelos desertos desta via, e é a pomba, saída da arca, a voltar com o ramo de oliveira, símbolo da Terra da Promissão.

A incredulidade, a que leva ao materialismo e ao ateísmo, que extingue o ser pela morte, que nega a sanção das leis morais com relação a um ser essencialmente moral, é um deserto sem

300 (Nota do Organizador) O texto original - “Achei-me entre aqueles que amaste” - pareceu-nos aqui um pouco truncado, decidimos ajustar.

301 (Nota do Organizador) Outro pequeno lapso, que nos parece tipográfico. Neste ponto o texto original traz a palavra “regulada”. A edição FAE a substituiu por “revelada”, o que decidimos manter, por acreditar que faz mais sentido com o conjunto da frase.

árvores - é uma cidade de túmulos - é Geoffroy³⁰² exclamando, no dia malsinado de sua apostasia: “Eu era incrédulo, no entanto, eu abominava a incredulidade.”

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 14.08.1893:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/8238

302 (Nota do Organizador) Étienne Geoffroy Saint-Hilaire (1772 - 1844) - naturalista e zoólogo francês. É considerado o fundador da teratologia, ramo da Medicina que estuda as malformações congênitas. Desistiu da carreira eclesiástica para estudar ciências naturais e graduar-se em Direito. Mais tarde, conheceu o famoso naturalista Louis Daubenton, que o convenceu a estudar Medicina e a dedicar-se à pesquisa científica. (Fonte: Wikipedia)

Artigo CCCIII - O PAIZ, 21.08.1893

Ainda uma vez o viajante desgarrado de Vênus.

Parece-nos desnecessário repetir que referimos o fato, sem afirmar a sua veracidade³⁰³.

Se ainda hoje voltamos a ele, é por dever de cortesia que passamos a expor.

Um cavalheiro, nosso amigo e colega, que, a justo título, ocupa lugar distinto entre nossas ilustrações científicas - e que não faz como tantos sábios, que se contentam em rir de tolices, dormindo à sombra de seus troféus, tendo lido o que escrevemos sobre o caso, remeteu-nos um livro da “Revista Espírita”, de Paris, onde se encontra a manifestação de um Espírito, que descreve o planeta Vênus como um paraíso - e portanto, como um mundo muito superior à Terra, em vez de lhe ser inferior, como disse aquele viajante e nós o repetimos³⁰⁴.

Diante daquela comunicação, pareceu ao nosso amigo que foi mistificação a comunicação que tivemos aqui; pois que esta afirma ser Vênus um mundo inferior à Terra, quando aquela afirma o contrário.

303 (Nota do Organizador) Vide os demais artigos relacionados: Artigo CCLXV, de 27.11.1892, à página 189; Artigo CCLXVI, de 05.12.1892, à página 193 e CCLXXI, de 08.01.1893, à página 214 - todos neste mesmo volume.

304 (Nota do Organizador) Na coleção FEB da “Revista Espírita” há menções ao planeta Vênus nas edições de agosto de 1862 (Pág.333-337); agosto de 1864 (Pág. 328) e julho de 1869 (Pág. 303). Destas, a mais completa é a de agosto de 1862, pelo que imaginamos ser ela a base do comentário encaminhado a Dr. Bezerra; mas é uma hipótese, porque como este artigo já é de 1893, e pode haver outras menções a esse mesmo planeta, em edições posteriores à desencarnação do Codificador, que desconhecemos.

Em igualdade de circunstâncias, o que se deverá concluir é que uma das duas foi mistificação, sem se poder determinar qual delas o foi.

No caso, porém, entre o fato da Sociedade Espírita de Paris e o de um obscuro grupo do Rio de Janeiro, todo o peso da autoridade faz pender a concha da balança em favor da Sociedade Espírita.

Pretendíamos, pois, responder ao ilustre remetente da “Revista”, reconhecendo e confessando o que acabamos de expor, relativamente à nossa inferioridade, mas, de passagem - no correr de algum artigo, em que tratássemos de matéria correlata; quando, espontaneamente, depois de um estudo sobre casos da Bíblia, manifestou-se-nos um Espírito que se deu por Giordano Bruno.

Manifestou-nos este o mais profundo saber sobre coisas da Astronomia - e, descendo do geral ao particular, ocupou-se da formação da Terra de modo deslumbrante.

Não vem, por ora, ao caso, traduzir os altos ensinamentos que nos deu Giordano Bruno sobre este ponto da ciência; mas, sim, unicamente, os que se referiram à questão de ser Vênus mais ou menos adiantado do que o nosso planeta.

Disse-nos a este respeito: que a Terra, depois de constituída ou formada, sofreu um grande abalo, que a dividiu em duas partes, uma muito maior e outra menor.

Esta parte menor adquiriu vida própria, como a que tem todos os planetas - e é a bela estrela que admiramos ao crepúsculo da manhã e da tarde.

Seu brilho não procede de sua superioridade, sob o ponto de vista do progresso, pois, os mundos reconhecidos os mais adiantados do nosso Sistema não o possuem naquela intensidade.

Aquele brilho procede de sua posição em relação ao Sol e em relação à Terra - e a nada mais.

Interpelado diretamente sobre o grau de progresso de Vênus relativamente à Terra, respondeu:

“Vênus pode ser chamada filha da Terra ou sua irmã mais moça, porque, só muitos séculos depois constituiu-se e chegou ao período evolutivo que permite a vida hominal.

“Por este simples fato, que pode ainda hoje ser provado pelas condições físicas daquele planeta, muito inferiores às da Terra, onde os cataclismas já vão sendo raros, o que prova seu grande desenvolvimento, se evidencia, cientificamente, a inferioridade de Vênus.

“Sua massa incandescente está muito longe de atingir a consolidação que tem a Terra, como todos os nossos astrônomos o podem reconhecer, simplesmente, pelo número de vulcões ativos, que ainda se reproduzem, enquanto no nosso planeta eles já não se reproduzem e têm-se extinguido em grande cópia³⁰⁵, principalmente os submarinos, que se pode dizer quase apagados.

“Se, fisicamente, Vênus está longe do grau de evolução da Terra; moralmente, sob o ponto de vista do programa de seus habitantes, o que será?

“Bem sabeis que o progresso moral prende-se estreita e fatalmente ao desenvolvimento físico dos mundos; e, pois, não poreis em dúvida nossa superioridade sobre os habitantes de Vênus.

“Mesmo na classificação dos planetas conhecidos, vossos sábios colocaram Vênus abaixo da Terra - e vossos sábios já possuem os meios de apreciar mais ou menos exatamente as condições de um planeta que determinam seu maior ou menor grau de adiantamento na escala evolutiva dos mundos.

“Digo-vos, sem receio de ser contestado por alguém que conheça este ramo da ciência: que Vênus está muito aquém da Terra nas vias do desenvolvimento físico - e, portanto, de progresso moral.”

Mas, redarguimos, na Sociedade Espírita de Paris foi dada uma comunicação em sentido oposto ao que acabais de expor - no sentido de ser Vênus um mundo muito superior à Terra, um verdadeiro paraíso.

“O que prova isto? Ignorais que haja no espaço Espíritos que se comprazem em vos desviar da senda da verdade?

“O que vos disse, não disse fantasiando; demostrei com princípios correntes na ciência, que qualquer astrônomo pode verificar e que o vosso ilustre Flammarion, entre muitos outros, já positivamente afirmou.

“Quem falou na Sociedade Espírita de Paris não fez senão romance.

“Quantas vezes não tereis visto um paraíso, que ofusca toda a Terra, na descrição de uma de suas ilhas?

305 (Nota do Organizador) No sentido de abundância. (Fonte: Dicionário Priberam online)

“Lêde a descrição da ilha de São Luís, por Bernardino de Saint-Pierre - e dizei: aquele ponto do espaço não vos parece uma maravilha em relação a toda a superfície da Terra?

“E, no entanto, sabeis que São Luís está muito aquém de mil outros pontos do vosso planeta, que não tiveram a imaginação sublime de algum Bernardino, para celebrizá-los.

“Fantasia, meu amigo, fantasia que deslumbra, mas que não instrui - fantasia que não suporta a luz que se irradia da ciência.”

Aí tendes, leitor, o que colhemos sobre a manifestação dos habitantes de Vênus.

Ao amigo, que nos fez a graça de dar-nos conhecimento da comunicação de Paris, retribuímos, enviando-lhe a de Giordano Bruno.

Possui ele o critério científico para avaliar o merecimento desta, por seus fundamentos e comparada com aquela.

Nós apresentamos os fatos descarnados; ele que os submeta ao cadinho da ciência, que possui em grau de poder separar a luz das trevas.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
“Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 21.08.1893:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/8284

Artigo CCCIV - O PAIZ, 28.08.1893

Tudo no Universo está sujeito à lei do progresso.

No princípio, a marcha é lenta, mas, à medida que as forças vão se acumulando, a velocidade vai crescendo até tornar-se informemente³⁰⁶ acelerada - at[e ser vertiginosamente acelerada.

Isto, no mundo físico, do mesmo modo que no moral.

A locomotiva parte com lentidão - vai adquirindo velocidade, a mais e mais - e, se não lhe tolherem o desenvolvimento da força, alcançará uma rapidez igual à que a ciência marca para os corpos que caem no espaço: “Na razão direta da massa, e na inversa do quadrado das distâncias.”

O Espírito começa ignorante - vai adquirindo conhecimentos - e, quando já possui uma grande massa deles, vê rasgarem-se diante de seus olhos horizontes quase ilimitados.

Começa-se rastejando - e acaba-se voando!

A ciência levou séculos a constituir-se em estado de bem compreender as leis mais simples da natureza, que são as leis eternas e imutáveis postas por Deus aos mundos.

Em nosso século, porém - só nele, adquiriu tal desenvolvimento, que chegou a suprimir o impossível, o milagre, tais e tantas foram as leis que descobriu, reguladoras de fenômenos tidos e havidos por milagres ou por impossíveis.

O homem do nosso tempo, firmando-se nos conhecimentos acumulados pelas passadas gerações, já vê tão alto e tão longe que não tem mais o direito de dizer: isto é impossível, isto é um milagre; que já tem o dever de admitir o que parece impossível, e de repelir o que parece milagre; ciente de que o que parece

306 (Nota do Organizador) Aqui no sentido figurado de muito, imensamente acelerada. (Fonte: Dicionário Priberam online)

impossível à ignorância pode ser possível à sabedoria, e de que tudo é regulado por leis naturais e, portanto, que não pode haver milagres.

A ciência tem, pois, feito progresso admirável, em nosso século; não só em compreensão como em extensão; não só em desenvolvimento dos vários ramos conhecidos como em aparecimento de ramos novos, que nunca ocuparam a atenção dos sábios.

Entre estes, aí está a Química que foi a Alquimia; aí está a Astronomia que foi a astrologia, e aí está também o Espiritismo que foi a mágica e a nigromancia.

Alguém repele a Química, por ter sua origem na Alquimia ou a Astronomia, por ter tido sua origem na astrologia?

Por que se há de, então, fazer exceção odiosa e injusta ao Espiritismo?

Será porque esta é ciência moral, ao passo que as outras são físicas? Mas todas são ciências naturais - e todas são suscetíveis de passar pelo cadinho da observação e da experiência.

O Espiritismo revela, é verdade, fenômenos e leis que destroem, por seus fundamentos, velhas crenças da humanidade, consagradas pela religião; mas a Astronomia, também, revelou fenômenos e leis que destruíram velhas crenças, consagradas igualmente pela religião, como foi, por exemplo, o movimento da Terra em torno do Sol - e não o deste em torno da Terra.

Por que, então, esta parcialidade, esta relutância, este capricho, verdadeiramente retrógrados e incompatíveis com o progresso do nosso século?

Não se pede a fé passiva; mas sim o estudo - a observação - a experiência.

Não se pede, mesmo, confiança nos trabalhos das mais respeitáveis autoridades; mas sim o exame dos fatos, que a Providência permite sejam dados, em grande cópia, em razão de já poder a humanidade apreciá-los devidamente.

Donde, pois, esta má vontade contra uma ciência, que nada impõe - e que tudo lhes fornece, para se esclarecerem?

Dir-se-ia que temem-se de ver a luz - de conhecerem a verdade, preferindo viverem nas trevas e nos erros do passado, apesar de saberem que o progresso humano vai todo os dias dissipando as trevas e destruindo os erros do passado, porque o progresso vai tornando a pupila humana mais e mais apta para receber luz mais e mais intensa.

Quem perde na luta? A ciência, não, porque se firma na lei do progresso, que é fatal, porque é obra de Deus. A ciência há de ir ao marco que lhe foi posto nas raias do infinito.

Quem perde, somente, são aqueles que julgam pôr barreiras aos rios para que não corram para os mares; porque estes retardam, por seu livre-arbítrio, seu próprio progresso, colocando-se na retaguarda da humanidade, em sua marcha ascensional.

Nós, os espíritas, nem precisamos de licença para marcharmos com a luz, em busca da mais intensa luz; nem nos entibiamos diante dos apodos, que só provocam nossa compaixão pelos infelizes que cerram os olhos para não verem.

O Sol não para em seu curso, porque os cegos não o veem; assim, também, o Espiritismo não deixará de fazer sua evolução científico-moral, porque cegos mais infelizes não o querem, sequer, aceitar para objeto de estudo.

Quantos destes, em nossos trabalhos experimentais, nos têm vindo confessar, depois de mortos, o mal que sofrem por sua cegueira, por sua teimosia em abraçarem doutrinas insubsistentes, cujas únicas bases são - o amor-próprio e a vaidade!

Efetivamente; qual a prova experimental de que só existe o mundo material? Dai-nos a prova experimental da verdade da doutrina de Comte!

Ninguém contesta a existência da matéria, tampouco que a doutrina de Comte encerre princípios verdadeiros; o que, porém, é evidente, é que, além do mundo material, existe o espiritual - e que a doutrina positivista compreende, apenas, uma infinitésima parte da verdade.

Como ciência parcial, da parte material do Universo, o materialismo pode ser aceito; como ciência geral, porém, não deve, nem pode ser aceito, porque lhe escapa a maior e mais importante parte da criação universal.

Como um ensaio, ou como método científico, o Positivismo pode auxiliar o progresso da humanidade; como sistema, porém, não, porque está no caso do materialismo - seus meios, seus instrumentos não podem apanhar senão o que pertence à ordem material do Universo.

Com o óculo de alcance e com o microscópio podem-se ver os grandes e os pequenos seres materiais; nunca, porém, as causas - as leis - os Espíritos!

E haverá Espíritos?

Felizmente, o Espiritismo oferece os meios experimentais de verificar sua existência, e as leis que regem o mundo invisível, que eles constituem, e as relações que mantêm com os habitantes do mundo visível!

Ora, quando uma ciência afirma um fato que derroga os princípios fundamentais de outra ciência ou de uma doutrina, o que importa aos sectários destas?... Estudar, observar, submeter à prova experimental o fato afirmado.

O Espiritismo oferece, não um, porém milhares de fatos suscetíveis de observação e de provas experimentais - e o que fazem os materialistas e os positivistas? Riem da ciência dos loucos - e vão comendo e bebendo com suas crenças!

Se um Crookes, se um Gibier, se um Sardou, se um Zöllner, se um Lombroso, se muitos outros sábios conscienciosos descem ao estudo da nova ciência, e, com a lealdade de homens de ciência, confessam a verdade dos fenômenos espíritas, a massa em peso dos materialistas e positivistas fica firme e inabalável, como um rochedo!

Havia de ser bonito levar-se a vida inteira a afirmar uma lei - e, no fim, prestar-se ouvidos a uns tantos, que dão prova - prova experimental, de que tal lei é falsa!

Ainda bem que o católico não excomunga o Espiritismo por orgulho e vaidade, senão por escrúpulos de consciência, por obra da tal fé passiva que lhe impingiram, em nome de Deus e de Jesus Cristo.

Marchem, porém, marchemos todos, e bem cedo nos encontraremos onde poderemos, sem a venda da carne, apurar a verdade em todo o seu brilho.

Quantos dos que a repeliram - materialistas, positivistas e católicos têm vindo a nós confessá-la!!

Somos uns loucos, não é? Mas somos felizes em nossa loucura.

Bem haja que no-la produziu!!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 28.08.1893: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/8328

Artigo CCCV - O PAIZ, 04.09.1893

“Efeitos do Espiritismo.” Foi por estas palavras que os jornais da capital federal, com poucas exceções, noticiaram o fato - de ter um espírita enlouquecido.

Não cogitamos das inúmeras causas que podem arrastar à loucura, tanto um espírita como um católico - um protestante, um judeu, um maometano, um budista, um materialista ou positivista, enfim.

Aceitamos o fato como efeito do Espiritismo.

É princípio científico axiomático: que a aplicação ametódica de todas as faculdades intelectuais, exclusivamente a um assunto, produz o desarranjo mental.

Têm-se visto loucos por amor à ciência - e loucos por amor à religião.

Mas, apesar de serem notórios e inúmeros estes casos, como os de loucura por amor, ninguém se lembrou ainda de proscrever a ciência, a religião, e o amor.

E como acusar os altos princípios, por que uns tantos homens concentram exclusivamente todas as suas potências intelectuais?

O Espiritismo só é que merece o anátema porque alguém se fanatiza por ele?

Evidentemente a parcialidade da nossa imprensa, em relação à nossa filosofia, é flagrante e sem fundamento em razão - em bom senso - ou mesmo em senso comum.

Admitamos que, nem as causas gerais da loucura, nem esta especial, influíram para a loucura do espírita, mas esta foi devida à prática do Espiritismo.

Esta hipótese vem dar motivo a um estudo, embora superficial, das práticas espíritas.

Suponhamos que um químico abalizado guarda em seu gabinete de trabalho todos os reativos necessários a seus profundos estudos científicos, que ele sabe empregar com a conveniente prudência; e um seu discípulo, ignorante das regras de precaução no emprego de tais reativos, abalança-se, na ausência do mestre, a fazer experiências por conta própria; o que pode acontecer? O que pode acontecer ao cego que se atira, só, por caminho erçado de precipícios.

Os trabalhos espíritas têm regras inalienáveis - e são cercados de grandes perigos.

Quem, sem pleno conhecimento daquelas regras e com menosprezo pelos perigos que o cercam, atira-se a eles - não está no caso do discípulo, que se expõe a fazer experiências no laboratório do mestre, sem a ciência que tais experiências requerem?

E é justo ou sensato acusar a Química ou o Espiritismo, quer n'um, quer noutro caso figurados?

Infelizmente é notório que a maior parte dos grupos, organizados para praticarem o Espiritismo, não possui a precisa idoneidade para tão delicados e arriscados trabalhos: são laboratórios, onde os experimentadores não possuem a ciência indispensável à experimentação; são gabinetes de trabalho, onde este é feito na ausência do mestre.

O fato se dá, às vezes por ignorância do perigo - às vezes, por confiança na proteção, com que devem contar os que trabalham de boa vontade; mas, quer n'um, quer n'outro caso, há fanatismo, nunca, porém, especulação ou artifícios indignos, como em outros países.

Todos os nossos grupos trabalham de boa-fé, o que não os salva dos perigos inerentes aos trabalhos feitos contra as regras ou sem elas.

Estes perigos procedem dos Espíritos ainda atrasados - Espíritos das trevas, que combatem a luz.

Infelizes, que ainda se nutrem das paixões carnisais, que fizeram suas delícias na Terra, não podem ver progredir uma Doutrina que ensina as puras verdades emanadas da Cruz.

E, como vivem, em razão de seu atraso, nas camadas inferiores de nossa atmosfera - e convivem conosco; para derrocar a Doutrina, procuram destruir os que a ensinam - e, ensinando-a,

roubam-lhes muitas vezes suas vítimas e seus companheiros, que se arrependem e tomam o caminho do bem - a carreira da Cruz.

Ora; é lei natural que cada um de nós, por nossos pensamentos, por nossos sentimentos, por nossas obras, emitimos de nós fluidos, que nos formam uma atmosfera, onde só podem penetrar Espíritos bons, se os fluidos forem bons - onde só podem penetrar Espíritos maus, se eles forem maus.

A lei proíbe todo o trabalho com os Espíritos, a quem não se achar nas condições de arriscá-lo; ou por ignorância da Doutrina, compreendida em espírito e verdade, ou por não dispor de elementos para fazer a cadeia fluidica, pela ciência e pela fé; porque nestes casos, os maus Espíritos acham porta franca para entrarem - e, uma vez dentro, casam seus fluidos com os dos infelizes ignorantes ou pretensiosos - e, dado isto, a consequência é, quase sempre, a loucura por obsessão.

Eles não tomam, por assalto, a cidade. Começam a dar manifestações brilhantes, de entusiasmar - e nelas vão semeando o veneno para enfraquecerem qualquer resistência: insuflando o amor-próprio e a vaidade, até apanharem a presa fora completamente do redil protetor.

Mas, perguntar-nos-ão: e a boa-fé, e a boa vontade não defendem aqueles trabalhadores?

A resposta é óbvia: de que servem a boa-fé e a boa vontade ao que despreza o dever de colocar-se nas condições exigidas pela lei?

Mesmo entre os homens, a ignorância da lei não protege a ninguém.

Suponha-se, pois, que um Espírito, de boa-fé e de boa vontade, dedica-se a trabalhos espíritas, para os quais não está aparelhado; quem é a causa do mal que lhe vem de semelhante desatino? O Espiritismo? Não; ele próprio; como é causa do mal que lhe advém, todo o que se mete a manejar arma que não conhece.

Portanto, sob o ponto de vista de sua prática, o Espiritismo, como toda a ciência, conta com verdadeiros e falsos adeptos, como a religião conta com verdadeiros e falsos profetas.

Muitos são os trabalhos que se fazem sob a bandeira do Espiritismo - poucos, porém, os que são verdadeiramente espíritas.

E há de a ciência carregar com as culpas dos que a praticam inscientes - e quase se pode dizer, inconscientemente?

Fazem-no muitos; mas todos carregam com a responsabilidade, visto que todos são seres livres, e morais.

A sanção daquela responsabilidade exerce-se diretamente sobre o indivíduo responsável pelo uso que fez de sua liberdade; logo, a ciência - o Espiritismo - nada têm com estas manifestações da lei moral.

Querem os jornais, que apanharam o fato pelas orelhas, para bradarem: crucifige - crucifige³⁰⁷ o Espiritismo, conhecerem a diferença que há entre Espiritismo e espiritismo?

Já vimos o efeito do falso espiritismo: a loucura de um homem, ou antes, sua obsessão.

Veremos, no próximo artigo, o efeito do verdadeiro Espiritismo: a cura instantânea daquele homem.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 04.09.1893: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/8372

307 (Nota do Organizador) Referência a Lc.23:21: "Eles, entretanto, gritavam ainda mais: "Crucifica-o! Crucifica-o!"

Artigo CCCVI - O PAIZ, 11.09.1893

Em nosso passado artigo, prometemos dar neste os efeitos do verdadeiro Espiritismo: a cura dos obsedados, por obra do falso Espiritismo.

A obsessão, que ainda não conquistou os direitos de cidade na ciência, é o resultado do domínio, que sobre um homem consegue exercer um Espírito.

Em geral, o obsessor é um inimigo de passadas existências; não é, porém, raro ser um Espírito que faz o mal pelo mal, como há em nossa humanidade terrestre, tantos e tantos exemplares.

O domínio, de que falamos, tem gradações: começa pela simples perturbação da calma natural e do bom humor, praticando-se simples despropósitos, que surpreendem aos que nos conhecem.

Neste caso, que é mais leve, o Espírito inimigo aproveita alguma das nossas fraquezas para entrar por esta porta - e arrastar-nos para fora do nosso natural.

Reagimos - vencemos a fraqueza que abria a porta - volvemos ao nosso natural - e o hóspede inoportuno fica como o lobo, a rodear o redil, a ver se descobre alguma brecha para entrar.

Em grau mais acentuado, a influência do inimigo, que não penetra nunca até chegar a nós, se não por brecha que lhe abrimos, chega ao ponto de obrigar a vítima a representar papéis ridículos, sem consciência do que faz - e às vezes até acreditando que atrai a atenção respeitosa do público.

Elevai essa dominação até à subjugação completa do indivíduo, que, sem o suspeitar, tem entregado os pulsos às algemas - e tereis a loucura, mais ou menos furiosa, mas verdadeiramente

loucura, pois que o infeliz vitimado perde completamente a razão e a consciência.

A loucura por obsessão, cuja causa já o leitor conhece, diferencia-se da loucura geral, de que se ocupa a ciência, pelo fato, já notado por Esquirol, de não depender de lesão alguma cerebral³⁰⁸.

Os médicos, pois, que no vivo não podem apreciar o estado anátomo-patológico do cérebro, tomam por loucos os obsedados - e tratam-nos pelos processos psiquiátricos sem o menor resultado: são a maioria dos loucos incuráveis.

Pode, com efeito, um cáustico na nuca, ou uma ducha, ou qualquer aplicação terapêutica, afastar o Espírito obsessor - arrancar-lhe sua vítima?

O Espiritismo, porém, denunciando este ramo, completamente desconhecido, de loucura, vai mais longe: indica os casos psico-patológicos de obsessão e que ensina os meios de curar estes - meios que só o espírita pode empregar: a moralização do Espírito do obsessor e do obsedado, pela evocação de um e de outro, pois que podem ser invocados os Espíritos encarnados.

Max, cujos estudos sobre este ponto da ciência não datam de hoje, tanto que tem pronto para o prelo um grosso volume, sob o título de "Ensaio Espírita-Científico sobre a Loucura"³⁰⁹, tem feito grande número de experiências, que lhe dão o direito de falar na matéria com conhecimento de causa.

Aplicando-se o processo espírita ao louco por obsessão, se não se colhe a cura do obsedado, por ser esta a sua expiação, colhe-se pelo menos o alto resultado de encaminhar para o bem o obsessor. Quase sempre, porém, o resultado é duplamente satisfatório, cobrando o obsedado sua razão e sua liberdade - e arrependendo-se o obsessor do mal que faz - e tomando o rumo do bem.

Inúmeros casos temos visto destes - e ainda ultimamente tivemos um bem notável, que foi testemunhado por uma dezena de distintos cavalheiros da nossa sociedade.

308 (Nota do Organizado) Vide Artigo Artigo CCLXXVI, de 13.02.1893, à página 236 deste mesmo volume, acima.

309 (Nota do Organizador) Ele volume, já citado, só veio a ser publicado após a desencarnação de Dr. Bezerra, com o título de "A Loucura Sob Novo Prisma", um clássico da literatura espírita, hoje editado pela Federação Espírita Brasileira). Vide nota 185, acima, à página 237 deste mesmo volume.

Foi um moço, filho de pessoa bem conhecida em Petrópolis, que de repente enlouqueceu (sem ser espírita!) - e foi mandado para o hospício.

Evocamos o obsessor, que nos expôs a razão da perseguição: vingança de ofensas recebidas em passada existência, mas que, após longa discussão, convencido de que maior mal faria a si, atrasando seu progresso, do que a seu inimigo, desistiu de persegui-lo - e, arrependido, perdoou-lhe e lhe pediu perdão.

O obsedado, porém, moço pacato, mas espírito ativo, não acolheu o arrependimento do velho inimigo - e, repelindo-o, jurou-lhe guerra de extermínio.

Evocamo-lo também e com imenso trabalho conseguimos convencê-lo do mal que fazia-se, colocando-se fora do círculo da Doutrina salvadora de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Foi tocante a reconciliação daqueles dois inimigos de remotas eras!

Dir-se-á - dirão os céticos e zombeteiros, para quem o desconhecido cognoscível é coisa de fazer rir - dir-nos-ão estes: tudo isso são histórias da carochinha.

Responder-lhes-emos em poucas palavras.

Ao trabalho espírita, testemunhado, como dissemos, por bom número de cavalheiros distintos, correspondeu a cura do moço, no hospício, donde saiu perfeitamente restituído a si mesmo - e assim tem-se mantido até hoje, sem mais dar o mínimo sinal de perturbação mental.

Será uma simples coincidência?

Como este, temos tido dezenas de casos - e, em todos, a rendição do Espírito obsessor tem correspondido à cura do obsedado.

Em nosso livro, consignamos os mais importantes casos deste gênero, perfeitamente autenticados, principalmente quanto à circunstância: de coincidir o desaparecimento da alienação mental com a desistência do perseguidor.

Cai, pois, em face de tantos fatos, que se podem ter quando se quiser, no sério empenho de conhecer a verdade; cai, dizemos, o argumento da - coincidência.

No caso que levou a nossa imprensa a exclamar: “Efeitos do Espiritismo”, deu-se a cura do louco, em um só dia, pela moralização do Espírito obsessor e do obsedado, ambos evocados por um grupo de espíritas na altura de tão delicado quanto precioso trabalho.

Pode-se dizer, pois, que a vítima do pseudo-espiritismo foi prontamente resgatada pelo verdadeiro Espiritismo.

Ela aí está, em perfeito estado psíquico-fisiológico, para dar testemunho de que é verdade tudo o que deixamos exposto, neste e em nosso passado artigo.

Por que não vão beber da verdade - por que não vão observar por si mesmos - por que não procuram submeter este e outros casos à prova experimental, os que do alto de seus tamancos pensam que o Universo não vai além de seu horizonte visual - e que, portanto, conhecem o Universo?

Aos jornais, que anunciaram o fato da loucura daquele homem, como obra do Espiritismo, cabe agora, em nome da lealdade e da justiça, anunciar também a cura rápida da loucura como obra do Espiritismo.

A nós a discriminação do pseudo e do verdadeiro Espiritismo.

Max.

(Da União Espírita)

Houve um salto na reunião de artigos feita pela FAE, e este ficou faltando.

Foi recuperado da edição de

“O Paiz”, de 11.09.1893, no endereço:

http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/8413

Artigo CCCVII - O PAIZ, 18.09.1893

José Balsamo, um desses já bem raros homens que têm fé e se batem por ela, publicou um opúsculo, com o título: “O homem através dos mundos”³¹⁰.

A obra é digna de ser lida, porque encerra muitas verdades, ainda não bem divulgadas - e combate muitos erros, até hoje considerados - coisas sagradas.

Numa polêmica mansa, um dos mais eruditos sustentadores do estacionarismo religioso - e da infalibilidade da Igreja romana, prepara a lenha para a fogueira, em que deve ser queimada, em novo auto-de-fé, a obra de José Balsamo.

Temos diante dos olhos o primeiro artigo da longa apologética - e como é do mestre: considerar primeiro a questão em geral, para depois descer a detalhes, seguiremos³¹¹ o seu roteiro, no ligeiro estudo que da crítica nos propomos fazer.

O estacionarismo em religião não tem como se firmar, nem na razão, nem nos fatos.

Debalde os usufrutuários do poder espiritual empregam o poderoso narcótico da fé passiva, para submeterem a seu jugo - jugo todo mundano, as almas fracas ou fanatizadas, que mais creem quanto menos compreendem: credo quia absurdum.

A luz eterna transpõe as muralhas da China sagrada - e, dia por dia, hora por hora, minuto por minuto, vai iluminando os Espíritos obcecados, até que chegue o momento de toda a cristandade - e, com ela, toda a humanidade terrestre, compreender

310 (Nota do Organizador) BALSAMO, José. “O homem através dos mundos”. Edição do autor, Rio de Janeiro, 1893.

311 (Nota do Organizador) O texto original pareceu-nos neste ponto um pouco truncado, fizemos um pequeno ajuste.

a sacratíssima Doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo, não mais segundo a letra, como foi mister por 19 séculos, por não poderem os olhos humanos tolerar a luz intensa, porém, em espírito e verdade, segundo a lei do progresso universal.

A fé passiva cederá o campo à fé raciocinada - o homem conhecerá as verdades eternas por si e não por procuração - e o jugo ferrenho do despotismo sacerdotal abater-se-á no espaço vazio, como um moinho de vento sem aplicação.

Tudo progride - tudo obedece à lei eterna e imutável do progresso, que não tem fim; menos a religião, exclama Roma, possessa pela ambição do domínio!

Qual o homem, dotado de vulgar compreensão, que possa julgar razoável esta pretensão de Roma?

Será crível que, marchando tudo incessantemente para a perfeição, só o homem moral fique eternamente estacionário?

A razão humana revolta-se contra um tal paradoxo!

E os fatos, colhidos mesmo nas Sagradas Escrituras, provam que o paradoxo à luz da razão é ignorância, ou má-fé à luz da História.

A religião é dada à humanidade por meio da revelação - e a revelação tem variado em extensão e compreensão, desde os tempos primitivos de Abraão até os nossos dias.

O ensino dado ao Patriarca limitou-se ao conhecimento de Deus - e estendeu-se unicamente à sua família.

A Revelação mosaica já compreendeu o amor de Deus e o amor do próximo - e estendeu-se à toda a nação israelita.

Jesus trouxe à Terra luz mais intensa para toda a humanidade.

É possível negar, à vista destes fatos, que a revelação - e, conseqüentemente, a religião é progressiva?

E, quando é patente que tal progressão se tem operado na razão do progresso humano, não é evidente que Deus revela aos homens as verdades eternas, à medida que eles adquirem a capacidade de compreendê-las?

Se, pois, os fatos bíblicos demonstram: que Deus faz do desenvolvimento da nossa razão a condição sine qua non de nos ministrar mais amplos ensinamentos, onde o fundamento para a Igreja submeter a razão à fé passiva, ao ponto de um dos mais afamados apologistas de Roma dar como característico de uma verdade religiosa não poder ser ela compreendido pela razão humana?!

É que Jesus ensinou toda a verdade e, portanto, fechou o ciclo das revelações; exclamam os maometanos católicos, do crê ou morre.

Má-fé ou ignorância! No Evangelho de São João, cap. 16, vers. 12 e 13, lê-se:

“Eu tenho ainda muitas coisas que vos dizer; mas vós não as podeis suportar agora.”

“Quando vier, porém, aquele Espírito de Verdade, ele vos explicará todas as verdades.”

Jesus não ensinou, pois, todas as verdades, porque a humanidade de seu tempo, e até seus próprios Apóstolos, não as podiam ainda suportar, isto é, não tinham a razão bastante esclarecida, ainda, para compreendê-las.

E porque não pôde ensinar todas as verdades, prometeu mandá-las ensinar mais tarde, isto é, quando o mundo as pudessem suportar.

É, pois, do Evangelho: que, por deficiência de capacidade dos homens, Jesus não ensinou tudo o que precisam eles saber.

Logo: se até Jesus, a revelação veio progressiva, na razão do progresso humano - e se o próprio Jesus confirma esta lei - e, de acordo com ela, promete futuro ensino sempre na mesma razão, como pretender-se o estacionarismo da religião?

É o mesmo que o a infalibilidade.

Se o infalível sustenta o estacionarismo, condenado pelas sagradas letras, como ser aceito? Ou o Papa, ou a Bíblia e o Evangelho, não há meio termo.

Jesus falou claramente do - Inferno - e a interpretação científica lê: não existe Inferno, diz a crítica.

Se Jesus tivesse ensinado todas as verdades, tudo o que Ele falou seria de fé; mas Ele mesmo falou da incapacidade certa para a compreensão de certas verdades, no seu tempo; e, pois, estão virtualmente compreendidos no futuro ensino os erros que as novas verdades devem varrer.

Jesus, não podendo ensinar a lei das vidas sucessivas, que suplanta a das penas eternas, não podia, pela mesma razão, banir estas, porque uma coisa pedia a outra; falou, portanto, a linguagem de seu tempo, segundo as crenças desse tempo, que não podiam anda ser banidas.

A poligamia não foi corrente de Abraão até Moisés? O “dente por dente” não foi consagrado por Moisés até Jesus?

Por que isto? Porque não era tempo de banir estes princípios - porque seu banimento requeria maior progresso.

É pela lei do progresso humano, que caiu a poligamia abraâmica - o “dente por dente” do código de Moisés - e o Inferno - e o príncipe das trevas de que Jesus falou, começam a empalidecer diante da luz sublime da Nova Revelação (a prometida por Jesus) das vidas sucessivas, do aperfeiçoamento infinito dos Espíritos - da salvação universal.

Não vamos com José Balsamo, quando diz que Deus criou todos os astros para iluminarem a Terra; não. Vamos com a Nova Revelação, que ensina: como todos os astros que povoam os espaços infinitos, inclusive a Terra, foram - são - e serão criados para habitação dos seres humanos; são as muitas moradas da casa do Pai³¹².

É, pois, firmado no Evangelho, segundo o Espírito, e não segundo a letra, como usa a Igreja, que o Espiritismo levanta e abre aos ventos a bandeira luminosa da Nova Revelação, que porventura não será a última, pois a humanidade terrestre ainda não chegou ao máximo do progresso possível no nosso planeta.

Max.

(DA União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 18.09.1893: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/8444

312 (Nota do Organizador) Jo. 14:2.

Artigo CCCVIII - O PAIZ, 25.09.1893

Uma questão que se prende intimamente à da infalibilidade que defloramos em nosso passado artigo.

“O Homem-Deus, prevendo o jogo de maromba³¹³ da livre interpretação, estabeleceu no magistério oficial de sua Igreja um tribunal autêntico, quando disse ao chefe dos Apóstolos: “O que te ouve, me ouve - o que te despreza, me despreza, e à grande família cristã³¹⁴: “O que não ouvir a voz da Igreja(?) seja para vós étnico³¹⁵ e publicano³¹⁶. Só a ela, à Igreja, foi confiado o depósito sacro.”

O leitor, que já nos conhece e sabe que não pertencemos ao rebanho dos que apagam o fato da razão, de que o próprio Deus faz depender de sua gradual revelação - e o apagam, para ter a glória de só crerem o que lhes manda crer, certamente não levará a mal que tomemos as dores por José Balsamo, quando a lança

313 (Nota do Organizador) Atitude que denota esperteza; malandragem. No sentido figurado, refere-se aos movimentos da astúcia. (Fonte: Dicionário Michaelis online)

314 (Nota do Organizador) Lc.10:16: “Quem vos ouve, me ouve; quem vos rejeita, me rejeita; e quem me rejeita, rejeita aquele que me enviou” (Trad. Prof. Pastorino, “A Sabedoria do Evangelho”, Vol. 5, pág.3; como também Mt.10:40 e Jo. 13:20).

315 (Nota do Organizador) No sentido de pagão. (Fonte: Dicionário Priberam online)

316 (Nota do Organizador) Vale lembrar que publicanos eram os cobradores de impostos. Nas terras dominadas pelos romanos, elementos da elite local faziam esse papel, “traindo” assim a sua gente. O mesmo se deu em Israel. Chamar então alguém de publicano era uma ofensa, um xingamento, que a Igreja, acima, reproduz e perpetua...

foi jogada a todos os que comungam com ele, no “jogo da maromba.”

Não seremos nós que julgemos os que fazem das ordens, com que os investiu o Divino Mestre, armas de conquista do poder do mundo, quando Jesus disse: “O meu reino não é este.”³¹⁷

Se, porém, só a Deus atribuímos o poder de julgar as obras dos homens, pensamos, em boa e sã consciência, que temos o dever de não deixarmo-nos levar, como cegos, pelos que se arrogam o direito de nos guiar.

Jesus institui sua Igreja sobre aquela pedra, contra a qual não prevaleceriam as portas do Inferno - e aquele pedra era Pedro. Pedro transferiu sua autoridade a seus sucessores - aos Papas, como se denominaram mais tarde, por humildade, para se destacarem de seus irmãos.

Ninguém nega a autoridade divina dada ao chefe da Igreja de Jesus Cristo, mas esta autoridade, que é virtude para o ensinamento da verdade e do bem, pode permanecer impertérrita³¹⁸, quando o chefe da Igreja for um ignorante, um perverso, um crapuloso³¹⁹?

E à grande família cristã, em casos destes, pode ser aplicada a sentença: quem não ouvir a voz de tais chefes, seja étnico e publicano?

Formularíamos, aqui, uma hipótese impossível!

A caridade que devemos a todos os nossos irmãos, da Terra e do Espaço, nos inibe de citar nomes; mas a História, que não guarda recatos, aponta os Papas, em bem avultado número, que se tornaram objeto da execração do mundo.

É preciso uma fé de remover montes, para crer: que é maldito do Senhor todo aquele que não ouvir a voz da Igreja, por tais chefes! E bem se sabe que eles é que são realmente a Igreja.

São infalíveis, falando ex-cathedra³²⁰, replicam aos pobres de espírito, que se metem a interpretar estas coisas, os que têm o espírito enriquecido... enriquecido... pela fé cega.

317 (Nota do Organizador) Jo.18:36, já referido.

318 (Nota do Organizador) No sentido de inalterável. (Fonte: Dicionário Priberam online)

319 (Nota do Organizador) Que é dado à devassidão; desregrado, indecente, libertino. (Fonte: Dicionário Michaelis online)

320 (Nota do Organizador) Com autoridade ou em tom doutoral; a cadeira a que esta locução alude é a de S. Pedro; quando o Papa fala ex cathedra, é como chefe

Tomemos um juiz - um homem de simples bom senso - e perguntemos-lhe: Se o senhor der poderes, para tratar de seus negócios, a um homem que lhe seja infiel, o que fará?

A resposta não é problemática: o homem de bom senso dirá, sem vacilar: eu casso a procuração.

Pode um Papa, que autoriza morticínios às centenas de milhares, ad maiorem Dei gloriam³²¹ - pode aqui envenenar para roubar a fortuna de suas vítimas; pode aqui viver em mancebia³²² com a própria filha; podem estes infelizes, que degradam a espécie humana, representar, em qualquer caráter, o puro e imaculado Cordeiro de Deus? Só eles o podem afirmar.

E daí?

Daí a conclusão: de que a pedra sobre a qual Jesus fundou sua Igreja é o símbolo de todas as virtudes cristãs: da fé, da humildade, do amor, da caridade.

É contra a Igreja sobre esta rocha, única que pode servir de arca às verdades eternas, contidas na sublime Doutrina de Jesus, que foi dito: não prevalecerão contra ela as portas do Inferno³²³.

E não prevalecerão mesmo; porque, embora, como o sacerdote hebreu, a Igreja chamada cristã repila de si a verdade, esta será eterna no seio da humanidade, que guarda-la-á fora da Igreja e da cúria, dos concílios e do Papa.

O que quereis, Senhor? Que obedeçamos à voz do pastor que nos encaminha para a cova do lobo?

Ouvi-a vós, escravos da fórmula; nós outros preferimos deixar o pastor e procurar o Senhor.

Sobre este ponto basta. Passemos a outro.

Tem razão, em nosso fraco conceito, a crítica de José Balsamo, quanto a ter este atribuído à Bíblia um sentido, de que resulta: ser o pecado original a transgressão do preceito, contrário à lei da reprodução.

da Igreja.(Fonte: Dicionário Priberam online).

321 (Nota do Organizador) “Para maior glória de Deus”, já referido. (Fonte: Dicionário Priberam online)

322 (Nota do Organizador) Estado de duas pessoas que mantêm uma relação amorosa e vivem juntas sem estarem casadas; concubinato, vida dissoluta. (Fonte: Dicionário Priberam online)

323 (Nota do Organizador) Mt.16:18-20.

Nem compreendemos como aquele espírito esclarecido pelos ensinamentos da filosofia e ciência espíritas avançou aquela proposição.

José Balsamo sabe: que a criação de Adão e de Eva, sua colocação no paraíso terrestre, de que ainda ninguém lhe descobriu vestígio, o pomo proibido, a transgressão do preceito, e o mal que daí proveio à humanidade - que tudo isto é simbólico, em razão do atraso da humanidade daquele tempo.

O historiador sagrado precisava explicar a existência do homem na Terra e principalmente, o fato de serem sofredores todos os homens na Terra, e não podendo explicar a quem não o podia entender, a gênese real, explicou-a por aquele símbolo, que duraria até que esta pudesse ser compreendida.

José Balsamo sabe: que Adão e Eva não foram os pais do gênero humano, porque antes deles a Terra já tinha habitantes, como claramente se compreende do cap. 4, versículo 14, do “Gênesis”, onde Caim diz:

“Tu me lanças hoje fora da Terra (da casa paterna) e eu andarei vagabundo e fugitivo. O primeiro pois que me encontrar, matar-me-á.”

Quem o mataria, se a Terra não tinha outras criaturas humanas, além de seus pais, que ele ia deixar?

E nem isto é fantasia de Caim, pois que o Senhor confirmou aquilo sem receio no versículo seguinte, ainda mais categoricamente:

“Não será assim; mas todo o que matar Caim, será castigado sete vezes em dobro. E pôs-lhe um sinal para que ninguém que o encontrasse o matasse.”

José Balsamo sabe, portanto, que a lenda do paraíso simboliza a pena imposta àqueles Espíritos, de encarnarem na Terra, que era mundo inferior ao mundo donde vieram; donde a ideia que lhes fica de um paraíso perdido, isso que se transmitiu de geração em geração, com o interesse das coisas maravilhosas.

Sabe, enfim, que a culpa original é uma monstruosidade, que se atribui a Deus, que, aliás, disse pelo profeta: o pai não paga as culpas do filho, nem o filho as culpas do pai; mas cada um responde pelas próprias culpas³²⁴.

Pode haver coisa mais clara?

324 (Nota do Organizador) Dt. 24:16 e Ez. 18:20.

Como, então, pagar a humanidade inteira pelas culpas de seu primeiro pai e por toda a duração da Terra?

Tome-se a lenda do paraíso como um símbolo, necessário aos tempos da maior ignorância - e aí está a Bíblia entendida, em espírito e verdade, harmonizada com o ensinamento do Senhor pelos profetas.

A ciência, que é também revelação de Deus, mata a fé, dizem os da Igreja.

Sim, mata a fé, mas a fé dos falsos Apóstolos - a fé que Jesus quer, esta acompanha a ciência no seu voo para o infinito, que é Deus.

Fé e ciência são as duas asas, em que se libra o Espírito para ascender pelas vias do progresso infinito.

Sem ciência, tanto como sem fé, mas fé raciocinada, ninguém chega à ordem dos eleitos - ao alto destino posto para toda a humanidade.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 25.09.1893: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/8474

Artigo CCCIX - O PAIZ, 02.10.1893

Lendo os piparotes³²⁵ antiespíritas do Sr. Sena Freitas³²⁶, acudiram-nos ao pensamento estes versículos de João de Lemos³²⁷, em sua “Lua de Londres”: Eu e tu, casta deidade, padece-mos igual dor.

É o tal...mas de Mme. de Stael³²⁸.

Andamos bordejando em torno da polêmica mansa, mal detido pelo receio de nos chamarem intruso.

Mas... o crítico de José Balsamo, sem dúvida, reputando-se blindado por seus triunfos, atirou-se, lança em riste, contra o Espiritismo e eis-nos a bater-lhe à porta, com melhor razão do que teve ele para bater à de Allan Kardec.

325 (Nota do Organizador) Pancada, geralmente com a cabeça do dedo médio ou indicador, curvando-o até apoiar a unha sobre a cabeça do polegar e endireitando-o de repente. (Fonte: Dicionário Priberam online)

326 (Nota do Organizador) José Joaquim de Sena Freitas (1840 - 1913) - sacerdote, orador sacro e polemista português. Vide o artigo Artigo CXCIV, de 20.07.1891, à página 334 do 2º volume desta coleção.

327 (Nota do Organizador) João de Lemos (1819 - 1890) - poeta português, um dos representantes do chamado ultraromantismo, que é a segunda fase do romantismo, nos anos 1850-1865. “[A Lua de Londres](#)” é um de seus poemas mais famosos - Dr. Bezerra cita o início da 8a. estrofe. (Fonte: Wikipedia)

328 (Nota do Organizador) Anne-Louise Germaine de Staël-Holstein (1766 - 1817), mais conhecida como Madame de Staël - intelectual, ensaísta e romancista francesa. Ao lado de Benjamin Constant, ela formou um dos casais intelectuais mais celebrados de seu tempo e foi uma das mais conhecidas opositoras a Napoleão. É considerada uma das precursoras do Romantismo na França, talvez daí a ligação feita por Dr. Bezerra - supomos nós - com o podema de João de Lemos. (Fonte: Wikipedia)

Um dos seus argumentos contra José Balsamo foi ter este falado de coisas que não tinha estudado a preceito - e, de fato, não há maior perigo do que este para os que se atiram aos mares da publicidade. É igual ao que corre aquele que fala ou escreve contra o que sente e sabe que é verdade.

Se a crítica é justa a respeito de José Balsamo, coisa é que não temos o direito de julgar, porque ainda não lemos atentamente seu opúsculo.

Que, porém, é bem talhada carapuça para a cabeça do talhador; isto, sim, podemos afirmar.

Em seus piparotes antiespíritas, o erudito escritor mete a bulha³²⁹: afirmar José Balsamo que os habitantes inteligentes dos mundos sem conta, espalhados pelo espaço, são... perispíritos do nosso globo, ontem revestidos de carne e osso, hoje dotados de invólucros gasosos, astrais, sutis. E, mais abaixo, diz: felizmente ainda não cheguei a perispírito.

Não pode haver mais completa ignorância do Espiritismo!

Dado que José Balsamo tenha dito tais coisas em seu livro, o crítico estava no pleno direito de zombar delas, como fez; mas, dar por isto piparotes no Espiritismo, não - nunca, porque o Espiritismo não as ensina.

E daí uma de duas: ou S. Revma não conhece a preceito a Doutrina Espírita, em que mete-se a dar piparotes - ou conhece-a, como é mister - e... e... e não sei de pena como o conte!

Estes piparotes não doem, até porque só Deus sabe quanto custam a quem os dá.

A questão das reencarnações que provocou outro piparote, em que pese ao ilustre crítico, nem ele nem os 258 Papas reunidos poder-lhe-ão pôr barreira.

É uma lei conquistada pela experiência, múltipla - multiplicada, aqui e além, agora ou logo.

S. Revma. não diz aos ateus: que Deus não deixa de ser, porque eles o negam?

Pois ouça o mesmo de um espírita, relativamente àquela excelsa lei - única que concilia a justiça com a misericórdia do Senhor.

329 (Nota do Organizador) Provocar a discórdia entre; incitar ao conflito; chamar à discussão. (Fonte: Infopedia)

Terceira questão, de que gerou-se mais um piparote no Espiritismo; José Balsamo atribui a Maria Santíssima outros filhos, além de Jesus.

A propósito, lembramo-nos de um fato, dos sertões da Terra, onde os pais nem talvez saibam que existe a doce língua de Petrarca³³⁰ e de Manzoni³³¹.

Foi um padre, que substituiu o vigário da freguesia em seus impedimentos: o que não lhe pesava, porque o rebanho era de lavar-se com uma celha d'água³³²: Deus, no céu — e o padre vigário, na Terra.

Por desgraça, apareceu um tombador (agrimensor), que era ou dizia-se ateu - e que tirou para seu barato dar piparotes na Igreja romana, sabatinando o padre Joaquim.

O padre foi-se desvencilhando como pôde, até que o velhaco saiu-lhe com esta:

“Os concílios não são presididos pelo Espírito Santo”?

“Positivamente”.

“Logo, deles não pode resultar senão a verdade”?

“Positivamente”.

“Como, então, as resoluções de uns revogam as de outros”?

“Qual! Isso não pode ser”.

“Garanto-lhe, e prová-lo-ei, se quiser”.

O padre embuchou - e, depois de muito meditar, sugeriu-lhe o bestunto esta explicação:

“Nada mais simples, Sr. Lourenço: é que alguns concílios são presididos pelo diabo”.

O tombador bateu palmas de contente - tinha dado um piparote na Doutrina da Igreja!

Releve-nos José Balsamo a parte que na comparação lhe cabe; mas em verdade lhe diremos: O Espiritismo dá-lhe tanto direito para afirmar que Maria Santíssima teve outros filhos além

330 (Nota do Organizador) Francesco Petrarca (1304 - 1374) - intelectual, poeta e humanista italiano.

331 (Nota do Organizador) Alessandro Francesco Tommaso Manzoni (1785 - 1873) - poeta, romancista e filósofo italiano, considerado um dos maiores romancistas italianos de todos os tempos por seu famoso romance “Os noivos”.

332 (Nota do Organizador) Celha é o mesmo que cílio, pestana. Parece-nos que aqui Dr. Bezerra se serviu do termo em seu sentido figurado - de coisa pequena - a traduzir a ideia de “gota d'água”. (Fonte: Dicionário Priberam online)

de Jesus, quanto deu a Igreja ao padre Joaquim para atribuir a presidência espiritual de concílios ao diabo.

O Espiritismo reforça, pelos ensinamentos dos altos Espíritos, as provas da Imaculada Conceição.

O Espiritismo considera Maria um altíssimo Espírito, que veio à Terra em missão especial para servir de sacrário ao puro amor do Pai.

O Espiritismo não vê nesse fato fenomenal, verdadeiro milagre para os que ainda não lhe conhecem a lei, nada que pudesse atingir a pureza virginal da Mãe do Redentor do Mundo, quer antes, quer depois do parto.

Não pode aceitar a hipótese de ter mão humana tocado a Mãe do Eterno; nem a explicação derivada dos cultos politeístas, de baixar sobre a carne humana o Espírito do Senhor, como fazia Júpiter.

E é sabido que os hebreus entendiam por Espírito Santo o próprio Espírito do Senhor.

Estamos, pois, distanciados, quanto à pluralidade dos filhos de Maria, o que aliás já está mais que satisfatoriamente explicado, principalmente com a significação geralmente dada, no hebraico, à palavra filho; não, porém, quanto à natureza do corpo de Jesus, no que ambos nós estamos com a Doutrina Espírita.

É neste ponto, que está sensivelmente contido o nó da magna questão: ou uma encarnação comum, ou uma encarnação mitológica; qualquer das duas repugnantes; digamos impossíveis.

Impossível, no primeiro caso, porque Jesus, o Deus da Terra, Espírito que só tem acima de Si o Pai, não podia vir atafulhar-se³³³ na carne impura da humanidade terrestre, como qualquer lapuz³³⁴.

Impossível, no segundo caso, porque; à parte o caráter mitológico, o fato dar-se-ia com transgressão das leis eternas postas por Deus, para a encarnação no nosso³³⁵ planeta - e Deus não

333 (Nota do Organizador) Colocar ou guardar (algo) em recipiente (bolsa, gaveta, mala etc.) de maneira desordenada, aqui em sentido figurado, de encarnar-se, colocar-se na matéria densa. (Fonte: Dicionário Priberam online)

334 (Nota do Organizador) Homem rústico do campo, campônio. (Fonte: Dicionário Priberam online)

335 (Nota do Organizador) O original traz aqui “novo”, mas entendemos que foi um erro material, que decidimos corrigir.

seria Deus, se precisasse um dia alterar a ordem preestabelecida no Universo, para produzir um fato qualquer.

Dezenove séculos têm passado por sobre este fenomenal sucesso, sem que se tenha podido compreender-lhe a lei, sendo sabiamente prudente o ensino da Igreja: de considerá-lo um milagre, não só porque milagre é tudo o que nossa razão ainda não alcança, como porque assim se cerca com tanta veneração o berço, como se cerca o túmulo do Redentor.

Tudo, porém, tem de passar pela luz da razão humana, na medida do seu progressivo aperfeiçoamento; e, pois, o mistério do passado será a revelação do futuro.

Pouco tem que rir dessas revelações, que já se fazem por toda a superfície da Terra, os que acreditam e pregam: que o característico da verdadeira religião é ser incompreensível - é não caber na celha d'água.

Todo este castelo vai por terra ao sopro de duas palavras, que, ligadas, constituem uma ciência infinita em extensão e em compreensão: perfectibilidade humana.

O corpo de Jesus, compatível com a virgindade de Maria - e dispensando a geração segundo a carne e a mitologia, foi delineado segundo leis eternas e não por uma exceção³³⁶.

A vontade soberana fez que se aplicassem aquelas leis àquele caso - e essas leis já são hoje conhecidas, embora pelo método que foi prometido por Jesus, de que não se fala senão com escárnio.

Vamos, Sr, José Balsamo; deixe que riam: pueri ludint³³⁷.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 02.10.1893: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/8501

336 (Nota do Organizador) Aproveitamos o ensejo para reforçar o convite à leitura da obra "Os Quatro Evangelhos", de Roustaing, e especialmente o item 14 de seu primeiro Tomo, que trata exatamente da Anunciação e das condições em que se deu o surgimento de Jesus entre nós.

337 (Nota do Organizador) "Brincadeira de crianças". (Fonte: Contdict.com)

Artigo CCCX - O PAIZ, 09.10.1893

Nova leva de piparotes antiespíritas!

O crítico de “O Homem através dos mundos” podia muito bem sacrificar seu amigo José Balsamo à sua ardentíssima fé de católico romano, sem que precisasse ascender a pira com as vestes tão sovadas do pobre Allan Kardec.

Ainda mais quando o infeliz, que incorreu na desgraça do ilustre censor, está limpo de culpa na questão debatida - não disse do batismo, nem bem nem mal!

Cento e onze (111) versículos tem S. Revma., contado na “concordância bíblica”, que se referem ao sacramento do batismo; mas não disse nem poderá dizer quantos contou nas obras fundamentais do Espiritismo, que combatem aquele sacramento.

Que fundamento há, então, para seus piparotes?

Temos, mais uma vez, o caso do tombador com o padre Jo-aquim!³³⁸

Agora nós - por nossa conta - e fora das portas do Espiritismo.

Na Bíblia, vertida para o português, segundo a vulgata, pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo, a que está apenso o Novo Testamento, não encontramos, senão adulterada, a citação do versículo 16, do cap. 16, de São Marcos, com que o censor de José Balsamo - e por José Balsamo, do Espiritismo, fez arrimo de esmagar a cabeça da hidra.

O censor atribui-se a liberdade que não é dada nem a poetas; falou por sua conta em nome de São Marcos!

338 (Nota do Organizador) Vide artigo anterior, à página 376 deste mesmo volume.

Quem o viu tão escandalizado por entender que José Balsamo tinha forçado a interpretação de trechos da Bíblia, nunca, jamais poderia imaginar que estivesse ele, àquele tempo, não forçando, mas adulterando um trecho do Evangelho, que transcreveu!

Para que não sejamos também qualificados de cavaleiro andante ou coisa ainda pior, damos aqui, em justificação do que avançamos, a íntegra da citação, que não encontramos em Marcos, e a íntegra do que todos ali podem encontrar.

“Ide e ensinai a todos os povos, batizando-os em nome do Padre, do Filho, do Espírito Santo. Aquele que crer e for batizado, será salvo.”

Istro é do censor; do Evangelho é isto:

“Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura. O que crer e for batizado, será salvo; o que, porém, não crer, será condenado.”³³⁹

Quem, numa discussão, ainda mesmo que seja mansa, cita uma autoridade, transcrevendo-lhe as palavras, não tem o direito de acrescentar e eliminar umas e tantas palavras e períodos.

Onde o batismo em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo? E onde ficou o período — o que não crer será condenado?

Ah! Pascal, precisavas escrever mais uma das tuas cartas!³⁴⁰

339 (Nota do Organizador) A citação feita por Dr. Bezerra é a que consta na edição de 1885, da referida tradução da Bíblia, relativa aos versículos 15 e 16 do capítulo 16 de Marcos. Praticamente idênticas são as traduções correntes, ainda hoje, do mesmo trecho. Na Bíblia de Jerusalém, tida como uma das melhores disponíveis, senão a melhor, consta assim: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura. Aquele que crer e for batizado será salvo; o que não crer será condenado”. A versão “Almeida, Corrigida e fiel”, - protestante - segue o mesmo padrão: “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado” - e é praticamente idêntica à católica: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado”. Bem se vê que tinha Dr. Bezerra toda razão em protestar contra o “acréscimo” feito pelo padre Sena Freitas em sua citação...

340 (Nota do Organizador) Piérre Fermat (1607-1665), considerado por muitos o “Príncipe dos matemáticos” e Blaise Pascal (1623-1662), matemático, físico e filósofo, responsável pela invenção da primeira máquina de calcular, trocaram correspondência em certa ocasião acerca de determinado problema matemático, ligado à teoria dos jogos. As cartas trocadas entre ambos, contendo reflexões sobre a resolução de problemas de jogos de azar, são consideradas os documentos fundadores da Teoria das Probabilidades. Não conseguimos entender exatamente a correlação feita por Dr. Bezerra entre a citação distorcida do

Deixemos, porém, este dormir de Homero³⁴¹ - cujo alcance teremos, porventura, ocasião de patentear, e entremos na questão do batismo, afrontando os raios do Vaticano, que nada são em comparação das setas dos que trabalham por colher-lhe as graças.

“O que crer e for batizado será salvo.”

Logo, duas são as condições para a salvação - crer e ser batizado. Uma não dispensa a outra.

Jesus, porém, acrescentou: “O que, porém, não crer, será condenado.” Não disse: “O que não for batizado, será condenado.”

A interpretação, segundo a letra, é aquela: crer e ser batizado, para ser salvo.

E a Igreja, sempre escrava da letra, baseou nela o seu postulado: “Fora da Igreja não há salvação.”

A interpretação em espírito, porém, está no último período ou proposição do versículo: o que não crer será condenado; donde esta dedução: o que crer, seja ou não batizado, será salvo - o que não crer, seja ou não batizado, será condenado.

Crer - ter fé - exercitar o livre-arbítrio na prática do bem, são as condições da salvação - e confirma-nos nesta crença o ensino bíblico: de ter sido Melquisedeque sacerdote do Altíssimo só pode ter crido e apesar de incircunciso, no tempo em que a circuncisão valia por batismo.

Pode o pai de infinito amor condenar um justo pelo fato de ter vivido onde não se conhecia a lei do batismo? Pode condenar a criança que morre, antes de ter vontade, pelo fato de não a terem batizado?

Não admira os obcecados, para quem Deus faz os filhos, até as infinitas gerações, responderem pela culpa dos pais; também lhe atribuam a injustiça bem humana de condenar um justo e uma criança inocente, por não terem recebido o banho lustral do pecado original.

padre Sena Freitas com as cartas de Pascal, mas fica aqui a indicação de boa fonte para desejar se aprofundar no tema: <https://webpages.ciencias.ulisboa.pt/~ommartins/seminario/7cartas/pascalfermat.htm>

341 (Nota do Organizador) Há uma frase de Horácio, mais ou menos nestes termos - “às vezes dormita até o bom Homero” - que nos lembra a todos que mesmo o grande gênio pode tropeçar, cometer equívocos. Dr. Bezerra já se referiu a esta sentença, no 2º tomo desta coleção - vide mais detalhes na nota 443, à página. 415, daquele volume.

A Igreja católica romana pode apreciar assim as infinitas perfeições do Altíssimo; nós o glorificamos em sua justiça, em seu amor e em sua misericórdia - a sua justiça, sua misericórdia e seu amor estão em absoluta oposição com a Doutrina estreita e blasfema da Igreja, que tem o mundano empenho de manter, oculto sob a letra, o espírito dos ensinamentos do Divino Mestre e Senhor Nosso.

Para nós, o batismo é o mesmo que foi a circuncisão - é um símbolo; e tanto a Igreja conhece que ele não é o que inculca, por interesse de domínio, que viu-se forçada a criar o “de fogo”, como foi forçada a criar o “Purgatório”, por não poder sustentar a herética criação do Inferno, que lhe é uma arma de subjugação das almas.

O Espiritismo (agora entra domínios da Doutrina, que é revelada às gentes para preparar os caminhos do Espírito de Verdade, permitido por Jesus); o Espiritismo, sem³⁴² combater o batismo, dá-lhe seu real valor, considerando-o virtualmente a senha que dá entrada para as legiões dos crentes em Jesus, onde o batismo cristão recebe a luz dos ensinamentos divinos para a salvação, se crer, para a condenação se não crer.

O Espiritismo, pelas múltiplas existências do Espírito, faz o justo, que morreu fora daquelas legiões - faz a criança, que morreu nas mesmas condições - faz o selvagem, que não conhece a lei da graça - faz o ímpio, que a desprezou - faz os Papas e os seus adeptos que a transformaram em instrumentos de ganâncias - faz todos os que não creram virem confessar a fé - purgar as culpas e, abraçados com a cruz, procurarem Aquele que é a vida e a via.

Toda a humanidade terrestre há de, uns mais cedo, outros mais tarde - uns em poucas, outros em muita provas, subir ao Calvário, donde, crentes e regenerados, subirão ao Pai pelo Filho.

A salvação é universal; mas cada Espírito fará sua marcha, segundo quizer, mas de sua liberdade: demorando ou apressando o dia da sua glorificação.

Todos somos filhos pródigos³⁴³ - todos teremos a nossa festa na casa do Pai, hoje, amanhã ou depois.

342 (Nota do Organizador) O original traz aqui a palavra “com”, o que induziria à ideia de que o Espiritismo combate o Batismo, o que não o faz, conforme explica o próprio Dr. Bezerra logo em seguida; pelo que a substituímos por seu oposto - “sem” - seguindo a sugestão da edição FAE, que decidimos manter.

343 (Nota do Organizador) Têm-se aqui um ensino recorrente dos Espíritos,

Deus nos entregou o nosso destino, reservando a cada um o seu quinhão da herança paternal, para quando livremente, o quizer receber.

O sacerdócio hebreu, temo-lo dito à saciedade, foi instituído por Deus, como a Igreja o foi por Jesus Cristo.

Pois bem, seu caráter divino lhe foi retirado, desde que ele repeliu a luz.

Não tenha o censor a menor dúvida quanto a acontecer o mesmo à sua Igreja infalível, se persistir em repelir a luz do Nosso Senhor Jesus Cristo, que já devia ser por ela esperada e que os sinais do tempo, prescritos por Joel e pelo símbolo dos Apóstolos, estão levando aos olhos de todos.

Em todo o caso, respeitamos o modo de sentir do censor, do mesmo modo como queremos que respeitem o nosso.

O que não podemos é deixar passar sem retificação as injustas arguições feitas à Doutrina e a Allan Kardec, que não respondem pelas opiniões pessoais de Jose Balsamo.

Se S. Revma. ainda não chegou a perispírito, como galhofando escreveu - tem de convir que José Balsamo, também, ainda não chegou a ser o Espiritismo.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 09.10.1893: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/8537

mas que ainda se faz necessário lembrar e enfatizar: desde "O Livro dos Espíritos", questão 1009, na belíssima mensagem de Paulo de Tarso - "Filhos pródigos, deixai o vosso voluntário exílio; encaminhai vossos passos para a morada paterna. O Pai vos estende os braços e está sempre pronto a festejar o vosso regresso ao seio da família.", passando por "Os Quatro Evangelhos", de Roustaing, Tomo I, item 14 - "Todos somos filhos pródigos; voltemos à casa paterna. Apressemos-nos, apressemos-nos, irmãos bem-amados" - e chegando à Emmanuel, no clássico "O Consolador", q. 243 - "Todas as entidades espirituais encarnadas no orbe terrestre são Espíritos que se resgatam ou aprendem nas experiências humanas, após as quedas do passado, com exceção de Jesus-Cristo". Essa tomada de consciência revela-se essencial para os que desejam iniciar o caminho de volta...

Artigo CCCXI - O PAIZ, 16.10.1893

José Balsamo, em que pese a seu ilustrado crítico, disse uma grande verdade nestas palavras:

“Todas as religiões são boas.”

Se José Balsamo tivesse dito: todas as religiões são verdadeiras, teria avançado uma heresia; isto sim.

O homem começa, na Terra, quase nas condições morais do bruto - e, portanto, quase impossibilitado de compreender a existência do Deus de Abraão, por nos servirmos da expressão do crítico.

Quererá este que, em tais condições, o homem tivesse a ciência de “um ser eterno, infinito, Espírito puro, imenso, soberanamente bom e santo e que no seu Decálogo impôs ao homem o dever de não cometer o adultério nem o estupro?”

A cada fase do progresso humano, a sua luz - e a luz mais intensa na razão direta daquele progresso.

A luz mais fraca prepara o advento da mais forte, como a conquista de um grau do progresso dá forças para a mais rápida ascensão.

Uma religião encerra necessariamente alguma luz - e quando dissemos luz, dissemos a verdade - e se dissemos que há necessariamente luz em qualquer religião, é porque nenhuma existiu nem existe sem um objetivo: ser o princípio, materializado, embora, que represente à crença de seus sectários em um poder superior a que tudo é sujeito.

E há ou não há neste grosseiro modo de encarar o Ser Supremo um fundo - um gérmen - um modo rudimentar da verdadeira religião?

Embora envolto em princípios e práticas repugnantes, digamos mesmo desprezíveis, o princípio - a crença n'um Ser Superior prepara os homens para a compreensão de Deus, tal qual hoje o compreendemos.

Há, pois, ou não, bondade nas religiões falsas que dispuseram a humanidade para tal compreensão?

Sem as religiões, estaríamos onde estamos?

Tudo, no mundo - e nos mundos, obedece à Vontade Soberana - e, se tais religiões existem, é porque assim é mister ao plano de Quem só possui a sabedoria - e se tais religiões existem é porque algum bem pode delas provir para o progresso da humanidade.

E o bem é visível: consiste em preparar o Espírito atrasado para a verdadeira compreensão de Deus.

Ele começa vendo-o n'um objeto material - e acaba, quando já possui a razão esclarecida, vendo-o sob as formas de um Ser espiritual, dotado de perfeição infinita.

A verdadeira religião nasce, pois, das falsas religiões, como a Química da Alquimia, como a Astronomia da Astrologia.

Tomando para estudo a verdadeira, o que vemos? Vemos as gradações do seu aperfeiçoamento, acompanhando as gradações do aperfeiçoamento humano.

O Deus de Abraão não foi obscurecido por ideias e práticas repulsivas, como a poligamia?

O Deus de Moisés, que já baniu aquelas ideias e práticas, não foi obscurecido pelo “dente por dente e olho por olho”, tanto como pela lei de passar à espada as mulheres e crianças das nações vencidas?

Pois se a verdadeira religião envolve a ideia de Deus em tão condenáveis princípios e práticas, como condenar por imutáveis as falsas, que mudam em princípios e práticas análogas à ideia de um Ser Superior a toda a criação?

Tudo o que afeta a capacidade humana, começa imperfeito - e vai, com o tempo, se apurando.

As falsas religiões são o primeiro degrau da crença em Deus - são o alicerce da verdadeira - e esta começou envolta em trevas, como elas, e só resplendeu depois da vinda do Cristo - e, ainda assim, contém muito joio, que novas revelações virão joeirar.

Se quisermos tomar ao pé da letra os conceitos ortodoxos do crítico, o mundo só teve religião depois do Cristo, pois que o Decálogo foi ensinado de par com o código draconiano³⁴⁴ de Moisés!

É, pois, inconcusso: que toda a religião, que toda a filosofia, embora falsas, são boas; isto é, concorrem para a elevação da humanidade às alturas de poder compreender a verdade pura.

“Por ser a verdadeira doutrina da Igreja Católica e por ser a única solução digna de uma clemência infinita”, admite o crítico de José Balsamo: que o crente perfeitamente convicto da suposta verdade de um culto na realidade falso se salva, embora com dificuldade.

Parece que S. Revma., envolto na capa de asperge, vai-se safando da Igreja muito sorrateiramente!

Já é Doutrina da Igreja haver salvação, embora com dificuldade, fora dela?

Na fachada do novo templo de Delfos, ainda não vimos substituída a inscrição: Fora da Igreja não há salvação. Não há uma obra católica que a renegue.

Como, então, vem o crítico dizer-nos: que um crente de um culto na realidade falso, isto é: que o sectário de uma religião que não a da Igreja pode se salvar?

Há, pois, ou não há salvação fora da Igreja? Definam bem claramente este ponto para sossego de nossa alma.

Não; o crítico diz que está com a doutrina da Igreja; mas bem sabe que não está - e que está, neste ponto, com o diabo do Espiritismo!

“É a única solução digna de uma clemência infinita.”

Perfeitamente, meu padre! Mas siga para diante e diga mais: a condenação eterna é solução indigna de uma clemência infinita. Avance mais um pouquinho - e diga: as vidas múltiplas do Espírito, como meio de sua purificação, do desenvolvimento de sua perfectibilidade, do seu progresso moral e intelectual, são a única solução digna do amor infinito.

Já que pôs um pé no plano inclinado, renegando o apotegma³⁴⁵ da Igreja, ponha também o outro - e deixe escorregar o

344 (Nota do Organizador) Relativo às severas leis do ateniense Drácon - legislador grego do século VII a.C. - e, por extensão e em sentido figurado, referência a algo excessivamente severo. (Fontes: Dicionário Priberam online e Wikipedia)

345 (Nota do Organizador) Dito breve e memorável de pessoa ilustre; máxima. (Fonte: Dicionário Priberam online)

corpo para o abismo do Espiritismo, que Deus lhe dará asas para não se machucar.

Do que recear-se?

Desde que venha a ser sectário convicto desta Doutrina, embora realmente falsa, não lhe tolhe isto a salvação, segundo a sua própria crença.

Se por aí a coisa oferecer dificuldades, confesse que lá pelos caminhos da Igreja, segundo ela ensina, não são cor-de-rosa os horizontes.

A verdade tem o dom providencial de atrair a si aqueles que, desconhecendo-a, arriscam-se a combatê-la! Arrancam impetuosamente a espada de Saulo e trocam-na pela pena inspirada do Apóstolo da Caridade.

Espíritas, elevai ao Pai de Misericórdia ações de graças por começar a fazer-se a luz no cérebro de mais um irmão nosso, que pode vir a ser um apóstolo das verdades da nossa fé - da verdadeira fé.

O padre Sena Freitas deu testemunho da sua repulsão pelos dogmas da Igreja, que repugnam com a clemência infinita.

Louvado seja Deus!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 16.10.1893:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/8565

Artigo CCCXII - O PAIZ, 23.10.1893

Da polêmica mansa vamos extraindo áureos trechos.

Leiam, por gosto, este pedacinho da polêmica do dia 25 de setembro do ano da graça de 1893:

“Para a teologia católica não é falsa, em absoluto, a comunicação do Espírito de alguém com o Espírito de além-tumulo. Tanto o Antigo como o Novo Testamento dão testemunho de fatos desta natureza e a Igreja por conseguinte não pode em absoluto, repeli-los.”

Quem diz isto é um padre - e di-lo a um povo, que ouviu, ainda não há muito, do seu diocesano: a mais completa negação da aparição dos mortos, assegurando que tais aparições ou comunicações são obras do tinhoso.

O nosso diocesano, que assim se exprimiu, não era um bonifrate³⁴⁶ em teologia e teogonia - era um sacerdote respeitado por seu profundo saber em coisas das sagradas letras.

E, pois, entre um príncipe da Igreja, membro do último concílio ecumênico, e tido por sábio em coisas sagradas - e um padre mais lido em letras profanas que nas sagradas, para onde pender o que quiser conhecer a doutrina da Igreja sobre a comunicação dos Espíritos?

O escritor da polêmica mansa nos perdoe a franqueza rude, com que lhe declaramos: a sua asseveração a respeito da opinião da Igreja, no caso vertente, não é ortodoxa.

346 (Nota do Organizador) Boneco manipulável, geralmente através de cordéis e engonços ou através da mão introduzida numa espécie de luva que constitui o corpo do boneco; marionete, títere. (Fonte: Dicionário Priberam online)

A opinião da Igreja, ao menos a que se manifesta como corpo docente, é a enunciada pelo bispo do Rio de Janeiro, o finado Lacerda³⁴⁷.

E nem pode ser outra, desde que não abra mão de seu impossível sistema da vida única, após cuja terminação, as almas são julgadas e levadas a seu destino eterno: Céu ou Inferno.

É intuitivo que, se as almas depois desta vida, podem vir comunicar conosco, é porque não estão, de uma vez e definitivamente, desligadas da Terra, gozando ou sofrendo em um dos dois absolutos, que consubstanciam o destino humano.

E se elas não estão desligadas da Terra, não estão no Céu ou no Inferno, o que será da cosmogonia da Igreja?

Já ouvimos a padres ignorantes e de má-fé: que o fato se dá por graça especial de Deus; mas o ilustrado escritor da polêmica mansa não pode aceitar tão torpe explicação, que atribui à justiça indefectível preferências e exclusões.

Deus faz graças; mas as graças divinas assentam-se na justiça e regulam-se, como tudo no Universo, em leis eternas e imutáveis.

Uma aparição, pois, graciosa ou não, revela uma lei, em virtude da qual se operam as aparições.

Admitir, pois, uma - uma só, é reconhecer a lei - e reconhecer a lei é admitir a pluralidade de suas manifestações; salva a hipótese das preferências e exclusões.

Se, portanto, a Igreja “não pode, em absoluto, repelir a comunicação do Espírito de além com o Espírito de aquém-túmulo”, a Igreja não pode repelir a lei das comunicações.

E é porque se reconhece que a consequência fatal de admitir um caso, sequer, é esta, que a Igreja nega o fato em absoluto tergiversando³⁴⁸, como é seu costume, a respeito dos que consignam o Velho e o Novo Testamento.

347 (Nota do Organizador) Pedro Maria de Lacerda, primeiro e único conde de Santa Fé, (1830 - 1890) foi um sacerdote católico carioca, bispo da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro por mais de vinte anos. Foi o último Bispo Capelão Mór e tomou parte no Concílio do Vaticano I, em Roma, entre dezembro de 1869 e dezembro de 1870.

348 (Nota do Organizador) Usando de evasivas, procurando rodeios, empregando subterfúgios. (Fonte: Dicionário Priberam online)

É, pois, D. Lacerda quem exprime o verdadeiro pensamento da Igreja: não as almas, mas o demônios, é que se apresentam aos viventes.

Mais um laço que se rompe dos que prendiam o padre crítico de José Balsamo, à Igreja romana!...

Mais um passo dado por aquele Espírito que já pode atingir as regiões da luz para o Espiritismo!

Ainda bem que já passaram os tempos, em que a descrença que gerou nos Espíritos lúcidos as estólicas e incongruentes teorias dos obcecados de Roma, impelia para o materialismo e para o ateísmo.

Se isto não fora, o Sr. Sena Freitas seria hoje, em vista de sua franca, embora não confessada dissidência, um padre materialista e ateu.

Salvou-se e salva a todos os que se inspiram na verdade, contra os erros de Roma, a sublime Revelação espírita.

Já se pode renunciar o erro sem cair no abismo de erros mais perniciosos.

Do Evangelho segundo a letra, que é o catecismo católico, apela-se, em boa razão e sã consciência, para o Evangelho em espírito e verdade, que é o catecismo espírita.

Os Espíritos esclarecidos, que sabem como a religião tem vindo através dos séculos se depurando de falsas verdades divinas, compreendem com perfeita justiça que ela não pode estar ainda depurada de todas aquelas falsas verdades, pois que a humanidade ainda não é chegada ao grande progresso em que lhe possa ser dada toda a pura verdade.

E, pois, em boa razão e sã consciência, sabendo que tais verdades são obra do atraso humano, mas fazem seu tempo - caem como as folhas que secam, desde que a humanidade faz um largo passo nas vias do progresso; não tremem de levar sua análise à arca santa, depositada em Roma - na Igreja, tão suscetível de conter impurezas humanas, como continha a arca santa, depositada em Jerusalém - no templo.

E confrontando o que encontram aí de indigesto, isto que tem sido a fonte do materialismo, com o que lhe oferece o Espiritismo, com todas as provas científicas e morais da pura verdade, confessam, no íntimo de sua alma, a falibilidade da Igreja e o caráter divino da Nova Revelação, devida e prometida ao maior progresso da humanidade (Evangelho de São João).

E por este modo o rebanho de Jesus, em vez de extraviar-se, como até agora, a procurar luz nas trevas, vai-se abrigar ao novo aprisco, esclarecido pela sempiterna estrela de Israel, cujo brilho vai de dia em dia se tornando mais rutilante.

O crítico de José Balsamo, que já admite salvação fora da Igreja - e que acaba de confessar a verdade, contestada, com unhas e dentes, pelos cegos da Igreja, da comunicação dos mortos com os vivos, está no caminho do aprisco - está prestes a receber a luz do Espírito de Verdade.

Se o mal entendido pudor de classe ou de sistema ainda lhe prende a alma, consciente de seu maior dever, os lampejos que lhe escapam, como a luz por entre frestas, dizem eloquentemente: que um confiteor³⁴⁹ se resolve em seu coração ainda sem força para o fazer explodir dos lábios.

E quem sabe se este movimento sutil que se opera naquela alma não é a intuição providencial do compromisso que ela tomou como o ministro do Senhor, para esta existência? Quem sabe?

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 23.10.1893: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/8598

349 (Nota do Organizador) Palavra latina que significa "eu confesso". (Fonte: Dicionário Priberam online)

Artigo CCCXIII - O PAIZ, 30.10.1893

Da árvore da descrença alimentada pelo Positivismo - pelo materialismo - e pelo ceticismo, vão caindo, uma a uma, as folhas que a tornavam frondosa.

Em breve, como a figueira maldita, não restarão dela senão o tronco e os galhos: árvore seca, que não mais atrairá encantos a dormirem à sua sombra, mais pernicioso que a da mancenilha³⁵⁰.

O observador discreto e imparcial não pode deixar de sentir profunda impressão, que só não afetará aos espíritos levianos, vendo a multiplicidade de fatos estupendos, que se têm dado nestes últimos tempos, por toda a parte civilizada da Terra.

E, sobre todos, o mais inexplicável: de correrem, arregimentados, os sábios da descrença, armados com todos os instrumentos de sua ciência, a esmagarem a hidra do charlatanismo - da superstição - e da magia; e voltarem como Paulo de sua excursão a Damasco!

O que é isto que revoluciona, pode-se dizer, o mundo inteiro, a começar pela camada mais elevada da sociedade de todos os países?

O que é isto que, só pela força de si mesmo, lança por terra as fortalezas do materialismo e obriga seus mais famosos generais a fazer-lhe respeitosa continência?

Os novos Átilas encontraram outro Leão?³⁵¹ Seja o que for, a verdade irrecusável é: que se sentem por toda a Terra as convul-

350 (Nota do Organizador) Árvore euforbiácea exótica, de fruto e suco venenosos. Variedade da azeitona. (Fonte: Dicionário Priberam online)

351 (Nota do Organizador) Leão I foi Papa entre 29 de setembro de 440 e sua morte, em 10 de novembro de 461. Ficou famoso por ter ido ao encontro de Átila, o Huno, em 452 d.C., para persuadi-lo a desistir de sua invasão da Itália.

sões que sempre precedem o aparecimento de uma nova ordem moral.

Os sábios da descrença já confessam: que os fenômenos espíritos, a que se deve este vulcão moral, são uma verdade.

Mas perguntamos: podem eles ser explicados pelas leis da ciência materialista?

Aqui desvairam muitos dos mais conspícuos, quer explicando-os por teorias irrisórias, quer apelando para futuras descobertas da sua ciência.

É o espírito de sistema que, em todo o tempo, foi inflexível na repulsão às mais sérias descobertas que ameaçassem qualquer das suas bagatelas!

Os fenômenos espíritos, já por seus inimigos confessados, revelam, portanto - clara - evidentemente, uma origem imaterial - uma causa inteligente; mas o espírito de sistema, que diz: é verdade, tergiversa, acrescentando: a origem imaterial é o magnetismo - a causa inteligente é a vontade do observador ou experimentador.

E, se um - se dois - se uma grande cópia de fenômenos espíritos se derem em condições em que não possam influir o magnetismo e a tal força psíquica?

Não imaginamos uma hipótese - afirmamos uma verdade, que podemos provar com dezenas de fatos de nossa observação - e que vamos hoje, confirmar com um, que nos tomou de surpresa.

Com um médium que nos serve às nossas experiências científicas, conferenciávamos com Mello Moraes³⁵² sobre o caso de uma doente que reclamava uma operação, quando, terminada nossa conversa, foi o médium tomado por outro Espírito, que nos disse: desejar discutir largamente conosco sobre a ciência que faz o objeto de nossos estudos; mas que, achando-se ainda perturbado, por ter há muito pouco tempo deixado o corpo, pedia-nos para mais tarde uma conferência. Declarou ser Charcot³⁵³.

352 (Nota do Organizador) Alexandre José de Melo Morais Filho (1844 - 1919) filho do médico e historiador de igual nome, tio-avô de Vinicius de Moraes, foi médico, folclorista, etnógrafo, poeta, prosador e historiógrafo baiano, além de cronista da vida carioca. Doutorou-se pela Faculdade de Medicina de Bruxelas. De volta ao Brasil, dedicou-se ao jornalismo e à literatura e foi Diretor do Arquivo Municipal do Rio de Janeiro. (Fonte: Wikipedia)

353 (Nota do Organizador) Jean-Martin Charcot (1826 - 1893) - médico e cientista francês; alcançou fama no terreno da psiquiatria e neurologia na segunda metade do século XIX. Foi um dos maiores clínicos e professores de Medicina

Pode-se imaginar a emoção que sentimos, achando-nos face a face - e tendo de discutir ciência com o Tirteu³⁵⁴ do moderníssimo materialismo!

Não invocamos o fato da aparição inesperada do grande sábio, no qual nem de leve pensávamos, como prova contra o magnetismo e contra a chamada força psíquica, porque sabemos: que não prestarão fé ao nosso testemunho. Apelamos para os fatos ulteriores, que podem ser comprovados.

No dia 10 de setembro (1893), convidamos nosso médium de estudos científicos e mais quatro cavalheiros bem-conhecidos da nossa sociedade, homens de letras e ciências - e em nossa casa preparamo-nos para receber Charcot.

Foi esplêndida a conferência, que tomamos cuidadosamente, mas dela não daremos aqui senão a parte que se refere à nossa tese: provar que os fenômenos espíritas não são devidos ao magnetismo ou à força psíquica.

Charcot, cujo corpo foi sepultado a 20 de agosto próximo passado, disse: que ainda se sentia perturbado para sustentar uma discussão; mas que faria esforço por dar-nos uma ligeira noção de certos fatos, que profundamente o impressionaram e lhe abalaram a crença na existência exclusiva da matéria, nos últimos tempos de sua vida.

Noutro artigo falaremos dos demais; por hoje, não nos ocuparemos senão do seguinte, como ele o expôs:

“Mais tarde, e pouco antes de deixar a vida, um fato ainda mais inexplicável veio abalar minhas crenças.

“Não posso, no estado em que me acho, determinar bem a época; mas parece-me que foi em 1888. Entrou para meu serviço na Salpêtrière³⁵⁵, uma moça de 30 anos, chamada Maria Despier, filha de operários, que não sofria lesão alguma, e verifiquei ser perfeitamente fisiológico sua função nervosa.

“Entretanto, de tempos em tempos, tinha acessos de fúria.

da França e, juntamente com Guillaume Duchenne, o fundador da neurologia moderna.

354 (Nota do Organizador) Já referido. Vide nota 20, à página 29 do 2º volume desta coleção.

355 (Nota do Organizador) O Hospital da Salpêtrière ou Pitié-Salpêtrière (em francês, Hôpital de la Salpêtrière) é um hospital de Paris. Depois da Revolução Francesa, serviu como asilo e hospital psiquiátrico para mulheres, e foi nele que Dr. Charcot desenvolveu boa parte de suas pesquisas. (Fonte: Wikipedia)

“Fiz particular estudo deste caso sem poder descobrir a causa de tais acessos. Por fim, outros casos me prenderam a atenção - e eu tinha a impressão de ter dado alta a Maria Despier.

“Pouco antes de deixar a vida, como disse, isto é, 5 ou 6 anos depois daquele sucesso, achava-me eu em meu gabinete de trabalho, e eis que me apareceu ali a moça Despier, que me cumprimentou alegremente e disse-me: que vinha agradecer-me - e que se achava boa e feliz.

“Nenhum reparo fiz no caso, por ser muito comum; porém, tendo ocasião de falar nele no hospital, fui surpreendido de ver alguém contestá-lo por impossível, visto ter Maria Despier falecido, em vez de ter tido alta.

“Impossível, pareceu-me isto, pois que não podia duvidar da presença da moça em meu gabinete - e procedi ao mais rigoroso inquérito para saber que destino tivera ela.

“Não podia haver dúvida; as provas eram irrecusáveis; a moça realmente falecera, havia 5 para 6 anos!

“Como explicar isto?! exclama Charcot.

“Evidentemente, uma pessoa morta me apareceu e me falou!

“Há, então, no homem, alguma coisa que sobrevive à morte - e que não é o corpo - e não é a matéria!

“Compreendi a perturbação que isto me produziu!

“Fiz plano de estudar a nova ordem de fenômenos, que se prendiam a tão estupendo fato, que nunca admiti, mas de que não me era lícito duvidar.

“A ninguém revelei minhas novas disposições, porque pretendia, primeiro, basear em experiências irrecusáveis as minhas investigações, para não incorrer na zombaria dos que escarnecem de tudo que ultrapassa o estreito círculo de seus conhecimentos.

“Pois se eu, em matéria positiva, que podia ser apreciada por quem quisesse, fui no princípio de minhas pesquisas, acoimado de visionário; quanto mais se divulgasse, sem provas cabais, as deduções lógicas do fato da aparição de um morto?!

“Já disse: que não tive tempo de fazer estes estudos, tendo sido colhido pela morte, - e é porque eles muito me interessam - e porque sei que os tendes aprofundado, que vim a vós pedir-vos: que me admitais a fazê-los convosco.”

Pela exposição feita, é fácil verificar:

1º — Se, há 5 para 6 anos, estive no serviço de Charcot uma moça com os caracteres indicados;

2º — Se este ano, e pouco tempo antes da morte de Charcot, fez este um inquérito na Sapetrière, por saber do destino desta moça, que se reconheceu ter falecido.

Com estes dados, autentica-se a aparição do sábio entre nós, porque não podíamos adivinhar, tão circunstancialmente, aqueles sucessos - e, autenticada a manifestação de Charcot, fica ipso facto³⁵⁶ provada a manifestação de Despier.

E, tanto n'um como noutro caso, pode ter cabimento uma explicação pelo magnetismo ou pela força psíquica?

Quem duvida da comunicação dos Espíritos, tem aí à sua disposição um meio positivo de ver.

Se ousássemos, pediríamos ao ilustre autor das “Cartas Parisienses”, para O Paiz, que sindicasse deste fato com todas as circunstâncias, e relatasse o que colhesse em suas sempre apreciadas “Cartas”. Era um serviço à ciência.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 30.10.1893:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/8626

356 (Nota do Organizador) Locução latina que significa “pelo próprio facto”.
(Fonte: Dicionário Priberam online)

Artigo CCCXIV - O PAIZ, 06.11.1893

Não deixaremos passar, sem a competente repressão, as falsas imputações que espíritos de certa ordem fazem ao Espiritismo, de ser ele causa de loucura.

E, pois, tendo lido na “Gazeta de Notícias”, de 16 de setembro, a transcrição de um fato de loucura pelo Espiritismo, cujo autor conclui com estas palavras - “Maldito Espiritismo” - corremos ao nosso posto, sentindo não o ter podido fazer imediatamente, por estarmos já empenhado noutra discussão³⁵⁷.

Ninguém nega que a prática do Espiritismo faz perder a razão; mas, já se tem dito e repisado: que isto procede de duas causas estranhas à Doutrina.

A primeira é a viciosa educação que se dá às crianças, incutindo-lhes o medo das almas do outro mundo.

Nada se grava tanto em nosso Espírito como as impressões da mocidade, e principalmente da infância, quando o perispírito recebe-as, como a cera recebe o cunho³⁵⁸.

Daí, ficar permanente no adulto o medo que lhe foi incutido em criança - e tanto que tivemos, nós mesmo, por aquela causa, noites horríveis, quando fomos obrigado a estudar Osteologia³⁵⁹ em um esqueleto humano, tão inócuo como uma pedra.

357 (Nota do Organizador) Infelizmente não conseguimos localizar o referido artigo no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

358 (Nota do Organizador) Peça que imprime marca em moedas, medalhas, etc. (Fonte: Dicionário Priberam online)

359 (Nota do Organizador) O original traz aqui o termo “oserologia”, que não conseguimos identificar. Como se trata do estudo de esqueletos, ocorreu-nos tratar-se de osteologia - parte da anatomia que se ocupa dos ossos. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Ora, quem é dominado por tais impressões - e vai a uma sessão, onde se manifesta uma alma do outro mundo, muito naturalmente fica superexcitado - e se sua constituição e seu temperamento são fracos, cai em perturbação - e um pouco mais em alienação mental.

Se os que querem assistir aos trabalhos práticos de Espiritismo, e são dos que têm medo das almas, se preparassem primeiro estudando a Doutrina, nada sofreriam, porque apagariam as impressões juvenis, pela ciência de que as almas são o mesmo que os homens, com a simples diferença de terem perdido seus corpos.

E, desde que chegassem a esta convicção, teriam tanto receio de tratar com elas, como de serem apresentadas a pessoas desconhecidas.

Em todo o caso, a ciência espírita não pode ser acusada, pelo que sofrem aqueles que a procuram, eivados de vícios e baldos da conveniente preparação.

É o caso, que já figuramos, de ir fazer reações, n'um laboratório de Química, quem nada conhece daquela ciência.

Deve esta ser acusada pelos desastres que ocorrerem?

A segunda causa é: organizarem-se grupos para trabalhos espíritas, sem procurarem, ao menos, um diretor ou presidente, que conheça muito bem a Doutrina.

Os trabalhos espíritas, como se sabe, são feitos com os Espíritos - e, seja dito em honra do nosso país, unicamente no intuito de dar consolação aos que sofrem, de ensinar a verdade aos ignorantes, de moralizar os maus.

Estes, enquanto não se modificam - e para isto precisam encontrar quem os saiba fazer compreender a grandeza da Doutrina humana, são inimigos intransigentes, que empregam todos os meios a seu alcance para desbaratarem os que se lhes antepõem.

Encontrando, pois, um grupo de pobres ignorantes, embora bem intencionados, mistificam-nos, fazendo-lhes crer que são assistidos por anjos e arcanjos - e quando os têm assim cheios de orgulho e de vaidades, que lhes veda a proteção dos bons, tomam-nos de surpresa - e abordam-nos, quer dizer: dominam-nos a vontade e obscurecem-nos a razão.

Já o sábio Lombard³⁶⁰, a propósito da doutrina do Puysegur³⁶¹, sobre o magnetismo, dizia:

“Quando se quer propagar uma descoberta, deve-se aprofundar-lhe a natureza, a fim de não tomar-se falso caminho, porque aquele que conhece bem uma coisa, sabe que meios é preciso empregar para fazê-la apreciável e digna de acolhimento.”

Espiritismo feito e propagado por quem não conhece a Doutrina, pode ser chamado assim? E pode o Espiritismo verdadeiro responder pelos prejuízos causados pelas suas contrafações?

Há, pois, má-fé em atribuir ao verdadeiro o que se sabe que é obra do falso.

E ainda que se levem à conta do Espiritismo esses casos de loucura, que, de vez em quando, se apontam, será o Espiritismo quem povoa os hospícios deste mundo do Cristo?

Fale a razão, e cale-se a paixão e os preconceitos, que não são os melhores guias para a verdade.

Tomemos o hospício de alienados e as Casas de Saúde que os recebem, nos quais existem uma infinidade de enfermos.

Quantos loucos foram levados àquele lamentável estado pelo Espiritismo? Podemos quase assegurar que nem um.

Onde, então, a base para a acusação ao Espiritismo?

E é para notar: que aqui no Rio de Janeiro, onde trabalham cerca de cem grupos, bem poucos destes seguem as regras prescritas para o trabalho prático do Espiritismo.

Meditem os inimigos da nova ciência sobre este fato, e, em sua consciência, pesem os fundamentos que têm para a odiosa explicação.

E, se puderem vencer seus preconceitos, estudem a excelsa Doutrina, que ensina a paciência e a resignação nos desastres da vida, que ensina a considerar esses desastres como uma esmola de Deus; e julguem se tais ensinamentos podem levar à loucura, cuja causa principal são os transtornos e as desgraças da vida.

360 (Nota do Organizador) A. Lombard. “Les dangers du magnétisme animal et l'importance d'en arrêter la propagation vulgaire”. Paris: Dentu and Bailleur, 1819 - Prefácio, pág. 11.

361 (Nota do Organizador) Amand Marie Jacques de Chastenot de Puységur, mais conhecido como Marquês de Puységur (1751 - 1825) foi oficial-general da artilharia da França e discípulo direto de Franz Anton Mesmer, tornando-se conhecido por sua experiência transcrita sobre a prática do magnetismo animal e do sonambulismo magnético. (Fonte: Wikipedia)

Quando o Espiritismo ou Nova Revelação cristã: revelação da revelação³⁶², dominar o mundo, como tem de necessariamente acontecer, porque é obra de Deus, dar-se-á o decrescimento, e talvez a extinção dos casos de loucura, e os hospícios serão fechados!

Riam, enquanto lhes é permitido, os que riam dos loucos que escrevem estas coisas; mas saibam que assim como os que choram serão consolados, pela mesma razão os que riam terão suas amarguras.

“Maldito Espiritismo!” E por e que não dizeis: Maldita a ciência que também faz loucos, maldita a religião, que também faz loucos, maldita a incredulidade que também faz loucos?!

Para concluirmos, uma palavra aos espíritas.

Não atireis ao vento a divina semente, semeando-a de olhos fechados, porque grande é a vossa responsabilidade.

Não trabalheis na seara bendita, sem primeiro terdes aprendido a trabalhar, para que vosso trabalho possa ser abençoado.

Não confieis só na vossa boa vontade, mas aplicai-a, antes de tudo, ao estudo da verdade, que dá a luz, porque sem a luz toda a obra que fizerdes será imperfeita.

Max

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 06.11.1893: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/8656

362 (Nota do Organizador) Fazemos questão de registrar: É a terceira vez, nessa série de artigos, que Dr. Bezerra conceitua a Doutrina Espírita como “revelação da revelação”. Vide a respeito a nota 159, à página 209 deste mesmo volume.

Artigo CCCXV - O PAIZ, 13.11.1893

Tudo marcha - tudo progride - e o progresso é ilimitado; demonstra-o irrecusavelmente a série de fatos pertencentes a todos os ramos de conhecimentos humanos - demonstra-o o próprio mundo físico.

E, diante do maravilhoso avanço que tudo na Terra tem feito, ainda há quem diga: daqui não passarás!

Qual a barreira posta à marcha progressiva do Universo? E se ela existe, quem vos disse onde foi posta?

Se o passado não é tempo perdido para o homem - não lhe serve de lição para o futuro, em que vos firmais, para dizerdes: daqui não passarás; uma vez que a História do mundo consigna, em cada uma de suas páginas, um passo para adiante?

Daqui não passarás, dizia o orgulho, que é cegueira humana, no século passado - e entretanto, o nosso século lançou por terra as barreiras, que encontrou pela frente - e foi até perder de vista os pigmeus que pretenderam levantá-las contra as leis do Criador, qual nova Babel.

Daqui não passarás, diz este século, orgulhoso de seus triunfos e de suas conquistas, sem se lembrar: que também lhe fizeram a mesma imposição - e ele marchou apesar dela.

O século XX, que nos bate à porta, não vem com o passo túbio e vacilante dos que o precederam. Cada ano que surge se avigora com os elementos que lhe prepararam os outros - e esta progressão cresce na razão direta da maior soma daqueles elementos.

O século XX vai dispor do imenso material acumulado por seu antecessor, para fazer com ele a grande obra do progresso da Terra e da humanidade terrestre.

Os outros prepararam, ele continuará.

Sob o ponto de vista moral e científico, tudo leva a crer: que são chegados os tempos de se lançar a cúpula do edifício. O homem terreno compreenderá quanto lhe é dado na Terra - e sentirá do modo o mais são que é permitido sentir neste planeta.

Um fato dar-se-á infalivelmente, porque os sinais são patentes: o mundo visível estabelecerá relações diretas com o mundo invisível, ou, em linguagem vulgar: os vivos estarão em comunicação direta com os mortos.

Impossível! Loucura! dizem os que, em puro dano seu, não creem em Espíritos - e os que, tomando os sagrados ensinamentos pelas letras, não creem na comunicação dos Espíritos.

Pensem embora assim; o que importa? Deus não deixa de ser, porque esses tantos o negam - o Sol não deixa de dar luz à Terra, porque os cegos não o veem.

Também os mares já foram barreira invencível entre os povos dos três continentes - e esses povos romperam as barreiras - e se puseram em comunicação.

Também o espaço já foi barreira à comunicação do pensamento - e o pensamento transpôs a barreira e pôs em rápida comunicação indivíduos colocados a milhares de léguas uns dos outros.

Às relações terrestres estabelecidas, começa o trabalho do estabelecimento das relações da Terra com o Espaço.

O túmulo já não é a separação eterna de dois entes que se amaram na vida, nem é ponto final das lutas e das guerras dos que se odiaram. O túmulo é, apenas, uma parte da separação material, entre os que despiram e os que ainda vestem a túnica da carne.

Os que se foram, vêm a nós - e envolvem-nos com os fluidos de seu amor ou jogam-nos as setas de seu ódio.

A humanidade é uma só, embora espalhada por todo o Universo - embora vestida ou despida de um corpo.

A lagarta é de natureza diferente da borboleta? Assim é o homem em relação ao Espírito.

Do modo como a borboleta volta à lagarta, o Espírito volta à vida corpórea, para de novo deixá-la.

Há, pois, um eterno fluxo e refluxo entre o mundo visível, com sua vida corpórea, e o mundo invisível, com sua vida espiritual, do qual se escapam, de vez em quando, grupos de seres hu-

manos, que, mediante as vidas sucessivas, realizaram o máximo progresso, moral e intelectual, que se pode fazer na Terra.

Por cada um que deixa nosso planeta, para ascender a um mundo superior, outro ou outros vêm à Terra, procedentes de mundos inferiores, onde alcançaram o maior saber e a mais alta moralidade, que lá se pode colher.

É uma eterna cadeia, que começa no zero da criação, e termina... que não termina, porque o progresso é infinito.

O Espírito, pois, que esteja na Terra, encarnado, quer esteja no Espaço, desencarnado - quer antes, quer durante, quer depois de suas vidas na Terra, é sempre o mesmo - tem sempre a consciência de sua individualidade.

Assim, portanto, os membros de uma família separados pelo túmulo convivem em Espírito, embora a parte corporizada não veja a parte que não tem mais corpo.

A barreira é só para aqueles - e ela pareceu mais invencível que os mares e o espaço.

Deus, porém, que abre à humanidade o cofre do saber, à medida que ela se habilita para compreender, assim como fez vir à Terra os gênios (verdadeiros messias), que ensinaram a transpor mares e espaços, assim também suscitou Espíritos prepostos que ensinassem a transpor o misterioso abismo do túmulo.

Os processos começaram, como tudo, de um modo grosseiro - rudimentar: os rios começam como córregos.

Em menos de meio século, já se conversa - já se discute com os mortos, tão naturalmente como com os vivos.

A única diferença consiste em conversar-se com os vivos *ad as*³⁶³; entretanto que com os mortos precisa-se, para conversar, de um intermediário: médium.

Sabe-se, porém, que a mediunidade é faculdade humana - e não privilégio de alguns homens.

Donde concluir-se, com o melhor fundamento racional, que é faculdade nova, que desponta em razão de já ter a humanidade conquistado o grau de progresso que permite e reclama seu uso.

363 (Nota do Organizador) Infelizmente não conseguimos a tradução exata da expressão, que parece-nos inglesa. Passou-nos a ideia de “diretamente”, em contraposição à necessidade de intermediação, na comunicação entre os chamados “vivos” e os chamados “mortos”, salientada logo em seguida. Com a palavra, os linguistas...

Porque esse grau de progresso não está ainda generalizado, é que aquela faculdade ainda está circunscrita a certas individualidades.

São os primeiros raios do Sol que desponta no horizonte, e que não escolhem as cabeças que iluminarão. Após virá a grande luz que faz o dia e que inunda montes e vales.

A mediunidade, por ora limitada, estender-se-á a todos os seres humanos, de modo que todos os habitantes da Terra se entenderão com os habitantes do espaço tão facilmente como com os viventes.

E o homem contará mais uma faculdade, assim como, para o futuro, contará outras e outras - assim como, no passado, já foi privado de algumas das que constituem seu apanágio de hoje.

É que Deus o criou em inocência e ignorância; mas deu-lhe, em estado latente, todas as faculdades necessárias para seu progresso infinito, as quais se vão desabrochando à medida que ele sobe e atinge certos graus.

O século XX marcará a época da ligação espiritual do mundo visível com o invisível - dos homens com os Espíritos³⁶⁴.

Com vista aos materialistas e católicos romanos!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 13.11.1893: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/8683

364 (Nota do Organizador) As previsões de Dr. Bezerra confirmaram-se plenamente. Nunca na história humana tivemos tão amplo, regular e produtivo intercâmbio entre os dois "mundos" - visível e invisível - quanto no século XX, resultando em vasta e admirável literatura mediúnica, que já conta centenas de títulos, entre os quais verdadeiras obras-primas, como também "gênios" de primeiríssima grandeza como Eurípides Barsanulfo, Chico Xavier, Yvone Pereira, Zilda Gama, Divaldo Franco, Pietro Ubaldi, entre tantos e tantos outros que a escassez de espaço aqui nos impede de citar ... Virtudes dos Céus, que desceram à Terra e plantaram em solo brasileiro semente diamantina, que em tempo sazornado apresentará ao mundo frutos do mais puro esplendor!

Artigo CCCXVI - O PAIZ, 20.11.1893

Descrevendo, em nosso passado artigo, e de conformidade com os princípios da Doutrina Espírita, a marcha evolutiva dos Espíritos, bem sabíamos a que saraivada de ridículo nos expúnhamos.

Será, porém, isto razão para recuarmos?

Quem conhece a História da humanidade não pode estranhar a guerra que se move sempre a qualquer ideia nova, guerra tanto mais encarniçada e intransigente, quanto mais valor real tem a ideia que surge.

Se o Espiritismo fosse um tecido de coisas imaginárias, que a simples observação ou mesmo a experiência varresse da atmosfera da razão humana, não se veriam os sicofantas³⁶⁵ de todas as espécies resolverem céus e terras para a abafarem ao nascedouro.

A guerra de extermínio que lhe fazem é, portanto, a mais valiosa prova de que ele encerra alguma coisa que ameaça derruir a velha fortaleza do obscurantismo, onde se encastelam crenças obsoletas e falsas, porém enraizadas.

E mais que tudo, prova a verdade dos fundamentos da nova doutrina científico-moral, a serenidade com que marcha à conquista da opinião universal, sem demorar-lhe o passo a falange cerrada de seus opositores.

Só a verdade goza deste privilégio - só quem a possui é inalterável diante das invectivas, da zombaria e do escárnio, que são as armas dos parvos e dos que têm consciência de sua fraqueza.

365 (Nota do Organizador) Pessoa que acusa ou denuncia, acusador, delator, denunciante; pessoa que dá ou inventa informações falsas, caluniador, difamador, mentiroso. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Quando virdes dois homens se degladiando em torno de uma ideia, reparaí qual se bate com calma - e qual precipita os bofes, dominado de entranhado rancor - e tende certeza de que o primeiro está com a razão, porque só quem não a tem, se enfurece na luta.

Mostrai qual o livro, qual o jornal, qual o artigo, escritos por espíritas, que injurie aos que combatem a nova Doutrina; e entre-tanto já podem encher uma biblioteca os livros e jornais espíritas.

Ao invés, nossos adversários nos jogam todos os apodos, desde o de farsistas, de loucos, de visionários, até nigromantes, de artistas da magia branca, de especuladores e de possesores do demônio.

O resultado? O resultado tem sido: os mais ferrenhos de seus detratores, como Lombroso e outros e outros, virem em público e razo fazer confissão de que foram injustos, de que o Espiritismo oferece fenômenos reais, dignos do mais sério estudo da ciência.

Oh! Pois se é assim como confessais, por que em vez de nos combaterdes, não vindes estudar conosco os novos fenômenos e as leis que os regem, quando não pedimos outra coisa, confiados em nossa causa, quando não queremos impor à crença de ninguém, quando reclamamos dos incrédulos observação e experiência?

Quem procede assim não merece aqueles apodos, porque dá testemunho de sua sinceridade, tanto quanto da confiança que tem na causa que sustenta.

E é isto o que mais irrita aos que fazem da fé passiva verdadeiro “crê ou morre”, arma de dominação das almas, para a conquista do império do mundo, que o Espiritismo lhes vai roubando e lhes roubará de todo, porque a luz desfaz as trevas.

E é isto o que mais irrita os obsedados, que fazem de uns retalhos sem préstimo um manto de ciência, que só tem de ciência o nome, que lhes serve para dar-lhes a triste vaidade: de serem apontados como autores de sistemas, chefes de grei, espíritos fortes, sacerdotes da negação.

Contentem-se, porém, todos estes infelizes com o poder que já tiveram, com a fama que gozaram, porque os tempos são chegados de luzir o Sol da verdade, e o seu poder, e sua fama evaporar-se-ão aos raios do poderoso astro.

A fé passiva sumir-se-á diante da fé raciocinada - do credo, quia probatum.³⁶⁶

A falsa ciência do deus-matéria sumir-se-á diante da excelsa ciência, que prova serem matéria e Espírito criaturas de um Ser Infinito em todas as perfeições.

E os sectários das duas escolas não cairão nos abismos do Inferno, nem nos abismos do nada; porque aquele Ser é Pai, e, como pai, ama a todos os seus filhos; mas, por isso mesmo que os ama castiga-os-á amorosa e misericordiosamente, dando-lhes o tempo na Eternidade, para se lavarem de suas máculas, e, arrependidos, seguirem o exemplo do filho pródigo.

Então haverá festa no Céu!

Nós, que assim falamos, temo-nos encontrado em nossos trabalhos experimentais com alguns Papas e com alguns corifeus do materialismo e do Positivismo.

Creiam ou não: aparecerem-nos em estado doloroso de sofrimento!

Creiam ou não: desde que reconheceram o mal que fizeram e o erro em que viveram, e, arrependidos, pediram perdão a Deus, abraçando-se com a nova Doutrina de salvação, suspendeu-se a ação da Justiça Divina, e eles saíram crentes e consolados.

É a prova da verdade do que foi dito por Ezequiel: “Eu não quero a morte do ímpio, mas sim que ele se arrependa e me procure.”³⁶⁷

É a prova da verdade ensinada pelo Espiritismo e negada pela Igreja romana: de que o arrependimento vale em todo o tempo, e não somente antes da morte.

É, finalmente, a prova de que não existem penas eternas, pois o arrependimento, em todo o tempo, provoca a misericórdia de Deus, pelo perdão.

E virem-nos dizer que a grande família cristã, se não ouvir a voz do Papa, será étnica e publicana³⁶⁸.

366 (Nota do Organizador) “Creio porque é provado” - parece-nos um neologismo criado pelo próprio Dr. Bezerra, inspirado no famoso “Credo quia absurdum”, atribuído a Santo Agostinho, para assinalar a diferença entre a fé raciocinada e a passiva.

367 (Nota do Organizador) Ez. 33:11, já referido.

368 (Nota do Organizador) Vide notas 315 e 316, acima, à página 369 deste volume.

Se dissessem do verdadeiro vigário de Jesus Cristo, de acordo; mas onde está ele?

Coitados dos que têm-se revestido da sagrada autoridade, para espoliarem a Doutrina excelsa de Jesus, em proveito de suas paixões e de suas ambições!

Coitada da grande família cristã, se acompanhasse esses pobres infelizes, que mentiram à sua alta missão de apascentar o rebanho de Jesus!

Pois se eles não podem evitar o castigo de suas faltas, como poderão conduzir o rebanho para o seio do Divino Mestre!

Felizmente, a fé cega dos que obedecem não lhes traz a responsabilidade que se acumula sobre a consciência dos que a impõem.

Se isto não fora, Roma teria entregado aos lobos, em vez de apascentar, os cordeirinhos do Senhor.

Assim mesmo, quantas vítimas!

Se Calvino, se Lutero, se os outros chefes de seitas apenas protestaram separando-se de Roma, mas guardando a fé na pura religião do Cristo, quantos Espíritos mais intransigentes não se atiraram à negação absoluta!

Quem criou o materialismo, o Positivismo, o ceticismo, se não as práticas impossíveis dos que se diziam representantes do Cristo, assistidos pelo Espírito de Deus?

Tudo isto há de afundar, para, sob a ampla bandeira do Espiritismo, cuja inscrição é: Deus, Cristo e Caridade, congregar-se toda a humanidade em um só rebanho.

Neste dia, acabará o mundo, porque a Terra passará de habitação de dor, de purgatório, à habitação de regeneração, de gozo.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 20.11.1893:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/8713

Artigo CCCXVII - O PAIZ, 27.11.1893

Os velhos dizem: que o mundo está para acabar, pois que dão-se hoje coisas nunca vistas. Só falta verem-se as crianças nascerem falando!

Realmente, a humanidade terrestre aproxima-se, a largos passos, de um grandioso sucesso, a julgar-se por um surdo movimento que abala-a - física - moral - e intelectualmente.

Não é assim - não tem sido sempre assim, nas vésperas das grandes transformações, por que tem passado nosso planeta?

Não é o fim do mundo, como entende a Igreja romana, sempre ligada à letra das escrituras - e não é tal, porque, em primeiro lugar, o mundo não é somente a Terra que habitamos por ora, e além disto a Terra que habitamos não se acaba, apenas transformar-se-á.

Não é, pois, com certeza, o fim do mundo, mesmo explicada a expressão à Terra, o que anunciam essas coisas nunca vistas; mas é, com certeza, um desses saltos que dão todas as vezes nas vias do progresso.

Salto não é um termo próprio, pois que a natureza não os dá; diríamos com maior propriedade: ascensão a mais alto grau da progressiva evolução.

Como o homem, por gradual aperfeiçoamento, chega à completa desmaterialização - ao estado de puro Espírito; assim também os mundos, e nominalmente a Terra, evoluem progressivamente, por sucessivas transformações, até se tornarem fluidicos - e o mais que ainda ignoramos.

Há, entretanto, uma ligação indissolúvel - verdadeira harmonia, entre a marcha progressiva do mundo e a de seus habitantes:

a primeira faz seu progresso físico pari passu com o progresso intelectual e moral dos segundos.

De modo que, quando um chega ao ponto de subir um grau, na sua escala, os outros chegam também ao ponto de subirem um grau, na sua.

Quando a Terra tiver de adquirir as propriedades físicas, que não darão senão gozo a seus habitantes, perdendo as atuais, que lhes causam sofrimento, chegará ao mesmo tempo sua humanidade ao ponto de não precisar mais sofrer, mas já merecer gozar.

Esta passagem, porém, não se opera com a serenidade com que se opera a passagem da noite para o dia e do inverno para a primavera, mas sim com as contrações e as dores de um parto.

Deus, em seu infinito amor por seus filhos, tem-lhes dado quanto é preciso para que, na hora extrema desse dies irae³⁶⁹ não haja conturbação - para que todos se achem aparelhados a acompanharem a Terra em sua transformação de mundo de expiação e de dores em mundo de regeneração e de gozos.

Se os que têm olhos não quiserem ver - e os que têm ouvidos não quiserem ouvir, de quem a culpa de haver choros e ranger de dentes?

Jesus descera em sua glória e fará a separação dos carneiros e dos bodes - e chamará a si os primeiros - e afastará os segundos³⁷⁰.

A humanidade terrestre dividir-se-á então em laureados e condenados; indo os primeiros a reocupar a Terra, transformada em mundo de alegrias e felicidades, onde continuarão o progresso, não mais entre dores e espinhos, mas em meio de risos e flores - e sendo os segundos mandados a reencarnar em mundos de expiação, onde, como por toda a parte, se faz o progresso, mas faz-se gemendo e chorando.

É isto o que ensina o Espiritismo relativamente ao fim do mundo - e foi isto o que se deu há longos séculos, quando um

369 (Nota do Organizador) Segundo a tradição, o dia do Juízo Final. (Fonte: Dicionário Priberam online)

370 (Nota do Organizador) Vide Mt.25: 31a 33: "E quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; E todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas; E porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda".

mundo nas condições atuais da Terra fez sua transformação para mundo de gozo.

Os bodes, que foram lá, como hão de ser cá, separados dos carneiros, foram atirados para a Terra, que era então duríssima habitação, ocupada por gente quase completamente embrutecida.

A nova falange, descida entre tal gente, lhe era tão superior em inteligência e mesmo em moralidade, que dominaram o planeta, contando de sua aparição a época de sua habitabilidade - e dando-se por seus primeiros habitantes³⁷¹.

Destes, um salientou-se por modos de ser o único cujo nome passou à posteridade, sendo por isso considerado o par de toda a humanidade terrestre.

Reencarnando em um mundo, onde a vida era tão pesada e difícil, aqueles Espíritos, apesar do esquecimento do passado, que é a lei da encarnação, guardaram vaga reminiscência - espécie de cunho, da existência anterior, em um mundo onde a vida era, relativamente, uma ventura - uma grandeza.

Nasceu daí a ideia de já terem habitado um paraíso, que, na impossibilidade de o colocarem em outro planeta, por só julgarem habitável a Terra, imaginaram que tinham sido mesmo na Terra.

É assim que o Espiritismo ensina a gênese humana na Terra, donde Moisés tirou a “Gênesis” bíblica, acomodada à curtíssima compreensão da humanidade daqueles tempos.

É a lenda precedendo sempre a História.

Daquela grande família de desterrados chegam todos os dias à regiões superiores aqueles que têm resgatado, em vidas sucessivas, a sua grande dívida; mas, quantos - quantos ainda peregrinam pelas regiões do mal e da dor, pobres endurecidos, que fecham os olhos à luz?

Talvez, ainda muitos deles tenham de ser novamente desterrados da Terra, para um mundo inferior, quando chegar o nosso dies irae.

Felizmente, porém, se pode um espírito viver no mal, sujeito às penas que dele emanam, por séculos de séculos, nem um se perderá, porque é lei a salvação universal.

371 (Nota do Organizador) Vide a respeito o volume “A Caminho da Luz”, de autoria de Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier - Ed. FEB.

Deus dá a todos os mesmos meios e o mesmo destino - e dá a todos, pela liberdade, o direito de realizarem - aquele destino, rápida ou lentamente - no tempo ou na Eternidade.

Entrega a cada um o seu destino, mas, como o pai, que estremece mais pelo filho mais desgraçado, cerca este de tanta misericórdia, que, embora leve muito tempo, chegar-lhe-á o dia de reconhecer o mal que se faz - e de, curvada a dura cerviz, renunciar o negro passado - e abraçar-se ao lema da regeneração.

Enquanto uns sobem, despontam outros no horizonte da vida, porque Deus criou de toda a Eternidade - e criará por toda a Eternidade.

E este turbilhão infinito, que mal podemos compreender, não parece mais digno do Onipotente do que o quadro raquítico e fumarento da criação e do fim do mundo, que nos oferece a Igreja romana?

Para a matéria a letra - para a inteligência o espírito. A humanidade já passou o tempo da matéria - já é chegada ao da inteligência. Meditai!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 27.11.1893:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/8744

Artigo CCCXVIII - O PAIZ, 04.12.1893

Em torno de uma fogueira de S. João, no dia da festa legendária do nosso povo, estão velhos, moças e crianças assando cana, por próprias mãos, que é o seu regalo.

A fogueira dura toda a noite e toda a noite aquela gente leva a assar as canas; mas cada uma destas, logo que está assada, é prontamente retirada.

Eis a imagem simples e bem material do fogo eterno, de que falou Jesus Cristo, em cujas palavras se tem firmado a Igreja para ensinar, como verdade, blasfemo dogma, se bem que ainda não definido, das penas eternas: fonte da descrença - do materialismo e do ateísmo, como disse Lamennais³⁷², porque o Espírito, mal começa a ver claro, descobre a monstruosa injustiça - e é coisa muito natural confundir, em sua indignação, a pena que o revolta e o Deus a quem é atribuída³⁷³.

Já uma vez dissertamos sobre este ponto; mas, além de que o fizemos rapidamente, acresce que nunca é demais aplicar o bálsamo à ferida.

Esta é gangrenosa e tem infeccionado uma boa parte da humanidade; e, pois, em nome do amor ao próximo, não se deve cessar de empregar meio de curá-la.

Se uma pessoa da maior respeitabilidade, que tivesse assistido a uma daquelas festas, viesse dizer ao público: durante a noite inteira assaram as canas; alguém, que estivesse no uso de

372 (Nota do Organizador) Félicité Robert de Lamennais (1782 - 1854) - filósofo e escritor político francês, já referido, vide nota 70 à pág. 210 do 1º volume desta coleção.

373 (Nota do Organizador) Infelizmente não conseguimos localizar a fonte da citação.

sua razão, poderia inferir daquelas palavras, que um feixe ou dois ou três de canas levaram na fogueira toda a noite?

A fogueira ardeu por aquele tempo; mas cada feixe de canas ou cada uma destas só passou por ela o tempo necessário de ser assada, embora toda a noite se assassem canas.

Em vez da fogueira de S. João, tomemos o fogo de que falou Jesus Cristo e, em vez do tempo de uma noite, tomemos o tempo sem fim, tomemos o fogo eterno, e apliquemos o exemplo.

Muito propositadamente, tornamo-lo, talvez, chilro³⁷⁴ demais, porém bem claro às inteligências mais rudimentares.

Também não empregamos linguagem e estilo de deslumbrar, porque nosso fim não é conquistar fama de escritor, mas sim, unicamente, levar a convicção, pelo rigor do raciocínio, a todas as ordens de espíritos.

A verdade ama a simplicidade e recusa os atavios, que, em geral, são os refolhos em que de má-fé procura-se encobri-la aos olhos dos ignorantes.

Apliquemos, pois, o exemplo.

O fogo eterno, de que falou o Divino Mestre existe realmente, porque é o sofrimento, que o mal encerra em si, como a cicuta encerra o veneno.

Cada alma, condenada pelas próprias obras e pelo mau uso que fez de sua ilimitada liberdade, passa por ele, porque ela própria o gera em si; mas, se ele é eterno, em absoluto, não resulta daí que o seja para cada Espírito.

Estes, enquanto são possessos do mal, passam pelas chamas corretivas; assim como a cana, enquanto não está assada, passa pelo fogo da fogueira.

Desde, porém, que renunciam ao mal, pelo arrependimento e pelo propósito de emenda, como continuarem nas chamas, se tiraram de si a matéria que as produzia e alimentava?

A justiça do Eterno não pode, sem descer ao nível da humana, atingir aquele que renunciou ao mal, e o Espírito arrependido é, para o caso do castigo, um verdadeiro inocente. O fogo queima aquele que o alimenta e enquanto o alimenta. O arrependido não mais o alimenta, porque arrancou de seu coração o mal; logo, cessa nele o combustor à falta de combustível.

374 (Nota do Organizador) Insípido, insosso. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Logo, o fogo eterno não queima eternamente a alma, embora queime eternamente as almas.

É a fogueira onde se assam canas toda a noite, mas não leva toda a noite a assar cada uma delas.

A Igreja romana consagra o princípio mais que bárbaro de que o que acaba no mal é condenado às penas eternas.

A Igreja é lógica com sua doutrina de vida única e julgamento definitivo, no fim dela; mas é tão cega quanto ilógica³⁷⁵ em não compreender que Deus não havia de criar o Espírito perfectível para tolher-lhe o aperfeiçoamento no fim de um limitadíssimo tempo de exercício.

Como explicar-se pela doutrina da Igreja o destino do selvagem?

É ou não um ser perfectível? Ninguém o pode negar, senão admitindo injustiça na partilha dos dons, feita pelo Pai para seus filhos.

Mas o selvagem não teve, nesta vida única, a mesma luz que os povos civilizados, para progredir, para desenvolver sua perfectibilidade.

O que fará com ele a Igreja Romana?

Deus plantou o germen do bem no coração de todos, dizem; e, portanto, o selvagem que seguir instintivamente aquele raio de luz, será salvo.

Isto é pura zombaria!

Em primeiro lugar, Deus plantou realmente no fundo dos corações o germen do bem, para que todos o desenvolvessem, até a mais sublimada virtude.

Em segundo lugar, como desenvolve-lo o selvagem, se lhe falta a luz que Deus, pela Igreja romana, derrama a jorros por outros filhos?

A uns ensina o caminho, a outros deixa que o descubram no labirinto de desvios, e, no fim, exige de todos iguais contas!

Não vê a Igreja romana que isto seria um estigma para a justiça humana, quanto mais para a divina?

Não vê que sua doutrina destrói ou, pelo menos, reduz a proporções liliputianas a perfectibilidade humana?

375 (Nota do Organizador) O texto original traz nesse ponto a palavra "lógica", mas pareceu-nos que não faria sentido com o restante do parágrafo. Decidimos ajustar.

Bem o vê, estamos certo; mas, confessa-lo seria perder o cetro do mundo - e a Igreja romana prefere o reino da Terra ao reino de Deus!

A Doutrina Espírita, que explica, consoantes com as supremas perfeições do Altíssimo, as penas temporárias e corretivas, de que é completamente necessário o princípio das vidas múltiplas, solidárias e reparadoras, pelas quais a perfectibilidade humana ascende a um grau verdadeiramente divino;

O Espiritismo, que ensina como o selvagem nem se perde nem se salva, mas vem fazer seu progresso em outras encarnações, ressurgindo em meios mais luminosos;

O Espiritismo é fulminado... por isto mesmo - porque quebra o cetro do mundo - porque ensina o reino de Deus!

Também o Templo condenou a doutrina de Jesus!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 04.12.1893:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/8779

Artigo CCCXIX - O PAIZ, 11.12.1893

Quantas almas há por aí, imersas em trevas e condenadas, por sua própria vontade, a torturas inimagináveis, por não cogitarem, umas - por não admitirem, outras, a existência de um Ser onipotente e onisciente, Criador incriado de tudo o que constitui o Universo!

Aos que têm tido provas visíveis, manifestações palpáveis da existência do soberano Senhor - todo amor - toda misericórdia - toda justiça, dói profundamente - faz sangrar o coração, ver a diferença e o endurecimento, ambos cegueira, daqueles infelizes.

E, por doer-lhes a maior desgraça de seus semelhantes, que são seus irmãos espiritualmente, empregam os meios a seu alcance por chamá-los à luz como quem visse insciente e incauto caminheiro avançar, sem o suspeitar - sem se arreceiar para desconhecido e oculto abismo; não deixaria de avisá-lo do iminente perigo?

Por que não crer na existência de Deus?

Por que não o vemos — não o compreendemos?

Porventura só devemos acreditar na existência do que vemos?

O cego não vê o Sol; mas sente-o pelo calor de seus raios.

Como não admitirmos a existência de um ser onipotente e onisciente, contemplando as maravilhas da criação, que atestam, melhor que os raios do Sol, um Criador de infinito saber e de infinito poder?

Quando vemos uma obra de arte, avaliamos por ela a superioridade do artista; entretanto, extasiamos-nos diante da obra da natureza, em si e nas leis eternas e imutáveis que tudo regulam - e, em vez de fazermos a indução que todos os dias fazemos relati-

vamente às obras dos homens, afastamo-nos deste seguro roteiro - e dizemos e proclamamos: todas estas maravilhas, que revelam uma inteligência infinita e um poder sem termo, são obras de si mesmas!

É como dizer de uma estátua de mármore, de admirável perfeição: é obra de si mesma!

Pois, a razão desses homens está tão obcecada, que não lhes dá para compreender: que não há efeito sem causa - e que o efeito está na razão da causa - e que efeitos inteligentes, como a ordem inalterável do Universo, revelam causa inteligente - e tanto mais inteligente quanto mais apurado é o efeito?

Não vemos a Deus; mas vemos-lhe a obra, que O revela, porque é de tal magnitude, que não pode ter por princípio causal - por autor uma força cega, o que seria menos compreensível do que a existência de uma força inteligente.

Porque, afinal de contas, quer uma quer outra, tem por caráter essencial - indeclinável ser “incriada”.

O que será mais consentâneo com a razão: ser a matéria, que constitui o Universo, com suas sábias leis, incriada - ou ser tudo isto, a matéria com as leis que a regem, criada por um ser incriado, inteligente e poderoso, em grau infinito?

Não queríamos ver, mas queríamos ao menos compreender este ser, que chamais Deus, dizem os infelizes, que bem necessidade têm, mesmo, de que não haja quem lhes tome conta - e por isso se iludem acreditando que Deus deixa de existir e de julgá-los, porque eles O negam.

Compreender a Deus, o infinito incriado! E compreendeis, porventura, a vossa força material incriada?

Se nos responderdes - sim - com a mão na consciência, abandonar-vos-emos o campo de batalha.

Mas vós bem compreendeis: que a sublimidade da obra denuncia a superioridade do autor - e que as modalidades evolutivas da vossa matéria incriada, por força própria, explicam tanto as maravilhas da criação como o funcionamento admirável de um relógio explica a existência, em si, de uma força própria, que o determina.

Mas vós bem compreendeis: que o autor do Universo, sendo o próprio Universo, ele fica sujeito às próprias leis, que isto não podeis negar; entretanto, que, sendo Deus o autor do sublime maquinismo, este é racionalmente sujeito às leis que lhe pôs seu

Criador; como o relógio funciona, submisso às leis que lhe pôs o relojoeiro.

Não aceitais a existência de Deus, porque não a podeis compreender; mas compreendeis a existência do espaço infinito e do tempo sem princípio nem fim?

Apurai vossa razão e vossa imaginação para ver se podeis fazer uma ideia, vaga que seja, do que foi e do que será, antes e depois do tempo.

Apurai-as, a ver se podeis fazer ideia do que há antes de começar o espaço - e do que há, além do ponto onde ele se acaba.

Nada compreendeis a tal respeito - e, portanto, não compreendeis nem o tempo nem o espaço infinitos - e, no entanto, podeis negar fé à existência do tempo e do espaço infinitos?

Por que não haveis de ser lógicos? Por que não haveis de raciocinar: se não compreendemos tantas coisas, que entretanto conhecemos que existem, não é o fato de não compreendermos a Deus razão plausível para lhe negarmos a existência.³⁷⁶

Tanto mais que Deus se manifesta por suas obras, que só um poder ilimitado e inteligente pode produzir!

Não compreendemos a Deus, porque no desenvolvimento de sua perfectibilidade, através dos séculos e mediante vidas sucessivas, o homem - o Espírito humano - tem por alvo de seu maior aperfeiçoamento, exatamente isto: chegar a Deus - ver a Deus!

Ora, nós, os habitantes da Terra, ainda estamos tão atrasados no desenvolvimento de nossa perfectibilidade, que é ato de rematada loucura já querermos devassar mistérios que só no fim de nossa carreira nos serão descobertos.

É como pretender uma criança, que mal começa a soletrar nomes, resolver alto problema de matemática aplicada à Mecânica ou à Astronomia.

Contentemo-nos com o que já temos conquistado - e espere-mos o dia de chegarmos lá onde, nem pela imaginação, podemos, ainda, ascender.

E saibamos: que muita coisa, que já nos são conhecidas, foram, em passadas eras, mistérios impenetráveis à nossa razão.

E saibamos: que de nós - de nós só, pelo bom ou mau uso que fizemos de nossa liberdade, depende nossa marcha progres-

376 (Nota do Organizador) O original traz aqui um ponto de interrogação, que decidimos substituir por ponto final, que nos pareceu mais em linha com o sentido do parágrafo.

siva, tanto intelectual como moral, as duas asas de subirmos - e que, portanto, precisam ser equilibradas.

E saibamos, finalmente, que a força para a longa e difícil ascensão, assim como a luz que nos ilumina o caminho, tem por fonte a Deus - e que, portanto, nem luz nem força terá, para progredir, aquele que for indiferente ou descrente.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
“Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 11.12.1893:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/8820

Artigo CCCXX - O PAIZ, 18.12.1893

Lemos em algures e há já algum tempo alguma coisa relativa a esperar o Espiritismo o Espírito de Verdade, que ao dizer do autor, já veio ao mundo desde logo depois da ascensão de Jesus Cristo, como foi por ele prometido.

Corroborava o aludido autor a sua afirmativa com os versículos 16 e 26, da capítulo 14, de S. João, que dizem:

“Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, para que fique eternamente convosco — versículo 16.”

“Mas o Consolador, que é o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito — versículo 26.”

O autor a quem nos referimos, porque o Evangelho diz que o Consolador é o Espírito Santo e porque o Espírito Santo baixou logo após a Ascensão do Senhor, concluiu que a promessa já foi realizada.

Parece, com efeito, plausível, mas é palpavelmente falsa tal interpretação.

Primeiramente, é preciso que o autor saiba que todo Espírito que vem à Terra ou a qualquer mundo, em missão do Altíssimo, é santo e portanto dizer-se Espírito Santo não é designar um determinado Espírito, mas sim qualquer Espírito superior em missão de Deus.

E, pois, porque o Evangelho chama o Consolador prometido Espírito Santo, não se segue que seja ele o que baixou depois da Ascensão.

O Espírito Santo, um espírito santo, baixou com efeito depois da Ascensão, mas baixou, digamo-lo desde já, sobre o Colégio Apostólico, sobre os Apóstolos, para lhes incutir a força e o

saber, de que precisavam para propagarem a Santa Doutrina do Mestre.

Foi o Espírito designado para assistir o Apostolado, mais tarde a Igreja, como o têm os mundos, os Estados e os próprios indivíduos; e que, por isto, estão sempre com seus guardas, empregando todos os meios de bem encaminhá-los, sem contudo fazerem violência ao seu livre-arbítrio.

O Apostolado uma vez instituído teve logo o seu Anjo da Guarda, se assim nos podemos exprimir, e teve-o com solenidade, atenta à elevação da nova instituição, pois, o Santo Espírito, um guardião, manifestou-se-lhe em forma de línguas de fogo.

Será, porém, este o Consolador prometido, também o Espírito Santo? Vejamos:

O versículo 26 diz bem claramente que dois são os fins da missão do Consolador: para fazer lembrar tudo o que foi ensinado por Jesus - e ensinar todas as coisas.

Que coisas são estas, que o Consolador deve ensinar? Leia-se o versículo 12, do capítulo 16 do mesmo Evangelho, e ter-se-á a resposta.

Diz aquele versículo:

“Eu tenho ainda muitas coisas que vos dizer; mas vós não as podeis suportar agora.”

É evidente que, além das coisas que Jesus ensinou, muitas ficaram ainda que ele não ensinou, porque a humanidade de seu tempo (agora) não as podia compreender (suportar).

E o versículo 13 o confirma, dizendo:

“Quando vier, aquele Espírito de Verdade, ele vos ensinará todas as verdades...”

Eis bem clara e positivamente declaradas as coisas que o Consolador deve ensinar, além de sua missão de lembrar as que Jesus ensinou.

Só um cego não vê que não tendo Jesus ensinado muitas coisas, como disse, porque a humanidade de seu tempo não as podia suportar, viesse o Consolador, que as tinha de ensinar, ensiná-las poucos dias depois de ter Ele subido.

É admissível que, em menos de duas semanas, a Terra se tivesse colocado em condições de suportar o que antes não podia?

E não é patente a distinção entre o Espírito Santo, Anjo da Guarda (?) da instituição apostolar - e o Espírito Santo, Consolador - Espírito de Verdade, que tem a missão de ensinar todas

as verdades, que Jesus deixou de ensinar, por não serem suportáveis ainda?

Admitamos, porém, a hipótese de que são ambos o mesmo - de que o conhecido por Espírito Santo desceu logo e ficou na Terra, assistindo ao Apostolado e mais tarde à Igreja, para ensinar as verdades não-ensinadas por Jesus: todas as verdades...

Neste caso, no decurso de 19 séculos, e mediante o enorme progresso que tem feito a humanidade, no reinado da Cruz; o Espírito Santo já deve ter encontrado ensejo de ensinar ao mundo, ao menos, uma verdade nova das que Jesus lhe deu a missão de ensinar.

Nós pedimos reverentemente aos sustentadores da hipótese em discussão que nos apontem uma verdade teológica ou cosmogônica, ensinada pelos Apóstolos ou pela Igreja, que possa ser levada à conta da missão do Consolador que não seja a que Jesus ensinou, mais ou menos latamente³⁷⁷ explicada.

Não podem apontar nem uma, porque de fato, o Apostolado e o papado sempre têm caprichado em não sair uma linha do terreno do Evangelho, que, nem ao menos, é entendido hoje pela Igreja mais do que foi no princípio.

E tanto é isto verdade, que Causette, uma das mais respeitáveis autoridades da Igreja em nosso tempo diz em sua famosa obra "Le Bon Sens de la Foi"³⁷⁸ que a Igreja não tem inovado, porque não é inspirada; mas sim tem interpretado, porque é assistida.

Como, então, pode o Espírito Santo ser o Consolador, se este deve ensinar novas verdades e aquele não tem ensinado nem uma?

E ainda há fundamental razão em favor da crença espírita: de esperar o Consolador, que já se manifesta pelas novas verdades reveladas ao mundo: vidas sucessivas, penas temporárias, progressão infinita do Espírito etc.

377 (Nota do Organizador) Amplamente, extensivamente. (Fonte: Dicionário Priberam online)

378 (Nota do Organizador) Jean-Baptiste Causette (1819-1880) - filósofo e padre francês, séc. XIX, já referido na nota 19, à página 29 do 2º volume desta coleção. O nome completo da obra é "Le bon sens de la foi opposé à l'incrédulité de ce temps" ("O bom senso de fé se opõe à incredulidade desta época", em tradução livre) - 2 vol. (1883), Ed. Paris; Bruxelles: Société générale de librairie catholique.

E na razão é: que a revelação religiosa é progressiva e proporcional ao progresso realizado pela humanidade.

Desde que esta chegue a um grau de progresso, de poder suportar mais íntima luz, mais ampla revelação lhe é dada.

Prova-o a relação da Abraâmica para a Mosaica - e a desta para a Messiânica; sendo para notar que de cada uma destas para outra o tempo decorrido foi sempre de cerca de vinte séculos³⁷⁹.

Ora, sendo assim como no-lo mostra a própria História sagrada, é lógico que as verdades que não puderam ser ensinadas por Jesus, em razão do mundo ainda não estar em condições de suportá-las, só devem ser-lhe ensinadas quando ele estiver naquelas condições, por ter realizado maior progresso.

E quem virá resolvê-las? O Espírito Santo, logo depois do Cristo? Não, que o mundo não andou tanto em poucos dias.

Quem as há de revelar, quando o mundo tiver andado tanto, que as possa suportar; há de ser outro. É o Consolador.

O Consolador, pois, dever ser esperado, porque não pode ter vindo antes do tempo.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 18.12.1893: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/8861

379 (Nota do Organizador) O nome das três revelações nos pareceu truncado, nesse parágrafo, decidimos ajustar.

Artigo CCCXXI - O PAIZ, 25.12.1893

Foi no dia de hoje, 25 de dezembro, vai para 2000 anos.

Num estábulo de pequena e desconhecida cidade da Judeia nasceu uma criança, que, aos olhos do mundo, era para confundir-se e sumir-se na massa imensa dos que passam pela vida como a brisa pela superfície dos lagos, sem deixar sinal de sua passagem.

E o mundo julgava com a maior plausibilidade, porque o menino procedia de um tronco tão humilde pela posição, como pela condição.

Seu pai era um carpinteiro, pobre e ignorante carpinteiro.

Criou-se e viveu até a idade de 30 anos, ajudando seu pai no trabalho de todos os dias.

Ninguém lhe conheceu mestres nem livros, em que aprendesse mais do que é dado aos filhos do povo.

Entretanto, desde os verdes anos discutia com os Doutores da Lei e, depois dos 30 anos, confundia os escribas e fariseus, e pregava nas sinagogas o Evangelho do reino!

Sua palavra era doce como um favo de mel do Himeto³⁸⁰, tocante como a lágrima que sobe do coração, arrebatadora como a torrente que despenha dos mudos cimos das montanhas; sua palavra, ungida por inefável amor, abrasava os corações e infundia nas almas sentimentos e desejos mais do Céu do que da Terra.

380 (Nota do Organizador) O Hymettus (do original grego) ou Monte Himeto, está localizado ao sul de Atenas, na Grécia. Segundo a mitologia clássica, era povoado por abelhas que se alimentavam em sua floresta e produziam o mel mais rico e a cera mais macia da Grécia, por causa da fragrância de suas flores e ervas magníficas. Segundo a lenda, mesmo os répteis que ali viviam não eram mais venenosos... (Fonte: Wikipedia)

A filosofia, aquela sublime filosofia moral que ele plantou, e cujos frutos são a civilização que hoje gozamos, é um monumento que abalaria o mundo, se fosse arquitetado hoje, em tempo do maior saber humano, quanto mais nos tempos em que o foi, tempos de obscurantismo, e em meio de um povo em alto grau atrasado! Os criadores de doutrinas religiosas e filosóficas (e a dele compreendia ambas as partes) prepararam-se, sabe-se onde beberam suas ideias, e foram auxiliados pelo meio em que agiram.

O Budismo estava na atmosfera em que a bebeu Cakiar-Monny³⁸¹, que não fez senão coordenar as ideias correntes na opinião geral, alimentada pela filosofia de Kapila³⁸².

O Masdaísmo, obra de um homem, que lhe colheu os fundamentos na ciência dos caldeus, que ele mesmo cultivou em Espírito pelo estudo dos mestres do seu tempo, ainda assim recomendou o nome de Zoroastro.

O Maometismo ou Islamismo é uma mistura híbrida de ideias espiritualistas, já muito divulgadas, com sentimentos do mais grosseiro materialismo, que fizeram de seus sectários instrumentos apaixonados das ambições mundanas de seu instituidor.

Nada disto se nota na obra de Jesus! Sua Doutrina, longe de ser o reflexo, sequer, de qualquer noção vulgarizada no meio em que foi criada, foi a antítese das ideias correntes do seu tempo e entre sua gente, tanto que por ela, e só por ela, foi condenado à morte ignominiosa da cruz.

A elevação das ideias emitidas pelo filho do carpinteiro da Galileia assombra ainda hoje, porque, em moral, ainda não apareceu um gênio que ultrapasse os limites deste preceito: “Ama o teu inimigo, e faz bem ao que te odeia.”

E em filosofia nenhuma sociedade moderna elevou suas aspirações além dos princípios de liberdade, igualdade e fraternidade, que são o alicerce de toda a Excelsa Doutrina.

381 (Nota do Organizador) Infelizmente não conseguimos identificar dados sobre esse nome, talvez devido à sua transliteração.

382 (Nota do Organizador) Kapila de Samkhya, já referido, é considerado um sábio védico. Estima-se que tenha vivido nos séculos 6 ou 7 a.C., e é creditado como autor do influente Samkhya-sutra, no qual sutras aforísticos apresentam a filosofia dualística do Samkhya. A influência de Kapila em Buda e no budismo há muito tem sido objeto de estudos acadêmicos. (Fonte: Wikipedia)

Coloquemo-nos no tempo e no lugar em que foi feita aquela obra, e expliquemos, se pudermos, e expliquem os mais rancorosos e intransigentes adversários dela, como pôde um judeu, não-viajado nem cultivado em letras estrangeiras, ter a ideia de consagrar como dever moral o amor ao inimigo, em um tempo e entre um povo que tinha no código de sua lei, “o dente por dente e o olho por olho?”

Como pôde, no tempo em que imperava o regime da escravidão, pregar o da liberdade; e em que a desigualdade da condição determinava a de posição, pregar a igualdade de todos; no tempo em que era prescrição sagrada passar à espada as mulheres e crianças das nações vencidas, pregar a fraternidade universal!

Isto, hoje considerado de nosso tempo já é uma grandeza inexcedível, quanto mais considerado naqueles tempos e naquele país, em que não havia uma alma que cogitasse de semelhantes coisas, em que toda a sociedade hebreia e toda a humanidade nutriam-se de ideias e pensamentos opostos!

E isto tudo porque nasceu na mais baixa condição, e não dispôs de meios para ilustrar seu Espírito, tomando mestres ou compulsando livros!

Citam-se milagres pasmosos, feitos pelo Nazareno. O maior e mais admirável de seus milagres é ele mesmo, é a obra que produziu, com a elasticidade precisa, para estar sempre na vanguarda do progresso humano, através dos séculos; é o Sermão da Montanha, é sua imaculada pureza, é o exemplo sobre-humano de lavar os pés de seus discípulos, é toda a sua vida corpórea, e é, finalmente, o perdão que pediu ao Pai do alto da cruz para seus algozes!

Estes, sim, são milagres, porque os que Ele fez, dando vista aos cegos, curando os leprosos, fazendo andar os paralíticos, livrando os possessos do demônio, ressuscitando os mortos, tudo somente por obra de sua vontade; estes só foram milagres para a ignorância que ainda perdura.

Jesus, por aquele privilégio de... saber infuso, de que nos legou as mais inabaláveis provas, tinha a Ciência das leis que regem o Universo, das quais nós mal lobrigamos algumas mais rasteiras, e porque possuía aquela Ciência produziu por ela fatos que aos olhos dos que a ignoram passam por milagres, derrogação das leis postas por Deus.

E é a um vulto desta inimitável estatura que se quer antepor uns muito pequenos gigantes da ciência da Terra, que nem esboço é da Ciência Universal!

E é à Doutrina que tem resistido ao embate de 19 séculos que se quer opor umas tantas composições, que não resistem à mais ligeira análise!

Pelo dia de hoje, ó Cristo, perdoa-lhes, como pediste o perdão para teus algozes!

Ave, Jesus! Hosanas pelo dia de hoje!

Falta na coleção da Hemeroteca da
Biblioteca Nacional esta edição - 4249 - a de
25/12/1893, justo esta, com esse belo texto de Dr. Bezerra. Ficamos neste caso com a versão FAE, capítulo 106 de seu 3º e último volume.

Artigo CCCXXII - O PAIZ, 01.01.1894

Do Estado de Minas, e assinada por José P., recebemos a seguinte carta, a que só agora podemos dar resposta:

“Atraído pela belíssima Doutrina Espírita, que tão convictamente esposais e que muito breve, conquistando, como vai, dia a dia, o entendimento humano, será reconhecida como a última religião da Terra, que mostrará às gerações a verdade eterna - e desejando banhar meu Espírito nos caudais de luz dessa última, e por isso mesmo, mais sublime descoberta do pensamento do século, mas tendo ainda algumas dúvidas, que me acorrentam, peço-vos me esclareçais pela vossa coluna de “O Paiz” o seguinte:

“1º. Como pode ser um médium auditivo, se os Espíritos, não têm órgãos para falar-lhe?

“2º. Como pode ser médium vidente, se os Espíritos, desde que abandonam a matéria, deixam de ter forma?

“Não posso, por mais que tire a minha razão, compreender estes pontos do Espiritismo.

“Outra coisa: como ocupa o Espírito a matéria?

“Estas coisas, penso, estarão claras nos livros de Allan Kardec; porém eu, não possuindo estes livros, devo ficar sempre duvidando de uma Doutrina que preciso e quero abraçar totalmente?

“Ou me podeis responder ou não.

“Se podeis, sereis meu guia, meu mestre, a quem agradeçerei do fundo do coração tão alto favor.

“Se não podeis, a quem mais competente do que vós poderei dirigir-me?

“Não posso crer que vos negueis a prestar-me este benefício; basta seguides esta bela doutrina...”

Max começará a resposta pela última pergunta: a quem mais competente poder-se-á dirigir.

Há tantos mais competentes, que longo seria o trabalho de citar-lhes os nomes; mas o competente por excelência é o que estudou todas as manifestações parciais, dadas em todos os países do mundo civilizado - e com elas e por elas, organizou - codificou - consolidou a sublime Doutrina, que eleva toda a criatura humana até os pés do Criador; é Allan Kardec, cujas obras, confessa-o o autor da carta, ainda não leu...

A este respeito, dir-lhe-emos: se por uns retalhos - estes descoloridos que Max tem exibido, parece-lhe a Doutrina bela e sublime, qual não seria seu juízo sobre ela, se a tivesse estudado profundamente, como é mister, nas obras fundamentais, onde se acham congregados e dispostos harmonicamente todos os elementos que constituem um sistema perfeito?

É um crime de lesa cultura intelectual não estudar uma filosofia, que excede a quantas têm feito escola, quer pela elevação do seu objetivo, quer pelo modo como se coaduna aos sentimentos mais naturais do coração e às aspirações mais nobres do ser humano.

Estude o Sr. José P. as obras fundamentais do Espiritismo - e nelas encontrará a preciosa luz para todas as suas dúvidas - estas que propôs e quantas possa ter.

No entanto, não faltaremos ao dever de lhe responder ao que nos pergunta.

“Como ocupa o Espírito a matéria?”

Será esse o assunto do presente artigo, ficando para o seguinte o resto do questionário.

Em geral acredita-se: que o Espírito e a matéria são coisas de naturezas opostas - e desta falsa crença se originam as escolas espiritualista e materialista; ambas compreendendo uma parte da verdade, principalmente a primeira, que confessa a dualidade negada pela segunda, que por isto se coloca em um plano muito inferior.

A verdade inteira, tal qual a ensinam os altos Espíritos, é esta:

Deus só criou um elemento: fluido cósmico - fluido universal, do qual, por modulações regidas e reguladas por leis eternas e imutáveis, procedeu, desde o princípio - e procederá por todo o tempo, tudo o que constitui o universo ou turbilhão infinito dos seres.

Assim como da água sai o vapor, que forma as nuvens do céu - e o sedimento, que forma o fundo lodoso dos poços - dos rios - e dos mares, assim do fluido universal procedem o Espírito e a matéria - e todas as espécies intermediárias, ponderáveis e imponderáveis.

Espírito e matéria, são, pois, original e substancialmente gêmeos, se assim podemos expressar; mas sob o ponto de vista de sua constituição são tão distanciados, digamos mesmo opostos, como o vapor e o sedimento da água, que tomamos para grosseira comparação.

O Espírito, a mais sublimada modalidade do fluido originário de todos os seres, tem a natureza moral, que falta à matéria: a inteligência - a razão - a consciência - a fé - a liberdade - e consequente responsabilidade³⁸³.

[...] ³⁸⁴

Em nosso mundo atrasado e de expiação, que não recebe senão Espíritos de ordem inferior, o perispírito [...] é sempre mais ou menos materializado, segundo o grau de progresso de cada um; mas não deixa de contar o elemento fluídico. É um composto de substâncias materiais e fluídicas - é um ser, emanado do fluido universal, menos sublimado que o Espírito e menos grosseiro que a matéria bruta, como há deles um infinito número, do que dão testemunho os reinos vegetal e animal.

383 (Nota do Organizador) Essa unidade substancial da criação já foi tema do Artigo CCLXXXIX, 15.05.1893, e assinalada na nota 237, acima, à página 292 deste mesmo volume. Além das citações já feitas sobre o tema, pode-se acrescentar ainda, a título de complemento, a famosa resposta de Emmanuel à questão que lhe foi feita no cap. XXXIII do volume que lhe traz o nome - "Emmanuel", psicografia de Chico Xavier, claro...: "Será lícito considerar-se espírito e matéria como dois estados alótropicos de um só elemento primordial, de maneira a obter-se a conciliação das duas escolas perpetuamente em luta, dualista e monista, chegando-se a uma concepção unitária do Universo? Resposta - É lícito considerar-se espírito e matéria como estados diversos de uma essência imutável, chegando-se dessa forma a estabelecer a unidade substancial do Universo"; como também os capítulos de 06 a 09 de de "A Grande Síntese", do prof. Pietro Ubaldi.

384 (Nota do Organizador) A partir desse ponto o texto original está absolutamente ilegível, em razão do estado de deterioração do exemplar dessa edição de "O Paiz", no acervo da Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. Há uma área branca, que compromete boa parte da leitura da página. É possível, no entanto, ter acesso ao final desse mesmo artigo, que reproduzimos na sequência.

Ora, sendo o Espírito naturalmente revestido daquele corpo semifluido e semimaterial, nada mais explicável do que sua união com a matéria pura, por intermédio de tal corpo³⁸⁵.

Pela sua natureza fluidica ele casa-se naturalmente com o Espírito (alma) - e pela parte material, embora imponderável, como a luz - como o calor - como a eletricidade, casa-se com a matéria organizada do corpo.

E aí temos o meio de transmissão dos pensamentos e volições da alma aos órgãos do corpo, incumbidos de manifestá-los, no exterior - e das impressões físicas do mundo exterior ao Espírito ou alma, unida e convivendo com o corpo, mas separada dele pelo perispírito.

Esta explicação apenas dá uma ideia do fenômeno e das leis que o regem. Um grosso volume ainda não seria suficiente para a completa elucidação de tão complexa e complicada questão.

Contente-se o Sr. José P. com o que lhe podemos dar em um artigo de jornal - e se quiser aprofundar o assunto, leia e estude as obras clássicas, que já são em grande cópia.

Max.

(Da União Espírita)

A partir deste artigo, inclusive, todos os apresentados na sequência incluem-se naquela parte da série “Estudos Filosóficos” que só foi publicada em jornal, à época de Dr. Bezerra, e jamais reunida posteriormente em volumes.

Este foi recuperado diretamente de seu original - edição de “O Paiz”, de 01 de janeiro de 1894, no endereço a seguir - http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/8941 - e é com muita alegria que o apresentamos para o exame de nossos prezados leitores.

385 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra traz aqui ensinamentos realmente básicos sobre o corpo espiritual ou perispírito, conforme a denominação que lhe deu o Codificador da Doutrina Espírita, Allan Kardec, todos já presentes em seu primeiro volume, “O Livro dos Espíritos”, especialmente nas questões 93 a 95, 135, 141, 150-a, 186, 187, 196-a, 257 e 284, entre outras.

Artigo CCCXXIII - O PAIZ, 08.01.1894

Prosseguindo no empenho de responder às questões levantadas pelo Sr. José P., ocupar-nos-emos hoje com as duas, que foram propostas em primeiro lugar:

“Como haver médium vidente, se os Espíritos não têm forma?”

Realmente, no mundo dos Espíritos, dizem-nos os seus mais ilustres representantes, não há linguagem ou só há a do pensamento; os Espíritos entendem-se pelo pensamento, como nós pelas palavras.

É digno do mais sério estudo este ponto de cosmogonia, que parece assombroso à nossa ignorância.

Flammarion preocupou-se com ele e, médium como é, recebeu por intuição a revelação, embora muito ligeira, da lei que regula aquela ordem de fenômenos³⁸⁶.

O pensamento - nossos próprios pensamentos terrenos, mal os formulamos, gravam-se no éter ou fluido cósmico, que envolve

386 (Nota do Organizador) Não conseguimos identificar exatamente a que parte da obra de Flammarion Dr. Bezerra se refere, mas há realmente diversas pequenas passagens sobre o tema nos volumes de autoria do grande astrônomo francês: a) Em “Narrações do Infinito” (Cap. III) o Espírito Lúmen faz menção a um planeta onde “o pensamento não é forçado a passar pela palavra para se manifestar”; b) Essa informação surge repetida, nos mesmos termos, no Cap. III da 1ª parte de “Urânia”, que traz também outra citação a respeito, no Cap. II de sua 3ª parte: “percebi logo que a minha organização era dotada de vários sentidos novos, [...] em particular de um sentido magnético, com o qual se pode entrar em comunicação de um para outro ser, sem que seja necessário traduzir os pensamentos por palavras audíveis”; c) “O Fim do Mundo”, no Cap. III, descreve um futuro em que a telepatia já se incorporou às nossas capacidades: “As almas se comunicavam à distância”. (Fonte: Edições FEB)

a Terra e enche os espaços infinitos, precisamente como pela estereotipia grava-se nossa figura em uma lâmina polida³⁸⁷.

Daí não ser preciso enunciá-lo para tornar-se visível.

Mesmo ainda envolto no véu da carne, o Espírito, ainda que muito imperfeitamente, revela aquela faculdade.

Quantas vezes, temos os pensamentos de outros tão bem como se eles tivessem sido enunciados?

Pois, se o Espírito encarnado balbucia a linguagem do pensamento, livre das peias da matéria, quando se lhe apuram todas as faculdades, é de rigor que o mesmo aconteça como esta: que, em vez de ler, per accidens³⁸⁸, os pensamentos dos outros, leiam-os sempre, tão perfeitamente como nós nos comunicamos pela linguagem falada ou escrita.

Destas ligeiras considerações decorre: que a linguagem do pensamento é o meio de comunicação dos Espíritos - e que destes, os encarnados, sofrem, em geral, a limitação daquela faculdade, como de todas as mais.

Entretanto, efeito da relatividade do progresso alcançado por cada um, homens há que gozam daquela faculdade, em maior ou menor grau; podendo assim entender-se perfeitamente com os Espíritos. Estes são os médiuns auditivos, intuitivos.

Seu Espírito desprende-se facilmente do invólucro corpóreo, como no sono - e, ligado ao corpo por laços perispirituais, coloca-se nas condições dos Espíritos desencarnados.

Acreditamos: que estes médiuns são homens, cujo Espírito já é muito adiantado - já é apenas ligeiramente ligado à matéria.

Quanto à audição propriamente, perguntamos: o que é mais difícil: o Espírito produzir sons, ou transportar uma flor ou um objeto pesado a longas distâncias?

Ninguém tem mais o direito de duvidar da realidade deste último fenômeno, autenticado pelos maiores sábios do mundo,

387 (Nota do Organizador) Além dos seus sentidos mais usuais, de preconceito ou lugar comum, o termo estereótipo pode referir-se também à uma chapa obtida pela fusão de chumbo afixada numa matriz de ferro ou madeira para impressão de imagens; sinônimo de clichê. (Fonte: Dicionário Priberam online)

388 (Nota do Organizador) Locução latina aplicada na linguagem filosófica, por oposição a per se, às qualidades acidentais das coisas. (Fonte: Dicionário Extraviz).

e por nós mesmos já verificado; e, pois, é real o termo de nossa comparação.

Se os Espíritos podem, por leis que lhes é dado conhecer, e pelas quais põe em jogo a ciência dos fluidos, produzir sons; o que mais é: articulá-los, valendo-se, para isto, dos fluidos do médium, como se vale deles para o transporte - para a escrita direta, que é muito mais admirável do que a vocalização?

O médium, pois, é quem fornece ao Espírito o meio dele articular palavras, com os sons que ele mesmo produz, independente da mediunidade humana; tanto que fazem, nos espaços, harmonias sublimes, a que Allan Kardec, em suas “Obras Póstumas”, chama “música celeste”³⁸⁹.

E, pois, condições espirituais temperadas por condições corpóreas dão perfeitamente sons articulados.

O médium concorre para eles - e o médium percebe-os por seu órgão material.

E como o fenômeno de transporte e todos os fenômenos espíritos, que reclamam meios materiais, ou que são eles mesmos de caráter material, os quais produzem-se mediante os fluidos humanos, aproveitados pelos Espíritos, de conformidade com as leis dos fluidos, que a ciência humana começa a procurar conhecer, estudando o magnetismo e o hipnotismo.

O Espiritismo, neste ponto, já oferece muita luz, não por trabalho dos homens, mas por ensino dos Espíritos, que quadram perfeitamente à razão esclarecida³⁹⁰.

389 (Nota do Organizador) Vide, a propósito, na obra referida, os capítulos “Música Celeste” e “Música espírita”. Ed. FEB.

390 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra bem distingue nesse ponto dois gêneros distintos de fenômeno. No primeiro, há apropriação dos fluidos dos médiuns para produção de sons audíveis por todos, sejam médiuns ou não - é o que se costuma chamar por “voz direta”. No segundo, a transmissão da ideia se dá do Espírito ao médium telepaticamente, mas este a percebe, intimamente, à semelhança de um “som” ou “voz” que só ele ouve, sem que os demais o/a percebam. Na literatura espírita, encontra-se boas referências sobre ambos, mas para uma compreensão mais ligeira de sua distinção sugerimos, na Coleção André Luiz, psicografia de Chico - sempre ele - Xavier, especialmente o o Cap. 10 de “Missionários da Luz” - “Materialização”, onde se têm a descrição da formação de uma garganta ectoplasmática; como também o Cap. 12 de “Nos Domínios da Mediunidade” - “Clairividência e Clariaudiência”, que traz precisas instruções sobre o papel do cérebro e dos órgãos dos sentidos nesse tipo de fenômeno.

A visão, segundo ponto de dúvida do nosso interpelante, é mais fácil de compreender-se do que a audição, embora seja, como esta, o resultado do jogo dos fluidos do Espírito com os do médium.

Já no passado artigo, dissemos: que os Espíritos revestem-se de um corpo fluidico, que lhes serve de meio de união com a matéria.

Diremos, agora, que o perispírito, que é aquele corpo, embora seja naturalmente imponderável como a luz e o calórico, não escapa à lei dos fluidos, pela qual são suscetíveis de se condensarem mais ou menos, sob a ação da vontade inteligente.

Assim, pois, o Espírito pode condensar seu próprio perispírito, dando-lhe a consistência e a forma que bem lhe parecer.

Às vezes - e isto é o geral - eles dão-lhe a consistência vaporosa, que pode ser vista, mas não sentida pelo tato. São deste gênero as aparições atestadas por todos os povos em todos os tempos.

Às vezes, porém, eles levam a condensação até à materialização, como atesta-o o fato de Katie [King], observado pelo sábio Crookes cuja competência moral e científica faz o desespero dos incrédulos e grandes sábios de ideias preconcebidas³⁹¹.

Quanto à forma que os Espíritos tomam em suas manifestações, é da mais rudimentar observação: que escolhem aquela com que melhor se podem³⁹² fazer reconhecer - e, se tem por fim

391 (Nota do Organizador) Sobre as materializações de Espíritos e os chamados agêneres há igualmente vasta literatura disponível, a partir de seus fundamentos, na obra de Kardec, a começar do famoso artigo, "Os Agêneres", pioneiro sobre o tema, na "Revista Espírita" de fevereiro de 1859, como também nas seguintes obras: "As Materializações de Fantasma", de Paul Gibier (Ed. Celd); "Fatos Espíritos", de William Crookes (Ed.FEB) - esse especificamente sobre "Katie King; "Mirabelli, um Médium Extraordinário", de L. Palhano Jr. (Ed. Léon Denis), "Materializações Luminosas", de R. A. Ranieri (Ed. Lake) e "Materializações de Espíritos", de Ernesto Bozzano e Paul Gibier (Ed. Lachatre), entre muitas e muitas outras... Na Bíblia as referências a esse tipo de fenômeno são extensas e numerosas, mas para não nos estendarmos muito podemos citar a visita dos "anjos" a Abraão (Gen. 18: 1-33) e em seguida a estada dos mesmos em Sodoma (Gên. 19: 1-22); a luta de Jacó com o "anjo" (Gen: 32:22-32) e o que anuncia aos pais de Sansão o seu nascimento (Juizes 13:01-20), entre muitos e muitos outros...

392 (Nota do Organizador) Esse trecho pareceu-nos um pouco truncado, fizemos uns pequenos ajustes para sua melhor compreensão.

enganar, escolhem uma figura humana muito outra que a que tiveram.

No primeiro caso, eles manifestam até os defeitos físicos do corpo que tiveram.

No segundo, quantas vezes temo-los visto, pobres sofredores, tomarem a figura de santos - de anjos - e até a do divino Jesus!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 08.01.1894: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/8985

Artigo CCCXXIV - O PAIZ, 15.01.1894

Como foi em 1789, em França, quando se destruíram os altares do Deus vivo para se erguerem, em seu lugar, altares à deusa razão; assim, no fim do nosso século, tem sido moda substituir a crença em Deus pela religião da matéria.

As nossas faculdades e escolas superiores estão infeccionadas do vírus da incredulidade, que é mais contagioso do que a lepra, e que, portanto, vai solapando os fundamentos da nossa sociedade, pela corrupção das ideias de nossa mocidade que ali vai cultivar o espírito.

Já é raro encontrar-se um moço, estudante ou formado, que guarde a fé em que viveram e morreram seus antepassados.

A matéria é a causa e o efeito de tudo - é o criador e a criatura - é o gerador da ordem e da harmonia universal, que resultam de leis eternas e imutáveis, a que ela mesma está sujeita, em todas as suas transformações e modalidades.

E isto, que é em si mesmo absurdo e ridículo, faz as delícias e o entusiasmo de uns tantos que não refletem e de outros que refletem demais.

A lei do equilíbrio no mundo moral é tão fatal como o é no mundo físico - e tanto peca contrariá-la o que aceita sem³⁹³ discernimento tudo o que se lhe apresenta flamejante, como o que repele, porque não lhe convém, o que se lhe apresenta com as cores da verdade.

Quem refletir, com ânimo desprevenido e desejoso de conhecer a verdade, para as consequências cardeais do materialismo, que deixamos acima sintetizadas, não pode, ainda que queira, a

393 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui a palavra "com", o que tornaria o texto sem sentido, deve ter sido um erro material, que decidimos corrigir.

menos que seja bronco, deixar de exclamar conosco: Como é que moços inteligentes e homens ilustrados, se deixam levar por tais contrasensos?

E não terá dificuldade em se explicar o fato, realmente fenomenal.

Uns se deixam levar, como dissemos, porque aceitam a causa sem examiná-la, na confiança dos nomes que a propagam; outros não se deixam levar - aceitam-na sem confiança; porque aceitariam qualquer outra, em lugar da que coage-os ao cumprimento de deveres e submete-os à sanção penal da lei moral.

Estes fazem-se a ilusão de que Deus deixa de existir porque eles O negam - de que não há vida futura, porque eles abraçam-se com o nada - de que, finalmente, não serão obrigados a pagar suas dívidas, porque não querem reconhecer o credor.

Para estes o materialismo é um recurso, como para aqueles que o inventaram e o propagaram é uma especulação.

Uns especulam por amor da glória (triste glória) de passarem à História como autores do sistema; outros especulam por tirarem vantagens materiais.

Em todo o caso, só acredita - só pode acreditar na verdade do materialismo quem não estuda e confronta com atenção os princípios básicos de tão insensata doutrina.

Quiséramos que um verdadeiro materialista, se os há, nos dissesse: se é possível liberdade sem responsabilidade - e responsabilidade sem um poder que a faça efetiva.

Pois se o homem é um ser essencialmente livre, quem lhe há de tomar contas do bom ou do mau uso que fizer de sua liberdade?

E deste simples enunciado, cuja procedência são fatalmente obrigados a reconhecer e confessar - a razão o bom senso, o próprio senso comum, não decorrem, também fatalmente, a existência de um poder superior à humanidade, que lhe toma contas - a perduração do homem, depois de libertado de seu corpo, para prestar aquelas contas - e, como corolário, a vida futura, em lugar do nada?

Extorçam-se os que construíram com paus podres e os que se julgaram resguardados por tão fraca trincheira!

Se há lógica - se eles a reconhecem, quando, sob sua bandeira, querem passar os seus contrabandos, hão de confessar: que a liberdade humana não poderia subsistir, se o homem não

fosse essencialmente Espírito - se Deus não fosse o Senhor onipotente.

Extorçam-se - e procurem iludir mais esta avalanche que os arrebatava para o abismo, valendo-se de sua inesgotável casuística; que nós bem sabemos que a tudo se responde - e que o pior cego é o que não quer ver.

Também não é para estes que escrevemos estas linhas, que entram na frota sem olharem para a bandeira.

“Não há Deus - não há Espírito - tudo é matéria.”

Pois bem; a cada um chegará o dia de reconhecer, experimentalmente, o que vale a grande ciência que reduz ao nada a maior grandeza da criação - o homem.

Os que já foram, já o sabem.

Por que os que estão ainda por cá não empregam a sua experimentação, no intuito de saberem a opinião que têm lá, no seu famoso nada?

São embustes? Ninguém deu ainda a prova experimental da existência do Espírito? As aparições e comunicações são efeito de provas mágicas?

Pois apliquem os seus métodos infalíveis e desfaçam o embuste e a mágica.

Enquanto não o fazem, oferecemos-lhes para estudo o seguinte fato, que corta pela raiz as explicações que dão aos fenômenos espíritas, no intuito de esmagarem a teoria espírita.

O Dr. Alcoforado³⁹⁴, deputado por Pernambuco, ouvindo nossas constantes discussões com o deputado pelo Pará Sr. Mac Dowell³⁹⁵, ultramontano, resolveu, bona fide³⁹⁶, verificar a verdade do que afirmávamos, e um dia procurou o distinto médium

394 (Nota do Organizador) Presumimos tratar-se aqui do Sr. José Bernardo Galvão Alcoforado Júnior (1840-1913), eleito pela província de Pernambuco juntamente com Dr. Bezerra, na eleição geral de 1884.

395 (Nota do Organizador) Samuel Wallace Mac Dowell (1843 - 1908) - apesar de ser pernambucano de nascença, fez carreira como político e representante do estado do Pará, tendo sido eleito deputado geral para as legislaturas de 1881 a 1884; 1885 e 1886 a 1889, da Câmara Federal da antiga Corte do Rio de Janeiro, ao tempo do Império, pelo Partido Católico. Curioso é verificar que, em sua biografia, destaca-se o fato de que, como católico, “defendia ferrenhamente sua fé, o que lhe rendeu constantes colóquios com o espírita brasileiro Bezerra de Menezes”. (Fonte: <http://albumdosjuvencios.blogspot.com/2010/11/conse-lheiro-macdowell.html>)

396 (Nota do Organizador) De boa-fé.

receitista Sr. Nascimento³⁹⁷, para pedir-lhe o diagnóstico de seu velho pai residente no Recife.

Nascimento tomou o lápis e recebeu minuciosa descrição dos sofrimentos do Dr. Alcoforado pai.

O consultante ficou surpreendido da exatidão de tudo o que foi referido, como só pode-lo-ia fazer um médico que empregasse todos os seus meios, inclusive os comemorativos da moléstia.

O que, porém, o deslumbrou, foi referir o escrito que todo o mal procedia de uma queda que o doente dera do cavalo, fato real; mas que nunca os médicos lhe atribuíram influência alguma no caso - e por isto, ele nem cogitava de tal acontecimento, que só o escrito lh'o fez lembrado.

O Dr. Alcoforado referiu este fato em presença de muitos deputados poucos dias depois e por ocasião de assistir a nova discussão nossa com Mac Dowell.

Seu nobre caráter não lhe permitirá deixar de atestá-lo em todo o tempo - e pois, expliquem os Lombrosos de toda a parte.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 15.01.1894: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/9027

397 (Nota do Organizador) João Gonçalves do Nascimento (??1844 - 1916) - um dos grandes médiuns das primeiras horas do Espiritismo no Brasil e no Rio de Janeiro. Foi médium receitista, sonâmbulo, psicógrafo e vidente. Despachante da Alfândega do Porto do Rio de Janeiro, trabalhou sob inspiração do Dr. Dias da Cruz, professor da Faculdade de Medicina, falecido na década de 1870. Seus feitos causaram tamanho impacto que o próprio filho de Dias da Cruz, o médico homeopata Francisco de Menezes Dias da Cruz, converteu-se ao Espiritismo. Integrou a "Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade" e liderou a dissidência que conduziu à fundação, sob a orientação de Ismael, do "Grupo Espírita Fraternidade", que presidiu. Ali respondeu pelo setor de atendimento aos doentes, juntamente com Bittencourt Sampaio. Entre os que atendeu, um dos nomes mais famosos talvez tenha sido o do próprio Dr Bezerra, no caso da sua dispepsia. Quando da fundação da Federação Espírita Brasileira, João Gonçalves do Nascimento ali colaborou. O "Reformador" assinalou a relevância e o pioneirismo de seu trabalho: "Os seus serviços à causa da propaganda da Doutrina Espírita foram notáveis e reais, e não se lhe pode negar o primeiro e principal papel nesse ramo da mediunidade curadora". Para saber mais sobre esse grande trabalhador das primeiras horas de nossa Doutrina, em solo brasileiro, recomendamos também muito especialmente a leitura de sua biografia, publicada por Zeus Wantuil em seu volume "Grandes Espíritas do Brasil", à página 389 da 2a. Ed. FEB. (Fonte: Wikipedia)

Artigo CCCXXV - O PAIZ, 22.01.1894

Há um fato humano que se impõe à atenção daqueles que são capazes de refletir sobre coisas sérias.

Nenhuma criatura racional, seja rico, seja pobre, seja poderoso, seja fraco, qualquer que seja, enfim, sua condição e sua posição, leva a vida sem sofrimentos e dores, uns mais e outros menos.

Este fato é tão universal - tão sem exceção, que o padre Manoel Theodoro³⁹⁸ disse, inspirado: “feliz é o que é menos desgraçado”.

A Igreja romana explica-o pelo pecado original: todo o gênero humano vem inquinado da culpa do primeiro par humano - e, portanto, todo ele é passível da pena imposta aos herdeiros do mal dos pais.

Estes, porém, podem resgatar a parte que têm naquela culpa, dando boas provas de submissão aos preceitos do Senhor.

Esta vida, pois, é de provas - e quem está em provas não pode deixar de ter sofrimentos e dores.

Aceita a premissa, é lógica a consequência; mas será realmente de provas esta vida, para o fim de resgatarmos a herança do pecado original?

Admitamos que tudo o que diz a Bíblia sobre a criação de Adão e Eva, em vez de ser um símbolo, que reclama uma interpretação em espírito e verdade, é uma realidade, que deve ser entendida literalmente.

398 (Nota do Organizador) Infelizmente não conseguimos localizar dados biográficos do padre Manoel Theodoro.

Se a culpa dos primeiros pais da humanidade afeta toda a sua descendência, deve a responsabilidade de todos os descendentes ser igual.

Até pelas leis humanas, os filhos têm igual quinhão na herança dos bens dos pais.

E se isto é justo, segundo o juízo dos homens, como deixar de ser assim a distribuição da culpa dos pais pelos filhos?

E, pois, é irrecusável, sob pena de acusar-se a Deus de injustiça, que cada criatura humana vem à vida com igual quinhão de responsabilidade pelo pecado de Adão e Eva.

E, pois, se é aquela responsabilidade que explica o sofrimento e a dor de todos os homens, a consequência é: que todos os homens devem ter sofrimentos e dores iguais.

A mais ligeira atenção, porém, evidencia o contrário - evidencia uma escala quase infinita de sofrimentos na série interminável da família humana; logo a conclusão, baseada nos fatos de constante observação, destrói e lança por terra as premissas.

Ou não é a culpa original a causa dos sofrimentos humanos, porque a mesma causa, nas mesmas condições produz necessariamente o mesmo efeito o que, em nosso caso, não se dá.

Ou a responsabilidade dos filhos de Adão não é partilhada igualmente por estes; e, em tal caso, a justiça de Deus é inferior à dos homens.

Se isto não é lógico - lógico de não permitir a menor impugnação, então não há lógica - e seja a razão humana um navio sem leme e sem bússola.

Os escravos da letra, em coisas sagradas, mais arguciosos do que lógicos, em seu desesperado empenho de sustentar o pecado original, dizem com toda a gravidade: a responsabilidade original é igual para todos; mas cada um ajunta-lhe o subsídio de suas culpas próprias - e é daí que procede a desigualdade de sofrimentos que se observa.

Este argumento é improcedente por sofisticado, senão por paralogístico³⁹⁹.

Em vez de se estudar a questão no homem, no pleno uso de seu livre-arbítrio - e, portanto, responsável por suas obras, estudemo-la no homem antes de entrar no gozo daquele excelso

399 (Nota do Organizador) Relativo a paralogismo, falso raciocínio. (Fonte: Dicionário Priberam online)

predicado - e reconheceremos: que a desigualdade nasce com ele, não é obra sua, embora mais tarde possa agravar-se por esta.

A criança que nasce cega - a que nasce surda - a muda - a aleijada - a idiota - a coberta de lepra - os monstros, demonstram iguais sofrimentos, oriundos do mesmo grau de responsabilidade, que pesa sobre a que nasce sã do corpo e da alma?

É aí que se reconhece a influência exclusiva do pecado original, escoimado do pecado pessoal - e aí os escravos da letra são obrigados a abandonar seu último reduto.

Mas, para que perdermos tempo com argumentação, se temos, tão sagrada como a lenda da criação do homem, a palavra do Senhor, que tantas vezes já temos tido a ocasião de citar - e que diz: "o pai não responde pelas faltas do filho, nem o filho pelas do pai; mas sim cada um por suas próprias faltas?"⁴⁰⁰

Conciliem este texto da Bíblia com este outro que faz toda a humanidade responder pelas faltas de seus primeiros progenitores - e digam: qual dos dois é mais consentâneo com a razão humana e com as infinitas perfeições de Deus?

Inquestionavelmente aquele que dá ao ser livre a responsabilidade de seus atos - e não a dos de outrem.

E esta contradição da Bíblia com a Bíblia em vez de condenar o sagrado livro, como concluirá um incrédulo, reclama uma interpretação - que harmonize os dois opostos.

Ora, o que dá a cada um a responsabilidade de suas próprias obras, está por si mesmo interpretado - encerra um princípio de altíssima justiça; logo, o que pede interpretação para que lhe tire o odioso de fazer alguém responder por culpa de outro, é o que trata da criação do homem.

A Revelação espírita dá esta interpretação clara e lógica.

A lenda do paraíso terrestre - da criação do primeiro homem - e da transmissão dessa falta a todos os seus descendentes, foi um meio de explicar à humanidade atrasada: a existência do homem na Terra - e a razão de seus sofrimentos.

A verdade que já hoje vai transparecendo, em razão de seu grande progresso realizado, não podia ser dada naquele tempo, como o é agora.

E a verdade é: que Adão e Eva e todos os que têm vivido neste mundo, até hoje, não foram criados aqui, mas vieram, apenas,

400 (Nota do Organizador) Ezequiel 18:20, já referido.

encarnar aqui, para expiarem suas próprias culpas, pelo sofrimento.

E é porque cada um traz para esta vida maior ou menor carga de culpas, de suas passadas existências, que o sofrimento e a dor é desigual, porque é proporcional às culpas de cada um.

Fazendo a expiação, nós fazemos prova também, porque, se sofremos com resignação a consequência dos nossos erros, fazemos merecimento - damos boa prova de nossa missão - e se nos revoltamos com a dor, fazemos demérito, damos ruim prova daquela missão.

Assim, pois, esta vida é de expiação e consecutivamente de provas - e não somente de provas, como pensa e ensina a Igreja romana, adstrita aos caducos princípios da vida única - das penas eternas - do pecado original - e da origem única da humanidade.

O Espiritismo é o que faz a luz nas trevas!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 22.01.1894: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/9069

Artigo CCCXXVI - O PAIZ, 29.01.1894

Do Sr. Tytaro Pita Berê recebemos uma carta, em que nos são propostas várias questões, mas n'uma linguagem tão empolada e metafísica, que mal pudemos compreender-lhe o pensamento.

A primeira pareceu-nos ser esta:

“O Espírito vital brota com o corpo pela fecundação?”

Se o interpelante tivesse lido as obras fundamentais do Espiritismo, não teria levantado esta questão, que ali é magistralmente desenvolvida.

O Espírito, Jesus o disse, é como o vento: sopra de toda a parte e não sabemos de onde vem⁴⁰¹.

Se fosse criação do homem, queremos dizer dos pais, teria ele a sorte de tudo o que é obra do homem; não seria imortal.

E é assim que o corpo, por ser feitura do homem, não resiste ao tempo.

Acabará, porém, o ser humano com o corpo e, neste caso, pode bem ser o Espírito vital obra de quem fez o corpo.

Sem dúvida, e já vimos em que sentido empregou o interpelante a expressão Espírito vital: fluido vital, princípio da vida dos seres, que acaba com eles.

Mas, neste sentido, a questão resolve-se nesta: existe Espírito ante e sobrevivente ao corpo?

É a replicação da eterna discussão entre materialistas e espiritualistas.

Sobre ela, além de que todos os tratados de filosofia se ocupam profundamente em esclarecê-los, nós mesmos já temos, por mais de uma vez, dito quanto sabemos e podemos.

401 (Nota do Organizador) Jo. 3:8.

É, pois, ocioso repisar o que já está tão debatido, de modo a não haver um menino de preparatórios que não a saiba de cor.

A luta hoje não é mais de princípios, é de fatos.

Espiritualistas e materialistas ensarilharam as armas da discussão escolástico-filosófica, e batem-se no terreno da observação dos fatos, que, neste último meado de século, tem-se dado por todo o mundo, todos os dias, e de um modo surpreendente.

Os primeiros afirmam que tais fatos são produzidos pelos Espíritos - os segundos negam e procuram, para firmar sua negação, teorias mais impossíveis do que o próprio fato interpretado espiritualmente: teorias até irrisórias.

Seja como for, nós que temos tido centenas de provas materiais da existência dos Espíritos, provas tão positivas como as da existência da luz e do calor, deixemos que os sábios se degladiem, e marchemos com a nossa convicção, sem contudo querer impô-la a ninguém.

Deixando, pois, a segunda questão: da existência do Espírito, passemos à primeira: se o Espírito é gerado ao mesmo tempo que o corpo.

Evidentemente, não; não, porque se Espírito e corpo emanassem da mesma fonte, tivessem a mesma origem, fossem obra da mesma máquina, teriam o mesmo destino, e o homem acabaria espiritual e corporalmente com a morte, falso suposto que não podemos admitir: em vista dos fatos da nossa observação, que nada valerão para os sábios, mas que, para nós, valem mais do que as teorias destes senhores - valem por verdades irrefutáveis.

Mas, se o corpo, irrecusavelmente obra do homem, acaba pela morte, e o Espírito não, continua em toda a sua integridade, é de rigor concluir que não são obra da mesma máquina - que têm origens muito diferentes.

Os efeitos são, por lei invariável, da natureza das causas que os produzem.

Sendo assim, e verificando-se a lei quanto ao corpo, obra do homem mortal, que morre, que perece, que desaparece; é preciso que não morra, que não pereça, que é imortal, um Criador que tenha todas essas qualidades em grau superior; estas e outras, em grau infinito, para que a criatura não se confunda com seu Criador.

Assim, pois, os pais carnis gozam o corpo mortal e o pai espiritual cria o Espírito imortal.

Da diferença de origem resulta a diferença dos dois elementos constitutivos do ser humano.

Da diferença destes dois elementos resulta a de suas origens.

Só Deus, o Eterno, pode produzir o imortal.

O Espírito, pois, é criado por Deus para a vida eterna; não essa de que goza a matéria, sempre variando de forma e de condições, pela lei da composição e da decomposição mas a vida eterna, sempre o mesmo ser, com a consciência de sua identidade, com a memória de todo o seu quase infinito passado.

O Espírito, pois, preexiste no corpo, porque ele vem das regiões inferiores em busca de seu destino, que é a perfeição das regiões sempiternas; e portanto quando chegam à Terra já têm vivido em milhares de séculos nos mundos inferiores ao nosso.

Quando um pai humano gera um corpo obedece a uma lei posta pelo Criador, para cuja realização distinguiu ele os sexos e fez que houvesse um incentivo para sua união.

Essa lei tem por fim: propor o meio material aos Espíritos⁴⁰² que precisam, para fazerem seu progresso, de virem à vida material da Terra.

O corpo, que é este meio, sem o qual o Espírito não pode fazer provas nem expiações, porque não pode passar pelas contingências que constituem o nosso atribulado viver - o corpo é criado com destino a um determinado Espírito.

Os pais são alfaiates inconscientes, que preparam a casaca para a encomenda, e não negociante de obra feita, para todo o que lhe vier comprar.

E tanto é assim, que o corpo, condição de vida material e ao mesmo tempo instrumento do Espírito, não é igualmente organizado para todos, mas sim o é segundo o gênero de provas que cada um vem fazer à vida.

Se é o sábio orgulhoso de seu saber, pelo que negou a existência de seu Criador, por lhe dever ser Ele superior, e precisar, para purgar esta culpa, sofrer, em nova existência, a mais dura humilhação; o corpo que lhe deve servir é organizado de modo que lhe tolha a manifestação do seu acumulado saber.

É o caso do idiota, que muitas vezes encobre um Espírito de elevado saber, que veio purgar o modo como usou ele.

402 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui a palavra “espíritas”, mas trata-se de evidente erro material, tipográfico, que decidimos corrigir.

Se, pelo contrário, é um Espírito cuja missão é fazer luz no seio da humanidade, o corpo que lhe é destinado terá organização tal que lhe dê afiado instrumento para executar a obra que tomou a si.

Em resumo: os corpos são gerados para os Espíritos pela medida das necessidades de cada um.

Falta espaço para mais amplo desenvolvimento.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 29.01.1894: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/9113

Artigo CCCXXVII - O PAIZ, 05.02.1894

A segunda questão levantada pelo Sr. Tytaro Pita Berê é a seguinte:

“Os Espíritos das raças antidiluvianas estão em relação com os das pós-diluvianas?”

O Sr. Pita Berê, fazendo tal pergunta, manifesta a mais completa ignorância da Doutrina, sobre a qual propôs questão, com ares de objeções.

Não o dizemos com intenção de molestá-lo, porque nem é isso dos nossos hábitos, nem faríamos uma exceção a esse respeito, deixando incólumes os pretendidos sábios, que discutem Espiritismo sem lhe conhecerem os princípios fundamentais.

Não há maior inimigo da verdade do que a presunção do saber - a meia ciência - e, principalmente, a ignorância da matéria.

Um sujeito que conhece meia dúzia de princípios científicos, e que julga-se por isso sabichão, julga tolice tudo o que escapa ao rol de seus conhecimentos - e dá por paus e por pedras, para combatê-lo.

Também, os verdadeiros sábios, que são dominados pelo espírito de sistema, caem na mesma falta.

Só o homem sensato, qualquer que seja o grau de seu cultivo intelectual, compreende conscienciosamente, que a maior sabedoria da Terra está para o que se ignora na Terra como uma gota de água para o oceano; e nem repele, nem aceita, in limine⁴⁰³, as ideias novas, mas submete-as ao estudo, à observação e à experiência, para então decidir-se a seu respeito.

403 (Nota do Organizador) No princípio; desde logo. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Isto é racional e muito respeitável, tanto quanto é ridícula e sem valor moral a pretensão oposta.

Mesmo que do estudo e da observação não ressalte a verdade, nem por isto perde alguma coisa do respeito a que faz jus, o que a procura de boa-fé e de boa-vontade.

Seja, porém, como for; tomemos a questão levantada pelo Sr. Berê, que tem, pelo menos, a vantagem de dar ensejo à divulgação de algumas noções espíritas, que muita gente não conhece, apesar de se encontrarem em qualquer obra sobre Espiritismo, como é a própria questão, que serve de motivo a este artigo.

Os Espíritos, habitantes da Terra, não são criados nela - chegam a ela por seu progresso realizado em mundos inferiores, obra de seus esforços pela verdade e pelo bem.

Dizendo - habitantes da Terra - não nos referimos exclusivamente aos viventes ou encarnados, mas sim aos que, encarnados ou desencarnados, estão ligados ainda ao planeta que habitamos, por não terem, em sua evolução, conquistado o grau de adiantamento que é mister, para subir-se a um mundo mais adiantado.

São, pois, habitantes da Terra, tanto os que chamamos vivos, como os que chamamos mortos: encarnados e desencarnados.

Assim como chegamos aqui dos mundos inferiores, por efeito do progresso, que realizamos neles, assim sairemos d'aqui para mundos superiores por obra do progresso que aqui realizamos.

Para este fim, é visto que uma existência única não é suficiente para obtermos todo o saber e toda a virtude, mesmo da Terra; Deus, em seu amor por todos os seus filhos, concede-lhes quantas vidas ou existências quiserem para realizarem o maior grau de progresso, que se pode obter na Terra, e subirem d'ela.

São, pois, as existências corpóreas meios de progresso para os Espíritos terrestres, como se deduz das seguintes considerações:

É notório: que os homens morrem em variadíssimas condições intelectuais e morais, desde o boçal até o sábio, desde o bandido até o virtuoso.

Se esta vida fosse a única, ou todos teriam o mesmo destino, contra os princípios da mais elementar justiça; ou haveria para

aquela infinita variedade de condições uma infinita variedade de destinos.

A Igreja, que sustenta o falso princípio da vida única, atira ao Inferno todos os maus, quaisquer que seja a diversidade de graus da sua maldade - e remete para o Céu todos os bons, embora de graus também vários de bondade.

O Espiritismo, mais lógico e mais cioso pelas supremas e infinitas perfeições do Criador, e sobretudo esclarecido pela Nova Revelação, ensina: a salvação universal, como destino único da humanidade que a conquista, desenvolvendo sua perfectibilidade, a um grau infinito.

Se, pois, todos têm de elevar-se à maior altura, uns mais rápida, outros mais lentamente, conforme o uso que fizerem da sua liberdade - e se vemos acabarem na vida, uns mais adiantados, outros mais atrasados, é de rigor que este tenham tempo para também progredirem.

E é assim unicamente que se pode explicar a salvação do selvagem e a dos que professam falsas religiões.

Numa existência foi selvagem - n'outra será civilizado.

Numa existência seguiu falsa crença religiosa - n'outra virá, onde possa seguir a verdadeira.

E assim, por meio das vidas múltiplas, os que se perderam, acharão o caminho - e todos, por aí, chegarão ao excelso destino marcado pelo Pai a seus filhos.

Ora, sendo assim, é óbvio que os Espíritos das raças antediluvianas voltaram à vida corpórea, depois do dilúvio - e que destes, os que ainda não lograram deixar a Terra, ainda estão em comunicação com os que, depois do universal cataclismo, têm chegado à Terra, vindos dos mundos inferiores.

Quem sabe: se o Sr. Berê e se quem escreve estas linhas não são do número d'aqueles pobres Espíritos?

A lei da evolução espiritual é esta, que aí fica ligeiramente exposta. Conhecê-la, porém, não é bastante para individualizá-la - para saber se tais e tais Espíritos ainda são da Terra ou se já subiram.

Pode-se, porém, afirmar: que a massa qual dos antediluvianos veio constituir a massa dos pós-diluvianos.

Já tivemos ocasião de ouvir: que José foi Caim, que reencarnou antes - e porque não satisfizesse a sua expiação, voltou à vida

carnal, como filho de Jacó; devendo pelo modo como se houve nesta existência, ter escapado à dura vida terrena e subido a um mundo superior⁴⁰⁴.

Este exemplo responde categoricamente à pergunta do Sr. Berê, se bem a compreendemos.

Concluimos este pedindo aos ilustrados que comparem, por este esboço, a profundidade e a sublimidade da cosmogonia espírita com o raquitismo da católica.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 05.02.1894: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/9153

404 (Nota do Organizador) Sobre essa revelação, vide o Artigo CCXLIV, de 03.07.1892, à página 104 deste volume, e especialmente a nota 76, à página 105.

Índice Remissivo

A

abade de Condillac [140](#), [325](#)

Abel [104](#)

abortos [122](#)

Abraão [25](#), [246](#), [297](#), [366](#), [367](#), [384](#), [385](#), [436](#)

Academia de Ciências da França [185](#)

A. Comte [48](#), [55](#), [138](#)

Adão [18](#), [60](#), [61](#), [78](#), [79](#), [80](#), [81](#), [372](#), [442](#), [443](#), [444](#)

Adão e Eva [18](#), [61](#), [372](#), [442](#), [443](#), [444](#)

Águia de Meaux [306](#)

Albert Charrin [111](#)

Albigenses [306](#)

Alcoforado [440](#), [441](#)

Alcorão [50](#), [296](#)

além-túmulo [35](#), [223](#), [284](#)

Alessandro Francesco Tommaso Manzoni [376](#)

Alexandre José de Melo Morais Filho [393](#)

Alfredo Russel Wallace [108](#)

Allan Kardec [66](#), [110](#), [112](#), [113](#), [114](#), [118](#), [119](#), [128](#), [151](#), [155](#), [209](#), [210](#), [215](#), [218](#), [231](#), [232](#), [235](#), [239](#), [374](#), [379](#), [383](#), [429](#), [430](#), [432](#), [435](#)

alma [16](#), [25](#), [27](#), [28](#), [29](#), [35](#), [36](#), [39](#), [40](#), [47](#), [51](#), [53](#), [59](#), [60](#), [63](#), [70](#), [71](#), [72](#), [77](#), [79](#), [82](#), [83](#), [84](#), [85](#), [87](#), [137](#), [150](#), [163](#), [167](#), [176](#), [177](#), [178](#), [185](#), [191](#), [195](#), [198](#), [206](#), [207](#), [226](#), [230](#), [235](#), [251](#), [255](#), [256](#), [261](#), [266](#), [269](#), [270](#), [271](#), [272](#), [273](#), [276](#), [277](#), [280](#), [287](#), [291](#), [293](#), [301](#), [305](#), [320](#), [321](#), [322](#), [323](#), [325](#), [328](#), [329](#), [330](#), [333](#), [344](#), [345](#), [386](#), [390](#), [391](#), [398](#), [414](#), [415](#), [427](#), [432](#), [444](#)

almas [27](#), [50](#), [55](#), [63](#), [176](#), [218](#), [221](#), [231](#), [232](#), [241](#), [263](#), [293](#), [294](#), [300](#), [301](#), [304](#), [305](#), [306](#), [310](#), [311](#), [323](#), [365](#), [382](#), [389](#), [390](#), [397](#), [398](#), [406](#), [415](#), [417](#), [425](#), [433](#)

alucinação [109](#), [112](#), [118](#), [236](#)

Amand Marie Jacques de Chastenet de Puységur [399](#)

amor [15](#), [16](#), [26](#), [27](#), [28](#), [34](#), [35](#), [41](#), [47](#), [48](#), [51](#), [53](#), [63](#), [76](#), [77](#), [91](#), [93](#), [95](#), [106](#), [129](#), [150](#), [153](#), [154](#), [176](#), [177](#), [178](#), [183](#), [211](#), [212](#), [216](#), [218](#), [219](#), [220](#), [221](#), [222](#), [225](#), [226](#), [229](#), [230](#), [231](#), [232](#), [233](#), [234](#), [235](#), [240](#), [249](#), [250](#), [251](#), [252](#), [272](#), [274](#), [289](#), [297](#), [310](#), [333](#), [345](#), [346](#), [355](#), [357](#), [359](#), [366](#), [371](#), [377](#), [381](#), [382](#), [386](#), [402](#), [410](#), [413](#), [417](#), [425](#), [427](#), [439](#), [451](#)

Amós [104](#), [105](#)

anátema [357](#)

anel [17](#), [18](#), [19](#), [42](#)

anel vaporoso [17](#), [19](#), [42](#)

animais [30](#), [32](#), [34](#), [36](#), [80](#), [81](#), [94](#), [187](#), [191](#), [272](#), [305](#)

animal [31](#), [35](#), [38](#), [80](#), [98](#), [173](#), [185](#), [186](#), [240](#), [242](#), [256](#), [292](#), [399](#), [431](#)

animalidade [30](#), [35](#)

anjo [25](#), [28](#), [47](#), [60](#), [83](#), [251](#), [300](#), [301](#), [305](#), [311](#), [328](#), [422](#), [436](#)

Anjo da Guarda [28](#), [52](#), [83](#), [422](#)

anjo decaído [305](#), [311](#)

anjos [44](#), [63](#), [94](#), [96](#), [289](#), [293](#), [294](#), [296](#), [398](#), [410](#), [436](#), [437](#)

Anticristo [139](#)

Antiguidade [56](#), [57](#), [175](#), [245](#), [248](#), [293](#), [309](#), [334](#)

Antoine Lavoisier [240](#)

Antônio de Pádua [133](#)

Antonio Pereira de Figueiredo [379](#)

aparições [118](#), [293](#), [301](#), [388](#), [389](#), [436](#), [440](#)

Apóstolo [242](#), [291](#), [387](#)

Apóstolo da Caridade [291](#), [387](#)

Apóstolos [182](#), [235](#), [243](#), [288](#), [289](#), [367](#), [369](#), [373](#), [383](#), [421](#), [423](#)

arcanos [35](#)

Arimã [299](#), [300](#)

arrependido [26](#), [272](#), [363](#), [414](#)

arrependimento [40](#), [122](#), [151](#), [270](#), [272](#), [363](#), [407](#), [414](#)

ateísmo [311](#), [347](#), [390](#), [413](#)

ateu [132](#), [183](#), [255](#), [256](#), [271](#), [304](#), [376](#), [390](#)

Atos dos Apóstolos [182](#)

Auguste Comte [48](#), [57](#), [309](#)

auto-de-fé [296](#), [365](#)

autor [39](#), [40](#), [55](#), [76](#), [108](#), [109](#), [110](#), [129](#), [133](#), [158](#), [159](#), [209](#), [210](#), [211](#), [255](#), [271](#), [309](#), [311](#), [336](#), [340](#), [365](#), [396](#), [397](#), [418](#), [421](#), [426](#), [430](#)

autossugestão [277](#), [281](#), [282](#), [343](#)

B

Babel [335](#), [401](#)

Babilônia [57](#), [101](#), [307](#)

Bacon [210](#)

Bailly [240](#)

Baltazar [306](#)

bandeira [49](#), [57](#), [68](#), [138](#), [147](#), [159](#), [212](#), [219](#), [220](#), [221](#), [260](#), [263](#), [303](#), [316](#), [327](#), [359](#), [368](#), [408](#), [439](#), [440](#)

Banquo [345](#)

Barrabás [49](#), [57](#)

barro [78](#), [79](#), [80](#), [81](#), [94](#)

Barth [116](#), [118](#)

Bartolomeu dos Mártires [133](#)

batismo [379](#), [380](#), [381](#), [382](#)

Bayle [156](#), [173](#), [308](#)

Belfiore [108](#), [112](#)

Bellini [216](#)

bem-aventurança [90](#)

Benjamim Constant [53](#)

Benjamim Franklin de Ramiz Galvão [271](#)

Berillon [164](#), [165](#), [167](#)

Bernardino de Saint-Pierre [352](#)

besta [31](#), [36](#), [322](#), [323](#)

Bhagavad-Gita [85](#)

Bíblia [19](#), [42](#), [43](#), [61](#), [78](#), [79](#), [100](#), [105](#), [126](#), [191](#), [246](#), [247](#), [259](#), [260](#), [301](#), [307](#), [310](#), [314](#), [315](#), [350](#), [367](#), [371](#), [373](#), [379](#), [380](#), [436](#), [442](#), [444](#)

Bimetalismo [146](#)

binômio de Newton [265](#)

Biot [71](#)

Bjdernstjerne Bjernson [144](#)
blasfêmia [61](#), [333](#)
bom senso [22](#), [32](#), [60](#), [67](#), [157](#), [159](#), [162](#), [266](#), [275](#), [280](#), [281](#), [342](#),
[357](#), [371](#), [423](#), [439](#)
Bossuet [303](#), [304](#), [306](#)
Bramanismo [50](#), [85](#), [89](#)
Brasil [11](#), [19](#), [52](#), [56](#), [77](#), [87](#), [109](#), [129](#), [131](#), [149](#), [153](#), [154](#), [155](#),
[212](#), [213](#), [218](#), [219](#), [257](#), [393](#), [441](#)
Buckner [86](#), [138](#), [140](#), [210](#)
Buda [276](#), [426](#)
Budismo [50](#), [426](#)
buena-dicha [109](#)

C

Caim [78](#), [104](#), [105](#), [126](#), [372](#), [452](#)
caldeiras de Pêro Botelho [50](#)
Calvino [408](#)
Camille Flammarion [124](#)
caridade [53](#), [76](#), [106](#), [183](#), [211](#), [212](#), [219](#), [225](#), [226](#), [227](#), [228](#), [229](#),
[230](#), [231](#), [257](#), [264](#), [270](#), [272](#), [297](#), [300](#), [310](#), [328](#), [330](#), [370](#), [371](#)
Catolicismo [28](#), [39](#), [255](#)
católico [40](#), [72](#), [96](#), [182](#), [183](#), [295](#), [311](#), [356](#), [357](#), [379](#), [389](#), [390](#),
[440](#)
católicos [51](#), [52](#), [356](#), [367](#), [404](#)
causa [18](#), [55](#), [56](#), [57](#), [76](#), [89](#), [102](#), [113](#), [114](#), [118](#), [121](#), [130](#), [137](#),
[141](#), [142](#), [143](#), [153](#), [157](#), [158](#), [160](#), [163](#), [181](#), [206](#), [215](#), [228](#), [229](#), [235](#),
[236](#), [238](#), [244](#), [245](#), [250](#), [259](#), [263](#), [278](#), [292](#), [311](#), [332](#), [343](#), [359](#), [362](#),
[393](#), [395](#), [397](#), [398](#), [399](#), [406](#), [418](#), [425](#), [438](#), [439](#), [441](#), [443](#)
causa das causas [157](#)
causa inteligente [393](#), [418](#)
causa primária [157](#), [292](#)
causas [61](#), [64](#), [86](#), [113](#), [138](#), [141](#), [143](#), [157](#), [158](#), [188](#), [237](#), [238](#),
[283](#), [284](#), [337](#), [355](#), [357](#), [397](#), [447](#)
causas primárias [283](#), [284](#)
Causette [183](#), [256](#), [264](#), [265](#), [423](#)
célula [36](#)
Centro [155](#), [212](#), [213](#)
Centro Espírita no Brasil [212](#)

Centros [212](#)

cérebro [71](#), [86](#), [97](#), [203](#), [209](#), [236](#), [277](#), [281](#), [321](#), [342](#), [362](#), [387](#), [435](#)

César [30](#), [108](#), [109](#)

César Lombroso [108](#), [109](#)

ceticismo [29](#), [108](#), [392](#), [408](#)

cético [132](#), [255](#), [256](#)

Céu [28](#), [39](#), [40](#), [42](#), [50](#), [53](#), [153](#), [182](#), [235](#), [297](#), [298](#), [301](#), [333](#), [389](#), [407](#), [425](#), [452](#)

Chalmers [264](#)

Charcot [171](#), [393](#), [394](#), [395](#), [396](#)

charlatões [129](#), [136](#), [137](#), [138](#)

charlatanismo [128](#), [167](#), [392](#)

charlatão [136](#)

Charles Darwin [108](#)

Charrin [111](#)

Chiaia [109](#), [110](#)

Christian Friedrich Samuel Hahnemann [238](#)

cidadão [32](#), [46](#), [134](#), [145](#), [146](#), [284](#), [285](#), [336](#)

ciência [17](#), [18](#), [19](#), [25](#), [27](#), [42](#), [44](#), [45](#), [52](#), [57](#), [70](#), [71](#), [79](#), [80](#), [81](#), [87](#), [93](#), [94](#), [97](#), [98](#), [99](#), [102](#), [103](#), [108](#), [110](#), [112](#), [113](#), [114](#), [118](#), [121](#), [127](#), [129](#), [130](#), [136](#), [137](#), [138](#), [140](#), [141](#), [142](#), [143](#), [149](#), [159](#), [160](#), [161](#), [165](#), [169](#), [170](#), [171](#), [175](#), [186](#), [190](#), [191](#), [197](#), [198](#), [199](#), [203](#), [204](#), [205](#), [207](#), [208](#), [216](#), [225](#), [229](#), [236](#), [237](#), [240](#), [241](#), [245](#), [249](#), [254](#), [255](#), [256](#), [257](#), [260](#), [263](#), [264](#), [265](#), [275](#), [279](#), [280](#), [281](#), [282](#), [283](#), [284](#), [292](#), [294](#), [299](#), [309](#), [312](#), [313](#), [314](#), [315](#), [317](#), [320](#), [321](#), [324](#), [327](#), [332](#), [337](#), [350](#), [351](#), [352](#), [353](#), [354](#), [355](#), [356](#), [357](#), [358](#), [359](#), [360](#), [361](#), [362](#), [372](#), [373](#), [378](#), [384](#), [392](#), [393](#), [394](#), [396](#), [398](#), [399](#), [400](#), [406](#), [407](#), [426](#), [428](#), [435](#), [440](#), [450](#)

ciência espírita [81](#), [190](#), [207](#), [249](#), [398](#)

ciência materialista [98](#), [141](#), [264](#), [393](#)

circuncisão [381](#), [382](#)

Ciro [306](#), [307](#)

civilização [46](#), [50](#), [55](#), [135](#), [145](#), [426](#)

clero [51](#), [136](#), [182](#), [183](#), [204](#), [295](#), [300](#), [311](#)

clero católico [182](#), [183](#), [295](#), [311](#)

Colégio Apostólico [182](#), [421](#)

Colombo [129](#), [174](#)

comemoração dos mortos [176](#)

Comte [48](#), [55](#), [57](#), [58](#), [138](#), [198](#), [210](#), [309](#), [355](#)
Condillac [140](#), [210](#), [325](#)
confissão [18](#), [31](#), [53](#), [406](#)
Congresso Internacional de Psicologia [164](#)
consciência [32](#), [36](#), [39](#), [48](#), [70](#), [72](#), [87](#), [109](#), [110](#), [115](#), [129](#), [132](#), [145](#),
[150](#), [153](#), [154](#), [181](#), [182](#), [186](#), [203](#), [206](#), [251](#), [252](#), [262](#), [269](#), [286](#), [296](#),
[297](#), [301](#), [304](#), [323](#), [324](#), [325](#), [327](#), [332](#), [333](#), [356](#), [361](#), [362](#), [370](#), [383](#),
[390](#), [399](#), [403](#), [405](#), [408](#), [418](#), [431](#), [448](#)
Consolador [25](#), [219](#), [383](#), [421](#), [422](#), [423](#), [424](#)
convenção social [38](#)
cordão perispiritual [206](#)
corpo [23](#), [25](#), [28](#), [35](#), [41](#), [64](#), [71](#), [72](#), [74](#), [79](#), [80](#), [81](#), [83](#), [85](#), [86](#), [87](#),
[94](#), [95](#), [114](#), [118](#), [120](#), [122](#), [126](#), [133](#), [156](#), [166](#), [185](#), [195](#), [198](#), [205](#),
[206](#), [207](#), [216](#), [226](#), [236](#), [242](#), [261](#), [264](#), [272](#), [280](#), [285](#), [287](#), [288](#), [289](#),
[290](#), [291](#), [293](#), [294](#), [301](#), [309](#), [320](#), [321](#), [328](#), [344](#), [346](#), [377](#), [378](#), [387](#),
[388](#), [389](#), [393](#), [394](#), [395](#), [402](#), [403](#), [432](#), [434](#), [436](#), [437](#), [439](#), [444](#), [446](#),
[447](#), [448](#), [449](#)
corpo carnal [290](#), [291](#), [293](#)
corpo celeste [291](#), [294](#)
corpo de Jesus [289](#), [290](#), [377](#), [378](#)
corpo fluídico [289](#), [290](#), [294](#), [301](#), [436](#)
corpo material [87](#), [290](#), [320](#), [321](#)
corpos celestes [290](#), [291](#)
corpos terrestres [290](#), [291](#)
corpo terrestre [291](#)
cosmogonia [39](#), [40](#), [113](#), [183](#), [185](#), [251](#), [252](#), [255](#), [389](#), [433](#), [453](#)
cosmogonia espírita [183](#), [255](#), [453](#)
Criador [40](#), [43](#), [53](#), [93](#), [102](#), [142](#), [143](#), [156](#), [157](#), [158](#), [172](#), [174](#), [175](#),
[180](#), [181](#), [188](#), [191](#), [219](#), [224](#), [227](#), [231](#), [243](#), [250](#), [252](#), [261](#), [266](#), [283](#),
[292](#), [305](#), [401](#), [417](#), [419](#), [430](#), [447](#), [448](#), [452](#)
Criador incriado [156](#), [158](#), [417](#)
criança [59](#), [60](#), [62](#), [71](#), [72](#), [90](#), [97](#), [260](#), [288](#), [332](#), [381](#), [382](#), [397](#),
[419](#), [425](#), [444](#)
crianças [43](#), [61](#), [97](#), [98](#), [99](#), [264](#), [335](#), [378](#), [385](#), [397](#), [409](#), [413](#), [427](#)
criatura [59](#), [64](#), [93](#), [106](#), [134](#), [142](#), [143](#), [158](#), [159](#), [172](#), [181](#), [191](#),
[202](#), [231](#), [250](#), [347](#), [380](#), [430](#), [438](#), [442](#), [443](#), [447](#)
cristão [150](#), [179](#), [227](#), [229](#), [306](#), [382](#)

Cristo [27](#), [49](#), [50](#), [76](#), [85](#), [101](#), [102](#), [149](#), [150](#), [182](#), [192](#), [212](#), [219](#), [220](#), [221](#), [224](#), [225](#), [226](#), [235](#), [243](#), [246](#), [258](#), [268](#), [285](#), [287](#), [288](#), [296](#), [298](#), [304](#), [306](#), [307](#), [309](#), [310](#), [311](#), [338](#), [356](#), [363](#), [366](#), [370](#), [383](#), [385](#), [386](#), [399](#), [408](#), [413](#), [414](#), [421](#), [424](#), [428](#), [441](#)

Crookes [108](#), [109](#), [130](#), [160](#), [161](#), [162](#), [163](#), [190](#), [202](#), [203](#), [277](#), [294](#), [343](#), [356](#), [436](#)

culpa [24](#), [60](#), [61](#), [72](#), [94](#), [95](#), [105](#), [169](#), [272](#), [307](#), [372](#), [379](#), [381](#), [410](#), [442](#), [443](#), [444](#), [448](#)

culpa original [60](#), [94](#), [95](#), [372](#), [443](#)

culpas [23](#), [25](#), [59](#), [61](#), [62](#), [84](#), [104](#), [122](#), [230](#), [273](#), [334](#), [335](#), [359](#), [372](#), [373](#), [382](#), [443](#), [445](#)

curandeiro [137](#), [242](#)

D

Daniel [100](#), [101](#), [103](#), [307](#)

Darwin [108](#), [210](#)

darwinismo [108](#)

Davi [100](#), [103](#)

Decálogo [250](#), [384](#), [386](#)

demérito [105](#), [120](#), [445](#)

demônio [96](#), [180](#), [181](#), [183](#), [333](#), [406](#), [427](#)

demônios [43](#), [96](#), [181](#), [300](#), [310](#), [390](#)

desdobramento [207](#)

desejo [16](#), [117](#), [144](#), [170](#), [239](#), [330](#)

desejos [32](#), [328](#), [344](#), [425](#)

desencarnação [25](#), [121](#), [122](#), [123](#), [349](#), [362](#)

desmaterialização [271](#), [291](#), [409](#)

destino [21](#), [24](#), [28](#), [30](#), [39](#), [43](#), [63](#), [68](#), [91](#), [99](#), [121](#), [153](#), [176](#), [186](#), [251](#), [255](#), [256](#), [267](#), [268](#), [269](#), [271](#), [283](#), [307](#), [373](#), [383](#), [389](#), [395](#), [396](#), [412](#), [415](#), [447](#), [448](#), [451](#), [452](#)

Deucalião [17](#), [18](#)

Deus [14](#), [22](#), [23](#), [24](#), [25](#), [26](#), [27](#), [28](#), [29](#), [35](#), [39](#), [40](#), [43](#), [44](#), [47](#), [48](#), [49](#), [51](#), [52](#), [53](#), [56](#), [57](#), [58](#), [59](#), [60](#), [61](#), [62](#), [63](#), [64](#), [65](#), [68](#), [72](#), [76](#), [79](#), [80](#), [82](#), [84](#), [85](#), [90](#), [91](#), [93](#), [94](#), [95](#), [98](#), [99](#), [100](#), [101](#), [102](#), [103](#), [104](#), [105](#), [106](#), [109](#), [120](#), [123](#), [124](#), [126](#), [134](#), [141](#), [142](#), [143](#), [150](#), [153](#), [154](#), [156](#), [157](#), [158](#), [172](#), [175](#), [177](#), [178](#), [181](#), [182](#), [183](#), [185](#), [187](#), [188](#), [191](#), [192](#), [196](#), [202](#), [211](#), [212](#), [213](#), [215](#), [217](#), [219](#), [220](#), [221](#), [223](#), [224](#), [225](#), [226](#), [227](#), [229](#), [230](#), [231](#), [232](#), [233](#), [234](#), [235](#), [239](#), [244](#), [245](#), [246](#), [247](#), [250](#), [252](#), [256](#), [257](#), [258](#), [260](#), [261](#), [262](#), [263](#), [264](#), [265](#), [266](#), [267](#), [268](#), [269](#), [271](#), [272](#), [274](#), [283](#), [285](#), [287](#), [289](#), [290](#), [292](#), [295](#), [296](#), [297](#), [298](#), [301](#), [302](#), [303](#), [304](#), [305](#), [306](#), [307](#), [310](#), [311](#), [316](#), [318](#), [319](#), [320](#), [323](#), [326](#), [331](#), [333](#), [334](#), [335](#), [337](#), [338](#), [339](#), [342](#), [345](#), [347](#), [353](#), [355](#), [356](#), [366](#), [368](#), [369](#), [370](#), [371](#), [372](#), [373](#), [375](#), [376](#), [377](#), [378](#), [381](#), [383](#), [384](#), [385](#), [387](#), [389](#), [399](#), [400](#), [402](#), [403](#), [404](#), [407](#), [408](#), [410](#), [412](#), [413](#), [415](#), [416](#), [417](#), [418](#), [419](#), [420](#), [421](#), [428](#), [430](#), [438](#), [439](#), [440](#), [441](#), [443](#), [444](#), [448](#), [451](#)

Deus - Cristo - Caridade [219](#)

Deus, Cristo e Caridade [212](#), [408](#), [441](#)

Deuses do Olimpo [60](#)

deveres [30](#), [31](#), [219](#), [220](#), [224](#), [225](#), [439](#)

diabo [139](#), [182](#), [298](#), [299](#), [300](#), [301](#), [302](#), [310](#), [311](#), [376](#), [377](#), [386](#)

diabolismo [138](#), [180](#), [182](#), [183](#), [311](#), [315](#)

dia de finados [176](#), [177](#), [178](#)

dilúvio [17](#), [18](#), [19](#), [20](#), [42](#), [43](#), [44](#), [113](#), [452](#)

dilúvio universal [17](#), [18](#), [42](#)

Direito [46](#), [47](#), [348](#)

direitos [31](#), [145](#), [306](#), [346](#), [361](#)

disposições inatas [39](#), [90](#), [257](#)

Divino Mestre [44](#), [76](#), [84](#), [246](#), [267](#), [288](#), [370](#), [382](#), [408](#), [414](#)

dogma [24](#), [60](#), [120](#), [287](#), [296](#), [297](#), [305](#), [413](#)

dogmas católicos [52](#)

Doutrina [27](#), [46](#), [47](#), [48](#), [53](#), [63](#), [64](#), [66](#), [67](#), [68](#), [76](#), [80](#), [82](#), [83](#), [84](#), [114](#), [115](#), [128](#), [130](#), [137](#), [148](#), [150](#), [154](#), [155](#), [161](#), [162](#), [175](#), [184](#), [187](#), [191](#), [204](#), [209](#), [210](#), [212](#), [214](#), [217](#), [218](#), [221](#), [222](#), [223](#), [224](#), [226](#), [247](#), [257](#), [268](#), [283](#), [289](#), [290](#), [292](#), [304](#), [306](#), [309](#), [310](#), [319](#), [322](#), [323](#), [325](#), [340](#), [358](#), [359](#), [363](#), [366](#), [371](#), [375](#), [376](#), [377](#), [382](#), [383](#), [386](#), [387](#), [397](#), [398](#), [399](#), [400](#), [405](#), [406](#), [407](#), [408](#), [416](#), [422](#), [426](#), [427](#), [428](#), [429](#), [430](#), [432](#), [441](#), [450](#)

doutrina de Comte [48](#), [355](#)

Doutrina de Jesus [47](#), [48](#), [304](#), [371](#)

Doutrina Espírita [64](#), [76](#), [128](#), [155](#), [161](#), [175](#), [187](#), [204](#), [209](#), [210](#), [221](#), [222](#), [247](#), [268](#), [290](#), [292](#), [310](#), [319](#), [322](#), [323](#), [375](#), [377](#), [400](#), [405](#), [416](#), [429](#), [432](#), [441](#)

doutrina espiritualista [36](#), [199](#)

doutrina romana [40](#)

dualidade [35](#), [140](#), [430](#)

dura cerviz [94](#), [412](#)

E

eclipse [103](#), [157](#), [158](#), [190](#), [245](#)

Edgar Bérillon [164](#)

Edme Félix Alfred Vulpian [171](#)

efeito [27](#), [30](#), [44](#), [59](#), [86](#), [89](#), [91](#), [94](#), [95](#), [100](#), [102](#), [110](#), [111](#), [120](#), [131](#), [141](#), [142](#), [202](#), [203](#), [215](#), [228](#), [229](#), [237](#), [260](#), [275](#), [281](#), [288](#), [289](#), [320](#), [324](#), [337](#), [357](#), [360](#), [362](#), [418](#), [421](#), [434](#), [438](#), [440](#), [443](#), [451](#)

efeitos inteligentes [418](#)

Egito [106](#), [250](#), [276](#), [335](#)

egoísmo [221](#), [322](#), [323](#)

eletricidade [119](#), [171](#), [260](#), [299](#), [432](#)

Enóquia [78](#)

Epiceno [210](#)

Erasto [82](#), [239](#)

escândalo [84](#), [225](#), [226](#)

escrita direta [190](#), [277](#), [343](#), [435](#)

Escrituras [84](#), [231](#), [245](#), [260](#), [261](#), [366](#)

Escritura Sagrada [93](#)

esfinge [70](#), [72](#), [98](#), [237](#)

espaço [19](#), [23](#), [102](#), [103](#), [118](#), [124](#), [173](#), [175](#), [185](#), [186](#), [193](#), [216](#), [244](#), [253](#), [313](#), [314](#), [318](#), [328](#), [346](#), [351](#), [352](#), [353](#), [366](#), [375](#), [402](#), [403](#), [404](#), [419](#), [449](#)

Espaço [23](#), [24](#), [67](#), [68](#), [125](#), [137](#), [151](#), [176](#), [178](#), [206](#), [207](#), [215](#), [216](#), [220](#), [346](#), [370](#), [402](#), [403](#)

espécie [14](#), [15](#), [81](#), [82](#), [83](#), [126](#), [157](#), [181](#), [185](#), [186](#), [187](#), [191](#), [261](#), [318](#), [334](#), [371](#), [388](#), [411](#)

esperança [27](#), [41](#), [106](#), [218](#), [270](#), [328](#), [345](#)

espermatozoide [279](#), [280](#)

espírita [19](#), [20](#), [27](#), [41](#), [44](#), [52](#), [66](#), [67](#), [77](#), [81](#), [84](#), [110](#), [114](#), [118](#), [148](#), [149](#), [150](#), [151](#), [152](#), [153](#), [154](#), [161](#), [162](#), [166](#), [170](#), [171](#), [178](#), [183](#), [190](#), [193](#), [198](#), [202](#), [207](#), [214](#), [218](#), [228](#), [229](#), [235](#), [239](#), [246](#), [249](#), [251](#), [252](#), [254](#), [255](#), [257](#), [258](#), [280](#), [285](#), [290](#), [322](#), [341](#), [343](#), [344](#), [346](#), [347](#), [357](#), [362](#), [363](#), [375](#), [390](#), [398](#), [423](#), [435](#), [440](#), [444](#), [453](#)

espíritas brasileiros [148](#), [151](#), [154](#), [195](#)

espíritas do Brasil [129](#), [149](#), [154](#), [155](#), [213](#)

Espiritismo [9](#), [11](#), [21](#), [23](#), [24](#), [25](#), [27](#), [39](#), [40](#), [41](#), [53](#), [54](#), [62](#), [66](#), [67](#), [69](#), [73](#), [80](#), [87](#), [94](#), [95](#), [96](#), [98](#), [102](#), [108](#), [109](#), [110](#), [112](#), [113](#), [118](#), [128](#), [129](#), [130](#), [134](#), [136](#), [137](#), [138](#), [139](#), [140](#), [147](#), [149](#), [150](#), [151](#), [152](#), [153](#), [154](#), [155](#), [160](#), [161](#), [162](#), [164](#), [168](#), [169](#), [170](#), [179](#), [180](#), [182](#), [183](#), [185](#), [190](#), [191](#), [198](#), [201](#), [202](#), [209](#), [210](#), [211](#), [214](#), [224](#), [229](#), [241](#), [243](#), [244](#), [247](#), [249](#), [251](#), [253](#), [254](#), [255](#), [256](#), [258](#), [261](#), [263](#), [268](#), [271](#), [274](#), [275](#), [279](#), [283](#), [285](#), [298](#), [302](#), [306](#), [309](#), [311](#), [312](#), [315](#), [323](#), [325](#), [327](#), [342](#), [343](#), [354](#), [355](#), [356](#), [357](#), [358](#), [359](#), [360](#), [361](#), [362](#), [363](#), [364](#), [368](#), [374](#), [375](#), [376](#), [377](#), [379](#), [382](#), [383](#), [386](#), [387](#), [390](#), [397](#), [398](#), [399](#), [400](#), [405](#), [406](#), [407](#), [408](#), [410](#), [411](#), [416](#), [421](#), [429](#), [430](#), [435](#), [441](#), [445](#), [446](#), [450](#), [451](#), [452](#), [455](#)

Espírito [19](#), [21](#), [22](#), [23](#), [26](#), [27](#), [28](#), [35](#), [38](#), [40](#), [41](#), [42](#), [43](#), [44](#), [51](#), [52](#), [64](#), [65](#), [68](#), [72](#), [73](#), [74](#), [75](#), [76](#), [79](#), [80](#), [83](#), [84](#), [87](#), [88](#), [89](#), [90](#), [93](#), [94](#), [95](#), [96](#), [98](#), [99](#), [102](#), [103](#), [104](#), [105](#), [106](#), [107](#), [111](#), [113](#), [114](#), [117](#), [119](#), [121](#), [122](#), [123](#), [124](#), [125](#), [126](#), [134](#), [135](#), [137](#), [138](#), [142](#), [148](#), [149](#), [153](#), [161](#), [162](#), [166](#), [168](#), [169](#), [170](#), [171](#), [173](#), [174](#), [180](#), [182](#), [186](#), [189](#), [192](#), [193](#), [194](#), [195](#), [198](#), [199](#), [200](#), [202](#), [203](#), [205](#), [206](#), [207](#), [210](#), [212](#), [214](#), [215](#), [216](#), [217](#), [219](#), [224](#), [225](#), [226](#), [227](#), [229](#), [230](#), [232](#), [233](#), [238](#), [239](#), [240](#), [242](#), [247](#), [250](#), [251](#), [252](#), [257](#), [261](#), [267](#), [268](#), [269](#), [270](#), [271](#), [272](#), [273](#), [276](#), [277](#), [278](#), [279](#), [280](#), [281](#), [282](#), [284](#), [285](#), [287](#), [288](#), [289](#), [290](#), [291](#), [293](#), [294](#), [295](#), [296](#), [297](#), [301](#), [302](#), [304](#), [310](#), [312](#), [313](#), [315](#), [316](#), [317](#), [318](#), [319](#), [321](#), [322](#), [331](#), [334](#), [337](#), [341](#), [342](#), [343](#), [344](#), [345](#), [346](#), [347](#), [349](#), [350](#), [353](#), [359](#), [361](#), [362](#), [363](#), [367](#), [368](#), [373](#), [376](#), [377](#), [380](#), [382](#), [384](#), [385](#), [386](#), [388](#), [389](#), [390](#), [391](#), [393](#), [397](#), [402](#), [403](#), [407](#), [408](#), [409](#), [413](#), [414](#), [415](#), [419](#), [421](#), [422](#), [423](#), [424](#), [426](#), [427](#), [429](#), [430](#), [431](#), [432](#), [433](#), [434](#), [435](#), [436](#), [440](#), [446](#), [447](#), [448](#), [449](#), [456](#)

Espírito de Deus [84](#), [247](#), [408](#)

Espírito desencarnado [74](#), [113](#), [162](#), [217](#), [239](#), [301](#)

espírito de sistema [23](#), [29](#), [31](#), [48](#), [98](#), [115](#), [131](#), [137](#), [158](#), [161](#), [202](#), [203](#), [279](#), [323](#), [324](#), [393](#), [450](#)

Espírito de Verdade [75](#)

Espírito encarnado [74](#), [113](#), [217](#), [239](#), [291](#), [434](#)

Espírito mistificador [75](#)

Espírito perfectível [99](#), [415](#)

Espírito protetor [83](#)

Espírito puro [288](#), [384](#)

Espíritos [17](#), [18](#), [19](#), [20](#), [26](#), [27](#), [39](#), [43](#), [44](#), [52](#), [53](#), [67](#), [68](#), [74](#), [75](#), [76](#), [79](#), [80](#), [81](#), [82](#), [83](#), [84](#), [90](#), [91](#), [94](#), [95](#), [99](#), [102](#), [103](#), [104](#), [110](#), [112](#), [113](#), [114](#), [116](#), [117](#), [121](#), [123](#), [125](#), [126](#), [127](#), [129](#), [130](#), [131](#), [139](#), [157](#), [161](#), [162](#), [166](#), [167](#), [175](#), [176](#), [180](#), [181](#), [185](#), [187](#), [189](#), [190](#), [193](#), [194](#), [199](#), [202](#), [203](#), [205](#), [206](#), [207](#), [209](#), [210](#), [211](#), [213](#), [215](#), [216](#), [221](#), [223](#), [225](#), [226](#), [228](#), [239](#), [241](#), [242](#), [246](#), [247](#), [251](#), [267](#), [268](#), [269](#), [272](#), [273](#), [275](#), [277](#), [289](#), [291](#), [292](#), [293](#), [294](#), [306](#), [310](#), [313](#), [314](#), [318](#), [330](#), [331](#), [335](#), [339](#), [342](#), [343](#), [351](#), [355](#), [356](#), [358](#), [359](#), [362](#), [365](#), [368](#), [372](#), [377](#), [382](#), [383](#), [388](#), [390](#), [396](#), [398](#), [402](#), [403](#), [404](#), [405](#), [408](#), [411](#), [429](#), [430](#), [431](#), [432](#), [433](#), [434](#), [435](#), [436](#), [447](#), [448](#), [449](#), [450](#), [451](#), [452](#), [456](#)

Espírito Santo [138](#), [182](#), [219](#), [295](#), [296](#), [376](#), [377](#), [380](#), [421](#), [422](#), [423](#), [424](#)

Espíritos atrasados [67](#), [228](#), [339](#)

Espíritos desencarnados [74](#), [94](#), [112](#), [113](#), [114](#), [131](#), [161](#), [162](#), [275](#), [434](#)

Espíritos encarnados [81](#), [82](#), [205](#), [362](#)

espíritos fortes [58](#), [309](#), [406](#)

Espíritos materializados [343](#)

Espíritos mistificadores [84](#)

Espíritos puros [246](#), [291](#)

Espíritos Superiores [83](#), [102](#)

Espírito superior [52](#), [107](#), [124](#), [247](#), [421](#)

Espírito Superior [83](#)

espiritualista [35](#), [36](#), [37](#), [38](#), [133](#), [142](#), [143](#), [199](#), [280](#), [289](#), [320](#), [430](#)

esquecimento do passado [79](#), [411](#)

Esquirol [236](#), [237](#), [362](#)

essência [30](#), [35](#), [47](#), [87](#), [151](#), [175](#), [205](#), [291](#), [294](#), [346](#), [431](#)

estacionarismo [365](#), [367](#)

Estado [56](#), [57](#), [190](#), [371](#), [429](#)

estado de vigília [206](#)

estátua [45](#), [158](#), [260](#), [336](#), [418](#)

estereotipia [434](#)

éter [124](#), [433](#)

eterna [35](#), [38](#), [39](#), [40](#), [41](#), [51](#), [57](#), [64](#), [72](#), [85](#), [93](#), [104](#), [120](#), [126](#), [134](#), [175](#), [177](#), [181](#), [187](#), [232](#), [245](#), [270](#), [272](#), [298](#), [306](#), [325](#), [333](#), [344](#), [345](#), [346](#), [365](#), [366](#), [371](#), [386](#), [402](#), [403](#), [429](#), [446](#), [448](#)

Eternidade [29](#), [30](#), [35](#), [39](#), [60](#), [79](#), [90](#), [92](#), [93](#), [99](#), [141](#), [172](#), [174](#), [175](#), [187](#), [244](#), [273](#), [292](#), [312](#), [334](#), [407](#), [412](#)

Eterno [28](#), [29](#), [91](#), [172](#), [220](#), [232](#), [377](#), [414](#), [448](#)

Étienne Geoffroy Saint-Hilaire [348](#)

eucaristia [288](#)

Eusápia [117](#), [164](#), [166](#)

Eusápia Paladino [117](#)

Eva [18](#), [60](#), [61](#), [372](#), [442](#), [443](#), [444](#)

Evangelho [9](#), [22](#), [50](#), [93](#), [129](#), [143](#), [148](#), [149](#), [155](#), [170](#), [182](#), [191](#), [209](#), [210](#), [213](#), [219](#), [221](#), [226](#), [246](#), [251](#), [257](#), [258](#), [260](#), [285](#), [306](#), [367](#), [368](#), [369](#), [380](#), [390](#), [421](#), [422](#), [423](#), [425](#)

Evangelhos [20](#), [45](#), [123](#), [138](#), [157](#), [251](#), [259](#), [289](#), [378](#), [383](#)

evocação dos mortos [310](#)

evolução [19](#), [26](#), [52](#), [80](#), [81](#), [89](#), [94](#), [97](#), [98](#), [124](#), [139](#), [142](#), [143](#), [158](#), [173](#), [174](#), [187](#), [190](#), [205](#), [215](#), [246](#), [251](#), [267](#), [268](#), [269](#), [271](#), [283](#), [291](#), [292](#), [315](#), [317](#), [318](#), [330](#), [345](#), [351](#), [355](#), [409](#), [451](#), [452](#)

existência [18](#), [20](#), [38](#), [39](#), [40](#), [52](#), [55](#), [57](#), [65](#), [70](#), [79](#), [85](#), [88](#), [90](#), [99](#), [101](#), [105](#), [114](#), [116](#), [117](#), [119](#), [122](#), [123](#), [133](#), [134](#), [137](#), [143](#), [149](#), [156](#), [158](#), [163](#), [167](#), [168](#), [169](#), [194](#), [198](#), [199](#), [202](#), [203](#), [207](#), [216](#), [225](#), [233](#), [243](#), [265](#), [268](#), [269](#), [276](#), [277](#), [279](#), [281](#), [283](#), [284](#), [295](#), [299](#), [314](#), [318](#), [320](#), [321](#), [322](#), [323](#), [326](#), [335](#), [342](#), [345](#), [355](#), [356](#), [363](#), [372](#), [384](#), [391](#), [394](#), [411](#), [417](#), [418](#), [419](#), [439](#), [440](#), [444](#), [447](#), [448](#), [451](#), [452](#), [453](#)

existências corpóreas [90](#), [451](#)

expição [26](#), [40](#), [53](#), [95](#), [105](#), [106](#), [107](#), [122](#), [232](#), [233](#), [269](#), [270](#), [272](#), [273](#), [333](#), [334](#), [335](#), [339](#), [362](#), [410](#), [431](#), [445](#), [452](#)

expições [121](#), [335](#), [448](#)

expulsão do paraíso [78](#)

Ezequiel [334](#), [407](#), [444](#)

F

faculdade [70](#), [72](#), [126](#), [142](#), [157](#), [158](#), [205](#), [243](#), [256](#), [288](#), [305](#), [310](#), [318](#), [342](#), [403](#), [404](#), [434](#)

falta [26](#), [36](#), [60](#), [61](#), [66](#), [72](#), [95](#), [98](#), [105](#), [106](#), [121](#), [143](#), [153](#), [187](#), [191](#), [193](#), [212](#), [215](#), [220](#), [257](#), [258](#), [263](#), [266](#), [281](#), [307](#), [409](#), [414](#), [415](#), [431](#), [444](#), [450](#)

faltas [37](#), [39](#), [40](#), [60](#), [62](#), [95](#), [104](#), [105](#), [106](#), [121](#), [133](#), [134](#), [195](#), [232](#), [233](#), [234](#), [247](#), [261](#), [269](#), [284](#), [286](#), [322](#), [334](#), [339](#), [408](#), [444](#)

fanatismo [23](#), [29](#), [48](#), [56](#), [98](#), [115](#), [131](#), [133](#), [137](#), [182](#), [202](#), [203](#), [297](#), [338](#), [358](#)

fatalismo [120](#), [121](#), [123](#)

feitiçaria [128](#), [299](#)

felicidade [28](#), [82](#), [122](#), [177](#), [181](#), [250](#), [270](#), [274](#), [286](#), [332](#), [334](#), [347](#)

Félicité Robert de Lamennais [413](#)

fenômeno [17](#), [18](#), [19](#), [42](#), [43](#), [44](#), [100](#), [110](#), [114](#), [120](#), [121](#), [125](#), [142](#), [143](#), [190](#), [203](#), [205](#), [245](#), [246](#), [247](#), [249](#), [260](#), [277](#), [321](#), [323](#), [337](#), [343](#), [432](#), [434](#), [435](#), [436](#)

fenômeno de transporte [277](#), [435](#)

fenômeno espírita [114](#), [343](#)

fenômeno natural [43](#), [337](#)

fenômenos espíritas [108](#), [109](#), [110](#), [112](#), [113](#), [114](#), [116](#), [125](#), [130](#), [138](#), [160](#), [161](#), [162](#), [163](#), [202](#), [203](#), [299](#), [300](#), [302](#), [341](#), [342](#), [356](#), [393](#), [394](#), [435](#), [440](#)

fê passiva [287](#), [295](#), [296](#), [297](#), [298](#), [304](#), [305](#), [306](#), [311](#), [315](#), [327](#), [354](#), [356](#), [365](#), [366](#), [406](#), [407](#)

fera [36](#)

fê raciocinada [366](#), [373](#), [407](#)

filha [25](#), [26](#), [43](#), [63](#), [64](#), [166](#), [177](#), [178](#), [216](#), [306](#), [340](#), [341](#), [342](#), [343](#), [350](#), [371](#), [394](#)

filho [18](#), [26](#), [32](#), [46](#), [53](#), [60](#), [61](#), [71](#), [75](#), [78](#), [101](#), [105](#), [178](#), [189](#), [203](#), [219](#), [226](#), [234](#), [272](#), [279](#), [280](#), [281](#), [301](#), [303](#), [306](#), [333](#), [338](#), [345](#), [363](#), [372](#), [377](#), [393](#), [407](#), [412](#), [426](#), [441](#), [444](#), [453](#)

filhos pródigos [382](#), [383](#)

fim do mundo [51](#), [182](#), [264](#), [409](#), [410](#), [412](#)

Física [18](#), [169](#), [198](#)

Flammarion [80](#), [124](#), [125](#), [189](#), [351](#), [433](#)

Flávio Josefo [101](#)

fluido [80](#), [81](#), [86](#), [94](#), [125](#), [175](#), [185](#), [186](#), [187](#), [188](#), [242](#), [251](#), [252](#), [292](#), [293](#), [294](#), [313](#), [430](#), [431](#), [433](#), [446](#)

fluido cósmico [430](#), [433](#)

fluido originário [431](#)

fluido universal [125](#), [175](#), [185](#), [186](#), [187](#), [188](#), [292](#), [293](#), [294](#), [313](#), [430](#), [431](#)

fluido vital [86](#), [446](#)

força [45](#), [46](#), [55](#), [71](#), [80](#), [97](#), [102](#), [110](#), [111](#), [112](#), [113](#), [117](#), [119](#), [132](#), [140](#), [141](#), [142](#), [143](#), [145](#), [146](#), [151](#), [152](#), [161](#), [162](#), [169](#), [170](#), [182](#), [188](#), [189](#), [202](#), [203](#), [209](#), [213](#), [220](#), [224](#), [237](#), [238](#), [239](#), [242](#), [257](#), [259](#), [268](#), [277](#), [314](#), [320](#), [326](#), [327](#), [329](#), [341](#), [342](#), [343](#), [345](#), [353](#), [391](#), [392](#), [393](#), [394](#), [396](#), [418](#), [420](#), [421](#)

força psíquica [110](#), [111](#), [113](#), [119](#), [161](#), [162](#), [202](#), [203](#), [341](#), [342](#), [343](#), [393](#), [394](#), [396](#)

fotografia divina [124](#)
Francesco Petrarca [376](#)
fraqueza [49](#), [57](#), [84](#), [94](#), [153](#), [226](#), [244](#), [246](#), [265](#), [295](#), [361](#), [405](#)
fraquezas [27](#), [37](#), [48](#), [78](#), [235](#), [238](#), [361](#)
fraternidade [176](#), [177](#), [218](#), [219](#), [220](#), [221](#), [222](#), [224](#), [227](#), [250](#), [252](#), [313](#), [426](#), [427](#)
Fraternidade [148](#), [155](#), [212](#), [213](#), [220](#), [221](#), [222](#), [441](#)
Fulton [129](#)
futuro [20](#), [25](#), [26](#), [27](#), [79](#), [100](#), [101](#), [102](#), [103](#), [129](#), [159](#), [259](#), [260](#), [273](#), [367](#), [378](#), [401](#), [404](#), [433](#)

G

Galileu [129](#), [325](#)
Garibaldi [336](#), [337](#), [339](#)
gênese universal [93](#)
gênio [91](#), [319](#), [345](#), [381](#), [426](#)
gênios [80](#), [403](#), [404](#)
Geoffroy [348](#)
geração espontânea [185](#), [187](#), [188](#)
Gibier [109](#), [340](#), [356](#), [436](#)
Giordano Bruno [191](#), [350](#), [352](#)
Giulio Belfiore [108](#)
Gomorra [43](#)
governo [56](#), [57](#), [101](#), [129](#), [325](#)
graça [25](#), [27](#), [28](#), [78](#), [189](#), [215](#), [217](#), [224](#), [225](#), [233](#), [234](#), [298](#), [346](#), [352](#), [382](#), [388](#), [389](#)
graças [28](#), [43](#), [64](#), [70](#), [105](#), [109](#), [128](#), [138](#), [298](#), [347](#), [381](#), [387](#), [389](#)
graças divinas [298](#), [389](#)
gravidez [294](#)
Grupo Lealdade [76](#), [77](#)
guerra [57](#), [68](#), [144](#), [145](#), [146](#), [240](#), [363](#), [405](#)

H

hábito [63](#), [323](#), [332](#)
Hahnemann [238](#), [240](#)
Hans Barth [116](#), [118](#)

Hegels [304](#)

Herculanum [43](#)

heresia [384](#)

herói [32](#)

Himeto [425](#)

hipnotismo [108](#), [435](#)

hipótese [17](#), [72](#), [86](#), [99](#), [148](#), [161](#), [162](#), [165](#), [185](#), [199](#), [233](#), [321](#), [334](#), [349](#), [358](#), [370](#), [377](#), [389](#), [393](#), [423](#)

hipóteses [81](#), [87](#), [89](#), [161](#), [198](#), [199](#), [208](#), [301](#), [302](#)

História [11](#), [56](#), [57](#), [155](#), [191](#), [196](#), [210](#), [248](#), [289](#), [293](#), [366](#), [370](#), [401](#), [405](#), [411](#), [424](#), [439](#)

homem [20](#), [21](#), [22](#), [30](#), [31](#), [32](#), [35](#), [36](#), [38](#), [39](#), [42](#), [43](#), [46](#), [47](#), [48](#), [49](#), [51](#), [52](#), [53](#), [55](#), [57](#), [60](#), [61](#), [64](#), [67](#), [70](#), [71](#), [72](#), [74](#), [76](#), [78](#), [79](#), [80](#), [81](#), [85](#), [86](#), [87](#), [90](#), [91](#), [92](#), [93](#), [94](#), [98](#), [99](#), [105](#), [106](#), [120](#), [133](#), [136](#), [138](#), [144](#), [148](#), [150](#), [152](#), [157](#), [158](#), [159](#), [169](#), [181](#), [185](#), [186](#), [187](#), [195](#), [197](#), [198](#), [199](#), [207](#), [210](#), [211](#), [245](#), [249](#), [250](#), [251](#), [254](#), [256](#), [257](#), [258](#), [259](#), [260](#), [261](#), [262](#), [263](#), [265](#), [271](#), [276](#), [277](#), [279](#), [280](#), [283](#), [284](#), [285](#), [289](#), [290](#), [291](#), [295](#), [300](#), [301](#), [303](#), [305](#), [308](#), [312](#), [314](#), [319](#), [320](#), [321](#), [322](#), [324](#), [325](#), [326](#), [330](#), [334](#), [337](#), [353](#), [360](#), [361](#), [364](#), [365](#), [366](#), [371](#), [372](#), [384](#), [395](#), [401](#), [402](#), [404](#), [409](#), [410](#), [419](#), [426](#), [439](#), [440](#), [443](#), [444](#), [446](#), [447](#), [450](#)

homeopatia [238](#), [241](#)

Homero [381](#)

Horace Pelletier [340](#)

Hospital da Salpêtrière [394](#)

hóstia [287](#), [288](#), [289](#)

Huguenotes [306](#)

I

Ícaro [71](#)

identidade [52](#), [68](#), [74](#), [87](#), [193](#), [194](#), [205](#), [207](#), [448](#)

ignorância [11](#), [43](#), [65](#), [71](#), [84](#), [90](#), [91](#), [137](#), [156](#), [157](#), [177](#), [220](#), [245](#), [268](#), [299](#), [301](#), [354](#), [358](#), [359](#), [366](#), [367](#), [373](#), [375](#), [404](#), [427](#), [433](#), [450](#)

Igreja [18](#), [42](#), [50](#), [51](#), [52](#), [56](#), [59](#), [60](#), [61](#), [62](#), [72](#), [102](#), [128](#), [134](#), [138](#), [139](#), [176](#), [177](#), [178](#), [179](#), [181](#), [182](#), [183](#), [245](#), [247](#), [259](#), [260](#), [261](#), [262](#), [263](#), [264](#), [287](#), [288](#), [297](#), [298](#), [300](#), [303](#), [305](#), [306](#), [307](#), [311](#), [333](#), [334](#), [336](#), [337](#), [338](#), [339](#), [365](#), [366](#), [368](#), [369](#), [370](#), [371](#), [373](#), [376](#), [377](#), [378](#), [381](#), [382](#), [383](#), [386](#), [387](#), [388](#), [389](#), [390](#), [391](#), [407](#), [409](#), [412](#), [413](#), [415](#), [416](#), [422](#), [423](#), [442](#), [445](#), [452](#)

Igreja de Jesus Cristo [298](#), [370](#)
Igreja romana [50](#), [51](#), [52](#), [59](#), [60](#), [61](#), [62](#), [72](#), [102](#), [134](#), [176](#), [259](#), [260](#), [261](#), [263](#), [303](#), [305](#), [307](#), [338](#), [365](#), [376](#), [390](#), [407](#), [409](#), [412](#), [415](#), [416](#), [442](#), [445](#)
Imaculada Conceição [377](#)
imortal [38](#), [65](#), [195](#), [240](#), [304](#), [446](#), [447](#), [448](#)
imortalidade [40](#), [65](#), [176](#), [325](#), [326](#)
incorpóreo [86](#)
incredulidade [53](#), [131](#), [259](#), [303](#), [337](#), [347](#), [348](#), [400](#), [423](#), [438](#)
individualidade [30](#), [31](#), [172](#), [224](#), [403](#)
indivíduo [31](#), [32](#), [61](#), [97](#), [127](#), [133](#), [145](#), [146](#), [153](#), [154](#), [174](#), [227](#), [278](#), [281](#), [360](#), [361](#)
infalibilidade [103](#), [287](#), [295](#), [298](#), [303](#), [305](#), [365](#), [367](#), [369](#)
infalível [43](#), [51](#), [52](#), [61](#), [75](#), [76](#), [78](#), [138](#), [139](#), [261](#), [263](#), [269](#), [297](#), [305](#), [367](#), [383](#)
infâmia [32](#), [37](#), [101](#), [284](#)
Inferno [24](#), [27](#), [39](#), [40](#), [43](#), [50](#), [94](#), [96](#), [139](#), [181](#), [182](#), [301](#), [307](#), [333](#), [334](#), [367](#), [368](#), [370](#), [371](#), [382](#), [389](#), [407](#), [452](#)
inocência [70](#), [72](#), [90](#), [91](#), [404](#)
inocente [59](#), [60](#), [61](#), [62](#), [82](#), [334](#), [381](#), [414](#)
intelectual [39](#), [67](#), [68](#), [74](#), [75](#), [89](#), [90](#), [103](#), [144](#), [150](#), [153](#), [159](#), [173](#), [174](#), [190](#), [194](#), [210](#), [211](#), [212](#), [215](#), [236](#), [256](#), [258](#), [288](#), [312](#), [317](#), [318](#), [330](#), [335](#), [340](#), [374](#), [376](#), [386](#), [403](#), [410](#), [420](#), [430](#), [450](#)
inteligência [21](#), [22](#), [55](#), [70](#), [71](#), [87](#), [90](#), [91](#), [93](#), [98](#), [99](#), [109](#), [113](#), [117](#), [143](#), [159](#), [169](#), [174](#), [181](#), [184](#), [197](#), [218](#), [219](#), [222](#), [259](#), [264](#), [265](#), [271](#), [279](#), [282](#), [292](#), [308](#), [317](#), [318](#), [411](#), [412](#), [418](#), [431](#)
irmãos Gusmão [210](#)
Isaac [140](#), [246](#)
Islamismo [426](#)
Ismael [53](#), [76](#), [219](#), [220](#), [221](#), [225](#), [227](#), [246](#), [247](#), [257](#), [335](#), [441](#)

J

Jacó [105](#), [246](#), [436](#), [453](#)
Jacobismo [261](#)
Jacques-Bénigne Bossuet [303](#)
Jean-Baptiste Biot [71](#)
Jean-Baptiste Causette [183](#), [256](#), [265](#), [423](#)
Jean-Martin Charcot [171](#), [393](#)

Jean Sylvain Bailly [240](#)

Jeremias [247](#)

Jesus [15](#), [16](#), [22](#), [43](#), [47](#), [48](#), [49](#), [50](#), [55](#), [57](#), [58](#), [68](#), [76](#), [84](#), [89](#), [93](#), [121](#), [124](#), [138](#), [180](#), [182](#), [183](#), [210](#), [211](#), [219](#), [220](#), [225](#), [226](#), [234](#), [235](#), [246](#), [248](#), [250](#), [251](#), [255](#), [260](#), [267](#), [268](#), [285](#), [287](#), [288](#), [289](#), [290](#), [296](#), [297](#), [298](#), [303](#), [304](#), [306](#), [307](#), [310](#), [338](#), [356](#), [363](#), [366](#), [367](#), [368](#), [370](#), [371](#), [373](#), [376](#), [377](#), [378](#), [381](#), [382](#), [383](#), [391](#), [408](#), [410](#), [413](#), [414](#), [416](#), [421](#), [422](#), [423](#), [424](#), [426](#), [427](#), [428](#), [437](#), [446](#)

João de Lemos [374](#)

João Gonçalves do Nascimento [441](#)

John King [117](#)

John Locke [140](#), [325](#)

José [105](#), [106](#), [107](#), [164](#), [166](#), [180](#), [213](#), [247](#), [299](#), [307](#), [365](#), [368](#), [369](#), [371](#), [372](#), [374](#), [375](#), [376](#), [378](#), [379](#), [380](#), [383](#), [384](#), [386](#), [390](#), [391](#), [393](#), [429](#), [430](#), [432](#), [433](#), [440](#), [452](#)

José Balsamo [365](#), [368](#), [369](#), [371](#), [372](#), [374](#), [375](#), [376](#), [378](#), [379](#), [380](#), [383](#), [384](#), [386](#), [390](#), [391](#)

José Bernardo Galvão Alcoforado Júnior [440](#)

Josefo [101](#)

José Francisco Xavier de Carvalho [164](#)

juiz [35](#), [36](#), [91](#), [262](#), [334](#), [371](#)

Júpiter [377](#)

justiça [26](#), [43](#), [49](#), [51](#), [59](#), [60](#), [62](#), [63](#), [65](#), [91](#), [98](#), [104](#), [105](#), [106](#), [125](#), [133](#), [134](#), [144](#), [145](#), [218](#), [220](#), [230](#), [232](#), [233](#), [234](#), [267](#), [268](#), [271](#), [272](#), [274](#), [298](#), [305](#), [306](#), [333](#), [346](#), [364](#), [375](#), [382](#), [389](#), [390](#), [414](#), [415](#), [417](#), [443](#), [444](#), [451](#)

justiça de Deus [60](#), [271](#), [274](#), [443](#)

justiça indefectível [59](#), [106](#), [133](#), [298](#), [333](#), [389](#)

K

Kapila [426](#)

Kardec [11](#), [20](#), [66](#), [67](#), [101](#), [110](#), [112](#), [113](#), [114](#), [118](#), [119](#), [128](#), [149](#), [151](#), [155](#), [157](#), [175](#), [209](#), [210](#), [215](#), [217](#), [218](#), [231](#), [232](#), [235](#), [239](#), [313](#), [375](#), [379](#), [383](#), [429](#), [430](#), [432](#), [435](#), [436](#), [455](#)

Katie King [202](#), [436](#)

Krishna [85](#), [89](#), [91](#)

L

Lamennais [413](#)

Laplace [197](#)

Lavoisier [240](#)

lei [18](#), [26](#), [30](#), [31](#), [32](#), [36](#), [37](#), [38](#), [39](#), [40](#), [43](#), [50](#), [52](#), [53](#), [56](#), [61](#), [62](#), [76](#), [80](#), [83](#), [89](#), [90](#), [98](#), [99](#), [100](#), [101](#), [102](#), [103](#), [104](#), [105](#), [120](#), [121](#), [122](#), [123](#), [124](#), [125](#), [126](#), [134](#), [135](#), [139](#), [142](#), [146](#), [147](#), [153](#), [156](#), [157](#), [169](#), [173](#), [175](#), [176](#), [178](#), [185](#), [190](#), [191](#), [192](#), [196](#), [201](#), [202](#), [210](#), [211](#), [212](#), [215](#), [229](#), [230](#), [231](#), [232](#), [239](#), [240](#), [244](#), [245](#), [247](#), [249](#), [250](#), [251](#), [252](#), [253](#), [260](#), [261](#), [263](#), [264](#), [266](#), [272](#), [277](#), [285](#), [293](#), [294](#), [297](#), [298](#), [300](#), [301](#), [303](#), [304](#), [311](#), [317](#), [318](#), [321](#), [322](#), [323](#), [326](#), [332](#), [337](#), [339](#), [343](#), [344](#), [345](#), [347](#), [353](#), [355](#), [356](#), [359](#), [360](#), [366](#), [367](#), [368](#), [371](#), [375](#), [377](#), [378](#), [381](#), [382](#), [385](#), [389](#), [411](#), [427](#), [433](#), [436](#), [438](#), [439](#), [447](#), [448](#), [452](#)

lei da evolução [26](#), [52](#), [89](#), [139](#), [190](#), [452](#)

lei da graça [298](#), [382](#)

lei da natureza [38](#), [261](#)

lei das leis [120](#), [156](#), [157](#), [191](#), [229](#), [249](#)

lei das reencarnações [99](#), [192](#), [323](#)

lei de Deus [76](#), [142](#), [153](#), [178](#), [260](#), [304](#), [311](#)

lei divina [37](#), [229](#), [260](#)

lei do amor [153](#), [211](#)

lei do amor e da caridade [211](#)

lei do bem [43](#)

lei do progresso [90](#), [153](#), [176](#), [229](#), [240](#), [260](#), [317](#), [353](#), [355](#), [366](#), [368](#)

lei eterna [39](#), [40](#), [120](#), [232](#), [245](#), [272](#), [298](#), [366](#)

lei geral da previsão [103](#)

lei moral [36](#), [263](#), [360](#), [439](#)

lei mosaica [303](#)

lei natural [30](#), [245](#), [251](#), [343](#), [359](#)

leis da criação [44](#), [90](#), [157](#), [158](#), [271](#), [283](#)

leis eternas [43](#), [105](#), [120](#), [121](#), [141](#), [142](#), [143](#), [158](#), [187](#), [244](#), [245](#), [332](#), [337](#), [353](#), [377](#), [378](#), [389](#), [417](#), [430](#), [438](#)

leis eternas e imutáveis [105](#), [120](#), [121](#), [143](#), [158](#), [187](#), [244](#), [245](#), [332](#), [337](#), [353](#), [389](#), [417](#), [430](#), [438](#)

leis naturais [20](#), [23](#), [43](#), [56](#), [156](#), [244](#), [247](#), [260](#), [275](#), [290](#), [302](#), [354](#)

lei social [32](#), [38](#)

leis sociais [31](#), [134](#), [284](#)

lenda [61](#), [78](#), [79](#), [80](#), [81](#), [94](#), [95](#), [96](#), [180](#), [329](#), [372](#), [373](#), [411](#), [425](#), [444](#)

lenda bíblica [78](#), [79](#)

liberdade [24](#), [27](#), [35](#), [37](#), [46](#), [47](#), [53](#), [55](#), [59](#), [83](#), [91](#), [99](#), [105](#), [106](#), [113](#), [120](#), [121](#), [129](#), [133](#), [182](#), [261](#), [269](#), [273](#), [303](#), [306](#), [318](#), [326](#), [336](#), [339](#), [346](#), [347](#), [360](#), [362](#), [379](#), [382](#), [412](#), [414](#), [419](#), [426](#), [427](#), [431](#), [439](#), [452](#)

limo da terra [94](#), [95](#)

linguagem [68](#), [153](#), [190](#), [218](#), [225](#), [288](#), [326](#), [367](#), [402](#), [414](#), [433](#), [434](#), [446](#)

Littré [138](#)

livre-arbítrio [56](#), [59](#), [61](#), [83](#), [134](#), [154](#), [232](#), [269](#), [272](#), [317](#), [332](#), [334](#), [355](#), [381](#), [422](#), [443](#)

livre-pensador [304](#)

Locke [140](#), [210](#), [325](#)

lógica [11](#), [22](#), [31](#), [32](#), [59](#), [97](#), [112](#), [172](#), [233](#), [245](#), [264](#), [265](#), [266](#), [285](#), [338](#), [415](#), [439](#), [442](#), [443](#), [444](#)

Lombard [399](#)

Lombroso [108](#), [109](#), [110](#), [111](#), [112](#), [116](#), [118](#), [130](#), [131](#), [137](#), [138](#), [160](#), [162](#), [164](#), [165](#), [166](#), [167](#), [190](#), [201](#), [204](#), [277](#), [356](#), [406](#)

longevidade [122](#)

Lot [44](#), [45](#)

loucura [28](#), [31](#), [84](#), [114](#), [137](#), [159](#), [236](#), [237](#), [238](#), [324](#), [356](#), [357](#), [359](#), [360](#), [361](#), [362](#), [364](#), [397](#), [399](#), [400](#), [419](#)

loucura por obsessão [359](#), [362](#)

Luteranismo [261](#)

Lutero [408](#)

M

Mac Dowell [440](#), [441](#)

magnetismo [119](#), [240](#), [241](#), [299](#), [309](#), [340](#), [342](#), [393](#), [394](#), [396](#), [399](#), [435](#)

Malaquias [247](#), [270](#)

Malebranche [265](#), [322](#), [323](#)

Manzoni [376](#)

Maomé [276](#)

maometano [50](#), [357](#)

Maometismo [426](#)

Maria [15](#), [16](#), [75](#), [247](#), [290](#), [376](#), [377](#), [378](#), [389](#), [394](#), [395](#)

Maria de Nazaré [75](#)

Maria Despier [394](#), [395](#)

Maria Santíssima [290](#), [376](#)

Mar Morto [45](#)

Marquês de Valdegamas [255](#)

Marte [266](#)

Masdaísmo [426](#)

matéria [21](#), [30](#), [31](#), [35](#), [44](#), [64](#), [65](#), [66](#), [71](#), [79](#), [85](#), [86](#), [87](#), [88](#), [97](#), [98](#), [102](#), [103](#), [108](#), [109](#), [124](#), [126](#), [140](#), [141](#), [142](#), [143](#), [156](#), [158](#), [175](#), [182](#), [185](#), [186](#), [200](#), [202](#), [206](#), [214](#), [217](#), [236](#), [238](#), [240](#), [242](#), [265](#), [269](#), [277](#), [281](#), [284](#), [287](#), [292](#), [293](#), [296](#), [297](#), [303](#), [311](#), [313](#), [316](#), [320](#), [333](#), [335](#), [339](#), [343](#), [344](#), [345](#), [346](#), [350](#), [355](#), [362](#), [377](#), [394](#), [395](#), [407](#), [412](#), [414](#), [418](#), [429](#), [430](#), [431](#), [432](#), [434](#), [436](#), [438](#), [440](#), [448](#), [450](#)

matéria animada [30](#)

matéria cósmica [175](#), [185](#), [186](#), [292](#), [313](#)

matéria incriada [158](#), [418](#)

materialismo [31](#), [32](#), [33](#), [36](#), [38](#), [39](#), [97](#), [120](#), [140](#), [142](#), [181](#), [208](#), [259](#), [261](#), [263](#), [264](#), [266](#), [303](#), [311](#), [325](#), [326](#), [337](#), [338](#), [347](#), [355](#), [390](#), [392](#), [394](#), [407](#), [408](#), [413](#), [426](#), [438](#), [439](#)

materialista [30](#), [31](#), [32](#), [34](#), [35](#), [36](#), [38](#), [39](#), [71](#), [72](#), [85](#), [86](#), [98](#), [118](#), [132](#), [133](#), [137](#), [140](#), [141](#), [142](#), [143](#), [158](#), [160](#), [170](#), [171](#), [183](#), [255](#), [256](#), [262](#), [264](#), [271](#), [304](#), [344](#), [345](#), [357](#), [390](#), [393](#), [430](#), [439](#)

materialização [126](#), [190](#), [203](#), [277](#), [294](#), [301](#), [436](#)

Medicina fluídica [241](#)

Medicina fluídica ou mediúnica [241](#)

médico do Espaço [137](#)

médium [19](#), [20](#), [45](#), [53](#), [63](#), [64](#), [75](#), [76](#), [87](#), [110](#), [111](#), [117](#), [118](#), [125](#), [126](#), [135](#), [148](#), [149](#), [155](#), [164](#), [165](#), [167](#), [168](#), [169](#), [170](#), [171](#), [189](#), [194](#), [195](#), [200](#), [202](#), [203](#), [238](#), [239](#), [241](#), [242](#), [278](#), [279](#), [281](#), [282](#), [289](#), [342](#), [343](#), [393](#), [394](#), [403](#), [429](#), [433](#), [435](#), [436](#), [441](#), [456](#)

médium auditivo [429](#)

médium curador [242](#)

médium psicográfico [63](#)

médium sonambúlico [189](#)

médium vidente [75](#), [429](#), [433](#)

mediunidade [103](#), [137](#), [168](#), [193](#), [205](#), [246](#), [403](#), [404](#), [435](#), [441](#)

mediunidade receiptista [137](#)

mediunidade vidente [193](#), [205](#)

médiuns receitistas [241](#)

Mello Moraes [393](#)

Melquisedeque [381](#)

memória [63](#), [87](#), [190](#), [202](#), [203](#), [237](#), [270](#), [277](#), [279](#), [280](#), [288](#), [320](#), [321](#), [323](#), [448](#)

memória orgânica [202](#), [237](#), [277](#), [279](#), [280](#)

Menés [276](#)

mérito [72](#), [105](#), [120](#), [210](#)

messias [85](#), [211](#), [403](#)

Messias [89](#), [100](#)

metempsicose [276](#)

método científico [355](#)

milagre [18](#), [20](#), [43](#), [170](#), [244](#), [245](#), [246](#), [247](#), [289](#), [337](#), [353](#), [377](#), [378](#)

milagres [43](#), [44](#), [136](#), [190](#), [260](#), [337](#), [353](#), [354](#), [427](#)

missão [28](#), [72](#), [73](#), [89](#), [106](#), [107](#), [121](#), [122](#), [123](#), [134](#), [151](#), [154](#), [155](#), [182](#), [190](#), [212](#), [224](#), [240](#), [246](#), [255](#), [257](#), [273](#), [323](#), [330](#), [346](#), [377](#), [408](#), [421](#), [422](#), [423](#), [445](#), [449](#)

Miss Rutherford [340](#), [341](#)

misticismo [49](#), [110](#), [114](#), [254](#), [255](#), [256](#)

mistificação [75](#), [76](#), [82](#), [83](#), [84](#), [109](#), [112](#), [169](#), [195](#), [349](#), [350](#)

mistificações [67](#), [83](#), [84](#), [108](#)

mistificado [77](#)

mistificador [75](#), [82](#), [83](#), [84](#), [195](#)

mistificadores [76](#), [83](#), [84](#), [109](#)

mito [52](#), [96](#)

Mme. de Stael [374](#)

Moisés [93](#), [94](#), [95](#), [96](#), [210](#), [211](#), [245](#), [246](#), [247](#), [250](#), [251](#), [255](#), [260](#), [276](#), [297](#), [310](#), [367](#), [368](#), [385](#), [386](#), [411](#)

Mollescott [138](#), [140](#)

monsieur Brito [180](#), [181](#), [182](#), [183](#), [184](#)

Montgolpin [210](#)

moral [30](#), [31](#), [32](#), [34](#), [35](#), [36](#), [38](#), [39](#), [40](#), [41](#), [42](#), [43](#), [46](#), [47](#), [48](#), [56](#), [66](#), [67](#), [68](#), [72](#), [75](#), [76](#), [84](#), [85](#), [87](#), [89](#), [90](#), [95](#), [105](#), [129](#), [133](#), [134](#), [135](#), [144](#), [148](#), [149](#), [152](#), [160](#), [183](#), [189](#), [190](#), [191](#), [192](#), [194](#), [196](#), [199](#), [212](#), [215](#), [225](#), [227](#), [228](#), [229](#), [239](#), [242](#), [249](#), [255](#), [256](#), [257](#), [258](#), [261](#), [262](#), [263](#), [264](#), [269](#), [271](#), [283](#), [284](#), [285](#), [286](#), [289](#), [306](#), [309](#), [310](#), [312](#), [317](#), [318](#), [324](#), [326](#), [327](#), [330](#), [331](#), [337](#), [340](#), [347](#), [351](#), [353](#), [354](#), [355](#), [360](#), [366](#), [386](#), [393](#), [402](#), [403](#), [405](#), [409](#), [410](#), [420](#), [426](#), [427](#), [431](#), [436](#), [438](#), [439](#), [451](#)

moral católica [40](#)

moralidade [32](#), [239](#), [317](#), [403](#), [411](#)

morte [27](#), [28](#), [30](#), [35](#), [36](#), [38](#), [40](#), [41](#), [51](#), [52](#), [64](#), [65](#), [71](#), [72](#), [86](#), [87](#), [104](#), [105](#), [106](#), [114](#), [121](#), [122](#), [124](#), [126](#), [132](#), [133](#), [135](#), [141](#), [146](#), [176](#), [178](#), [193](#), [195](#), [205](#), [207](#), [219](#), [225](#), [234](#), [237](#), [270](#), [276](#), [277](#), [278](#), [279](#), [280](#), [281](#), [283](#), [284](#), [285](#), [297](#), [324](#), [326](#), [334](#), [335](#), [341](#), [344](#), [345](#), [347](#), [392](#), [395](#), [396](#), [407](#), [426](#), [447](#)

Mosaísmo [211](#), [247](#)

mulher [32](#), [34](#), [36](#), [44](#), [45](#), [46](#), [49](#), [70](#), [118](#), [125](#), [171](#), [178](#), [193](#), [234](#), [250](#), [252](#), [284](#), [285](#), [346](#)

mundo [14](#), [16](#), [22](#), [23](#), [25](#), [28](#), [34](#), [35](#), [36](#), [46](#), [47](#), [48](#), [49](#), [51](#), [55](#), [56](#), [65](#), [74](#), [78](#), [79](#), [80](#), [84](#), [86](#), [93](#), [100](#), [105](#), [108](#), [109](#), [125](#), [130](#), [131](#), [135](#), [136](#), [138](#), [141](#), [142](#), [148](#), [149](#), [150](#), [157](#), [160](#), [172](#), [174](#), [176](#), [180](#), [182](#), [183](#), [185](#), [187](#), [189](#), [191](#), [192](#), [195](#), [198](#), [199](#), [202](#), [206](#), [209](#), [211](#), [214](#), [215](#), [216](#), [217](#), [219](#), [226](#), [227](#), [241](#), [243](#), [249](#), [250](#), [255](#), [264](#), [265](#), [273](#), [276](#), [282](#), [283](#), [284](#), [286](#), [289](#), [292](#), [303](#), [304](#), [306](#), [307](#), [309](#), [313](#), [314](#), [317](#), [325](#), [326](#), [328](#), [329](#), [330](#), [332](#), [333](#), [340](#), [346](#), [349](#), [351](#), [353](#), [355](#), [356](#), [367](#), [370](#), [372](#), [380](#), [385](#), [386](#), [392](#), [397](#), [398](#), [399](#), [400](#), [401](#), [402](#), [403](#), [404](#), [406](#), [408](#), [409](#), [410](#), [411](#), [412](#), [416](#), [421](#), [423](#), [424](#), [425](#), [426](#), [430](#), [431](#), [432](#), [433](#), [435](#), [438](#), [444](#), [447](#), [451](#), [453](#)

mundo civilizado [46](#), [160](#), [430](#)

mundo corpóreo [74](#)

mundo espiritual [47](#), [74](#), [84](#), [125](#), [216](#), [217](#), [284](#), [326](#), [346](#)

mundo imaterial [199](#)

mundo inferior [79](#), [214](#), [215](#), [349](#), [372](#), [411](#)

mundo invisível [23](#), [216](#), [356](#), [402](#)

mundo material [65](#), [141](#), [142](#), [199](#), [292](#), [317](#), [326](#), [346](#), [355](#)

mundos de expiação [40](#), [410](#)

mundos inferiores [403](#), [448](#), [451](#), [452](#)

mundos superiores [121](#), [157](#), [174](#), [265](#), [451](#)

mundo superior [78](#), [157](#), [214](#), [215](#), [403](#), [453](#)

música [216](#), [435](#)

música celeste [216](#), [435](#)

N

nação [48](#), [49](#), [55](#), [56](#), [57](#), [67](#), [110](#), [129](#), [147](#), [257](#), [366](#)

nada [27](#), [30](#), [31](#), [32](#), [34](#), [51](#), [55](#), [56](#), [57](#), [58](#), [64](#), [65](#), [66](#), [67](#), [70](#), [71](#), [72](#), [75](#), [76](#), [105](#), [110](#), [122](#), [123](#), [124](#), [125](#), [132](#), [136](#), [137](#), [141](#), [148](#), [157](#), [168](#), [169](#), [170](#), [176](#), [177](#), [197](#), [205](#), [215](#), [228](#), [230](#), [231](#), [257](#), [264](#), [276](#), [277](#), [281](#), [287](#), [300](#), [307](#), [316](#), [324](#), [325](#), [326](#), [329](#), [332](#), [333](#), [338](#), [343](#), [344](#), [345](#), [347](#), [350](#), [354](#), [360](#), [377](#), [381](#), [398](#), [407](#), [432](#), [439](#), [440](#), [447](#)

Nascimento [441](#)

Nazareno [304](#), [427](#)

Nicolas Malebranche [265](#), [322](#)

nigromancia [354](#)

Noé [19](#), [20](#)

Nova Revelação [67](#), [130](#), [292](#), [338](#), [368](#), [390](#), [400](#), [452](#)

novas revelações [22](#), [385](#)

Novo Testamento [305](#), [338](#), [379](#), [388](#), [389](#)

O

Obras Póstumas [67](#), [151](#), [215](#), [217](#), [435](#)

obscurantismo [260](#), [261](#), [405](#), [426](#)

obsedado [229](#), [230](#), [232](#), [233](#), [235](#), [238](#), [239](#), [362](#), [363](#)

obsedados [227](#), [228](#), [232](#), [234](#), [238](#), [361](#), [362](#), [406](#)

obsessão [228](#), [229](#), [230](#), [232](#), [233](#), [234](#), [236](#), [237](#), [239](#), [324](#), [359](#), [360](#), [361](#), [362](#)

obsessões [137](#), [227](#), [228](#), [229](#), [233](#), [235](#), [238](#)

obsessor [137](#), [229](#), [230](#), [238](#), [239](#), [361](#), [362](#), [363](#)

O Livro dos Espíritos [20](#), [80](#), [81](#), [175](#), [216](#), [293](#), [313](#), [383](#), [432](#)

O Livro dos Médiuns [82](#), [137](#), [292](#)

ordem material [85](#), [87](#), [355](#)

ordem moral [85](#), [87](#), [262](#), [393](#)

Organização [152](#)

origem [17](#), [81](#), [96](#), [120](#), [162](#), [185](#), [186](#), [188](#), [195](#), [196](#), [211](#), [246](#), [251](#), [267](#), [283](#), [292](#), [293](#), [309](#), [310](#), [325](#), [330](#), [354](#), [393](#), [445](#), [447](#), [448](#)

ortodoxa [225](#), [388](#)

ortodoxo [83](#)

Oseias [247](#), [335](#)

ovo de Colombo [174](#)

P

Pai [26](#), [52](#), [53](#), [60](#), [65](#), [91](#), [93](#), [95](#), [122](#), [123](#), [135](#), [158](#), [177](#), [178](#), [210](#), [211](#), [219](#), [220](#), [230](#), [233](#), [234](#), [235](#), [243](#), [269](#), [270](#), [272](#), [333](#), [334](#), [339](#), [346](#), [368](#), [377](#), [382](#), [383](#), [387](#), [407](#), [415](#), [421](#), [427](#), [452](#)

paixões [32](#), [34](#), [67](#), [68](#), [69](#), [196](#), [211](#), [219](#), [220](#), [227](#), [263](#), [265](#), [274](#), [285](#), [286](#), [297](#), [304](#), [305](#), [325](#), [330](#), [339](#), [346](#), [358](#), [408](#)

Papa [51](#), [295](#), [297](#), [305](#), [367](#), [370](#), [371](#), [392](#), [407](#)

paraíso perdido [79](#), [372](#)

paraíso terrestre [328](#), [372](#), [444](#)

par humano [18](#), [78](#), [95](#), [442](#)

parto [289](#), [294](#), [377](#), [410](#)

Pascal [380](#), [381](#)

passado [21](#), [22](#), [23](#), [34](#), [76](#), [77](#), [79](#), [95](#), [103](#), [126](#), [132](#), [145](#), [152](#), [164](#), [187](#), [190](#), [232](#), [237](#), [258](#), [260](#), [273](#), [325](#), [330](#), [336](#), [354](#), [361](#), [364](#), [369](#), [378](#), [383](#), [394](#), [401](#), [404](#), [405](#), [409](#), [411](#), [412](#), [436](#), [448](#)

patriarcas [247](#)

Paulo, o Apóstolo [242](#)

paz [13](#), [105](#), [132](#), [133](#), [134](#), [144](#), [146](#), [147](#), [218](#), [219](#), [223](#), [235](#)

pecado mortal [51](#)

pecado original [60](#), [61](#), [371](#), [381](#), [442](#), [443](#), [444](#), [445](#)

pedra fundamental [268](#)

Pedro [16](#), [180](#), [271](#), [290](#), [370](#), [389](#), [456](#)

Pelletier [340](#), [341](#), [342](#), [343](#)

pena de morte [146](#)

penas corretivas [270](#)

penas eternas [24](#), [27](#), [40](#), [43](#), [94](#), [95](#), [135](#), [139](#), [181](#), [260](#), [333](#), [367](#), [407](#), [413](#), [415](#), [445](#)

penas temporárias [416](#), [423](#)

penitência [44](#)

pensamento [24](#), [35](#), [51](#), [85](#), [86](#), [87](#), [94](#), [97](#), [110](#), [111](#), [113](#), [118](#), [119](#), [131](#), [140](#), [143](#), [145](#), [162](#), [166](#), [170](#), [176](#), [177](#), [178](#), [202](#), [203](#), [226](#), [227](#), [237](#), [265](#), [277](#), [291](#), [293](#), [321](#), [342](#), [343](#), [345](#), [374](#), [390](#), [402](#), [429](#), [433](#), [434](#), [446](#)

perdão [28](#), [40](#), [95](#), [258](#), [272](#), [289](#), [363](#), [407](#), [427](#), [428](#)

perfectibilidade [22](#), [90](#), [102](#), [157](#), [173](#), [174](#), [250](#), [259](#), [268](#), [312](#), [338](#), [378](#), [386](#), [415](#), [416](#), [419](#), [452](#)

perfectibilidade humana [90](#), [157](#), [173](#), [259](#), [268](#), [378](#), [415](#), [416](#)
 perfectível [72](#), [98](#), [99](#), [250](#), [261](#), [268](#), [296](#), [308](#), [415](#)
 perfeição [39](#), [53](#), [90](#), [91](#), [102](#), [124](#), [159](#), [180](#), [212](#), [231](#), [234](#), [244](#),
[256](#), [257](#), [268](#), [312](#), [317](#), [366](#), [385](#), [418](#), [448](#)
 perfeito [53](#), [59](#), [60](#), [61](#), [72](#), [90](#), [159](#), [186](#), [236](#), [244](#), [287](#), [337](#), [341](#),
[364](#), [430](#)
 perispírito [75](#), [80](#), [95](#), [193](#), [203](#), [291](#), [294](#), [375](#), [383](#), [397](#), [431](#), [432](#),
[436](#)
 Petrarca [376](#)
 Pierre Bayle [156](#), [308](#)
 Pitágoras [276](#)
 planeta [17](#), [78](#), [79](#), [81](#), [93](#), [94](#), [103](#), [125](#), [151](#), [186](#), [187](#), [189](#), [190](#),
[191](#), [192](#), [215](#), [221](#), [226](#), [246](#), [250](#), [314](#), [315](#), [349](#), [350](#), [351](#), [352](#), [368](#),
[377](#), [402](#), [403](#), [409](#), [411](#), [433](#), [451](#)
 planetas [187](#), [312](#), [313](#), [350](#), [351](#)
 Platão [71](#), [193](#), [210](#)
 Plínio [52](#)
 pluralidade das existências [249](#), [253](#)
 pluralidade das vidas corpóreas [252](#)
 pluralidade de existências [139](#)
 pluralidade dos mundos habitados [189](#)
 plutocracia [325](#)
 Pompeia [43](#), [51](#)
 Positivismo [33](#), [39](#), [48](#), [53](#), [55](#), [56](#), [197](#), [198](#), [283](#), [284](#), [285](#), [309](#),
[325](#), [326](#), [355](#), [392](#), [407](#), [408](#)
 prece [178](#), [179](#), [231](#), [239](#), [243](#)
 preces [166](#), [177](#), [178](#), [179](#), [233](#)
 preconceito [434](#)
 preconceitos [55](#), [81](#), [98](#), [202](#), [203](#), [323](#), [399](#)
 preexistência [62](#), [89](#), [333](#), [335](#)
 presente [16](#), [75](#), [76](#), [102](#), [103](#), [170](#), [242](#), [258](#), [259](#), [273](#), [276](#), [430](#)
 previsão [100](#), [101](#), [102](#), [103](#), [341](#)
 primeiro homem [78](#), [79](#), [80](#), [81](#), [94](#), [98](#), [290](#), [444](#)
 princípio [19](#), [22](#), [30](#), [34](#), [35](#), [37](#), [47](#), [49](#), [51](#), [66](#), [70](#), [73](#), [80](#), [85](#), [86](#),
[94](#), [95](#), [97](#), [98](#), [101](#), [112](#), [121](#), [128](#), [141](#), [144](#), [145](#), [146](#), [147](#), [156](#), [157](#),
[162](#), [165](#), [169](#), [172](#), [173](#), [175](#), [187](#), [202](#), [210](#), [215](#), [217](#), [236](#), [249](#), [250](#),
[264](#), [266](#), [267](#), [268](#), [280](#), [285](#), [292](#), [308](#), [318](#), [320](#), [321](#), [322](#), [341](#), [353](#),
[357](#), [384](#), [385](#), [395](#), [415](#), [416](#), [418](#), [419](#), [423](#), [430](#), [444](#), [446](#), [450](#), [452](#)

princípios [22](#), [23](#), [31](#), [38](#), [47](#), [53](#), [57](#), [66](#), [67](#), [68](#), [69](#), [75](#), [76](#), [77](#), [83](#), [93](#), [112](#), [114](#), [130](#), [131](#), [134](#), [136](#), [137](#), [139](#), [141](#), [145](#), [172](#), [174](#), [175](#), [183](#), [197](#), [198](#), [199](#), [204](#), [209](#), [212](#), [213](#), [214](#), [215](#), [221](#), [247](#), [249](#), [254](#), [255](#), [257](#), [261](#), [264](#), [281](#), [283](#), [284](#), [285](#), [286](#), [309](#), [312](#), [321](#), [351](#), [355](#), [356](#), [357](#), [368](#), [385](#), [405](#), [426](#), [439](#), [445](#), [447](#), [450](#), [451](#)

Prisão celular [110](#)

profecia [100](#), [101](#), [102](#), [136](#), [246](#), [307](#)

profecias [100](#), [101](#)

profeta [103](#), [128](#), [209](#), [270](#), [296](#), [372](#)

profetas [84](#), [102](#), [211](#), [335](#), [359](#), [373](#)

progressividade [42](#), [80](#), [90](#), [98](#), [259](#)

progresso [19](#), [22](#), [24](#), [27](#), [39](#), [40](#), [42](#), [43](#), [47](#), [49](#), [52](#), [53](#), [55](#), [67](#), [68](#), [78](#), [82](#), [90](#), [91](#), [92](#), [93](#), [96](#), [97](#), [99](#), [103](#), [104](#), [105](#), [112](#), [121](#), [122](#), [123](#), [124](#), [125](#), [126](#), [129](#), [130](#), [138](#), [144](#), [145](#), [146](#), [148](#), [152](#), [153](#), [157](#), [158](#), [159](#), [173](#), [174](#), [176](#), [190](#), [191](#), [194](#), [215](#), [229](#), [230](#), [231](#), [240](#), [245](#), [249](#), [251](#), [256](#), [257](#), [259](#), [260](#), [268](#), [269](#), [283](#), [293](#), [294](#), [297](#), [303](#), [305](#), [311](#), [317](#), [318](#), [326](#), [327](#), [330](#), [331](#), [338](#), [339](#), [345](#), [346](#), [350](#), [351](#), [353](#), [354](#), [355](#), [363](#), [366](#), [367](#), [368](#), [373](#), [384](#), [385](#), [386](#), [390](#), [401](#), [403](#), [404](#), [409](#), [410](#), [416](#), [423](#), [424](#), [427](#), [431](#), [434](#), [444](#), [448](#), [451](#)

progresso físico [410](#)

progresso intelectual e moral [144](#), [410](#)

prova [19](#), [23](#), [25](#), [47](#), [61](#), [65](#), [78](#), [82](#), [84](#), [86](#), [87](#), [88](#), [93](#), [98](#), [99](#), [100](#), [101](#), [111](#), [114](#), [126](#), [130](#), [131](#), [138](#), [139](#), [162](#), [163](#), [183](#), [190](#), [195](#), [197](#), [198](#), [199](#), [200](#), [203](#), [207](#), [208](#), [215](#), [232](#), [238](#), [243](#), [271](#), [275](#), [276](#), [277](#), [278](#), [279](#), [281](#), [294](#), [301](#), [311](#), [322](#), [323](#), [338](#), [346](#), [350](#), [351](#), [355](#), [356](#), [364](#), [394](#), [405](#), [407](#), [440](#), [445](#)

prova experimental [23](#), [86](#), [88](#), [99](#), [114](#), [162](#), [183](#), [208](#), [238](#), [276](#), [277](#), [278](#), [281](#), [346](#), [355](#), [356](#), [364](#), [440](#)

providência [56](#), [330](#)

Providência [354](#)

pseudo-espiritismo [364](#)

pureza angélica [90](#), [96](#), [271](#)

Purgatório [301](#), [333](#), [382](#)

Puysegur [399](#)

Q

Quattrefage [256](#)

queda [40](#), [71](#), [95](#), [201](#), [263](#), [441](#)

R

raça adamita [78](#)

racionalismo [260](#), [261](#), [263](#)

Ramiz Galvão [271](#), [273](#)

razão [22](#), [32](#), [43](#), [45](#), [55](#), [58](#), [60](#), [61](#), [65](#), [70](#), [72](#), [74](#), [81](#), [86](#), [87](#), [89](#), [97](#), [98](#), [102](#), [103](#), [112](#), [115](#), [117](#), [121](#), [129](#), [132](#), [133](#), [134](#), [137](#), [141](#), [145](#), [151](#), [152](#), [156](#), [157](#), [158](#), [159](#), [167](#), [168](#), [169](#), [170](#), [171](#), [172](#), [173](#), [174](#), [176](#), [181](#), [182](#), [183](#), [194](#), [195](#), [197](#), [198](#), [203](#), [204](#), [206](#), [211](#), [217](#), [225](#), [230](#), [233](#), [236](#), [246](#), [247](#), [249](#), [250](#), [251](#), [256](#), [257](#), [259](#), [260](#), [261](#), [262](#), [263](#), [264](#), [266](#), [268](#), [271](#), [279](#), [287](#), [290](#), [292](#), [295](#), [296](#), [297](#), [300](#), [302](#), [303](#), [304](#), [305](#), [306](#), [308](#), [309](#), [311](#), [312](#), [314](#), [315](#), [317](#), [318](#), [320](#), [324](#), [325](#), [326](#), [327](#), [332](#), [333](#), [334](#), [335](#), [338](#), [342](#), [345](#), [353](#), [354](#), [357](#), [358](#), [362](#), [363](#), [365](#), [366](#), [367](#), [369](#), [371](#), [372](#), [374](#), [378](#), [380](#), [384](#), [385](#), [390](#), [397](#), [398](#), [399](#), [400](#), [401](#), [403](#), [405](#), [406](#), [414](#), [418](#), [419](#), [423](#), [424](#), [429](#), [431](#), [435](#), [438](#), [439](#), [443](#), [444](#)

Redentor [22](#), [251](#), [290](#), [377](#), [378](#)

regeneração [26](#), [27](#), [40](#), [122](#), [152](#), [331](#), [347](#), [408](#), [410](#), [412](#)

reino animal [38](#), [186](#)

reino da Terra [416](#)

reino de Deus [227](#), [416](#)

reino mineral [292](#)

religião [28](#), [42](#), [52](#), [57](#), [97](#), [98](#), [99](#), [102](#), [103](#), [114](#), [121](#), [136](#), [137](#), [156](#), [182](#), [225](#), [241](#), [254](#), [255](#), [256](#), [257](#), [260](#), [261](#), [263](#), [264](#), [265](#), [283](#), [306](#), [307](#), [309](#), [311](#), [312](#), [313](#), [326](#), [333](#), [338](#), [354](#), [357](#), [359](#), [365](#), [366](#), [367](#), [378](#), [384](#), [385](#), [386](#), [390](#), [400](#), [408](#), [429](#), [438](#)

religiões [52](#), [191](#), [276](#), [309](#), [326](#), [384](#), [385](#), [452](#)

remédio [104](#), [154](#), [230](#), [269](#), [270](#), [272](#), [273](#), [300](#)

renascimento [89](#), [91](#)

reparação [40](#), [122](#), [272](#)

repressão [32](#), [36](#), [40](#), [43](#), [397](#)

república [56](#)

responsabilidade [30](#), [31](#), [34](#), [35](#), [36](#), [38](#), [40](#), [59](#), [65](#), [72](#), [120](#), [133](#), [153](#), [154](#), [211](#), [218](#), [219](#), [221](#), [236](#), [238](#), [269](#), [285](#), [305](#), [325](#), [326](#), [359](#), [360](#), [400](#), [408](#), [431](#), [439](#), [443](#), [444](#)

responsável [37](#), [38](#), [60](#), [133](#), [360](#), [380](#), [443](#)

revelação [17](#), [18](#), [19](#), [20](#), [22](#), [23](#), [27](#), [42](#), [67](#), [80](#), [90](#), [93](#), [125](#), [183](#), [184](#), [209](#), [211](#), [219](#), [221](#), [222](#), [224](#), [225](#), [226](#), [257](#), [258](#), [259](#), [297](#), [304](#), [308](#), [310](#), [313](#), [366](#), [367](#), [369](#), [373](#), [378](#), [400](#), [424](#), [433](#), [453](#)

revelação da revelação [209](#), [219](#), [221](#), [222](#), [400](#)

Revelação do Cristo [309](#)

Revelação espírita [44](#), [347](#), [390](#), [444](#)

Revelação mosaica [366](#)

revelação progressiva [22](#)

Revista Espírita [20](#), [239](#), [242](#), [340](#), [341](#), [349](#), [436](#)

Roma [40](#), [49](#), [53](#), [54](#), [116](#), [304](#), [305](#), [306](#), [307](#), [310](#), [330](#), [338](#), [366](#), [389](#), [390](#), [408](#)

Romualdo [26](#)

S

saber [13](#), [15](#), [22](#), [26](#), [34](#), [39](#), [70](#), [71](#), [85](#), [90](#), [91](#), [109](#), [117](#), [143](#), [156](#), [157](#), [158](#), [161](#), [175](#), [182](#), [185](#), [193](#), [212](#), [215](#), [228](#), [233](#), [236](#), [240](#), [242](#), [245](#), [256](#), [257](#), [259](#), [260](#), [264](#), [265](#), [268](#), [271](#), [281](#), [289](#), [294](#), [302](#), [304](#), [311](#), [317](#), [318](#), [319](#), [324](#), [327](#), [332](#), [334](#), [344](#), [350](#), [367](#), [388](#), [395](#), [396](#), [403](#), [417](#), [422](#), [426](#), [427](#), [441](#), [448](#), [450](#), [451](#), [452](#)

sábios [17](#), [19](#), [46](#), [70](#), [81](#), [90](#), [91](#), [94](#), [109](#), [110](#), [112](#), [129](#), [130](#), [136](#), [137](#), [138](#), [157](#), [160](#), [161](#), [162](#), [169](#), [175](#), [185](#), [190](#), [203](#), [204](#), [206](#), [207](#), [210](#), [237](#), [238](#), [240](#), [241](#), [249](#), [253](#), [277](#), [292](#), [294](#), [299](#), [301](#), [302](#), [309](#), [312](#), [320](#), [332](#), [341](#), [349](#), [351](#), [354](#), [356](#), [392](#), [393](#), [434](#), [436](#), [447](#), [450](#)

salvação [24](#), [40](#), [50](#), [52](#), [56](#), [83](#), [135](#), [139](#), [183](#), [196](#), [218](#), [227](#), [260](#), [269](#), [272](#), [311](#), [347](#), [368](#), [381](#), [382](#), [386](#), [387](#), [391](#), [407](#), [411](#), [452](#)

salvação universal [24](#), [135](#), [139](#), [260](#), [347](#), [368](#), [411](#), [452](#)

Samuel [238](#), [245](#), [303](#), [310](#), [440](#)

Samuel Wallace Mac Dowell [440](#)

sanção [31](#), [36](#), [38](#), [39](#), [133](#), [134](#), [263](#), [283](#), [284](#), [285](#), [347](#), [360](#), [439](#)

Santo Agostinho [75](#), [287](#), [307](#), [407](#)

santos [90](#), [91](#), [177](#), [336](#), [337](#), [338](#), [339](#), [410](#), [437](#)

Santos [338](#)

São José [180](#), [213](#)

São Luís [75](#), [216](#), [352](#)

São Paulo [11](#), [214](#), [217](#), [290](#), [291](#), [294](#)

São Tomás [51](#)

sarça ardente [245](#), [246](#)

Sardou [356](#)

Satanás [51](#), [180](#), [183](#), [305](#)

Saturno [17](#), [18](#), [42](#)

saúde [176](#), [177](#), [178](#), [346](#)

Saul [245](#), [310](#)

Saulo [387](#)

seita [47](#), [49](#), [180](#), [197](#), [211](#)

selvagem [52](#), [68](#), [190](#), [337](#), [382](#), [415](#), [416](#), [452](#)

semifluidico [432](#)

semimaterial [432](#)

Sena Freitas [109](#), [374](#), [380](#), [381](#), [387](#), [390](#)

Senhor [22](#), [25](#), [43](#), [44](#), [48](#), [53](#), [54](#), [60](#), [64](#), [72](#), [76](#), [78](#), [79](#), [94](#), [96](#), [102](#), [106](#), [134](#), [150](#), [177](#), [178](#), [182](#), [184](#), [185](#), [201](#), [210](#), [211](#), [216](#), [219](#), [220](#), [223](#), [224](#), [225](#), [226](#), [231](#), [234](#), [246](#), [250](#), [251](#), [258](#), [268](#), [273](#), [293](#), [295](#), [297](#), [363](#), [366](#), [370](#), [371](#), [372](#), [373](#), [375](#), [377](#), [382](#), [383](#), [391](#), [408](#), [417](#), [421](#), [440](#), [442](#), [444](#)

senso comum [136](#), [159](#), [279](#), [325](#), [357](#), [439](#)

seres humanos [59](#), [61](#), [368](#), [402](#), [404](#)

ser humano [30](#), [35](#), [39](#), [40](#), [71](#), [72](#), [80](#), [86](#), [97](#), [98](#), [133](#), [205](#), [207](#), [275](#), [277](#), [279](#), [283](#), [285](#), [324](#), [326](#), [327](#), [345](#), [430](#), [446](#), [448](#)

Sermão da Montanha [427](#)

ser moral [31](#), [35](#), [36](#), [72](#), [133](#)

sete semanas [100](#)

sexo [80](#), [81](#), [94](#)

sexos [80](#), [94](#), [95](#), [280](#), [448](#)

Sibéria [56](#)

Silva Jardim [51](#), [68](#), [76](#)

símbolo [49](#), [56](#), [57](#), [80](#), [94](#), [95](#), [96](#), [287](#), [288](#), [289](#), [347](#), [371](#), [372](#), [373](#), [382](#), [383](#), [442](#)

símbolos [56](#), [57](#), [93](#)

Simon [210](#)

Sinai [210](#), [246](#), [250](#)

sistema materialista [34](#)

Sistema Solar [312](#), [314](#)

sobrenaturais [190](#), [244](#), [275](#)

sobrenatural [190](#), [244](#), [245](#), [246](#), [247](#), [275](#)

sobrevivência [132](#), [133](#), [266](#), [275](#), [276](#), [277](#), [279](#), [281](#), [283](#), [284](#), [285](#)

sobrevivência da alma [266](#), [276](#)

sociedade [31](#), [32](#), [34](#), [35](#), [36](#), [38](#), [39](#), [128](#), [129](#), [145](#), [174](#), [181](#), [189](#), [212](#), [284](#), [285](#), [286](#), [325](#), [362](#), [392](#), [394](#), [426](#), [427](#), [438](#)

Sociedade Espírita de Paris [111](#), [350](#), [351](#)

Sócrates [71](#), [197](#), [210](#), [325](#)

Sodoma [43](#), [45](#), [436](#)

sofrimento [23](#), [49](#), [59](#), [61](#), [64](#), [230](#), [231](#), [232](#), [235](#), [269](#), [273](#), [289](#), [331](#), [334](#), [339](#), [407](#), [410](#), [414](#), [443](#), [445](#)

sofrimentos [52](#), [59](#), [60](#), [61](#), [62](#), [64](#), [84](#), [104](#), [134](#), [177](#), [195](#), [231](#), [233](#), [234](#), [269](#), [270](#), [273](#), [290](#), [335](#), [344](#), [441](#), [442](#), [443](#), [444](#)

Sol [21](#), [27](#), [103](#), [175](#), [195](#), [196](#), [207](#), [254](#), [265](#), [309](#), [312](#), [313](#), [314](#), [318](#), [326](#), [333](#), [350](#), [354](#), [355](#), [402](#), [404](#), [406](#), [417](#)

solidariedade [40](#), [41](#), [252](#)

sonho [206](#), [340](#), [341](#), [342](#), [343](#)

sonhos [206](#), [340](#)

sono [65](#), [118](#), [206](#), [207](#), [216](#), [434](#)

Strauss [304](#)

subjugação [361](#), [382](#)

suicida [132](#), [134](#)

suicídio [34](#), [35](#), [121](#), [134](#), [135](#)

T

Tácito [310](#)

Tales [210](#)

templo de Delfos [71](#), [386](#)

tempo [14](#), [16](#), [19](#), [20](#), [22](#), [26](#), [27](#), [28](#), [31](#), [32](#), [40](#), [43](#), [44](#), [46](#), [47](#), [52](#), [55](#), [61](#), [64](#), [65](#), [67](#), [71](#), [72](#), [79](#), [80](#), [90](#), [93](#), [94](#), [95](#), [97](#), [98](#), [99](#), [102](#), [103](#), [106](#), [111](#), [113](#), [117](#), [118](#), [121](#), [124](#), [128](#), [129](#), [136](#), [138](#), [145](#), [146](#), [149](#), [150](#), [151](#), [152](#), [157](#), [158](#), [159](#), [160](#), [161](#), [166](#), [172](#), [175](#), [180](#), [181](#), [182](#), [183](#), [190](#), [197](#), [200](#), [204](#), [206](#), [207](#), [209](#), [210](#), [228](#), [233](#), [242](#), [244](#), [245](#), [247](#), [250](#), [251](#), [256](#), [258](#), [259](#), [262](#), [267](#), [269](#), [270](#), [272](#), [274](#), [281](#), [288](#), [291](#), [296](#), [302](#), [303](#), [308](#), [309](#), [310](#), [311](#), [313](#), [314](#), [317](#), [318](#), [323](#), [324](#), [329](#), [334](#), [346](#), [353](#), [367](#), [368](#), [372](#), [374](#), [380](#), [381](#), [383](#), [385](#), [390](#), [393](#), [395](#), [396](#), [401](#), [404](#), [407](#), [410](#), [412](#), [414](#), [415](#), [419](#), [421](#), [422](#), [423](#), [424](#), [426](#), [427](#), [430](#), [440](#), [441](#), [444](#), [446](#), [447](#), [448](#), [452](#)

tentação [82](#), [83](#), [285](#)

teogonia [39](#), [388](#)

teogonia católica [39](#)

Terra [17](#), [18](#), [19](#), [20](#), [21](#), [22](#), [23](#), [27](#), [28](#), [34](#), [35](#), [42](#), [43](#), [44](#), [45](#), [46](#), [47](#), [49](#), [51](#), [52](#), [57](#), [61](#), [64](#), [67](#), [70](#), [74](#), [78](#), [79](#), [80](#), [81](#), [94](#), [95](#), [99](#), [103](#), [105](#), [106](#), [122](#), [124](#), [125](#), [126](#), [128](#), [134](#), [136](#), [137](#), [146](#), [151](#), [153](#), [157](#), [174](#), [176](#), [178](#), [180](#), [185](#), [189](#), [190](#), [191](#), [192](#), [194](#), [196](#), [197](#), [202](#), [209](#), [210](#), [214](#), [215](#), [216](#), [219](#), [223](#), [224](#), [226](#), [230](#), [232](#), [234](#), [242](#), [246](#), [251](#), [261](#), [265](#), [269](#), [270](#), [273](#), [280](#), [291](#), [293](#), [297](#), [303](#), [304](#), [305](#), [309](#), [312](#), [313](#), [314](#), [315](#), [322](#), [326](#), [332](#), [333](#), [334](#), [338](#), [341](#), [346](#), [347](#), [349](#), [350](#), [351](#), [352](#), [354](#), [358](#), [366](#), [368](#), [370](#), [372](#), [373](#), [376](#), [377](#), [378](#), [384](#), [389](#), [392](#), [401](#), [402](#), [403](#), [404](#), [408](#), [409](#), [410](#), [411](#), [416](#), [419](#), [421](#), [422](#), [423](#), [425](#), [428](#), [429](#), [434](#), [444](#), [448](#), [450](#), [451](#), [452](#)

Terra da Promissão [246](#), [261](#), [347](#)

Thomas Chalmers [264](#)

Thomaz Reid [210](#)

Tiradentes [19](#)

Tirteu [394](#)

Tobias [300](#), [301](#)

Torricelli [210](#)

transmissão do pensamento [118](#), [119](#), [131](#), [162](#), [166](#), [170](#), [202](#), [203](#), [237](#), [277](#), [342](#), [343](#)

transporte [190](#), [277](#), [435](#)

Tupã [276](#), [299](#)

U

união [79](#), [87](#), [149](#), [150](#), [151](#), [152](#), [153](#), [154](#), [155](#), [177](#), [227](#), [228](#), [280](#), [432](#), [436](#), [448](#)

Universo [43](#), [55](#), [124](#), [140](#), [141](#), [142](#), [143](#), [159](#), [172](#), [174](#), [175](#), [185](#), [186](#), [187](#), [188](#), [244](#), [260](#), [261](#), [292](#), [316](#), [326](#), [332](#), [337](#), [353](#), [355](#), [364](#), [378](#), [389](#), [401](#), [402](#), [417](#), [418](#), [427](#), [431](#)

V

Valdegammas [254](#)

Vaticano [307](#), [381](#), [389](#)

vegetais [94](#), [187](#)

vegetal [80](#), [185](#), [292](#), [431](#)

Vênus [174](#), [189](#), [193](#), [194](#), [195](#), [196](#), [214](#), [215](#), [266](#), [349](#), [350](#), [351](#), [352](#)

Verbo [85](#), [289](#)

Vicente de Paulo [133](#)

vida [23](#), [24](#), [25](#), [26](#), [28](#), [29](#), [30](#), [31](#), [32](#), [34](#), [35](#), [36](#), [38](#), [39](#), [40](#), [41](#), [46](#), [48](#), [50](#), [52](#), [59](#), [62](#), [63](#), [64](#), [65](#), [68](#), [70](#), [73](#), [78](#), [79](#), [80](#), [86](#), [87](#), [89](#), [90](#), [94](#), [97](#), [99](#), [100](#), [104](#), [105](#), [110](#), [121](#), [122](#), [123](#), [124](#), [126](#), [132](#), [133](#), [135](#), [153](#), [177](#), [178](#), [180](#), [193](#), [203](#), [205](#), [206](#), [207](#), [215](#), [223](#), [224](#), [232](#), [243](#), [247](#), [249](#), [250](#), [252](#), [255](#), [258](#), [267](#), [268](#), [270](#), [271](#), [272](#), [273](#), [274](#), [278](#), [279](#), [280](#), [281](#), [283](#), [284](#), [285](#), [290](#), [292](#), [300](#), [301](#), [305](#), [306](#), [310](#), [314](#), [320](#), [321](#), [322](#), [323](#), [324](#), [332](#), [333](#), [334](#), [344](#), [345](#), [346](#), [347](#), [350](#), [356](#), [371](#), [382](#), [389](#), [393](#), [394](#), [395](#), [399](#), [400](#), [402](#), [411](#), [412](#), [415](#), [425](#), [427](#), [439](#), [442](#), [443](#), [445](#), [446](#), [448](#), [451](#), [452](#), [453](#)

vida de além-túmulo [35](#), [223](#), [284](#)

vida depois da morte [35](#)

vida eterna [38](#), [39](#), [40](#), [41](#), [64](#), [177](#), [270](#), [333](#), [344](#), [448](#)

vidas múltiplas [89](#), [247](#), [268](#), [323](#), [333](#), [386](#), [416](#), [452](#)

vida social [38](#)

vidas sucessivas [39](#), [52](#), [331](#), [367](#), [368](#), [403](#), [411](#), [419](#), [423](#)

vida terrestre [100](#), [278](#), [305](#)

vida única [90](#), [267](#), [333](#), [389](#), [415](#), [445](#), [452](#)

vidente [75](#), [100](#), [193](#), [205](#), [246](#), [429](#), [433](#), [441](#)

virgem [177](#), [284](#), [290](#)

Virgem [289](#)

virgindade de Maria [378](#)

virtude [39](#), [90](#), [91](#), [142](#), [146](#), [212](#), [251](#), [256](#), [271](#), [289](#), [317](#), [324](#), [327](#), [334](#), [344](#), [370](#), [389](#), [415](#), [451](#)

vontade [19](#), [52](#), [80](#), [83](#), [87](#), [102](#), [103](#), [105](#), [110](#), [113](#), [149](#), [150](#), [151](#), [152](#), [153](#), [154](#), [162](#), [220](#), [222](#), [223](#), [224](#), [225](#), [230](#), [234](#), [238](#), [243](#), [244](#), [250](#), [269](#), [270](#), [272](#), [289](#), [292](#), [298](#), [301](#), [308](#), [328](#), [330](#), [344](#), [345](#), [354](#), [358](#), [359](#), [378](#), [381](#), [393](#), [398](#), [400](#), [417](#), [427](#), [436](#), [451](#)

Vulpian [171](#)

W

Wallace [108](#), [109](#), [130](#), [210](#), [440](#)

Walter Scott [340](#)

William Crookes [294](#)

X

Xavier de Carvalho [164](#)

Xavier de Maistre [322](#)

Z

Zenon [210](#)

Zöellner [109](#), [130](#), [190](#), [277](#), [356](#)

Zoroastro [276](#), [426](#)

Zorobabel [247](#)

1. COMECE DO COMEÇO, de Azamor Serrão Filho;
2. HISTÓRIA DE ROUSTAING, de Jorge Damas Martins;
3. “JEAN BAPTISTE ROUSTAING, APÓSTOLO DO Espiritismo”, de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros (1a. ed. 2005, 2a. ed. 2016);
4. “CONVERSAS FAMILIARES SOBRE Espiritismo”, DE ÉMILIE COLLIGNON, organização de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros;
5. “A EDUCADAÇÃO MATERNAL - O CORPO E O ESPÍRITO”, DE ÉMILIE COLLIGNON, organização de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros;
6. “A EDUCADORA EMILIE COLLIGNON, GRANDE MÉDIUM DA CODIFICAÇÃO ESPÍRITA”, organização de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros;
7. “EM VERDADE VOS DIGO” - ESTUDO COMPARADO DE “O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO”, de Kardec, com “OS QUATRO EVANGELHOS”, de Roustaing, org. de Julio Damasceno;
8. “EXAMINAI TUDO” - ESTUDO COMPARADO DE “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, de Kardec, COM “OS QUATRO EVANGELHOS”, de Roustaing, organização de Julio Damasceno;
9. “O DOM DE DEUS” - ESTUDO COMPARADO DE “O LIVRO DOS MÉDIUNS”, de Kardec, COM “OS QUATRO EVANGELHOS”, de Roustaing, organização de Julio Damasceno;
10. “AS VIRTUDES DO CÉU”, org.de Marco Aurélio Assis;
11. “PÃO VIVO” - ESTUDO SOBRE A QUEDA ESPIRITUAL E O CORPO FLUÍDICO DE JESUS. Coleção de artigos de Gilberto

Perez Cardoso, Jorge Damas Martins, Julio Damasceno, Maurício Neiva Crispin, Pedro Silveira Martins e Sérgio Thiesen.

12. “JEAN BAPTISTE ROUSTAING, APOTRE DU SPIRITISME” - VERSÃO EM FRANCÊS DA BIOGRAFIA DE ROUSTAING; organização de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros;

13. DE JESUS PARA AS CRIANÇAS, DE BITTENCOURT SAMPAIO, organização de Jorge Damas Martins;

14. A QUEDA ESPIRITUAL SEGUNDO O ESPIRITISMO, de J.E. GUILLET, Coordenação editorial de Jorge Damas Martins;

15. SEARA MEDIÚNICA, de Almir Gomes de Souza (médiuim), pelos Espíritos da Falange Franciscana;

16. ANTENA CELESTE, de Bezerra de Menezes (Espírito), psicografia de Azamôr Serrão;

17. PONTE EVANGÉLICA, de Jorge Damas Martins;

18. OUVISTES O QUE FOI DITO?, organização de Júlio Damasceno;

19. O SOL DE CADA DIA. de Azamôr Serrão e Azamôr Serrão Filho.

20. ESTUDOS FILOSÓFICOS, de Bezerra de Menezes - Volume I;

21. ESTUDOS FILOSÓFICOS, de Bezerra de Menezes - Volume II.

DOWNLOAD GRATUITO NO SITE

www.crbbm.org

PEDIDO GRATUITO DE VOLUMES PELO

E-MAIL: crbbm50@gmail.com

(Envio realizado conforme a disponibilidade dos volumes em estoque)